

Dr. Ragueb El Serjani

# O QUE OS MUÇULMANOS OFERECERAM AO MUNDO

As contribuições dos muçulmanos  
à humanidade

Volume 2

Tradução: Sheikh Ahmad Mazloum



# O QUE OS MUÇULMANOS OFERECERAM AO MUNDO

As **contribuições** dos **muçulmanos**  
à **humanidade**

Copyright © Armando Osman Mazloun

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Mazloun, Sheikh Ahmad

O que os muçulmanos ofereceram ao mundo : as contribuições dos muçulmanos à humanidade, volume 2 / Sheikh Ahmad Mazloun ; tradução Sheik Ahmad Mazloun. -- São Paulo : Armando Osman Mazloun, 2017.

“Ganhador do Prêmio Mubarak” para estudos islâmicos”

ISBN: 978-85-923056-1-1

1. Oratória 2. Islamismo - História 3. Muçulmanos  
I. Título.

17-07737

CDD-909.0917671

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Islã : Civilização : História 909.0917671
2. Islamismo : Civilização : História 909.0917671

Dr. Ragueb El Serjani

*Ganbador do “Prêmio Mubarak”  
para Estudos Islâmicos*

# O QUE OS MUÇULMANOS OFERECERAM AO MUNDO

As **contribuições** dos **muçulmanos**  
à **humanidade**

———— Volume 2 ————

Tradução: **Sheikh Ahmad Mazloum**



# SUMÁRIO

---

<b>Parte 6 – Os Sistemas e Organizações na Civilização Islâmica.....</b>	<b>7</b>
<b>Primeiro Capítulo – O Califado e o Emirado (Sistema de Governo).....</b>	<b>9</b>
1 – As Condições do Califado Islâmico.....	12
2 – A Maneira de Escolher os Califas e os Emires .....	16
3 – O Voto de Fidelidade ( <i>Al Bai'ah</i> ) .....	23
4 – Nomeação de Sucessão .....	29
5 – A Relação dos Governantes com o Povo na Civilização Islâmica .....	33
6 – As Contribuições Teóricas dos Muçulmanos no Sistema de Governo .....	37
7 – A Relação entre o Governante e o Governado na Civilização Islâmica .....	44
8 – As Desordens Políticas sob a Ótica Civilizada.....	51
9 – A Consulta ( <i>Asshura</i> ) .....	55
<b>Segundo Capítulo – O Ministério (Sistema Ministerial) .....</b>	<b>59</b>
1 – A Grandeza do Ministério na Civilização Islâmica.....	61
2 – As Contribuições Teóricas dos Muçulmanos no Sistema Ministerial.....	68
<b>Terceiro Capítulo – As Repartições (Addauuin).....</b>	<b>71</b>
1 – Repartição de Mensagens e Redação (Duan Al Rassaf wa Al Inshá).....	73
2 – Repartição de Pessoal e Encargos (Duan Al Jund wa Al A'tá) .....	78
3 – Repartição dos Erários e Doações (Duan Al Auqaf) .....	81
4 – Repartição dos Correios e Comunicações (Duan Al Barid wal Al Ittissalat).....	87
5 – Casa da Moeda (Bait al-Mal) .....	95
6 – A Polícia .....	102
7 – A Fiscalização.....	108
8 – O Exército .....	118
<b>Quarto Capítulo – O Sistema Judiciário .....</b>	<b>133</b>
1 – O Zelo pela Justiça como Princípio Básico para a Construção da Nação.....	134
2 – A Idealização dos Meios que Garantem a Justiça ao Juiz em Sua Sentença.....	136
3 – A Idealização do Sistema Judiciário e Seu Desenvolvimento .....	141
4 – As Medidas para a Escolha dos Juízes e Seus Exames .....	144
5 – A Definição das Atribuições dos Juízes .....	148
6 – O Surgimento do Judiciário Especializado .....	150
7 – A Fiscalização sobre o Judiciário.....	152
8 – A Submissão dos Califas e dos Emires à Autoridade da Justiça.....	154
9 – A Criação do Tribunal de Queixas e seu Desenvolvimento .....	159
<b>Quinto Capítulo – O Sistema de Saúde .....</b>	<b>169</b>
1 – Os Hospitais na Civilização Islâmica.....	171
2 – Os Enfermos e a Visão Humanitária dos Muçulmanos .....	174
<b>Sexto Capítulo – As Pousadas e Hotéis .....</b>	<b>181</b>

<b>Parte 7 – Alguns dos Belos Aspectos na Civilização Islâmica .....</b>	<b>187</b>
<b>Primeiro Capítulo – As Artes Islâmicas .....</b>	<b>189</b>
1 – A Arte da Construção (Arquitetura Islâmica) .....	190
2 – A Arte da Decoração .....	195
3 – A Arte da Escrita Árabe .....	198
<b>Segundo Capítulo – A Beleza das Máquinas e dos Artigos Industrializados .....</b>	<b>201</b>
1 – Os Encantos das Invenções Científicas.. Beleza e Criatividade.....	202
2 – As Obras-Primas dos Artigos Industrializados... Criatividade e Tecnologia.....	206
<b>Terceiro Capítulo – A Beleza do Meio Ambiente.....</b>	<b>211</b>
1 – A Beleza no Alcorão e na Sunnah.....	212
2 – A Difusão dos Jardins na Civilização Islâmica.....	215
3 – As Particularidades dos Jardins Islâmicos.....	221
4 – Os Chafarizes .....	223
<b>Quarto Capítulo – A Beleza Humana Exterior .....</b>	<b>225</b>
1 – A Beleza do Corpo .....	227
2 – A Beleza da Roup.....	230
3 – A Beleza da Casa, Rua e da Cidade .....	234
4 – As Sutilezas do Estilo (Exemplos de Etiqueta no Islam).....	238
<b>Quinto Capítulo – A Beleza Humana no Comportamento Moral.....</b>	<b>241</b>
1 – O Sorriso, a Alegria da Face e a Boa Palavra.....	242
2 – A Integridade do Coração e o Amor às Pessoas.....	246
3 – A Boa Conduta.....	250
4 – As Sutilezas da “Etiqueta Moral”... Manifestações da Beleza Moral.....	254
<b>Sexto Capítulo – A Beleza dos Nomes, Apelidos e Endereços.....</b>	<b>257</b>
1 – A Beleza dos Nomes e Apelidos.....	258
2 – A Beleza dos Títulos .....	260
<b>Sétimo Capítulo – Córdoba... Modelo de uma Bela Cidade Islâmica .....</b>	<b>267</b>
1 – Resumo Geográfico e Histórico.....	268
2 – Alguns Aspectos da Civilização em Córdoba.....	269
3 – Córdoba... a Cidade Moderna.....	273
4 – Córdoba na Visão dos Cientistas e Literários .....	275
<b>Parte 8 – A Influência da Civilização Islâmica sobre a Civilização Europeia .....</b>	<b>277</b>
<b>Primeiro Capítulo – Os Caminhos da Civilização Islâmica para a Europa.....</b>	<b>279</b>
1 – Andaluzia .....	280
2 – Sicília.....	283
3 – As Cruzadas.....	286
<b>Segundo Capítulo – As Aparências da Influência da Civilização Islâmica sobre a Civilização Europeia .....</b>	<b>289</b>
1 – A Influência da Civilização Islâmica no Campo da Crença e da Legislação.....	290
2 – A Influência da Civilização Islâmica no Ramo Científico .....	292
3 – A Influência da Civilização Islâmica no Campo da Língua e Literatura .....	296
4 – A Influência da Civilização Islâmica no Campo da Educação e Relações.....	300
5 – A Influência da Civilização Islâmica no Ramo das Artes.....	305
<b>Terceiro Capítulo – O Testemunho dos Ocidentais Justos sobre o Valor da Civilização Islâmica.....</b>	<b>307</b>
1 – Os Testemunhos dos Justos no Campo Científico.....	309
2 – Os Testemunhos dos Justos no Campo Moral .....	314
3 – Os Testemunhos dos Justos no Campo do Pensamento .....	317
Conclusão .....	321
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>326</b>

## Parte 6

# Os Sistemas e Organizações na Civilização Islâmica

---

**D**os pontos que mais indicam o desenvolvimento da nação e sua civilidade são as organizações e fundações através das quais os seus cidadãos convivem, os governam e organizam seus assuntos e suas vidas, preservam os passos de suas vidas com cooperação e indulgência mútuas para lhes conceder finalmente uma vida humana pródiga. E conforme a medida de concordância destas organizações e fundações com as naturezas do homem como ser humano social que convive e é convivido com ele, que influencia e é influenciado, e conforme o trabalho delas para a realização do que lhe beneficia e para livrá-lo do que lhe prejudica, a reforma de suas situações econômica, educacional, social, de saúde... conforme isso tudo está a elevação da pureza humana dessa civilização entre as civilizações e nações.

Nesta parte, revelamos uma das mais importantes contribuições civis humanas dos muçulmanos, tal contribuição que está representada nas organizações e fundações. Resumimos essa contribuição nos seguintes capítulos:

**Primeiro Capítulo:** O Califado e o Emirado (Sistema de Governo)

**Segundo Capítulo:** O Ministério (Sistema Ministerial)

**Terceiro Capítulo:** As Repartições (Addauauin)

**Quarto Capítulo:** O Sistema Judiciário

**Quinto Capítulo:** O Sistema de Saúde

**Sexto Capítulo:** As Pousadas e Hotéis





## Primeiro Capítulo

### O Califado e o Emirado (Sistema de Governo)

---

A civilização islâmica teve um desenvolvimento peculiar, fato que a fez adicionar muito e muito à civilização humana. A organização fundamental é um dos mais importantes pilares sobre os quais a nossa eternizada civilização islâmica se construiu, uma organização que não se limitou a indivíduos ou grupos que têm objetivos cingidos e limitados, porque estas fundações estão relacionadas ao estatuto islâmico constituído sobre o Livro de Deus e a tradição de Seu mensageiro (a paz esteja com ele). Este estatuto permitiu aos indivíduos mostrarem suas capacidades e aptidões, fato que fez estas fundações se renovarem no decorrer do tempo, e se equivaler com sua época e lugar. Dentre as mais importantes fundações que adicionaram ao legado mundial um maravilhoso conhecimento e uma fartura de teorias e regras que são aplicadas até a nossa época temos “a fundação política islâmica”, esta fundação que por consequência de sua origem e desenvolvimento durante etapas islâmicas sucessivas, foi considerada um exemplo a ser seguido em relação às outras nações.

Quem analisa o Islam e sua história percebe que esta religião realizou uma mudança crucial, e esta mudança abrangeu todos os aspectos da vida humana, pois o Islam conseguiu mudar os próprios humanos e mudar o que eles herdaram de seus pais e avós nos aspectos morais e educacionais, de crença e sociais, políticos e econômicos... mais ainda, o Islam eliminou os sistemas políticos de César e Chosroes, que permaneceram impostos sobre os corações das pessoas durante milhares de anos, os eliminou porque não estavam de acordo com o que a mensagem islâmica trouxe de necessidade de realização das regras de governo entre as pessoas, regras que se baseiam na justiça e na igualdade, e na procura dos benefícios do povo,

da preservação de seus assuntos religiosos e materiais e da necessidade do respeito de suas honras e a não humilhação, entre outros objetivos que não podem ser resumidos.

Antes de se aprofundar no nosso assunto sobre o Califado Islâmico e também o emirado do ponto de vista da civilização, é obrigatório observar a opinião dos linguistas, historiadores e pensadores do Islam em torno deste importante assunto, pois todos opinaram sobre o califado do ponto de vista cultural, ideológico e educacional.

O conceito linguístico do califado é citado por Ibn Mandhur Al Masri quando este disse: “khalafahu, iakhlifuhu, sara khalfahu (o sucedeu, o sucede, andou atrás dele)... e o khalifah é aquele que sucede quem o antecede, e al khilafah é o emirado”<sup>1</sup>. E Al-Zubaidi transmite de Ibn Al Athir o dito: “al khalafu e al khalfu é todo aquele que vem depois de quem o antecede, porém al khalafu é utilizado para o bem, e al khalfu é utilizado para o mal”<sup>2</sup>.

O Alcorão Sagrado fez uso do termo “al khalifah” no plural para indicar alguns grupos, porém esta utilização não tem o mínimo de relação com as fundações políticas. Também o utilizou em dois lugares no singular, uma vez indicando Adão (a paz esteja com ele) ao dizer: **[E quando teu Senhor disse aos anjos: “Por certo, farei, na terra, um califa”]** (Al Baqarah: 30), outra vez indicando a Davi (a paz esteja com ele): **[Ó Davi, por certo, Nós te fizemos califa na terra]** (Sad: 26). E a maioria das interpretações nestes dois versículos girou em torno do significado linguístico, entre sucessão e substituição<sup>3</sup>. A partir daqui, observamos que Abu Bakr Assiddiq foi o primeiro a ser denominado califa, porque sucedeu o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) no governo da nação<sup>4</sup>.

Quanto ao emirado, este se tornou um cargo necessário após a expansão do governo do Islam e a multiplicação das províncias. O califa delegava o emirado, o governo de um país ou região para o seu representante (uáli ou amir), este governo tinha um vínculo que ocorria com a escolha do califa, assim toda pessoa que se incumbia de governar um país ou região representando o califa passou a ser denominada amir ou uáli<sup>5</sup>.

E o emirado (al imarah), como foi classificado por nossos sábios, é de dois tipos: geral e específica. E a geral também é de duas classes: 1

1 Ibn Mandhur: Dicionário Lisan Al Arab, 9/82.

2 Al Zubaidi: Dicionário Taj Al Arus, 23/247.

3 Ver: Al Tabari: Jami' Al Baian fi Ta'wil Al Qur'an (exegese do Alcorão), 1 / 449.

4 Ver: Ibn Kathir, Al Bidaiah wa Al Nihayah (O Princípio e o Fim), 6 / 333.

5 Ver: Kamal Enani Ismail, Dirasat fi Tarikh Al Nuzhum wa Al Hadarah (Estudos na História dos Sistemas Políticos e Civilização), p. 63.

– emirado de nomeação: que o chefe de Estado nomeie uma pessoa, conforme sua escolha, para governar um país ou região e lhe confia o mandato sobre todos os seus habitantes, sobre todos os seus assuntos e interesses.

2 – emirado de domínio: só ocorre quando um indivíduo domina um emirado e assume o poder com tirania. O chefe de Estado teme que ocorra conflito e sedição se ele não aceitá-lo, nesse caso, lhe é permitido aprová-lo nesse emirado, que só ocorre por necessidade.

O emirado específico consiste na definição de autoridades específicas do amir, como a organização do exército, a organização política, a segurança da região e a defesa das posses. Ele não pode participar nos assuntos da justiça, leis, coleta de impostos e doações. Observa-se que no início do Islam, as lideranças religiosas (imamah) eram gerais, em seguida, começaram a se especificar com a expansão do país e a complicação do órgão administrativo, até que a autoridade do amir tornou-se resumida à liderança do exército e à imamah da oração<sup>6</sup>.

Esclareceremos as contribuições dos muçulmanos para a civilização mundial no assunto do califado e do emirado através das seguintes pesquisas:

1. As Condições do Califado Islâmico
2. A Maneira de Escolher os Califas e os Emires
3. O Voto de Fidelidade (Al Bai'ah)
4. Nomeação de Sucessão
5. A Relação dos Governantes com o Povo na Civilização Islâmica
6. As Contribuições Teóricas dos Muçulmanos no Sistema de Governo
7. A Relação entre o Governante e o Governado na Civilização Islâmica
8. As Desordens Políticas sob a Ótica Civilizada
9. A Consulta (Asshura)

<sup>6</sup> Al Mawardi: Al Ahkam Al Sultaniyah (As Leis Governamentais), p. 30 em diante, e Fathiyah Al Nabarawi: Tarikh Al Nuzhum wa Al Hadarah Al Islamiya (A História dos Sistemas Políticos e da Civilização Islâmica), p. 68-71.

# 1

## As Condições do Califado Islâmico

---

**A**O falar sobre os requisitos do Califado Islâmico, nos referimos às condições estabelecidas pela sharia'h (lei islâmica), e é consenso dos estudiosos e dos leigos que estas condições devem ser atendidas e devem existir no governante antes deste tomar posse do governo e do Califado.

Realmente, ficamos deslumbrados ao refletirmos sobre essas condições e compará-las ao que era estabelecido pelos persas e romanos, uma vez que indicam a extensão do progresso que a civilização islâmica alcançou sob as normas de um Governo Islâmico.

O Islam veio para elevar o valor do ser humano e faz de cada pessoa, califa (regente) de Deus na terra por Ele criada. Ao mesmo tempo, preserva a unidade da comunidade islâmica através de um conjunto de normas e regras que colocam esta nação ao lado de outras nações ou até mesmo em uma posição melhor e mais nobre do que a delas.

O Islam alcançou o difícil equilíbrio que estava faltando nos sistemas de governos anteriores e subsequentes. Este equilíbrio se baseia na necessidade de se aplicar a Lei de Allah na terra, com a preservação de todos os direitos do governante e atendendo a todas as legítimas exigências legais da população, sejam muçulmanos ou não muçulmanos. Não é de se admirar encontrar essa equação muito evidente no estabelecimento do sistema político islâmico, com todas as suas bases e suas ramificações.

Ser um califa, ou o comandante dos crentes, ou o presidente do Governo muçulmano, é a posição mais importante de todas, pois a ele é atribuída a tarefa de “preservação da religião e política dos assuntos mundanos”<sup>7</sup>.

---

7 Al Mawardi: Al Ahkam Al Sultaniyah (As leis governamentais), p. 3.

Por isso, observamos que os estudiosos muçulmanos colocam um conjunto de condições cuja existência é obrigatória na pessoa de quem irá assumir esta posição. Al-Imam Al-Mawardi definiu sete condições:

- **Primeiro:** a justiça, com todas as suas condições globais;
- **Segundo:** o conhecimento que resulta no Ijtihad (decisões judiciais) em casos de calamidades e julgamentos;
- **Terceiro:** a integridade dos sentidos da visão, audição e fala, para ser capaz de compreender imediatamente o que é assimilado com estes sentidos;
- **Quarto:** a integridade física, ou seja, não haver qualquer deficiência que possa impedi-lo de movimento ou reação;
- **Quinto:** o bom senso na liderança, para comandar e preservar os interesses do povo.
- **Sexto:** a coragem e bravura que conduzem à proteção dos cidadãos e ao combate contra o inimigo.
- **Sétimo:** a linhagem, ou seja, que seja um descendente de Coraix, porque isso foi definido por texto religioso e pelo consenso dos estudiosos<sup>8</sup>.

Sem dúvida, a fundação do Califado levou em conta estas condições. Assim, os califas foram aprovados pelos muçulmanos em geral, que se preocuparam para o cumprimento destas condições em seus califas. Vimos muitos califas muçulmanos se caracterizarem com essas condições citadas. Em seu livro *Al-Imamah wa Al-Siyasah* (O Imamato e a Política) Ibn Qutaibah descreve Abdul-Malik ibn Marwan Ibn Al-Hakam (falecido em 86 d.H) no início da citação sobre o seu califado: “Abdul-Malik ibn Marwan prometeu o bem às pessoas, chamou-as para reviver o Livro (o Alcorão) e a Sunnah, e estabelecer a justiça e os direitos. Ele era conhecido por sua honestidade, sua virtude e conhecimento, ninguém contestou a sua religião ou piedade. Então ele foi aceito, ninguém dos coraixitas (tribo), ou do povo do Sham (região que abrange a Síria, Líbano, Jordânia e Palestina) o contestou”<sup>9</sup>.

Os muçulmanos em geral deram voto de fidelidade (*bai'ah*) a Abdul-Malik ibn Marwan, devido a essas qualidades mencionadas por Ibn Qutaibah. Estas características estão entre as condições impostas pelos juristas muçulmanos para um candidato ao Califado. Isto realmente chama a atenção,

<sup>8</sup> Al Mawardi: Idem, p. 5.

<sup>9</sup> Ibn Qutaibah Al Dinawari: *Al Imamah wa Al Siyasah* (Imamato e a Política), 3 / 193.

porque as condições impostas pelos juristas – que eles extraíram do Livro de Allah (exaltado e glorificado seja Ele) e da Sunnah do mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele) – não foram apenas palavras teóricas, nas quais a sociedade não tem participação. Pelo contrário, tem havido uma estreita relação entre o que é aprovado pela shari’ah e os resultados decorrentes da aplicação na prática. E é exatamente o que encontramos no Califado ou Al-Imamah Al-Kubra (O Imamato Maior), como foi mencionado pelos juristas muçulmanos.

Mesmo com a certeza de que a posição do Califado em nossa civilização islâmica é controlada pelas bases da shari’ah e que o califa é apenas um ser humano que se destacou entre as outras pessoas com características pessoais que o qualificaram para esse cargo, isso não o isenta da prestação pública de contas, nem o faz divinizar-se, ao contrário do que assistimos nos impérios persa e bizantino. Assim, temos a convicção de que o Califado Islâmico é uma posição humana criada para que um ser humano (com capacitação para liderança) preserve os direitos de seu povo e alcance a justiça entre todas as pessoas, valores que os reis persas e romanos não zelaram em alcançar.

Na antiga cultura persa, o imperador Chosroes, era equivalente a um deus. Isso ficava evidente no tratamento que os reis persas tinham com seu povo, a ponto de muitos deles darem livre curso à brutalidade, à cobrança de dinheiro e à prática de escravizar o povo. O mais proeminente exemplo disso foi Chosroes II, que se intitulava “o homem imortal entre os deuses, o maior deus entre os homens, dono da fama que resplandece com o sol, e que dá os olhos para a retaliação.”<sup>10</sup> Ele foi descrito por Arthur Christensen em seu livro “O Irã na era dos sassânidas” como “o governante que fez injustiça para com o povo a fim de aumentar seus tesouros. Ele não preservava nem a dignidade da elite, era muito maldoso e duvidoso, aproveitava as oportunidades para matar aqueles de quem ele duvidava entre aqueles que eram leais a seu serviço”<sup>11</sup>.

O imperador persa Chosroes costumava vir ao trono por herança, sem qualquer regulamentação social, cultural ou política. As pessoas não tinham valor aos olhos dos governantes persas. Isto não é surpreendente quando se sabe que a Pérsia era socialmente dividida em quatro classes, sendo alguns superiores aos outros, a saber: o clero, os homens de guerra,

10 Arthur Christensen: O Irã na era dos sassânidas, p. 432.

11 idem, p. 433.

os funcionários, e as pessoas (agricultores, artesãos, etc.). Todas estas classes sociais eram inferiores aos da família real (os sassânidas)<sup>12</sup>.

Este também foi o caso dos imperadores romanos. Com o poder absoluto, o imperador tinha um mandato para governar a população a ferro e fogo, e as pessoas não foram capazes de resistir a essa autoridade déspota e tirânica<sup>13</sup>. O mecanismo de deterioração na nomeação do imperador romano atingiu os níveis mais baixos quando os militares assumiram os negócios do império e o imperador romano tornou-se um dos comandantes do exército. Então, os imperadores militares cercaram os seus postos com uma auréola de santidade, depois de terem o controle de tudo. Nenhum dos clérigos ou pessoas poderia parar os governantes déspotas. Devido a essa evolução para o despotismo absoluto, foi natural, quando o Imperador Aureliano<sup>14</sup> tomou o poder em 270 d.C, ser chamado de “o mestre e o deus”. A situação piorou durante o reinado do Imperador Diocleciano, o mais severo e cruel imperador romano. O Império Romano viu o modelo ideal de um imperador corrompido durante o reinado de Diocleciano!<sup>15</sup>

Por outro lado, a regulamentação jurisprudencial e ética estabelecida pelos juristas muçulmanos foi representada por muitos califas muçulmanos. Como exemplo, o líder dos crentes, Harun Al-Rashid (que Allah tenha misericórdia dele) perdoou um homem que foi insensato com ele quando o aconselhava o lembrando da responsabilidade perante Allah<sup>16</sup>. Tal exemplo não pode ser encontrado em qualquer um dos reis da Pérsia ou Roma. E esta não é uma apresentação da justiça dos califas muçulmanos, mas sim a comprovação de que eles aplicaram aquilo que as regras da religião reconheceram sobre este assunto.

---

12 *idem*, p. 85.

13 Mahmud Ibrahim Al-Sa`dany: *Ma`alim Tarikh Ruma Al-Qadim* (Marcos da História da Roma Antiga), p. 63.

14 Aureliano, um imperador romano (215-275 d.C) conseguiu com o seu regime militar restabelecer a unidade de seu império, cujas fronteiras se estenderam. Ele ordenou que fosse inscrito em sua moeda a expressão “restaurador do mundo”. Ele nasceu em Sremska Mitrovica, na Sérvia. Foi morto por um grupo de oficiais.

15 Mahmud Muhammad Al Huwairi: *Ru'yah fi Suqut Al Imbraturiyah Al Rumaniyah* (Uma Visão sobre a queda do império romano), p. 25, 26.

16 Al Tartushi: *Siraj Al Muluk* (A Luz dos Reis), p. 71.



## 2

## A Maneira de Escolher os Califas e os Emires

---

A civilização islâmica tem as melhores e mais justas maneiras de escolher seus califas e emires, uma característica que a torna única, pois esses meios de escolha nunca haviam sido testemunhados por civilizações anteriores e nem serão pelas posteriores. O princípio da *shura* foi o primeiro mecanismo inovador que foi criado pela civilização islâmica na escolha de califas e candidatos aos altos postos no governo. É, sem dúvida, um princípio islâmico puro. Devido a importância da *shura* na civilização islâmica e para a humanidade, dedicaremos um capítulo independente para o assunto.

Mostraremos aqui as diferentes formas realizadas pelos muçulmanos para escolher seus governantes. Os quatro califas corretamente guiados haviam chegado ao poder através de quatro maneiras diferentes, representando as quatro diferentes teorias ou exemplos para a escolha de um califa ou imam em uma comunidade islâmica. Esta diversidade na maneira de escolher os governantes, na verdade, foi uma contribuição apresentada pela civilização islâmica para a humanidade.

**Primeiro método:** esse pioneiro e exemplar método de escolha de um califa aconteceu após a morte do profeta (que a paz esteja com ele). Os anssar (os socorredores, habitantes de Madinah, que apoiaram o profeta) reuniram-se na Saqifah (tribunal) de Banu Sa'adah para escolher quem entre eles seria o imam (líder) dos muçulmanos. No entanto, apenas três dos muhajirun (emigrantes de Makkah para Madinah) se reuniram com os anssar: Abu Bakr, Omar ibn Al Khattab e Abu Ubaidah ibn Al-Jarrah (que Allah esteja satisfeito com eles), mas os participantes estavam convencidos a escolher um dos muhajirun. Assim juraram fidelidade a Abu Bakr Al-Siddiq (que Allah esteja satisfeito com ele). Esse processo de escolha do primeiro califa muçulmano nunca tinha sido testemunhado na história das civilizações humanas, que foi a escolha de um líder através de discussões livres e argumentos, especialmente quando sabemos que a pessoa escolhida veio de Taym, um clã fraco da tribo dos coraixitas. Os anssar

voluntariamente escolheram um emigrante de Makkah para liderar os muçulmanos em seu próprio território (Madinah), porque de fato ele era o melhor e mais apto para a tarefa. Este processo de escolha de Abu Bakr Al-Siddiq (que Allah esteja satisfeito com ele) pode ser chamado de “escolha direta popular”<sup>17</sup>.

**Segundo método:** o segundo método e mais um exemplo apresentado pelos muçulmanos ao sistema político da civilização foi definido por Abu Bakr Al-Siddiq (que Allah esteja satisfeito com ele), que recomendou Omar ibn Al Khattab (que Allah esteja satisfeito com ele) para a missão de sucedê-lo. No entanto, os muçulmanos não eram obrigados a aprovar esta recomendação, mas eles optaram por isso. Eles simplesmente aceitaram a proposta de Abu Bakr (que Allah esteja satisfeito com ele). Al-Tabari afirmou que Abu Bakr saiu ao encontro das pessoas quando enfraquecido pela doença que o levou a morte e disse-lhes: “Vocês aprovam a escolha que eu fiz para vocês (como um governante)? Eu juro por Allah, que não poupei esforços no julgamento, nem nomeio um parente. Eu escolho Omar ibn Al Khattab como meu sucessor. Então ouvi-lo e obedecê-lo. Eles disseram: “Ouvimos e obedecemos”<sup>18</sup>.

Essa ação de Abu Bakr não foi uma surpresa para os muçulmanos. Ele havia feito consultas com os mais velhos entre os companheiros antes de tomar a decisão. Al-Tabari afirmou que, quando Abu Bakr (que Allah esteja satisfeito com ele) decidiu, já gravemente enfermo, por Omar (que Allah esteja satisfeito com ele) como sucessor, ele chamou Abdul-Rahman Ibn Auf (que Allah esteja satisfeito com ele) e disse-lhe: “Diga-me sobre Omar. Ele disse: “Ó califa do mensageiro de Deus, por Deus que ele é o melhor homem que você escolheu, mas ele é uma pessoa muito dura”! Abu Bakr (que Allah esteja satisfeito com ele) disse: “Isso é porque ele me vê suave, mas se o governo for passado para ele, ele deixará muito do que é de seu costume agora. Ó Abu Muhammad, se eu estou furioso com alguém sobre algo, ele me mostra satisfação com essa pessoa, e se eu sou tolerante com alguém, ele mostra dureza. Não menciona nada do que eu disse a você”. Ele disse: “Claro.” Abu Bakr então convocou Uthman ibn Affan (que Allah esteja satisfeito com ele) e disse-lhe: “Ó Abu Abdullah, me fale sobre Omar”. Ele disse: “Você conhece ele mais do que eu.” Abu Bakr disse: “Então sim, Abu Abdullah”. Ele disse: “Por Deus, o que eu sei sobre ele é que seu interior é melhor do que o seu exterior e que ninguém entre nós é como ele.” Abu Bakr disse: “Que Deus seja misericordioso com você, Abu Abdullah”. “Não diga nada do que eu disse a você”. Ele disse: “Certamente”<sup>19</sup>. Por esse motivo a sucessão de Omar ibn Al Khattab foi equivalente a “um consenso da nação sobre o candidato escolhido pelo primeiro califa.”

17 Ver: Al Tabari: Tarikh Al Umam wal Muluk (História das Nações e Reis), 2/243 – 245.

18 Al Tabari: Idem, 2 / 352, 353.

19 Al Tabari: Idem, 2 / 352.

**Terceiro método:** O terceiro destes métodos fornecidos pela civilização islâmica para o sistema político mundial foi a nomeação sistemática para escolha do sucessor, feita pelo califa Omar ibn Al Khattab. Ele escolheu seis dos companheiros mais velhos do mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele). Todos os muçulmanos, tanto dentro quanto fora de Madinah, concordavam que todos os seis escolhidos eram muçulmanos virtuosos e tinham as qualidades necessárias para assumirem a liderança da nação muçulmana. Então, dentre estes, de acordo com o princípio da *shura* (consulta), escolhia-se o sucessor. Na verdade, o califa Omar ibn Al Khattab escolheu os seis de acordo com a satisfação do mensageiro de Deus (que a paz esteja com ele) com eles. A todos eles foram dadas boas-novas de estar entre os moradores do Paraíso. Surpreendentemente, eles não eram apenas seis, mas eram sete: Uthman ibn ‘Affan Al-Umawai (que Allah esteja satisfeito com ele), Ali ibn Abu Talib Al-Hashimi (que Allah esteja satisfeito com ele), Abdul-Rahman ibn Auf Al-Zuhri (que Allah esteja satisfeito com ele), Sa`d ibn Abu Waqqas Al-Zuhri (que Allah esteja satisfeito com ele), Al-Zubair ibn Al-Awwam Al-Asadi (que Allah esteja satisfeito com ele), Talha ibn Ubaidullah Al-Taymi (que Allah esteja satisfeito com ele) e Said ibn Zaid ibn Amr ibn Nufail. No entanto, Omar ibn Al Khattab excluiu esse último porque era seu parente. Omar não queria que um dos seus parentes ou de seu próprio clã governasse. “É o suficiente para a família de Omar que apenas um dos seus homens seja julgado pelas responsabilidades de um líder,” disse ele<sup>20</sup>.

Este método proposto por Omar era, sem dúvida, bem aceito por todos os muçulmanos, dos mais cultos aos homens do povo. Podemos dizer que isso estava de acordo com as inovações ocorridas entre os muçulmanos de desenvolvimento expansionista do império islâmico e de enormes responsabilidades que isso representava. Não era esperado que Omar confiasse a alguém em particular esta responsabilidade em meio às novas circunstâncias. A partir daí, o mecanismo que ele propôs consolidou-se com os acontecimentos do momento. É claro que o novo mecanismo foi controlado pelas regras da *shari’ah* com base nos critérios de consulta. Os reunidos para votar, que eram membros do Conselho Consultivo (membros da *shura*), escolheram o próximo califa de forma perfeita no prazo fixado por Omar. E assim, foi escolhido o terceiro califa: Uthman ibn Affan. Esse método criado por Omar foi “uma concorrência dos candidatos através de métodos legítimos para alcançar o posto de califado.”

**Quarto método:** o quarto método através do qual o quarto califa Ali ibn Abu Talib (que Allah esteja satisfeito com ele) foi o escolhido foi tão importante que devemos dar algumas explicações antes, porque coincidiu com eventos excepcionais experimentados pelo Governo Islâmico. Estes eventos

20 Al Tabari: Idem, 2 / 580.

foram uma fitnah (tumulto e sedição)<sup>21</sup>. Assim, foi necessário para a ummah (nação), primeiro se defender desse mal antes que o mal se ampliasse. Foi necessário que os muçulmanos se apressassem para jurar lealdade a um homem na posição de Ali ibn Abu Talib (que Allah esteja satisfeito com ele), e foi isso o que ocorreu. Ali ibn Abu Talib (que Allah esteja satisfeito com ele), estabeleceu que o juramento de fidelidade deveria ser dado em público, na Mesquita do profeta. No entanto, alguns companheiros, como Abdullah ibn Abbas (que Allah esteja satisfeito com ele) teve receio do juramento de lealdade na mesquita em meio à crise e as ocorrências de tumulto. No entanto, a *bai'ah* (juramento de fidelidade) já tinha sido feito pelos muhajirun (emigrantes) e pelos anssar (habitantes de Madinah) na Mesquita do profeta<sup>22</sup>. O novo mecanismo de escolha de um califa para os muçulmanos, que recorreram a esse método diante de acontecimentos sangrentos, pode ser chamado de “recorrer ao homem certo em momentos de adversidade”.

Estes são os métodos que a civilização islâmica tem como legítimos e eficazes para a escolha de um governante. Eles ocorreram em momentos diferentes e em diferentes eventos, que incluem paz e tranquilidade, guerras e conflitos. O item comum entre esses mecanismos foi o princípio de *shura* (consulta) e de *bai'ah* (juramento de fidelidade). Dois capítulos distintos serão dedicados a esses princípios, bem como ao Califado confiado por nomeação e herança.

Na verdade, esses quatro métodos de escolha, bem como outros métodos aplicados pelos muçulmanos após a era dos quatro califas corretamente guiados, confirmam a flexibilidade da lei islâmica (*shari'ah*) e, conseqüentemente, a capacidade da civilização islâmica em acompanhar as evoluções durante o desenvolvimento da humanidade e de suas nações. Essa flexibilidade tem sido uma das características exclusivas da civilização islâmica, tornando-a mais justa e eficiente e superando as demais civilizações.

Quanto à maneira de escolha de emires e governantes, foram vários e impressionantes os métodos utilizados pelo profeta (a paz esteja com ele) para seleção de emires e governantes. O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) estabeleceu um sistema geral para aqueles que tomam posse do governo. Abdul-Rahman ibn Samurah (que Allah esteja satisfeito com ele) narrou que o profeta (a paz esteja com ele) lhe disse: “Ó Abdul-Rahman ibn Samurah, não pretenda ser um governante, porque se você pede pela autoridade, então, será responsabilizado por ela, mas se é dada a autoridade a você sem que você a peça, então, você será ajudado nela”<sup>23</sup>.

21 Um capítulo inteiro foi dedicado à fitnah a partir da perspectiva da civilização islâmica, onde iremos comentar em detalhes sobre a sucessão de Ali ibn Abu Talib em meio a tais circunstâncias.

22 Al Tabari: *Tarikh Al Umam wal Muluk* (História das Nações e Reis), 2/696.

23 Sahih Al Bukhari, *Kitab Al Nudhur wa Al Aiman* (Livro dos juramentos e votos) (6248) e Sahih Muslim, *Kitab Al Aiman* (O Livro dos juramentos) (1652).

Por isso, o profeta (a paz esteja com ele) adotou este sistema na nomeação de governadores e emires. Foi narrado que Abu Zharr disse: “Eu disse para o mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele): “Ó mensageiro de Deus, você não quer me nomear para um cargo público”? Ele acariciou meu ombro com sua mão e disse: “Abu Zharr, você é fraco. E a autoridade é confiabilidade, e no Dia do Juízo Final é uma causa de humilhação e arrependimento, exceto para aquele que cumpre a sua obrigação e os encargos que ela exige dele”<sup>24</sup>.

O profeta (a paz esteja com ele), sendo o líder dos muçulmanos, sabia quem era capaz de assumir a responsabilidade dessa tarefa e quem não conseguia. Portanto, o profeta Muhammad (a paz esteja sobre ele) teve a convicção de que Abu Zharr não era adequado para um cargo público, de modo que o aconselhou a ficar afastado disso, por medo dele não cumprir adequadamente suas obrigações e deveres. Não há dúvida de que essa atitude é um sistema profético honroso e um princípio civilizado islâmico na nomeação de pessoas qualificadas para o governo e cargos públicos em geral, e na exclusão daqueles que são inadequados, mesmo que sejam parentes e amigos.

Por isso, a primeira coisa que chama a atenção na nomeação dos governantes é que o profeta (a paz esteja sobre ele) colocava a pessoa que tinha qualificação administrativa em sua merecida posição. Os emires não eram próximos do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele), mas sim pessoas qualificadas para os cargos de governo. O mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele) designou Bazhan ibn Sasan, um descendente de Bahram Jur, como emir do Iêmen, “após a morte de Chosroes. Ele foi o primeiro emir muçulmano no Iêmen e o primeiro governante estrangeiro a abraçar o Islam. Após a morte de Bazhan, o profeta (a paz esteja com ele) indicou o seu filho, Shahr ibn Bazhan para o governo de San’aa e suas obras. Depois que Shahr foi morto, o mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele), designou Khalid ibn Said ibn Al-Ás como emir de San’aa e Al-Muhajir ibn Abu Umayyah Al-Makhzumi como emir de Kindah e Al-Sadaf...”<sup>25</sup>.

O texto anterior, narrado por Ibn Al-Qayim<sup>26</sup>, enfatiza que a civilização islâmica tem levado esse princípio em consideração desde a época do profeta (a paz esteja com ele), que é indicar aos altos cargos do Estado apenas aqueles que possuem as qualificações exigidas e conhecimentos técnicos necessários. Sabe-se que o Iêmen foi uma das províncias mais vitais para Makkah e Madinah, pois fornecia à Península Arábica impostos sobre as terras e grãos, bem como doações e,

24 Sahih Muslim, Kitab Al Ijarah (Livro sobre o governo) (1825).

25 Ibn Al Qayim: Zaad Al Ma`ad, 1 / 125.

26 Ibn Al Qayim: Muhammad ibn Abu Bakr ibn Ayyub Sa`d ibn Al Zar`y Al Dimashqy (de Damasco) (691-751 d.H/1292-1350 d.C), um dos principais estudiosos do Islam, aluno de Shaykh Al Islam Ibn Taimiiah. Dentre os seus livros: Zad Al Ma`ad, e Madarij Al Salikin. Veja: Al Zirikli: Al `alam, 6 / 56.

portanto, o seu emir deveria ter um elevado grau de conhecimento e perícia para saber como lidar com os assuntos políticos e econômicos da província.

Também observamos que Omar ibn Al Khattab estabeleceu várias condições para a seleção de quem será encarregado para um cargo de governo. Omar disse: “Um governador deve ter quatro qualidades, se uma delas não for cumprida, nenhum assunto lhe será correto: a força para recolher dinheiro de suas fontes legais; o seu gasto em seu destino legal; poder sem tirania; amabilidade sem fraqueza”<sup>27</sup>.

Assim, Omar ibn Al Khattab examinava com profundidade a escolha dos governantes e encarregados. Ele só designava um governante ou encarregado após submetê-los a testes públicos e secretos e depois de perguntar sobre eles, para se certificar de que eles eram elegíveis e aptos para o cargo. Entre as condições que Omar exigia em seus governantes: que nenhum deles pode fechar a porta para as necessidades das pessoas. Ainda mais, ele nunca nomeou alguém que se ofereceu para um cargo, e dizia sobre isso: “Em nosso trabalho, nós não nos apoiamos em quem o procura (ser um governante)”<sup>28</sup>. Omar também reiterava a necessidade de que um governante deve ser misericordioso e tolerante, e quem não possuía essas duas características, era demitido do cargo. Enquanto Omar ordenava a escrita da nomeação de um homem após ele ter o examinado, um menino sentou no colo de Omar, que o tratou com carinho. Ao ver isso, o homem (que seria nomeado) disse: “Ó emir dos crentes, eu tenho dez crianças como esta, mas nenhuma delas se aproximou de mim assim”. Omar disse: “E que culpa tenho eu, se Allah tem arrancado a misericórdia de seu coração? Deus confere misericórdia a seus servos misericordiosos”. Omar, então, ordenou que a nomeação fosse suspensa, dizendo: “Rasgue o livro, porque se ele não trata seus filhos com misericórdia como poderá ser misericordioso com o povo?”<sup>29</sup>.

Como resultado desta política sábia na escolha dos governadores e encarregados, muitos deles eram de alto grau de competência, eficiência e realizavam uma ótima gestão. Um dos mais destacados governadores de Omar ibn Al Khattab era Amr ibn Al As, que conseguiu conquistar o Egito com 3.500 soldados<sup>30</sup>. Após a conquista do Egito, Amr foi capaz de realizar muitos projetos que beneficiaram o povo do Egito, assim como o Tesouro Público. A época do governo de Amr no Egito foi uma época de fartura e prosperidade. Ele amava o povo, e o povo o amava. Sob seu comando, os egípcios desfrutaram de justiça e liberdade. Amr projetou a cidade de Fustat<sup>31</sup> e retomou as obras de escavação da Península do emir dos crentes, que ligava ao Mar Vermelho, servindo para

27 Al Tartushi: *Siraj Al Muluk* (A luz dos reis), p. 50.

28 Este é um dito (hadith) narrado por Annassâi, e Ibn Hibban e classificado como autêntico por Al Albani.

29 Ibn Al Jawzi: *Tarikh Omar* (História de Omar), p. 104, 105 e Farouq Majdalawy: *Al Idarah Al Isalamiyyah fi Ahd Omar ibn Al Khattab* (A administração islâmica na era de Omar ibn Al Khattab), p. 212, 213.

30 Ibn Abdul-Hakam: *Futuh Misr wa Akhbaruha* (As Conquistas do Egito e suas Notícias), p. 65.

31 Idem, p. 105.

o transporte dos despojos de guerra para a Península Arábica pelo mar<sup>32</sup>. Ele também criou uma mesquita que leva o seu nome, que existe até hoje no Egito.

O califa Omar ibn Abdul-Aziz também tinha método similar na nomeação dos emires. Ele testava-os e procurava saber de suas realidades e suas adequações ao cargo. Quando Omar ibn Abdul-Aziz assumiu o califado, Bilal ibn Abu Burdah<sup>33</sup> veio até ele e felicitou-o, dizendo: “Ó emir dos crentes, se o califado honra alguém, tu a honraste, e se enfeita a alguém, tu a enfeitaste”. Em retorno, Omar o bem recompensou. Ao ver esse mesmo homem frequentar a mesquita para rezar e recitar o Alcorão de dia e de noite, Omar pretendia nomeá-lo como governante do Iraque. Para testá-lo, Omar ibn Abdul-Aziz pediu para alguém de sua confiança perguntar-lhe: “Se eu mediasse para que você fosse nomeado para o governo do Iraque, o que você me daria em troca?” O homem prometeu-lhe muito dinheiro. Então, o homem de confiança de Omar o informou da resposta e devido a esta resposta, Omar o exilou e disse ao povo do Iraque: “O homem de vocês ministrou palavras, mas não foram sensatas, sua eloquência aumentou, mas seu desinteresse diminuiu”<sup>34</sup>.

Muitos califas aconselhavam aos seus governantes quando estes tomavam posse de seus cargos, advertindo para que se aplicasse a justiça entre a população e se garantisse a segurança. Ao nomear o seu irmão Abdul-Aziz como emir do Egito, o califa omíada Abdul-Malik ibn Marwan disse: “Estenda a tua bondade e seja tolerante em todos os assuntos, pois é melhor para você. E observe o seu auxiliar para que ele seja o melhor dos seus íntimos, pois ele é o teu rosto e língua. Ninguém deve ficar na tua porta, a menos que ele (seu auxiliar) te informe, de modo que você é quem o deixa entrar ou rejeita-o. Se você sair para uma audiência, comece com a saudação aos participantes para que sejam amigáveis com você e para que seja colocado o amor por você em seus corações. Sempre que um problema chegar até você, procure ajuda por meio de consultas, pois a consulta desembaraça os assuntos confusos. Se você está insatisfeito com alguém, atrase a sua punição – pois tu és mais capaz de puni-lo após o atraso do que voltar atrás após o castigo ter sido executado impropriamente”<sup>35</sup>. Esta recomendação de Abdul-Malik ao seu governante do Egito é uma das importantes bases administrativas para o governo de qualquer Estado.

Nesse sentido, a civilização islâmica deu centenas de exemplos de sucesso nas nomeações de califas e governantes. E a forma de governo destes ancestrais foi uma real contribuição concedida pela civilização islâmica para toda a humanidade.

32 Idem, p. 179.

33 Abu Bilal ibn Burdah: Bilal ibn Amir ibn Abu Burdah ibn Abu Mussa Al-Ashri, o vice-rei e juiz de Basra. Ele era uma pessoa generosa. Veja: Al Zhababi, Siar A`alam Al Nubala (Biografia dos Nobres), 06/05.

34 Ibn `Assakir: Tarikh Dimashq (História de Damasco), 10/510.

35 Ibn Al Taqtaqa: Al Fakhry fi Al Adab Al Sultaniyyah wa Al Duwal Al Islamiya, p. 126.

# B

## O Voto de Fidelidade (*Al Bai'ah*)

---

A civilização islâmica se distinguiu de outras civilizações humanas em seus conceitos, e o sistema de *bai'ah* é um dos conceitos que esta civilização concedeu tanto aos muçulmanos quanto aos não muçulmanos. O que mais chama atenção é o fato de as civilizações anteriores nunca terem conhecido o sistema de *bai'ah*. Se por um lado este termo significa promessa de fidelidade e obediência<sup>36</sup>, por outro lado, esse sistema significa envolver a população no sistema de governo, mesmo que em pequenas dimensões, como ocorreu em determinadas épocas da história islâmica. Contudo, esta foi uma das mais importantes características do sistema político islâmico.

A *bai'ah* é uma promessa de fidelidade e obediência dos governados para o governante e a realização das tarefas do governante da melhor forma possível. O aspecto mais importante da *bai'ah* é governar a religião e os assuntos dessa vida de acordo com *shari'ah* (lei islâmica). E o que mais deve surpreender o leitor é que a *bai'ah* no Islam não diferencia homens e mulheres ou mais velhos e jovens. Esse é o sentimento da educação política no Islam, que ensina os muçulmanos a necessidade de se envolver no avanço de sua sociedade e de sua nação.

A *bai'ah* é conhecida desde o início da civilização islâmica. O profeta (a paz esteja com ele) recebeu o voto de fidelidade de seus companheiros (que Allah esteja satisfeito com eles) mais de uma vez: A primeira *bai'ah al áqabah* (primeiro compromisso de fidelidade de al áqabah), a segunda *bai'ah al áqabah* (segundo compromisso de fidelidade de al áqabah), compromisso de *Al-ridwan*. E as diferentes comunidades dos muçulmanos se comprometiam com o profeta (a paz esteja sobre ele). O número de homens que

---

<sup>36</sup> Ibn Mandhur: Dicionário Lisan Al Arab, 23/08.



deram *bai'ab* (promessa de fidelidade) ao profeta (a paz esteja com ele) é incontável, além de um grande número de mulheres. Al Imam Ibn Al-Jawzi enumerou a quantidade de mulheres que deram *bai'ab* ao profeta (a paz esteja com ele) em 457 mulheres. “Ao tomar a *bai'ab* de mulheres, o profeta não apertava as mãos delas, ele realizava *al bai'ab* com a palavra”. Também observamos que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) também tomou *bai'ab* das crianças. Foi narrado que Abdullah ibn Al-Zubair (que Allah esteja satisfeito com ele) deu a sua *bai'ab* quando ele tinha sete anos!<sup>37</sup>

Nesse contexto, percebemos que a civilização islâmica é uma civilização construtiva, consciente do valor de seus membros e da necessidade da participação de todos eles nos acontecimentos ao seu redor. Por isso, vemos o exemplo dos muçulmanos, o mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele), estabeleceu o princípio da *bai'ab* desde o primeiro dia da estruturação do Governo Islâmico. É tal a importância da *bai'ab* na perspectiva da civilização islâmica, que o Alcorão se refere a ela em vários versículos. Em Surat Al-Fath (O Triunfo), Allah (exaltado e glorificado seja) diz: **[Por certo, aqueles que se comprometem na fidelidade a ti, comprometem-se com Allah. A Mão de Allah está sobre as suas mãos...]** (Al-Fath: 10). Na mesma Surata, Allah (exaltado e glorificado seja) diz: **[Com efeito, Allah agradeceu-Se com os crentes, quando, debaixo da árvore, te juraram fidelidade. Ele soube o que havia em seus corações, e fez descer a serenidade sobre eles e os recompensou com um triunfo próximo]** (Al-Fath: 18). O Alcorão também se refere à *bai'ab* das mulheres, em uma clara indicação da importância de seu papel efetivo na construção da civilização islâmica. Allah (exaltado e glorificado seja) diz na surata intitulada “A examinada”: **[... aceita, então, seu compromisso e implora a Allah perdão para elas. Por certo, Allah é Perdoador, Misericordioso]** (Al-Mumtahanah: 12).

Os muçulmanos seguiram o exemplo do mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele), e assim a *bai'ab* se tornou um elemento essencial no sistema político islâmico, refletindo a participação do povo em demonstrar sua lealdade ao líder. Omar ibn Al Khattab (que Allah esteja satisfeito com ele) foi severo no cumprimento da *bai'ab* e condenou quem alegasse que a *bai'ab* poderia ser realizada por uma pessoa sem consulta à comunidade. Ao ouvir esta opinião durante o seu hajj (peregrinação), Omar pretendia fazer uma nota de esclarecimento sobre o assunto na frente dos peregrinos para mostrar os pré-requisitos para a *bai'ab*. Alguns lembraram que muitos povos de diferentes estilos de vida, incluindo alguns que tinham menos compreensão, estavam

37 Al Kittani: Al Taratib Al Idariyyah (Sistemas de Gestão), 1 / 222.

atendendo ao chamado para a peregrinação e retornariam para as suas províncias e informariam seu povo sobre a declaração de Omar, sem entenderem o real significado disso. Então, argumentaram que Omar deveria adiar essa declaração até sua volta para Madinah, onde ele poderia fazer seu discurso perante os estudiosos e notáveis. Omar aceitou esse parecer e fez o que eles pediram. Quando Omar voltou para Madinah, subiu no púlpito do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) e disse: “Eu ouvi alguém dentre vós dizer: “Quando Omar morrer darei *bai’ah* a Fulano. Nenhum de vocês deve se iludir dizendo que a *bai’ah* à Abu Bakr (que Allah esteja satisfeito com ele) foi inesperada, mas ela foi feita. Assim ocorreu, porém Allah nos protegeu contra o mal. E não há ninguém entre vós a quem se observa como apto a tal cargo, igual a Abu Bakr. Vocês não podem jurar aliança a alguém, a quem foi dada a *bai’ah* sem a consulta dos muçulmanos e nem a quem lhe deu o voto de fidelidade, senão ambos podem ser mortos”<sup>38</sup>. Em seguida, ele contou a história do juramento de fidelidade à Abu Bakr (que Allah esteja satisfeito com ele), em meio ao receio de ocorrer a fitnah (tumulto e atribulações) entre os muhajirun (emigrantes) e os anssar (moradores de Madinah), não fosse a iniciativa de empossar e dar o voto de fidelidade à pessoa de confiança com o consenso de todos os muçulmanos. Todos os companheiros do profeta (que Allah esteja satisfeito com eles) aprovaram a ação de Omar, que deu a *bai’ah* à Abu Bakr. Isso foi um consenso entre os companheiros, o que estabelece a regra geral que rege que a *bai’ah* deve ser dada para o governante após a consulta da maioria dos muçulmanos, e após a escolha das pessoas sábias e dos dotados de autoridade (ahl al hil wal áqd), e que a *bai’ah* dada a outras pessoas não é considerada a menos que ocorra seguindo-os (aos sábios e autoridades)<sup>39</sup>.

Alguns califas, tais como Omar ibn Abdul-Aziz (que Allah tenha misericórdia dele), tiveram preocupação notável pelo assunto da *bai’ah*. Embora seu primo, o califa Sulayman ibn Abdul-Malik, o tenha nomeado para o califado, e embora a maioria dos muçulmanos tenham apoiado a Sulayman dando-lhe *bai’ah* (o voto de fidelidade) para a seleção de Omar, este mais tarde, insistiu na necessidade das pessoas darem a *bai’ah* para ele. Se eles o aceitassem, Omar aceitaria o califado. Isso ficou evidente no primeiro discurso de Omar ibn Abdul-Aziz realizado no ato dele tomar posse de seu cargo. Ele disse: “Ó gente, eu tenho sido assolado com esta questão, sem opinião prévia provinda de mim, sem buscar este posto e sem a consulta dos muçulmanos. Portanto eu vos livre de vossa *bai’ah* para mim. Então, escolham por si mesmos...” Neste momento, as pessoas

38 Ibn Taimiyah: Minhaj Al Sunnah Al Nabawiyah, 5 / 330, 331.

39 Muhammad Rashid Rida: Al Khilafah (O Califado), p. 20, 21.

gritaram em unanimidade: “.. Nós escolhemos a ti e estamos satisfeitos contigo, ó emir dos crentes, encarregue-se de nossos assuntos com bênção e prosperidade”<sup>40</sup>. Este fato reflete o desinteresse de Omar ibn Abdul-Aziz pelo cargo e revela a consciência dos membros da civilização islâmica na escolha daqueles que são apropriados para governar os seus assuntos mundanos.

Por causa da importância da *bai’ab*, os juristas muçulmanos estabeleceram para a sua validade cinco condições necessárias, são elas:

1. A pessoa a quem é dada a *bai’ab* deve atender às condições necessárias para o governo, que foram explicadas no capítulo: as condições para o califado;
2. Os encarregados de conceder a *bai’ab* devem ser considerados pessoas dotadas de opinião e autoridade, dos sábios, chefes e outros notáveis “ahl al hil wal áqd”;
3. A pessoa a quem é dada a *bai’ab* deve aceitá-la, caso contrário, a sua *bai’ab* é nula e ele não deve ser obrigado a aceitá-la;
4. Haver testemunhas caso a *bai’ab* seja dada individualmente, mas se for dada em coletivo, não há necessidade de testemunho;
5. A unidade, que a *bai’ab* seja concedida a uma só pessoa. Não é considerada quando dada a mais de uma pessoa<sup>41</sup>.

Não há dúvida de que essas condições, que foram abonadas pelos estudiosos do Islam, são consideradas proeminentes marcos na fundação islâmica de governo, uma vez que o objetivo dessas normas é trazer todos os benefícios necessários para a sociedade muçulmana.

A *bai’ab* (juramento de fidelidade) é extremamente importante e um pilar na sucessão do poder, por isso ela perdurou durante as diferentes eras da civilização islâmica. Mesmo durante as épocas de fragilidade das instituições do califado, observamos que a *bai’ab* foi requerida e foi de realização obrigatória para legitimar o governante. Mesmo quando os assuntos dos muçulmanos estavam sob o controle dos seljúcidas, os muçulmanos zelaram em pedir *al bai’ab*. Lemos que o desembargador em Bagdá, Abu Al-Hassan Al-Damghani, exigiu *al bai’ab* para o novo califa Al-Mustarshid Billah em 485 d.H<sup>42</sup>. Devido a importância da *bai’ab*, Al-Mustarshid Billah zelou em tomar *al bai’ab* dos principais estudiosos e assim, certificou-se de que eles o aceitaram.

40 Al Aajurry: Akhbar Abi Hafs Omar Ibn Abdul-Aziz (Biografia de Omar ibn Abdul-Aziz), p. 56; Ibn Assakir: Tarikh Dimashq (História de Damasco), 45/357.

41 Ahmad ibn Abdullah Al Qalqashandi: Ma’athir Al Inafah fi Ma’alim Al Khilafah, 1/20-23.

42 Al Qalqashandi: Ma’athir Al Inafah, 1 / 176.

O grande sábio e sheikh dos Hanabilah em Bagdá na época, Abu Al-Wafa ibn Aqil, declarou: “Quando Al-Mustarshid Billah assumiu, três funcionários vieram me chamar, e cada um deles me disse: “O emir dos crentes pede a tua presença”. Quando cheguei, o desembargador me disse, estando ele frente ao emir: “Nosso líder, o emir dos crentes precisa de sua promessa de lealdade”. Eu respondi: “Isto é um favor de Deus para nós e para o povo”. Então eu estiquei a mão, e ele estendeu a mão e assim ocorreu um honroso aperto de mãos após o cumprimento e dei a *bai’ah*, dizendo: “Dou *bai’ah* ao nosso líder, emir dos crentes, Al-Mustarshid Billah, para que ele governe de acordo com o Livro de Allah, a sunnah do Seu mensageiro (a paz esteja sobre ele) e a sunnah dos califas bem guiados o quanto suportar e for capaz, e tem de mim a obediência”<sup>43</sup>. Esta tradição, que tem sido um exemplo desde a época do profeta (a paz esteja com ele), demonstra o interesse da fundação do califado em envolver seus cidadãos na escolha de seu novo governante. Sem dúvida, isto eleva a posição desta nobre civilização, que tem extrema preocupação com os assuntos do povo, por isso se preocupou em ter um governante em harmonia com as diferentes classes do povo, desde a fundação da justiça, passando pelos sábios e chegando até as pessoas do povo.

Outra prova de que a *bai’ah* na civilização islâmica foi uma característica geral é o fato de que os governantes, cujos governos eram independentes, também zelaram em ter o voto de fidelidade de seus povos para si ou para seus filhos depois deles. Isso era comum entre todos, não havia diferença entre os emires do ocidente, do oriente e da Andaluzia, nem entre os emires idosos e os mais jovens. Idris ibn Idris ibn Abdullah, o emir da dinastia Idrisida no Marrocos, tomou a *bai’ah* para si mesmo quando tinha onze anos. Isso não era de se surpreender, pois ele era talentoso, eloquente e capaz de assumir a responsabilidade. Idris subiu ao púlpito e disse ao povo: “Louvado seja Allah, todos os louvores pertencem a Allah, eu rogo pelo Seu perdão, busco a Sua ajuda, ponho a minha confiança n’Ele, e busco refúgio n’Ele contra o mal de mim e o mal de todo mal-feitor. Atesto que não há nenhum deus além de Allah e que Muhammad é Seu servo e mensageiro, que foi enviado para a humanidade e para os gênios, como um alvissareiro, um admoestador, que chama para a senda de Allah, com a Sua permissão e como uma luz que ilumina. Que a paz de Allah e as Suas bênçãos estejam com ele e sua honrada família, que Allah purificou. Ó meu povo, fomos empossados neste assunto, no qual Allah multiplica a recompensa do benfeitor, assim como multiplica a punição do malfeitor. Nós,

43 Abu Faraj ibn Al Al Jawzi: Al Muntadhim fi Tarikh Al Muluk wa Al Umam (História dos Reis e das Nações), 9 / 197.

graças a Allah, estamos seguindo o caminho certo, então, não procurem outro além de nós, pois encontrarão conosco o que procuram do estabelecimento de vossos direitos”... Em seguida, ele os incentivou a obedecê-lo. O povo admirou-se com sua eloquência e coragem sendo ele tão jovem. Quando ele desceu do púlpito, o povo se apressou a dar-lhe a *bai'ah*, lutando para beijar sua mão. Então, todas as tribos do Marrocos deram-lhe o voto de fidelidade: Zanata, Ourba, Sanhaja, Ghamara e outras tribos bérberes, então a *bai'ah* foi concluída para ele<sup>44</sup>.

Esta *bai'ah*, que foi dada a um menino de onze anos de idade pelos cultos e notáveis, bem como as tribos bérberes, conhecidas pelo temperamento quente e revoltante, foi um fato único na civilização islâmica. Isto indica que o emir Idris ibn Idris teve as qualidades necessárias para assumir o peso da responsabilidade em administrar uma região volátil no Marrocos. Isso mostra que a idade não é um fator determinante neste processo, mas a *bai'ah* foi uma expressão coletiva da admiração que as pessoas tinham pela sua personalidade e capacidade de gerir os assuntos da nação.

Portanto, a *bai'ah* na civilização islâmica é um modelo da concessão humana e um reconhecimento dos direitos do indivíduo – seja homem ou mulher, jovem ou idoso – nesta civilização, ainda mais, é um exemplo da superioridade absoluta da civilização islâmica sobre a civilização ocidental contemporânea, que deu uma liberdade individual condicional e reconheceu somente os direitos da aristocracia no século XIII d.C, mais especificamente, em 1215 d.C, quando o Rei João da Inglaterra prometeu proteger os interesses dos nobres<sup>45</sup>. Alguns contam isso como um desenvolvimento importante na visão do governo britânico sobre o valor do ser humano e sua liberdade. Eles até se vangloriam que o governo britânico finalmente compreendeu o valor dos aristocratas no século XIII d.C, considerando esta uma etapa única e sem precedentes. Por outro lado, a civilização islâmica, nas suas relações, não diferenciou entre os ricos e os pobres, e deu voz às opiniões dos súditos muçulmanos através da *bai'ah*, que foi uma questão decisiva para a legitimidade do novo governante, medindo a popularidade deste entre as massas.

44 Al-Ajurri: Akhbar Omar ibn Abdul-Aziz, p. 56; Ibn Assakir: Tarikh Dimashq (História de Damasco), 45/357.

45 Will Durant: História da Civilização, 16/274, 275.

## 4

## Nomeação de Sucessão

---

A nomeação de sucessão é considerada uma das mais importantes e perigosas transformações no sistema político islâmico. Houve razões que justificaram o surgimento deste posto, que se iniciou como resultado da expansão do Império Islâmico durante a época dos califas bem guiados. E com isso, veio a diversidade de raças e etnias dentro do Império.

O sucessor nomeado no Islam indica a pessoa que será designada pelo califa ou governante para tomar o poder após a sua morte, seja este sucessor apenas uma pessoa, ou mais de uma pessoa para assumir o poder sucessivamente. Algumas escolas de jurisprudência aprovaram a atitude do califa de vincular a *bai'ah* para seu filho ou pai. Isso porque o califa “é o chefe da nação, cuja decisão deve ser respeitada. A regra de governante prevalece sobre a regra da descendência, e sua decisão não é um motivo para questionar a sua honestidade nem é um pretexto para se opor a ele. Na nomeação de seu filho ou pai, ele é considerado como em sua nomeação a outros além deles”<sup>46</sup>.

O primeiro califa que criou o posto de sucessor no Islam foi o califa omíada Mu'awiah ibn Abu Sufian (que Allah esteja satisfeito com ele), falecido em 60 d.H. Essa medida foi um *ijtihad* de sua parte (empenho individual na aplicação jurídica deduzida por um sábio). Isso se deu devido a muitos motivos persistentes. O primeiro motivo para a nomeação de seu filho Yazid como seu sucessor foi o medo da divergência, o que poderia ocorrer no seio da nação depois de sua morte, especialmente porque o povo da Síria (região que abrange a Síria, Líbano, Jordânia e Palestina), que eram o elemento mais poderoso no Estado na época, apoiavam o califa Mu'awiah (que Allah esteja satisfeito com ele) e seu filho Yazid<sup>47</sup>.

46 Al Mawardi: *Al Ahkam Al Sultaniyyah* (As Regras de Governo), p. 13.

47 Al Salabi: *Al Dawlah Al Umawiyah* (A dinastia omíada), 1 / 445.

Na verdade, Mu'awiah ibn Abu Sufian (que Allah esteja satisfeito com ele) certificou-se do apoio de diferentes províncias ao seu filho Yazid, apesar do fato de haver três dos companheiros do profeta (a paz esteja com ele) e dos filhos dos companheiros<sup>48</sup> (que Allah esteja satisfeito com eles) que não concordavam com essa nomeação. Porém, o consenso da nação para a nomeação de Yazid como herdeiro era evidente e, sem dúvida, era esse consenso que Mu'awiah (que Allah esteja satisfeito com ele) procurava. Este ijtihad (empenho) da parte de Mu'awiah tinha como objetivo evitar a divergência da nação, que era uma prioridade para ele, além de todas as coisas.

Apesar de a fundação do califado ter adotado o sistema de designação de um sucessor desde Mu'awiah ibn Abu Sufian (que Allah esteja satisfeito com ele), ela não ignorou o sistema de *bai'ah*, ou a aceitação do novo governante pelas massas. Era uma nomeação acompanhada de voto de fidelidade para enfatizar a satisfação do povo sobre a sua nomeação. E esclarecemos isso no último capítulo.

Por isso, os califas omíadas, desde a época de Mu'awiah (que Allah esteja satisfeito com ele), levaram em consideração na pessoa que será designada como sucessor que ele tenha qualidades nobres e boa moral. Quanto aos que eram conhecidos por práticas indecentes e maus comportamentos, estes eram reprovados, acusados e ameaçados de serem excluídos do processo de sucessão para o cargo de governante. Assim, Mu'awiah (que Allah esteja satisfeito com ele) definiu as qualidades que devem ser cumpridas pelos candidatos a califa, entre elas: honestidade, generosidade, paciência, castidade e coragem<sup>49</sup>. Ele também acreditava que a tolerância e a generosidade eram as qualidades mais importantes que deviam ser preenchidas por um governante. Isso porque a tolerância evita as divergências e unifica as fileiras. Mu'awiah disse a seu filho Yazid: “Ó filho, junto com a tolerância não há remorso”<sup>50</sup>.

A nomeação do filho mais velho como sucessor não era regra. Os califas muçulmanos zelavam em escolher os mais aptos entre seus filhos, independente de suas idades. Às vezes, escolhiam pessoas de fora da linhagem da família governante, pois o critério primordial de escolha era sempre a aptidão para o posto de governante e não os laços familiares.

Estes califas foram capazes de atingir os objetivos e propósitos da religião islâmica. Yazid ibn Mu'awiah foi o primeiro a se dirigir a

48 Al Tabari: *Tarikh Al Umam wa Al Muluk* (História das nações e reis), os três que se opunham a Yazid foram Hussain ibn Ali, `Abdullah ibn Al Zubair, e Abdul Rahman ibn Abu Bakr (que Allah esteja satisfeito com eles).

49 Al Nuwayry: *Nihayat Al arab*, 04/06.

50 Ibn Al Taqtaqa: *Al Fakhri fi Al Aadab Al Sultaniyah*, p. 105.

Constantinopla, capital do Império Bizantino. O profeta (a paz esteja com ele) anunciou a boa nova sobre a conquista de Constantinopla e elogiou aqueles que iriam realizar esse feito. Ele (a paz esteja sobre ele) disse: “O primeiro exército entre meus seguidores que irão conquistar a cidade de César terão os seus pecados perdoados”<sup>51</sup>.

Abdul Malik ibn Marwan, que governou de 65 a 86 d.H, também assumiu o governo pelo princípio de sucessão nomeada. Durante o seu reinado, o Governo Islâmico se expandiu tanto que o Islam estava sendo difundido em quatro direções diferentes simultaneamente. Maslamah ibn Abdul Malik<sup>52</sup> foi líder nas conquistas da China, enquanto Qutaibah ibn Muslim Al-Bahili<sup>53</sup> conquistava Samarcanda e seus arredores, Muhammad ibn Al-Qasim, liderava na Índia, e Mussa Ibn Nusair<sup>54</sup>, no Norte da África e, em seguida, Andaluzia. E é incrível o fato de o Califado Abássida ter alcançado a vitória em todas essas frentes e espalhou a civilização islâmica entre os povos de todas essas regiões<sup>55</sup>.

Outro exemplo é a nomeação feita por Sulayman ibn Abdul-Malik (falecido em 99 d.H), que nomeou Omar ibn Abdul-Aziz (falecido em 101 d.H), enquanto era esperada a nomeação de seu irmão (de Sulayman), Hisham ibn Abdul-Malik (falecido em 126 d.H)<sup>56</sup>.

Semelhante situação aconteceu com Abdul-Rahman ibn Mu'awiah al Dakhil (falecido em 172 d.H), quando queria escolher o melhor de seus dois filhos, Hisham e Sulayman, para sucedê-lo, apesar de Sulayman ser o mais velho de seus filhos. Abdul-Rahman Al-Dakhil entregou a seu filho Abdullah a tarefa de empossar um de seus dois irmãos quando estava no leito da morte, enquanto Hisham estava na cidade de Mérida e Sulayman estava na cidade de Tulaitilah (Toledo). Então, ele disse a seu filho Abdullah: “Dá o selo e a ordem para aquele que vier primeiro até você. Caso Hisham venha em primeiro lugar, ele tem a virtude de sua piedade, castidade e a união da palavra sobre ele. E se Sulayman vier em primeiro lugar, ele tem a virtude de ser o mais velho, ter bravura e o amor do povo da Síria

51 Al Bukhari: Kitab Al Jihad wa Al Siar (Livro do Jihad e biografias) (2766).

52 Maslamah ibn `Abdul Malik: (cerca de /66-120 d.H / 685-738 d.C), Maslamah` ibn Abdul Malik ibn Marwan ibn Al Hakam ibn Abu Al `Aas Al Umawi. Ele nasceu e cresceu em Damasco. Ele exerceu muitos esforços na guerra, especialmente contra os romanos e bizantinos. Veja: Al Mizzi: Tahzhib Al Kamal, 27/563.

53 Qutaibah ibn Muslim: Ibn Amr ibn Hussain ibn Rabi `ah Al Bahily, um comandante corajoso e herói. Ele era conhecido pela firmeza e astúcia. Ele foi o comandante do exército que conquistou Khawarizm, Samarkand e Bukhara e, em seguida conquistou Fergana e a terra dos turcos. Veja: Al Zhababi: Siar A'lam Al Nubala (Biografias dos Notáveis), 4 / 410.

54 Mussa Ibn Nusair: (falecido em 97 d.H) cresceu em Damasco. Al Walid Ibn Abdul Malik o nomeou emir no norte da África em 88 d.H. Juntamente com Tariq ibn Ziad, conquistou a Andaluzia em menos de um ano. Ele morreu em Madinah. Veja: Ibn Khillikan, Wafayat Al A'ian, 5 / 318.

55 Ver: Yussuf Al Qaradawi: Tarikhuna Al Muftara Alayh (Nossa História falsamente acusada), p. 82.

56 Al Tabari: Tariikh Al Umam wa Al Muluk (História das nações e reis), 4 / 74.



por ele”. Hisham veio primeiro de Mérida e ficou em Rusafa. Hisham tinha medo de que seu irmão Abdullah pudesse lutar contra ele, porque ele já tinha o controle de Córdoba, do palácio e dos bens. No entanto, seu irmão, Abdullah saiu até ele, o saudou como o novo califa, deu o selo a ele como seu pai recomendou, e o introduziu no palácio<sup>57</sup>.

Com essa atitude, o emir Abdul-Rahman al Dakhil, demonstrou que ele queria que o mais apto de seus filhos o sucedesse. Ele estava convencido de que seu filho Hisham era o mais adequado para essa posição, pois viu nele a piedade, desinteresse e qualificação para assumir o governo. Mas ele não queria causar confrontos entre os dois irmãos, porque era costume que o mais velho, Sulayman, sucedesse a seu pai. Para atingir seu objetivo sem confrontos entre os irmãos, o pai definiu uma condição, que era chegar mais rápido em Córdoba, e também nomeou um árbitro, seu filho Abdullah. Abdul-Rahman Al-Dakhil acertou em sua suspeita, e o mais rápido dos dois filhos foi Hisham, que também era o mais apto e mais qualificado para governar o país.

Não há dúvida de que o posto de sucessor na civilização islâmica foi uma realidade compatível com as novidades ocorridas no Governo Islâmico, ou seja, a expansão das terras e a diversidade das raças. Por isso, o fruto mais importante deste sistema foi a manutenção da unidade da nação islâmica, isso foi conseguido por um longo tempo até que o Califado Otomano foi abolido em 1924.

---

57 Ibn Adhara: Al Baian Al Mughrib, 2 / 61.

# 5

## A Relação dos Governantes com o Povo na Civilização Islâmica

---

Das faces da grandeza da civilização islâmica, é que ela igualou entre todos os grupos sociais que vivem em seu seio, assim, o público em geral sente a igualdade real entre eles e o governante, assim como sente a atenção e assistência prestadas por eles. Eis o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele), que é o bom exemplo para os humanos, ensinando para sua nação o valor da participação do governador junto do povo nas épocas de prosperidade e adversidade. Desde os primeiros momentos do estabelecimento do Governo Islâmico em Madinah, o profeta (a paz esteja com ele) participou com seus companheiros na construção da mesquita. Úruah disse: “O mensageiro transportava pedras com eles na sua construção, e dizia enquanto carregava: “Este é o transportador, não o transportador de Khaibar, este é o mais fiel ao nosso Senhor e mais puro”. E dizia: “Ó Allah, a verdadeira recompensa é a da Vida Eterna, pois, tendes misericórdia dos anssar e dos muhajirah”<sup>58</sup>.

Na época da adversidade, o encontramos ao lado de seus companheiros, elevando a moral e introduzindo a felicidade em seus corações pessoalmente na escavação das trincheiras. Ele repetia as palavras de Ibn Rawahah quando transportava a terra, e tinha a brancura de sua barriga coberta pela terra<sup>59</sup>, essa descontração teve o seu impacto na amenização da aflição que os seus companheiros estavam sofrendo durante esta batalha, assim como teve um impacto na energia enviada e atividade, e na realização

---

58 Al Bukhari: Abuab Al Massajid (Capítulos sobre as mesquitas) (418), e Muslim: Kitab Al Massajid wa Mawadhi'Al Salah (Livro de mesquitas e lugares de oração) (524).

59 Ibn Hisham: Biografia do profeta 1 / 495, e Ibn Kathir: Biografia do profeta 2 / 306, e Al Suhayli: Al Rawd Al Anif 2 / 336.

da tarefa antes da chegada dos inimigos. Desta maneira, este foi o melhor líder que viveu, realmente, tinha preocupações com seu povo.

Os califas probos depois do profeta (a paz esteja com ele) seguiram os seus passos no relacionamento entre o governante e o governado. Encontramos Abu Bakr e Omar ibn Al Khattab competindo um com o outro para auxiliar uma mulher cega que fazia parte do povo. É narrado que Omar ibn Al Khattab disse: “Eu cuidava de uma mulher idosa e cega, que vivia numa das extremidades de Madinah, de noite. Eu lhe trazia água e cumpria o que ela precisava. Quando eu chegava, percebia que alguém tinha se antecipado a mim e arrumava o que ela queria. Então, eu vim mais de uma vez para não ser precedido por ninguém e monitorei quem vem a auxiliar. Vi Abu Bakr – que na época era o califa. Omar disse: Então, tu és esta pessoa!”<sup>60</sup>.

A preocupação dos governantes muçulmanos pelo povo em geral atingiu um elevado grau. Temos o exemplo do califa dos muçulmanos Omar ibn Al Khattab, que zelava extremamente pela segurança do seu povo e se preocupava com eles, mesmo no campo de batalha. Ele escreve para Al-Nu'man ibn Muqrin: “Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso. Da parte do servo de Allah, Omar, o emir dos crentes, para Al-Nu'man ibn Muqrin, a paz esteja contigo. Eu louvo a Deus, com Quem não há divindade além d'Ele. Fui informado que uma multidão de persas se reuniram na cidade de Nahauand. Quando receberdes esta minha mensagem, marche, com a permissão de Allah e com a Sua ajuda e vitória, com quem está contigo entre os muçulmanos. Não os faça caminhar por locais difíceis que os molestem, não os impeça os seus direitos, não os faça entrar dentro de uma selva, porque um homem dos muçulmanos é mais precioso para mim do que cem mil dinares. E a paz esteja convosco”<sup>61</sup>.

No ano de “Al-Ramadah”, o califa Omar ibn Al Khattab participa com o seu povo o sofrimento e angústia, e faz de si mesmo um exemplo nesta crise. É relatado por Ibn Sa'd que Omar ibn Al Khattab trouxe pão quebrado em manteiga no ano de Al-Ramadah, ele chamou um homem nômade e começou a comer com ele, o homem procurava a gordura do lado do prato. Omar disse a ele: Parece que gostas da gordura. Ele disse: “Sim, não como manteiga nem óleo, nem vi alguém comer desde tal e tal até este dia”. Omar jurou que não comerá carne nem manteiga até que as pessoas vivam bem. Omar se influenciou pela situação das pessoas na crise de Al-Ramadah, a ponto de sua cor mudar, sendo um exemplo para

60 Al Suiuti: História dos Califas 1 / 74.

61 Al Tabari: Tarikh Al Umam wa Al Muluk (a história das nações e reis), 2 / 365.

todos os governantes ao longo dos tempos. Ibn Sa'd relata que era trazido para Omar pão com óleo de noite e, certo dia, abateram um camelo e ele o distribuiu entre as pessoas, que comeram as melhores partes e, quando lhe foi trazido um prato com fígado, ele disse: "O que é isso? "Eles disseram: "Ó emir dos crentes, parte do camelo que abatemos hoje". Ele disse: "Um governante maligno eu sou se comer a sua melhor parte e dar as pontas dos ossos. Tire este prato e traga-nos outro alimento. Trouxeram óleo e pão, e ele começou a quebrar o pão com suas mãos e, em seguida disse: "Ai de você Iarfá<sup>62</sup>! Tire este prato, e leve-o para uma família em Thamagh (um local perto de Madinah), faz três dias que não os visito, então, suspeito que estão com fome. Coloque o prato para eles"<sup>63</sup>.

E em uma das maiores atitudes de preocupação dos califas com o povo em geral, vemos o califa abássida Al-Mu'tasim (falecido em 227 d.H) formando exércitos para resgatar uma mulher que foi capturada pelo exército romano. Ela implorou a sua ajuda, dizendo: Ó Mu'tasimah! "Ele atendeu ao seu chamado quando estava sentado em seu trono: Aqui estou! E levantou-se na mesma hora, e gritou em seu palácio que o exército fosse preparado e montou em sua montaria... e disse: Qual região dos romanos é mais prevenida e guardada? Foi dito: Amuriyah, ninguém se dirigiu a esta cidade desde o surgimento do Islam, e é o centro dos cristãos, e mais nobre para eles que Constantinopla. Então, Al-Mu'tasim marchou de Samarraá... e se equipou com munição, número expressivo de soldados e equipamentos de uma maneira jamais feita por um califa antes dele. Ele chegou em Amuriyah no sexto dia do mês de Ramadan de 223 d.H, e permaneceu lá 55 dias, distribuiu os prisioneiros entre os comandantes e caminhou em direção a Tarso"<sup>64</sup>.

Esta atitude não foi uma ocorrência isolada no assunto da atenção dos governantes muçulmanos com seus povos, mas era uma atitude enraizada na civilização islâmica, igual à qual não encontramos paralelo em outras civilizações. Al Hajib Al Mansur ibn Abi Amir<sup>65</sup> formou um exército inteiro para salvar três mulheres muçulmanas que foram presas nos países bascos, onde um de seus mensageiros visitou uma igreja, e uma mulher aprisionada a muito tempo se apresentou a ele e disse-lhe: Al-Mansur aceita esquecer a miséria dela desfrutando de seu bem-estar, tem a veste da

62 O nome de seu servo, e que era responsável pela Casa da Moeda.

63 Ibn Sa'd: Al Tabaqat Al Kubra (As principais classes) 3 / 312.

64 Ibn Al Athir: Al Kamil fi Al Tarikh (o perfeito em história) 6 / 45.

65 Al Hajib Al Mansur: Muhammad ibn Abi Amir, era porteiro do califa Hisham Al Mu'ayyad ibn Al Hakam Al Mustansir, governou pessoalmente e foi o auge da história da Andaluzia e a mais brilhante de suas épocas. Era homem de opinião, seriedade, inteligência, coragem e bravura. Veja: Siar A'alam Al Nubala 17/123.

saúde enquanto a veste dela se despedaçou, alegou estar a vários anos presa naquela igreja, com toda a humilhação e rebaixamento, e apelou para ele por Deus para que dê fim à sua história que causa sua angústia, o fez jurar solenemente e tomou dele as mais firmes promessas. Quando ele chegou até Al-Mansur o informou tudo que devia informar. Al-Mansur, por sua vez, ouviu com atenção até que ele acabou de falar. Quando ele terminou, Al-Mansur disse: Você observou algum assunto repudiável lá, ou só observou o que você acabou de me citar? Ele contou a história da mulher, e as promessas que ela tomou dele. Então, Al-Mansur o repudiou por ele não ter começado suas palavras com o assunto dela. E assim Al-Mansur, partiu para libertar esta mulher e as outras prisioneiras muçulmanas<sup>66</sup>.

Assim, era a relação entre os governantes e as pessoas comuns na civilização islâmica, uma relação baseada na misericórdia e compaixão, na dedicação e participação ativa, sem isolamento ou ostentação.

---

66 Al Maqari: Nafh Al Tib 1 / 404.

## 6

## As Contribuições Teóricas dos Muçulmanos no Sistema de Governo

---

**O**S sábios muçulmanos não ficaram de braços cruzados em meio aos acontecimentos tumultuosos pelos quais a civilização islâmica passou em diferentes estágios. Percebemos que a herança política do Islam está repleta de dezenas de obras que abordaram a questão do governo, califado e administração. Por isso, a literatura existente nesta área tornou-se como espelhos que refletem a realidade da situação e chamam a atenção dos califas para os seus pontos negativos, para que possam evitá-los.

Os cientistas muçulmanos perceberam a importância de se escrever nesta área desde o início do período da história da civilização islâmica. Um dos primeiros a escrever sobre as teorias políticas islâmicas e sua relação com a aplicação efetiva na fundação islâmica, foi o jurista Abu Yussuf<sup>67</sup> – aluno do Imam Abu Hanifa. Na introdução de seu livro “Al Kharaj”, ele confirma um conjunto de diretrizes gerais que determinam a natureza do relacionamento entre o governante e o governado, sem se aprofundar no empenho absoluto neste aspecto. Ele destaca a necessidade da obediência ao imam, e cita os ditos proféticos narrados neste assunto, entre eles, o dizer do profeta (a paz esteja com ele): “Se um escravo abissínio for nomeado vosso emir, devem ouvi-lo e obedecer”<sup>68</sup>. E Abu Yussuf reitera a

67 Abu Yussuf: Ya'aqub ibn Ibrahim ibn Habib Al Anssari Al Baghdadi (113-182 d.H / 731-798 d.C), companheiro do Imam Abu Hanifa e seu aluno. Foi o primeiro a publicar a sua escola. Jurista sábio, memorizador do hadith, nasceu em Kufa, onde buscou o conhecimento através do hadith e da narração. Foi o primeiro a ser denominado “juiz dos juizes”. Dentre seus livros mais importantes: Al Kharaj. Veja: Tazhkirat Al Huffadh 1 / 292, 293 e Al 'Alam 8 / 193 e Mu'jam Al Matbua't 1 / 488.

68 Narrado por Ibn Majah (2861), Al Tirmizhi (1706) e Ahmad (27301). Al Albani o classificou como autêntico (sahih).

importância da questão da obediência do povo ao califa, citando como evidência o dizer de Al-Hassan Al-Basri: “Não insultem os governadores, porque se eles fazem o bem, eles terão a recompensa e é vossa obrigação o agradecimento. E se mal fizerem, eles terão o pecado e é vossa obrigação ter paciência”<sup>69</sup>.

Abu Yussuf incentivou o califa a ouvir o povo, se aproximar deles, aceitar as críticas ou queixas com todo prazer. Ele toma como prova, a história do homem que veio aconselhar o emir dos crentes Omar ibn Al Khat-tab, dizendo-lhe: “Teme a Deus”. Quando um dos presentes na reunião o repudiou, Omar disse: “Deixe-o. Não existe bem neles se não a dizem para nós, e não existe bem em nós, se nós não aceitamos”<sup>70</sup>. Com isso, se esclarece que o hadith do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) foi a primeira fonte para *Abl Al-Sunnah* (os seguidores da tradição do profeta) para a formação de uma opinião ou o que se aproxima à teoria do califado, porém, foi um passo inicial que tomou a forma de conselhos e orientações<sup>71</sup>.

Encontramos a forma de escrita política entrar no nível de desenvolvimento desde o século III hijri, quando Ibn Qutaibah Al Dinwiri escreveu o seu livro “Al Imamah wa Al Siasah” (Liderança e Política). Talvez o título do livro é uma prova do aprofundamento dos estudiosos muçulmanos em absorver o assunto do imamato e governo e seus assuntos relacionados neste século. Este livro também enfatizou a atenção dos muçulmanos na política desde os primórdios do Islam, e demonstra que eles eram políticos hábeis na disposição dos diversos assuntos, e esclarece que o Islam é a religião da política e da liderança, assim como é a religião da tolerância e da fraternidade entre os muçulmanos.

Ibn Qutaibah iniciou o livro apresentando o tema da sucessão de Abu Bakr e o que ocorreu nela, e terminou o livro falando sobre a sucessão de Al Ma'mun. O livro apresenta as narrações sobre o assunto de cada califa separadamente, desta forma, é mais parecido com os livros de narrativa da história, que apresentam as narrações sem a intervenção do autor. Este livro é muito parecido com o livro “História de Al Tabari” e “Biografia de Ibn Hisham”.

E a partir daí, os escritos sobre o sistema político, especialmente o “cargo do Califado e do Califa”, constituíram formas sofisticadas e maduras sobre o assunto nos dois séculos seguintes. Encontramos Al Imam Al Mawardi, considerado um dos mais importantes autores que têm tratado a questão da sucessão (califado) e governança e suas implicações. Seu livro

69 Abu Yussuf: Al Kharaj p. 10.

70 Idem, p. 12.

71 Abdel Aziz Al Duri: Al Nudhum Al Islamiyah (Os sistemas islâmicos), p. 68.

“Al Ahkam Al Sultaniyah wa Al Uilaiat Al Diniah” (As Leis Governamentais e os Encargos Religiosos) é extremamente importante, tanto no lado científico como no lado prático, embora existam outros livros da época de Al Mawardi, como o livro “Russum Al Khilafah”, escrito por Hilal ibn Muhsen Al Sabi<sup>72</sup>, porém, este livro não se aprofundou muito, ou melhor, não nos ofereceu aquilo que as sociedades muçulmanas precisam sobre a maneira de sua administração e desenvolvimento, semelhante ao que encontramos no livro de Al Mawardi.

A verdade é que “o maior dos juízes” em sua época, Al Mawardi, que era aproximado do califa abássida Al Qáim Biamrillah e era um enviado diplomático entre o califa e a dinastia de Bani Buaih, se beneficiou destes envios, então decidiu esclarecer “as leis governamentais e os encargos religiosos” para as instituições políticas do Governo Islâmico, começando pelo imamato, e finalizando com as leis dos crimes e da *hisbah* (fiscalização). Também objetivou apresentar a todos os funcionários do Estado suas especialidades e responsabilidades e o quadro geral que ele governa, porque estas posições políticas formam a espinha dorsal da nação como um todo. A partir daí, Al Mawardi disse: “Dado que as leis governamentais são mais essenciais na vida das autoridades, e a mistura destas leis com todas as disposições da religião acaba os desligando de seu estudo por causa da ocupação na política, escrevi um livro exclusivo nesse assunto, cumprindo a ordem de Quem devo obedecer, para ensinar as doutrinas dos estudiosos naquilo que é seu direito para tê-lo, e naquilo que é seu dever para cumpri-lo, buscando a justiça na sua aplicação e sentença ao conceder e ao receber”<sup>73</sup>.

Al Mawardi citou o imamato junto com o califado, e disse sobre al Imamah: “Al Imamah foi estabelecida para o califado (sucessão) da profecia na guarda da religião e política dos assuntos mundanos, e estabelecê-la para quem a cumprir dentro da nação é uma obrigação por unanimidade”<sup>74</sup>. Com tato de erudito, Al Mawardi relaciona o assunto do califado à unanimidade reconhecida pelos estudiosos e herdada de geração a geração. A realização do califato é obrigatória por unanimidade, e ele não expressou o califado porque seus marcos reais ainda não estavam presentes, como a necessidade de se realizar a *shura*, que foi substituída pela nomeação de sucessão e *al bai'ah* (voto de fidelidade).

72 Hilal Al Sabi: Ele é Abu Hussain Hilal ibn Mohsen Al Sabi (359-448 d.H / 970-1056 d.C), historiador, escritor, do povo de Bagdá, foi encarregado do diuan de redação de Bagdá por algum tempo. Dentre os seus livros: Tuhfat Al Omará fi Tarikh Al Uzará, Gharar Al Balaghah, Russum dar Al Khilafa, Akhbar Baghdad (Notícias de Bagdá). Veja: Al Zirikli: Al A'alam 8 / 92.

73 Al Mawardi: Al Ahkam Al Sultaniyah, p. 1.

74 Idem, p. 3.



A teoria de Al Mawardi sobre o califado foi focada em vários aspectos, pode ser resumido no fato de que o imamato é obrigatório religiosamente, não racionalmente; ocorre por eleição; é uma condição no candidato ser de Coraix; também é exigência o voto de fidelidade da parte de ahl al hil wal áqd (pessoas sábias e dotadas de autoridade); também é permitido o governo do indivíduo mesmo com a existência de outro melhor que ele; é proibido haver dois imams num só momento; o primeiro vice pode exonerar os outros após se tornar imam, e essa é a opinião de Al Mawardi, e ele afirma que Al Shafi'i teve esta opinião<sup>75</sup>.

Entre as obras islâmicas mais famosas divulgadas no assunto dos sistemas políticos islâmicos, encontramos o livro “Siraj Al Muluk” (A luz dos reis), escrito por Abu Bakr Al Tartushi<sup>76</sup>, este livro reuniu as boas políticas de seis nações: “os árabes, persas, romanos, Índia, Sind e Sind da Índia”<sup>77</sup>.

Al Tartushi escreveu este livro para o novo ministro no Egito, “Al Ma'mun Al Bataihi<sup>78</sup>” e foi concebido para revelar a verdade e seguir o que foi ditado pela Lei, e a necessidade de respeitar as doutrinas da Sunnah, especialmente porque Al Ma'mun foi o ministro do Estado Ubaidi xiita no Egito.

O livro “A luz dos reis” é composto por sessenta e quatro capítulos, que tratam da política do reino, a arte do governo e administração dos assuntos do povo, abordou em seu livro as características que constituem um rei, as qualidades louváveis de uma autoridade, que firmam o seu reino e conferem perfeição a ele. Também abordou as qualidades que difamam a autoridade, citou as ações que o povo deve fazer quando a autoridade se inclinar à injustiça, abordou a relação da autoridade e seu cotidiano com os soldados, a coleta dos impostos, gasto e disponibilização dos fundos. Al Tartushi descreveu os ministros e seus atributos e educação, falou sobre a consulta e aconselhamento, considerados os fundamentos do reino, e apresentou as ações da autoridade sobre o dinheiro e os impostos e sua política em relação aos governantes das cidades. Abordou também a política do Governo em relação a *abl al z'himmah* (os não muçulmanos que vivem no território), e disposições conexas a tudo isso e falou sobre assuntos de guerra e o que necessita de política e medidas.

75 Ver: Al Mawardi, Al Ahkam Al Sultaniyah, p. 20.

76 Al Tartushi: Ele é Abu Bakr Muhammad ibn Al Walid ibn Khalaf Al Qurashi Al Tartushi (451-520 d.H / 1059-1126 d.C), literata, um dos juristas da escola maliki. É do povo de Tartusha, na Andaluzia Oriental, morreu em Alexandria. Veja: Ibn Khillikan: Wafiyat Al A'ayan 4/262-264.

77 Abu Bakr Al Tartushi: Siraj Al Muluk, p. 3.

78 Al Ma'mun Al Bataihi: (falecido em 519 d.H / 1125 d.C) cresceu pobre, trabalhou como transportador. Trabalhou com Al Afdhal Al Obaidi, se distinguiu até que se elevou e chegou ao Ministério do Egito. Era um cavaleiro corajoso, caridoso nas riquezas, derramador de sangue. Ele conspirou para matar Al Amir, foi descoberto, preso e crucificado. Veja: Siar A'alam Al Nubala 19/553.

E Abdul Rahman ibn Abdullah Al Shirazi (falecido em 589 d.H) escreveu seu livro “Al Manhaj Al Masluk fi Siasat Al Muluk” (A abordagem seguida na política dos reis). O objetivo do autor foi oferecer aconselhamento e orientação para o Sultão Salah Al-Din ibn Ayiub por meio de histórias e assimilando lições das condições dos reinos anteriores. Por isso, Al Shirazi diz sobre a razão da autoria deste livro: “Reuni para as suas ciências (de Salah Al-Din) este livro, que contém histórias de sabedoria, joias da literatura, regras em política e gestão dos assuntos do povo, conhecimento dos pilares do reino, regras de administração e distribuição dos espólios para o exército, o que o exército tem de direitos durante uma guerra. Alertei para as nobres qualidades e para a ética repreensível. Apontei a virtude da consulta e o incentivo para a sua realização, como ter resiganação no enfrentamento dos inimigos e a política do exército. Escrevi provérbios cujas provas de sua autenticidade são assimiladas pela mente, notícias raras e exemplos de poemas”<sup>79</sup>. Não há dúvida de que um comandante como Salah Al-Din, que se apoia nos estudiosos observadores das questões políticas e nos cientistas conhecedores desta ciência, merece alcançar vitória após vitória, e ter a força de seu governo superior a todos os governos, porque ele pediu apoio ao conhecimento e refletiu sobre as tradições de quem o antecedeu de califas e reis.

Este livro centra-se na política interna e externa do Estado, o autor aconselha o Sultão a necessidade de participar pessoalmente na resolução dos litígios entre o povo, ele diz: “Saiba que o rei sentar para descobrir as histórias dos oprimidos e para sentenciar entre os litigantes, é uma das maiores leis da justiça, cuja integridade não se generaliza senão com a sua consideração, e a justiça não se aperfeiçoa senão com esta atitude”<sup>80</sup>. Falando sobre as razões para o sucesso da política do reino e as razões de seu fracasso, ele direciona alguns conselhos importantes para Salah Al-Din, ao dizer: “As razões que levam o reino à destruição são três razões, uma delas: da parte do rei, que os desejos prevaleçam sobre a sua mente, se satisfazendo com todo prazer e com todo conforto que pode ter. A segunda: os ministros, quando possuem inveja, que leva à divergência de opiniões, qualquer um deles que chegue à verdade terá a oposição dos outros. A terceira: da parte do exército e dos auxiliares particulares, quando abandonam a seriedade e o aconselhamento durante a guerra”<sup>81</sup>.

O livro “Al Siasah Al Shar’iyah fi Islah Al Rai’i wal Rai’yiah” (A política religiosa na reforma do governante e do povo), de autoria de Taqi

79 Al Shirazi: Al Manhaj Al Masluk fi Siasat Al Muluk p. 158 159.

80 Idem, p. 562, 563.

81 Idem, p. 557.

Al-Din ibn Taimiyah<sup>82</sup>, é outro gesto importante na história dos escritos políticos islâmicos. Ele alertou que o segredo do regresso dos muçulmanos, da invasão de seus países e da ousadia dos inimigos para com eles, reside na corrupção do governante e, em seguida, na corrupção de seu rebanho. Por isso, este livro discutiu a corrupção do sistema de governo e administração a partir de dois importantes pontos, o primeiro deles é: “o cumprimento das responsabilidades” nos cargos e riquezas. E o segundo ponto: as punições e os direitos, os limites de Allah e Seus direitos, e os direitos que pertencem às criaturas. E assim, este livro tratou a área da conduta e ética, a área dos direitos e deveres do governante e do povo. Este livro teve grande popularidade entre os pesquisadores antigamente e atualmente<sup>83</sup>.

E Ibn Khaldun representa o auge da evolução da escrita sobre o sistema político islâmico, porque salientou claramente a relação da sociedade com a política, e a maneira de alinhar os vários e complexos segmentos da sociedade num só lugar. Nota-se que Ibn Khaldun, em sua famosa introdução, não parou nas fronteiras de uma determinada sociedade, mas estabeleceu um conjunto de padrões desiguais, e foi capaz de encontrar para esses padrões – nômades ou urbanos – soluções eficazes. Suas variadas obras, especialmente “Al Muqaddimah”, são consideradas provas de sua sabedoria abrangente e entendimento profundo. Vemos que os conceitos do califado e do imato, por exemplo, tomaram um amplo espaço e uma profundidade clara para ele, que estabeleceu que o califado é: “Guiar o povo, conforme a observação religiosa, em seus assuntos extra mundanos e mundanos, porque todas as situações do mundo estão relacionadas, perante a Lei, aos interesses da Vida Eterna, então ela, na verdade, é a representação do Proprietário da Lei na guarda da religião e na política do mundo conforme a Lei”<sup>84</sup>.

No entanto, Ibn Khaldun distinguiu entre o califado (a sucessão) e o reino. Ele disse: “Neste assunto (a realidade do reino), é dever observar as leis políticas impostas, às quais o povo aceita e se submete a elas... Se essas leis forem impostas pelos sábios e nobres do Estado, esta é uma política racional, e se for imposta por Deus, com um legislativo que a determina e a prescreve, esta é uma política religiosa que é útil e beneficia na vida mundana e na Vida Eterna...”<sup>85</sup>.

82 Ibn Taimiyah: Ahmad ibn Abdul Halim Al Harani (661-728 d.H / 1263-1328 d.C), um grande Imam, sábio em todas as áreas da religião, mufassir (interpretador do Alcorão), faqih (erudito), hafidh (memorizador), muhaddith (estudioso do hadith) Sheikh Al-Islam. Nasceu em Harran e morreu em Damasco. Veja: Al Safadi: Al Wafi bil Wafiyat 7/11.

83 Veja: Ibn Taimiyah: Al Siasah Al Shar'iyah, p. 4, 5.

84 Ibn Khaldun: Al Ibar wa Diuan Al Mubtada' wa Al Khabar 1 / 191.

85 A mesma fonte, 1 / 190, e veja: Dhafer Al Qassimi: o sistema de governo na Lei islâmica e na história islâmica 1 / 119.

E antes de concluir nosso resumido estudo sobre o papel pioneiro dos muçulmanos no domínio da literatura política, devemos enfatizar que a visão da literatura islâmica sobre os sistemas políticos era uma visão que parte do Livro de Allah (o Alcorão Sagrado) e da Sunnah de Seu mensageiro (a sua tradição e biografia) e respeita estas fontes. Portanto não segue aos caprichos dos governantes na consolidação do círculo de injustiça e opressão do povo, mas é uma literatura saudável e de conselho para eles. Não há diferença entre a literatura antiga e a moderna, ainda que são diferentes em termos de método, ou tratamento de um novo tópico.

Por isso, o objetivo dessas obras reside na busca do agrado de Allah (exaltado seja) e na esperança para o renascimento da civilização islâmica nas épocas destes eminentes cientistas. E na comparação entre estas obras islâmicas e muitas das obras de ocidentais neste domínio, como por exemplo, o livro “O Príncipe” de autoria do italiano Maquiavel, vemos que há uma grande diferença entre os dois objetivos. O livro de Maquiavel<sup>86</sup> foi escrito para satisfazer o governador de uma das cidades italianas, ele explicou neste livro como o governante eficiente deve se comportar, e seu princípio básico é “os fins justificam os meios”, significando que qualquer meio pode ser usado, mesmo que seja ilegítimo, contanto que conduza a um objetivo nobre. Maquiavel recomendou, em seu livro, a necessidade de se utilizar métodos de enganação, astúcia e fraude, com a utilização de métodos de crueldade, opressão e sofrimento e de dissuasão, para firmar o controle sobre o comportamento dos subordinados. Ele dizia: Não há moralidade na política<sup>87</sup>.

Não há dúvida de que este livro – e todos os que o tomaram como exemplo, como Napoleão Bonaparte<sup>88</sup>, Hitler<sup>89</sup> e outros ditadores do mundo – não tinham como objetivo impor a justiça entre o povo e buscar o bem-estar social dele, na medida em que era uma justificativa para o saque da nação e para satisfazer o prazer dos governantes. Porém, a literatura islâmica nesse aspecto teve o objetivo de corrigir o desvio dos governantes e do povo, e incitou-os – através de diferentes mecanismos e de várias maneiras – a necessidade de se aplicar a Lei de Deus em Sua própria Terra.

---

86 Maquiavel: Nicolau Maquiavel (1469-1527 d.C.), nasceu em Florença, Itália, considerado o fundador da teoria política realista, ou o que é hoje conhecido como a ciência política, o seu livro mais famoso é “O Príncipe”.

87 Veja: Ali ibn Naif Al Shahud: a civilização islâmica entre a autenticidade do passado e as esperanças para o futuro, p. 294.

88 Bonaparte: Napoleão Bonaparte (1769-1821 d.C.), Um dos mais famosos líderes militares europeus da era moderna, ele liderou a campanha francesa contra o Egito, e lutou em grandes batalhas na Europa e não foi vencido em nenhuma delas, exceto a batalha de Waterloo, depois da qual se exilou na ilha de Santa Helena, onde morreu.

89 Hitler: Adolf Hitler (1889-1945 d.C.), o famoso líder da Alemanha, lutou na Segunda Guerra Mundial contra os aliados, até que Berlim caiu de suas mãos. Ele cometeu suicídio.

# 7

## A Relação entre o Governante e o Governado na Civilização Islâmica

---

A relação entre o governante e o governado na civilização islâmica foi baseada no respeito mútuo. Não era semelhante à relação dos reis romanos e persas com seus súditos, que se baseava na opressão, na tirania e na divisão do povo em classes.

A fonte de onde os muçulmanos, tanto os governantes como os governados, assimilaram e seguiram este assunto sempre foi baseada no Alcorão e na Sunnah. Portanto, os líderes muçulmanos só governavam seus súditos por meio desta base, exceto nos casos de quem se desviou desta regra, porém, estes eram poucos. Assim, a nação teve um papel importante na avaliação dos governantes e funcionários em todos os níveis.

O mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele) considerou a reforma do comportamento de um governante e sua orientação à verdade como o melhor jihad (empenho e luta). O profeta (a paz esteja sobre ele) disse: “É parte do maior jihad dizer a verdade na frente de uma autoridade injusta.”<sup>90</sup> Por isso, é direito de toda a nação julgar os califas que praticam irregularidades, e o julgamento do imam (governante) é um princípio islâmico que surgiu com o início do Califado Islâmico desde antigamente. E observamos que alguns dos próprios califas convocaram para esse princípio. Abu Bakr Al-Siddiq (que Allah esteja satisfeito com ele) se referiu a isso em seu

---

90 Narrado por Al Tirmizhi (2174), Abu Daud (4344), Annassái (4209), Ibn Majah (4011) e Ahmad (18850). Veja: Sahih Al Jami' (2209).

primeiro discurso público após a *bai'ah* pública (promessa de fidelidade), quando disse: “Se eu errar, corrijam-me...”<sup>91</sup>.

Por isso, o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) costumava ouvir seus companheiros e aceitar a opinião deles, se ficar provada a sua solidez. Na batalha de Badr, o profeta (a paz esteja com ele) e seus companheiros se estabeleceram no local mais próximo aos poços de Badr. Mas Al-Hubab ibn Al-Mundhir (que Allah esteja satisfeito com ele) não aceitou isso. Com muita educação, ele disse ao líder dos muçulmanos, o profeta (a paz esteja sobre ele): “Ó mensageiro de Allah, Allah inspirou você a escolher este lugar e devemos cumprir ou é estratégia de guerra e opinião?” O profeta (a paz esteja com ele) respondeu: “É estratégia de guerra e opinião.” Al-Hubab disse: “Este lugar não é bom, vamos acampar próximos da água do poço e fazer uma bacia ou reservatório cheio de água, depois destruir todos os outros poços para que eles sejam privados de água”. O profeta (a paz esteja com ele) aprovou seu plano e concordou em realizá-lo<sup>92</sup>.

Esta posição de um dos soldados muçulmanos com o comandante geral das forças muçulmanas confirma a grandeza da civilização islâmica. A relação entre o governante e o governado se baseia na consulta, diálogo e respeito. E ao aprovar o ponto de vista de Al-Hubab (que Allah esteja satisfeito com ele), o profeta (a paz esteja com ele) confirmou e legalizou esta relação indissolúvel entre o governante e as massas na civilização islâmica.

Também lemos que um beduíno interrogou o emir dos crentes, Omar ibn Al Khattab (que Allah esteja satisfeito com ele), sobre algumas terras de pastoreio, que Omar tinha cercado e ordenou que ninguém deveria usá-las, até que ele permita. O beduíno disse: “Ó emir dos crentes, é o nosso país, no qual lutamos na era pré-islâmica e na qual abraçamos o Islam, por que está a cercá-las?”. Omar (que Allah esteja satisfeito com ele) fez uma pausa, soprou e torceu o bigode, e costumava fazer isso quando detestava algo. Quando o beduíno viu Omar fazê-lo, ele repetiu as palavras. Então, Omar disse: “A propriedade é a propriedade de Deus e os servos são servos de Deus. Se não fosse o que eu carregue pela causa de Deus, eu não teria cercado um só palmo de terra”<sup>93</sup>.

Alguns dos governantes nomeados por Omar (que Allah esteja satisfeito com ele) eram de alto grau de temor a Deus (exaltado e glorificado seja), a ponto de o povo em sua província estarem todos ricos e ele em

91 Al Tabari: *Tarikh Al Umam wa Al Muluk* (História das Nações e Reis), 2 / 238.

92 Ibn Hisham: *Al Sirah Al Nabawiyah* (Biografia do profeta), 1 / 620; Ibn Kathir: *Al Sirah Al Nabawiyah* (Biografia do profeta), 2 / 402; Al Suhayli: *Al Rawd Al Anif*, 3 / 62, e Al Tabari: *Tarikh Al Umam wal Muluk* (História das Nações e Reis), 2-29.

93 Al Nawawi: *Al Majmu'*, 15/234

extrema pobreza. Um desses foi Sa'id ibn 'Amer Al-Jumahi (que Allah esteja satisfeito com ele). No livro *Tarikh Madinat Dimashq* (História de Damasco), Ibn Assakir Ali ibn Al-Hassan narrou que quando Omar veio para Homs, ele ordenou que os pobres da cidade fossem listados. Quando Omar verificou a lista, encontrou Sa'id ibn 'Amer (que Allah esteja satisfeito com ele). Ele perguntou: "Quem é Sa'id ibn 'Amer?". Eles disseram: "Ó emir dos crentes, ele é o nosso emir". Ele disse: "Vosso emir é pobre?". Eles disseram: "Sim". Omar perguntou: "Como pode o seu emir ser pobre? Onde está o seu salário? O seu sustento, onde está?" Eles disseram: "Ó emir dos crentes, ele não guarda nada". Omar chorou e, em seguida, ordenou uma bolsa com um mil dinares e mandou para ele e disse ao mensageiro: "Envie minhas saudações a ele". No entanto, o emir não aceitou o dinheiro enviado por Omar (que Allah esteja satisfeito com ele) e, por sua vez, enviou o dinheiro para os combatentes pela causa de Deus<sup>94</sup>.

Outro exemplo é o do *tabi'* (seguidor, a geração seguinte à dos companheiros do profeta), Abu Muslim Al-Khawlani (que Allah esteja satisfeito com ele), que não costumava temer nada nem ninguém, além de Allah, levantou-se e dirigiu-se ao califa dos muçulmanos e o maior líder do mundo, enquanto ele estava no púlpito e disse-lhe: "Ó Mu'awiah, você é apenas um dos túmulos. Se você trazer alguma coisa, você terá algo, caso contrário você não terá nada. Ó Mu'awiah, não considere que o califado é para arrecadar fundos e distribuí-los, mas o califado é pronunciar a verdade, praticar a justiça e levar as pessoas para Allah. Ó Mu'awiah, não importa o quão nebulosos são os rios, se a nossa visão é pura. Cuidado para não se inclinar a uma determinada tribo, pois este desvio abaterá a sua justiça". Depois sentou-se. Então, Mu'awiah (que Allah esteja satisfeito com ele) disse: "Que Allah te abençoe, Abu Muslim"<sup>95</sup>.

O princípio da solidariedade social entre o governante e o governado foi evidente em nossa civilização islâmica. Os califas se preocuparam em eliminar constrangimento e dificuldade que poderia haver sobre os seus súditos. O califa abássida Al-Mu'tadid Billah (falecido em 289 d.H) tratava a classe dos agricultores com muita generosidade. Ele costumava oferecer-lhes várias assistências e adiar o imposto sobre a terra até um mês após a colheita, a fim de ajudá-los a melhorar suas condições financeiras e de vida. Por isso, em sua época as suas condições de vida melhoraram consideravelmente<sup>96</sup>.

94 Ver: Ibn 'Assakir: *Tarikh Madinat Dimashq* (A História de Damasco), 21/148, 149.

95 Al Tabari: *Tarikh Al Umam wal Muluk* (História das Nações e Reis), 5 / 297.

96 Ver: Yussuf Al 'Ush: *Tarikh` Asr Al Khilafah Al Abbasiyyah* (História do Califado Abássida), p. 167.

Mesmo no tempo de vulnerabilidade e fraqueza que afligiu o Califado Abássida, encontramos alguns califas tentando melhorar a vida de seu povo e satisfazer as suas necessidades. O califa abássida Al-Qader Billah (falecido em 422 d.H) era um homem de religiosidade, de permanente oração durante a noite e de muita virtude e doações. Ele costumava pegar dois terços do alimento que lhe era preparado e dividi-lo em duas grandes mesquitas. Ele se disfarçava e vestia-se como as pessoas comuns, a fim de ser capaz de saber as condições das massas de perto. Foi relatado que ele compôs um livro sobre “os fundamentos da jurisprudência” de acordo com a escola do hadith, e o livro era lido toda sexta-feira no círculo dos “estudiosos do hadith” na Mesquita Al-Mahdi, onde as pessoas costumavam ir para ouvir tais palestras<sup>97</sup>.

Em tempos de adversidade, os califas e emires costumavam ficar ao lado de seus povos, sentindo as suas dores e cooperando com eles pessoalmente para satisfazer as suas necessidades. Durante a era do emir da Andaluzia Abdul-Rahman ibn al Hakam (falecido em 238 d.H) a Andaluzia sofreu uma grande fome causada por gafanhotos amarelos que devastaram a terra. Então, o califa alimentou os mais fracos e pobres pessoalmente junto com seus funcionários<sup>98</sup>.

Quanto ao relacionamento entre os califas e os seus emires, era um relacionamento repleto de respeito, dando-se ao califa o seu direito e estima em todos os momentos. Quando o califado passava por uma etapa de severa fraqueza, encontramos a consciência coletiva da nação – tanto da massa como de seus líderes – com todos respeitando a instituição política representada na pessoa do califa.

O exemplo mais destacado dessa relação foi a do líder Salah Al-Din Yussuf ibn Ayiub (Saladino, que Allah tenha misericórdia dele) com o Califado Abássida. Na verdade, a liderança e o controle estavam nas mãos de Saladino, sendo ele o verdadeiro herói de toda a nação islâmica, o comandante militar que destruiu a força militar dos cruzados, conseguiu libertar Jerusalém e restaurou o orgulho e a dignidade da nação islâmica. Ele foi o líder político de uma área razoável, que incluiu a região da Síria, Egito, Península Arábica e Iêmen. No entanto, as fontes históricas enfatizam a relação estreita entre Saladino e o califa abássida, que não possuía poder, com exceção de seu controle sobre Bagdá e arredores. As cartas trocadas entre Saladino e o califa abássida mostrou um reconhecimento explícito de que o califa abássida era o califa legítimo de todos os muçulmanos. Saladino (que Allah tenha misericórdia dele) enviou uma mensagem de felicitações

97 Ibn Al Jawzi: Al Muntazhim, 7 / 161.

98 Ver: Ibn Hayyan Al Qurtubi: Al Muqtabas min Anba Al Andalus, p. 225.



ao califa abássida Al-Nassir Lidin-Allah<sup>99</sup>, mas o assunto não se resumia a apenas felicitações, mas Saladino sempre consultava o califa, e algumas das conquistas de Saladino foram um serviço prestado ao califa abássida. Isto foi confirmado por Ibn Kathir em seu livro de história. O objetivo do cerco de Saladino à cidade de Mosul foi “trazer seu povo de volta para a obediência do califa e ao apoio do Islam”<sup>100</sup>. A relação entre o califa e Saladino (que Allah tenha misericórdia dele) atingiram os níveis mais altos de amabilidade e de aproximação, e o califa concedeu-lhe presentes em 570 d.H<sup>101</sup>.

No século V d.H, Yussuf Ibn Tashfin<sup>102</sup>, foi o líder da Dinastia Murabitun (almorávida) que unificou o Marrocos e, em seguida, Marrocos e Andaluzia juntos. Ibn Tashfin se considerava “servo do Imam abássida”<sup>103</sup>, apesar da distância entre Marrocos e Iraque e o fato de o Marrocos ser, na verdade, independente. No entanto, Yussuf ibn Tashfin fez questão de estar subordinado ao Califado Abássida. Ele trocou correspondências com o califa abássida Al-Mustadhir, que atendeu o seu pedido e deu-lhe o governo do Marrocos. E o sermão de sexta-feira nas regiões dos almorávidas era responsabilidade dos abássidas, e Yussuf ibn Tashfin foi nomeado Amir Al-Muslimin (líder dos muçulmanos) e não Amir Al-Muminin (líder dos crentes), em um gesto respeitoso com o califa<sup>104</sup>.

Muitos emires tornaram-se independentes do califado em suas províncias e suas regiões desde a posse de Tahir ibn Al-Hussain<sup>105</sup>, que assumiu o emirado de Khorasan em 205 d.H e conseguiu assegurar a independência de sua província para si e para seus filhos depois dele, até 259 d.H, porém ele não se opôs ao Califado Abássida e suas exigências. O mesmo também ocorreu com Ahmad ibn Tulun, governante no Egito, que se tornou independente desde 254 d.H e, em seguida, seu filho depois dele; Muhammad ibn Tughj

99 Ver: Muhammad ibn Taqi Al Din Al Ayiuby: *Midmar Al Haqa'iq wa SIRR Al Khala'iq*, p. 5.

100 Ibn Kathir: *Al Bidayah wa Al Nihayah* (O Princípio e o Fim), 12/387.

101 Ibn Al Athir: *Al Kamil fi Al Tarikh* (O Perfeito em História), 5 / 132.

102 Yussuf Ibn Tashfin, Abu Ya'qub Yussuf ibn Tashfin ibn Ibrahim Al Sanhaji Al Lamtuni (410-500 d.H/1019-1106 d.C), sultão do Marrocos, construtor de Marrakech, e comandante da famosa Batalha de Al Zalaqah. Ele foi das melhores pessoas em termos de piedade e de política. Veja Al Zirikli: *Al A'lam*, 8 / 222.

103 Veja: A mensagem do Imam Abu Bakr ibn Al Arabi para o Imam Al Ghazali. Al Salabi: *Estado dos Almorávidas*, p. 123.

104 Abu Al Abbas Al Nassiri: *Al Istiqssa fi Akhbar Al Maghrib Al Aqsa* 2/58.

105 Tahir ibn Al Hussain: Abu Al Taiyb Tahir ibn Al Hussain ibn Mus'ab Al Khuza'i (159 – 207 d.H / 775 – 822 d.C). Um dos grandes ministros e comandantes em educação, sabedoria e valentia. Abriu o caminho para o reino de Al Ma'mun Al Abbasi, foi designado por ele para a polícia de Bagdá e, em seguida, para o governo de Al Mussil e das regiões da Península, Síria e Marrocos. Em seguida permaneceu em Khorasan onde foi morto. Veja Al Zirikli: *Al A'lam* 3 / 221.

Al-Ikhshid<sup>106</sup> no Egito desde 323 d.H; Banu Hamdan em Halab (Aleppo); e outros no Marrocos e na Andaluzia.

Na verdade, muitos destes emires independentes respeitavam a instituição do califado. Apesar de terem sido os verdadeiros governantes dos seus países, eles estavam sob a autoridade do Califado Abássida na maioria das vezes.

Esta evolução ocorrida no cargo do emirado desde o século III d.H foi acompanhada por um desenvolvimento paralelo na civilização das próprias regiões e províncias, individualmente. Os emires independentes tentaram desenvolver e melhorar seus países e procuraram atender as necessidades de seus povos de tal forma que nós encontramos alguns deles superando a instituição do califado no plano militar e econômico. Assim, não nos surpreendemos quando vemos o califa abássida Al-Mustakfi Billah (falecido em 338 d.H) escrevendo ao governante independente do Egito, Muhammad ibn Tughj Al-Ikhshid, propondo-lhe que ele governe Baghdad (Bagdá), juntamente com o seu governo do Egito, Síria, Iêmen, Makkah e Madinah. Por isso, era natural que as condições do Egito melhorassem com um governante com a eficiência e capacidade de Al-Ikhshid. Ele ordenou que fosse padronizado o dinar ikhshide, e a moeda se desenvolveu durante seu governo após a corrupção, e esta foi uma prova da posição de prestígio do Egito sob o domínio de Ikhshid<sup>107</sup>.

Uma evidência do progresso civil alcançado pela civilização islâmica nos emirados e do papel dos governados e do povo neste campo é que os muçulmanos nos casos de agitação e revolução entregavam o cargo ao juiz, escrevão ou a quem tenha as qualificações para assumir o governo no emirado nestes tempos difíceis, até que a estabilidade seja restaurada e, em seguida, este governante temporário é destituído e uma pessoa qualificada é nomeada. Isso ficou evidente na Andaluzia. Marwan ibn Abdullah ibn Marwan, de Valência, cujo juiz e chefe era chamado “Abu Abdul-Malik” assumiu o Poder Judiciário de seu país em zhul hijjah (12º mês lunar) em 538 d.H. Em seguida, ele assumiu o governo quando a dinastia Lamtuni caiu no início do mês de shawal (10º mês lunar) de 539 d.H. Foi dada a *bai’ab* (promessa de fidelidade) a ele como governante no mês de safar (2º mês lunar) de 540 d.H, e continuou por algum tempo até que ele foi destituído e deixou Valência...<sup>108</sup>.

106 Muhammad ibn Tughj Al Ikhshid: Abu Bakr Muhammad ibn Tughj ibn Juf ibn Khaqan Al Farghani Al Turki (268 – 334 d.H / 882 – 946 d.C), fundador do Estado Ikhshidi. Morreu em Damasco. Veja: Al Zhababi, *Siar Alam Al Nubala* (Biografias dos Notáveis) 15 / 366.

107 Adam Metz: *A Civilização Islâmica no quarto século hijri* 1 / 53.

108 Ibn Al Abbar: *Al Takmilah li Kitab Al Silah* 2 / 185.

O leitor pode perceber que este fenômeno é muito difundido na história e civilização da Andaluzia. As pessoas se acostumaram e aprovaram este método. Este cargo citado por Ibn Al Abbar, é um tipo de presidente temporário para dirigir o país em tempos de turbulência, semelhante ao líder parlamentar do nosso tempo, que assume a presidência quando o chefe de Estado morre, ou o seu mandato expira até que um novo presidente seja eleito. Também é semelhante ao cargo de vice-presidente em tais crises. Outro exemplo foi o governo de Akhil ibn Idris Al-Qaisi, um escriba, de Randah, sua alcunha era Abu Al-Qasim e era um sábio, eloquente, inteligente, pessoa generosa e tolerante. Ele assumiu o Estado de Randah quando eclodiram distúrbios no país e foi deposto depois. Inicialmente, ele era escriba do juiz Abu Jaafar ibn Hamdin e, posteriormente, ele assumiu o tribunal de Córdoba e Sevilha<sup>109</sup>.

Uma vez que os estudiosos muçulmanos são o coração vivo da nação, eles sempre, ao longo de sua história, resistiram à injustiça que aflige o povo desta nação. Al-Imam Al-Nawawi (que Allah tenha misericórdia dele) teve uma história famosa com o sultão do Egito e da Síria, Rukn Al-Din Baybars, que dominou uma grande parcela da área de Damasco com o argumento de livrá-la dos tártaros, ele anexou a área à sua propriedade e privou os beneficiários dela. Isso levou Al-Nawawi a enviar sucessivas cartas para Baybars, até que ele finalmente atendeu a sua exigência. Em uma das cartas enviadas por Al-Nawawi, se lê: “Vários tipos de danos que não podem ser expressos têm afligido os muçulmanos que têm propriedades nesta terra, e foi exigido deles (os proprietários) provas que não lhes são obrigatórias. Esta terra não é lícita a qualquer pessoa (além de seus proprietários) de acordo com todos os sábios muçulmanos. Aquele que mantém uma parcela sob seu controle, esta é considerada sua propriedade e ninguém tem o direito de oposição, e não é exigido do proprietário nenhuma prova. O sultão é conhecido por gostar de observar a shari’ah e recomenda os seus funcionários a fazê-lo, pois ele é o primeiro que deve observá-la<sup>110</sup>.”

Estes casos e outras dezenas de casos são uma prova da grande liberdade que o povo muçulmano tinha, seja um cidadão comum, seja um jurista, sábio, intelectual ou notável. Tudo isso enfatiza a grandeza e maravilha da civilização islâmica.

---

109 Idem, 1 / 174.

110 Abdul Razzaq Al Kailani: Min Mauaqif Udhamá Al Muslimin (Dentre as atitudes dos grandes muçulmanos), p. 262.

# 8

## As Desordens Políticas sob a Ótica Civilizada

---

A civilização islâmica tratou as discórdias políticas a partir de uma perspectiva diferente, jamais conhecida pelos sistemas de governos de antes. Não combateu todos os conflitos com o domínio e a repressão como era o costume antigamente, mas usou de várias maneiras para afastar cada discórdia separadamente. A Sunnah do profeta (a paz esteja com ele) destacou o papel do indivíduo nos tempos de provações e confusões. Abdullah ibn Amr (que Allah esteja satisfeito com ele) disse: quando estávamos sentados ao redor do mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele), ele mencionou al fitnah (sedição, discórdia e conflito), ou ela foi mencionada na sua presença. O profeta (a paz esteja com ele) disse: “Quando você ver as pessoas, com suas promessas confusas, com suas honestidades diminuídas, e se tornarem assim”, e ele cruzou os dedos. Levantei-me e disse: Que hei de fazer, então? O profeta (a paz esteja com ele) disse: “Fique em casa, deve restringir a sua língua, pegue o que você sabe, deixe o que você não conhece, e deve gerir seus próprios assuntos e deixar os assuntos dos outros.”<sup>111</sup> Assim, o profeta (a paz esteja com ele), conclamou os muçulmanos, que não têm condições de resolver o problema, a não se misturar com as pessoas em tal luta, mas é melhor para eles ficarem em casa.

A civilização islâmica foi realista ao lidar com discórdias, revoluções e agitações. A primeira discórdia enfrentada pela nação islâmica foi o desacordo entre o emir dos crentes Ali ibn Abu Talib (que Allah esteja satisfeito com ele) e o governador da Síria Mu’awiah ibn Abu Sufian (que Allah esteja satisfeito com ele). Ali quis destituir Mu’awiah do governo da Síria,

---

111 Narrado por Abu Daud (4343), Ibn Maja (3957) e Ahmad (6987). Veja: Al Silsilah Al Sahihah (205).

e este último insistia em se vingar por Uthman (que Allah esteja satisfeito com ele). Os dois lados discordaram, ocorreram duas batalhas (Al-Jamal e Siffin), eles recorreram à arbitragem, depois disso, Ali (que Allah esteja satisfeito com ele) foi morto, por causa de tudo isso, a nação inteira estava em tumulto e turbulência óbvia. O que mais chama a atenção nesse conflito é o desejo do califa Al-Hassan ibn Ali (que Allah esteja satisfeito com ele) de evitá-la. A última recomendação que Ali ibn Abu Talib (que Allah esteja satisfeito com ele) deu a seu filho Al-Hassan e aos filhos de Abdul-Mutalib foi dizer: “Ó filhos de Abdul-Mutalib, não quero vê-los derramando o sangue dos muçulmanos, vocês dizem: o emir dos crentes foi morto, o emir dos crentes foi morto. Ninguém deve ser morto, além do meu assassino. Veja, Al-Hassan, se eu morrer por causa deste golpe, bate-lhe um golpe igual, e não mutile o homem”<sup>112</sup>. Esta é uma ordem inevitável dirigida para Al-Hassan e para todos os filhos de Abdul-Mutalib, para não caírem de novo no derramamento de sangue entre os muçulmanos, como aconteceu nos anos anteriores à morte de Ali ibn Abu Talib.

Apesar da fidelidade da nação para Al-Hassan ibn Ali (que Allah esteja satisfeito com eles), após a morte do emir dos crentes Ali ibn Abu Talib (que Allah esteja satisfeito com ele) em 40 d.H, a primeira coisa que Al-Hassan fez foi anunciar sua intenção de evitar o derramamento de sangue dos muçulmanos e decidiu não contar com o povo do Iraque que já haviam o traído e desapontado, assim como fizeram com seu pai. Ele chamou Mu’awiah para a reconciliação, os dois lados se reconciliaram e Al-Hassan ibn Ali cedeu para Mu’awiah, com o propósito de evitar o derramamento de sangue e para afastar o conflito<sup>113</sup>.

A renúncia voluntária de Al-Hassan para Mu’awiah para preservar o sangue dos muçulmanos é prova de que essa civilização teve em conta o valor do muçulmano e de sua vida, o que nenhuma outra civilização presenciou. Os romanos gostavam de assistir as lutas entre animais selvagens e escravos, onde os escravos eram esmagados entre as mandíbulas de animais selvagens, e a platéia delirava em risos por causa disso. Quando se trata da civilização islâmica, o mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele) declarou que o sangue de um muçulmano é mais sagrado para Deus do que a demolição da kaabah pedra por pedra!<sup>114</sup>

112 Al Tabari: Tarikh Al Umam wal Muluk (História das nações e dos reis) 3 / 158.

113 Ver: Al Tabari: Tarikh Al Umam wal Muluk 3 / 167.

114 Abdullah ibn Amr (que Allah esteja satisfeito com ele) disse: Eu vi o profeta (a paz esteja sobre ele), caminhar ao redor da Kaaba, dizendo: “Como você está excelente. Quão belo é o seu perfume. Como é grande e santificada por Ele! Porém, juro por Aquele em cujas mãos está a vida de Muhammad, a santidade da vida do

O Islam tratou as discórdias com o máximo de flexibilidade, como o mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele) estabeleceu: “Devem ouvir e obedecer, mesmo que um escravo abissínio vos governe”<sup>115</sup>. Esta ordem é uma aprovação da soberania do vencedor, como a maioria dos estudiosos afirma. E o objetivo disso é chegar a um consenso da nação sobre um só imam para se evitar derramamento de sangue, se alcançar a unidade e proibir a ocorrência de sedição. Quando ocorreu o conflito entre Abdullah ibn Al-Zubair (que Allah esteja satisfeito com ele) e Abdul Malik ibn Marwan (que Allah tenha misericórdia dele) sobre o califado e Abdullah ibn Al-Zubair assumiu o Iraque, Península Arábica e Egito, enquanto Abdul-Malik assumiu somente a Síria, quando isso ocorreu observamos que os maiores da nação, incluindo os companheiros do profeta e seus filhos, proibiram as pessoas de se envolverem nesta sedição, que dividiu a nação em duas partes. Eles também pediram às pessoas para não jurar fidelidade a qualquer um deles, enquanto eles discordavam entre si. Como a discórdia terminou com a vitória de Abdul-Malik ibn Marwan e com a união da nação ao seu redor, vimos que alguns dos grandes companheiros do profeta (a paz esteja com ele) reconheceram sua liderança e deram o voto de fidelidade a ele, entre estes Abdullah ibn Omar (que Allah esteja satisfeito com ele), que enviou uma carta a Abdul-Malik, dizendo: “Reconheço que devo ouvir e obedecer ao servo de Allah Abdul-Malik, o emir dos crentes, conforme a Lei de Deus e as tradições do seu mensageiro, tanto quanto posso, e meus filhos também reconhecem”<sup>116</sup>.

Do ponto de vista islâmico, o conflito deve ser evitado tanto quanto possível, e o objetivo do afastamento da discórdia é evitar o derramamento de sangue dos muçulmanos e realizar a meta de estabelecer o Califado Islâmico baseado na integridade, unidade, espalhando a religião de Deus e a adoração a Ele corretamente. Isto foi – e ainda é – a finalidade da civilização islâmica. A partir daí, a Lei Islâmica estipula que um segundo califa deve ser combatido se houver um califa gerindo e cumprindo os assuntos do governo. O mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele) disse: “Quando o juramento de fidelidade for tomado por dois califas, combatam aquele para quem o juramento foi tomado mais tarde”<sup>117</sup>. Al Imam Ibn Al-Jawzi (que Allah tenha misericórdia dele) explica esse hadith, dizendo: “Se a fidelidade for dada para um califa por unanimidade, e depois for dado o

---

crente e de sua propriedade é maior na presença de Deus que você! Ninguém deve pensar sobre Ele, exceto o bem”. Narrado por Ibn Majah (3932) e Al Tirmizhi (2032). Veja: Al Silsilah Al Sahihah (3420).

115 Sunan Ibn Majah (2861), Al Tirmizhi (1706), e Musnad Ahmad (27.301); Al Albani disse que é um hadith autêntico.

116 Al Bukhari: Kitab Al Ahkam (Livro das Leis) (6777).

117 Muslim: Kitab Al Ijarah (Livro sobre o governo) (1853).

voto de fidelidade a outro califa por alguma interpretação, então este é considerado déspota e seus apoiadores são considerados déspotas. Então, eles devem ser combatidos como déspotas”. E seu dizer: “combatam aquele para quem o juramento foi tomado mais tarde”, não significa matá-lo, mas significa que deve se lutar contra ele, e se o caso chegar a ser necessário matá-lo, é permitido”<sup>118</sup>.

A civilização islâmica procurou a unidade e a integração dos muçulmanos, por isso aprovou a soberania do vitorioso<sup>119</sup>, com o objetivo de unificar as fileiras dos muçulmanos. O melhor exemplo neste caso é o que o heróico combatente Yussuf ibn Tashfin fez na Andaluzia. Ele uniu os emirados da Andaluzia cujos governantes lutavam uns contra os outros e procuravam a ajuda de inimigos uns contra os outros. Depois de ter derrotado os inimigos do Islam na batalha de Al-Zallaqah em 479 d.H, ele decidiu juntar todos esses emirados sob a bandeira dos murabitun (Almorávidas). Ele ordenou suas tropas a conquistar esses Estados, e se baseou em fatwas (pareceres religiosos) relevantes de grandes sábios na época, entre eles Al-Imam Al-Ghazali, cujo argumento mostra a filosofia da civilização islâmica em tal situação. Ele disse: “Ele (Yussuf ibn Tashfin) teve razão ao proclamar o lema do Estado de Al Mustazhir (califa abássida na época). E este é o dever de todos os reis que dominam sobre qualquer parte das terras muçulmanas, quer no oriente ou no ocidente... mesmo se a evidente ordem do Imam não tenha chegado a eles ou se atrasou por causa de algum obstáculo”<sup>120</sup>.

A civilização islâmica deu soluções eficazes para acabar com os conflitos. Também foi completamente realista no tratamento das discórdias, algo que não existia em outras civilizações. Vimos o papel dos legisladores muçulmanos que procuraram a unidade da nação, apoiaram a soberania do vencedor e o combate do segundo califa, e permitiram o governo do melhor na presença dos que são ainda melhores. Tudo isso teve como objetivo unir a nação em torno de um imam e impedir sua fragmentação social, civil, religiosa e cultural frente às outras nações.

118 Ibn Al Jawzi: *Kashf Mushkil Al Hadith min Al Sahihayn* 1 / 795.

119 Ver: Muhammad Rashid Rida: *Al Khilafah* (O Califado), p. 44.

120 Al Salabi: *Dawlat Al Murabitin* (Almorávidas), p. 123.

## 9

## A Consulta (*Asshura*)

---

Nós não podemos tocar no assunto da instituição política islâmica sem falar de um dos principais destaques desta instituição. O Islam trouxe um princípio humano de extrema grandeza e magnificência, nomeadamente o princípio da *shura* (ou consulta). Além disso, uma surata do Nobre Alcorão foi nomeada de “*shura*”. Isto indica a importância da realização deste princípio em todos os assuntos dos muçulmanos.

Embora os estudiosos divirjam sobre o mecanismo para a aplicação deste princípio em termos de ser opcional, ou obrigatório e imperativo, são unânimes na necessidade de realizá-lo entre os muçulmanos<sup>121</sup>, reconhecendo o dizer de Allah: [***e consultá-os no assunto***] (Ali Imran: 159).

*Shura* é pedir a opinião de quem é competente em dá-la. Em outras palavras, é a votação do parecer da nação ou dos seus representantes sobre os assuntos gerais relacionados a ela<sup>122</sup>. Portanto, os muçulmanos tomaram a *shura* como um dos princípios e bases do governo. E baseado nisso, ocorreu a eleição dos íntegros entre os muçulmanos, a eleição daqueles que são considerados capazes de poder e liderança e podem governar os seus assuntos. O que ressalta e institui esta questão é que o mensageiro (a paz esteja com ele) não deixou um texto escrito, nem nomeou o seu sucessor no governo dos muçulmanos. Em vez disso, ele deixou esta questão aberta para consulta entre os muçulmanos. Abu Wa'il narra que foi dito a Ali ibn Abu Talib (que Allah esteja satisfeito com ele): Você não irá nomear o seu sucessor sobre nós? Ele disse: “O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) não nomeou seu sucessor, para que eu nomeie. No entanto, se Deus

121 Ver: Al Qurtubi: Al Jami Ahkam li Ahkam Al Qur'an 2/248-252, Ibn Kathir: Tafsir Al Quran Al Adhim (Interpretação do Magnífico Alcorão) 2 / 150, Al Kasani: Bada'i Al Sana'i 12/07, Al Qarafi: Al Zakhirah 10/75, 76, Al Shafi'i: Al Um 5 / 168, e Ibn Qudamah: Al Sharh Al Kabir 11/399.

122 Jafar Abd Al Salam: Nidham Al Dawlah fi Al Islam wa Ilaqatuha bi Al Dwal Al Ukhra (sistema de Governo no Islam e sua relação com outros países), p. 199.



quiser o bem para as pessoas, Ele vai uní-los na escolha do melhor dentre eles depois de mim, assim como Ele os uniu na escolha do melhor depois da morte do profeta”<sup>123</sup>.

A *shura* é um dos fundamentos básicos do sistema político islâmico. Ela se estende a todos os assuntos dos muçulmanos. Assim, o Governo Islâmico precedeu os sistemas democráticos modernos no que diz respeito à necessidade de consentimento do grupo sobre a escolha de quem dirige os seus assuntos e cuida de seus interesses, o que destaca o valor e a eficácia da unanimidade para os muçulmanos<sup>124</sup>.

Quem são os membros da *shura*? Ou o povo de escolha? Ou as pessoas de poder e decisão (ahl al hil wal áqd), como são chamados pelos juristas e historiadores muçulmanos?

Existe consenso de que a *shura* no Islam é vinculada a um grupo de muçulmanos chamados “ahl al shura” ou ahl al hil wal áqd (membros da *shura*, povo da *shura*, pessoas de poder e decisão). Os estudiosos comentaram sobre a necessidade da existência de algumas condições nestas pessoas, como a justiça, o conhecimento, o parecer e a sabedoria. Assim, pode-se dizer que eles são “os estudiosos, dirigentes e personalidades, cuja união é fácil”<sup>125</sup>.

Por isso, a *shura* é algo necessário que o Islam impõe aos governantes. Pode-se dizer que é uma das manifestações mais importantes da civilização, e os muçulmanos contribuíram para a sua criação e consolidação na sociedade muçulmana. E as outras civilizações foram influenciadas pela *shura*, especialmente na Europa desde o século XIII gregoriano. Assim, a *shura* era uma espécie de expressão da vontade divina, como disse o profeta (a paz esteja com ele): “Minha nação não se une num erro”<sup>126</sup>. É importante observarmos que um califa no Islam não pode se dar o direito de expressar a vontade divina, ou seja, ele não está autorizado a estabelecer uma legislação, porque a autoridade de legislar é da comunidade muçulmana ou de toda a nação<sup>127</sup>, e isso, naturalmente, acontece na ausência de uma prova evidente de indicação precisa expressa no Alcorão ou na Sunnah.

Um dos mais proeminentes exemplos que demonstram a superioridade do princípio da *shura* em relação a outros mecanismos e métodos modernos de eleger um governante é o que assistimos na realidade dos califas

123 Narrado por Al Hakim, em Al Mustadrak: Livro sobre Abu Bakr Al Siddiq (4463). Ele disse que é um hadith correto.

124 Fathiyah Al Nabarawi: Tarikh Al Nuzum wa Al Hadarah Al Islamiya (história dos sistemas e da civilização islâmica), p. 24, 25.

125 Al Nawawi: Al Minhaj 12/77.

126 Sunan Ibn Majah: Livro de ensaios (3950), Al Tirmizhi (2167), Abu Daud (4253), Ahmad (27267), Musnad Abd ibn Humaid (1224), e Al Hakim (8664).

127 Al Sanhuri: Fiqh Al Khilafah (regras de governo), p. 122, 123.

bem guiados. Quando Omar ibn Al Khattab (que Allah esteja satisfeito com ele) foi esfaqueado e estava prestes a morrer, os sahabah (companheiros do profeta) pediram-lhe que ele nomeie seu sucessor, mas ele recusou. No entanto, ele nomeou seis dos companheiros do profeta, que são aqueles cuja integridade a nação é unânime e se reuniram em torno deles. Assim, Omar quis despertar o princípio da *shura* entre os muçulmanos e disse: “Escolham entre estas pessoas que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse que estarão no Paraíso, Said ibn Zaid ibn Amr ibn Nufayl é um deles, mas não vou incluí-lo. Os seis homens são: Ali e Uthman, descendentes de Abd Manaf; Abd Al-Rahman e Sa’d, tios maternos do profeta; Al-Zubair Ibn Al-Awwam discípulo do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) e seu primo; e Talhah Al Khair ibn Ubaidullah. Portanto escolham um homem de entre eles. E quando eles designarem um governante apoiem-no, se ele confiar a um de vós que restitua a sua confiança...”<sup>128</sup>

Depois de os muçulmanos enterrarem Omar ibn Al Khattab (que Allah esteja satisfeito com ele), o Conselhor da *shura* (Conselho Consultivo) se reuniu, e tinha o seis membros definidos, e um tempo de três dias também definido para escolher um califa. Eles resolveram o assunto com segurança, uma vez que designaram Uthman ibn ‘Affan (que Allah esteja satisfeito com ele). Ali ibn Abu Talib, o principal concorrente, foi o primeiro a prestar a *bai’ah* a Uthman. Esta é uma evidência da grandeza da *shura* no sistema islâmico baseado no respeito da liberdade de escolha. O povo de Madinah concordou com a nomeação de Omar e esta nomeação não uma foi coerção sobre a nação. Em seguida, os membros do conselho consultivo concordaram com a nomeação e selecionaram Uthman. No entanto, a seleção não foi o único critério na escolha de Uthman, mas todos os moradores e visitantes de Madinah entre líderes de exército e notáveis da sociedade foram consultados sobre este assunto<sup>129</sup>. Assim, a nação inteira, representada em Al-Anssar (socorredores) e Al-Muhajirin (emigrantes), participou na eleição de Uthman e deu o voto de fidelidade a ele.

Deve-se ressaltar que o sistema islâmico de *shura* é bastante diferente dos sistemas democráticos estabelecidos. A democracia prevê que o povo governa o povo, e resulta deste governo que o povo é quem elabora sua própria constituição e as suas leis, e esta constituição é a autoridade judicial que julga entre os povos através da aplicação de leis estabelecidas. Para que o povo assuma a autoridade legislativa, as leis estabelecidas e a separação entre as autoridades, são realizadas eleições gerais para selecionar um

128 Al Tabari: Tarikh Al Umam wal Muluk 3 / 293.

129 Idem: 3 / 422.

grupo de indivíduos que são capazes de monitorar todas as autoridades. Aqueles indivíduos eleitos têm o direito de depor os ministros e julgar os funcionários, incluindo o chefe de Estado. Apesar das vantagens deste sistema, o sistema islâmico de *shura* tem uma percepção diferente. A *shura* no Islam é baseada no fato de que a lei é a Lei de Allah revelada ao mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele). A adesão a esta lei é considerada a base da fé. E os estudiosos são as pessoas de poder e decisão e estão na liderança dos homens da *shura*. Dadas as regras de Deus, os estudiosos, no círculo da *shura*, apenas se empenham diligentemente na comprovação do texto, no seu entendimento de forma precisa e na elaboração dos planos sistemáticos para a aplicação. Na verdade, o sistema democrático pode ser facilmente contornado através do controle de alguns partidos ou poderes sobre a ação política em um país. Assim, este ou aquele partido iria impor o seu ponto de vista sobre a nação. A *shura* (consulta) islâmica, no entanto, faz com que a dominação seja somente de Deus e prioriza a Lei de Deus sobre quaisquer outras disposições e legislação. Isso leva ao surgimento de homens que vivem na companhia de Deus e O temem honestamente<sup>130</sup>.

Resta salientar que este notável sistema islâmico apareceu num momento em que as ditaduras controlavam o poder no mundo, seja na Pérsia, Roma, Índia ou China. O mundo não conhecia o sistema de *shura* e nem até mesmo a democracia – que é de menor posição do que a *shura* – até cerca de doze séculos atrás. A democracia apareceu depois da criação da República Francesa depois do fim da Monarquia Francesa. Portanto, a *shura* é, sem dúvida, uma das maiores contribuições dos muçulmanos para a civilização humana.

Nós não podemos explorar tudo o que esta nobre civilização islâmica trouxe. O que relatamos anteriormente é prova suficiente da grandeza de nossa civilização em um de seus assuntos mais importantes.

---

130 Ahmad Ahmad Ghalush: *Al Nizam Al Siyasi fi Al Islam* (O Sistema Político no Islam), p. 61-64.

## Segundo Capítulo

### O Ministério [Sistema Ministerial]

A palavra “Wizarah” (ministério) é uma palavra árabe genuína, derivada do verbo árabe “wazara” e “azara” (ajudou, auxiliou). Ibn Mandhur comentou em seu dicionário “lisan al arab”: “al uazir (o ministro) é a pessoa íntima do rei, carrega seu fardo e o auxilia com sua opinião. Ele pede o seu auxílio... waazarahu (ministrou-o) no assunto significa que ele o auxiliou e o fortificou. E a origem da palavra é “azarahu”<sup>131</sup>.

Há três opiniões sobre a raiz do nome do ministério em árabe: 1) o ministério (wizarah) é derivado da palavra “wizr” (carga), porque o wazir (ministro) ajuda a pessoa a quem ele apoia para realizar o seu ônus e encargos; 2) é derivado da palavra “wazar” (segurança), que foi mencionado no dizer de Deus: *[Em absoluto! Nada de refúgio]* (Al-Qiyamah: 11), ou seja: Não haverá refúgio. Foi denominado assim porque o rei pede refúgio em sua opinião e seu auxílio; 3) é derivado da palavra “azr” (apoio)<sup>132</sup>. Este sentido foi mencionado no dizer de Deus sobre o pedido de Moisés: *[E me dê um assistente (ministro) da minha família. Aarão, meu irmão. Intensa, com ele, minha força]* (Taha: 29-32). Neste versículo, Allah (exaltado seja) uniu o ministério ao forte apoio e à participação nos assuntos, e em outro versículo lemos com a mesma ênfase: *[E com efeito, concedemos a Moisés o Livro, e fizemos de seu irmão Aarão assistente (ministro), junto dele. E dissemos: “Ide ambos, ao povo que desmentiu Nossos versículos”. Então, destruímo-lo totalmente]* (Al-Furqan: 35-36).

O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) costumava procurar a ajuda de seus companheiros na gestão dos assuntos do Estado e no

131 Ibn Mandhur: Lisan Al Arab, Wazara (5/282).

132 Al Mawardi: Al Ahkam Al Sultaniyah p. 24.

atendimento às necessidades do povo. Ele, na maior parte das vezes, procurava a ajuda de Abu Bakr Al-Siddiq e Omar ibn Al Khattab (que Allah esteja satisfeito com eles). Abu Said Al-Khudri (que Allah esteja satisfeito com ele) narra que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Meus dois ministros dos habitantes do céu são Jibril e Mika’il, e meus dois ministros dos habitantes da Terra são Abu Bakr e Omar”<sup>133</sup>. Em seu discurso na casa de Bani Sa’idah, Abu Bark Al-Siddiq disse aos anssar (socorredores): “Nós seremos os governantes e vocês serão os ministros”<sup>134</sup>.

Este hadith, no qual a palavra ministro tem o sentido de apoio e de levar as cargas do governo<sup>135</sup>, é a maior prova que refuta as afirmações de algumas pessoas que alegaram que o ministério só foi conhecido durante a dinastia abássida<sup>136</sup>.

Por causa da importância do ministério na civilização islâmica, designamos dois importantes objetos de pesquisa, que são:

1. A Grandeza do Ministério na Civilização Islâmica
2. As Contribuições Teóricas dos Muçulmanos no Sistema Ministerial

133 Narrado por Al Tirmizhi: Kitab “Al Manaqib” (Livro sobre Qualidades) (3680), que disse que este é um hadith bom, mas estranho, e Al Hakim (3046), que disse que a transmissão da hadith é correto.

134 Al Tabari: wa Al Umam Tarikh Al Muluk 2 / 243.

135 Al Manawi: Fayd Al Qadir (os subsídios abundantes do Onipotente), 2 / 656.

136 Ver: Abd Al Aziz Al Duri: Al Nuzum Al Islamiya (sistemas islâmica), p. 184.

## 1

## A Grandeza do Ministério na Civilização Islâmica

---

Muitos estudiosos e historiadores muçulmanos falaram sobre a importância deste posto. Al-Mawardi citou que um governante não pode gerir todos os assuntos da nação sozinho a menos que ele delegue a função ou procure auxílio, daí a participação do ministro na administração é mais correta que o trabalho individual, evitando assim defeitos, e garantindo o bom trabalho<sup>137</sup>. Ibn Khaldun, em seu conceito para este significativo posto, disse: “O Ministério é a matriz dos planos governamentais, e das classificações reais, porque o seu próprio nome significa o auxílio absoluto”<sup>138</sup>.

Omar ibn Al Khattab (que Allah esteja satisfeito com ele) (falecido em 23 d.H) foi como um ministro para Abu Bakr, que o consultava em todas as questões e procurava a sua ajuda na gestão de seu governo. Um dos assuntos importantes recomendados por Omar a Abu Bakr foi que ele reunisse o Nobre Alcorão por causa do receio de que o Alcorão fosse perdido, depois que a maioria dos memorizadores do Alcorão foram mortos na batalha de Al-Yamamah. Zaid ibn Thabit narrou: Abu Bakr me chamou quando ocorreu a chacina de Al-Yamamah. (Eu fui até ele) e encontrei Omar ibn Al Khattab sentado com ele. Abu Bakr disse: Omar veio até mim e disse: as baixas foram pesadas entre os memorizadores do Alcorão (ou seja, aqueles que recitavam e sabiam o Alcorão de cor) no dia da Batalha de Al-Yamamah, e eu tenho medo que mais baixas ocorram entre os memorizadores em outros campos de batalha, e assim, grande parte do Alcorão pode ser perdida. Portanto, sugiro, que ordene que o Alcorão seja recolhido. Eu disse a Omar: Como você pode fazer algo que o mensageiro de Deus não fez? Omar disse: Por Deus

---

137 Al Mawardi: Al Ahkam Al Sultaniyah (Regras de Governação), p. 32.

138 Ibn Khaldun: Al wa Ibar Diuan Al Muftada wa Al Khabar 1 / 236.

que é um bem. Omar continuou incentivando-me a aceitar sua proposta, até que Deus abriu meu coração para isso e comecei a ter a mesma opinião que Omar tem. Então Abu Bakr disse (para mim): Você é um homem sábio e jovem, e não temos qualquer suspeita sobre você, e você escrevia a revelação divina para o mensageiro de Deus. Então você deve procurar as escritas do Alcorão e reuni-las...”<sup>139</sup>

Assim, o ministério não foi uma palavra criada pela primeira vez na era abássida, ou introduzida pelos persas na cultura árabe. Nós vimos a evidência da biografia do profeta e seus ditos, assim como as tradições dos califas bem guiados. Estas evidências refutam as opiniões que atribuem a criação do ministério à era abássida.

De qualquer maneira, o posto de ministério foi desenvolvido no período omíada, uma vez que o Estado se ampliou e sua população aumentou e houveram muitos desenvolvimentos. Isso levou o califa a procurar a ajuda de quem ele confia para executar os assuntos do governo. Mu’awiah ibn Abu Sufian (que Allah esteja satisfeito com ele) designou Amr ibn Al-As (que Allah esteja satisfeito com ele) como seu ministro, embora isso não fosse anunciado de forma tão clara. Amr dizia a Mu’awiah: “Ó emir dos crentes, não sou o melhor conselheiro para ti? Ele disse: Por isso obtive o que eu consegui.”<sup>140</sup>

Al-Tabari mencionou o cargo de ministros explicitamente na dinastia omíada quando o povo do Egito reclamou um de seus governantes durante o mandato de Hisham ibn Abdul-Malik (falecido em 125 d.H). Eles foram ao seu encontro, mas não conseguiram falar com ele. “Como eles esperaram por muito tempo e seus suprimentos se findaram, eles escreveram seus nomes e os levaram para os ministros, e disseram: Estes são os nossos nomes. Assim, se o emir dos crentes lhes perguntar sobre nós, diga-lhe...”<sup>141</sup>. Não há dúvida de que os ministros mencionados na citação anterior são os aproximados de Hisham ibn Abdul-Malik e os que têm influência nos assuntos do seu Estado.

Contando os acontecimentos que ocorreram no ano 85 d.H, Al-Tabari citou um texto que indica que Qabisah ibn Zhuayb era como um ministro no nosso tempo. Abdul-Malik ibn Marwan dizia: “Qabisah nunca pode ser impedido de ter acesso a mim a qualquer hora da noite ou do dia, se eu estiver só ou com apenas uma pessoa, se eu estiver com a esposa, deve ser autorizado a entrar, e eu sou informado de seu lugar”. Ele era responsável pelo comando

139 Al Bukhari: Fada'il Kitab Al Qu'ran (Livro sobre as virtudes do Alcorão) (4701).

140 Al Tabari: Tarikh Al Umam wal Muluk 4 / 247.

141 Idem, 3 / 313.

do departamento de registros, as notícias chegavam até ele antes de chegarem a Abdul-Malik, ele lia as cartas e levava o livro até Abdul-Malik aberto...”<sup>142</sup>.

As citações acima indicam a existência do cargo de ministério no período omíada e demonstram que a natureza desse cargo era apenas consultiva, então o ministro, ou mais exatamente, o consultor, não tinha nenhum poder real executivo à exceção do que sabemos sobre Abdul-Hamid Al-Katib, que era o ministro de Marwan ibn Muhammad, o último califa omíada.

Na verdade, o cargo de ministério tomou uma forma diferente na era abássida, quando a nomeação dos ministros era uma necessidade. Sulayman ibn Hafs, também conhecido como Abu Salamah Al-Khallal (falecido em 132 d.H / 750 d.C), foi o primeiro a ter o título de ministro no Islam. Ele era chamado de o ministro da família de Muhammad e gastou muito dinheiro pela causa da dinastia abássida<sup>143</sup>.

Abu Jaafar Al-Mansur designou um homem chamado Sulayman ibn Mukhallad, também conhecido como Abu Aiyub Al-Marwayani, como ministro e atribuiu-lhe alguns departamentos. Ibn Kathir mencionou que ele assumiu “Diuan Al-Insha” (um departamento responsável pela elaboração de ordens régias, cartas e manutenção dos registros do governo)<sup>144</sup>.

E na dinastia abássida o posto de ministro atingiu um status elevado, e chegou a ser responsável pelos assuntos do país e do povo. Encontramos isso na família de Al Baramikah, Yahya ibn Khalid Al-Baramiki tinha poder absoluto no Estado. Ibn Kathir menciona que “quando Harun Al-Rashid assumiu o poder, ele reconheceu o posto de Yahya ibn Khalid e atribuiu a ele os assuntos do califado, e permaneceu assim até o revés que afligiu Al Baramikah”<sup>145</sup>.

Os califas abássidas procuravam com profunda investigação os melhores ministros. O califa Al-Ma'mun definiu algumas medidas para selecionar seu ministro. Ele diz: “Eu busco a ajuda de um homem que tem todos os bons costumes, a modéstia e a retidão, um homem que é educado pela moralidade e sábio pelas experiências que teve; se ele é encarregado de segredos, os guarda; se lhe são atribuídos os assuntos importantes os bem cumpre; a tolerância o mantém em silêncio, o conhecimento o faz pronunciar, basta-se com um momento, fica satisfeito com um piscar, tem o prestígio dos príncipes, a paciência dos sábios, a modéstia dos estudiosos e a compreensão das juristas, um homem que é grato ao beneficiamento,

---

142 Idem, 5 / 207.

143 Al Zirikli: Al A'lam 2 / 263.

144 Ibn Kathir: Al Bidaiah wa Al Nihaiah 10/110.

145 Idem: 10/204.



e paciente sobre a malfeitoria, não vende parte de seu dia pela privação do seu amanhã, e atrai os corações dos homens com seu belo discurso”<sup>146</sup>.

Por isso, o califa abássida Al-Ma'mun nomeou Al-Fadl ibn Sahl (falecido em 202 d.H) como ministro, e este foi um dos maiores ministros da história islâmica. Graças a sua posição, Al-Ma'mun atribuiu a ele todos os assuntos “e apelidou-o o dotado de duas presidências, pois ele conseguiu controlar o assunto da espada e da caneta”<sup>147</sup>, isto é, ele foi designado a assuntos políticos e militares, e nenhum ministro tinha essa combinação antes. Al-Fadl ibn Sahl foi encarregado do ministério com uma carta especial escrita, que foi a primeira homenagem de sua espécie. E talvez o conteúdo da carta mostre sua importância: “Eu lhe concedo o status de quem vai ser obedecido em tudo que fala e ninguém vai ter um escalão superior ao seu, enquanto você cumpre com o que eu lhe peço de trabalho para Deus e para a Sua religião e de implemento para o progresso do Estado. Concedi isso tudo para você sob o testemunho de Allah, o Altíssimo, e O faço garantia da minha promessa. Eu escrevi essa carta em safar (2º mês lunar) de 194 d.H”<sup>148</sup>.

Ibn Al-Amid Ali ibn Muhammad ibn Al-Hussain (falecido em 360 d.H) também foi um famoso ministro islâmico no século IV hijri. Embora fosse um ministro da família de Buwayh, a instituição do califado o elogiou e o colocou em um status elevado. Assim, o califa Al-Tai' lillah o chamou de “dotado de duas competências”, ou seja, a espada e a caneta<sup>149</sup>.

O califa abássida Al-Tai' lillah não elogiou o ministro Ibn Al-Amid à toa. Ele conduziu os exércitos, participou de batalhas, parecia um leão em termos de coragem e foi reservado a menos que fosse perguntado e encontrasse quem entedesse o que dizia. Ele era gentil e tinha moral pura. Se um literário ou um sábio especializado em um determinado campo o visitava, ele costumava fazer silêncio para ouvi-lo. Ele conseguiu restabelecer a segurança no país depois desta ter sido perdida devido às revoluções e desordens dos soldados em Bagdá. Portanto, ele teve um grande status durante o curto período de seu ministério, ele restaurou a segurança e deu aos estudiosos e literários o status que mereciam. Com isso, os buwaihis temeram por seu reino e o mataram<sup>150</sup>.

Os ministros foram muito precisos, organizados e dedicados ao seu trabalho. O historiador Al-Shabushti disse que o ministro Said ibn Mukhallad (falecido em 275 d.H) acordava na última parte da noite para

146 Al Mawardi: *Al Ahkam Al Sultaniyah*, p. 30, 31.

147 Al Khatib Al Baghdadi: *Tarikh Baghdad* 14/229..

148 Al Humayri: *Al Al Rawd Mi'tar* (jardim perfumado), p. 316, e Abd Al Aziz Al Duri: *Al Nuzum Al Islamiya* (sistemas islâmica), p. 195.

149 Al Safadi: *Al Wafi bi Al Wafiyat* 2 / 282, e Al Zhababi: *Tarikh Al Islam* (A História do Islam) 26/216.

150 Adam Metz: *Civilização Islâmica no século islâmico* quarto 1 / 187, 188 e Ihsan Abbas: *Min Shazharat kutub Mafqudah* (alguns livros preciosos perdidos) 2/240.

rezar até a alvorada. Depois, ele permitia às pessoas para que o cumprimentassem e, em seguida, ele ia para a Casa do califa Al-Muwaffaq e permanecia quatro horas com ele, depois voltava para casa para analisar as necessidades das pessoas e os assuntos dos presentes e dos ausentes até o zhuhr (meio dia). Em seguida, ele almoçava e dormia. No horário do por do sol, ele examinava os assuntos do Estado até o íshaá (noite). Ele verificava todos os bens, o que foi cobrado, o que foi gasto e o que restou. Ele trabalhava assim todos os dias, os trabalhos eram apresentados a ele e nada do que era feito todos os dias se ocultava dele. E ordenava os assuntos de suas riquezas e discutia com seus representantes e seus adjuntos o que era necessário. Em seguida, conversava com um amigo e depois dormia<sup>151</sup>.

Havia um grupo de ministros leais na civilização islâmica que combinaram a astúcia da política e a ética da religião. Eles tiveram um grande papel na marcha da civilização islâmica. Um deles foi o ministro Nizam-al-Mulk Al-Hassan ibn Ali ibn Ishaq, ministro do Estado Seljuki. Al-Imam Al-Zhahabi citou que ele estabeleceu a grande escola em Bagdá, outra em Nissabur, e outra em Tus, e que ele incentivou as pessoas a aprender, concedeu bolsas a estudantes, ensinou hadith e tornou-se muito famoso<sup>152</sup>.

A grande escola mencionada por Al-Zhahabi é a Escola Al-Nizamiyah, em Bagdá. E o incrível, é que Nizam-al-Mulk, mesmo encarregado do ministério, ia para a escola de tempo em tempo para ensinar a matéria de hadith. Isto foi mencionado por Ibn Al-Athir da seguinte forma: “Nizam-al-Mulk entrou na Escola Al-Nizamiyah e sentou-se na biblioteca, onde ele leu vários livros, as pessoas aprenderam alguns hadiths com ele, e ele ditou alguns outros”<sup>153</sup>.

Nizam-al-Mulk foi um dos melhores ministros da civilização islâmica, se não o melhor, depois da era dos companheiros do profeta. Ele amava e venerava os estudiosos. “Quando Al-Imam Abu Al-Qasim Al-Qushayri e Al-Imam Abu Al-Ma’ali Al-Juwayni vinham até Nizam-al-Mulk, este último se levantava e, em seguida, sentava em seu lugar. E se Abu Ali Al-Faramazi entrava, Nizam-al-Mulk se levantava e fazia Al-Faramazi sentar no seu próprio lugar, e Nizam-al-Mulk se sentava na frente de Al-Faramazi. Quando Nizam-al-Mulk foi questionado sobre isso, ele disse: “Quando estes dois sheikhs e outros semelhantes a eles veem na minha presença, dizem: você é tal e tal... me elogiam com qualidades que eu não tenho, suas palavras me aumentam em vaidade e orgulho, mas

151 Al Shabushti: Al Diyarat (mosteiros), p. 66.

152 Al Zhahabi: Siar A'lam Al Nubala 19/96.

153 Ibn Al Athir: Al Kamil fi Al Tarikh (O Completo em História) 8 / 449.

este sheikh menciona meus defeitos e a injustiça na qual estou. Então, o meu ego torna-se quebrado, e eu recuo de muitas de minhas condutas”<sup>154</sup>.

Por causa de seu grande amor pelo conhecimento, Nizam-al-Mulk escreveu o livro “Siyasat nama” ou “Siyar Al-Muluk” (as biografias dos reis). Ele compôs o livro para o sultão dos Seljukis Mulk Shah ibn Muhammad, em 479 d.H. O livro teve como objetivo mostrar os meios de maior sucesso utilizados por antigos reis e príncipes na gestão dos assuntos do Estado, para que o Estado Seljuki adotasse essas formas na gestão de seus assuntos políticos e administrativos. Nizam-al-Mulk disse: “Por isso, eu intencionei registrar e explicar o que eu conhecia, vi, experimentei em minha vida, ou aprendi com meus mestres no assunto, nesse livro em cinquenta capítulos”<sup>155</sup>. Não há dúvida de que esse trabalho foi bem recebido pelo sultão, assim como foi bem recebido pelos leitores no futuro, e confirmou que o ministério no Islam não era um trabalho administrativo isolado das experiências dos antigos.

Ao falarmos sobre o ministério e sua importância na civilização islâmica, não podemos esquecer a importância desse cargo na parte ocidental da nação islâmica, ou seja, a Andaluzia. Na verdade, o sistema do ministério na Andaluzia era muito similar ao gabinete ministerial em nosso tempo presente. No início, o primeiro-ministro era o próprio califa. Mais tarde, o “hajib” se tornou o primeiro-ministro de fato. Ibn Khaldun mencionou o sistema de ministério na Andaluzia, dizendo: “O omíadas, no início do Estado, na Andaluzia continuaram a usar o nome de wazir (ministro) em seu significado original. Posteriormente, subdividiram as funções do ministro em várias partes, e designaram um ministro para cada função. Eles nomearam um ministro para a prestação de contas (finanças), outro para correspondência (correios), outro para cuidar das necessidades daqueles que exigem justiça, e outro para fiscalizar a situação dos encarregados da defesa e das conquistas. Uma casa foi preparada, onde eles sentavam-se sobre tapetes estendidos e executavam as ordens do governante, cada um no campo que lhe foi confiado. Um dos ministros foi nomeado oficial de ligação entre os ministros e o califa, este ministro tinha contato constante com o califa e tinha uma posição mais elevada do que os outros. Sua sede era mais elevada do que as sedes dos outros e foi distinguido com o título de “hajib” (guardião). Este sistema continuou até o final da dinastia. A função e o posto de “hajib” tomou precedência sobre os outros graus, até

---

154 Idem: 8 / 481.

155 As Biografias dos Reis, p. 44.

que os governantes de al tawaif (dos partidos) também adotaram o título, e a maioria deles naquele tempo se chamava hajib...”<sup>156</sup>.

O texto acima mencionado por Ibn Khaldun mostra que a civilização islâmica andaluz era o exemplo real seguido pelas nações atuais. Sabe-se que a dinastia omíada da Andaluzia começou em 138 d.H quando Abdul Rahman ibn Mu’awiah ibn Hisham (Al-Dakhil) conquistou a Andaluzia. A divisão de ministros citada acima – ministro das finanças, ministro do exterior, da justiça, da defesa e segurança nacional, e a existência de um primeiro-ministro chamado hajib, e a existência de uma casa onde eles se reuniam, como o Conselho Ministerial – ocorreu realmente no início da história da Andaluzia.

Entre os ministros mais famosos na história da Andaluzia: Al-Mansur ibn Abu Amir Muhammad ibn Abdullah, um homem inteligente e talentoso, que conseguiu promover-se nos postos do Estado até que ele se tornou o chefe de polícia. Então, ele se tornou o tutor do jovem califa omíada Hisham ibn Al-Hakam Al-Umawi, então um hajib e primeiro-ministro.

Na verdade, o primeiro-ministro Al-Mansur ibn Abu Amir não era submisso em seu posto, nem era típico em suas ações e aspirações. Ele foi um dos grandes ministros que lutaram pela causa de Deus. Ele liderou uma expedição ao Reino de Lion em 373 d.H e conquistou Barcelona em 374 d.H. Ele também anexou as regiões do Ocidente Árabe à dinastia omíada da Andaluzia em 386 d.H. A dinastia omíada da Andaluzia durante a época de Al-Mansur atingiu a maior expansão de toda sua história<sup>157</sup>.

O ministério na história do Islam e sua civilização foi um dos cargos mais importantes, acrescentou muito para a vitalidade e a força do Governo Islâmico. Como a instituição do Califado e do Governo passou por períodos de fraqueza, muitos ministros desempenharam um papel importante na força e vitalidade do Governo Islâmico. Incrivelmente, estes ministros não foram como dissidentes da instituição do Califado, que passou por uma fase de aparente fraqueza, como ocorreu no caso de Al-Mansur ibn Abu Amir na Andaluzia, e Ibn Al-Amid (falecido em 360 d.H) no Oriente<sup>158</sup>.

156 Ibn Khaldun: Al Ibar wa Diuan Al Mubtada wa Al Khabar 1 / 240.

157 Ver: Hussain Mu’nis: Mawsu’at Tarikh Al Andalus (enciclopédia da história da Andaluzia) 1/363-372.

158 Adam Metz: Civilização Islâmica no século islâmico quarto, 1/185-188.

# 2

## As Contribuições Teóricas dos Muçulmanos no Sistema Ministerial

Como resultado do surgimento do cargo de ministério desde o primeiro dia da dinastia abássida, muitos livros falaram sobre este assunto, tanto em termos de regulamentos religiosos ou a moral pública que um ministro deve ter. Um dos primeiros a escrever sobre este assunto foi Ibn Al-Muqaffa', que disse: "O poder não pode ser gerido sem ministros e oficiais, e o ministério não beneficia senão com dedicação e conselhos"<sup>159</sup>.

Em seu livro "Suluk Al-Malik fi Tadbir Al-Mamalik", Ibn Abu Al-Rabi'<sup>160</sup> disse: "Saiba que quem assume o califado e o reino deve ter ministros para ajudá-lo a administrar os assuntos, apoiá-lo nos incidentes e mostrar-lhe as medidas adequadas. Você não vê que o nosso profeta (a paz esteja com ele) mesmo com a nobreza e os grandiosos sinais que Allah lhe concedeu, prometeu-lhe fazer prevalecer a religião e o apoiou com os anjos e, além disso, ele é orientado a fazer o que é certo. Mesmo com tudo isso, ele designou Ali ibn Abu Talib como ministro e disse: "Tu és para mim como Aarão foi para Moisés"<sup>161</sup>... Se alguém não precisa de apoio e ajuda com uma opinião e administração de assuntos, o nosso profeta Muhammad e o profeta Moisés (que a paz esteja sobre eles) seriam este alguém. Um ministro é um parceiro no reino, o seu administrador com a preservação de seus pilares, administra os assuntos por palavras e atos"<sup>162</sup>.

Al-Mawardi também está entre os principais escritores sobre o sistema político islâmico. Ele escreveu um capítulo exclusivo sobre o sistema de ministério. Ele dividiu o ministério em duas seções: ministério de delegação e ministério de execução. No ministério de delegação, o califa nomeia um ministro a quem ele delega autoridade para a organização dos assuntos de acordo com seu juízo e para a sua execução adequadamente por seus próprios esforços<sup>163</sup>. Não há dúvida

159 Ibn Al Muqaffa: Al Adab Al Saghir, p. 32.

160 Ibn Abu Al Rabi: Ahmad ibn Muhammad ibn Abu Al Rabi (218-272 d.H/833-885 d.C), ministro do califa abássida Al-Mu'tasim, uma de suas obras é "Suluk Al-Malik fi Tadbir Al-Mamalik"; Veja: Al Zirikli, Al A'lam 1/205.

161 Esse texto foi narrado por Al Bukhari e Muslim. E também é traduzido: "Não te agrada que você seja para mim assim como Aarão foi para Moisés".

162 Ibn Abu Al Rabi: Suluk Al-Malik fi Tadbir Al-Mamalik, citanto Dhafer Al Qassimi: Nizam Al Hukm fi Al Sharia wa Al Tarikh Al Islami (O Sistema de Governo na lei e História islâmicas) 1 / 422, 423.

163 Al Mawardi: Al Ahkam Al Sultaniyah, p. 24, 25.

de que tal cargo é uma evidência da flexibilidade da instituição do governo e califado, que não tomou a administração central como forma de governo em todos os assuntos. Pelo contrário, este cargo foi criado para satisfazer as necessidades dos muçulmanos e para facilitar os seus assuntos e condições. Um dos mais importantes ministros de delegação na civilização islâmica foi Jaafar ibn Yahya Al-Barmaki, que era chamado de “sultão” durante a era do califa abássida Harun Al-Rashid. “Esta é uma indicação da extensão do seu poder geral de supervisão e controle da dinastia”<sup>164</sup>. Nizam-al-Mulk também foi um grande ministro da civilização islâmica oriental, e Al-Mansur ibn Abu Amir foi um grande ministro na civilização islâmica na Andaluzia, como explicado na pesquisa anterior.

Quanto ao ministério de execução, esta é menos importante do que a de delegação, porque a autoridade do ministério de execução é restrita ao julgamento e direção do califa. O trabalho do ministro executivo era realizar os seus comandos, executar as suas instruções e decretar o que ele decide<sup>165</sup>. A maioria dos ministros da civilização islâmica são como estes ministros, eles são nomeados pelos califas para implementar o que eles ordenam nos assuntos financeiros, militares ou sociais.

Em seu livro “Siraj Al-Muluk”, Al-Tartushi dedicou um capítulo para falar sobre os ministros e suas qualidades. Ele esclareceu que os dois mais importantes benefícios que um ministro pode dar ao califado são: “estar ciente do que ele não conhecia, e reforçar o que ele já conhecia”<sup>166</sup>. Al-Tartushi também advertiu os califas e príncipes sobre a nomeação de um ministro avaro. “Se um avaro se eleva, ele evita os seus parentes, nega seus conhecidos, subestima as pessoas nobres e se ostenta sobre as pessoas de virtude.” Em seguida, Al-Tartushi citou uma história que confirma o seu ponto de vista. Ele menciona o incidente que ocorreu entre Sulayman ibn Abdul-Malik e Omar ibn Abdul-Aziz. Ele disse: “Quando Sulayman ibn Abdul-Malik quis nomear o escriba de Al-Hajjaj, cujo nome era Yazid ibn Abu Muslim, Omar ibn Abdul-Aziz disse: “Ó emir dos crentes, te peço por Deus, não celebre o nome de Al-Hajjaj nomeando seu escriba”. Sulayman disse: “Ó Abu Hafs, eu não observei nele a traição em um dinar nem em um dirham”. Omar disse: “Eu posso te falar sobre quem é mais honesto do que ele em manter o dinheiro”. Ele disse: Quem é ele? Ele disse: “O diabo nunca tocou um dinar ou um dirham, mas ele destruiu a criação”<sup>167</sup>.

Em seu livro “Al-Manhaj Al-Masluk fi Siyasat Al-Muluk”, Al-Shayzari (falecido em 589 d.H), explicou as divisões do ministério, em conformidade com o que vimos com Al-Mawardi. Al-Shayzari salientou em seu livro que um ministro deve ter obrigatoriamente dez características: conhecimento, idade,

164 Ibn Khaldun: Al Ibar wa Diuan Al Muftada wa Al Khabar 1 / 238.

165 Idem, p. 26, e Munir Al Ajalan: Abqariyat Al Islam fi Usul Al Hukum (As genialidades do Islam nos fundamentos de governança), p. 223.

166 Al Tartushi: Siraj Al Muluk, p. 56.

167 Idem: p. 57.

honestidade, veracidade, contentamento, pacifismo, forte memória, inteligência e discernimento, não ser das pessoas de caprichos e desejos, ser de suficiência (possuir aquilo que lhe é suficiente)<sup>168</sup>.

Em seu livro “Tahzib Al-Riyasah wa Tartib Al-Siyasah”, Muhammad ibn Ali Al-Qal’i (falecido em 630 d.H), contou muitas histórias e informações que ajudam califas, príncipes e sultões na administração de suas províncias com prudência, através da experiência dos antigos a este respeito. Al-Qal’i dividiu seu livro em duas partes. A primeira parte consistiu em “capítulos que incluíram muitas palavras dos sábios e valiosos ditados dos eloquentes. Essas palavras seguem a linha de provérbios e aforismos...” A segunda parte do livro inclui “histórias de califas, seus ministros, seus funcionários e emires, indícios de sua alta nobreza, virtude, moralidade e educação”<sup>169</sup>. Sobre o ministério, Al-Qal’i conta ditados e provérbios proferidos pelos sábios a esse respeito, além de algumas de suas poesias sobre o ministério e os ministros<sup>170</sup>.

Em seu livro “Al-Muqaddimah”, Abdul-Rahman Ibn Khaldun (falecido em 808 d.H), explicou os mecanismos do ministério e a história de seu desenvolvimento em todas as fases da civilização islâmica desde a época do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) até a sua época. Em cada etapa, apresentou o cargo ministerial através de alguns relatos históricos seguidos de explicação e análise do desenvolvimento do cargo ministerial em tal Califado e seu desaparecimento durante tal Estado. Isso reflete a percepção profunda de Ibn Khaldun sobre o sistema político islâmico. Falando sobre o ministério na dinastia omíada, ele diz que “era o posto mais alto em toda a dinastia. O ministro teve supervisão geral nas situações de administração e processos, bem como em todos os outros assuntos de natureza defensiva e ofensiva. Isto também implicou a supervisão da repartição do exército, a atribuição de concessões e outros assuntos”<sup>171</sup>. Não há dúvida de que sua visão política e cultural sobre os países islâmicos mais tarde se tornou uma ciência chamada sociologia.

Em seu livro “Bada’i Al-Silk fi Taba’i Al-Mulk”, Shams Al-Din ibn Al-Azraq Al-Ghirnati (falecido em 896 d.H), seguiu os passos de Ibn Khaldun em sua visão social e política. Em seu livro, Al-Ghirnati dedicou um capítulo sobre “as ações que estabelecem a imagem do reino e sua existência”. A primeira dessas ações é a nomeação do ministro. Nesse sentido, ele fornece provas lógicas e religiosas. O livro é semelhante aos livros dos filósofos em suas subdivisões<sup>172</sup>.

Depois desta rápida explanação, podemos perceber a grandeza da contribuição islâmica no campo do ministério, especialmente porque as nações europeias e, antes delas, as civilizações antigas não tinham qualquer tipo de contribuição nesse domínio.

168 Ver: Al Shizzari: Al Manhaj Al fi Masluk Siyasat Al Muluk (o método adotado na política dos reis), p. 207-210.

169 Al Qal’i: Tahzib Al-Riyasah wa Tartib Al-Siyasah, p.4.

170 Idem: p. 60.

171 Ibn Khaldun: Al Muqaddimah, p. 238.

172 Ibn Al Azraq: Bada’i Al Sulk fi Taba’i Al Mulk “(O Método mais Esplêndido do Governo), p. 24.

## Terceiro Capítulo

### As Repartições (*Addauuin*)

---

**D**iuān é uma palavra persa (que foi arabizada). Em árabe, significa “conjunto de folhas”, ou seja: o livro, arquivo ou registro. Em sua definição terminológica, Al-Mawardi diz: “É o lugar onde é registrado o que está relacionado com os assuntos da autoridade entre ações, finanças, e quem as executa dentre exércitos e funcionários”<sup>173</sup>.

Muitos historiadores dizem que addauuin (as repartições ou registros) surgiram na época de Omar ibn Al Khattab (que Allah esteja satisfeito com ele), como resultado da expansão do Governo Islâmico na época. Isso é verdade em termos de especialização dos registros e de nomeação de chefes para eles, mas o surgimento real dos registros ocorreu na época do profeta (a paz esteja com ele). O profeta tinha escritores que escreviam suas cartas: cartas de pregação enviadas aos reis, emires e líderes tribais, e outras cartas enviadas aos funcionários e governadores. Portanto, a criação dos registros no Governo Islâmico ocorreu na época do profeta (a paz esteja com ele), mas eles não foram chamados addauuin naquela época, porém o posto de escritor de cartas existia e era conhecido entre eles.

Desta maneira, iremos tratar as seguintes pesquisas neste capítulo:

---

173 Al Mawardi: *Al Ahkam Al Sultaniyah*, p. 259.



1. Repartição de Mensagens e Redação
2. Repartição de Pessoal e Encargos
3. Repartição dos Erários e Doações
4. Repartição dos Correios e Comunicações
5. Casa da Moeda (Baif al-Mal)
6. A Polícia
7. A Fiscalização
8. O Exército

## 1

## Repartição de Mensagens e Redação (Duan Al Rassáil wa Al Inshá)

A finalidade deste duan está relacionada com a escrita. A escrita em todas as épocas tem sido considerada como um dos mais nobres cargos após o califado, pois nela é atribuída a virtude, e nela se expressa o desejo. E a importância da escrita aumentou desde o advento do Islam. O profeta (a paz esteja com ele) teve um número de escribas que foi estimado em algumas fontes em mais de trinta escribas<sup>174</sup>.

Os califas e emires eram os que mais necessitavam de escritores, por isso, o elogio do escritor de redações ocorreu em demazia. Al-Zubair ibn Bakkar disse: “Os escribas são reis, enquanto o restante das pessoas são do povo”<sup>175</sup>. Ibn Al-Muqaffa’ disse: “Os reis precisam mais dos escritores do que os escritores precisam dos reis”<sup>176</sup>.

Al-Qalqashandi (falecido em 821 d.H) definiu Al Inshá como “tudo o que é relacionado ao ofício da escrita e composição do discurso, e o arranjo de significados, tais como correspondências, nomeações, anúncios, tréguas, depósitos, e outros relacionados com a redação, como a escrita de sentenças e assim por diante”<sup>177</sup>.

Este texto nos mostra que o registro de escrita e redação (duan al kitabah ual inshá) não se limitava somente à escrita dos ditames do califa ou do emir, mas também teve como objetivo formular declarações adequadas e discursos diplomáticos. Pode ser considerado como o porta voz oficial do califa ou do emir. A este órgão também são confiados os segredos mais

174 Fathiyah Al Nabarawi: Tarikh Nuzum Al wa Al Hadarah Al Islamiya (História dos sistemas e da civilização islâmica), p. 99.

175 Al Qalqashandi: Subh Al A'cha 1 / 73.

176 Idem: 1 / 73.

177 Idem: 1 / 84.

perigosos do Estado, os detalhes mais precisos da relação do califa com os emires e ministros, bem como sua relação com os países vizinhos.

Não há dúvida de que a definição anterior feita por Al-Qalqashandi demonstra que o diuan de escrita atingiu o nível de maturidade e de integração em seu significado e em sua construção nos séculos oitavo e nono islâmicos.

E por causa da importância da escrita na civilização islâmica, o mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele) tinha escritores no Governo Islâmico. “Ele costumava escrever aos seus governantes e aos comandantes de expedições militares e eles escreviam para ele. Ele também enviou cartas para os reis próximos convidando-os para o Islam, enviou seus mensageiros com suas cartas. Ele escreveu um compromisso a Amr ibn Hazm (que Allah esteja satisfeito com ele) quando o enviou para o Iêmen. Ele também escreveu para Tamim Al-Dari e seus irmãos encarregando-os da Síria. Ele escreveu uma convenção de trégua entre ele e os coraixitas no ano de Al-Hudaybiyah...”<sup>178</sup>.

Da mesma forma, os califas bem guiados tinham escritores particulares. Uthman ibn ‘Affan e Zaid ibn Thabit (que Allah esteja satisfeito com eles) escreviam para Abu Bakr Al-Siddiq. Zaid ibn Thabit e Abdullah ibn Khalaf (que Allah esteja satisfeito com eles) escreviam para Omar ibn Al Khattab. Marwan ibn Al-Hakam escrevia para Uthman ibn ‘Affan. Abdullah ibn Rafi e Said ibn Najran Al-Hamadani (que Allah esteja satisfeito com eles) escreviam para Ali ibn Abu Talib, cujo escrivão também escreveu para Al-Hassan ibn Ali<sup>179</sup>.

Na época do califado omíada a necessidade era maior do que nunca, uma vez que a área do Califado Islâmico se ampliou, e se multiplicaram as correspondências do califa dirigidas aos seus funcionários e governadores, então a escrita de al inshá (redação) se evidenciou de forma clara, e a repartição de redação dos omíadas tinha escritores árabes e de outros povos; Abu Al-Zuáizaáh maula Abdul Malik ibn Marwan e Rauh ibn Zinbaj Al-Juzhaami foram dois dos seus escribas, e devido à habilidade que Rauh ibn Zinbaj tinha, encontramos Abdul Malik ibn Marwan o descrevendo com admiração como “escriba persa”<sup>180</sup>.

A repartição de redação era delegada a um escritor que a supervisionava e a administrava. Abdul Hamid ibn Yahya Al-Amiri (falecido em 132 d.H), conhecido como Abdul Hamid Al-Katib (o escriba), foi um dos

178 Al Kittani: Al Al Taratib Idariyah (os escalões administrativos) 1 / 118.

179 Fathiyah Al Nabarawi: Tarikh Al Nuzum wa Al Hadarah Al Islamiyah, p. 99.

180 Al Jihshiar: Al Wuzará wal Kuttab (Os Ministros e os Escribas), p. 35.

mais famosos escribas do califado omíada e da civilização islâmica, mais tarde. Por causa de sua posição de prestígio no Estado Omíada, Marwan ibn Muhammad (falecido em 132 d.H), que foi o último califa omíada, o designou seu ministro, junto com a sua função principal de escritor. Abdul Hamid Al-Katib é considerado o primeiro a desenvolver regras gerais e as principais características que devem estar disponíveis em um escriba. Por causa de sua alta posição neste campo, foi dito: “As mensagens foram inauguradas com Abdul Hamid, e foram concluídas com Ibn Al-Amid”<sup>181</sup>. Portanto, os seus alunos ocuparam posição de prestígio no Estado, sobretudo na instituição do califado. Entre os seus discípulos, Ia’qub ibn Daud, que foi nomeado ministro do califa abássida Al-Mahdi.<sup>182</sup>

A escrita se desenvolveu mais amplamente à luz do Califado Abássida. Com as formas conhecidas antes para a repartição de redação e seus escribas, foram adicionadas outras exclusividades para esta repartição na época abássida, a mais importante delas foi a assinatura, que significa a assinatura do califa com frases concisas nas folhas de pessoas que apresentavam suas necessidades. Isso ocorre depois que o chefe da repartição observava as folhas, resumia a questão e explicava o seu conteúdo ao califa, e após a sua apresentação ao califa e o conhecimento de sua opinião sobre o assunto, ele assinava a folha com sua letra na repartição, e então, ela era enviada para a repartição responsável pelo assunto, como o imposto, as terras, os bens ou as pensões... A decisão sobre o assunto da folha era feita na própria folha com a assinatura do califa ou do seu escritor. Estas assinaturas alcançaram o máximo em resumo, eloquência e revelam a inteligência de seu assinante e sua capacidade em bem decidir e atingir a finalidade. Os eloquentes concorriam para obter assinaturas de Jaafar ibn Yahya Al Barmaki, que era o responsável pelos assuntos do califado na época de Harun Al-Rashid (falecido em 193 d.H) e o diretor da repartição de assinatura, e tinha alto grau nos métodos de retórica e suas artes, por isso foi dito: “Cada assinatura dessas era vendida por um dinar”<sup>183</sup>.

E muitas vezes temos visto o respeito dos califas pelos escribas da repartição de redação durante o Califado Abássida. Ahmad ibn Yussuf ibn Al-Qasim (falecido em 213 d.H) foi um escritor na repartição de escrita e redação do califa Al-Ma’mun, e por ter poder na condução dos assuntos de seu gabinete e capacidade de se aprimorar nesta posição, o califa Al-Ma’mun o nomeou ministro depois de Ahmad ibn Abu Khalid Al-Ahwal.

181 Tarikh Al Islam (História do Islam), 8 / 470, 471.

182 Ibn Kathir: Al Bidayah wal Nihayah (O Princípio e o Fim), 10/60.

183 Al Khatib Al Baghdadi: Tarikh Bagdad (História de Bagdá), 7 / 152.

Sobre sua habilidade na escrita de mensagens, é narrado que o califa Al-Ma'mun tinha encomendado a ele que escrevesse para os seus funcionários e governadores que aumentem as lâmpadas das mesquitas maiores em todas as regiões durante as noites do mês de Ramadan. Ahmad ibn Al-Qassim relatou que: “Ninguém escreveu sobre este significado para que me apoiasse em seus trechos, então pensei profundamente na composição de um significado, então dormi, e sonhei que alguém me disse: “Dize-lhes: Nas mesquitas há refúgio para os passageiros, iluminação para os que oram de noite, atividade para os fiéis, negação dos casos de suspeita, e livração das casas de Deus da desolação da escuridão”<sup>184</sup>. O pensamento profundo, experiência na arte de escrever e o progresso neste ofício foram os motivos gerais para o mandato de Ibn Al-Qassim no ministério posteriormente.

O Califado Abássida ficou famoso com seus grandes escribas durante seis séculos, tiveram ilustre posição à luz deste grande Estado. Por isso, Al obaidiyun (os obaiditas), Al ayubiyun (os ayubitas), os andaluzes, os sultões e emires de Estados muçulmanos independentes trabalharam para a constituição de repartições de redação semelhantes à repartição de redação e assinaturas da dinastia abássida, seguindo-os no elevado zelo por este diuan, considerado um órgão de correspondência por um lado, e de imprensa por outro.

Dentre o mais famosos escribas: Abu Othman Al Jahizh, que se recusou a continuar ocupando seu cargo no diuan de redação do califa Al-Ma'mun, se opondo aos seus companheiros nesta repartição por causa de seus exageros na veste e na fala. Ele deixou Bagdá e voltou para a cidade de Basra, onde se dedicou à autoria da ciência da linguagem, a arte da literatura, as condições sociais, e os padrões dos seres humanos e espécies animais.

E no Estado moravita (Al Murabitun), a repartição de redação foi um dos mais importantes departamentos governamentais e era dirigido por um grande escritor. Al murabitun selecionavam os escritores dos grandes literários, onde o método de escrita na Idade Média superava o papel das negociações por via oral. O emir dos muçulmanos tinha vários escribas ao mesmo tempo, e eram liderados por um grande escriba, que na realidade, era o presidente da repartição de mensagens<sup>185</sup>.

Os mamelucos também tiveram grande zelo na escolha dos escribas da repartição de redação, só os maiores escritores de retórica eram encarregados neste diuan, e eram chamados “o eminente sheikh”. Ele recebia as correspondências enviadas e as apresentava ao califa, ordena os escribas a

184 Qudamah ibn Jaafar: Al Kharaj wa Sina'at Al Kitabah, p. 37.

185 Ibrahim Harakat: o sistema político e militar na era dos Murabitun 93,94.

responder, e o califa o consultava nos seus assuntos, e nunca era barrado quando queria estar com o califa, e isso não cabia a outros. Ele ainda chegava a permanecer várias noites no palácio do califa, seu salário era de cento e vinte dinares por mês, considerada uma grande quantia, que demonstra a altura deste posto para a autoridade. Por isso, o escriba da redação era o primeiro responsável das terras, o primeiro responsável das vestes, taxas e preços. E ninguém podia entrar em seu diuan e se reunir com seus escribas, exceto os mais íntimos, tinha um porteiro que é um emir idoso, tinha funcionários, um nível alto, almofadas e tinta que era carregada por um dos professores do califa<sup>186</sup>.

Entre os mais famosos escribas da repartição de redação nesta época: Al Qalqashandi, escritor da enciclopédia geográfica, histórica e administrativa “Sobh Al A’cha fi Sina’at Al Incha”, na qual ele lembrou a importância da repartição de redação e seu escritor, e as condições mais importantes e as qualidades que devem existir neste escritor. Ele disse: “Deve ser de face iluminada, de palavras eloquentes, orador, legítimo em seu povo, nobre em sua região, íntegro e tolerante, preferidor da seriedade sobre o humor, de muita paciência e tolerância... dá ao reino a opinião sensata, o que ocorrer da parte do rei de opinião correta, ação bela ou medida louvável, a difunde e a engrandece, e repete a sua menção, e incentiva o povo a elogiá-lo e agradecê-lo, e quando ele diz uma palavra ao rei em sua assembleia ou na presença de um grupo daqueles que o servem, e o rei opina que não é correto, ele não responde e recusa a opinião do rei imediatamente, pois isso é considerado um grande erro, mas espera até estar a sós com ele, e introduz no curso de suas palavras o que esclarece a sua abordagem correta sem se vangloriar com sua opinião, e segue o rei em sua moral íntegra, natureza nobre, difusão da justiça, extensão da segurança, auxílio aos oprimidos e defesa dos injustiçados...”<sup>187</sup>.

A repartição de redação e mensagens realizou uma das mais destacadas manifestações de progresso da civilização islâmica, foi uma clara evidência da elevação da civilização islâmica e de seu firme sistema que visa facilitar os assuntos do povo e enfatizar a identidade islâmica.

186 Al Maqrizi: Al Maua'idh wal I'tibar 1/402.

187 Al Qalqashandi: Sobh Al A'cha 1 / 139, 140.

## 2

## Repartição de Pessoal e Encargos (Diuan Al Jund wa Al A'tá)

A criação da repartição de pessoal e encargos (Diuan Al-Jund wa Al-A'ta) teve como principais razões: listar as tropas, registrar seus nomes com suas afiliações étnicas e geográficas, estabelecer as suas concessões, definir os seus salários e vencimentos, registrar o seu armamento, para facilitar para os soldados, auxiliar suas famílias e lhes fornecer subsídios e pensões<sup>188</sup>. Os livros de história concordaram por unanimidade que Omar ibn Al Khattab (que Allah esteja satisfeito com ele) foi o primeiro a criar esta repartição. Após a morte de Abu Bakr (que Allah esteja satisfeito com ele), Omar ibn Al Khattab assumiu o califado e tinha uma política especial na gestão dos assuntos do Governo, em especial os assuntos financeiros. Ele estabeleceu Diuan Al-A'ta. A razão da criação desta repartição foi o aumento dos recursos do Califado Islâmico. Com a expansão financeira e territorial, Omar procurou o melhor mecanismo para distribuir o dinheiro entre o povo. Abu Bakr distribuía os despojos e dinheiro entre o povo de forma igual, sem diferença entre os muçulmanos antigos e os que entraram no Islam a pouco tempo. Quando alguns companheiros se opuseram e lhe perguntaram sobre isso, ele disse: “Como é que eu sei sobre isso que citam de pioneirismo, antiguidade e virtude? Isto é tão somente algo cuja recompensa impende a Allah (exaltado seja), e esta é uma pensão, na qual a igualdade é melhor que a preferência”<sup>189</sup>. Entretanto, a visão de Omar foi diferente. Ele estabeleceu um conjunto de princípios gerais para a distribuição de dinheiro às pessoas. Entre estes princípios: o grau de parentesco com o mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele), a precedência no Islam e no combate, preferindo os soldados de acordo com suas habilidades no combate, assim como suas distâncias da terra do inimigo<sup>190</sup>.

188 Abd Al Rahman Umayrah: *Al Istratijyah Al Harbiyah fi Idarat Al Ma'arik fi Al Islam* (a estratégia militar para a gestão de batalhas no Islam), p. 78.

189 Al-Khatib Al-Baghdadi: *Tarikh Bagdad* (História de Bagdá), 7 / 152.

190 Fathiyah Al Nabarawi: *Tarikh Al Nuzum wa Al Hadarah Al Islamiyah*, p. 83.

Como a distribuição de dinheiro entre as pessoas variou de acordo com estes princípios, foi necessário estabelecer uma repartição independente para esta finalidade. A criação de Diuan Al-A'ta é uma evidência para o fato de que a civilização islâmica adotou o princípio da organização e normas adequadas desde os tempos antigos. Esta foi uma das instituições mais organizadas e precisas desde a sua criação, a ponto de Omar não excluir ninguém da concessão. Ele ainda listou os recém-nascidos entre os que recebem dinheiro, e a política deste diuan era flexível com os acontecimentos e desenvolvimentos, pois os persas e os romanos que finalmente entraram no Islam foram incluídos nele<sup>191</sup>.

Alguns companheiros do profeta, como Hakim ibn Hizam, se recusavam a pegar esse dinheiro por desinteresse. Hakim seguia a recomendação do profeta (a paz esteja com ele), na qual disse: “Ó Hakim, esta riqueza é como uma fruta doce e fresca, quem a pegar, sem ganância, será abençoado nela. E quem a leva com avidez, ele não será abençoado nela”<sup>192</sup>. Sem dúvida, isso reflete as normas morais que a civilização islâmica estava interessada em implantar no muçulmano que merece esse dinheiro.

Na época do califado omíada, Mu'awiah ibn Abu Sufian (que Allah esteja satisfeito com ele), ordenou que fosse pago a aqueles que não têm contato com suas famílias, e aos de origem desconhecida pelo Diuan Al-A'ta. Isto aconteceu a pedido da Abdullah ibn Safwan ibn Umaiyah (que Allah esteja satisfeito com ele)<sup>193</sup>.

O aumento das concessões variou de acordo com a capacidade dos soldados e dos líderes e sua participação nas lutas e conquistas. Abdul-Malik ibn Marwan honrou Mussa ibn Nussayr quando este libertou a África em 83 d.H. Al-Hajjaj honrou Al-Muhallab ibn Abu Sufrah e seus companheiros pelos seus esforços na erradicação dos “khauarij”. Ele aumentou as suas concessões e, em seguida, disse: “Estes são os feitores de ações, e merecem os fundos. Estes são os protetores das fronteiras e da fúria dos inimigos”<sup>194</sup>.

Como resultado da importância de Diuan Al-A'ta, o Estado procurava as pessoas de conhecimento e experiência para atribuir-lhes a tarefa de presidir esta repartição. Abu Jaafar Al-Mansur nomeou Al-Layth ibn Sa'd (que Allah tenha misericórdia dele) para administrar esta repartição<sup>195</sup>. Esta escolha não nos surpreende quando sabemos que a rotina do califado era designar as pessoas de conhecimento, retidão e capacidade administrativa. Quanto à tarefa do escriba da repartição de pessoal e encargos (ou exército

191 Ver: Akram Al Omari: *Asr Al Khilafah Al Rashidah* (a era do califado bem guiado), p. 380.

192 Al Bukhari: *Livro do Zakat* (1403).

193 Mus'ab Al Zubayri: *Nassab Coraix* (a genealogia dos coraixitas), p. 129.

194 Al Tabari: *Tarikh Al Umam wa Al Muluk* (a história das nações e dos reis) 5 / 135.

195 Ibn Assakir: *Tarekh Dimishq* (História de Damasco), 50/367.



e concessões), esta limitou-se ao “cálculo das quantias, registo das marcas dos animais e dos nomes e alcunhas das pessoas”<sup>196</sup>.

Como resultado da experiência administrativa nas condições das tropas e do povo, o chefe da repartição de encargos era promovido no âmbito das instituições do Estado. Às vezes, ele assumia o comando dos exércitos. O califa abássida Al-Muktafi (falecido em 295 d.H) designou Sulayman ibn Muhammad, chefe de Diuan Al-Jund wa Al-A'ta, como comandante dos exércitos, a fim de combater os “qaramitas” que se rebelaram contra o Califado Abássida<sup>197</sup>.

Diuan Al-A'ta teve importância histórica na decisão das questões controversas, como a morte de uma pessoa. Era conhecida a data da morte de muitos dignitários cuja morte não foi registrada em outros lugares. Assim, esta repartição serviu como um cartório de documentos nacionais em todos os países do Califado Islâmico. Na conversa entre um velho que visitava a cidade de Homs e um dos moradores que é um parente do combatente Khalid ibn Ma'dan Al-Kula'i, o visitante disse que conheceu Al-Kula'i na batalha da Armênia, em 108 d.H, mas os parentes de Al-Kula'i disseram que ele morreu em 104 d.H. As duas partes recorreram aos documentos mantidos no Diuan Al-Jund wa Al-A'ta, e eles descobriram que o homem morreu em 104 d.H<sup>198</sup>.

É de se admirar o fato de os poetas durante a dinastia omíada da Andaluzia serem pagos por esta repartição de acordo com a qualidade de sua poesia. Ahmad ibn Muhammad Al-Qastali elogiou Al-Mansur ibn Abu Amir com um poema maravilhoso, com o qual ele rivalizou um poema composto pelo famoso linguista Said ibn Al-Hassan Al-Andalusi. As pessoas suspeitaram da qualidade do poema de Al-Qastali e acusaram-no sobre ele. Na era de Al-Mansur ibn Abu Amir, havia um diuan especial para pagar os poetas conforme os seus níveis. Al-Qastali foi trazido até Al-Mansur sob a acusação de plágio e que ele não deve ser registrado neste diuan. Ele encontrou Al-Mansur na quinta-feira, dia 3 de shawwal de 382 d.H. Al-Mansur questionou-o sobre o poema, mas ele se destacou e conseguiu refutar a acusação lançada contra ele. Assim, Al-Mansur lhe deu cem dinares e o registrou na lista dos poetas<sup>199</sup>.

De acordo com Ibn Khaldun, durante a dinastia dos mamelucos, o chefe de Diuan Al-A'ta foi chamado de inspetor do exército. Isto significa que a importância das funções deste diuan aumentou naquela época.

Em resumo, Diuan Al-Jund wa Al-A'ta foi uma das características mais importantes da civilização islâmica em toda sua longa história. Através deste diuan, a instituição administrativa no Governo pode organizar as doações e pagamentos para o povo e para os soldados de uma forma civilizada e magnífica.

196 Ibn Qutaibah Al Daynuri: Al Imamah wa Al Siyasah (A liderança e a política) 2 / 331.

197 Al Maqrizi: Itti'az Al Hunafa, p. 51.

198 Ibn Al Adim: Bughyat Al Talab fi Tarikh Halab (A Pesquisa Desejável sobre a História de Aleppo), 3 / 253.

199 Al Humaydi: Jazwat Al Muqtabas, p. 40.

## 3

## Repartição dos Erários e Doações (Diuan Al Auqaf)

---

Desde o tempo do mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele) até os dias de hoje os muçulmanos tiveram e têm tendência para as obras de caridade e os atos de obediência. Al-uaqf (a doação de um bem que gera renda permanente e, assim, essa renda sempre é dirigida para doação e filantropia. O plural é: auqaf) foi uma das formas mais importantes de bondade e de maior benefício para os muçulmanos. Al-uaqf é a pedra fundamental sobre a qual todas as instituições de caridade foram estabelecidas na história da nossa civilização. Contribuiu para o progresso das sociedades islâmicas de uma forma notável, que surpreendeu aqueles que observaram a história e filosofia da civilização islâmica e os fizeram ansiosos para saber o real significado do surgimento e da existência do uaqf islâmico, e sua continuação desde seu surgimento na época do mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele). O sistema de doações é uma adição islâmica pura para o curso da civilização no momento em que os sentidos de solidariedade social não existiam em qualquer civilização antes do Islam.

O profeta (a paz esteja com ele) tradicionalizou Al-uaqf para todos os muçulmanos. A primeira doação em forma de erário no Islam foram as terras de propriedade de um homem chamado Mukhayriq<sup>200</sup>. Em seu livro “Al-Tabaqat Al-Kubra”, Ibn Sa’d cita que Muhammad ibn Ka’b Al-Qurazi disse: “Na era do mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele), sete jardins em Madinah foram vinculados (doados em forma de uaqf): Al-A’waf, Al-Safyah, Al-Dalal, Al-Maythab, Barqah, Husna e Mashrabat Um Ibrahim.

---

200 Mukhayriq Al Nadri: companheiro do profeta. Ele era um estudioso judeu rico. Após se converter ao Islam, ele concedeu sua propriedade para o profeta (a paz esteja com ele) como forma de doação para os necessitados. Ele morreu em Uhud em 3 d.H. Veja: Ibn Hajar, Al Isabah 6 / 57.

Ibn Ka'b disse: Depois da época do profeta, os muçulmanos vincularam para os seus filhos e netos<sup>201</sup>.

A maioria dos companheiros também doaram uaqf na vida do mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele) e depois dele. Temos o uaqf de Omar ibn Al Khattab, Uthman ibn 'Affan, Talhah ibn Ubaidullah e Ali ibn Abu Talib (que Allah esteja satisfeito com eles), doações que foram distribuídas para diversas obras beneficentes.

Omar ibn Al Khattab escreveu no testamento de seu uaqf que o rendimento de sua doação é destinado para os pobres, parentes, para libertar os escravos, pela causa de Allah, para os hóspedes e viajantes, e não haveria constrangimento sobre quem cuida dessa doação a se alimentar dela com conveniência ou alimentar um amigo sem armazená-la ou possuí-la<sup>202</sup>.

Os casos de auqaf continuaram a ser executados pelos beneficiários ou pelos inspetores de acordo com os termos e condições estabelecidas por quem concedeu Al-uaqf, sem que o Governo Islâmico tivesse interferência direta no assunto. Quando o juiz omíada Taubah ibn Nimr Al-Hadrami<sup>203</sup> assumiu o Judiciário no Egito durante a época de Hisham ibn Abdul-Malik, ele percebeu que as doações foram distribuídas entre os beneficiários e os inspetores. Então, ele próprio passou a supervisionar essas doações, a fim de protegê-las e se certificar de que as condições de uaqf dessas doações não seriam violadas. Taubah não morreu até que foi criada uma repartição (diuan) independente para Al-auqaf para cuidar dos seus assuntos sob a supervisão do juiz. Embora esta medida tenha sido tomada no Egito, foi o primeiro lançamento para a implementação do sistema em todos os países muçulmanos. E assim, Al-uaqf permaneceu subordinado à supervisão dos juizes, que cuidavam dele e implementavam as suas respectivas condições. Se esta doação tem um inspetor, o papel de juiz limita-se ao auxílio e orientação<sup>204</sup>.

A situação continuou assim até a primeira metade do quarto século islâmico, quando Al-auqaf teve um funcionário independente que supervisionava os seus assuntos. Isto resultou na criação de um diuan independente de auqaf. Apesar da novidade deste diuan, seu chefe foi logo promovido a altos cargos no Estado, a ponto de superar o cargo de desembargador no Egito. Era dito: "Se há um dia de comemoração, quando o sultão é cumprimentado, o desembargador envia o seu mensageiro para ficar na frente

201 Ibn Sa'd: Al-Tabaqat Al-Kubra 1 / 503.

202 Ver: Sahih Al Bukhari: Livro de condições (2586), e Muslim: Livro de vontade (1632).

203 Abu Mahjin Taubah ibn Nimr ibn Harmal Al Hadrami: juiz-chefe do Egito. Ibn Hajar disse: ele foi o primeiro a supervisionar Al Auqaf e transferi-la de seus proprietários para a autoridade do governo porque temia que estas doações fossem recusadas e herdadas. Ele morreu em 120 d.H. Veja: Ibn Hajar: Ta'jil Al Manfa'ah (acelerando o benefício), p. 61.

204 Ver: Al Kindi: Al Wulah wa Al Qudah (governantes e juizes), p. 390 e Muhammad Abu Zahrah: Muhadarat fi Al Waqf (palestras sobre doação), p. 12.

da porta do sultão até o chefe do diuan de doações vir cumprimentar o sultão e se retirar. Então o mensageiro vai até o desembargador e o avisa sobre isso. Em seguida, o desembargador vem cumprimentar o sultão. Al-Nabulsi<sup>205</sup> (autor do livro “Lam’Al-Qawanin Al-Madiyah fi Dawawin Al-Diyar Al-Misriyah”) explica o motivo disso: por causa do medo de ambos se encontrarem no palácio do sultão e o chefe do diuan de doações se acomoda à esquerda do sultão, o que reflete sua posição de prestígio e influência no Estado. Al-Maqrizi diz que o diuan de doações é o que tem mais absolutismo e apenas os nobres escritores muçulmanos, cujo testemunho e sentença são aceitos, trabalham nele<sup>206</sup>.

Na época da dinastia otomana, foi fundado um novo sistema de uaqf, que contém a classificação dos tipos de terras, construções, aluguéis e donativos. Essa classificação ainda é praticada em muitos países árabes até os dias de hoje. O Império Otomano também desenvolveu um sistema para a distribuição de cargos nos departamentos de doações (auqaf) e o exame dos candidatos para cargos em Al-auqaf. Estes exames também abrangiam cargos religiosos, como imamah (liderança das orações), khitabah (sermão de sexta-feira), ensino e azhan (chamado para as orações). E assim, as leis e regulamentos relativos a Al-uaqf se desenvolveram no mundo muçulmano desde o Império Otomano até os dias de hoje, e Al-uaqf ganhou um ministério exclusivo<sup>207</sup>.

Al-uaqf Islâmico abrangeu todos os aspectos civis importantes; construção de mesquitas de grande movimento, bibliotecas, hospitais, fontes, poços, banheiros e escolas, atendendo a todas as necessidades da sociedade muçulmana em todos os níveis. No aspecto religioso, encontramos a construção de milhares de mesquitas em todos os países muçulmanos, que são, na realidade, patrimônios destinados ao uaqf (erário islâmico), cujos donos intencionaram fazer o bem e alcançar a recompensa. Desta forma, vemos o uaqf cumprindo o seu nobre papel na sociedade islâmica.

No lado científico, encontramos centenas de escolas frutos do erário (uaqf) islâmico, destinadas aos que buscam o conhecimento, a fim de alcançar os propósitos dos que fizeram tais doações e impulsionar a nação islâmica no aspecto científico. Entre os sultões mais famosos que fizeram reviver a Sunnah do uaqf científico, temos o sultão Salah Addin Al Aiyubi (Saladino), dentre os seus mais importantes uaqf no Egito: “construiu uma escola no Cairo,

205 Uthman ibn Ibrahim Al Nabulsi, Fakhri Al Din: um dos príncipes da dinastia aiúbida. O sultão Najm Al Din Aiyub o nomeou como supervisor dos dawain do Egito em 632d. Ele compõe o seu livro “Lam’ Al Qawanin Al Madiyah fi Dawawin Al Diyar Al Misriyah” a pedido do sultão Najm Al Din. Ele morreu em 685 d.H. Veja: Al Zirikli: Al A’lam 4 / 202.

206 Al Maqrizi: Al Mawa’iz, 2 / 295, Al Qalqashandi: Subh Al A’cha 3 / 567, Al Nabulsi: “Lam’ Al Qawanin Al Madiyah fi Dawawin Al Diyar Al Misriyah”, p. 28, Al Samarra’i: Al Mu’assasat Al Idariyah fi Al Dawlah Al Abbasiyah (As instituições administrativas na dinastia abássida), p. 298-307.

207 Muhammad Abu Zahrah: Muhadarat fi Al Waqf, p. 26, 27, e Ikriman Sabri: Al Waqf Al Islami (doação islâmica), p. 21, 22.

nas proximidades da cena atribuída ao Imam Hussain ibn Ali”, e o tornou um bom uaqf, e fez a casa de Said Al Su’adá, o servo dos egípcios, um khaniq<sup>208</sup> (uma casa de oração) e estabeleceu um extenso uaqf junto dela, fez a casa de Abbas ibn Al Salar uma escola para a jurisprudência hanafi e estabeleceu um bom uaqf para ela também, e fez da escola conhecida no Egito como “Zain Al-Najjar” uma escola de jurisprudência shaafí e constituiu também um bom uaqf (estes erários têm como missão sustentar os trabalhos oferecidos por tais escolas, hospitais e outros), e tem no Egito também uma escola maliki<sup>209</sup>.

No aspecto social encontramos uaqf de fontes e hotéis, e outros uaqf para os pobres e necessitados, que tiveram o maior impacto sobre a solidariedade social naqueles tempos de progresso. O emir Nur Al-Din Mahmud (que Allah tenha misericórdia dele) constituiu auqaf para os doentes, fracos e órfãos em Halab (Aleppo) e em outras regiões muçulmanas. Em Makkah, um grande jardim ao lado da Mesquita Sagrada é considerado erário “para os pobres, necessitados e visitantes que chegam ou se dirigem para a visita da Mesquita do Profeta o Sheikh Aziz Al Daulah Rehan Al-Nada Al-Shihabi, considerado o sheikh dos serviços de Al-Haram Al-Sharif, tornou este local uaqf no ano seiscentos e noventa e sete<sup>210</sup>.

Outro fato que demonstra a atenção dos reis, sultões, ricos e das pessoas boas em criar auqaf que servem os aspectos sociais dos muçulmanos: É narrado que o sultão mameluco Al Dhahir Barquq<sup>211</sup>, estabeleceu uma biblioteca como uaqf “onde os órfãos recitam o Alcorão Sagrado no castelo da montanha<sup>212</sup>, que é o castelo de onde se governam as terras do Egito e da Síria e todos os países sujeitos à sua autoridade.

Um dos fatos mais refinados e sutís que foram relatados no Islam é o que foi narrado por Ibn Battuta em sua viagem com admiração e espanto. Ele disse sobre os auqaf de Damasco: “O uaqf em Damasco não pode ser enumerado em seus tipos, destinos e abundância. Há auqaf para as pessoas que são incapazes de realizar a peregrinação, é dado àqueles que executam o hajj, em nome de um homem o que lhe é suficiente; auqaf para o preparo das noivas para os seus maridos, e são destinados às famílias que não tem condições de prepará-las; auqaf para soltura de presos; auqaf para os viajantes (ibn Assabil), lhe é concedido o que comer, vestir e provisão para chegar ao seu país; auqaf para reformar as ruas e arrumar suas calçadas, porque as ruas

208 Khaniq: é um local habitado por pessoas de oração e virtudes e sufismo. Veja: Al Zubaidi: Taj Al Arus 25/270.

209 Al Iafi: Mir’at Al Jinan 3 / 351.

210 Ibn Al d.Hiaa: Tarikh Makkah Al Mukarramah wal Haram Al Sharif, p. 247.

211 Abu Said ibn Al d.Hahir Barquq ibn Anas Al Uthmani (Otomano) (738-801 d.H / 1338-1398 d.C): O primeiro rei do Egito dos circassianos, era bravo e valente e teve uma biografia nobre. Veja: Zirikli: Al A’lam 2 / 48.

212 Al Maqrizi: Al Suluk 5 / 448.

de Damasco têm duas calçadas em suas beiras para os pedestres, e as pessoas que têm montaria passam no meio; e *auqaf* para outras benfeitorias”<sup>213</sup>.

“*Auqaf* de recipientes” foi um dos fatos mais impressionantes mencionados por Ibn Battuta. A partir de uma experiência pessoal, ele disse: “Certo dia, eu passava pelas ruas de Damasco, e vi um servo que deixou cair de suas mãos um prato de cerâmica chinês, ele se quebrou, e as pessoas se reuniram ao seu redor. Um homem disse a ele: junte os pedaços e os carregue até o “*auqaf* de recipientes”. O menino juntou os pedaços quebrados e este homem foi com ele e mostrou as partes ao responsável, que pagou-lhe um valor com o qual o menino podia comprar um prato igual. Esta é uma das melhores ações, porque o senhor do menino iria batê-lo ou iria repudiá-lo por ter quebrado o prato, e o coração do menino também iria se quebrar e iria se alterar. Então, este *uqf* era uma reparação para o coração. Que Allah recompense quem se dedica a uma benfeitoria assim”<sup>214</sup>!

Em mais de um país islâmico, havia *uqf* para o empréstimo de enfeites e decorações para casamentos, beneficiando os pobres e o público com o que precisam de joias para ornamentação nas festas, em seguida, os devolviam ao seu lugar após o fim da festa. Assim, o pobre podia estar, no dia de seu casamento, com aparência decente, e a noiva era enfeitada com belo enfeite<sup>215</sup>!

Na Tunísia, havia *uqf* para a circuncisão dos filhos dos pobres, onde o menino era circuncidado, ganhava roupas e dinheiro. E havia outro *uqf* que distribuía doces no mês de Ramadan gratuitamente. Em alguns dias do ano chega à Tunísia um tipo de pescado, suas margens se transbordam com estes peixes. Havia um *uqf* destinado à compra de grande parte deste peixe para serem distribuídos aos pobres de graça. Havia um *uqf* para quem precisava de roupa nova se sua roupa for suja com óleo de lâmpada ou outra coisa, era dado o suficiente para comprar outra veste<sup>216</sup>.

Mais incrível que isso tudo é a instituição de *uqf* que existia em Marraquesh, no Marrocos, denominada “Casa de Al Duqqah”<sup>217</sup>, um abrigo para as mulheres que têm algum tipo de aversão e ódio entre elas e seus maridos, onde elas podem permanecer com direito a alimentação até ser resolvido o que há de discórdia entre eles<sup>218</sup>!

Al *uqf* também teve um papel de destaque no campo da saúde desde o primeiro século islâmico. O primeiro a construir hospitais como

213 Ibn Battuta: A Viagem de Ibn Battuta, p. 99.

214 Idem, p. 100.

215 Chakib Arslan: O mundo islâmico de hoje 08/03.

216 Shawki Abu Khalil: a civilização árabe islâmica, p. 336 337.

217 Al Duqqah: especiarias misturadas com sal. Aqui, o termo está sendo utilizado para a casa que bate as mãos do marido que tem tratamento injusto para com a mulher, para dar-lhe limite. (pode se dizer que é um tipo de delegacia da mulher, porém não é destinado apenas a casos de violência [nota do tradutor])

218 Shawki Abu Khalil: a civilização árabe islâmica, p. 336 337.

forma de *uaqf* para os doentes carentes foi o califa omíada Al Ualid ibn Abdul Malik. Ele construiu um hospital em Damasco<sup>219</sup>, e demonstrou cuidado especial com pacientes com hanseníase, os impedia de pedir às pessoas, e tornou uma região inteira *uaqf* para gerar recursos para eles. Al Ualid também ordenou que fosse designado um servo para cada pessoa inativa, e um guia para cada cego<sup>220</sup>.

Um dos mais importantes hospitais que foram transformados em *uaqf* em Bagdá foi o hospital Al Ádhudi, construído por Ádhud Al Daulah Al Bueihi em 366 d.H / 976 d.C, se localizava no lado ocidental da cidade de Bagdá e tinha 24 médicos, o que indica a sua amplitude e a variedade de suas especialidades. Ádhud Al Daulah constituiu muitos *auqaf* para a geração de recursos para este hospital, onde o tratamento era gratuito para todos os cidadãos, e o paciente recebia cuidados intensivos no hospital, entre roupa nova e limpa, variedade de alimentos e medicamentos necessários. E após a cura do paciente, era dado o custo de sua viagem de volta ao seu país<sup>221</sup>.

Os hospitais destinados por *uaqf* atingiram um alto grau de sofisticação, cuidado e de progresso, a ponto de haver informações sobre pessoas que simulavam estar doentes para entrar nestes hospitais, por causa do cuidado, auxílio e alimentação apetitosa que era oferecida. Alguns médicos chegavam a fazer vista grossa deste fingimento. O historiador Khalil ibn Shahin Al Dhahiri<sup>222</sup> menciona que visitou um hospital em Damasco em (831 d.H / 1427 d.C) e jamais tinha visto um hospital como ele em seu tempo, e encontrou uma pessoa que fingia estar doente, e o médico escreveu para ele depois de três dias a contar da entrada no hospital: o hóspede não permanece mais de três dias<sup>223</sup>!

Al *auqaf* na civilização islâmica se destacou pela diversidade e difusão. O sistema de *uaqf* islâmico foi uma prova da exclusividade da civilização islâmica neste sistema que concedeu para os muçulmanos e para os não muçulmanos vários mecanismos para a solidariedade, compaixão e ascensão da civilização islâmica, não conhecidos antes pelo mundo.

219 Ver: Al Zahrani: *Nidham Al waqf* (O sistema de *waqf*), p. 248.

220 Ver: Ibn Al Athir: *Al Kamil*, 4 / 292, e Ibn Daqmaq: *Al Jauhar Al Thamin*, p. 65.

221 Ver: Ibn Abi 'Usaibiah: *Újun al Anbá fi Tabaqat al Atibbá*, 1 / 67, e Muhammad Hussain Ali: *História dos árabes e muçulmanos*, p. 196, e Hafiz Qadri Tuqan: *as ciências entre os árabes e muçulmanos*, p. 32,34.

222 Khalil ibn Shahin Al Dhahiri (813 – 873 d.H / 1410 – 1468 d.C), conhecido como Ibn Shahin. Ele era apaixonado pela pesquisa, tem muitas obras e compilações. Ficou muito famoso no Egito. Dentre os seus trabalhos: *Zubdat Kashf Al Mamalik wa Baian Al Turuq wal Massalik*. Veja: Al Zirikli: *Al A'alam* 2 / 318.

223 Ver: Ikrimah Said Sabri: *A Enfermagem na História Islâmica*, p. 29,30.

## 4

## Repartição dos Correios e Comunicações (Diuan Al Barid wal Al Ittissalat)

A civilização islâmica deu grande importância aos correios e ao sistema de comunicação. Isto teve início quando o Governo Islâmico se expandiu e houve a necessidade de se estabelecer um sistema administrativo que garante a correspondência perfeita entre a capital do califado e outras cidades do território muçulmano, especialmente as mensagens entre o califa e os governantes. Desta maneira, este sistema evoluiu e se tornou uma grande instituição com um papel significativo dentro do território. Ele também se tornou uma testemunha do grau de progresso e avanço alcançado pela civilização do Islam.

### **Al Barid (correios), seu significado e seu desenvolvimento:**

Apesar da multiplicidade de pontos de vista sobre a origem da palavra *barid*, este é um termo árabe, e gira em torno de vários significados, entre eles: o sinal, no provérbio: “*al-Humma Barid Al-Mawt*” (a febre é o sinal da morte), porque antecede e prenuncia a morte. Um poeta disse: “*ra’aytu lil-mauti baridan mubradan*” (Eu vi um sinal enviado para a morte). E uma ave chamada *Al-Gharaniq* também é chamada *barid*, porque ela dá avisos de um leão que se aproxima<sup>224</sup>. O termo *barid* também se refere ao mensageiro, que costumava vir montado nos animais dos correios. Em um hadith relatado por Abu Hurairah (que Allah esteja satisfeito com ele) o mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele) disse: “Se vocês me enviarem um mensageiro, enviem-no com boa face e bom nome”<sup>225</sup>. Ele (a paz esteja com ele) também disse: “Eu não violo um pacto e não detenho os mensageiros (que me são enviados)”<sup>226</sup>. E sobre o significado da palavra “*barid*”, *Al-Zamakhshari*

224 Ibn Mandhur: *Lisan Al Arab*, 3 / 84.

225 Al Tabarani: *Al Jami ‘Al Awsat*, 7 / 367; e Ibn Hajar Al `Asqallany: *Al Matalib Al `Aliyah*, 11/685 (2658).

Al Albani classificou este hadith como Sahih (autêntico). Veja: *Sahih Al Jami’* (259).

226 Abu Daud: *Kitab Al Jihad* (2758), e Ibn Hibban (4877).



citou que “barid” é usado com o significado de mensageiro. Tem duas formas no plural: “burd” e “burud”<sup>227</sup>. E o animal de carga que é utilizado para transportar as mensagens também foi chamado barid, porque ele costumava andar nas rotas dos correios. Al-Tanukhi disse: “Al barid é um serviço nobre e grande. O responsável precisa de um grande número de pessoal e material abundante. Entre as tarefas que ele deve realizar: a manutenção da estrada, protegê-la contra os bandidos e ladrões, evitar as rotas dos inimigos, estar ciente da infiltração dos espões no mar e na terra, ele recebe as cartas de governadores das fronteiras das cidades e áreas remotas e as transporta no prazo mais rápido que pode, utilizando os atalhos das estradas, e escolhendo as mais rápidas montarias e cavaleiros. Os responsáveis pelo barid (chefes dos correios) para os reis são como os olhos que observam e os ouvidos que ouvem. Se o rei está desatento a isso, e o mensageiro não revelar ao rei a situação dos seus leais e seus inimigos, as notícias não chegaram até ele (o rei), sua política irá falhar, e ele só irá sentir quando o mal cair sobre ele”<sup>228</sup>.

E dentre as tarefas do chefe do barid: o envio das notícias à pessoa que o nomeou neste posto. Isso porque estes funcionários informam o governante, os altos funcionários, os emires e os reis da situação geral do local onde foram nomeados, e informam as autoridades oficiais de ações suspeitas que podem ser planejadas contra o Estado, bem como o comportamento dos altos funcionários, com medo de romper com o Estado central, anunciando a desobediência e declarando-se governadores independentes<sup>229</sup>.

Assim, o objetivo do barid na fase inicial do Islam era entregar as ordens dos califas a seus emires e governadores e enviar de volta a notícia dos emires e governadores para os califas. Em seguida, eles ampliaram o desígnio do presente exercício tornando o chefe dos correios o olho do califa – isto é, além de entregar as ordens e instruções do califa a seus governadores, ele também fiscalizava seus trabalhos e informava o califa de seus comportamentos, e também espionava os inimigos. Assim, o barid era como um órgão de inteligência no âmbito do ministério da defesa atualmente. Al-Sahib `Ala' Al-Din disse: “Entre outras coisas, espalharam os correios por toda parte, a fim de preservar as riquezas, ter transferência rápida de notícias e novos desenvolvimentos”<sup>230</sup>. O serviço postal era confinado a assuntos do Estado, mais tarde, ele estava disponível para os indivíduos para o envio de suas cartas<sup>231</sup>.

Os muçulmanos organizaram os correios criando “al sikak” (postos, locais onde eram colocados grupos ou equipes de revezamento para esta finalidade). Ibn Al-Taqtqa disse: “Al barid é um sistema onde são mantidos cavalos

227 Al-Zamakhshari: *Al Fa'iq fi Gharib Al Hadith wa Al Athar*, 1 / 405; Ibn Mandhur, *idem* 3 / 84.

228 Al-Tanukhi: *Al Faraj ba'da Al Shiddah* (A prosperidade após a adversidade), 1 / 50.

229 Ver: Al-Tartushi: *Siraj Al Muluk* (a luz dos Reis), p. 49.

230 Ibn Al-Taqtqa: *Al Fakhry fi Al Adaab Al Sultaniyyah*, p. 106.

231 Abu Zaid Shalabi: *Tarikh Al Hadarah Al Islamiya wa Al Fikr Al Islami* (História da Civilização Islâmica e Pensamento Islâmico), p. 139.

em vários locais, e sempre que um mensageiro chega com a notícia a um desses locais e seu cavalo está cansado, um outro mensageiro monta um cavalo descansado, repetindo isso em cada local, até que ele chegue rapidamente”<sup>232</sup>.

## O desenvolvimento do *barid*:

---

Aparentemente, o serviço postal durante a era do profeta era uma tradição antiga e um sistema conhecido pelos persas e romanos<sup>233</sup>. O árabes antes do Islam tinham esse conhecimento. Portanto, é claro que o sistema de correios era conhecido na época do profeta (a paz esteja com ele), pois ele trocava mensagens com os reis e emires para convidá-los para o Islam. Tãmanha era a preocupação do profeta (a paz esteja com ele) com este assunto, ele ordenou seus governadores, como mencionamos anteriormente, a enviar mensagens para ele com pessoas caracterizadas com boa face e bons nomes. Ele (a paz esteja com ele) estava igualmente interessado em enviar pessoas dotadas dessas qualidades aos reis contemporâneos, como o Chosroes persa, o imperador romano, o Moqawqas egípcio, o Negus da Abissínia, e outros, porque ele estava ciente de que o mensageiro enviado traduz os seus anseios e opiniões, e se o mensageiro não for assim, a sua missão irá falhar, e retornará desapontado a quem o enviou<sup>234</sup>.

O profeta (a paz esteja com ele) também fez um selo, sendo esta mais uma das manifestações do zelo do profeta (a paz esteja com ele) pelo *barid*, porque os governantes estrangeiros não aceitavam cartas não seladas, considerando o selo da carta escrita como um sinal de respeito pela pessoa a quem a carta foi enviada<sup>235</sup>.

Quando os primeiros muçulmanos se espalharam em todas as direções do globo para orientar as pessoas, conseguiram muitas conquistas, e o Estado se expandiu, especialmente na época dos califas bem guiados, eles tinham que melhorar o serviço postal entre as partes periféricas do Estado e o governo central. Durante essas conquistas, os soldados tiveram a tarefa de carregar o serviço de correios, além de sua missão nessas expedições. O califa Omar (que Allah esteja satisfeito com ele) recebia regularmente um mensageiro dos exércitos de combate<sup>236</sup>. Ele também estava em contato constante com os exércitos, instando-os a relatar tudo o que encontravam e descrever o que viam, para ter a sensação de

---

232 Ibn Al Taqtaqa: Idem, p. 106.

233 Ver: Al Qalqashandi: Subh Al A'cha, 14/412.

234 Ali Ibrahim Al Qala: Nuzhum Al Hadarah Al Islamiya (Sistemas de Administração da Civilização Islâmica), p. 104.

235 Anas ibn Malik narrou: “Uma vez o profeta (a paz esteja com ele) queria escrever uma carta para pessoas estrangeiras. Foi dito ao profeta que eles não recebem uma carta a menos que esta tenha um selo. Então, o profeta adotou um anel de prata (que usava para selar as cartas), gravou nele “Muhammad, mensageiro de Allah?”. Anas continua: “Eu estou como se eu estivesse vendo o seu brilho na mão do profeta”. Relatado por Al Bukhari: Livro do Conhecimento (65), e por Muslim: Livro de Vestuário e Adorno (2092).

236 Farouk Majdalawi: Al Idarah Al Islamiya fi Ahd Omar ibn Al Khattab (A Administração Islâmica na Era de Omar ibn Al Khattab), p. 228, 229.

que estava entre eles, partilhando as suas dificuldades e vitórias. Portanto, quando necessário, ele poderia dar-lhes conselhos e orientações.

Na dinastia omíada, Mu'awiah ibn Abu Sufian criou certas regras e tarefas para a repartição dos correios, entre as mais importantes: a supervisão de todos os assuntos do Estado. Portanto, Mu'awiah (que Allah esteja satisfeito com ele) foi o primeiro governante do Islam a introduzir o sistema de correios de tal maneira sistemática. Foi montada uma repartição para o selo do Estado para organizar as mensagens e correspondências e para trazer os funcionários romanos e persas para este trabalho<sup>237</sup>.

Então veio Abdul-Malik ibn Marwan, que introduziu diversas melhorias na repartição dos correios, até que se tornou uma ferramenta importante na gestão dos assuntos do Estado, como levantamentos de terras, definição das fronteiras de cada área, além da construção de quatro estradas de Jerusalém a Damasco. O zelo de Abdul-Malik ibn Marwan com esta repartição chegou ao ponto dele pedir ao seu camareiro para não barrar o chefe dos correios seja de dia ou de noite. Foi relatado que ele disse a Ibn Al-Dughaidighah: “Eu lhe dou o direito de estar no comando de quem vem à minha porta, salvo quatro: o *mu-ẓim*, porque ele é o autor da chamada a Allah, então ele não deve ser barrado; alguém que bate à noite, porque ele carrega um mal, e se ele tivesse encontrado algo de bom ele iria dormir; o chefe dos correios, sempre que ele vier, de dia ou de noite, deixá-o entrar, as pessoas podem ser prejudicadas durante um ano porque barraram o mensageiro por uma hora; e o alimento, quando ele estiver disponível e servido, abra a porta e deixe as pessoas entrarem”<sup>238</sup>.

Durante o reinado de al-Walid Ibn Abdul-Malik, a rede postal aumentou para servir o progresso urbano e econômico que ele procurava. Ele forneceu mais cavalos e camelos para essa finalidade e postos foram estabelecidos em todo o Estado. O serviço postal foi tão importante durante o seu reinado que as pedras do mosaico dourado foram transportadas em seus animais de equitação de Constantinopla para Damasco, para dourar as paredes da mesquita principal de Damasco e as mesquitas de Makkah, Madinah e Jerusalém<sup>239</sup>.

O califa omíada Omar ibn Abdul-Aziz (que Allah tenha misericórdia dele) também deu grande atenção ao desenvolvimento dos serviços postais. Ele estabeleceu estações e pousadas, bacias de água para consumo animal, e lojas de forragens para alimentação de animais em todas as rotas em que os postos foram estabelecidos. Omar ibn Abdul-Aziz foi tão piedoso que ele não permitia a carga no serviço postal a menos que fosse para o benefício dos muçulmanos, porque era um serviço do Estado. Ele escreveu para um de seus trabalhadores para comprar mel. O trabalhador entretanto carregou o mel sobre os animais

237 Ver: Al Qalqashandi: Subh Al A`sha fi Sina't Al Insha, 14/413; Kamal Enani Isma`il: Dirasat fi Tarikh Al Nuzhum Al Islamiya (Estudos sobre a História da Administração de Sistemas Islâmicos), p. 104, 105.

238 Al Qalqashandi: 14/413.

239 Idem, mesma página.

do barid. Quando ele chegou, Omar perguntou como o trabalhador transportou o mel. “Nos animais do barid”, responderam. Então, Omar ordenou que o mel fosse vendido e que a sua receita fosse para a Casa da Moeda. “Você estragou para nós o seu mel”, disse Omar ao funcionário<sup>240</sup>.

Durante o reinado da dinastia abássida, fontes históricas referem que os califas abássidas deram a devida atenção ao serviço postal e dependeram dele em grande medida no quadro da gestão dos assuntos de Estado. Abu Jaafar Al-Mansur dizia: “Eu preciso ter quatro indivíduos na frente da minha porta, ninguém é mais virtuoso do que eles”. Foi-lhe dito: “Quem são eles, ó emir dos crentes?” Ele disse: “Eles são os pilares do Estado, que não pode ser bem composto sem eles, como a cama que não pode ser erguida sem quatro apoios, se um deles estiver ausente, torna-se fraca. O primeiro é um juiz que não teme ninguém em Deus. O segundo é um chefe de polícia, que faz justiça aos fracos contra os fortes. O terceiro é um coletor de impostos, que os recolhe e não comete injustiça contra o povo, pois eu não preciso injustiçá-los. Quanto ao quarto..., então ele mordeu seu dedo indicador três vezes, dizendo: “oh... oh”. Foi perguntado: “Quem é ele, ó emir dos crentes?” Ele disse: “Sahib Al-Barid (o chefe dos correios), que escreve a notícia destes corretamente”<sup>241</sup>.

Von Kramer disse: “Um chefe de correios foi nomeado em cada interesse de Estado nas grandes províncias. Seu trabalho foi relatar os assuntos importantes para o califa e supervisionar as obras do governador. Em outras palavras, ele era um representante encarregado pelo governo central. Os califas consideravam os funcionários dos serviços postais como seus ajudantes nos assuntos do Estado e através deles os califas eram informados dos trabalhos dos seus governadores e outros agentes do Estado”<sup>242</sup>.

O califa abássida Harun Al-Rashid configurou uma rede precisa de rotas postais para acelerar a recepção da notícia e a emissão de ordens para os seus governadores. Essas rotas foram divididas em estações, com um número de trabalhadores e cavalos em cada estação. Alimentação, forragem, água e tudo o que é necessário estava disponível em cada estação de correios<sup>243</sup>.

Ibn Kathir menciona nos eventos do ano 166 d.H/782 d.C que o califa Al-Mahdi ordenou que rotas postais fossem estabelecidas entre Makkah, Madinah e Iêmen, e que ninguém tinha feito isso antes desse ano<sup>244</sup>.

O serviço postal também se desenvolveu durante a era mameluca, especialmente durante o reinado do sultão Baybars, que desenvolveu um sistema que

240 Ibn Al Jawzi: “Manaqib wa Sirat Omar (a biografia e os tributos de Omar), p. 210, e Abu Yussuf ibn Ya'qub Sufian Al Faswy: Al Ma'rifah wa Al Tarikh (Conhecimento e História), 1 / 337.

241 Al Tabari: Tarikh Al Umam wa Al Muluk (História das Nações e Reis), 6 / 313.

242 Abu Zaid Shalabi: Tarikh Al Hadarah Al Islamiya wa Al Fikr Al Islamy (História da Civilização Islâmica e Pensamento Islâmico), p. 141.

243 Ibrahim Ali Al Qala: Nuzhum Al Hadarah Al Islamiya (Sistemas de Administração da Civilização Islâmica), p. 105, 106.

244 Ibn Kathir: Al Bidaiah wa Al Nihayah (O Princípio e o Fim), 10/158.

assegurou a conexão de todas as partes do país por uma rede terrestre e aérea (através de pombos-correio). O centro dessas linhas era a Cidadela (do Cairo), que foi criada por Salah Al-Din (Saladino), em 572 d.H/1176 d.C. Quatro sub-linhas saíam desse centro postal:

- 1 – Uma linha para Qus e depois para Aswan e Núbia.
- 2 – Uma linha de Aizhab (através de Qus) e o que a sucedia de habitações.
- 3 – Uma linha para Alexandria.
- 4 – Uma linha para Damiat, e depois para Gaza<sup>245</sup>.

Durante o governo do sultão Baybars, o serviço de barid chegou até o Egito duas vezes por semana. E era supervisionado pelo chefe de Al-Inshá<sup>246</sup>.

## Os tipos de correios e sua significância na civilização islâmica:

O correio era de vários tipos na civilização islâmica, todos eles refletiam o desenvolvimento e organização alcançados pela civilização islâmica, e podemos observar isso nas seguintes divisões:

### 1 – Correio terrestre:

O meio terrestre tinha homens que eram chamados Fuiuj<sup>247</sup> ou mensageiros, que são homens acostumados a correr e ter paciência em caminhadas. Os muçulmanos também utilizavam animais para transportar as mensagens em larga escala, especialmente as mulas. As estações foram implantadas nas estradas entre as cidades das regiões islâmicas, onde os animais dos correios eram cuidados, garantindo seu conforto e alimentação e substituindo-os quando necessário. Dali, o carregador de mensagens seguia viagem rapidamente para a cidade de destino. Essas estações eram equipadas com vários animais, incluindo mulas, cavalos e camelos. E funcionários que mantêm atendimento e serviço aos animais permaneciam ali<sup>248</sup>. Eram utilizados para esse efeito os melhores tipos de cavalos, conhecidos como “al khail al shaharah”, e camelos conhecidos como “al ibil al najb”, que eram mais rápidos que os cavalos e tinham mais paciência para andar<sup>249</sup>.

Como essas estações se estendiam por longas distâncias, e sendo difícil para a mula penetrar na areia do deserto em suas longas distâncias, onde há escassez de água, estas estações eram estabelecidas em terras onde frequentemente existe água, e estão disponíveis poços, e em lugares seguros e com pouca areia<sup>250</sup>.

245 Al Qalqashandi: 14/419; Abu Zaid Shalabi: p. 145.

246 Abu Zaid Shalabi: p. 145.

247 Fuiuj, plural de fajj: É o mensageiro do sultão. Aquele que entrega as mensagens. Veja: Ibn Mandhur: Lisan Al Arab 2 / 350.

248 Al Qalqashandi: Subh Al A'cha 14/377, Jawad Ali: O detalhado sobre a história dos árabes antes do Islam, 9 / 320.

249 Kamal Ismail Anani: Estudos na história dos sistemas Islâmicos p. 106.

250 Jawad Ali: O detalhado sobre a história dos árabes antes do Islam, 9 / 320, 321.

## 2 – Correio marinho:

Os barcos também eram usados. Al Hassan ibn Abdullah disse: se a região é marítima, o entregador possuía barcos leves e rápidos<sup>251</sup>, Al Hajjaj ibn Yussuf Al Thaqaifi foi o primeiro a colocar embarcações marítimas revestidas com betume e montadas com pregos, além das costuradas e pintadas<sup>252</sup>.

## 3 – Correio aéreo:

Eram utilizados pombos-correio, que carregavam correspondências que eram penduradas a ele, conhecidas como “al hadi”<sup>253</sup>.

Os muçulmanos não se abastaram com o avanço que o sistema postal terrestre ou marítimo atingiu na época, mas deram largos passos para a organização do transporte e para a velocidade de chegada, e o pombo-correio era o melhor meio de fazê-lo.

O pombo-correio tinha uma posição especial, era vendido a preços elevados, por isso, as pessoas concorriam em adquiri-lo, especialmente na cidade de Basra. Ele se tornou um produto comercial para o povo, seu preço chegou a setecentos dinares. Ele foi amplamente utilizado na época do Sultão Nur Al-Din Zinki e na época dos Obaidyin (al Fatimyin), chegou a percorrer uma distância de vôo entre o Cairo e Basra, e entre o Cairo e Damasco. Foram construídas torres para os pombos-correio nas estradas, ele se transferia de uma torre a outra, até chegar na torre que é o destino para onde foi enviado. Nas torres de Damasco, eram colocados pombos do Egito, e nas torres do Egito eram colocados pombos de Damasco para a mesma finalidade. Também era um hábito escrever duas mensagens e enviá-las com dois pombos, o segundo pombo era lançado duas horas depois do lançamento do primeiro. Assim, se um deles se perder ou for morto o outro chega. O pombo não era enviado em tempo chuvoso, nem era enviado antes de ter alimentação completa<sup>254</sup>.

O resumo e a concentração eram das características mais importantes das mensagens entregues por pombo-correio, e parece que este tipo de correio era limitado a períodos de guerra, onde as cartas eram escritas num papel leve – denominado cartão ou papel de aves – de forma resumida e com caligrafia precisa, conhecida como “khat al ghubar”(caligrafia de poeira, porque é igual às partículas de poeira), e em uma linguagem parecida com uma cifra. E a carta é anexada sob a asa do pombo para guardá-la da chuva<sup>255</sup>. Esta é uma imagem maravilhosa, com a qual os muçulmanos organizaram uma linha de correios

251 Hassan ibn Abdullah: A influência dos primeiros na ordenação dos países, p. 89, citando Muhammad Dhaifullah: a civilização islâmica, p. 198.

252 Al Jahidh: Al Baian wal Tabiyn, p. 364.

253 Muhammad Dhaifullah: a civilização islâmica, p. 198.

254 Ver: Muhammad Dhaifullah: a civilização islâmica, p. 198, 199, e Abu Zaid Shalabi: História da Civilização Islâmica e Pensamento Islâmico, p. 146.

255 Ver: Kamal Anani Ismail: Estudos sobre a história dos sistemas islâmicos, p. 107, 108.

com o uso dos pombos, que não era menos importante que a linha organizada em terra ou no mar.

#### 4 – A correspondência através dos faróis:

Também havia a correspondência por meio de faróis. Al Qalqashandi disse: “São pontos nos quais é elevado o fogo durante a noite e fumaça durante o dia, às vezes, nos topos das montanhas, às vezes em edifícios elevados. Suas posições são conhecidas pela maioria dos viajantes, e estão espalhados desde as fronteiras, como Ilbirah e Al Rahabah, até o palácio no Castelo do Sultão. Quando há uma nova notícia no Eufrates, se ocorre de manhã ficam cientes de noite, e se ocorre de noite ficam cientes de manhã. O aumento do fogo ou fumaça, também são provas para conhecer as diferentes situações de vista do inimigo e da pessoa informante, dada a divergência, às vezes em número, e às vezes em outros assuntos<sup>256</sup>.

Estes faróis eram estabelecidos ao longo da costa e cumpriam o papel de segurança e alerta para o perigo dos inimigos por via marítima, por meio de sinais luminosos sobre os quais os farolistas combinam para a transmissão da notícia. Se descobrem um inimigo no mar, vindo de longe, acendem o fogo no topo dos faróis se for de noite, e se for durante o dia, levantam a fumaça. Sobre isso, dizia-se: a mensagem de luz chegava de Tânja, no Marrocos, até Alexandria em uma noite, como uma indicação do uso de sinais de luz nas mensagens rápidas entre as guarnições através dos minaretes das mesquitas nas ligações costeiras, especialmente na costa da África tunisiana. A mais famosa ligação era Al Monastir<sup>257</sup> na cidade de Sousse<sup>258</sup>.

Al Qalqashandi escreveu um capítulo sobre os faróis, dizendo: “Quem os organizou neste reino pela primeira vez teve uma sabedoria de rei que não é comparada a nenhum valor, ele progrediu e chegou ao objetivo máximo na velocidade de transmissão das notícias, de modo que o correio possui uma velocidade de transmissão jamais existente em outro além dele. O pombo traz a notícia mais rápido que o correio, e os faróis trazem a notícia mais rápido que o pombo, e isso, sem contar a publicação da notícia no Eufrates, no Egito, numa distância de um dia e uma noite<sup>259</sup>”.

Em face do exposto, é evidente que o sistema de correio e de comunicação na civilização islâmica foi um sistema preciso e desenvolvido para atender o potencial e as circunstâncias de sua época, ligava o Estado ao seu líder, e informava-o de todas as novidades à primeira mão. Enquanto os países europeus só chegaram a isso depois de muitos séculos.

256 Al Qalqashandi: Subh Al A'cha 14/445.

257 A cidade de Monastir fica a 30 quilômetros ao sul da cidade de Sousse.

258 Veja: Saad Zaghloul: Estudos em História da Civilização Islâmica, p. 480, 481; e Kamal Anani Ismail: Estudos na História dos Sistemas Islâmicos, p. 108.

259 Al Qalqashandi: Subh Al A'cha 14/447.

## 5

## Casa da Moeda (Bait al-Mal)

O sistema financeiro islâmico é considerado um dos sistemas mais independentes e de finalidade mais nobre da nossa civilização. O Alcorão Sagrado estabeleceu este fato, no dizer de Allah: *[De modo que não pode (apenas) fazer um circuito entre os mais ricos entre vós]* (Al-Hashr 59:7) Assim, a civilização islâmica visa a rotação necessária da riqueza entre todas as pessoas, não só os ricos, porque isso pode causar constrangimento na comunidade muçulmana e elevar uma classe social sem direito.

Bait al-Mal (Casa da Moeda ou Casa do Tesouro) é uma fundação que supervisiona as receitas do Governo Islâmico e suas diversas despesas, para que esteja sob a autoridade do califa ou governante, que é responsável por colocá-las em suas formas legais de gastos para o benefício dos assuntos da nação, tanto na paz como na guerra<sup>260</sup>.

As receitas mais importantes de Bait al-Mal incluem: zakat (tributo obrigatório ao muçulmano rico), kharaj (imposto predial), jiziah (taxa exigida dos não-muçulmanos que vivem em uma administração muçumana, onde têm todos os seus direitos garantidos), recompensas, espólios e auqaf (erários destinados à doações diversas). Todos esses tipos, com exceção das doações, carregam o significado do imposto sobre a riqueza, a propriedade ou o indivíduo<sup>261</sup>.

As jurisdições de Bait al-Mal incluem o dinheiro merecido pelos muçulmanos coletivamente e que não é possuído por um deles, este dinheiro é direito da Casa da Moeda, e todo direito cuja distribuição é obrigatória é dever da Casa da Moeda<sup>262</sup>. Portanto, Bait al-Mal é uma das mais importantes fundações da civilização islâmica, é a única autoridade designada para os gastos nos diversos interesses dos muçulmanos. Esta fundação une entre a autoridade de um ministério das finanças e um banco central nos dias atuais.

As despesas de Bait al-Mal incluem:

260 Hassan Abdul Qader Munir, Mu'asasat Sadr Al Bait Mal fi Al Islam (A Fundação de Bait Al Mal no início do Islam), p. 47.

261 Khalil Abu Shawqy, Al Hadarah Al Islamiyah Al `Arabiyah (A civilização árabe islâmica), p. 331.

262 Al Mawardi: Al Ahkam Al Sultaniyah (As Portarias do Governo), p. 278.



- **Primeiro:** os salários dos governantes, juízes, funcionários públicos e funcionários de interesses públicos, incluindo o próprio emir dos crentes ou o califa.
- **Segundo:** os salários dos soldados e exército.
- **Terceiro:** o fornecimento do exército com armas, equipamentos de combate, munições, cavalos e seus equivalentes (carros, tanques, aviões).
- **Quarto:** construção de projetos públicos, como pontes, barragens, estradas, edifícios públicos, casas de repouso e mesquitas.
- **Quinto:** despesas das fundações sociais, como hospitais, prisões e outros núcleos do Governo.
- **Sexto:** distribuir provisão aos pobres, órfãos, viúvas e todos os que não possuem um tutor, é dever do Governo sustentá-los e dar-lhes auxílio.

A partir desta apresentação, se esclarece o sistema econômico preciso desenvolvido pela civilização islâmica em seus estágios iniciais, muito cedo e antes de qualquer outra civilização anterior. A civilização islâmica é pioneira em organizar as receitas e as despesas do Estado. No entanto, após regular estas receitas e despesas, pode haver algum caso de urgência, tais como desastres, fome, falta de chuva ou epidemia, que obrigam o Estado a incentivar as pessoas ricas a doar sem coerção para salvar a maioria das pessoas. Como fez Uthman ibn 'Affan na época da fome durante o califado de Abu Bakr, ele doou muito dinheiro para salvar os muçulmanos. O mesmo foi feito por Abdul-Rahman ibn Áwf durante o califado de Omar ibn Al Khattab. Há muitos exemplos desse tipo na história islâmica, de maneira a garantir o fluxo de dinheiro para o tesouro do Governo, sem desapropriação, coerção ou força<sup>263</sup>.

Os muçulmanos fundaram Bait al-Mal desde o tempo do profeta (a paz esteja com ele). Ele designou os governadores e os chefes para as diferentes regiões, e cada comandante era responsável por recolher as doações, al jiziah e os quintos dos espólios e al kharaj. Às vezes, o profeta (a paz esteja com ele) enviava uma pessoa responsável exclusivamente pelos assuntos financeiros para recolher as riquezas devidas ao Estado (kharaj, jiziah, décimos [zakat sobre terras, propriedades e frutos] e doações) e as dirigia à Bait al-Mal. Assim, o profeta (a paz esteja com ele) fez com Mu'azh ibn Jabal (que Allah esteja satisfeito com ele), quando ele o enviou ao Iêmen para recolher as doações de seus funcionários, e com Abu Ubaidah ibn Al-Jarrah (que Allah esteja satisfeito com ele), quando ele o mandou para o Bahrein para recolher al jiziah...<sup>264</sup>.

263 Ver: Ali ibn Naif Al Shahud, Al Hadarah Al Islamiyah Baina Assalat Al Madi wa Aamal Al Mustaqbal (A Civilização Islâmica entre a Realidade do Passado e as Esperanças do Futuro), p. 257.

264 Abu 'Ubaid: Al Amwa, p. 41.

A fundação de Bait al-Mal desde a época do profeta (a paz esteja com ele) é uma evidência clara da precisão do sistema financeiro islâmico desde essa época precoce. Portanto, é natural que Bait al-Mal progrida e se desenvolva de acordo com as diferentes épocas.

Durante o período dos califas bem guiados, muitos países foram conquistados, principalmente no governo de Omar ibn Al Khattab e de Uthman ibn 'Affan. Na época de Omar a Síria, Iraque, Egito, Península Arábica, Armênia, Al Rai, Azerbaijão e Asbahan foram conquistados. Na época de Uthman, Karman, Sejestan, Naysabur, Pérsia, Tabaristan, Hira, o resto de Khurassan e África foram conquistados. Portanto, era natural que muitas riquezas tenham sido levadas em abundância para a sede do Califado islâmico em Madinah<sup>265</sup>.

A enorme quantidade de dinheiro levou Omar ibn Al Khattab a chorar um dia quando ele viu muitos despojos de guerra que fluíram para Madinah, tesouros de ouro, prata, pedras preciosas, milhões de dirhams e dinares, escravos, roupas e outras riquezas. Assim, Omar ibn Al Khattab emitiu ordens para fundar um sistema de Diuan de Bait al-Mal, assim ele definiu salários para as massas e os soldados, como citamos anteriormente<sup>266</sup>.

A política de Omar ibn Al Khattab se embasava sobre a distribuição do dinheiro para as pessoas que merecem ordenadamente, em vez de guardá-lo em Bait al-Mal para as emergências. Ibn Al-Jawzi disse: “Omar ordenava o esvaziamento de Bait al-Mal uma vez por ano”<sup>267</sup>, o que significa que ele esvaziava o Banco Central de todo dinheiro e distribuía para as pessoas merecedoras, uma vez por ano. Não há dúvida de que esta é uma das grandes ações da civilização islâmica, a instituição do califado zelou, desde os seus primeiros dias, em compartilhar com o povo distribuindo entre eles a parte devida através do Estado em determinado tempo anualmente, sem atraso. Este é um tipo de solidariedade social e plano sistemático entre o governante e o governado.

O emir dos crentes Ali ibn Abu Talib (que Allah esteja satisfeito com ele) distribuía o dinheiro de Bait al-Mal toda sexta-feira, “a ponto de não deixar restar nada nela”<sup>268</sup> temendo a tentação do dinheiro sobre o governante e sobre o povo. Foi narrado que uma vez ele entrou em Bait al-Mal “e encontrou ouro e prata, e disse: ó amarelo (ouro) brilhe! Ó branco (prata) brilhe! E atente a alguém além de mim, eu não preciso de vocês”<sup>269</sup>.

O mais notável aqui é que os califas seguiram uma política que sentenciava a separação entre a administração política e a administração financeira, para proibir a confusão, evitar problemas e dividir as diferentes autoridades. Omar

265 Ver: Qalqashandy, Subh Al A'cha, 3 / 285.

266 Al Tabari: Tarikh Al Umam wa Al Muluk (História das Nações e Reis), 2 / 519.

267 Ibn Al-Jawzi: “Manaqib Amir Al Muminin Omar ibn Al Khattab (os atributos do Emir dos Fieis Omar Ibn Al Khattab), p. 79.

268 Abul 'Abbas Al Nassiri: Al Istiqsa, 1/112.

269 Ibn Al Wardi: Tarikh Ibn Al Wardi, 1/157.

ibn Al Khattab nomeou Ammar ibn Yasser como emir de Kufah e enviou Abdullah ibn Mas'ud com ele para ser o gestor de Bait al-Mal e o designou como “professor e ministro”<sup>270</sup>.

Sob o Califado Abássida, os tesouros da Casa da Moeda aumentaram. Ibn Abdul-Hakam (falecido em 257 d.H) mencionou a quantidade de dinheiro enviado por Maslamah ibn Makhlad, governante do Egito na época de Mu'awiah ibn Abu Sufian: “Depois de pagos os salários aos funcionários de repartições públicas, os subsídios a seus filhos, às emergências, bem como os subsídios dos escribas, transportadores de trigo para a região do Hijaz, foi enviado um total de seiscentos mil dinares como excedente.”<sup>271</sup> Esta quantidade de dinheiro era, sem dúvida, muito grande, considerando-se que veio de uma única província muçulmana, nomeadamente o Egito, para não falar de outros fundos que entraram em Bait al-Mal de outras províncias islâmicas. Não há dúvida de que tais quantias enormes de dinheiro enfatizaram a importância de Bait al-Mal no califado dos omíadas e, portanto, a grandeza deste califado.

A partir do texto de Ibn Abdul-Hakam, se percebe que havia uma administração central para Bait al-Mal na capital do Califado Islâmico, em Damasco, e sub-administrações em cada Estado separadamente. Os recursos acumulados em Bait al-Mal eram gastos nas disposições de cada província e no suprimento de suas necessidades perfeitamente. Em seguida, o superávit dos fundos era enviado para a administração central na capital do califado.

Era de direito dos muçulmanos nos diferentes estados se opor ao dinheiro enviado para a sede do califado, se não lhes fosse garantido que todos os muçulmanos tinham recebido suas verbas. Isso aconteceu no Egito durante o governo do califa Mu'awiah. Enquanto camelos carregando riquezas estavam a caminho de Damasco, Barh ibn Haskal Al-Muhri, um homem do Egito, parou a caravana perguntando: “Que é isso? Por que o nosso dinheiro está sendo tirado de nosso país? Devolvam-no”. E eles voltaram até que ele parou na mesquita e disse (às pessoas): “Vocês já receberam as suas verbas, seus sustentos, de suas famílias e suas emergências?” Eles disseram: “Sim...”<sup>272</sup>. Então Barh deixou a caravana seguir para Damasco, depois que ele se convenceu de que os soldados e o povo receberam seus merecidos pagamentos. Não há dúvida de que esta situação demonstra a liberdade de que gozava o povo sob o Califado Islâmico.

Semelhante a isso é a história do que o povo fez com o califa Al-Walid ibn Abdul-Malik (falecido em 96 d.H), quando o acusaram de gastar dinheiro indevidamente. Então, ele convocou as pessoas na mesquita, subiu ao púlpito e discursou: “Ouvi dizer que vocês disseram que Al-Walid gasta os fundos da Casa da Moeda indevidamente... Ó Amr ibn Muhajir, levante e traga os bens de

270 Ibn Sa'd: Al Tabaqat Al Kubra, 3 / 255.

271 Ibn Abdul Hakam: Futuh Misr wa Akhbaruha (Conquistas do Egito e Suas Histórias), p. 117.

272 Idem, p. 345.

Bait al-Mal”. Em seguida, foram carregadas em mulas para a mesquita. Então, esteiras foram esticadas no chão e ouro puro e prata foram derramados sobre elas, até que se tornaram pilhas. Isso foi algo enorme. Então, os pesadores foram levados para pesar os bens, e verificou-se que estes são suficientes para três anos – em outro relato “dezesesseis anos”-, em caso de ausência total de todos os outros rendimentos das pessoas. Al-Walid, em seguida, disse-lhes: “Por Deus, eu nunca gastei um único dirham na construção desta mesquita dos fundos de Bait al-Mal, tudo o que gastei foi do meu próprio dinheiro”. O povo se alegrou, bradando Allahu akbar (Allah é o Maior) e Al-Hamdulillah (Graças a Allah). E se retiraram agradecidos e suplicando a favor do califa”<sup>273</sup>.

Era direito dos muçulmanos pedir dinheiro emprestado de Bait al-Mal, sem discriminação entre um governante e um governado. Uthman ibn ‘Affan (que Allah esteja satisfeito com ele) fez um empréstimo de cem mil dirhams da Casa da Moeda. Isto foi escrito por ‘Abdullah ibn Al-Arqam e testemunhado por Ali Ibn Abu Talib, Talhah, Al-Zubair, Saad ibn Abu Waqqas e Abdullah ibn Omar (que Allah esteja satisfeito com todos eles), e quando o prazo chegou, Uthman devolveu o empréstimo<sup>274</sup>.

Durante o reinado de Omar ibn Abdul-Aziz, o Estado procurou reestruturar e reformar Bait al-Mal (a Casa do Tesouro) através dos seus rendimentos (zakat, jiziah, kharaj). Omar lançou sua política financeira aumentando os gastos com o povo. Ele pagava as exigências das pessoas a ponto de a tesouraria do Iraque se esvaziar e, então, ele trouxe dinheiro da tesouraria da Síria para o Iraque.<sup>275</sup> Quando Omar ibn Abdul-Aziz conseguiu alcançar a justiça social e financeira no que diz respeito às receitas e despesas da Casa da Moeda, os fundos aumentaram elevadamente durante o seu reinado. Em seguida, ele começou a distribuir dinheiro para as pessoas de forma inovadora, levando à eliminação de muitas crises e problemas. Ele ordenou o emir do Iraque, Abdul-Hamid ibn Abdul-Rahman, a pagar os salários das pessoas. Abdul-Hamid respondeu ao califa, dizendo: “Tenho dado às pessoas as suas ações, e restou algum dinheiro em Bait al-Mal”. O califa ordenou que ele pagasse as dívidas das pessoas com dificuldade dos fundos de Bait al-Mal, dizendo: “Procure quem se endividou sem tolice nem extravagância, e salde suas dívidas”. O emir respondeu ao califa: “Eu paguei as suas dívidas, mas ainda tem dinheiro em Bait al-Mal”. O califa ordenou-lhe a ajudar homens e mulheres jovens que estão em situação precária para se casar, escrevendo-lhe: “Pesquise todos (homem ou mulher), que ainda não casaram e não têm dinheiro e desejam casar para pagar-lhes os custos do casamento”. O emir respondeu ao califa: “Eu ajudei cada pessoa que encontrei para se casar, mas ainda há dinheiro em Bait al-Mal”. Omar mandou o emir

273 Ibn Kathir: Al Bidaiah wa Al Nihayah (O Princípio e o Fim), 9 / 170, 171.

274 Al Baladhiri: Ansab Al Ashraf 6 / 173.

275 Al Salabi: Al Dawlah Al Umawiyah (A dinastia omíada), p. 336.

lançar um processo de crédito agrícola do Bait al-Mal, por ser um banco estatal, e concedeu empréstimos aos agricultores, sempre que eram assolados por um infortúnio ou constrangimento. Ele disse ao seu governante: “Quem é incapaz de pagar o imposto de sua terra, empreste a ele o suficiente para poder cultivar suas terras. Nós não queremos os valores para um ano ou dois”<sup>276</sup>.

O Bait al-Mal foi um sustentáculo ao qual o Estado recorria em épocas de crises e catástrofes. No ano da fome, 18 d.H, o califa Omar, ordenou que “os alimentos e os bens de Bait al-Mal fossem distribuídos para as pessoas até que o esvaziou”<sup>277</sup>.

Quando o califa abássida Abu Jaafar Al-Mansur (falecido em 158 d.H) assumiu, ele adotou uma política financeira extremamente rígida. Ele impôs um rígido controle sobre cada dinar ou dirham tirado de Bait al-Mal, como forma de zelo pelos bens públicos. Como resultado desta política rigorosa, as pessoas foram gravemente afetadas, e o califa Al-Mansur foi descrito como mesquinho. Quando seu filho, Al-Mahdi, assumiu ele mudou a política de seu pai e acreditava que facilitar para as massas com o gasto com eles era melhor do que a avaréza. Portanto, o califa Al-Mahdi ordenou, no início do governo, “a distribuição da receita acumulada em Bait al-Mal durante o reinado de seu pai entre as pessoas. Os bens eram incalculáveis e abundantes. Além disso, ele não deu para a sua família e seus servos emancipados nenhuma parte destas receitas, mas deu-lhes apenas o sustento suficiente do Bait al-Mal – quinhentos (dirhams) por mês para cada um, além das concessões. Enquanto seu pai era zeloso em economizar os fundos de Bait al-Mal e costumava passar apenas dois mil dirhams por ano do dinheiro dos notáveis”<sup>278</sup>.

O total de riquezas da Casa da Moeda (Bait al-Mal) atingiu níveis indiscreíveis em fartura, como resultado da política moderada seguida por alguns califas. Durante o reinado do califa abássida Harun Al-Rashid, cerca de “sete mil e quinhentos kintares por ano”<sup>279</sup>, eram conduzidos para Bait al-Mal. O califa abássida Al Mu`tadid (falecido em 279 d.H), quando morreu, deixou apenas na Casa da Moeda de Bagdá o que alguns historiadores, como Ibn Kathir, estimaram em “dezessete milhões de dinares”<sup>280</sup>, que era uma soma enorme, principalmente se soubermos que um dinar equivale a 4,25 gramas de ouro.

Quando a pressão financeira sobre o Estado aumentou, especialmente em tempos de guerras e crises, alguns emires – apesar da necessidade desesperada de fundos – continuavam a distribuir grandes quantias da Casa da Moeda para os fracos, pobres e estudiosos. Então, Bait al-Mal serviu como um fundo

276 Ibn `Assakir: Tarikh Dimashq (História de Damasco), 45/213.

277 Ibn Kathir: Idem, 7 / 103.

278 Ibn Kathir: Idem, 10/163.

279 Ibn Khaldun: Al `Ibar wa Diuan Al Muftada wa Al Khabar, 1 / 181.

280 Ibn Kathir: Idem, 11/106.

para os gastos com guerra e para os gastos com pessoas que merecem. Alguns assessores próximos ao emir Nur Al-Din Mahmud, quando o viram guerrear frequentemente com custos exorbitantes para expedições desse tipo, disseram-lhe: “Você tem em seu país muitas doações destinadas aos estudiosos, pobres, sufis, recitadores do Alcorão e outros, se você usar esse dinheiro (que gasta com estas categorias) neste momento seria melhor”. Ele ficou irritado e disse: “Por Deus, eu espero ser vitorioso por eles! Vós apenas sois vitoriosos e sois sustentados por vossos fracos. Como posso cortar os laços com as pessoas que estão a defender-me com flechas que não erram, enquanto eu estou dormindo? E como eu posso gastar (esse dinheiro) com pessoas que combatem por mim só quando me veem, com flechas que podem acertar e podem errar. Essas pessoas têm ações em Bait al-Mal, como me será permitido dar as suas partes para outros?”<sup>281</sup>.

A civilização islâmica na Andaluzia teve Bait al-Mal no mesmo estilo do Oriente Árabe. No entanto, sua sede geralmente era na mesquita maior, a fim de preservá-lo e elevar o seu status, especialmente sob o Califado Abássida na Andaluzia<sup>282</sup>.

O que mais distinguiu a repartição de Bait al-Mal na época dos mamelucos foram os gastos em edifícios maravilhosos que continuam a existir até o momento, como a Mesquita Al-Zhahir Baybars, Escola e Hospital de Qalawun, a Mesquita de Al-Nassir na Cidadela, Cidadela de Qayet Bey e a Mesquita do Sultão Qansuh Al-Ghury<sup>283</sup>. A instituição governamental da dinastia mameluca se esforçou em designar para a direção de Bait al-Mal os grandes juristas conhecidos pela sua integridade e conhecimento, tais como Izz Al-Din ibn Jama’ah, que assumiu o cargo de chefe do Banco Central, bem como supervisor da Mesquita Ahmad ibn Tulun em 731 d.H<sup>284</sup>.

Na verdade, Bait al-Mal era como um pilar forte no qual se apoiavam as instituições do governo na civilização islâmica em diferentes épocas. Esta fundação cumpriu todos os requisitos e os encargos que lhe foram impostos, da melhor e mais completa forma possível. Na verdade, Bait al-Mal em nossa civilização islâmica reflete a precisão e a organização desta civilização desde o seu início.

281 Ibn Al Athir: Al Kamil fi Al Tarikh (O Perfeito em História), 9 / 463.

282 Ver: Ibn `Adhara: Al Bayan Al Mughrib, 2 / 230.

283 Al Bayoumy Ismail: Al Nuzhum Al Maliyah fi Misr wa Al Sham Zaman Salatin Al Mamalik (O Sistema Financeiro no Egito e na Síria na época dos sultões mamelucos), p. 264.

284 Al Maqrizy: Al Suluk, 3 / 146.

# 6

## A Polícia

---

A polícia é considerada um dos cargos importantes no Estado e um marco histórico importante na sociedade e na vida das pessoas. A polícia está representada nos soldados que preservam a segurança e a ordem e executam as decisões do Judiciário, garantindo assim a segurança das pessoas e suas propriedades. A polícia equivale ao exército de segurança interna.

Os muçulmanos conheceram o sistema policial desde a época do profeta (a paz esteja com ele), porém, este sistema não existia de forma sistemática e organizada. Al-Bukhari mencionou em seu livro Sahih (autêntico) que “Qays ibn Saad (que Allah esteja satisfeito com ele) era para o profeta como um oficial de polícia de um emir”<sup>285</sup>.

E Omar ibn Al Khattab (que Allah esteja satisfeito com ele) foi o primeiro governante muçulmano que realizou patrulhas noturnas, ele patrulhava as ruas de Madinah durante a noite para proteger as pessoas e descobrir as pessoas suspeitas<sup>286</sup>.

Pode-se dizer que a polícia começou simples na época dos califas bem guiados, em seguida, se desenvolveu e se tornou cada vez mais organizada nas eras omíada e abássida. No início, ela era ligada ao Judiciário, seu objetivo era implementar as sanções emitidas pelo juiz. Mais tarde tornou-se independente do poder judicial e o chefe de polícia (Sahib Al-Shurtah) foi encarregado de examinar as infrações, e cada cidade teve sua própria polícia presidida por um chefe direto, o chefe da polícia, que tinha membros e assessores que se distinguiam com marcas especiais, uniformes especiais e carregavam pequenas lanças (matarid) onde o nome do chefe de

285 Ver: Al Tabari: Tarikh Al Umam wa Al Muluk (História das Nações e Reis), 2 / 567.

286 Ver: Kamal Ismail Enani: Dirasat fi Tarikh Al Nuzhum Al Islamiya (Estudos sobre a História dos Sistemas de Administração islâmica), págs 137, 138.

polícia era gravado. Eles também eram acompanhados por cães de guarda e carregavam lanternas durante a noite<sup>287</sup>.

O califa omíada Mu'awiah ibn Abu Sufian (que Allah esteja satisfeito com ele) ampliou a polícia e desenvolveu seu sistema adicionando a polícia de proteção pessoal. Ele foi o primeiro governante muçulmano a designar guarda-costas na civilização islâmica<sup>288</sup>, especialmente porque os líderes de Estado que o antecederam foram assassinados: Omar, Uthman e Ali (que Allah esteja satisfeito com eles).

Portanto, a polícia no califado omíada foi uma ferramenta para a execução das ordens do califa. Às vezes, a posição do chefe de polícia (Sahib Al-Shurtah) foi tão sensível, que alguns governantes e emires foram encarregados dela. Em 110 d.H, Khalid ibn Abdullah foi nomeado governante de Basra e também foi designado chefe de polícia<sup>289</sup>.

Os califas omíadas foram conscientes da gravidade e da vitalidade deste posto, por isso, definiram os critérios gerais que devem ser atendidos pelo chefe de polícia. Ziad ibn Abih disse: “Um chefe de polícia deve ser firme na autoridade e vigilante. E um chefe de guarda deve ser velho, casto e honesto...”<sup>290</sup>.

Al-Hajjaj ibn Yussuf Al-Thaqafi, o governante do Iraque e do Hijaz durante o reinado de Abdul-Malik ibn Marwan, procurou por um homem capaz de assumir o comando da polícia de Kufa. Ele consultou os notáveis e homens da elite, que perguntaram-lhe: “Que homem você quer?” Ele disse: “Eu quero um homem tolerante, honesto, livre de desonestidade, não menospreza o mínimo de direito, e não aceita a intercessão da elite.” Foi dito a ele: “É Abdul-Rahman ibn Ubaid Al-Tamimi”. Então, enviou-lhe para nomeá-lo. No entanto, Al-Tamimi respondeu: “Eu não posso aceitar, a menos que me baste de tua família, teus filhos e tua comitiva (de interferir no meu trabalho).” Em seguida, Al-Hajjaj ordenou o criado a dizer para o povo que: “quem entre eles pede alguma coisa dele (Al-Tamimi), eu estarei livre dele”<sup>291</sup> Por causa de sua eficiência e capacidade de preservar a segurança, a Al-Sha`bi disse: “Ele ficava quarenta dias sem um infrator ser trazido até ele, então, Al-Hajjaj confiou-lhe o comando da polícia de Kufa junto com o comando da polícia de Basra...”<sup>292</sup>.

Assim, o posto de chefe de polícia na era dos omíadas e dos abássidas testemunhou notável desenvolvimento. Ibn Khaldun disse: “O exame

287 Al Bukhari: Kitab Al Ahkam (Livro das Leis), 6736.

288 Ver: Ibn Kathir, Al Bidaiah wa Al Nihayah (O Princípio e o Fim), 8 / 156.

289 Al Tabari: Idem, 4 / 136.

290 Al Ya`qubi: Tarikh Al Ya`qubi, 2 / 235.

291 Ibn Qutaibah: Uyun Al Akhbar, 07/01; Ibn Hamdun: Al Tazhkarah Al Hamduniyah, 1 / 91, e Abu Ishaq Al Qayrawany: Zahar Al Adab wa Thamar Al Albab, 2 / 381.

292 Ibn Qutaibah: Idem, 16/01.



de crimes e a aplicação das sanções previstas no Estado abássida e omíada na Andaluzia, bem como na dinastia ubaidi no Egito e Marrocos era responsabilidade do chefe de polícia. Era um cargo religioso, entre outros cargos da Lei nesses Estados, onde a pessoa responsável por este cargo tinha autoridade um pouco mais ampla que o Poder Judiciário, podia ampliar o alcance da acusação no julgamento, impor punições inibitórias antes do crime estar comprovado, aplicar as penalidades estabelecidas, sentenciar sobre as leis de retaliação e aplicar as decisões de ta`zir (punição arbitrária) e punições disciplinares em quem não desistir de cometer um crime”<sup>293</sup>.

Por isso, pode-se dizer que o chefe de polícia teve sua posição desenvolvida desde a época dos califas bem guiados e do início do califado omíada a partir de apenas uma tarefa de implementar as ordens da instituição do califado ao grau onde ele teve o poder de examinar os crimes e aplicar penas. É por isso que o Governo Islâmico construiu prisões, onde os criminosos, os dissidentes e os rebeldes eram aprisionados. Al-Tabari informou que Ziad ibn Abih prendeu vários rebeldes, especialmente os seguidores de Ibn Al-Ash`ath, tais como Qabisah ibn Dubai`ah Al-Asadi<sup>294</sup>.

O Estado gastou na construção de prisões com verba da Casa da Moeda (Bait al-Mal). Apesar de tais prisões pouparem o povo dos males dos prisioneiros, isto não impediu que o Estado gaste com os prisioneiros e cuide de seus assuntos. Por isso, Al-Qadi (o juiz) Abu Yussuf sugeriu para Harun Al-Rashid que fornecesse aos prisioneiros uma roupa feita de algodão no verão e uma roupa de lã no inverno<sup>295</sup>. Portanto a preocupação com as condições de saúde dos presos era um assunto de destaque.

Os abássidas zelavam em nomear chefes de polícia conhecidos por ter conhecimento, piedade e jurisprudência religiosa, e que não temam ninguém na aplicação das sanções previstas. Em seu livro Tabsirat Al-Hukkam, Ibn Farhun disse: “Sahib Al-Shurtah (O chefe de polícia) Ibrahim ibn Hus-sain ibn Khalid colocou um homem que deu falso testemunho na porta ocidental central, deu-lhe quarenta açoites, raspou sua barba e escureceu seu rosto com fuligem, o fez girar (em torno das pessoas) onze vezes entre as duas orações, com alguém gritando: “Esta é a punição de um perjuro”. Este chefe de polícia era virtuoso, jurista e sábio intérprete do Alcorão. Foi designado como chefe de polícia durante o governo de Muhammad

293 Ibn Khaldun: Al `Ibar wa Diuan Al Muftada wa Al Khabar, 1 / 222.

294 Ver: Al Tabari, idem, 3 / 224, 225.

295 Abu Yussuf: (Imposto Territorial) Al Kharaj, p. 161.

Al-Amin. Ele viveu na época de Mutarrif ibn Abdullah, companheiro do Imam Malik, e narrou seu Muwatta' (livro de hadith de Malik)<sup>296</sup>.

Como resultado da eficiência de alguns comandantes militares durante o Califado Abássida, o califa Al-Ma'mun nomeou Abdullah ibn Tahir ibn Al-Hussain como chefe de polícia da capital do califado (Bagdá), depois que ele mostrou capacidades militares em suas batalhas e conquistas<sup>297</sup>.

A instituição do califado não hesitou em demitir chefes corruptos da polícia, que ultrapassavam os limites das punições e não examinavam as provas. O califa abássida Al-Muqtadir Billah ordenou o afastamento do chefe de polícia de Bagdá Muhammad ibn Yaqut e privou-o de assumir um cargo de Estado por causa de seu mau comportamento e injustiça<sup>298</sup>.

A tarefa do chefe de polícia nesta época era múltipla e diversificada. Além de ter a função de preservar a segurança e punir os ladrões e os corruptos, os chefes da polícia na maioria das regiões islâmicas também tinham a função de manter a moralidade pública. Muzahim ibn Khaqan, governador do Egito (falecido em 253 d.H), ordenou seu chefe de polícia, Azjur Al Turki, impedir as mulheres de adornarem-se em público ou visitar as sepulturas, e açoitar os afeminados e as pranteiras carpideiras. O chefe de polícia também trabalhava para impedir atividades indecentes e na luta contra o álcool<sup>299</sup>.

Quanto aos policiais negligentes no cumprimento de suas funções, os califas os forçavam a corrigir seus erros de forma justa e rápida, a fim de corrigir eventuais rupturas e evitar a propagação dos danos entre as pessoas. Ibn Al-Qayim (que Allah tenha misericórdia dele) citou em seu livro Al-Turuq Al-Hukmiyah (Os Métodos Jurídicos) uma história que demonstra a energia e inteligência de um chefe de polícia abássida, especialmente em tempos de crise. Ele relatou que, na época do califa abássida Al-Muktafy, ladrões roubaram uma grande quantia de dinheiro. Al-Muktafy obrigou o chefe de polícia a descobrir os ladrões ou pagará o dinheiro (roubado). O chefe de polícia, então, passou a procurar e vaguear sozinho as ruas e bairros dia e noite, até que “passou um dia em um beco nas áreas remotas do país. Ele entrou e descobriu algo detestável... Na frente de uma casa havia uma grande quantidade de espinhos de peixes. Ele perguntou a alguém: “Qual o valor estimado do peixe, cujos espinhos são esses?” O homem disse: “Um dinar”. O chefe da polícia disse para si mesmo: “As condições dos moradores desse beco não podem pagar esta compra, porque é um beco num deserto remoto, ninguém que

296 Ibn Farhun: *Tabsirat Al Hukkam fi Usul Al Aqdiyah wa Manahij Al Ahkam* (Iluminador dos Governantes nas Regras de Decisões e Administração), 5 / 319.

297 Ibn Al Athir: *Al Kamil fi Al Tarikh* (O Perfeito em História), 5 / 455.

298 Ibn Kathir: *Al Bidaiah wa Al Nihayah*, 11/166.

299 Nasser Al Anssary: *Tarikh Andhimat Al Shurtah fi Misr* (História dos Sistemas de Polícia no Egito), p. 46.

tem algum dinheiro e tem medo de seu dinheiro desceria aqui, e ninguém que tem dinheiro o gastaria desta maneira. Certamente deve haver algo de misterioso que deve ser descoberto. O chefe de polícia descartou este pensamento e disse: “Procurem uma mulher do bairro para eu conversar com ela”. Ele, então, bateu uma porta que não é aquela onde os espinhos de peixes estavam jogados e pediu água para beber. Uma mulher velha e fraca saiu da casa, e cada vez que a mulher lhe dava água ele pedia mais e ela lhe servia, enquanto ele perguntava sobre os moradores do beco e ela lhe informava, sem saber das consequências, até que ele perguntou: “Quem vive nesta casa?” – referindo-se à casa onde os espinhos de peixes foram jogados na frente”. Ela disse: “Cinco jovens fortes. Eles parecem ser comerciantes. Vivem aí há um mês. Vemo-los de dia muito raramente, e vemos um deles sair da casa para fazer alguma coisa e volta rapidamente. Eles passam todo o dia comendo, bebendo e jogando xadrez. Eles têm um menino que os serve. À noite, vão para casa deles em Al-Karkh, deixando o menino para guardar a casa. Ao crepúsculo, voltam enquanto estamos dormindo, sem percebermos a vinda deles”. Ela ainda disse ao homem: “Não são estas condições de ladrões?” Ele disse: “Sim”, e rapidamente chamou a dez policiais e colocou-os sobre os telhados dos vizinhos e bateu a porta. O menino abriu e os policiais invadiram e prenderam todos eles, e eram eles os ladrões”<sup>300</sup>. Esta história é uma prova da astúcia do chefe de polícia de Bagdá e sua execução às ordens do califa imediatamente.

O governo fez questão de escolher pessoas inteligentes e atenciosas para a delegacia de polícia, não só exigindo que tivessem força e poder. Outra história que indica isso: um chefe de polícia trouxe duas pessoas acusadas de roubar e “pediu uma garrafa de água e segurou-a com a mão e, em seguida, atirou-a intencionalmente e ela se quebrou. Um deles parecia assustado, enquanto o outro se manteve calmo e não se transformou. O chefe da polícia disse ao homem assustado: “Vá”, e disse ao outro: “Traga o dinheiro de volta”. Ele foi perguntado: “Como você soube?” Ele disse: “Um ladrão tem coração forte e não fica aborrecido, e o inocente, se um rato se move na casa o incomoda e o impede de roubar!”<sup>301</sup>.

A posição do chefe da polícia ficou conhecida na maioria dos países islâmicos, tomando diferentes nomes. Foi chamado Hakim (governador) na África, wali (governador) na era dos mamelucos. A polícia foi um dos mais importantes cargos públicos no Egito, onde o chefe da polícia (Sahib Al-Shurtah) era dos homens notáveis e substituiu o governador na liderança da oração, na distribuição de salários e outros trabalhos. A sede do

300 Ibn Al Qayim: Al Turuq Al Hukmiyah (Os métodos jurídicos), p. 65.

301 Ibn Al Qayim: Idem, p. 67.

escritório da polícia no Egito era adjacente a Jami` Al-`Askar (Mesquita dos Militares) e era conhecida por “polícia superior”<sup>302</sup>. O chefe da polícia obtia informações sobre a evolução da segurança dos municípios sob sua jurisdição de seus funcionários, tais como assassinatos e incêndios, a cada dia e, em seguida, enviava um informativo geral de tudo isso ao sultão todos os dias de manhã, para que o governador fique a par do que acontece<sup>303</sup>.

Os policiais penduravam uma faca longa, chamada “tabarzin”, em suas cinturas<sup>304</sup>.

Os andaluzes dividiram a polícia em duas importantes categorias. A primeira delas era chamada de Al-Shurtah Al-Kubra (polícia maior). Era designada para punir os parentes do governante e seus partidários, bem como a pessoas influentes. O chefe desta polícia tinha um assento na porta do sultão e era sempre um candidato ao ministério. Não há dúvida de que a criação deste cargo demonstra que a civilização islâmica respeita a legislação e as normas sociais, onde não houve diferença entre os ricos e os pobres, ou entre os governantes e os governados. A segunda categoria foi chamada de Al-Shurtah Al-Sughra (polícia menor), esta é dedicada ao público em geral. E o chefe de polícia na Andaluzia foi chamado Sahib Al-Madinah (chefe da cidade)<sup>305</sup>.

A civilização islâmica é uma civilização inovadora e construtiva. Não há dúvida de que a posição do chefe de polícia já existia nas nações anteriores, uma vez que as condições das comunidades e a sobreposição dos indivíduos tornam este cargo necessário em qualquer tempo e lugar. Mas, na civilização islâmica esta repartição era completamente diferente do conhecido entre os persas ou romanos. Os muçulmanos acrescentaram, como vimos, muitas novidades para este posto e o definiram de acordo com a ética e as leis islâmicas.

302 Al Maqrizy: Al Khutat Al Maqriziyah, 1 / 840, 841.

303 Al Qalqashandi: Subh Al A'cha, 4 / 61.

304 Adam Metz: Civilização Islâmica no quarto século da Hégira, 2 / 275.

305 Ibn Khaldun: Al 'Ibar wa Diuan Al Mubtada wa Al Khabar, 1 / 251; e Khalil Abu Shawki: Al Hadarah Al Arabiyah Al Islamiya (Civilização árabe-islâmica), p. 313, 314.

## 7

## A Fiscalização

O cargo de *hisbah*<sup>306</sup> surgiu juntamente com o cargo de juiz, como resultado da expansão das condições da vida no Califado Islâmico. É uma posição religiosa, uma aplicação do princípio islâmico de Al-Amr bil-Ma`ruf wa Al-Nahiy `an Al-Munkar (ordenar o que é bom e proibir o mal), que é obrigatório para quem é encarregado dos assuntos dos muçulmanos. O governo nomeia quem ele considera qualificado para este posto, tornando-se assim, uma obrigação individual para quem é designado para tal cargo, e é obrigação coletiva para os outros<sup>307</sup>. Allah (exaltado e glorificado seja) disse: ***[E que seja formada de vós uma comunidade, que convoque ao bem, e ordene o conveniente, e coíba o reprovável. E esses são os bem-aventurados]*** (Ali Imran 3:104).

Durante seu curso de desenvolvimento, a *hisbah* foi além do significado religioso de “ordenar o bem e proibir o mal” para alcançar deveres práticos de acordo com os interesses gerais dos muçulmanos. Portanto, tratava-se de várias questões sociais, tais como a manutenção da limpeza nas ruas, o bem-estar do animal, para que um animal não seja carregado o que ele não pode suportar, cuidados com a saúde através da cobertura dos canais, impedir os professores de bater nas crianças gravemente, policiamento dos bares e bebedores de vinho assim como a exposição do corpo feminino. Em termos gerais, tratava-se de tudo o que tem a ver com a sociedade e sua moralidade, a fim de estar na melhor forma. Também tratou de assuntos econômicos, devido ao fato de as cidades muçulmanas estarem cheias de trabalhadores, comerciantes e artesãos. Daí o principal trabalho do *mubtasib* foi evitar fraudes na indústria e nas

306 Na língua árabe, quando se diz: Fulano tem perfeita “hisbah” em tal assunto, significa que ele o realiza de maneira exemplar. E quando se diz: Fulano fez tal ação por “hisbah”, significa que ele a fez esperando a recompensa de Deus. Religiosamente, é um cargo para o qual era designada uma pessoa que supervisionava os assuntos públicos, regulamentando e fiscalizando as questões econômicas, comerciais e públicas.

307 Ibn Khaldun: Al Ibar wa Diuan Al Muhtada' wa Al Khabar, 1 / 225.

transações, especialmente a fiscalização dos pesos e medidas e verificação de seus padrões e calibres<sup>308</sup>.

Nenhuma das nações e civilizações anteriores conheciam tal cargo em suas sociedades e seus costumes. Na verdade, esta posição é muito importante, porque representa o controle moral sobre o povo. Sabe-se que a civilização islâmica se concentrou em dois fatores importantes, o fator material e o fator espiritual. Daí a ocupação de *al hisbah* era equivalente à magnífica aplicação da ética do Islam e suas ordens de conduta.

O primeiro a ocupar o cargo de *hisbah* na história da civilização islâmica foi o mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele). Abu Hurairah (que Allah esteja satisfeito com ele) narrou que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) passou por um monte de alimento e colocou a mão nele, e seus dedos ficaram umedecidos. Ele disse: “O que é isso, ó dono da comida?” Ele disse: “Foi molhado pela chuva, ó mensageiro de Allah”. Ele disse: “Não poderia colocá-la (a parte umedecida) em cima da comida para que as pessoas possam vê-la. Quem nos engana, não é dos nossos”<sup>309</sup>.

E quando o Governo Islâmico inicial começou a tomar forma e ser independente, vimos o mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele) nomear o primeiro *muhtasib* (a pessoa encarregada de Hisbah, ou fiscal) no Islam, ao designar Sa`id ibn Sa`id ibn Al-`As (que Allah esteja satisfeito com ele), logo após a conquista de Makkah<sup>310</sup>, em um mercado de Makkah. Isto demonstra a importância desta posição desde o início do Islam.

É interessante observar que algumas mulheres companheiras do profeta (a paz esteja com ele) foram nomeadas neste cargo desde a época do profeta (a paz esteja com ele). Ibn Abdul-Barr narrou que Samra bint Nuhaik Al-Asadiyah (que Allah esteja satisfeito com ela) viveu na época do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele), e viveu muito tempo. Ela passava no mercado aconselhando o bem e proibindo o mal, e atingia as pessoas com seu chicote<sup>311</sup>. O que mais surpreende é que Omar a manteve na posição de *muhtasib* no mercado. Isto foi confirmado por Ibn Al-Jawzi, que disse: “Quando Omar (que Allah esteja satisfeito com ele) entrava no mercado, vinha até ela”<sup>312</sup>; isto é, a visitava em seu lugar de trabalho<sup>313</sup>.

308 Al Mawardi: Al Ahkam Al Sultaniyyah, p. 211 em diante, Ibn Khaldun: Al `Ibar wa Diwan Al Muhtada wa Al Khabar, 1 / 225, e Abdul Mun`im Majid: Tarikh Al Hadarah Al Islamiya fi Al `Usur Al Wusta (História da Civilização Islâmica na Idade Média), p. 57.

309 Muslim: Kitab Al Iman (Livro da Crença) (102); Abu Daud, (3452); Al Tirmizhi, (1315); Ibn Majah, (2224) e Ahmad, (7290).

310 Ibn Abdul Barr: Al Istia`b, 1 / 185.

311 Idem, 4 / 1863.

312 Ibn Al Jawzi: Sirat Omar ibn Al Khattab, p. 41.

313 Dhafer Al Qassimi: Nizham Al Hukm fi Al Shari`ah wa Al Tarikh Al Islamy (O Sistema de Governo no Islam e na História Islâmica), 2/592.

Omar (que Allah esteja satisfeito com ele) também cumpria o trabalho de *muhtasib* pessoalmente. Ele costumava cumprir Al-Amr bil-Ma`ruf wa Al-Nahiy `an Al-Munkar, chamando as pessoas para a verdade e para o caminho reto, proibia fraudes e advertia contra isso. Ele passava no mercado carregando addurrah (um pedaço de pau) e alertava os que vendiam mercadorias a preços exorbitantes e os trapaceiros<sup>314</sup>.

O sistema de fiscalização e *hisbab* continuou ao longo das eras dos quatro califas bem guiados e dos califas omíadas, mas a pessoa encarregada não era chamada *muhtasib*, pois este termo foi usado na dinastia abássida. Ziad ibn Abih nomeou um responsável no mercado de Basra durante o califado de Mu`awiah ibn Abu Sufian<sup>315</sup>.

Desde a era dos abássidas o cargo de *muhtasib* começou a tomar forma diferente. Tornou-se conhecido entre as pessoas desde a época do califa abássida Abu Ja`far Al-Mansur. Na tentativa de facilitar o trabalho do *muhtasib* e organizar a sociedade, Al-Mansur moveu os mercados de Bagdá e da região oriental para outras áreas especiais, longe do centro da cidade e suas repartições. Portanto, os mercados passaram para Bab Al-Karkh e Bab Al-Sha`ir. Al-Mansur também nomeou fiscais para controlar e monitorar esses mercados e relatar quaisquer irregularidades<sup>316</sup>.

A posição do *muhtasib* evoluiu ao longo dos anos sob o Califado Abássida. Sua missão era apenas fiscalizar os pesos e medidas, proibir o monopólio, e ordenar o bem e coibir o mal. Foi acrescido ainda a supervisão da limpeza dos mercados e das mesquitas, fiscalização de funcionários no cumprimento de seus trabalhos, a supervisão dos *muezzins* (chamadores para as orações) para cumprir com os tempos de oração. A jurisdição do *muhtasib* também se estendeu para fiscalizar os juízes para observar se estavam atrasados em seus trabalhos ou faltavam nas seções para julgamento. Surpreendentemente, o *muhtasib* teve o direito de testar e selecionar os profissionais para determinar a sua competência e profissionalismo em seus ofícios, de modo a não explorar os outros. O califa abássida Al-Mu`tadid (falecido em 279 d.H) pediu a Sinan ibn Thabit, o chefe dos médicos, para testar todos os médicos em Bagdá, cerca de 860 médicos, e ordenou o *muhtasib* a não permitir que um médico praticasse a sua profissão sem passar pelo exame!<sup>317</sup>

Muitos dos fiscais também aplicavam as punições previstas na lei e cumpriam as punições sobre os emires e sultões infratores, como o resto do povo. Em seu livro Siyar Al-Muluk (Biografias dos Reis) Nizham Al-Mulk citou que o sultão seljuki Mahmud Ibn Malikxá “bebeu vinho uma vez com seus íntimos

314 Al Tabari: Tarikh Al Umam wa Al Muluk (História das Nações e Reis), 2 / 578.

315 Al Salaby: Al Dawlah Al Umawiyah (A dinastia omíada), 1 / 315.

316 Ver: Al Tabari, Tarikh Al Umam wa Al Muluk, 4 / 480.

317 Ver: Ibn Abu Usaibi`ah: Uyun Al Anba' fi Tabaqat Al Atibba, 1 / 112.

e amigos ao longo de uma noite... Ali ibn Nushtakin e Muhammad Al-Arabi (dois de seus amigos mais próximos) participaram da festa e permaneceram bebendo a noite toda com Mahmud. Com o nascer do sol Ali sofreu uma tontura e parecia estar cansado por ficar acordado durante a noite e por causa do consumo excessivo de álcool. Ele pediu permissão ao sultão para ir para casa. Mahmud disse-lhe: “Não é apropriado você ir em plena luz do dia enquanto está bêbado assim. Fique aqui e descanse em um dos quartos até a tarde e depois vá quando você estiver sóbrio, tenho medo se você for agora estando nesta situação, que o *muhtasib* te veja no mercado, te leve, e aplique a pena sobre você, e assim você vai ter a face humilhada, e ficarei deprimido, sem ser capaz de dizer uma palavra. No entanto, Ali ibn Nushtakin, que era o comandante de 50.000 cavaleiros e o homem corajoso do seu tempo e considerado equivalente a mil homens, não imaginou que o *muhtasib* teria coragem apenas de pensar no assunto. Então, ele não cedeu e insistiu em ir para casa. Mahmud disse: “A opinião é tua. Deixem-no ir”. Ali ibn Nushtakin andava em uma grande caravana de cavaleiros e servos, indo para casa. Ele foi interceptado pelo *muhtasib* que estava com uma centena de seus homens, cavaleiros e caminhantes no centro do mercado. Quando viu Ali bêbado, ordenou que fosse descido de seu cavalo. O *muhtasib* também desceu de seu cavalo, e então ordenou que dois homens o segurassem e o chicoteou com quarenta chicotadas, sem qualquer preocupação. Ali tocou o chão com os dentes, enquanto sua comitiva e cavaleiros olhavam, e nenhum deles se atreveu a pronunciar uma única palavra!”<sup>318</sup>

Esta é a civilização islâmica, que não faz distinção entre um comandante que pode mobilizar cinquenta mil soldados com um simples sinal e entre um fiscal que só tem cem homens sob seu controle. No entanto, o *muhtasib* aplica a pena sobre o comandante em público e na frente de seus soldados e cavaleiros, e nenhum deles pode fazer nada. Isto porque a razão estava com o *muhtasib*, que deu ao comandante uma lição a ser aprendida!

Assim, os califas, emires e sultões buscavam nomear fiscais (*muhtasib*) que tinham habilidade, conhecimento e vigor. Em seu livro Nihayat Al-Rutbah, Ibn Al-Ikhwah declarou que: “O sultão de Damasco, Atabik Tughtkin, solicitou um *muhtasib*. Foi-lhe recomendado um homem sábio, então, ele ordenou que ele seja apresentado. Quando ele chegou, o sultão disse: “Eu te designei como fiscal (*muhtasib*) sobre as pessoas, com a ordem do bem e a proibição do mal.” O homem disse: “Se assim for, levante-se desta cadeira e remova esse sofá, porque ele é feito de seda, e tire esse anel, porque ele é de ouro. O profeta (que a paz esteja sobre ele) disse sobre o ouro e a seda: “Esses são proibidos para os homens da minha nação, permitidos para as suas mulheres”<sup>319</sup>. O sul-

318 As Biografias dos Reis, p. 80, 81.

319 Al Tahawy: Mushkil Al Aathar (4209).



tão levantou-se e ordenou a levantar seu leito, e tirou o anel de seu dedo, e disse: “Eu também te designo para os assuntos da polícia.” As pessoas nunca viram um *muhtasib* mais honrado do que ele<sup>320</sup>.

A posição do *muhtasib* foi, portanto, extremamente importante, especialmente em tempos de crise e inflação. Em 307 d.H, os preços subiram exageradamente em Bagdá, “até que as pessoas ficaram chateadas... quebraram os púlpitos, boicotaram as orações e queimaram as pontes.”<sup>321</sup> O *muhtasib* na época, Ibrahim ibn Batha, teve a missão de definir os preços de alguns bens essenciais. Ele definiu o preço de um Kurr [cerca de 1562 kg] de farinha em cinquenta dinares, isso acalmou a rebelião e a perturbação do povo<sup>322</sup>.

Por outro lado, a posição do *muhtasib* não se limitou apenas a quem foi nomeado pelo Estado. A civilização islâmica ensinou todos os seus filhos que devem combater o erro, tanto quanto possível. Isso é um dos fatos mais impressionantes e mais marcantes em nossa civilização. Todo muçulmano, com a sua natural disposição, fé e civilização, é um *muhtasib* mesmo se ele não é encarregado. Ibn Kathir citou em seu livro *Al-Bidayah wa Al-Nihayah* (O Princípio e o Fim), que “Abu Al-Hussain Al-Nury partiu num barco cheio de jarros de vinho. Ele perguntou ao marinheiro: “O que é isso e para quem é isso?” O marinheiro disse-lhe: “Isto é vinho para (o califa) Al-Mu`tadid”. Abu Al-Hussain foi até os grandes jarros e começou a bater-lhes com uma haste na mão até que ele quebrou todos eles, com exceção de apenas um jarro.. o marinheiro pediu ajuda, a polícia chegou e prendeu Abu Al-Hussain e o levou até Al-Mu`tadid, que lhe perguntou: “Quem é você?”. Ele disse: “Eu sou o *muhtasib*”. Al-Mu`tadid disse: “Quem nomeou-o no Gabinete de *Hisbah*?” Ele disse: “Aquele que te designou como califa, ó emir dos crentes”. O califa ficou em silêncio por um tempo e então perguntou: “O que te motivou a fazê-lo?” Ele disse: “Eu estava preocupado com você e para afastar o mal de você.” O califa ficou em silêncio por um tempo e depois disse: “Por que você deixou um recipiente e não o quebrou?” Ele disse: “Eu comecei a quebrá-los por exaltação a Deus, o Altíssimo. Então eu não me importei com ninguém até que eu cheguei a este último jarro, entrou em meu íntimo um sentimento de orgulho por eu estar desafiando um homem como você. É por isso que eu deixei” (Ele quis dizer: quando um ar de ostentação interferiu na minha ação e ela não era mais unicamente feita a Deus, eu decidi parar). Al-Mu`tadid disse: “Vá e altere o que desejar do que ver de mal”. Al-Nury disse: “Agora, minha motivação para mudar acabou”. Al-Mu`tadid perguntou: ‘Por que?’ Al-Nury disse: “Porque eu estava mudando por Deus, mas agora vou mudar por um policial.” O califa disse:

320 Ibn Al Ikhwah: *Nihaiat Al Rutbah fi Talab Al Hisbah*, p. 78.

321 Muhammad ibn Abdul Malik Al Hamazhany: *Takmilat Tarikh Al Tabari* (Conclusão da História de Al Tabari), p. 21.

322 Muhammad ibn Abdul Malik Al Hamazhany: *Idem*, p. 21.

“Peça o que você quiser”. Ele disse: “Eu gostaria de sair daqui salvo.” O califa garantiu a sua partida, então ele partiu para Basra, onde permaneceu em um esconderijo, para que ninguém lhe pedisse para mediar algum assunto com Al-Mu`tadid. Quando o califa Al-Mu`tadid morreu, ele retornou para Bagdá”<sup>323</sup>.

A amabilidade e a rigidez são das mais importantes ferramentas que o *muhtasib* possui. Ele escolhe o que se adéqua à situação. Ele não deve usar a bondade ou a brutalidade em lugar e de forma inadequada. Quando o califa Al-Ma`mun viu um *muhtasib* bruto, disse a ele: “Ei, Allah enviou quem é melhor do que você a quem foi pior do que eu. Ele disse a Moisés e Aarão: **[Mas falar-lhe (a Faraó) suavemente, por ventura ele pode tomar advertência ou medo]** (Taha 22:44)<sup>324</sup>.

Sobre os deveres e responsabilidades que eram do cargo do *muhtasib* na comunidade muçulmana, um estudioso contemporâneo diz: “Os municípios do nosso tempo, juntamente com os órgãos de saúde podem monitorar açougues, padarias e restaurantes. Porém, não temos o impacto dos municípios no controle dos mercados comerciais onde produtos têxteis, produtos manufaturados e de cultivos diferentes são vendidos. Quanto aos profissionais liberais, como médicos, advogados, farmacêuticos, engenheiros e professores, um município não tem nada a ver com eles. Portanto, podemos dizer com firmeza que a competência do *muhtasib* era muito mais ampla do que o governador da província ou prefeito de hoje”<sup>325</sup>.

O *muhtasib* na civilização islâmica se preocupava com tudo que é benéfico para os muçulmanos. Muitos livros foram escritos a este respeito. Mas o que chama a atenção e demonstra o elevado estatuto do cargo de *muhtasib* em nossa civilização é a preocupação deste ofício com certos detalhes que podem não atrair a atenção de ninguém. Ibn Al-Ikhwah (falecido em 729 d.H) menciona um conjunto de orientações gerais que devem ser aplicadas pelo *muhtasib*, de modo que ninguém o precedeu neste sentido. Ao falar sobre a aplicação da *hisbab* (fiscalização) sobre os padeiros, ele diz: “O *muhtasib* deve instruí-lo a levantar a parte superior do forno, fazer amplas aberturas na parte superior para liberar fumaça. Ele também deve ordená-los a varrer a câmara do forno a cada cozimento... a lavar e limpar as amassadeiras e a colocar as massas em esteiras de palha... O padeiro não deve amassar com os pés, joelhos ou cotovelos, porque isso mostra o desrespeito aos alimentos, e o suor pode gotejar das axilas ou do corpo em cima das massas. Ele deve usar um avental de manga comprida e estreita e máscara, porque ele pode espirrar ou falar e, em seguida, um pouco

323 Ibn Kathir: Al Bidaiah wa Al Nihayah (O Princípio e o Fim), 11/89.

324 Al Nuwayry: Nihayat Al Arab fi Funun Al Adab, 6 / 50.

325 Al Ajlany: Abqariyyat Al Islam fi Usul Al Hukm (A genialidade do Islam nos princípios de Governo), p. 343, citando Qusay Al Hussain: Min Ma`alim Al Hadharah Al Islamiya Al `Arabiyyah (Marcos da civilização árabe islâmica), p. 194.

de saliva pode gotejar de sua boca na massa. Ele deve amarrar a testa com uma faixa branca para evitar gotas de suor. Ele deve raspar os braços para evitar que pelos caiam na massa. Se ele faz massa durante o dia, deve haver alguém segurando um mata-moscas para expulsar as moscas”<sup>326</sup>.

A preocupação da civilização islâmica em fortalecer a fiscalização sobre cada profissão que gera benefícios públicos ocorreu desde muito cedo. Isto prova que esta civilização tem como objetivo preservar os seres humanos e fornecer todos os meios para o seu conforto e felicidade. Estas regras rigorosas, que foram destacadas por Ibn Al-Ikhwah, tornaram-se – infelizmente – ausentes em muitos serviços e utilidades públicas em nossos países islâmicos hoje em dia. Ainda por cima, temos importado artes de limpeza e “a etiqueta” dos europeus e ocidentais, esquecendo ou ignorando que a civilização islâmica havia enfatizado a necessidade da existência de normas de saúde para preservar a saúde do muçulmano, através da presença de observadores (*muhtasibs*), que fazem cumprir essas regras por meio de rigorosos canais. Na verdade, o livro “Ma’alim Al-Qirbah fi Talab Al-Hisbah” equivale a uma enciclopédia de fiscalização muito importante, ao qual deve se dar importância e haver referência, porque ele é adequado para muitas regiões e épocas.

O cargo de *muhtasib* nos países do Ocidente e Andaluzia também surgiu desde muito cedo. É notável que o *muhtasib* era auxiliado por meninos e jovens para ajudá-lo a detectar os comerciantes fraudulentos. “O fiscal enviava um menino ou uma menina a um comerciante para comprar dele. Em seguida, o *muhtasib* examinava o peso. Se encontrava falta no peso, ele media a sua situação com o resto dos compradores. Portanto não pergunte sobre o que ocorre com o comerciante<sup>327</sup>. Se ficar comprovado que ele faz isso repetidamente e não se arrepende depois de ser punido e difamado no mercado, ele é exilado do país. Os *muhtasibs* (fiscais) tiveram regras de *hisbah*, que eram estudadas entre eles, assim como é estudada a jurisprudência islâmica (fiqh), porque esta fiscalização tem interferência em todos os produtos e várias ramificações além do âmbito deste estudo”<sup>328</sup>.

Como resultado da elevada posição de que gozam os *muhtasibs* da Andaluzia, observamos que o grande historiador e estudioso da Andaluzia, Lisan Al-Din ibn Al-Khatib, escreveu uma carta de felicitações ao novo *muhtasib* de Málaga Muhammad ibn Qasim Al-Shudaid, parabenizando-o e alertando-o. Ela diz: “Escrevo-te, ó *muhtasib* que pertence à integridade, felicito-o pela realização de seus desejos, e advirto-o contra a ganância da alma que te promete a ilusão, imagino tudo sob o seu controle, suas ordens sendo obedecidas, os

326 Ibn Al Ikhwah: Ma’alim Al Qirbah fi Talab Al Hisbah, p. 150.

327 Indica a severa punição que ele encontrará ao fazer isso.

328 Al Maqqari: Nafh Al Tib, 1 / 219.

hipócritas te bajulando, você agarrando as pessoas suspeitas de repente, começando a nomear e a demitir, seu silêncio é um vendaval que destrói, e à sua frente está a senda reta, você tem que ter companheiros nomeados e um grupo de pessoas notáveis em quem se apoia. Se você cega os seus olhos, você vai se sentir seguro para não ser deposto, se você encher o seu ofício, você vai partir imediatamente...”<sup>329</sup>.

A posição do *multasib* na era dos mamelucos foi de grande importância. Além das tarefas mencionadas anteriormente, ele também tinha a função de desarmar conflitos públicos e eliminar os rumores que causavam tumulto entre as massas. Durante o reinado do sultão Barquq, especificamente no mês de Rajab de 781 d.H, um estranho incidente ocorreu... “Foi difundido entre as pessoas que uma pessoa estava falando de dentro de uma parede. As pessoas ficaram atentadas, e isso continuou até (os meses de) Rajab e Sha’ban, acreditando que o orador era um gênio ou um anjo. Alguns diziam: ‘Ó Senhor, salve-nos! A parede está falando. Ibn Al-Attar disse um poema sobre este caso:

*Ó você que pronuncia de uma parede e é invisível,*

*Apareça, pois este ato é tentador.*

*As pessoas nunca ouviram que as paredes têm línguas. Porém, diz-se que as paredes têm ouvidos.*

O *multasib* (fiscal) Jamal Al-Din traçou a história até descobrir a verdade. Primeiro ele foi para a casa e ouviu a fala saindo do muro e indicou um soldado para vigiar o lugar e ordenou que a casa fosse destruída. Em seguida, eles retornaram e ouviram a voz como de costume. Ele voltou novamente e ordenou que uma pessoa falasse com o orador (da parede), dizendo: “O que você está fazendo é uma tentação para as pessoas, até quando você vai continuar?” A voz disse: “Nada vai continuar após esse dia”. O *multasib* foi embora, mas depois ele foi informado de que o discurso que saía da parede aconteceu mais uma vez. Então, se fortificou a suspeita de que isto é uma trama. Ele continuou buscando a verdade, até que descobriu o mistério. Duas pessoas, Sheikh Rukn Eddin Omar e Ahmad Al-Fishy combinaram que a esposa deste último falasse por de trás de uma planta de abóbora, o som saía diferente da voz dos seres humanos. Quando toda a questão ficou clara para Barquq, amarrou-os e açoitou os dois homens com garras e bateu na mulher em seus pés. Muitas pessoas foram muito afetadas por isso, e foi dada uma recompensa a Jamal Al-Din por isso<sup>330</sup>.

Esta história ou incidente pode ser interessante, mas a civilização islâmica conserva a moralidade pública, especialmente se há algo que pode prejudicar

329 Ibn Al Khatib: Al Ihath fi Akhbar Ghirnatah (O Perfeito sobre a História de Granada), 1 / 413.

330 Ibn Hajar: Inba Al Ghumr bi Abna Al `Umr fi Al Tarikh, 1 / 309, 310.

a crença. Muita gente pensou que o orador fosse dos gênios ou anjos. A fim de eliminar essa tentação, o *muhtasib* fez questão de colocar um fim a isso e conseguiu prender estes oradores, que recebiam dinheiro do povo para ouvir o som da parede. Tornou-se uma grave tentação contra a fé e a crença do povo e um roubo de seu dinheiro, enquanto eles não estavam cientes do truque. Por isso, foi tarefa do *muhtasib* eliminar esse caos que durou por dois meses consecutivos.

Mesmo em tempos de pragas, doenças e epidemias, os fiscais tinham grandes tarefas. Al-Maqrizi relatou que o Cairo e as áreas rurais sofreram uma epidemia mortal em 822 d.H. “O *muhtasib* apelou ao povo que jejuem por três dias até quinta-feira... que saiam para o deserto com o sultão para orar a Deus para que a epidemia tenha fim. E o apelo foi repetido... para que as pessoas jejuem amanhã. E depois o número de vítimas diminuiu...”<sup>331</sup>.

Entre outras tarefas, a *muhtasib* percorria as ruas em tempo de guerra e de mobilização, convidando as pessoas a sair com o sultão ou com os emires para combater o inimigo. Em seu livro *Bughyat Al-Talab*, Ibn Al-Adim<sup>332</sup> falou sobre a mobilização na cidade de Tarso<sup>333</sup>, este é um trecho do que ele citou sobre a função do *muhtasib* em tais circunstâncias: “O *muhtasib* e seus homens percorrem as ruas, se for de dia, um grande número de meninos se junta a eles para ajudá-los na chamada para a mobilização. E pode haver a necessidade da marcha das pessoas, por causa da dificuldade da situação. Ele convocou o povo do mercado para a mobilização e instou-os a se juntar ao exército marchando com o emir sempre e onde quer que vá...”<sup>334</sup>

Talvez o trabalho do *muhtasib* nestes tempos críticos seja um dos cargos mais importantes. Sabe-se que o recrutamento na época não era obrigatório, mas opcional. Assim sendo, chamar as pessoas para a guerra precisava de uma pessoa com conhecimento de suas condições, casas e mercados. Assim, o *muhtasib* combinava entre o seu cargo original e entre ser o publicador oficial do Estado em tempos de guerra, incitando as pessoas a sair ao encontro de quem ameaça a sua segurança.

Na verdade, alguns desses fiscais exageravam na penalidade, ou cobravam taxas das pessoas, pegando seu dinheiro injustamente. Porém a instituição do governo não podia deixá-los corromper na terra. Um dos mais corruptos *muhtasibs* no Cairo, Muhammad ibn Sha`ban Al-Shams, oprimia as pessoas e tinha indivíduos definidos por ele para tirar dinheiro dos pobres e dos

331 Al-Maqrizi: *Al Suluk* (O Comportamento) 6 / 495, 496.

332 Ibn Al Adim: Omar ibn Ahmad ibn Hibatullah ibn Abu Jaradah Al `Uqaily (588-660 d.H/1192-1262 d.C), nascido em Aleppo, partiu para Damasco, Palestina, Hijaz, Iraque e morreu no Cairo. Entre os seus livros: *Bughyat Al Talab fi Tarikh Halab* (história de Aleppo). Veja Al Zirikli: *Al A`alam*, 5 / 40.

333 Tarso, uma cidade costeira na região da Grande Síria, entre Antioquia, Aleppo e terras romanas. Veja: Yaquut Al Hamawy: *Mu`jam Al Buldan* (Dicionário de Países) 28/04.

334 Ibn Al Adim: *Bughyat Al Talab fi Tarikh Halab*, 1 / 84.

comerciantes injustamente. Quando o sultão mameluco Al-Mu`aiyad Shaikh (815-824 d.H) soube disso, ele ordenou que o *muhtasib* fosse batido com uma vara mais de trezentas vezes na presença do sultão e o destituiu do cargo de Hisbah<sup>335</sup>.

Incrivelmente, a Europa adotou o sistema de *hisbah* dos muçulmanos na época medieval, especialmente na época das Cruzadas. Os cruzados mantiveram a posição de *muhtasib* nas cidades que eles dominaram no oriente, e transferiram a experiência para muitos de seus países na Europa. É relatado em um livro intitulado “Sistemas Judiciais de Jerusalém”, que foi elaborado pelos cruzados durante a ocupação de Jerusalém, que “o *muhtasib* deve jurar que ele vai respeitar as leis e preservar os direitos do rei... e que a pessoa que assumir *al hisbah* (fiscalização) deve ir para os mercados de manhã para verificar os açougues e outras lojas do ramo de alimentação e bebidas... ele também deve se assegurar de que não há fraude no que é vendido pelos comerciantes e vendedores ambulantes. Ele também deve se certificar que o pão está sempre disponível no mercado e o peso do pão deve estar de acordo com o peso padrão estabelecido pelo Conselho de Governo...”<sup>336</sup>.

Não há dúvida de que o sistema de *hisbah* no Islam “é o auge do que pode ser pensado pelo governo prudente, para preservar a segurança, o conforto e bem-estar das pessoas, prevenir todas as causas de constrangimento e angústia e proteger a sociedade moralmente, espiritualmente e materialmente. Essa proteção é ilimitada – exceto os limites da segurança e da decência. Quase não temos um governo em qualquer Estado moderno e contemporâneo que forneça tal método de proteção para os cidadãos dentro de um determinado trabalho, como o trabalho de *hisbah* e seu encarregado – *muhtasib*”<sup>337</sup>.

Assim, a instituição judicial, com o que é vinculado a ela de cargos e outras tarefas de assistência, trabalhou para assegurar a justiça e ampliar o conforto, segurança e bem-estar para o povo de uma forma, cujo semelhante é dificilmente encontrado em qualquer nação ou civilização!

335 Ibn Hajar: Inba Al Ghumr bi Abna Al `Umr fi Al Tarikh, 7 / 110.

336 Nicola: Al *hisbah* wa Al Muhtasib, p. 39-41, e Dhafer Al Qassimi: Nizham Al Hukm fi Al Shari `ah wa Al Tarikh Al Islamy (O Sistema de Governo no Islam e na História Islâmica) 2 / 612, 613.

337 Mustafa Al Shak`ah: Ma`alim Al Hadharah Al Islamiyah (Marcos da Civilização Islâmica), p. 84.

# 8

## O Exército

**A**l Jaish (exército) é um termo que se refere a tropa, bem como o grupo de pessoas na guerra. Também é dito: Al Jaish refere-se aos soldados que dirigem uma guerra ou outros assuntos<sup>338</sup>. Assim como outros órgãos do Governo Islâmico, o Exército começou modestamente, e depois cresceu rapidamente até atingir um estágio avançado, com seu próprio sistema.

Na verdade, os árabes antes do Islam não tinham um sistema específico para os soldados, porque eles eram nômades. Cada homem capaz de carregar armas saía para o combate, quando era necessário, em defesa do clã e da tribo. Suas armas incluíam espada, lança e arco. E eram comandados por um de seus líderes que tinha experiência em guerras e era conhecido por sua coragem. O comandante do exército era muitas vezes o chefe da tribo<sup>339</sup>.

Quando o Islam chegou, e os muçulmanos foram autorizados a combater e proclamar o jihad pela causa de Deus, todo muçulmano era um soldado. Seu amor pela religião o motivava a realizar o jihad e a se tornar mártir pela causa de Deus<sup>340</sup>.

O mensageiro (a paz esteja com ele) foi o comandante supremo do exército muçulmano. Após sua morte, a situação se desenvolveu, os campos de batalha aumentaram e os exércitos muçulmanos se distribuíram em locais diferentes, tornando difícil para o califa liderar o exército pessoalmente. Por isso, ele atribuiu a tarefa do comando do exército a alguém que fosse competente e conhecido por sua bravura, socorro, coragem, firmeza e bom planejamento. A obediência era obrigatória para os comandantes, que costumavam se apresentar aos soldados antes de lutar contra o inimigo, a fim de certificarem-se sobre a sua preparação e equipamento, assim como o profeta (a paz esteja com ele)

338 Ibn Mandhur: Lisan Al-Arab. Dicionário, 6 / 277.

339 Abu Zaid Shalabi: Tarikh Al Hadarah Al Islamiya wa Al Fikr Al Islami (História da Civilização Islâmica e Pensamento Islâmico), p. 150.

340 Idem, mesma página.

fazia. Uma vez que a luta tivesse fim, a tarefa do comandante era observar as condições de seu pessoal e seus exercícios a fim de melhorar e aumentar os seus equipamentos<sup>341</sup>.

Omar ibn Al Khattab se preocupou com a questão dos soldados. Ele estabeleceu uma repartição exclusiva para supervisionar os seus variados assuntos, como seus nomes, descrições, carreiras e sustentos. Quando as conquistas islâmicas se expandiram, os despojos de guerra aumentaram, as condições melhoraram para os muçulmanos, e muitos deles se estabeleceram nas cidades, Omar temeu que parte deles relaxasse, desistisse de lutar, e se preocupasse em acumular fortuna. Então, os dirigiu para o jihad, estipulando salários para eles e suas famílias. E quem, dentre os soldados, se atrasava para o jihad sem uma desculpa, era insultado e afrontado de forma a dissuadir os outros de fazerem o mesmo.

Omar também estabeleceu fortes e acampamentos permanentes para o conforto dos soldados após caminharem longas distâncias no caminho até o inimigo. Novas cidades foram construídas, como Basra, Kufa e Fustat, para o descanso dos soldados e para repelir qualquer ofensiva dos inimigos.

Os omíadas concluíram o que Omar iniciou de serviços para o exército. Eles organizaram o cargo de soldado e deram atenção para o desenvolvimento do exército. Quando os assuntos do Estado se firmaram finalmente, quando muitos muçulmanos se aposentaram da participação no jihad e na guerra, o califa omíada Abdul-Malik ibn Marwan introduziu o sistema de recrutamento militar obrigatório<sup>342</sup>.

Os muçulmanos também estabeleceram tradições militares e criaram uma série de artes militares. Os árabes na época pré-islâmica não conheciam um sistema definido de guerra, mas eles confiaram na técnica de “bater e correr” ou “atacar e defender”. Com o advento do Islam e quando os versos do Alcorão: *[Por certo, Allah ama os que combatem em Seu caminho, em fileira, como se fossem edificações ligadas por chumbo]* (Al-Saff: 4) foram revelados, os muçulmanos organizaram os seus exércitos, especialmente quando o movimento de conquistas se expandiu e os exércitos muçulmanos lutaram contra exércitos de uma longa história de planejamento e organização, como os persas e os romanos.

Os muçulmanos desenvolveram uma técnica na organização de suas linhas de combate conhecida como “Karadis”, ou seja, batalhões ou unidades. Segundo este sistema, o exército é dividido em cinco unidades principais:

341 Abu Zaid Shalabi: Idem, p. 153.

342 Idem, p. 150, 151.



unidade de primeira linha, unidade da direita, unidade da esquerda, unidade central e a unidade de retaguarda<sup>343</sup>.

As batalhas de Yarmuk, Qadisiyah e Ajnadyn são consideradas entre as batalhas que são um exemplo de mobilização e de comando dos exércitos. Os aliados na I Guerra Mundial seguiram o exemplo de Khalid ibn Al-Walid (que Allah esteja satisfeito com ele) na batalha de Yarmuk em termos de unificação do comando e escolha do local mais adequado para a batalha<sup>344</sup>.

O Governo fornecia os soldados com o que eles precisavam de armas e suprimentos. O exército era composto de cavalaria e andantes e tinha vários tipos de armas, tais como armas leves individuais, como espadas, lanças, arcos e flechas de todos os tipos, e armas pesadas, como catapultas e tanques onde os lutadores se abrigavam. Havia também armas de proteção do corpo dos ataques inimigos, tais como capacetes, armaduras e escudos. Havia também as armas químicas, os muçulmanos se destacaram no uso do fogo grego e o desenvolveram, descobriram materiais cáusticos e explosivos. Sendo que os cavalos eram uma arma importante no exército islâmico, os muçulmanos se esforçaram na educação e treinamento de cavalos, bem como cuidaram de sua proteção durante as guerras, vestindo-os com escudos chamados “Tajafif”, que cobriam o seu corpo e os protegiam dos ataques<sup>345</sup>.

Os muçulmanos também usaram, desde a época do profeta (a paz esteja com ele), os tanques (um dispositivo militar chamado Dabbabah) para violar e destruir as fortificações. Em *Al-Bidayah wa Al-Nihayah* (O Princípio e o Fim), Ibn Kathir afirmou que “alguns dos companheiros do profeta (a paz esteja com ele) entraram debaixo de um tanque e depois marcharam para queimar o muro do povo de Taif...”<sup>346</sup>.

O omíadas fabricaram as catapultas (minjaniq, pl: majaniq). Al-Hajjaj ibn Yussuf Al-Thaqafi conseguiu fazer uma catapulta chamada “al-`Arus”, que precisou de quinhentos homens em seu serviço. Ele entregou um número destas catapultas para seu primo e comandante Muhammad ibn Al-Qasim Al-Thaqafi<sup>347</sup>, que as usou na conquista da cidade de Daibul (Karachi) em 89 d.H, e diversas outras cidades do Vale de Sind<sup>348</sup>.

O exército muçulmano desenvolveu um agrupamento chamado Naffatah (ou seja, unidade de lançadores de nafta); são aqueles que usam matéria inflamável na guerra lançando-a de cima da montaria, ou aqueles que enchem

343 Kamal Anani Ismail: *Dirasat fi Tarikh Al Nuzhum Al Islamiya* (Estudos na História dos Sistemas Islâmicos), p. 167.

344 Abu Zaid Shalabi: *Idem*, p. 159.

345 Ver: Kamal Anani Isma'il: *Idem*, p. 172-177

346 Ibn Kathir: *Al Bidaiah wa Al Nihayah* (O Princípio e o Fim), 4 / 399.

347 Muhammad ibn Al Qasim ibn Muhammad ibn Al Hakam ibn Abu `Aqil al Thaqafi (62-98 d.H/681-717 d.C), o conquistador de Sind e propagador do Islam naquela região. Veja: Al Zirikli, *Al `lam*, 6 / 334.

348 Khalil Abu Shawky: *Al Hadarah Al Islamiya Al Arabiyah* (Civilização árabe-islâmica), p. 362.

garrafas com nafta e as jogam contra o inimigo. Essa unidade era comum da época abássida e foi amplamente usada contra os cruzados. Ibn Kathir indica nos eventos de 586 d.H que o califa abássida Al-Nassir Lidinillah (falecido em 622 d.H), enviou ao comandante Saladino (a misericórdia de Deus esteja sobre ele) “cargas de nafta e lanças, bem como atiradores de nafta e homens escavadores, todos eles extremamente habilidosos em seus ofícios”<sup>349</sup>.

Vale ressaltar que o exército muçulmano foi o primeiro a usar a pólvora. Os muçulmanos conheceram este artefato antes dos ocidentais, ao contrário do que é alegado por alguns orientalistas, que afirmam que os europeus a usaram em suas guerras e a conheceram antes dos muçulmanos. Foi usada pela primeira vez no Egito, graças à disponibilidade de nitrato em abundância no Egito. Al-Maqrizi mencionou nos eventos do ano 727 d.H que a pólvora tinha sido utilizada com nafta no casamento da filha do sultão do Egito, Al-Nassir Muhammad ibn Qalawun, dizendo: “Qijlis fez uma torre de pólvora e de nafta na Cidadela.”<sup>350</sup> Parece que os muçulmanos conheciam a pólvora muito antes desta data. Ibn Khaldun citou que os marinidas no Marrocos a utilizaram em suas guerras, especialmente na conquista de Sijilmassa. Ibn Khaldun disse que o Sultão Ya`qub ibn Abdul-Haqq criou na cidade um “canhão de disparo de nafta, que atira balas de ferro de uma câmara na frente do fogo de pólvora aceso de uma maneira incrível, graças ao poder de seu Criador!”<sup>351</sup> Este incidente ocorreu em 672 d.H, o que demonstra que os muçulmanos usaram canhões em suas guerras, de acordo com Ibn Khaldun, desde o século sétimo hijri. Eles usaram bombas de ferro que eram emitidas por força da pólvora. Por causa dessa força, Ibn Khaldun exclamou em sua descrição anterior.

Os mamelucos utilizaram canhões em larga escala em suas guerras. Eles desenvolveram vários tipos de canhões, grandes e pequenos. Em seu livro *Subh Al-`Acha*, Al-Qalqashandi descreve os canhões de pólvora, dizendo: “Eles são canhões dos quais se atira com nafta. São de diferentes tipos, alguns atiram flechas de fogo enorme que podem perfurar pedras com as pelotas, e algumas outras bombas de incêndio de ferro pesando entre 10 e 100 libras egípcias. Durante a época da Dinastia Ashrafiyah, quando o emir Salah Al-Din ibn `Arram (que Allah tenha misericórdia dele) era o governador de Alexandria, vi um canhão feito de cobre e chumbo e com pés fixos de ferro, foi atirado dele uma pelota enorme de ferro aquecido, e cobriu uma distância muito grande até cair no mar de Al-Silsilah”<sup>352</sup>. A partir do relato acima mencionado, acreditamos que existem dois tipos de canhões, um tipo que joga um grande número de flechas, com rapidez e bastante força, e outro tipo que joga pelotas

349 Ibn Kathir: *Idem*, 12/409.

350 Al Maqrizy: *Al Suluk Li ma`arifat Duwal Al Muluk*, 3 / 101.

351 Ibn Khaldun: *Al Ibar wa Diuan Al Mubtada' wa Al Khabar*, 7 / 188.

352 Al Qalqashandi: *Subh Al A'cha*, 2/153.

de ferro quente. Ambos os tipos lançam o seu projétil com altíssima velocidade e a uma distância longa. Al-Qalqashandî assistiu isso por volta de 775 d.H, o que demonstra a primazia dos muçulmanos na inovação de dispositivos de guerra desde muito cedo.

Ao longo da civilização islâmica, ninguém pode negar o histórico de vitórias dos muçulmanos sobre outras forças, que ultrapassavam os muçulmanos em número e equipamentos em várias guerras decisivas. Isso reflete a qualidade e a natureza do exército na civilização islâmica, em termos de organização científica estudada, planejamento inteligente, preparação permanente e equipamentos militares inovadores e convenientes com diferentes fases.

## Novos conceitos sobre guerra

---

O Exército Islâmico se distinguiu dos outros com diversas características e princípios que nunca foram vistos no mundo antigo ou moderno. Na vanguarda destes princípios temos: a crença num objetivo e a determinação em alcançá-lo. O profeta (a paz esteja com ele) fez de si mesmo o exemplo e modelo disso, quando ele recusou todas as ofertas feitas pelos coraixitas para dissuadi-lo de transmitir a mensagem do Islam para a humanidade. O mensageiro de Allah (que a paz esteja sobre ele) disse ao seu tio Abu Talib: “Juro pelo nome de Allah, ó tio, que se colocarem o sol em minha mão direita e a lua em minha mão esquerda para, em troca, eu desistir deste assunto (chamar as pessoas ao Islam), eu nunca vou desistir até que Allah o faça triunfar ou eu morra defendendo-o”<sup>353</sup>. A mesma posição também foi tomada por Abu Bakr Al-Siddiq (que Allah esteja satisfeito com ele), quando alguns muçulmanos se recusaram a pagar o zakat, um dos cinco pilares do Islam. Ele disse: “Definitivamente, se me negarem um turbante (ou seja, o mínimo) que o cumpriam para o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) vou lutar contra eles por recusarem-no. O zakat é o direito sobre os bens. Por Deus! vou lutar contra quem diferenciar entre o salat e o zakat”<sup>354</sup>. Os líderes muçulmanos ao longo da história tiveram essa determinação e insistência. Tornar-se mártir pela causa da propagação da religião de Deus foi mais querido para eles do que a vida. Esta foi a primeira das chaves da vitória em seus planos militares, porque eles acreditaram que a vitória é de Deus, porque Deus diz: **[E a vitória não vem senão de Allah, o Todo-Poderoso, o Sábio]** (Ali Imran: 126).

A guerra no Islam nunca foi uma ofensiva agressiva destinada a saques e assaltos, ou por causa de uma vantagem mundana temporária, mas sim para

353 Ibn Hisham: Al Sirah Al Nabawiyah (a biografia do profeta), 3 / 101.

354 Abu Al Rabi `Al Andalusi: Al Iktifa `bima Tadamanahu min Maghazy Rasulullahi wa Al Thalathah Al Khulafa (Batalhas do profeta e dos três califas), 07/03.

fazer da Palavra de Deus superior. Por isso, a determinação dos combatentes muçulmanos menosprezava as montanhas, e o espírito moral excelente destruía todas as dificuldades, tendo o versículo do Alcorão como diretriz: **[E combatei no caminho de Allah os que vos combatem, e não cometais agressão. Por certo, Allah não ama os agressores]** (Al-Baqarah:190). Este espírito forte e ilimitado foi um dos mais fortes fatores que influenciaram no sucesso militar islâmico. Por isso, Ubadah ibn Al-Samit (que Allah esteja satisfeito com ele) disse a Muqawqis, líder dos coptas: “Mas a nossa vontade e determinação é o jihad pela causa de Deus e buscar Sua satisfação. Nossa luta contra um inimigo que lutou contra Deus não é por um desejo mundano ou uma necessidade de aumentá-lo, ainda que Deus tenha permitido isso para nós e fez o que nós ganhamos de despojos de guerra lícito para nós. Nenhum de nós se importa se acumulou quintais de ouro ou se possui apenas um único dirham, porque a nossa finalidade neste mundo é apenas uma refeição para comer para preencher sua fome em um dia e uma noite e uma simples veste para usar. Se qualquer um de nós tem só isso, lhe é suficiente. Se um de nós tem um quintal de ouro, ele vai gastá-lo em (atos de) obediência a Deus, e usará apenas o que ele tem por suas mãos e isso será suficiente para ele enquanto ele está vivo. Isso ocorre porque os prazeres da vida mundana não são prazeres, e a sua prosperidade não é a prosperidade; na verdade, o prazer e a prosperidade estão na Derradeira Vida. Assim fomos ordenados por Deus e ordenados por nosso profeta, que a nossa determinação na vida mundana seja apenas o que pode saciar a fome e cobrir nosso corpo. E que a nossa determinação absoluta seja satisfazer o seu Senhor e participar do Jihad contra o Seu inimigo. Cada um de nós está invocando o seu Senhor, de manhã e à noite, para conceder-lhe o martírio, e para não fazê-lo voltar ao seu país, nem à sua terra, família e filhos. E nenhum de nós está preocupado com o que ele deixou para trás; cada um de nós confiou ao seu Senhor a sua família e filhos. Na verdade a nossa preocupação está na frente de nós”<sup>355</sup>.

O Exército Islâmico também se distinguiu com o espírito coletivo, onde todos na comunidade muçulmana se sentem responsáveis em alcançá-lo, confirmando o que Allah diz: **[E agarrai-vos todos à corda de Allah, e não vos separeis]** (Ali Imran:103).

O mensageiro (que a paz esteja com ele) também disse: “A Mão de Deus fortalece os que estão unidos”<sup>356</sup>. Por isso, vemos que Al-Hubab ibn Al-Munzhir (que Allah esteja satisfeito com ele) disse ao mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) na batalha de Badr, quando viu que o lugar em que os muçulma-

355 Ibn Taghry Bardī: Al Nujum Al Zahirah fi Muluk Misr wa Al Qahirah (Estrelas brilhantes na história dos reis do Egito e Cairo), 04/01.

356 Al Tirmizhi (2166); Al Nasa'i (4020); Ibn Hibban (4577), Al Hakim (399). Foi classificado por Al Albani como Sahih (autêntico). Veja: Sahih Al Jami' 1848.

nos descera não lhes trará vitória certa sobre seus inimigos: “Ó mensageiro de Allah, este é um lugar que Allah lhe ordenou escolher, e não podemos nos adiantar nem nos atrasar dele, ou é opinião e estratégia de guerra?” “O profeta (a paz esteja com ele) disse: “É uma opinião e estratégia de guerra”. Então, Al-*Hubab* disse: “Ó mensageiro de Allah, levante com as pessoas, até chegarmos bem próximo a água e, em seguida, destruimos os outros poços para limitar o acesso dos coraixitas à água, e construímos uma bacia e a enchemos de água, assim nós beberemos e eles não beberão. O profeta (a paz esteja com ele) aprovou seu plano e executou-o. Então, o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) se dirigiu até chegar o mais próximo possível da água, e ordenou que os poços fossem destruídos e construíram uma bacia em torno do poço onde se estabeleceram, a encheram de água e jogaram os seus recipientes nela”<sup>357</sup>.

A movimentação dos muçulmanos para equipar “o exército de *al úss-rah*” na expedição de *Tabuk* reflete o sentimento de espírito coletivo que liga a comunidade muçulmana. Nenhuma outra civilização jamais testemunhou igual a este espírito coletivo de generosidade e altruísmo para atingir a missão militar aprovada por seus líderes. Os muçulmanos disputaram em gastar o seu dinheiro e dar esmolas para equipar o exército. *Uthman ibn ‘Affan*, por exemplo, preparou uma caravana de duzentos camelos para viajar para a Síria carregados de mantimentos, em seguida, acrescentou outros cem camelos e trouxe um mil dinares e os entregou ao mensageiro de Allah (a paz esteja com ele). Em seguida, doou novamente e sucessivamente, até que a quantia de sua caridade alcançou novecentos camelos, uma centena de cavalos, além do dinheiro que pagou. *Abdul-Rahman Ibn Auf*, por seu lado, pagou 200 onças de prata, enquanto *Abu Bakr* pagou todo o dinheiro que tinha – quatro mil dirhams – e não deixou nada senão Allah e Seu mensageiro, como fortuna para sua família, e foi o primeiro a trazer a sua doação. *Omar* pagou metade de sua fortuna. *Al-Abbas* doou uma grande quantia em dinheiro. *Talhah*, *Saad ibn Ubadah* e *Muhammad ibn Maslamah*, todos eles doaram. E *Assim ibn Adiy*, por sua vez, ofereceu noventa camelos carregados de tâmara. E as pessoas se sucederam pagando, seja pouco ou muito, alguns deles chegaram a doar um mud (a medida das palmas das mãos cheias) ou dois, que era tudo o que possuíam. As mulheres também enviaram o que podiam de almíscar, braceletes, tornozeleiras, brincos e anéis<sup>358</sup>.

A relação distinta entre o comandante e sua tropa também é um dos fatores mais importantes para o sucesso militar islâmico. O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) zelava muito em construir pontes de amor e confiança

357 Ibn Hisham: *Idem*; Ibn Kathir *Al Sirah Al Nabawiyah* (Biografia do profeta), 2 / 402; Al Suhaili: *Al Rawd Al Anif*, 3 / 62, e Al Tabari: *Tarikh Al Umam wa Al Muluk* (História das Nações e Reis), 2 / 29.

358 Ibn Kathir: 06/04, adaptado.

entre ele e seus soldados, ele costumava chamar cada um deles com um nome que lhe agradava. O profeta (a paz esteja com ele) dizia sobre Abu Ubaidah (que Allah esteja satisfeito com ele): “Cada nação tem um Amin (isto é, o homem mais honesto), e o Amin desta nação é Abu Ubaidah ibn Al-Jarrah”<sup>359</sup>. E disse sobre Al-Zubair ibn Al-Awwam (que Allah esteja satisfeito com ele): “Todo profeta tem o seu Hawari (discípulo, ou seja, auxiliar especial), meu discípulo é Al-Zubair”. O profeta (a paz esteja com ele) participava com os seus companheiros em suas missões defensivas e ofensivas, como fez na Batalha dos Partidos. E assim agiram os comandantes depois do profeta (a paz esteja com ele), viveram entre os soldados munidos de muita modéstia. Por isso, o mensageiro de Al-Muqawqis os descreveu da seguinte maneira: “Eu vi pessoas a quem a morte é mais preferida do que a vida; a modéstia é mais preferida a eles do que a vanglória, nenhum deles tem um desejo nesta vida terrena, se sentam no chão e comem sentados sobre seus joelhos. O líder deles é como um deles, não há nenhuma distinção entre o superior e o inferior, o mestre e o servo”<sup>360</sup>.

## Inovações no campo de guerra

---

A inovação e a criatividade são um destaque precursor no campo militar islâmico. O que aconteceu na batalha de Al-Qadisiyah – quando os muçulmanos foram surpreendidos no primeiro dia da batalha por elefantes na linha de frente do exército persa – foi uma indicação clara de inovação no planejamento militar islâmico. As vozes e os tamanhos grandes dos elefantes assustaram os cavalos dos muçulmanos e os fez recuar. Os comandantes muçulmanos se reuniram rapidamente e criaram um plano para superar os elefantes. Saad ibn Abu Waqqas (que Allah esteja satisfeito com ele), enviou a Amr Ibn Assim Al Tamimi (que Allah esteja satisfeito com ele) e disse: “Ó povo de Tamim, vocês não são hábeis em camelos e cavalos? Vocês não têm um truque contra estes elefantes?” Eles disseram: “Sim, por Allah.” Então, ele convidou alguns arqueiros do seu povo, e outros que eram conhecidos pela habilidade e movimento rápido e disse-lhes: “Ó arqueiros, ataquem os montadores dos elefantes com flechas.” Ele também disse: “Ó hábeis, ataquem os elefantes por trás e cortem os seus cintos para que as caixas que carregam os montadores caiam no chão!”. E ele começou a protegê-los, enquanto a guerra era feroz e as alas direita e esquerda do exército estavam se movendo de um lugar para outro, não muito longe dele. Os companheiros de Assim (que Allah esteja satisfeito com ele) chegaram até os elefantes, prenderam suas caudas e cortaram as cordas que

359 Al Bukhari: Kitab Al Maghazi (Livro de expedições militares lideradas pelo profeta (a paz esteja com ele)) (4121).

360 Ibn Taghri Bardi: 11/01.

amarravam as caixas. O uivo dos elefantes ficou mais alto e não restou nenhum elefante sem os seus carros cortados e os seus combatentes mortos<sup>361</sup>.

Entre os mais famosos inovadores planos militares na história islâmica temos o plano de Muhammad, o Conquistador (ou Mehmed II) na conquista de Constantinopla. Uma vez que seus navios de guerra carregando armas de grande porte atingiu o estreito de Dardanelos, descobriu que os bizantinos haviam bloqueado o Estreito com conjuntos de enormes cadeias que se estendem entre as duas margens, impedindo a passagem de navios. No entanto, isso não dissuadiu o genial comandante, que não parou o seu avanço. Ele decidiu aplicar a maior operação para o transporte de uma frota marítima da história. O exército transportou os navios de guerra em postes de madeira colocados sobre a terra e deu a volta por trás das cadeias e colocou a frota no mar novamente. Os bizantinos foram surpreendidos pelo movimento de desvio, que foi sem precedentes na história. Pela primeira vez na história militar, um comandante ousou transferir os seus navios de guerra com todas as suas armas pesadas, suprimentos, equipamentos e munições, e subiu ao topo da montanha e depois desceu para o mar para enfrentar o inimigo. O resultado surpreendente foi a queda da cidade em suas mãos com perdas mínimas<sup>362</sup>.

Estes são alguns dos destaques do sistema militar islâmico, que indicaram a primazia da crença em que a civilização islâmica foi baseada e o avanço de seus filhos.

## A Marinha Islâmica

---

Os árabes antes do Islam e em seu início não tinham um conhecimento considerável dos assuntos do mar, porque eram beduínos e seus comércios se resumiam aos caminhos terrestres do deserto. Al-Ala' ibn Al-Hadramy (que Allah esteja satisfeito com ele), governador de Al-Bahrain, é considerado o primeiro a embarcar na rota do mar durante o califado de Omar ibn Al Khattab (que Allah esteja satisfeito com ele). Al-Ala' ibn Al-Hadramy (que Allah esteja satisfeito com ele) queria realizar uma missão contra os persas para fortalecer o Islam. Ele chamou o povo de Al-Bahrain em 17 d.H para conquistar a Pérsia, e eles responderam-lhe. Ele levou-os em navios sem a permissão de Omar, e atravessou o Golfo Pérsico. O exército, em seguida, retornou a Basra, carregado de despojos, depois de terem perdido seus navios nos quais eles atravessaram o golfo. Omar (que Allah esteja satisfeito com ele), que odiava tomar a rota

---

361 Al-Tabari: *Tarikh Al Umam wa Al Muluk* (História das Nações e Reis), 2 / 412.

362 Ali Muhammad Al Salabi: *Al Dawlah Al Uthmaniyyah Awamil 'Al Nuhud wa Asbab Al Suqut* (O Império Otomano; Fatores de Progresso e Causas da Queda), p. 88.

do mar, não tolerou esta atitude e demitiu Al-Ala' (que Allah esteja satisfeito com ele)<sup>363</sup>.

Após a expansão das conquistas islâmicas, a conquista da Síria e do Egito, os muçulmanos queriam acompanhar os romanos no lançamento de expedições através do mar, protegendo suas costas e os países que conquistaram, e repelindo o risco romano. A este respeito, Mu'awiah ibn Abu Sufian (que Allah esteja satisfeito com ele) escreveu de Homs para Omar ibn Al Khattab (que Allah esteja satisfeito com ele), pedindo a sua permissão para combater os romanos através do mar, mas Omar recusou-se. Mu'awiah (que Allah esteja satisfeito com ele) insistiu e enviou a Omar um mensageiro que disse ao califa: "O povo de uma aldeia de Homs pode ouvir os seus (ou seja, os bizantinos) cachorros latindo e os seus galos cantando". Ele quis dizer que eles estavam perto deles. Isso influenciou Omar, que escreveu para Amr Ibn Al-'Aas (que Allah esteja satisfeito com ele) pedindo-lhe que descrevesse o mar e os marinheiros. Em resposta Amr (que Allah esteja satisfeito com ele) escreveu: "Vi uma grande estrutura navegada por pequenas criaturas – nada mais além do céu e da água. Se ancora, ele atinge os corações e, se ele se move, faz a mente se perder... a convicção aumenta na redução de salvação e no aumento da dúvida. Eles (passageiros ou marinheiros) estão nele como os vermes em uma vara; se inclina afundam e se ele sobrevive se surpreendem"<sup>364</sup>. Omar (que Allah esteja satisfeito com ele) escreveu para Mu'awiah (que Allah esteja satisfeito com ele): "Juro por Aquele que enviou Muhammad com a verdade, eu nunca vou enviar um muçulmano nele (no mar)... Por Deus, um muçulmano é mais caro para mim do que tudo que os romanos podem ter. Cuidado para não apresentar para mim sendo que já sugeri para ti, e você sabe o que Al-Ala' encontrou de mim (de repúdio), embora eu nunca tenha lhe sugerido algo nesse assunto."<sup>365</sup>

Portanto os muçulmanos não tiveram uma força naval até a época de Omar ibn Al Khattab, que seguiu uma política de defesa, em face da ameaça bizantina, representada no estabelecimento de fortes e na criação de guarnições nas costas e portos.

Quando Uthman ibn 'Affan (que Allah esteja satisfeito com ele) assumiu o califado "Mu'awiah (que Allah esteja satisfeito com ele) continuou incentivando-o (para se ter uma marinha), até que Uthman (que Allah esteja satisfeito com ele), finalmente, decidiu formar uma frota. Uthman (que Allah esteja satisfeito com ele) disse: "Não eleja as pessoas e sorteie entre eles, mas sim, deixe-os escolher voluntariamente. Quem dentre eles escolhe ir (nessa expedição naval) transporte-o e ajude-o". Mu'awiyah, então, fez"<sup>366</sup>.

363 Veja: Ibn Kathir: Al Bidaiah wa Al Nihayah (O Princípio e o Fim), 7 / 96, 97.

364 Ibn Khaldun: Al Muqaddimah, 2 / 130.

365 Al Tabari: Tarikh Al Umam wa Al Muluk, 3 / 316.

366 Idem, 3 / 317.



Quando a situação dos muçulmanos se estabeleceu, sua autoridade prevaleceu e vários grupos se submeteram a eles, cada artesão aproximou-se deles com sua habilidade, então eles tiveram um grande número de marinheiros em suas necessidades de transporte marítimo, e ganharam experiência e habilidade na cultura do mar. Eles trouxeram especialistas neste campo, lançaram o jihad pelo mar, construíram navios de guerra, encheram frotas com homens e armas, e atribuíram a tarefa de dirigi-las aos soldados e combatentes, escolhendo de seus reinados aqueles que estavam mais próximos do mar e em seu litoral, como: a Síria, África, Marrocos e Andaluzia<sup>367</sup>.

A história lembra com todo orgulho e reverência as primeiras batalhas navais dos muçulmanos, “como a expedição de Chipre, a batalha de Zhat Al-Sawary (34 d.H/654 d.C), que mudou o curso da história marítima e decidiu a supremacia marítima na bacia do Mediterrâneo em favor dos muçulmanos. Após a batalha de Zhat Al-Sawary, os muçulmanos se destacaram como uma força influente no mundo marítimo. O Mar Mediterrâneo, conhecido na cultura árabe como Bahr Al-Rum (Mar dos Romanos / Mar Bizantino), se transformou em um mar islâmico, e a frota naval islâmica fortaleceu seu controle com a conquista da Andaluzia. Assim, os navios muçulmanos conseguiram passar com segurança entre as costas da Síria e do Egito a oeste, e até a Andaluzia, a leste.

## A Construção Naval

---

Uma vez que os muçulmanos perceberam o valor e o significado da força naval, especialmente após a grande vitória alcançada na batalha de Zhat Al-Sawary, eles começaram a criar muitas instalações de construção naval militar. Pela primeira vez, um estaleiro naval foi criado na Ilha de Al-Rawdah, no Egito (54 d.H/674 d.C), denominado “Dar Al-Sina’ah” (Casa da Indústria)<sup>368</sup>. Outras duas unidades de construção foram erguidas na região da Síria, em ‘Akka e Sur e, em seguida, na África e na Andaluzia, sendo que “a frota andaluz atingiu cerca de duas centenas de navios de guerra durante o reinado de Abdul-Rahman Al-Nasser, e a frota africana também estava próxima a este número”<sup>369</sup>.

Além disso, os muçulmanos estabeleceram uma frota mercante ao lado da militar. O interesse na navegação comercial nos mares do Leste e do Sul aumentou depois que os muçulmanos se firmaram no comércio internacional. Os navios comerciais e militares islâmicos variaram de acordo com a natureza dos mares e oceanos. Os muçulmanos desenvolveram tipos de navios

367 Ibn Khaldun: Al Muqaddimah, 1 / 253.

368 Ver: Abu Zaid Shalabi: Tarikh Al Hadarah Al Islamiya wa Al Fikr Al Islami (História da Civilização Islâmica e Pensamento Islâmico), p. 166.

369 Ibn Khaldun: Al Muqaddimah, 1 / 253.

comerciais e militares de diferentes tamanhos, funções e velocidade, com os nomes: Shunah (o maior tipo de tais navios que levavam soldados e armamento pesado), Harraqah (um navio de guerra), Batsah, Ghurab, Shalandiyah, Hammalah e Taridah (um navio pequeno e rápido). Quanto às armas, por exemplo: al Kullab (um dispositivo de ancoragem) que foi utilizada pelos muçulmanos na Batalha de Zhat Al-Sawary para manter contato com os navios dos bizantinos; Naffatah, que é uma mistura de líquidos incendiários disparados de um cilindro na frente do navio, conhecido como o fogo grego, além de armas tradicionais terrestres<sup>370</sup>.

Uma prova da inteligência marítima é a existência de livros islâmicos sobre a arte da navegação, dentre os mais famosos: “al-Fawa'id fi Usul 'Ilm Al-Bahr wa Al-Qawa'id” (As Lições de Bases e Regulamentos de Ciência Marítima) por Ibn Al-Majid (falecido depois de 904 d.H/1498 d.C) apelidado Asad Al-Bahr (O Leão do Mar). Ele também escreveu um poema didático denominado “Hawiat Al-Ikhtisar fi Usul 'Ilm Al-Bihar”<sup>371</sup> (Breve resumo do Regulamento da Ciência Marítima) e “al-Minhaj Al-Fakhir fi 'ilm Al-Bahr Al-Zakhir” (a nobre metodologia sobre a Ciência Marítima), além de “al-'Umdah Al-Muhriyah fi Dabt Al-'Ulum Al-Bahariyah” por Sulayman Al-Muhry (falecido por volta de 961 d.H / 1554 d.C), apelidado de Mu'allim Al-Bahr (o mestre do mar)<sup>372</sup>.

O dicionário marítimo também está repleto de termos marítimos islâmicos, que encontrou seu caminho para as línguas europeias, como: “almirante” (em inglês: admiral), cuja origem é “Amir Al-Bahr” (ou seja: emir dos mares); “cabo” (em inglês: cable), cuja origem é “Habl”; “recife”, do árabe “Rassif” (cais, doca); e “arsenal” do árabe “Dar Al-Sina'ah” (ou seja, casa da indústria).

## Constituição da ética militar

Os muçulmanos foram os primeiros a documentar a relação entre a guerra e a ética. Os muçulmanos nunca imitaram as tropas persas ou romanas em suas guerras. Sem dúvida, esta é a melhor virtude introduzida pela civilização islâmica para toda a humanidade. A civilização islâmica tem-se centrado na consciência, bem como os compromissos morais e humanitários em relação aos outros, independentemente de combatentes ou pacíficos.

Durante a propagação do convite ao Islam entre as pessoas de outras nações, a civilização islâmica nunca almejou o derramamento de sangue ou a matança de pessoas inocentes, como fizeram os combatentes persas e romanos,

370 Ver: Abu Zaid Shalabi: p. 169, 170; Isma'il Kamal Anani: Dirasat fi Tarikh Al Nuzhum Al Islamiya (Estudos sobre a História dos Sistemas de Administração Islâmica), p. 183-187.

371 Al Zirikli: Al 'alam, 1 / 201.

372 Idem, 3 / 121.

ou os tártaros, que aniquilaram todos à frente deles, matando velhos e jovens, homens e mulheres, mataram os animais e abortaram a gravidez de mulheres e fizeram atrocidades inimagináveis por um ser humano!

Por isso, o profeta (a paz esteja com ele) ensinava e aconselhava os seus companheiros, dizendo: “Não desejem enfrentar o inimigo (em uma batalha) e peçam a Deus a salvação...”<sup>373</sup>. Portanto, o muçulmano, graças à sua formação moral através do Alcorão Sagrado e da Sunnah do profeta (a paz esteja com ele), odeia o assassinato e o derramamento de sangue e, portanto, não inicia uma luta contra ninguém. Em vez disso, ele procura todos os meios possíveis para evitar a luta e derramamento de sangue.

Faz parte da justiça do profeta (a paz esteja com ele) na guerra lutar apenas contra os combatentes e nunca matar civis que não participam na guerra e luta. O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) aconselhou Abdul-Rahman ibn Auf (que Allah esteja satisfeito com ele) quando ele foi enviado no mês de Sha`ban do sexto ano hijri para a tribo cristã de Kalb, em Dawmat Al-Jandal, dizendo-lhe:.. “Combatei, pela causa de Allah, lutei contra aqueles que não creem em Deus, não defraudei os despojos; não quebrei suas promessas e não mutilei corpos, não matei crianças”<sup>374</sup>.

Esta ética foi um firme estatuto para os exércitos islâmicos em guerra contra os não-muçulmanos. As guerras islâmicas se distinguiram por não serem sangrentas, observamos também que os comandantes militares muçulmanos aproveitavam todas as oportunidades para cessar um combate e proteger a vida, seguindo o exemplo do mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele). Eu contei os que morreram em todas as guerras do profeta (a paz esteja com ele), tanto os mártires muçulmanos como as baixas dos inimigos, e depois analisei estes números relacionando-os com o que está acontecendo em nosso mundo contemporâneo. Encontrei resultados surpreendentes!

O número de mártires muçulmanos em todas as suas batalhas durante a vida do mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele) (durante dez anos completos) chegou a cerca de 262 mártires, contra 1.022 mortos nas fileiras dos inimigos. Ao fazer essa estatística, fui cuidadoso em contar todos aqueles que foram mortos de ambos os lados, incluindo até mesmo aqueles que foram mortos em incidentes individuais fora do combate militar. Eu também reuni entre todos os relatos autênticos, independentemente dos números indicados, a fim de evitar exageros que são cometidos por alguns editores que se concentram em

373 Al Bukhari: Livro de Jihad e Biografias, 2804, e esta é a sua formulação. E Muslim: Livro de Jihad e Biografias, 1742.

374 Muslim: Livro de Jihad e Biografias, 1731; Abu Daud, 2613, Al Tirmizhi, 1408; Ibn Majah, 2857; Al Darimi, 2439; Ahmad, 18119, e Al Hakim, 8623.

relatos fracos que mencionam menor número de vítimas<sup>375</sup>, de modo a atenuar as consequências das guerras do profeta<sup>376</sup>.

O número total de mortos em ambos os lados atingiu 1284 pessoas! Alguns podem dizer que o número de soldados nos exércitos na época era pequeno e, portanto, o número de mortos também foi menor. Eu contei o número de soldados envolvidos nas lutas e, em seguida, calculei o percentual de mortes em relação ao número de combatentes, e encontrei um resultado que me surpreendeu! O percentual de mártires muçulmanos dentro dos exércitos muçulmanos correspondeu a apenas 1%. Enquanto o percentual de mortos nas fileiras dos exércitos não-muçulmanos em relação ao número de seus exércitos foi de 2%. Portanto, a percentagem média de mortes em ambos os lados atingiu apenas 1,5%!

Esses baixos índices em cerca de 25 ou 27 Ghazwah<sup>377</sup> (uma batalha liderada pelo próprio profeta) e 38 Sariyah<sup>378</sup> (uma batalha não liderada pelo profeta), ou seja, mais de 63 batalhas, é uma sólida evidência de que as guerras lançadas em toda a vida do profeta (a paz esteja com ele) não foram sangrentas.

Para se ter uma imagem mais clara eu contei o número de mortes na II Guerra Mundial, como um exemplo da guerra da civilização moderna, especialmente porque os países envolvidos na II guerra ainda alegam ser os pioneiros da civilização e dos direitos humanos! Então, eu calculei a proporção de mortes em relação ao número dos exércitos envolvidos nos combates. O resultado foi chocante! O percentual de mortes nessa guerra civilizada atingiu 351%!

Novamente, os números não mentem. 15.600.000 soldados participaram na Segunda Guerra Mundial, mesmo assim, o número de mortos foi de 54.800.000 pessoas, ou seja, mais de três vezes mais que os exércitos envolvidos! A interpretação deste resultado é que todos os exércitos envolvidos, sem exceção, praticaram extermínio de civis e derramaram milhares de toneladas de explosivos sobre as cidades e vilas seguras, aniquilando assim os seres humanos, exterminando a espécie humana e destruindo a infraestrutura e economia e deslocando os povos!

Foi um desastre humanitário em todos os sentidos da palavra. Não é nenhum segredo que os países envolvidos nesses massacres foram os países

375 A estatística é baseada nos relatórios registrados nos livros de hadith Al Sihah (autênticos), Al Sunan (coletâneas de hadith classificados por temas), Al Masanid (coletâneas de hadith classificados pelo narrador em primeiro lugar na cadeia de transmissão) e os relatórios registrados em livros biográficos depois da verificação de sua autenticidade, como a Al Sirah de Ibn Hisham, 'Uyun Al Athar, Zad Al Ma'ad, Al Sirah Al Nabawiyah de Ibn al Kathir, de Al Tabari e outros.

376 Por exemplo: Alguns dizem que os mártires da Batalha de Bi'r Ma'unah eram 27, mas na verdade eles eram setenta. Alguns também desconsideram as mortes dos judeus de Banu Qurayzah, com o fundamento de que mereciam o seu fim por causa da traição, mas a atitude correta é considerá-los vítimas de uma verdadeira batalha, independentemente das suas causas, e assim por diante.

377 Ibn Qayim Al Jawziyah: Zad Al Ma'ad, 1 / 125; e Ibn Hazm: Jawami Al Sirah, 1/16.

378 Ibn Kathir: Al Sirah Al Nabawiyah (a biografia do profeta), 4 / 432.

conhecidos como civilizados! Inglaterra, França, Estados Unidos, União Soviética, China, Alemanha, Itália e Japão!

Os muçulmanos seguiram os passos do profeta (a paz esteja com ele) depois dele. Isso ficou evidente nas palavras do discípulo que mais seguia a sua sunnah (tradição), o califa Abu Bakr Al-Siddiq (que Allah esteja satisfeito com ele). Abu Bakr Al-Siddiq aconselhou os seus exércitos que se dirigiram para a conquista da Síria, dizendo o seguinte: “Não façam estragos na terra...” Este é um nobre conselho que abrange todas as coisas boas. Al-Siddiq (que Allah esteja satisfeito com ele) claramente proíbe todas as formas de corrupção na Terra. Ele também disse: “Não afoguem ou queimem palmeiras, não matem animais, não destruam árvores frutíferas, não destruam uma igreja...”<sup>379</sup>. Estes detalhes explicam o significado do mandamento de não fazer estragos na Terra, para que o comandante do exército não pense que a inimizade de um grupo pode permitir algumas formas de corrupção e caos. A corrupção, em todas as suas formas, é inaceitável no Islam.

Sempre que Omar ibn Al Khattab enviava os comandantes do exército, ele os aconselhava a temer a Deus. Quando as bandeiras eram firmadas aos comandantes, ele costumava dizer: “Em nome de Deus e com a ajuda de Deus, vá em frente com o apoio de Deus para a vitória e com a companhia da verdade e da paciência; combatei, pela causa de Allah **[e não cometais agressão. Por certo, Allah não ama os agressores]** (Al-Baqarah:190). E não se acovardem diante do inimigo, não mutilem quando tiverem poder, não exagerem na vitória, não matem idosos, mulheres ou crianças; evitem matá-los quando os dois exércitos se enfrentarem e quando os bombardeios forem lançados. Não tomem o que é ilícito quando os despojos de guerra forem distribuídos; levantem o jihad acima das vaidades da vida terrena; regozijai-vos com os lucros que ganharão nesta venda que vocês contrataram, e esta é a grande vitória”<sup>380</sup>.

O interesse do Islam e sua civilização no aspecto moral em todas as atividades, as pacíficas e as militares, salienta que a raiz da civilização islâmica é a moralidade, o seu caule é a misericórdia, seus ramos são o perdão, e seus frutos são a fraternidade. Apesar dos notáveis progressos militares feitos pela civilização islâmica, ela nunca humilhou os povos de outras nações, mas sim respeitou seus credos e aceitou-os como cidadãos livres no interior do Governo Islâmico. O mais proeminente exemplo disso foi Salah Al-Din (Saladino, que Allah tenha misericórdia dele) e seu tratamento de perdão e misericórdia aos prisioneiros e líderes dos cruzados, a ponto de os meios científicos e populares ainda lembrarem a Salah Al-Din (que Allah tenha misericórdia dele) e suas missões morais antes de seus papéis militares.

379 Al Baihaqi, Al Sunan Al Kubra 17904.

380 Ibn Qutaibah: Uyun Al Akhbar, 1 / 107.

## Quarto Capítulo

### O Sistema Judiciário

Ficamos surpresos quando lemos a história do sistema judiciário islâmico e suas claras contribuições para o curso de todas as civilizações humanas. Este sistema foi caracterizado pela grande organização, rigor e brilho, algo que nenhum sistema judicial antes do Islam, ou mesmo depois do Islam conhece, senão desde muito recentemente. Este sistema assimilou suas disposições e legislação da nobre lei islâmica e não possui falsidade em nenhum aspecto. Assim, as aplicações desse sistema ao longo de centenas de anos foram um rico patrimônio cultural, do qual as nações ocidentais se beneficiaram em suas realidades e, então, se desenvolveram e se elevaram. No entanto, nós aplicamos apenas parte deste sistema, assim nós nos tornamos subordinados depois de termos possuído status e avanço elevados. Apresentaremos este sistema através das seguintes pesquisas:

1. O Zelo pela Justiça como Princípio Básico para a Construção da Nação
2. A Idealização dos Meios que Garantem a Justiça ao Juiz em Sua Sentença
3. A Idealização do Sistema Judiciário e Seu Desenvolvimento
4. As Medidas para a Escolha dos Juízes e Seus Exames
5. A Definição das Atribuições dos Juízes
6. O Surgimento do Judiciário Especializado
7. A Fiscalização sobre o Judiciário
8. A Submissão dos Califas e dos Emires à Autoridade da Justiça
9. A Criação do Tribunal de Queixas e Seu Desenvolvimento

# 1

## O Zelo pela Justiça como Princípio Básico para a Construção da Nação

---

A característica mais importante da civilização islâmica que a distinguiu das outras civilizações é que ela trouxe um conjunto de sistemas baseados em valores que derivam seus ensinamentos do Senhor dos Mundos, de modo que não se alteram e não se sujeitam a caprichos. Por isso, a humanidade antes da civilização islâmica não viveu nesse estado de serenidade mental e espiritual, que a civilização islâmica trouxe para o mundo. Estes valores ganharam a admiração da humanidade através de sua visão da aplicação concreta da nossa civilização.

A característica mais proeminente do sistema judiciário islâmico é o fato de ter adotado a justiça como objetivo no relacionamento com todos aqueles que param diante de suas instituições. O sistema judicial não é o único órgão que adotou esse princípio, mas toda a nação muçulmana também adotou, pois o zelo pela justiça foi um princípio fundamental no estabelecimento da civilização islâmica.

Os muçulmanos assimilaram este grande valor a partir da revelação divina, ou seja, o Nobre Alcorão e as tradições do profeta. Abu Zhar (que Allah esteja satisfeito com ele) relatou que o profeta (a paz esteja com ele) narrou que Deus (exaltado seja) disse: “Ó Meus servos, eu fiz a injustiça ilícita e ilegal para Mim, e a fiz proibida entre vós, portanto não cometei injustiça entre vós”<sup>381</sup>. Assim, os muçulmanos perceberam o valor da justiça e da necessidade de aplicá-la entre si.

---

381 Narrado por Muslim: Livro da virtude, boas maneiras e participar dos laços de parentesco (2577).

Os muçulmanos não aplicaram a justiça apenas entre si, mas Deus (exaltado seja) nos ordenou a necessidade de tratar com justiça até mesmo aqueles a quem odiamos, algo que era novo no campo do relacionamento mundial. Sobre isso, Allah (exaltado seja) disse: **[E que o ódio para com um povo não vos induza a não serdes justos. Sede justos; isso está mais próximo da piedade. E temei a Allah. Por certo, Allah do que fazeis, é Conhecedor]** (Al-Maidah: 8). Além disso, o profeta (a paz esteja sobre ele) reiterou a necessidade de se relacionar de forma justa com os não-muçulmanos, e advertiu contra a usurpação de seus direitos ou injustiçá-los por causa de sua fraqueza ou traí-los. O profeta (a paz esteja com ele) disse: “Quem injustiça um homem do tratado (mu’ahid)<sup>382</sup>, diminui o seu direito, obriga-o a trabalhar além de sua capacidade, ou retira-lhe qualquer coisa sem o seu consentimento, eu serei seu rival no Dia do Juízo”<sup>383</sup>.

O Islam considera os muçulmanos responsáveis pela realização da justiça entre si e com os outros e promete recompensa por isso. O profeta (a paz esteja sobre ele) disse: “Fazer justiça entre duas pessoas é considerado como Sadaqah [esmola]”<sup>384</sup>. Além disso, o Islam advertiu os adversários para que não falsifiquem os fatos e apresentem argumentos e provas que sustentem seus pontos de vista. Não há dúvida de que esta educação islâmica correta faz com que a consciência do muçulmano esteja sempre prevenida contra todos os males e vigiada contra qualquer fraude ou alteração de fatos. O profeta (a paz esteja com ele) disse: “Eu sou apenas um ser humano, e vocês trazem vossas disputas para mim. Talvez alguém entre vocês pode apresentar seu caso de forma mais eloquente e convincente do que o outro, e eu dou minha opinião em seu favor de acordo com o que eu ouço. Cuidado! Se algum dia eu dar algo a alguém do direito de seu irmão, então ele não deverá tomá-lo, pois assim estarei a dar-lhe um pedaço do fogo”<sup>385</sup>.

Assim, percebemos que a civilização islâmica trouxe ética e valores e estabeleceu o princípio da justiça divina entre os seres humanos em suas relações. Assim, não deve se ter medo dessa civilização, uma vez que não faz distinção entre os adversários com base em raça, cor ou religião. Sem dúvida, este assunto remove qualquer dúvida e refuta qualquer reclamação contra essa nobre civilização.

382 Mu’ahid: É um termo geralmente usado para Ahl Al Zhimamah (os não muçulmanos que vivem num Estado muçulmano), e pode ser usado para todo não muçulmano com quem há um acordo de paz.

383 Narrado por Abu Daud (3052) e Al Baihaqi (18.511). Al Albani disse que o hadith é autêntico, veja: Al Silsilah Al Sahihah (445).

384 Narrado por Al Bukhari: Livro de Jihad (2827), e Muslim: Livro de Zakat (1009).

385 Narrado por Al Bukhari: Livro dos Truques (6566), e Muslim: Livro de Decisões Judiciais (1731).



## 2

## A Idealização dos Meios que Garantem a Justiça ao Juiz em Sua Sentença

A justiça é considerada uma das funções mais importantes ligadas ao califado, uma das mais altas patentes no Islam. Sua missão é “sentenciar entre as pessoas em litígio, eliminando o conflito, conforme as regras islâmicas assimiladas do Livro (o Alcorão) e da Sunnah”<sup>386</sup>.

A Sunnah do profeta (a paz esteja com ele) alertou sobre a necessidade da arbitragem conforme a lei de Deus nas variadas questões, sem diferenciar entre uma pessoa maior e uma menor, ou entre um emir e uma pessoa do povo. Assim, o Islam educou os juízes no policiamento individual a Deus em todos os atos e palavras, porque se distanciar da verdade no deferimento das leis judiciais é um crime contra os litigiosos, e é um distanciamento do reto sistema de Allah. Por isso, o Islam alertou quem é designado para o juizado, para que não se desvie da verdade ou se distancie daquilo que é correto. O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse: “Os juízes são três: dois juízes no fogo, e um no Paraíso. Um homem que sentenciou sem direito, enquanto ele sabe, então este estará no fogo. E um juiz que não sabe, então dizimou os direitos das pessoas, este também está no fogo. E um juiz que determinou com a verdade, este estará no Paraíso”<sup>387</sup>.

Não há dúvida de que se apoiar no Alcorão e na Sunnah nas leis do judiciário é um fator que garante a precisão dos julgamentos e que este julgamento não segue os caprichos. E ao mesmo tempo, garante a unidade

386 Ibn Khaldun: *Al Ibar wa Diuan Al Muftada wa Al Khabar* 1 / 220.

387 Al Tirmizhi: *Kitab Al Ahkam* (O Livro das Leis) (1322), Abu Daud (3573) e Ibn Majah (2315). Autenticado por Al Albani. Ver: *Sahih Al Jami'* (4447).

de julgamento em todas as partes do Governo Islâmico, bem como sua continuidade ao longo dos tempos.

Mesmo que o julgamento proceda do Alcorão e da Sunnah, o juiz tem o direito de se empenhar, ele pode trabalhar a sua mente nas questões que não têm texto específico no Alcorão ou na Sunnah, ou nos quais não compete analogia ou não têm consenso. Nestes casos, o juiz se empenha conforme sua opinião, e tem a recompensa desse empenho. Amr Ibn Al-Áss ouviu o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) dizer: “Se o juiz sentencia depois de se empenhar na questão e acerta, ele terá dupla recompensa. E se sentencia depois de se empenhar e, em seguida, erra, ele terá uma recompensa”<sup>388</sup>. A dupla recompensa aqui é a recompensa pelo empenho em conhecer a verdade e a recompensa por ter alcançado e conhecido a verdade. Porém, se ele errou, então terá uma recompensa, que é a recompensa pela diligência na tentativa de chegar à verdade. Ele não é culpado por causa deste erro enquanto a sua intenção é descobrir a verdade, se ele for das pessoas aptas ao desempenho e possuir as suas ferramentas.

Na opinião das pessoas em conflito, é dever do juiz promover a justiça absoluta entre os litigantes. Sobre isso, o mensageiro (a paz esteja com ele) disse ao aconselhar a Ali: “Se dois homens se apresentarem a ti para julgar entre eles, não sentencie a favor do primeiro, até ouvir as palavras do outro. Assim, saberás como julgar”<sup>389</sup>. Também é exigido do juiz que não julgue enquanto está irritado, seguindo as palavras do profeta (a paz esteja com ele): “Nenhum juiz deve julgar entre dois enquanto está irritado”<sup>390</sup>.

Como forma de incentivo do processo de justiça, o juiz recebia um alto salário, e era proibido de aceitar presentes<sup>391</sup>. O profeta (a paz esteja com ele) disse: “A quem delegarmos um trabalho e o recompensarmos, aquilo que ele receber depois disso será considerado maligno”<sup>392</sup>.

A decisão na disputa entre os litigantes, às vezes, necessita da visualização do objeto disputado, e isto depende do critério do juiz, pode ser que ele vá sozinho e decida conforme o resultado da investigação. Isso ocorreu com o profeta (a paz esteja com ele), que foi imediatamente resolver uma disputa entre os emigrantes (al muhajirin) e os socorredores (al anssar), e não esperou até que eles viessem até ele, dada a dificuldade e delicadeza da

388 Al Bukhari (6919) e Muslim (15).

389 Al Tirmizhi: Kitab Al Ahkam (O Livro de Leis) (1331) e Ahmad (1210), e Al Albani o considerou hadith hassan. Ver: Sahih Al Jami' (435).

390 Al Bukhari, da narração de Abu Bakrah (6739), e Muslim (16).

391 Veja: Abdel Mun'im Majid: História da civilização islâmica na Idade Média, p. 53.

392 Abu Daud, da narração de Buraidah ibn Al Haseeb (2943), Abu Khuzaimah (2369) e Al Hakim (1472) disse: Este hadith é sahih (autêntico) de acordo com as condições de Al Bukhari e Muslim, embora não tenham o compilado. E foi autenticado por Al Albani, veja: Sahih Al Jami' (6023).

situação. Jabir ibn Abdullah disse: “Estávamos numa expedição, quando um homem dos Muhajirin agrediu um homem dos anssar. Al-Anssari disse: “Ó Anssar”. E Al-Muhajiri disse: “Ó Muhajirin”. Allah (exaltado seja) providenciou que o Seu mensageiro escutasse o que ocorreu, e ele disse-lhes: “O que é isso? “Disseram: “Um homem dos Muhajirin agrediu um homem dos anssar”. Al-Anssari disse: “Ó Anssar”. E Al-Muhajiri disse: “Ó Muhajirin”. O profeta disse: “deixem-no (o tribalismo), pois ele é podre”<sup>393</sup>.

E similar a isso foi relatado por Al Kindi da narração de Muhammad ibn Rumh, que disse: “Havia um desentendimento entre eu e meu vizinho por causa de uma parede, e minha mãe me disse: Leve o caso ao juiz Al Mufadhhal ibn Fudhalah (encarregado do judiciário de 174 a 177 d.H); peça-lhe que venha para ver essa parede. Fui até ele e contei-lhe o caso, então ele disse: Te encontrarei após a oração do Ásr. Ele veio, foi à minha casa, olhou para a parede, e então entrou na casa do nosso vizinho, observou a parede, e disse: o muro é do seu vizinho. Então ele foi embora”<sup>394</sup>.

O juiz também teve o direito de consultar, quando necessário. Al Imam Ali, certa vez, julgou em um caso estranho, mas quando apareceram novas evidências e confissões instigantes que mudaram o curso do processo, ele consultou seu filho, Al Hassan, indicando que é permitido ao juiz fazer isso. Este caso estranho foi narrado pelo Imam Ibn Al-Qayim em seu livro “Al Turuq Al Hukmyiah” (Os métodos judiciários). Ele contou que, certo dia, um homem foi trazido à presença de Ali, que era emir dos crentes (governante), este homem foi encontrado num local remoto e deserto, segurando uma faca molhada de sangue, e à sua frente um homem a se debater em seu sangue. Ele perguntou-lhe, e o homem disse: “Eu o matei”. Ele disse: “Levem-no, e matem-no”. Quando levaram o homem, um outro homem veio rapidamente e disse: “Não se apressem. Devolvam o homem a Ali”. Eles retornaram com o homem, e o segundo homem disse: “Ó emir dos crentes, o autor do crime não é ele. Eu o matei!”. Ali disse ao primeiro: “O que te fez dizer: Eu o matei! Enquanto você não o matou?”. Ele disse: “Ó emir dos crentes, o que posso fazer? Os vigias noturnos pararam frente ao homem que se debatia em seu sangue e eu estava de pé com uma faca na mão, e com vestígios de sangue. E fui pego num local deserto. Então, temi que não acreditassem em mim e pensei que poderia haver al qassamah”<sup>395</sup>,

393 Al Bukhari: Kitab Al Tafsir (O Livro da Interpretação) (4624), e Muslim: Kitab Al Bir wa Al Silah wa Al Adab (Livro da virtude, União de Parentesco e Educações) (2584).

394 Al Kindi: Al Wulat wa Al Qudhat (Os governadores e juizes), p. 378, e Dhafer Al Qassimi: Nidham Al Hukm fi Al Shari’ah wa fi Al Tariḫ Al Islami (O sistema de governo no Islam e na história islâmica) 2 / 515.

395 Al qassamah: significa que cinquenta pessoas jurem que têm direito sobre o sangue de seu companheiro, que foi encontrado morto entre eles. Se não houver cinquenta pessoas, todos os presentes devem jurar um total de cinquenta juramentos, sem haver entre eles criança, mulher, servo ou deficiente mental. Ou os réus juram que

então, admiti o que não cometi, e encomendei a minha situação a Deus”. Ali disse: “Que mal é o que você fez! Como ocorreu esta sua história?” Ele disse: “Eu sou um açougueiro, eu saí no fim da noite, abati uma vaca e, enquanto eu estava a desossar, tive vontade de urinar, então, fui até uma ruína ao lado do local onde eu estava, e fiz a minha necessidade. Quando voltei, eu vi este homem assassinado em sangue, e só senti os seus companheiros, que me prenderam e me levaram. As pessoas diziam: “Este assassinou o homem. Ninguém, além dele, o assassinou!” Então, tive a convicção de que o senhor não iria desacreditar o que eles dizem para acreditar em mim, então, confessei ter feito o que não fiz”. Ali disse ao segundo homem: “Você. Como foi a sua história?” Ele disse: “O diabo me atentou, matei o homem ambicionando a sua riqueza, então eu ouvi as vozes dos vigias noturnos, e saí do local. Vi este açougueiro na situação que ele descreveu e me escondi em uma ruína, até que os vigias chegaram e trouxeram-no na tua presença. Quando o senhor ordenou que ele fosse morto, soube que carregarei o seu sangue também (serei responsável pela morte de dois homens perante Deus), então reconheci a verdade”. Ali perguntou para Al Hassan: “Qual a sentença neste caso?”. Ele disse: “Ó emir dos crentes, se ele matou uma pessoa, ele também preservou a vida de uma pessoa, e Allah (exaltado seja) disse: [E quem a salvar será como se tivesse salvo todo o mundo] (Al Maidah: 32)”. Então, Ali soltou os dois, e pagou a indenização (al diah) com recurso da Casa da Moeda. Comentando sobre esta história, Ibn Al-Qayim, disse: “Se isto ocorreu como uma conciliação com o consentimento dos parentes, não há nenhum problema. Mas, se ocorreu sem o consentimento, é conhecido dos vereditos dos estudiosos que: a pena não é anulada com isso, porque o autor confessou o que demanda a pena, e não existe fator que a anule, então a pena deve ser cumprida”<sup>396</sup>.

O sistema judiciário também goza de reverência e um status elevado entre as pessoas. Dentre as educações gerais vividas pelos juízes, consta que as pessoas cumpriam com o silêncio na reunião com o juiz, por respeito a ele e em reconhecimento à sua posição. Na biografia de Ibn Zhakuan no livro “tarikh qudhat al Andalus” (História dos juízes da Andaluzia) lemos que “ele era reverenciado, de presença majestosa, eu nunca vi um tribunal mais reverenciado que o dele, quando ele sentava no tribunal, que estava lotado, ninguém proferia uma só palavra, ninguém falava além dele e dos adversários perante ele. A conversa entre as pessoas era através de mímica

---

não o mataram, se os acusadores jurarem merecem a indenização, e se os réus jurarem não terão dever de pagar a indenização. Veja: Ibn Mandhur: 12/478.

396 Ibn Al Qayim: Al Turuq Al Hukmyiah (Os métodos Judiciários) 1/82-84.

e indicação, até que o juiz se levantasse. E assim, a sua narrativa tornou-se um fato admirável”<sup>397</sup>.

Dada a importância da posição do Poder Judiciário na comunidade islâmica, vemos os sábios e os nobres da nação aconselhando os juizes com recomendações universais para garantir a eles o alcance da justiça e equidade em suas comunidades. Omar ibn Al Khattab aconselhou Abu Mussa Al-Ash’ari quando o nomeou para o tribunal de Kufa (no Iraque). Dentre os conselhos citados na mensagem enviada por Omar: “O tribunal judicial é uma obrigação indiscutível, uma tradição seguida. Bem entenda se vierem à tua presença, pois de nada adianta falar uma verdade que não terá cumprimento, iguale entre as pessoas na tua presença, em tua justiça e tua reunião, para que nenhum nobre ambicione o teu desvio, e nenhum fraco se desespere da tua justiça. A prova é dever do acusador, e o juramento é dever de quem nega. E a conciliação entre os muçulmanos é permitida, exceto uma conciliação que permite o que é ilícito ou proíbe o que é lícito. Se destes uma sentença ontem, e hoje tu a revisastes em teu raciocínio e fostes guiado à sua integridade, que esta sentença não te impeça de retornar à verdade, porque a verdade é antiga, e a revisão da verdade é melhor do que a persistência na falsidade. Deve ter entendimento daquilo que vagueia em teu peito, e não está no Livro de Allah nem na Sunnah de Seu profeta. Em seguida, conheça as analogias e semelhanças, e meça as coisas com seus análogos...”<sup>398</sup>.

397 Al Nabahi: *Tarikh Qudhat Al Andalus* (História dos Juizes da Andaluzia), p. 84.

398 Ibn Khaldun: *Al Ibar wa Diuan Al Mubtada wa Al Khabar* 1 / 221.

# 3

## A Idealização do Sistema Judiciário e Seu Desenvolvimento

---

O Governo Islâmico expandiu-se consideravelmente durante os primeiros séculos islâmicos. Com a miscigenação de várias raças e etnias mistas no âmbito da civilização islâmica, era necessário ter um sistema judiciário estável, distinto e organizado no Governo. Assim, o sistema judiciário foi criado e desenvolvido desde a época do profeta (a paz esteja com ele).

O profeta (a paz esteja sobre ele) era quem resolvia as disputas entre as pessoas. Os califas após ele também assumiram a missão judicial pessoalmente. Quando o Governo Islâmico expandiu e os muçulmanos se misturaram com outros povos e as tarefas do califa aumentaram, juízes independentes foram nomeados para atuar em nome do califa na resolução de processos. Isso ocorreu na época de Omar ibn Al Khattab, “ele designou Abu Al-Darda juiz em Madinah, Shurayh em Basra, e Abu Mussa Al-Ash’ari em Kufa. Omar escreveu para Abu Mussa Al-Ash’ari um famoso livro sobre as decisões dos juízes”<sup>399</sup>.

O Judiciário passou por uma evolução significativa durante a época dos omíadas. Os califas omíadas abandonaram a prática dos tribunais, como era na época do profeta e dos califas bem guiados. Eles procuraram separar entre as autoridades, exceto três coisas importantes e necessárias, as quais eles continuaram: a nomeação direta de juízes na capital do califado, Damasco; a supervisão do trabalho dos juízes e suas decisões e o acompanhamento de seus próprios assuntos de nomeação e demissão; e a supervisão da conduta dos magistrados judiciais. Os califas omíadas deram a devida

---

399 Ibn Khaldun: Al Ibar wa Diuan Al Mubtada wa Al Khabar 1 / 221.

atenção ao sistema de policiamento (*bisbab*) e também ao sistema judicial de reclamações e estabeleceram um órgão independente para ele<sup>400</sup>.

A organização administrativa do Judiciário atingiu o seu auge na era abássida, quando muitas organizações judiciais foram criadas. Os califas abássidas tomaram consciência da importância do Judiciário desde a criação do seu Estado. Eles abordaram a fraqueza e o atraso que afligia o sistema judiciário no final do califado omíada. O Califa Abu Jaafar Al-Mansur, que é considerado o verdadeiro fundador do Califado Abássida, via que o juiz era um dos quatro pilares que o Estado não pode prescindir<sup>401</sup>.

Com o aumento dos Estados do califado, os governantes foram os responsáveis pela nomeação dos juizes em suas localidades. Na época abássida também foi criado um novo cargo, o juiz chefe ou desembargador (em árabe: qadi al qudat, cuja tradução literal é: o juiz dos juizes). O desembargador era nomeado na capital Bagdá, porém, o califado dava a ele o direito de nomear, observar e fiscalizar os juizes dos Estados. Assim, a autoridade judiciária era totalmente independente no Califado Abássida. O famoso juiz Abu Yussuf, o juiz e ministro do califa abássida Harun Al-Rashid, foi o primeiro juiz a ter a faculdade de nomear e observar os juizes dos Estados. Ele tinha o direito de nomear juizes no Iraque, Khorasan, Egito e na Síria<sup>402</sup>.

Como resultado da expansão do sistema judiciário, o Califado Abássida nomeou assessores para o juiz – o desembargador e os juizes dos Estados – para ajudá-lo na conclusão dos assuntos judiciais e na decisão das sentenças da melhor maneira. Os assessores foram os seguintes:

- Juiz auxiliar: era designado pelo juiz para assumir o Judiciário nas cidades e aldeias e para substituir o juiz se este estiver ausente.
- Escrivão do Juiz ou escrivão do Tribunal de Justiça: é responsável por documentar as palavras das partes, das testemunhas e do juiz. Ele também foi encarregado de ordenar os casos legais de acordo com a presença das partes, e apresentá-los ao juiz sem beneficiar ninguém, exceto quem está em viagem ou ter uma desculpa.
- Chamador: é aquele que fica atrás do juiz para mostrar a sua posição e para chamar os litigantes.
- Oficial de justiça: normalmente, era um membro da polícia ou da segurança. Ele costumava organizar o trabalho do juiz, manter a

400 Muhammad Al Zuhayli: *Tarikh Al Qada fi Al Islam* (A História do Poder Judiciário no Islam), p. 166-167.

401 Veja: Al Tabari, *Tarikh Al Umam wal Muluk*, 4/520.

402 Arnus: *Tarikh Al-Qada* (a história do judiciário) citando Muhammad Al-Zuhayli: *Tarikh Al-Qada fi Al-Islam*, p. 228.

ordem, organizar os litigantes, de modo a sentarem os homens num lado e as mulheres no outro.

- Oficial de questões judiciais: este cargo foi criado na época abássida, ele foi encarregado de examinar os casos que o juiz lhe determinava. O juiz Muhammad ibn Abd Al-Rahman ibn Abu Layla, discípulo de Abu Hanifa, foi o primeiro a ter esse assessor. Al-Kindi citou que Al-Mufaddal ibn Fudalah, que assumiu o Poder Judiciário no Egito em 174 d.H, designou um funcionário de questões para perguntar sobre as testemunhas, ou seja, conhecer a honestidade deles.
- Distribuidor: é aquele que estava encarregado de distribuir os direitos entre os litigantes e estabelecer fronteiras entre os seus imóveis. Ele também foi chamado de contador (hassab). Al-Mawardi esclareceu as qualidades e condições deste cargo.
- Secretários: são aqueles designados pelo juiz para algumas tarefas importantes, tais como manter os bens dos órfãos, menores, pessoas sem capacidade jurídica e ausentes, e cuidar das propriedades até que sejam divididas entre os herdeiros. O juiz Suar ibn Abdullah foi o primeiro a usar secretários e atribuir-lhes a tarefa de manter e cuidar dos bens.
- Tesoureiro do Tribunal de Justiça: é o encarregado de manter os papéis do juiz, documentos, registros e depósitos em um lugar especial.
- Tradutor: era responsável por traduzir as palavras dos litigantes não-árabes, o número de tradutores aumentou no período abássida, por causa da grande quantidade de povos que estavam sob a custódia do Islam e do Califado Islâmico<sup>403</sup>.

Quanto às manifestações do julgamento e as maneiras de sua formação, estas são numerosas e diversas na civilização islâmica. A primeira manifestação que pode ser observada pelo leitor é a medida tomada para convocar os litigantes perante o juiz. Na Andaluzia, os juízes aplicaram um sistema inovador, o sistema de “selo”. O papel enviado para os convocados tinham a assinatura e carimbo do juiz, sem diferença entre um príncipe e um homem comum nesta convocação<sup>404</sup>.

403 Muhammad Al Zuhayli: *Tarikh Al Qada fi Al Islam* (A História do Poder Judiciário no Islam), p. 246-250.

404 Ver: Al Khashni: *Qudat Qurtubah* (Os Juízes de Córdoba), p. 150, 151.



## 4

## As Medidas para a Escolha dos Juízes e Seus Exames

---

Algumas qualidades são levadas em conta na escolha dos juízes para se alcançar justiça e igualdade. Dentre essas qualidades, podemos contar o conhecimento, a piedade, a justiça, a castidade e qualidades afins<sup>405</sup>.

Omar ibn Al Khattab estabeleceu que um juiz não deve lisonjear, nem se humilhar, nem ser ganancioso<sup>406</sup>. Ele também deu instruções importantes para os seus juízes designados em vários Estados. Estas instruções são consideradas uma das primeiras regras gerais do sistema judiciário na civilização islâmica, o que tornou estas instruções como um mecanismo de governança e de compreensão das diferentes questões.

Os califas omíadas zelaram em nomear quem se caracterizava com a bondade, conhecimento e honestidade. Omar ibn Abdul-Aziz designou Ibn Khuzhamir Al-San’ani como juiz do Egito após ter a certeza de que este é capaz de arcar com o ônus dessa pesada tarefa. Sobre a razão pela qual Omar designou Ibn Khuzhamir como um juiz, Ibn Hajar disse: “Uma delegação do Egito veio a Sulayman ibn Abdul-Malik. A delegação incluía Ibn Khuzhamir Al-San’ani. Sulayman perguntou-lhes algo sobre as pessoas do Marrocos, e eles responderam-lhe, mas Ibn Khuzhamir se recusou a falar. Quando saíram, Omar perguntou-lhe: O que o impediu de falar, ó Abu Mas’ud? Ele disse: “Eu tive medo de mentir”. Quando Omar assumiu o califado depois, ele escreveu a Ayyub ibn Shurahbil pedindo-lhe para

405 Al Mawardi: Al Ahkam Al Sultaniyah, p. 53, 54, e Ibn Khaldun: Al Wa Ibar Diuan Al Muftada wa Al Khabar 1 / 221.

406 Waki’ ibn Khalaf: Akhbar Al Qudah 1 / 70.

nomear Ibn Khuzhamir como juiz. Assim, este último assumiu o judiciário no período 100-105 d.H.<sup>407</sup>.

É muito necessário conhecer e testar os homens antes que eles assumam os assuntos do Estado, a fim de saber quem é bom e quem não é. Quando Omar ibn Abdul-Aziz era ministro de Sulayman ibn Abdul-Malik, ele conhecia bem os homens que são capazes de assumir a responsabilidade, e ele viu que era bom Ibn Khuzhamir assumir o Judiciário em um dos Estados, algo que aconteceu realmente. A suspeita de Omar ibn Abdul-Aziz foi verdadeira, Ibn Khuzhamir assumiu o Judiciário por cinco anos, período durante o qual exerceu o seu dever perfeitamente. Sobre Ibn Khuzhamir, Ibn Hajar disse: “Ele foi o primeiro não-árabe a assumir o Judiciário no Egito. Ele nunca recebeu – por causa do Judiciário – um único dirham nem um único dinar desde que se tornou juiz”<sup>408</sup>.

Embora o sistema judicial tenha sido independente desde a época de Omar ibn Al Khattab, especialmente durante a época dos omíadas, muitos jurisperitos e estudiosos fugiam da nomeação do Judiciário, por medo de Deus (exaltado seja), para não sentenciarem contra a Lei de Deus. Em seu livro “Akhbar Al-Qudah” (as notícias dos juizes), Waki’ disse que o governante do Egito Yazid ibn Hatim (falecido em 177 d.H) queria nomear um juiz no Egito. Então, ele consultou seus homens sobre isso e eles sugeriram três pessoas: “Haywah ibn Shurayh, Abu Khuzaymah (Ibrahim ibn Zaid) e Abdullah ibn Abbas Al-Ghassani. Abu Khuzaymah estava em Alexandria naquela época, mas ele foi convocado para comparecer, e todos foram reunidos. Ibn Shurayh foi o primeiro a ser entrevistado, ele rejeitou o cargo e foi ameaçado de morte, o carrasco foi chamado (para matá-lo). Quando Ibn Shurayh viu isso, ele tirou uma chave do bolso e disse: Esta é a chave da minha casa, e eu estou com saudades do meu retorno (a Deus). Quando viram a sua determinação, deixaram-no ir. Ele lhes disse: Não digam aos meus colegas sobre minha rejeição de modo que eles façam o mesmo. Então, Ibn Shurayh sobreviveu”<sup>409</sup>.

Alguns juizes se abstiveram de receber salário pelo seu trabalho no Judiciário, e viam que isso os degrada e aos seus cargos. Entre estes juizes: Ibn Sammak Al-Hamazhani, um dos juizes da Andaluzia. Em seu livro “Tarikh Qudat Al-Andalus” (a história dos juizes da Andaluzia), Ibn Al-Nabahi mencionou algumas das qualidades de Al-Hamazhani: Era parte

407 Ibn Hajar: Raf ‘ Al Isr án Qudat Misr, 2 / 305.

408 Idem: 2 / 305.

409 Waki’ ibn Khalaf: Akhbar Al Qudah 3 / 232, 233 e Abd Al Rahman Al Misri: Futuh Misr wa Akhbaruha (Conquistas e Notícias do Egito), p. 261.

de sua piedade e humildade, abrir o caminho pessoalmente, quebrar lenha na porta de sua casa enquanto as pessoas ao seu redor estavam em busca de sua sentença em seus casos. Ele também costumava vestir roupa de lã áspera. Nunca montou um animal na cidade durante seu mandato como juiz. Além disso, ele não recebia salário por seu trabalho como juiz<sup>410</sup>.

Em alguns casos, o juiz era escolhido através de eleição, de forma a respeitar a escolha do povo a quem eles consideraram adequado para esse importante cargo. Al-Kindi citou um egípcio chamado Al-Buwayti, que relatou: “O governante do Egito Ibn Tahir convocou alguns sábios no Egito. Eu estava entre aqueles que participaram do encontro. Viemos para Ibn Tahir enquanto Abdullah ibn Abdul-Hakam estava com ele. Ibn Tahir disse: Juntei-lhes para pedir para escolherem um juiz para vocês. Yahya ibn Abdullah ibn Bakir foi o primeiro a falar. Ele disse: Ó emir, nomeie a quem quiser, mas poupe-nos duas pessoas: não nomeie um estranho nem um sedicioso”<sup>411</sup>. Esse incidente aconteceu em 212 d.H, o que demonstra que as pessoas tinham plena consciência para escolher quem eles consideraram adequado para o cargo do Judiciário.

Os califas também nomeavam os juízes de acordo com sua qualificação científica e religiosa. Eles não se preocupam com o elemento de idade, desde que o juiz seja elegível para o cargo. Al-Khatib Al-Baghdadi menciona que Yahya ibn Aktham assumiu a magistratura em Basra quando tinha cerca de 20 anos de idade. Isto ocorreu em 202 d.H, o povo de Basra questionou sobre sua idade. Ele soube que reclamaram de sua idade e disse: “Eu sou mais velho do que Itab ibn Usayd, a quem o profeta (a paz esteja com ele) nomeou como juiz em Makkah no dia da conquista. E sou mais velho do que Mu’az ibn Jabal, a quem o profeta (a paz esteja com ele) nomeou como juiz no Iêmen. E sou mais velho do que Ka’b ibn Thaur, a quem Omar ibn Al Khattab apontou como juiz em Basra. Assim, sua resposta veio como um protesto”<sup>412</sup>.

Na Andaluzia, os juízes seguiam a escola Maliki, como resultado do ensino dos grandes estudiosos da Andaluzia, como Ziad ibn Abdul-Rahman e Yahya ibn Yahya, que aprenderam com o Imam Malik ibn Anas (que Allah esteja satisfeito com ele), e por causa do apoio dos califas omíadas a eles, como Hisham ibn Abdul-Rahman, porque amavam e respeitavam o conhecimento do Imam Malik<sup>413</sup>.

410 Al Nabahi: Qudat Tarikh Al Andalus, p. 32.

411 Al Kindi: Al Wulat wa Al Qudat, p. 433.

412 Al Khatib Al Baghdadi: Tarikh Bagdad 14/198, 199.

413 Al Khashni: Qudat Qurtubah, p. 173, 174.

E o que mais distinguiu o sistema judiciário na era mameluca foi a escolha de juizes para as quatro famosas escolas islâmicas após o judiciário ter se limitado à escola Shafi'i. Al-Qalqashandi nos fala sobre o nível da magistratura ao falar sobre os juizes na sua época: “Quatro juizes das quatro escolas islâmicas foram nomeados em Damasco e no Egito. No entanto, o juiz Shafi'i era o responsável pela nomeação de juizes auxiliares na cidade grande e seus arredores, enquanto que os juizes das outras três escolas eram responsáveis pela nomeação apenas nas cidades<sup>414</sup>.”

A seleção do desembargador ou juiz do grupo era realizada após difíceis provas, a fim de se certificar de que o novo juiz é capaz de dirigir bem o seu trabalho e seus assuntos. Estranhamente, o desembargador era examinado pelo califa. Em seu livro “Qudat Qurtubah”, Al-Khashni mencionou a eleição de Ahmad ibn Baqi: “O emir dos crentes o designou, e então lhe atribuiu o Poder Judiciário de Jaen, Albarracin e Toledo, depois de testá-lo em vários aspectos, e o exame do emir dos crentes já é o bastante! Então, o emir dos crentes percebeu que Ibn Baqi era sincero e experiente e que tinha experiência que lhe dava o grau de merecimento, ele o nomeou como juiz do grupo”<sup>415</sup>.

---

414 Al Qalqashandi: Subh Al A'cha 4 / 228.

415 Al Khashni: Qudat Qurtubah, p. 173, 174.

## 5

## A Definição das Atribuições dos Juízes

---

Entre as atribuições do cargo de juiz: a resolução de litígios, dar fim às disputas e ações, restabelecer os direitos perdidos e devolvê-los aos seus merecedores, observar os bens de pessoas sob custódia, a aplicação de sentenças judiciais, verificar a elegibilidade das testemunhas e dos secretários, escolher os seus auxiliares<sup>416</sup>.

A autoridade do juiz se estendeu a outros assuntos religiosos que não têm a ver com o Judiciário. Esses assuntos foram incluídos para a autoridade do juiz por causa de seu conhecimento sobre a lei islâmica. Estas obras incluíram a realização das orações nas mesquitas, a supervisão dos locais religiosos, a supervisão dos bens dos ausentes e desaparecidos, a autoridade no hajj (peregrinação), e receber al bai'ah (o voto de fidelidade) do povo ao califa<sup>417</sup>.

Alguns dos que assumiram o cargo de desembargador (juiz chefe ou juiz dos juízes) chegaram a ser nomeados como ministros, por causa da grande experiência científica e de vivência. Al-Nabahi, ao citar sobre a vida do juiz Ahmad ibn Abdullah ibn Zhakwan, o juiz-chefe da Andaluzia durante a era do emir Al-Mansur ibn Abu Amir, disse que o príncipe Abdul-Rahman ibn Al-Mansur ibn Abu Amir designou Ibn Zhakwan como ministro ao lado do cargo de juiz chefe. Isto permaneceu até o fim da dinastia de Bani Amir<sup>418</sup>.

416 Al Mawardi: Al Ahkam Al Sultaniyah, p. 53, 54, e Ibn Khaldun: Al Ibar wa Diuan Al Muftada wa Al Khabar 1 / 221.

417 Ver: Abdul Mun'im Majid: Tarikh Al Hadarah Al Islamiya fi Al Usur Al Wusta (A História da Civilização Islâmica na Idade Média), p. 48, 49.

418 Al Nabahi: Tarikh Qudat Al Andalus, p. 86.

O cargo de juiz tinha um status muito elevado durante a dinastia dos mamelucos no Egito, foram encarregados de sérias tarefas e nobres trabalhos. Em seu livro “Al-Bidayah wa Al-Nihayah”, Ibn Kathir mencionou a biografia do desembargador Shafi’i Taj Al-Din ibn bint Al-A’az. Ele disse que Taj Al-Din “assumiu dezessete cargos, incluindo: o Judiciário, sermão de sexta-feira, a fiscalização das doações, a chefia dos Sheikhs, supervisão do Tesouro e outros<sup>419</sup>”.

Dado o alto nível dos juízes naquela época, percebemos que a combinação de vários empregos era uma das vantagens que os juízes tinham. Foi relatado que Taj Al-Din Al-Subki assumiu a chefia do Judiciário, o ensino da escola Shafi’i, os sermões de sexta-feira, o ensino na mesquita de Tulun, o ensino na escola Al-Shaykhuniyah, dar fatwas (opiniões religiosas) em Dar Al-Adl (a Casa da Justiça), além de ensinar outras matérias que nada têm a ver com o Judiciário em Damasco. Como ele se instalou no Judiciário do Egito, ele delegou suas tarefas a outros em suas escolas em Damasco, depois de ter a permissão do sultão<sup>420</sup>.

---

Ibn Kathir: Al Bidaiah wa Al-Nihayah 13/380.

420 Shams Al Din ibn Tulun: Qudat Dimashq (Os Juízes de Damasco), p. 104.

## 6

## O Surgimento do Judiciário Especializado

---

Como um sinal do rigor e organização do sistema judiciário na civilização islâmica, a magistratura teve filiais especializadas em função de uma determinada categoria ou questões específicas. O Califado Abássida atribuiu juízes especiais para os militares, a fim de evitar a sobreposição entre os militares e civis. Isto significa que os tribunais militares são conhecidos desde tempos antigos na civilização islâmica. Antes de assumir o califado, o califa Al-Mahdi sentenciava pessoalmente as disputas entre seus soldados. Além disso, o ministro de Al-Ma'mun, Al-Hassan ibn Sahl, nomeou Saad ibn Ibrahim como juiz dos militares em 201 d.H.<sup>421</sup>.

O sistema judiciário também deu atenção especial para as questões “urgentes”, que são as questões que devem ser resolvidas rapidamente em favor do autor ou do réu. Isto incluiu a priorização dos viajantes sobre outros além deles. Sobre isso, Al-Mawardi cita que Al-Shafi'i disse: “Se viajantes e moradores locais comparecerem, se os viajantes forem poucos em número, não há problema em começar com eles, e reservar um dia para eles de uma maneira que não prejudique o povo da localidade. Se o número de viajantes for muito a ponto de ser igual ao da população do país, o juiz deve tratá-los em pé de igualdade. Se os viajantes forem atrasados – sendo eles os primeiros – poderão ser prejudicados, pois estariam se atrasando em voltar para casa. No entanto, se eles são poucos, o juiz deve dar prioridade para os seus casos...”<sup>422</sup>.

Cristãos e judeus também viviam nos territórios governados por muçulmanos, por isso, a lei islâmica também se preocupou em organizar

421 Waki ibn Khalaf: Akhbar Al Qudah (As Notícias dos Juízes), 3 / 269.

422 Al Mawardi: Adab Al Qadi (a conduta do juiz), 2 / 284.

um sistema judiciário para eles. Na primeira era islâmica, os clérigos deles tinham a responsabilidade de julgar entre eles sem a interferência dos juízes muçulmanos. Os estudiosos muçulmanos permitiram que um judeu ou um cristão assumisse o Judiciário para os judeus e cristãos, respectivamente. Em seu livro “Subh Al-A’cha”, Al-Qalqashandi mencionou algumas nomeações de juízes judeus e cristãos, e isto indica que suas autoridades eram delegadas com a permissão do califa. Como havia muitos judeus e cristãos na Andaluzia, os muçulmanos nomearam um juiz especial para eles, denominado “o juiz dos cristãos”. Se houvesse uma disputa entre um muçulmano e um zhimmi (judeu ou cristão), os juízes muçulmanos eram os designados para julgar entre eles. Os juízes aceitavam o testemunho dos cristãos contra cristãos e os testemunhos dos judeus contra judeus, mas eles não aceitavam os seus testemunhos contra um muçulmano<sup>423</sup>.

---

423 Abd Al Mun’im Majid: *Tarikh Al Hadarah Al Islamiya fi Al usur Al Wusta* (A História da Civilização Islâmica na Idade Média), p. 53, 54.



## 7

## A Fiscalização sobre o Judiciário

---

O sistema de governo se preocupou com o Judiciário e com os juízes. Por isso, reforçou o controle sobre o sistema judiciário para evitar o favoritismo e a injustiça e fez questão de afastar juízes injustos e parciais. Al-Kindi citou que “um órfão estava sob a responsabilidade de Yahya ibn Maymun, quando este era juiz em 105 d.H. O juiz então delegou a responsabilidade deste órfão ao líder de seu clã. Depois de sua puberdade, o órfão entrou com uma petição contra o seu tutor, mas o juiz Yahya não atendeu a petição de forma justa. Assim, o órfão lhe escreveu este poema:

*Diga a Abu Hassan, em meu nome  
Que ele não deve julgar conforme os seus caprichos  
Você não julgou corretamente  
Nunca se ouvira falar de um julgamento como esse  
Mas tu afirmas que é certo e justo  
Contudo, eu afirmo que não é  
Você não sabe que Deus é justo?  
E que Ele, quando tu julgas, está a te ver?*

Quando Yahya ibn Maymun soube disso, ele prendeu o órfão. No entanto, a questão foi levada para Hisham ibn Abdul-Malik, que mandou demitir Ibn Maymun. Ele escreveu a Rifa'ah ibn Al-Walid, dizendo: “Exonerar Yahya do Judiciário desacreditado e rejeitado”<sup>424</sup>.

Esta atenção dos califas e chefes muçulmanos em aplicar a justiça e rejeitar a injustiça não era comum em nenhuma parte do mundo naquela época. Naquela época, não havia preocupação dos chefes com os assuntos

do povo e dos órfãos, exceto na civilização islâmica, o que demonstra o avanço desta civilização e sua humanitariedade.

Num desenvolvimento posterior, o desembargador foi responsável por questionar os juizes dos Estados, contra os quais eram levantadas queixas. Ele exonerava os juizes que mereciam e mantinha no cargo quem fosse provada a sua inocência. Em seu livro “Qudat Qurtubah” (os juizes de Córdoba), Al-Khashni disse: “O príncipe Al-Hakam tinha um juiz na cidade de Jiyan. Quando o povo da cidade reclamou do juiz, o príncipe Al-Hakam ordenou Said ibn Muhammad ibn Bashir, o juiz chefe em Córdoba, a analisar este caso, se deveria manter o juiz se conhecer a sua inocência, e demiti-lo, se for provada sua culpa. Como Ibn Bashir viu que o juiz não era culpado, ele lhe disse: Permaneça em seu tribunal...”<sup>425</sup>.

Além disso, houve uma justiça especializada chamada “Khuttat Al-Rad” (assunto de réplica), que é semelhante ao Tribunal de Cassação em nosso tempo presente. O funcionário encarregado de Khuttat Al-Rad foi responsável pela análise das decisões duvidosas. Usou-se para analisar as decisões e os juizes e inspecionar as condições do povo.

Entre os que assumiram essa posição, temos Muhammad ibn Tamlikh Al-Tamimi, na era do califa Al-Mustansir (falecido em 366 d.H); e Abdul-Malik ibn Munzir ibn Said. A pessoa que assumia esse posto era chamado de “Sahib Al-Rad” (o oficial de réplica), porque as decisões eram encaminhadas a ele para exame. Este cargo era inferior ao cargo de juiz do grupo (juiz chefe), ou seja, estava mais próximo aos juizes que ao juiz chefe<sup>426</sup>.

425 Al Khashni: Qudat Qurtubah (Os Juizes de Córdoba), p. 15.

426 Al Nabahi: Tarikh Qudat Al Andalus (A História dos Juizes da Andaluzia), p. 5.

# 8

## **A Submissão dos Califas e dos Emires à Autoridade da Justiça** **(A Independência do Judiciário no Sistema Islâmico)**

---

Não há dúvida de que este tema é uma evidência clara da independência e liberdade do Poder Judiciário desde o início da história de toda a civilização humana. É também uma das imagens mais brilhantes que demonstram a antecedência da civilização islâmica na adoção deste princípio, antes que a Europa e o mundo inteiro conhecesse este princípio doze séculos depois do surgimento do Islam.

O emir dos crentes Ali ibn Abu Talib (que Allah esteja satisfeito com ele) perdeu um escudo que lhe era querido e depois o encontrou nas mãos de um cidadão cristão. Ali levou o homem ao juiz Shurayh para processá-lo sobre o escudo. Ali disse: “Este é meu escudo, eu não o vendi nem o dei”. Shurayh disse ao homem cristão: “O que diz sobre a alegação do emir dos crentes?” O homem respondeu: “Este é o meu escudo. E o emir dos crentes, para mim, não é mentiroso”. Shurayh virou-se para Ali dizendo: “Ó emir dos crentes, tem alguma prova?” Ali riu e disse: “Shurayh está certo, eu não tenho provas”. Então, Shurayh julgou que o escudo era do homem. O homem cristão pegou o escudo e andou alguns passos e, em seguida, voltou e disse: “Eu testemunho que estas são as leis dos profetas. O emir dos crentes me processa junto de seu juiz, e ele sentencia contra ele. Testemunho que não há divindade além de Allah, e que Muhammad é servo e mensageiro de Allah. O escudo é seu, ó emir dos crentes”<sup>427</sup>.

Este é o verdadeiro poder do Judiciário, tal justiça que o homem cristão sentiu e o fez se admirar sobre a sentença que o juiz Shurayh emitiu contra o governante e califa dos muçulmanos, Ali (que Allah esteja

satisfeito com ele). Quando o homem percebeu a grandeza e a equidade desta civilização, ele retornou imediatamente e publicou que é parte desta grande religião e desta honrada civilização.

Como resultado da independência do Judiciário durante a época abássida, observamos que os juízes contrariavam o califado e não tinham medo do repúdio em suas decisões judiciais. “O Califa Abu Jaafar Al-Mansur escreveu uma carta ao juiz de Basra, Suar ibn Abdullah, dizendo: veja o pedaço de terra, sobre o qual o comandante fulano e o comerciante fulano estão a disputar e dê-a ao comandante. Suar respondeu-lhe: as evidências mostraram que ele pertence ao comerciante. Então, não vou tirá-lo dele a menos que haja provas. Al-Mansur escreveu-lhe: Por Deus, o único deus, você o dará ao comandante. Suar escreveu-lhe: Por Deus, o único deus, eu não vou tirá-lo do comerciante sem provas. Quando Al-Mansur teve essa resposta, ele disse: Por Deus, eu espalhei justiça, e os meus juízes me guiaram para a justiça!”<sup>428</sup>.

Era direito dos juízes convocar os califas e governadores para audiências que analisam as alegações e depoimentos relacionados a eles. Muitos califas e governadores aceitavam isso e respeitavam as ordens dos juízes. Apenas alguns deles se abstiveram de participar, e os juízes ameaçavam aqueles que se abstiveram com isolamento ou colocar a questão para o povo, mas em todos os casos as decisões judiciais eram cumpridas e executadas com perfeição. Um dos fatos mais famosos entre os califas e as pessoas comuns foi a ação impetrada pelos carregadores para o juiz de Madinah, Muhammad ibn Imran Al-Talhi, contra o califa Abu Jaafar Al-Mansur, que queria mudar os carregadores para a Síria, mas eles se recusaram por causa da dificuldade. Então, eles apresentaram um termo para Muhammad ibn Imran, que convocou o califa Al-Mansur para a audiência. Ibn Imran alertou o seu escrivão para não chamar Al-Mansur pelo título do califado, mas sim com o seu nome abstrato. Quando o califa chegou, Ibn Imran tratou-o como uma das partes e não se levantou para recebê-lo. Então, Ibn Imran julgou a favor dos carregadores. Depois, ele cumprimentou Al-Mansur como califa. Al-Mansur apoiou todas as ações de Ibn Imran, e concedeu-lhe dez mil dinares!<sup>429</sup>

Como resultado de tais atitudes, os califas respeitaram extremamente os juízes e nunca ignoraram a determinação judicial, ou mesmo as formas normais de comparecer perante o juiz. Foi narrado que o califa Al-Mahdi (falecido em 169 d.H) “foi com seus adversários em uma questão ao juiz

428 Al Suiuti: *Tarikh Al Khulafa* (A História dos Califas), p. 229.

429 Idem, p. 229.

de Basra, Abdullah ibn Al-Hassan Al-Anbari. Quando o juiz viu o califa chegando, sentou-se até que todos chegaram e sentaram. Quando o julgamento terminou, o juiz se levantou para ele e Al-Mahdi disse: Por Deus! Se você tivesse se levantado para mim quando eu entrei, eu iria demiti-lo, e se você não tivesse se levantado quando o julgamento terminou, eu iria demiti-lo...<sup>430</sup>.

O sistema judicial no âmbito do Califado Abássida era poderoso e tratava todas as pessoas em pé de igualdade. Uma prova disso é a carta escrita pelo juiz de Bagdá, Abu Hamid Al-Isfrayini (falecido em 406 d.H), ao califa abássida ameaçando-o com a deposição se as decisões judiciais não forem respeitadas e cumpridas. Ele enviou uma carta com palavras fortes, na qual declarou: “Saiba que você não pode me destituir do cargo que Allah concedeu-me, mas eu posso escrever duas ou três palavras para Khorasan para depô-lo de seu califado!”<sup>431</sup>

Os califas e emires também eram chamados a comparecer perante o tribunal para testemunhar e ouvir depoimentos. Eles não relutaram nem sentiram degradação por isso. Por exemplo, Abbas ibn Firnas<sup>432</sup> foi um estudioso muçulmano distinto na Andaluzia e foi pioneiro em muitas invenções, talvez a mais famosa delas foi o fato de ser o primeiro a tentar voar na história. Por sua excelência científica, os califas o respeitaram. Como tinha boa fama e status elevado entre os emires, algumas pessoas o invejavam e o acusaram de bruxaria e feitiçaria e alegaram que ele estava fazendo coisas estranhas em sua casa ou em seu laboratório. Isso ocorreu porque ele praticava química em sua casa e, conseqüentemente, fumaça e vapor eram emitidos de sua casa.

Ele foi convocado para julgamento em Córdoba. O califa omíada naquela época era Abdul-Rahman ibn Al-Hakam ibn Hisham. Foi dito a Ibn Firnas: Você tem feito tal e tal, misturando coisas e tem feito coisas estranhas que nunca vimos antes. Ele respondeu-lhes: Se eu misturar farinha com água para transformá-la em massa e assá-la no fogo para fazer pão, eu estarei fazendo mágica? Eles disseram: Não, isso é algo que Allah ensinou o homem. Ele disse: Isto é exatamente o que eu faço na minha casa. Eu misturo as coisas umas com as outras e uso o fogo, obtendo, assim, algo que beneficia os muçulmanos e suas condições<sup>433</sup>.

430 Al Mawardi: *Adab Al Qadi (Conduta do Juiz)* 1 / 248.

431 Al Subki: *Tabaqat Al Shafi'iyah Al Kubra (Biografia de Personalidades Shafi'i)* 4 / 64.

432 Abu Al Qasim Abbas ibn Firnas: um filósofo omíada, poeta e astrônomo. Ele foi o primeiro a usar pedras na fabricação de vidro. Ele fez a primeira tentativa de voar, cobriu-se com penas para esse efeito, anexando um par de asas ao seu corpo, atirou-se no ar e voou a uma distância considerável, em seguida, caiu e se feriu em suas costas. Ele morreu em 274 d.H. Veja: Al Safadi: *Al Wafi bi Al Wafiyat* 16/380, 381 e Al Maqrizi: *Nafh Al Tib* 3/374.

433 Ibn Saïd Al Maghribi: *Al Mughrib fi Hula Al Maghrib*, p. 203.

Eles queriam uma testemunha para validar as palavras de Ibn Firnas. A testemunha foi o califa omíada Abdul-Rahman ibn Al-Hakam ibn Hisham. Quando este último veio para o tribunal e ouviu as palavras, ele fez o seu testemunho dizendo: “Eu testemunho que ele me disse que ele faz tal e tal (quer dizer que ele faz estas experiências e elas têm fundamentos) e eu achei que essas coisas beneficiam os muçulmanos. Se eu soubesse que isso é magia, eu seria o primeiro a impedi-lo!”

Eles chamaram o governante do Estado e o califa dos muçulmanos para o depoimento perante o tribunal. Então, ele testemunhou justamente para o cientista. Portanto, o juiz e juristas absolveram Ibn Firnas, o elogiaram e o incentivaram a aumentar o seu trabalho e experimentos. Assim, ele manteve o seu status.

Os juízes obrigavam os califas, emires e pessoas da elite a vir até eles, se fosse provado que eram culpados. Em seu livro “Qudat Qurtubah” (os juízes de Córdoba), Al-Khashni disse que um homem fraco de Córdoba veio para o juiz de Córdoba Amr ibn Abdullah “e reclamou com ele sobre um dos trabalhadores do emir Muhammad, este funcionário tinha um grande status e chegou ao comando da cidade. O homem disse ao juiz: Este homem se apoderou de minha casa. O juiz deu a ele um documento que comprova que a casa é dele e pediu-lhe para mostrar ao homem que tomou a casa. O homem foi e mostrou o documento para o usurpador e depois voltou. Ele disse ao juiz: Mostrei-lhe o documento à distancia, e fugi até o senhor. O juiz disse: Senta, ele vai vir agora. Então, o usurpador veio em um comboio enorme e entrou na mesquita. Ele cumprimentou o juiz e depois se sentou apoiando as costas para uma parede da mesquita. O juiz disse-lhe: Senta aqui, próximo de seu litigante. Ele disse: Que Allah guie o juiz, esta é tão somente uma mesquita, todos os seus locais são iguais, não há virtude de um lugar sobre o outro. O juiz repetiu: Senta aqui, como te ordenei. Em frente ao seu adversário. Quando o homem viu a seriedade do juiz, sentou onde foi ordenado e, em seguida, o juiz perguntou ao homem fraco: o que se passa? O homem disse: Ele usurpou minha casa. O juiz perguntou ao réu: o que você diz? O réu disse: Digo que ele deve ser educado no que ele afirma contra mim. O juiz disse: Sim, ele deve ser assim com um homem íntegro, mas não com um homem conhecido por usurpação. Em seguida, o juiz pediu a alguns dos seus assessores para irem com o homem fraco para o usurpador devolver a casa de volta para ele, caso contrário, ele remete a questão para o emir. Uma hora depois, o homem fraco retornou e

disse ao juiz: Que Allah lhe recompense, o homem deu a casa de volta para mim. O juiz respondeu: Vá em paz<sup>27434</sup>.

Não há dúvida de que este processo demonstra várias matérias. A primeira matéria é a existência de formas reconhecidas para a convocação dos adversários e realização do julgamento. A segunda matéria é o poder, prestígio e clara independência do Poder Judiciário na civilização islâmica. A terceira matéria é o fato de que todas as pessoas são iguais perante o juiz, sem qualquer diferença entre o forte e o fraco, ou entre ricos e pobres. A quarta matéria é a solução rápida dos casos. Nesse caso, a casa de um homem foi usurpada e o Poder Judiciário a devolveu a ele no mesmo dia.

Os privilégios concedidos ao Poder Judiciário na civilização islâmica demonstram que a sociedade islâmica gozava de justiça e equidade. Por isso, a justiça de que os muçulmanos usufruíam à sombra do Poder Judiciário foi um fator fundamental para o progresso dessa civilização como um todo.

---

434 Al Khashni: Qudat Qurtubah, p. 150, 151.

## 9

## A Criação do Tribunal de Queixas e seu Desenvolvimento

---

Por causa da expansão das circunstâncias da vida do Califado Islâmico, surgiu o cargo de “procurador da justiça” junto ao cargo de juiz. Este cargo se desenvolveu até se tornar uma importante posição judicial cujo objetivo foi prevenir a injustiça contra o povo. Como o juiz não foi capaz de supervisionar esta repartição porque ele estava muito ocupado com o Judiciário, esta supervisão ficou a cargo do califa ou quem o substituiu dos grandes homens do Governo<sup>435</sup>.

Destacando a importância desse cargo, Ibn Khaldun, disse: “Este é um cargo que combina o poder do governo e a discricção judicial. Ele precisa de uma mão forte e muita autoridade para subjugar o malfeitor e conter o agressor entre os dois adversários. Serve para fazer o que os juizes ou outros são incapazes de fazer, observa a audiência das provas, as provas adjuntas, a utilização de evidências indiretas e circunstanciais, o adiamento do julgamento até que a situação seja esclarecida, tentativas de reconciliação entre os adversários, o juramento das testemunhas. Este é um campo mais vasto do que a observação dos juizes”<sup>436</sup>.

Al-Mawardi diz: “A audiência das denúncias leva os litigantes à solução justa através da advertência, e desencoraja os adversários de negar a verdade através do respeito. São condições para este cargo que o observador seja de muito respeito, influente, prestigioso, casto, não ganancioso, e piedoso. Em sua audiência ele precisa da influência de líderes e da sabedoria dos juizes. Então, ele precisa combinar as qualidades dos dois lados”<sup>437</sup>.

---

435 Al Khashni: Qudat Qurtubah, p. 54.

436 Ibn Khaldun: Al Ibar wa Diuan Al Mubtada wa Al Khabar 1 / 222.

437 Al Mawardi: Al Ahkam Al Sultaniyah, p. 64.



A competência do procurador de Justiça foi ampla. Incluía verificar se os governantes fizeram injustiça contra o povo e os trabalhadores com opressão ou cobrança de dinheiro. Também incluiu a inspeção do trabalho dos secretários das repartições... ouvir as queixas dos trabalhadores no assunto da diminuição ou atraso de seus salários, a devolução dos direitos usurpados e a execução das decisões judiciais que os juizes não puderam cumprir por causa de sua fraqueza ou por causa do poder dos réus<sup>438</sup>.

Assim, observamos que a competência do tribunal de queixas foi grande em termos de eficácia, rapidez e implementação e incluía a competência da magistratura suprema e do Conselho do Estado em nosso tempo. Este cargo foi muito importante e seu titular era poderoso e influente. Observamos também que o sistema judiciário islâmico foi preciso e sua precisão não foi menor que o sistema atual, embora o primeiro tenha prevalecido há mais de dez séculos<sup>439</sup>.

Devemos notar aqui que o tribunal de queixas é muito semelhante ao que é chamado hoje “o poder judicial administrativo”, e é chamado no Egito “Conselho do Estado”. O Conselho do Estado não existia na Europa, especialmente na França – o país de leis e constituições –, onde surgiu apenas após a Revolução Francesa no século XVIII. Afirmou-se inicialmente na Constituição de 1799, mas a lei atual só foi elaborada em 1872. Era chamado de “o conselho do rei” na época da monarquia francesa e tinha a tarefa de conselho consultivo por um lado e administrativo e judicial por outro lado. No entanto, pesquisadores da história do direito francês afirmam que a verdadeira tarefa do conselho era honorária e que o conselho nunca praticou o judiciário administrativo. Se soubermos que o califa omíada Abdul-Malik ibn Marwan (falecido em 86 d.H) assumiu a audiência de queixas, temos a convicção de que a civilização islâmica desenvolveu este tipo de justiça administrativa a mais de treze séculos atrás, algo que os franceses só conheceram e aplicaram nos últimos tempos!<sup>440</sup>

Sem dúvida, o profeta (a paz esteja com ele) foi o primeiro a aplicar a audiência de queixas, mas não existia na mesma forma conhecida na época dos omíadas posteriormente. Isso era normal, já que os casos que exigiam um tribunal de queixas eram pouquíssimos na época do profeta, como é o caso que ocorreu entre o profeta (a paz esteja com ele) e Ibn Al-Utbiya

438 Idem, p. 69, 70.

439 Abu Zaid Shalabi: *Tarikh Al Hadarah Al Islamiya wa Al Fikr Al Islami* (A História da Civilização Islâmica e Pensamento Islâmico), p. 128.

440 Mustafa Al Barudi: *Al Wajiz fi Al Huquq Al Idariyah* (O Livro Abreviado em Direitos Administrativos), p. 57, 58; e Dhafir Al Qassimi: *Nidham Al Hukm fi Al Shariah wa Al Tarikh Al Islami* (O Sistema de Governo na Lei e na História), 2/555.

Al-Azdi. O profeta o empregou para recolher as doações da tribo de Bani Sulaim, e quando voltou, o profeta (a paz esteja com ele) o cobrou. Abu Humaid Al-Saídi relata que Al-Azdi disse: “Este é o vosso dinheiro, e isto me foi dado como presente”. O mensageiro de Deus disse: “Por que você não fica na casa de teu pai e de tua mãe para ver se o teu presente chegará, se você está dizendo a verdade?” Então, o mensageiro de Deus se levantou e se dirigiu ao povo e, glorificando e louvando a Deus, ele disse: “Eu emprego alguns homens dentre vós para algum trabalho que Deus colocou sob a minha responsabilidade, e em seguida, ele me vem e diz: “Este é para você e este é um presente dado a mim”. Por que ele não fica na casa de seu pai e de sua mãe e vê se lhe será dado algum presente. Juro por Allah! Qualquer um de vós que toma algo para si de forma ilegal, ele vai encontrar a Allah no Dia da Ressurreição carregando-o em seu pescoço! Eu não quero ver nenhum de vós encontrar a Allah carregando um camelo grunhindo ou uma vaca mugindo ou uma ovelha balindo”<sup>441</sup>.

O primeiro califa, Abu Bakr (que Allah esteja satisfeito com ele) anunciou que intencionava instituir o sistema judiciário de queixas auditivas, a fim de eliminar a injustiça e alcançar a justiça. Ele afirmou isso em seu discurso de posse. Ele disse: “Ó povo! Eu fui colocado em posição de autoridade sobre vocês e eu não sou o melhor de vocês. Então, se eu acertar, me ajudem. E se eu errar, me corrijam. A honestidade é um dever sagrado e a mentira é uma traição. O fraco dentre vós é forte em meus olhos, até eu levar a justiça a ele, se Allah quiser. E o forte dentre vós é fraco para mim, até eu tomar o direito dele...”<sup>442</sup>.

O Poder Judiciário de ouvir as queixas se desenvolveu gradativamente desde a época do califa Omar ibn Al Khattab, que costumava reunir seus governantes e emires todos os anos na época do Hajj e ouvir as queixas das pessoas e, em seguida, julgar contra os malfeitores entre eles. Além disso, Omar estabeleceu um princípio importante na responsabilização dos governantes e administradores. Este princípio é o que chamamos hoje de “abuso de poder”. Isto ficou claro em um incidente narrado por Anas ibn Malik (que Allah esteja satisfeito com ele), que disse: “Um homem egípcio veio até Omar ibn Al Khattab e disse: Ó emir dos crentes, venho na tua presença para pedir refúgio contra a injustiça. Omar respondeu: Pediste proteção de um protetor. O homem disse: Eu competi com o filho de Amr ibn Al-Áss e venci, então, ele começou a me bater com um chicote, dizendo: “eu sou o filho de um nobre”. Então, Omar escreveu uma carta a Amr, dizendo: “Quando esta carta

441 Narrado por Al Bukhari, Livro de Julgamentos (6753), e Muslim, O Livro de Governo (1832).

442 Ibn Hisham: Al Sirah Al Nabawiyah (a biografia do profeta) 6 / 82.

chegar até você, venha e me traga seu filho”. Quando chegaram, Omar perguntou: Onde está o egípcio? E ele respondeu: Aqui estou! Omar disse-lhe: Aqui está o chicote. Tomá-lo e bate no filho do nobre. Anas disse: Então ele bateu. E juro por Allah! Ele o bateu e nós gostamos que ele batesse, mas antes dele parar já estávamos desejando que ele parasse. Em seguida, Omar disse ao egípcio: Agora você deve bater na cabeça calva de Amr. O egípcio respondeu: “Ó emir dos crentes, somente o seu filho me bateu. E eu já descontei nele”. Então, Omar disse a Amr: “Desde quando vocês escravizam o povo sendo que eles nasceram livres?”. Amr se desculpou, dizendo-lhe: ‘Ó emir dos crentes, eu não sabia que isso aconteceu, e ele não veio até mim’<sup>443</sup>.

E podemos cansar se tentarmos encontrar uma história semelhante ou uma postura semelhante na história de outras nações. O filho foi punido na frente de seu pai, e não era um filho comum, ele era o filho do governante do Egito. Mas não nos surpreendemos com essa história, porque as pessoas são iguais perante o Islam e a sua civilização.

Na época do Califado Abássida, Abdul-Malik ibn Marwan foi a pessoa mais famosa que assumiu esse posto. Devemos salientar que o Poder Judiciário de ouvir queixas exige conhecimento das regras e da jurisprudência islâmica e capacidade de interpretação pessoal dos textos religiosos. Isto significa que este cargo precisa de um erudito. Portanto, os califas muçulmanos, que assumiram o posto de ouvir as queixas tinham pleno conhecimento da jurisprudência islâmica. Eles nunca emitiram uma “fatwa” sem conhecimento, nem sentenciavam um julgamento sem entender o processo.

O cargo de queixas auditivas se expandiu na época do califa omíada Omar ibn Abdul-Aziz (que Allah tenha misericórdia dele). O governador de Basra, Uday ibn Arta’ah (falecido em 102 d.H), usurpou um lote de terra de um homem. O homem decidiu ir diretamente ao califa de Damasco. Ibn Abdul-Hakam narra essa história dizendo: “Um dia, Omar saiu de sua casa. Um homem veio perguntar sobre ele e foi informado que Omar saiu e logo estaria de volta novamente. Quando Omar retornou, o homem reclamou com ele sobre Uday. Omar disse: Por Deus, ele nos enganou com seu turbante preto. Eu escrevi para ele, mas ele não seguiu o meu conselho. Omar ordenou a restauração da terra para o homem. Ele então perguntou ao homem: Quanto você gastou para chegar até aqui? O homem disse: “Ó emir dos crentes, você me pergunta sobre o meu gasto, enquanto o senhor já devolveu minha terra, e ela custa mais do que cem mil? Omar disse: Eu restaurei o seu direito, mas me diga quanto você gastou. O homem disse: Eu

443 Al Muttaqi Al Hindi: *Kanz Al Ummal* (O Tesouro dos Trabalhadores), 12/660, e Ibn Al Jawzi: “Manaqib Omar” (Qualidades de Omar), p. 99.

não sei. Omar disse: Suponha. O homem disse: Sessenta dirhams (moedas). Então, Omar ordenou que lhe fosse pago do dinheiro da Casa da Moeda”<sup>444</sup>.

Quem observa este episódio se surpreende com o ato do emir dos crentes, o governante do país mais poderoso, que tem sua formação cultural, militar e civilizacional. No entanto, com toda esta grandeza, ele não hesita em se vingar do governador de Basra e devolver o direito à quem merece. Ainda mais, ele paga as despesas do solicitante da Casa da Moeda, por maior ou menor que sejam essas despesas. Este é um dos maiores aspectos da civilização islâmica e de sua solidariedade com seu povo.

Na época abássida, a audiência de queixas se desenvolveu e tomou uma forma muito madura no meio do século quinto islâmico, tornando-se uma repartição independente, equivalente a um ministério em nosso tempo. Al-Mawardi deixou-nos uma imagem maravilhosa sobre os postos incluídos nessa repartição:

1. Protetores e auxiliares: para atrair os fortes e corrigir os valentes. Os protetores são os grandes comandantes, e os auxiliares são da polícia judiciária.
2. Juízes e árbitros: para examinar os direitos estabelecidos. Assim, podem completar a falta que pode existir no procurador de Justiça no que diz respeito ao seu conhecimento em normas jurídicas.
3. Jurisprudentes: para serem consultados em casos complexos e confusos. Assim, cobrem a falta de conhecimento que pode haver.
4. Escrivães: para escrever o que ocorreu entre os adversários e seus direitos e deveres.
5. Testemunhas: para testemunhar sobre as decisões. Essas testemunhas se assemelham ao “Ministério Público”<sup>445</sup>.

Alguns califas e emires abássidas assumiram o posto de audiência de queixas. Como um dos exemplos mais surpreendentes sobre este cargo, é citado que um homem veio a Abu Jaafar Al-Mansur, que foi o procurador da Armênia sob o califado de seu irmão Abu Al-Abbas Al-Saffah. O homem disse para Abu Jaafar: “Eu tenho uma reclamação, e eu gostaria que você escutasse um exemplo que vou dar antes de eu explicar a minha reclamação. Eu temo a Deus Todo-Poderoso, que criou todas as criaturas em etapas. Quando um bebê nasce, ele só conhece a sua mãe, só procura a ela. Se ele

444 Ibn Abd Al Hakam: Sirat Omar ibn Abdul-Aziz (A Biografia de Omar ibn Abdul-Aziz), p. 146, 147.

445 Al Mawardi: Al Ahkam Al Sultaniyah, p. 136, e Zafir Al Qasimi: Nizam Al Hukm fi Al Sharia wa Al Tarikh Al Islami 2 / 566.

tem medo de alguma coisa, ele recorre a ela. Em seguida, ele sobe um nível, e conhece que seu pai é mais forte que sua mãe. Então, se ele tem medo de alguma coisa, ele recorre ao seu pai. Quando ele cresce e governa, ele recorre ao governador se ele sofre a opressão de um malfeitor. Se o governante comete injustiça contra ele, ele recorre ao seu Senhor em busca de Seu apoio. Eu tenho passado por esses níveis, e Ibn Nahik<sup>446</sup> cometeu injustiça comigo e usurpou a minha terra. Assim, você deve restaurar o meu direito, caso contrário vou procurar o apoio de Allah. Então, examine bem a tua situação ou deixe”. Abu Jaafar sentiu muita humildade e disse: Repita suas palavras. O homem repetiu suas palavras. Então, Abu Jaafar disse: a primeira coisa que vou fazer é demitir Ibn Nahik. Então, Abu Jaafar ordenou a devolução das terras à parte requerente<sup>447</sup>.

As pessoas comuns tinham o direito de reclamar contra o califa. Há uma história que nos fala de um dos maiores julgamentos que já vimos na história da civilização islâmica. Um homem chamado Misuar ibn Mussauri disse: “O representante do califa Al-Mahdi cometeu uma injustiça comigo e usurpou a minha terra. Eu fiz uma queixa por escrito ao procurador da justiça chamado Sallam, que passou o papel a Al-Mahdi, que estava com seu tio Al-Abbas ibn Muhammad e o juiz Afiya. Eu compareci e Al-Mahdi disse-me: Se aproxime. Quando cheguei mais perto dele, ele me perguntou: O que diz? Eu disse: Você me injustiçou. Al-Mahdi disse: Você aceita um desses dois como juiz (Afiya ou o seu tio Al-Abbas)? Eu disse: Sim. Ele então me pediu para falar. Eu disse ao juiz: Ele (Al-Mahdi) usurpou a minha terra. O juiz perguntou para Al-Mahdi: O que você diz, ó emir dos crentes? Al-Mahdi disse: É minha terra e está na minha mão. Pedi ao juiz para perguntar para Al-Mahdi se a terra tornou-se sua antes ou depois do califado. O juiz perguntou-lhe e Al-Mahdi disse: Tornou-se minha depois do califado. Em seguida, o juiz ordenou que Al-Mahdi dê a terra para mim, e Al-Mahdi fez. Al-Abbas ibn Muhammad disse: Por Deus ó emir dos crentes, esta sessão é mais querida para mim do que vinte milhões de dirhams”<sup>448</sup>.

A civilização islâmica cuidava de todos os indivíduos e o sistema judiciário islâmico não distinguiu entre as pessoas com base na religião, sexo ou condição social, como foi o caso dos romanos e persas, ou mesmo dos próprios árabes antes do Islam. O fato de o califa muçulmano ser sujeito à decisão do Judiciário e ser implementada essa decisão para um muçulmano comum – que não pode ter uma posição elevada ou uma tribo para apoiá-lo ou até mesmo

446 Ibn Nahik: Uthman ibn Nahik, chefe da guarda de Abu Jafar Al Mansur.

447 Ibn Assakir: Tarikh Madinat Dimashq 32/392.

448 Al Tabari: Tarikh Al Umam wa Al Muluk 4 / 586.

dinheiro – demonstra o avanço da civilização islâmica e enfatiza que esta civilização respeitou os seus cidadãos e apoiou os fracos e injustiçados.

Além disso, vimos alguns califas priorizarem a audiência de queixas a visitar sua mãe doente. O califa Al-Hadi (falecido em 170 d.H) foi um dia para visitar a mãe doente, mas Omar ibn Buzay<sup>449</sup> o encontrou no caminho e disse-lhe: Ó emir dos crentes, posso falar de uma coisa melhor do que isso? Al-Hadi disse: O que? Omar disse: As queixas, você não as ouve há três dias. Assim, Al-Hadi pediu ao seu comboio para ir para o diuan de ouvir as queixas e, em seguida, enviou um de seus homens para se desculpar de sua mãe (cujo nome era Al-Khayzaran) e disse: Diga a ela que Omar ibn Buzay nos contou sobre um dos direitos de Deus que é mais obrigatório que o seu direito e eu vou visitá-la amanhã, se Deus quiser<sup>450</sup>.

O Califa abássida Al-Ma'mun dedicava os domingos para a audiência de queixas. Um dia, uma mulher com roupa esfarrapada veio até ele e disse:

*Ó melhor árbitro a quem a orientação se guia  
Ó Imam com quem o país brilha  
A viúva reclama para ti contra um chefe de reais  
Que a injustiçou, nem mesmo um leão tem forças contra isso  
Ele tomou suas propriedades depois de sua força  
Quando sua família e filhos se espalharam*

Al-Ma'mun se manteve em silêncio por um momento e depois levantou a cabeça e disse:

*Com o que você mencionou, pode-se perder a paciência e persistência  
E se entristece o coração por depressão e tristeza  
É tempo da oração do meio-dia, então se retire  
E traga o réu no dia que eu agora marco  
Se for possível, a audiência será sábado  
Recuperarei o seu direito e, se não o fizer, a reunião será no domingo*

A mulher saiu e voltou na manhã de domingo. Quando Al-Ma'mun lhe perguntou sobre o réu, ela disse: Ele é quem está parado junto de ti, Al-Abbas (seu filho). Al-Ma'mun pediu ao juiz Yahya ibn Aktham para julgar entre ambos. O juiz realizou a audiência na presença de Al-Ma'mun. A voz da mulher se elevou durante a audiência, então o secretário judicial a repreendeu. Al-Ma'mun lhe disse: Deixe-a, pois a verdade a fez pronunciar,

449 Omar ibn Buzay Al-Katib. Ele substituiu Yunus ibn Al Rabi como ministro de Al Hadi. Quando Al Rabi morreu, Omar permaneceu no ministério até que Al Mahdi morreu. Ibn Al Najjar Al Baghdadi: Zhayl Tarikh Bagdad 5/31.

450 Al Tabari: Tarikh Al Umam wa Al Muluk 4 / 610.

enquanto a falsidade o fez emudecer. Em seguida, o juiz ordenou que as propriedades fossem dadas de volta para ela. Al-Ma'mun não examinou o caso pessoalmente por duas razões: A primeira é que ele poderia favorecer seu filho, sem ele ter razão, e não lhe é permitido sentenciar a favor de seu filho, mesmo lhe sendo permitido sentenciar contra ele. A segunda razão é que o autor era uma mulher, e Al-Ma'mun não podia discutir com ela... Al-Ma'mun executou a sentença e aplicou o direito<sup>451</sup>.

Os califas também disciplinaram os funcionários que cometiam injustiça. Quando Al-Mansur exonerava um funcionário, pegava os seus bens e os depositava em nome do trabalhador em um escritório independente chamado tesouro de denúncias<sup>452</sup>. Este confisco era temporário e tinha como objetivo disciplinar e intimidar estes funcionários. Por isso, Al-Mansur disse a seu filho Al-Mahdi: “Eu preparei algo para você. Se eu morrer, convoque quem eu confisquei os seus bens e os devolva para eles. Esta ação irá aumentar a sua popularidade entre as pessoas...”. E Al-Mahdi cumpriu a recomendação de seu pai<sup>453</sup>.

O Poder Judiciário de queixas auditivas na Andaluzia era conhecido como “assunto de queixas”, surgiu cedo junto com a dinastia omíada na Andaluzia, mas sua missão tornou-se clara apenas no quarto século islâmico.

O assunto de queixas no ocidente e na Andaluzia testemunhou desenvolvimentos diferentes dos do oriente omíada e abássida, onde foi menor do que o posto de “juiz do grupo” ou o que é chamado no oriente de “juiz supremo” (juiz dos juizes, desembargador). Poucos califas e emires na Andaluzia e no ocidente assumiram esse posto. O cargo foi assumido principalmente por grandes jurisprudentes estudiosos. Uma das pessoas mais famosas que assumiram esse posto na África foi Muhammad ibn Abdullah (falecido em 398 d.H), sobre quem Ibn Azhara disse: “Ele fortificou o controle sobre os suspeitos e corruptos, com bater, matar e corte das mãos e dos pés, e nunca teve medo de repreensões”<sup>454</sup>.

Alguns daqueles que assumiram o plano de queixas na Andaluzia alcançaram um alto grau de fama entre as pessoas. Alguns deles tinha altos cargos administrativos no Estado. Por exemplo, Abu Al-Mutraf Abdul-Rahman ibn Muhammad ibn Issa ibn Futays assumiu o assunto de queixas durante a época de Al-Mansur Muhammad ibn Abu Amir. As decisões de Futays eram rígidas e aplicadas e era temido pelos malfeitores. Ele foi conselheiro do governo até que assumiu o Poder Judiciário em Córdoba.

451 Al Mawardi: *Al Ahkam Al Sultaniyah*, p. 146, 147.

452 Ibn Al Athir: *Al Kamil fi Al Tarikh* 5 / 224.

453 Idem.

454 Ibn Azhara: *Al Bayan Al Maghrib*, p. 112.

Assim, ele combinava o ministério e a liderança das orações, algo que era raro em um juiz antes dele na Andaluzia”<sup>455</sup>.

Muitos governantes muçulmanos se preocuparam em ouvir queixas, como foi o caso dos califas. Kafur Al-Ikhshidi dedicava os dias de sábado para ouvir queixas e permaneceu assim até morrer<sup>456</sup>. Este também era o costume dos príncipes seljúcidas. O emir Tughurlbak reservou dois dias por semana para ouvir reclamações, e este era o costume de seus reis. Quanto ao governante aiúbida Al-Malik Al-Aziz, este reservou as segundas e quintas para queixas auditivas<sup>457</sup>. Durante a dinastia Al-Sa’diyah no Marrocos (961-1069 d.H), o Sultão Ahmad Al-Mansur (falecido em 1011 d.H) designou uma sessão especial para examinar reclamações e a denominou “Al-diuan”, toda quarta-feira era feita uma reunião para a consulta de assuntos importantes e, essa repartição era uma oportunidade para o reclamante que não tinha acesso ao sultão<sup>458</sup>.

Os sultões mamelucos nomearam os melhores juízes e jurisperitos para este cargo. No entanto, isso não os impediu de ouvir algumas queixas pessoalmente. Falando sobre os acontecimentos do ano 661 d.H, Al-Maqrizi citou que dois homens de Alexandria, um chamado Ibn Al-Buri e outro chamado Al-Mukrim ibn Al-Zayyat, vieram até o sultão do Egito Rukn-al-Din Baybars Al-Bindiqdari (falecido em 676 d.H). Trouxeram com eles documentos para restaurar dinheiro desperdiçado. Na terça-feira, o sultão convocou os juízes e jurisperitos e pediu para ler os documentos. Toda vez que era mencionada uma queixa, o sultão a pagava e repudiava os nomes citados. Depois de terminar a leitura, ele disse: “Note que eu abri mão de seiscentos mil dinares para apuração e levantamento das casas, imóveis, escravos e palmeiras, e Deus me deu em troca muito mais daquilo que é lícito. E pedi a planilha de cálculos, e esta aumentou após a diminuição de todas as queixas. Assim, quem deixa algo por Deus, Deus irá recompensá-lo com algo melhor”. E ordenou que Ibn Al-Buri fosse exposto<sup>459</sup>.

Nesta situação, vemos que o sultão cobrou a maioria dos órgãos do Estado, o ministro da defesa, o primeiro-ministro, o sistema judiciário e os jurisperitos por sua negligência e por desperdiçarem a propriedade das pessoas comuns. Ele lembrou que deixou milhares de dinares que ele viu que não eram de seu direito, a fim de estimulá-los a proteger os bens das pessoas. Além disso, o sultão demitiu um dos dois homens que trouxeram

455 Al Nabahi: Qudat Tarikh Al Andalus, p. 86.

456 Ibn Khaldun: Al Ibar wa Diuan Al Mubtada wa Al Khabar 4 / 315.

457 Al Maqrizi: Al Suluk 1 / 247.

458 Al Nassiri: Al Istiqsa li Akhbar Al Maghrib Al Aqsa, 5 / 188.

459 Al Maqrizi: Al Suluk 1 / 560.



estes documentos e ordenou que ele fosse exposto no Cairo porque ele não informou o sultão sobre este ocorrido na hora certa.

Muitos sultões mamelucos costumavam ir à praça pública para ouvir as queixas do povo. Sobre os acontecimentos de 792 d.H, Al-Maqrizi mencionou que Sayf-al-Din Barquq (falecido em 801 d.H), sentou em uma praça perto da Cidadela para ouvir as queixas das pessoas. As pessoas correram em sua direção e apresentaram muitas queixas. Assim, os homens da elite entraram em pânico e ficaram com medo porque esperavam que as pessoas se queixassem deles<sup>460</sup>.

As audiências dos califas e emires ao longo da história da civilização islâmica confirmam que todas as pessoas estavam sujeitas à lei, quando erravam, sem discriminação entre os governantes, príncipes e os outros. A punição dos príncipes, comandantes militares, governadores, ministros e altos funcionários do Estado, incluindo o califa, demonstra a equidade e a excelência da civilização islâmica. E as civilizações antigas, como os persas e os romanos, ou mesmo a Corte Internacional de Justiça de nosso tempo moderno, não se assemelham com o trabalho da audiência de queixas em nossa eterna civilização islâmica, que punia os malfeitores, sem preconceito ou padrões duplos, como é o caso da época atual!

Enfim, nós não seremos capazes de coletar todas as características do sistema judicial na civilização islâmica em alguns parágrafos ou contadas folhas. Sem dúvida, se dissermos que enumeramos todas as características do sistema judicial islâmico em algumas páginas, estaremos distantes da verdade e do correto. No entanto, as histórias brilhantes que mencionamos são apenas exemplos das situações e teorias que instituíram regras gerais e métodos saudáveis para as instituições constitucionais e legais no mundo contemporâneo a esse respeito.

---

460 Idem.

## Quinto Capítulo

### O Sistema de Saúde

Uma das bases mais fascinantes da civilização islâmica é a união entre as necessidades do corpo e as necessidades da alma. A preocupação e o cuidado com o corpo e suas necessidades é considerado um requisito para se garantir uma vida boa e agradável para o ser humano, onde o corpo descansa e a alma se ilumina. O mensageiro de Allah (que a paz esteja com ele), que é o fundador desta civilização, disse: “Seu corpo tem direito sobre você”<sup>461</sup>.

O Islam combate a propagação de doenças e incentiva a procura de tratamento médico. Assim, sabemos que o sistema de saúde na civilização islâmica se constituiu em bases sólidas. O mundo se beneficiou da civilização islâmica na construção de hospitais, escolas de medicina, graduação de médicos cujas contribuições ainda são motivos de orgulho para a humanidade, contribuições estas, que foram feitas à ciência em geral e à medicina em particular. O papel da instituição de saúde na civilização islâmica está representado na prestação de cuidados de saúde para os pacientes, especialmente os pobres e os necessitados, através dos hospitais, que proporcionaram excelentes serviços no tratamento, alimentação e acompanhamento de pacientes em hospitais e em suas próprias casas. Estes hospitais que se espalharam por todo o mundo islâmico, e foram uma fonte de felicidade e confiança para toda a comunidade muçulmana em todas as suas classes, onde os pacientes recebem tratamento, atendimento integral, roupas e alimentos. Além disso, muitos desses hospitais ensinaram a medicina, além de sua função básica, ou seja, o tratamento de pacientes e a garantia de seu

<sup>461</sup> Narrado por Al Bukhari sobre a autoridade de Abdullah ibn Amr: Livro do Jejum (1874), e Muslim: Livro do Jejum (1159).

conforto. Isso tudo acrescentou uma outra dimensão humanitária à civilização islâmica.

Iremos conhecer um pouco desse assunto através das seguintes pesquisas:

1. **Os Hospitais na Civilização Islâmica**
2. **Os Enfermos e a Visão Humanitária dos Muçulmanos (A Dimensão Humanística da Medicina de Acordo com o Islam)**

## 1

## Os Hospitais na Civilização Islâmica

---

Uma das maiores contribuições dos muçulmanos no campo da saúde é o fato de eles serem os primeiros a estabelecer hospitais no mundo. Ainda mais, eles precederam outros nesse assunto em mais de nove séculos!

O primeiro hospital islâmico foi fundado na época do califa omíada Al-Walid ibn Abdul-Malik, que governou no período de 86-96 d.H (correspondente a 705-715 d.C). Esse hospital era especializado no tratamento de hanseníase<sup>462</sup>. Depois disso, vários hospitais foram criados no mundo islâmico, e foram considerados redutos da ciência e da medicina e uma das primeiras faculdades e universidades em todo o mundo, enquanto o primeiro hospital da Europa foi criado em Paris só depois de nove séculos mais tarde.

Os hospitais eram conhecidos como “Bimaristan” (uma palavra persa que significa as casas dos pacientes). Havia hospitais fixos e móveis, os hospitais fixos foram estabelecidos nas cidades e, raramente, se encontrava uma cidade islâmica – mesmo que pequena – sem um hospital. Os hospitais móveis, por outro lado, percorriam os vilarejos remotos, desertos e montanhas. Estes hospitais móveis eram carregados em um grande número de camelos, que chegavam às vezes a quarenta camelos, durante a era do sultão Mahmud Al-Saljuqui, que governou no período 511-525 d.H (correspondente a 1117-1131 d.C). Estes comboios foram equipados com instrumentos terapêuticos e medicamentos, e foram acompanhados por um número de médicos e podiam atingir todos os cantos da nação islâmica<sup>463</sup>.

Os hospitais fixos nas principais cidades atingiram um elevado nível de desenvolvimento. Os hospitais mais famosos foram o hospital Al-’A’dudi em Bagdá, que foi estabelecido em 371 d.H/981 d.C, hospital Al-Nuri, em Damasco, que foi estabelecido em 549 d.H/1154 d.C, e o grande hospital Al-Mansuri no Cairo, que foi estabelecido em 683 d.H/1284 d.C. E somente em Córdoba, havia mais de cinquenta hospitais<sup>464</sup>.

462 Al Tabari: *Tarikh Al Umam wa Al Muluk* (A História das Nações e Reis), 4 / 29.

463 Ibn Al Qafti: *Tarikh Al Hukama* (A História dos Médicos), p. 405

464 Mahmud Al Haj Qasim: *Al Tib inda Al Arab wa Al Muslimin* (Medicina entre os Árabes e Muçulmanos), p. 328, 329.

Os hospitais gigantes eram divididos em seções de acordo com a especialização, seções para as doenças abdominais, cirurgia, dermatologia, oftalmologia, doenças psicológicas, ossos e fraturas, entre outros.

Os hospitais não eram apenas lugares para tratamento médico, mas verdadeiras faculdades de medicina de alto nível. O médico especialista – o professor – verificava os casos no período da manhã acompanhado por médicos que estavam em seus estágios iniciais de estudos médicos. Ele os ensinava, tomava notas e prescrição de medicamentos, enquanto eles observavam e aprendiam. Em seguida, o professor costumava ir a um grande salão, e os alunos sentavam em torno dele, ele lia os livros médicos, explicando a eles e respondendo às suas perguntas, e realizava testes no final de cada ciclo de ensino, e em seguida, o professor certificava os alunos para trabalhar no ramo em que se especializaram.

Os hospitais islâmicos também tinham grandes bibliotecas contendo um grande número de livros especializados em medicina, farmacologia, anatomia, fisiologia, ciências de jurisprudência relacionadas à medicina, e outras ciências de interesse para os médicos.

Lembrando um exemplo da magnitude dessas bibliotecas, a biblioteca do hospital de Ibn Tulun, no Cairo, tinha mais de cem mil livros. E grandes fazendas foram criadas ao lado dos hospitais, onde plantas e ervas medicinais foram cultivadas para o abastecimento dos hospitais com medicamentos.

As medidas especiais que eram tomadas para evitar infecções eram singulares. Ao entrar no hospital, o paciente entrega as suas roupas e recebe roupas novas de graça, a fim de prevenir a infecção através das roupas que ele usava quando contraiu a doença. Depois disso, cada paciente entra em uma ala especial de acordo com sua doença, e não é permitido a ele entrar em outras enfermarias, prevenindo assim a infecção. E cada paciente dorme em um leito exclusivo com roupas novas e materiais especiais.

Podemos fazer uma comparação destes hospitais islâmicos com os hospitais estabelecidos em Paris, séculos depois. Os pacientes no hospital de Paris eram obrigados a ficar em uma ala, independente da natureza de suas doenças. Às vezes, três ou quatro ou mesmo cinco pacientes eram obrigados a dormir em uma cama. Assim, você pode encontrar um doente que contraiu varíola dormindo ao lado de pacientes com casos de fraturas ósseas ou ao lado de uma mulher que dá à luz! Além disso, médicos e enfermeiros não podiam entrar nas enfermarias sem colocar máscaras para evitar o cheiro de mofo dessas alas! Os mortos eram transportados para fora da ala, no mínimo 24 horas após a sua morte! Podemos imaginar como esta questão era perigosa para o restante dos pacientes!<sup>465</sup>

---

465 Veja: Mustafa Al Siba'i: Min Raua'i Hadharatina (Das Maravilhas da Nossa Civilização), p. 116, 117.

Podemos apresentar alguns hospitais de destaque na história islâmica, entre os mais proeminentes hospitais islâmicos, temos:

- O “hospital Al-A’dudi”, fundado por A’dud Al-Dawlah Ibn Buwayh em 371 d.H /981 d.C em Bagdá. Vinte e quatro médicos trabalharam no hospital no momento de sua fundação, no entanto, o número aumentou consideravelmente depois. O hospital incluía uma grande biblioteca, uma farmácia e cozinhas, além de um grande número de funcionários. Os médicos realizavam o sistema de rodízio no serviço aos pacientes, de maneira que o hospital tivesse médicos 24 horas por dia.
- O “grande hospital Al-Nuri”, em Damasco. Foi criado pelo sultão Nur Al-Din Mahmud em 549 d.H /1154 d.C. Foi um dos maiores hospitais, funcionou por um longo tempo, permaneceu recebendo pacientes até 1317 d.H/1899 d.C, ou seja, aproximadamente 800 anos!
- O “grande hospital Al-Mansuri”, criado pelo rei Al-Mansur Saifuddin Qalawun no Cairo em 683 d.H/1284 d.C. Foi uma das maravilhas do mundo em termos de organização, precisão e limpeza. Era tão grande que ele acomodou mais de quatro mil pacientes em um dia.
- O “hospital de Marrakech”, criado por Al-Mansur Abu Yussuf Ya’qub, o rei da dinastia almóada (al muahhidin) no Marrocos, que governou no período 580-595 d.H (correspondente a 1184-1199 d.C). A construção deste hospital era um sinal de excelência e magnificência. Todos os tipos de árvores e plantas foram cultivadas no hospital, dentro dele havia quatro pequenos lagos artificiais. O hospital era muito avançado em termos de recursos médicos, remédios modernos e médicos qualificados<sup>466</sup>. Era realmente como uma joia que marcou na civilização islâmica.

Além disso, havia hospitais especializados, que lidam apenas com certos tipos de doenças, como hospitais de olhos, hanseníase, doenças mentais, etc..

Mais incrível ainda, existiam bairros médicos integrados em algumas grandes cidades islâmicas. Falando sobre sua viagem em meados de 580 d.H/1184 d.C, Ibn Jubair disse que viu em Bagdá – capital do Califado Abássida – um bairro inteiro que parecia ser uma cidade pequena, onde havia um belo palácio rodeado por jardins e casas. Tudo isso era destinado aos pacientes. O bairro era visitado por médicos de várias especialidades, farmacêuticos e estudantes de medicina, que eram pagos pelo Estado e a partir dos auqaf (doações específicas) concedidos pelos ricos para o tratamento dos pobres e outros<sup>467</sup>.

466 Idem: p. 110-118.

467 Idem: p. 101.

## 2

## Os Enfermos e a Visão Humanitária dos Muçulmanos

**[A Dimensão Humanística da Medicina de Acordo com o Islam]**

---

A além disso, queremos chamar a atenção para outra maravilhosa dimensão da medicina durante o período da civilização islâmica. Esta é a dimensão humanista que reside no respeito ao ser humano em geral, e na luta para aliviar a dor, o sofrimento e o constrangimento de qualquer ser humano, não importa qual é a sua aflição.

Era comum entre os médicos muçulmanos prestar atenção a esta dimensão humanística no trato com seus pacientes, porque as regras da lei islâmica se basearam nesta abordagem ética singular. O Islam olha para o paciente como um ser humano em crise, que precisa de alguém para estar ao seu lado, ajudá-lo, elevar a sua estima, acalmá-lo, e aliviar suas dores físicas e psicológicas.

A lei islâmica tem como objetivo eliminar o constrangimento do enfermo em todas as formas possíveis e diminuir a sua carga o máximo possível. Ao enfermo é concedida a permissão para não jejuar, e se sua saúde o impedir de realizar a peregrinação, não lhe é obrigatório realizá-la e não estará a cometer um erro. E o enfermo que não pode fazer uma oração na sua forma regular pode realizá-la em qualquer posição que lhe convier, sentado, dormindo ou mesmo apenas com os olhos! Se a água for prejudicial ao enfermo, ele pode substituir a ablução por tayammum (ablução seca). Se ele não pode fazer isso por qualquer razão, ele pode orar sem ambos (sem ablução e sem tayammum). Neste caso, ele é denominado “faqid al tahu-rain” (desprovido das duas purificações). Mesmo nos tempos de guerra, um enfermo não é obrigado a lutar. Allah (exaltado seja) diz no Alcorão: *[Não há falta sobre o cego, e não há falta sobre o deficiente, e não há falta sobre o enfermo]* (Annur: 61).

A lei islâmica não apenas eliminou algumas obrigações e ofereceu permissões em algumas adorações, mas também incentivou intensamente a estarmos ao lado do paciente e elevar seu espírito. O profeta (a paz esteja com ele) fez da visita ao enfermo em sua casa ou no hospital um direito dele sobre os muçulmanos. Na narração de Abu-Hurairah, o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Os direitos de um muçulmano sobre o outro são seis”... e mencionou como um deles: “visitá-lo quando ele adoecer”<sup>468</sup>, e deu a boa nova do Paraíso como recompensa para quem visita o doente. Da narração de Abu-Hurairah, o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Quem visita um doente, uma voz chamará do céu: És purificado, e são purificados os seus passos, e terás uma morada no Paraíso”<sup>469</sup>.

O profeta (a paz esteja com ele) ordenou-nos a lembrar o bem na presença do enfermo, a levantar seu espírito e encorajá-lo com a cura e vida longa. Abu Said Al-Khudri narra que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Ao visitarem o enfermo aumentem suas esperanças de uma vida longa e boa saúde, porque isso não muda o destino, no entanto, reforça a moral do enfermo”<sup>470</sup>.

Ainda mais, o profeta (a paz esteja com ele) eleva a moral e o espírito do enfermo ao céu ao informá-lo que esta doença expia os seus erros e é um caminho para a salvação na Vida Eterna se este tiver paciência. Abu-Hurairah narra que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Nada aflige o muçulmano de dor, cansaço, preocupação, tristeza, moléstia ou apreensão, até mesmo um espinho que o atinge, sem que Allah redima parte de seus erros”<sup>471</sup>. O profeta (a paz esteja com ele) também disse, da narração de Anas: “Allah declarou: Se eu provar o Meu servo na perda de seus olhos, e este ter paciência, em troca deles lhe darei o Paraíso”<sup>472</sup>. Desta forma, os sentimentos do enfermo são elevados ao céu, e ele nunca irá se sentir um elemento incapacitado e negligenciado dentro da sociedade, pelo contrário, ele tem a sensação de que todos estão cuidando dele.

Esta perspectiva islâmica elevada não é dirigida apenas aos enfermos muçulmanos, mas a todos os enfermos, independente de sua religião. Isto parte do nobre versículo no qual Allah (exaltado seja) declara: **[E, na verdade, honramos os filhos de Adão]** (Al Isrá: 70). O ser humano é honrado e, portanto, nos preocupamos em cuidar dele quando ele está doente e em tratá-lo quando ele reclama de dor, mesmo que não seja um

468 Al Bukhari: Kitab Al Janaiz (Livro dos Fétretos) (1183) e Muslim: Kitab Al Salam (Livro da Saudação) (2162).

469 Al Tirmizhi: Kitab Al Bir wa Al Silah (2008), Ibn Majah (1443), Ahmad (8517), Ibn Hibban (2961). Veja: Al Albani, Sahih Al Jami' (6387)

470 Al Tirmizhi: Kitab Al Tib (Livro de Medicina) (2087), Ibn Majah (1438) e outros.

471 Al Bukhari: Kitab Al Mardha (Livro dos Enfermos) (5318) e Muslim: Kitab Al Bir wa Al Silah wa Al Adab (2573).

472 Al Bukhari: Kitab Al Mardha (Livro dos Enfermos) (5329), Ahmad (12490) e outros.



muçulmano. O profeta (a paz esteja com ele) visitou um judeu quando ele adoeceu<sup>473</sup>, e Al-Bukhari dedicou um capítulo especial em seu Sahih (coletânea de tradições do profeta) a esta questão, à qual intitulou “Capítulo: Visita ao doente idólatra”.

Esta dimensão humanista que foi plantada dentro de nós pela lei islâmica fez os médicos muçulmanos em todas as eras da civilização islâmica lidarem com o paciente como um ser humano e não como “uma coisa sem sentimento” ou uma fonte de renda. O paciente foi sempre tratado como um ser humano em crise, que precisa de alguém para estar ao seu lado, e não como alguém que precisa apenas receber ajuda médica, mas também ajuda psicológica, emocional, social e econômica.

Os médicos muçulmanos trataram os seus pacientes com este espírito nobre. O serviço médico de alto nível era oferecido aos enfermos no Governo Islâmico sem distinção entre ricos e pobres, árabes e não árabes, negros e brancos, governantes e cidadãos, muçulmanos e não muçulmanos. Na maioria dos casos, o tratamento era gratuito para todos, e todos os pacientes recebiam o mesmo nível de serviço, independente de seu nível.

Vamos analisar juntos algo sobre o sistema dos hospitais islâmicos, o que reflete a dimensão humanista que citamos. Uma vez que o paciente entra no hospital, ele é analisado primeiro na sala externa. Se ele está sofrendo de uma doença simples, o tratamento é prescrito a ele e é dado a ele da farmácia do hospital. Se for necessário admiti-lo no hospital, seu nome é registrado, é levado para a casa de banho para lavar-se. Ele, então, tira a roupa para ser colocada em um armário especial e recebe roupas especiais do hospital, entra em uma enfermaria de casos semelhantes ao dele. Ele tem um leito exclusivo, e não é permitido compartilhar o seu leito com nenhum outro paciente, por consideração aos seus sentimentos.

Depois que o paciente entra no hospital islâmico, lhe é dado o medicamento que o médico prescreveu-lhe, alimentos especiais apropriados para a sua condição e em quantidades também prescritas. Os tipos de alimentos oferecidos nunca foram restritos, os enfermos tinham os melhores tipos de alimentos, a alimentação dos enfermos incluíam carne de cordeiro, boi, aves e de frango. Além disso, as quantidades de alimentos nunca foram restritas, e era um sinal da cura do paciente ele comer uma fatia inteira de pão e um frango inteiro em uma única refeição.

Quando o paciente está em reabilitação, ele é admitido na ala especial dos reabilitados, até ficar completamente curado, então, lhe é dada

---

473 Veja: Al Bukhari, da narração de Anas ibn Malik: Livro dos Enfermos (5333).

uma roupa nova gratuitamente. Não só isso, mas ele também recebia uma quantia de dinheiro que lhe bastava até se tornar capaz de trabalhar, para garantir que ele não terá a necessidade de trabalhar durante o seu período de reabilitação e terá uma recaída<sup>474</sup>.

E você nem precisa perguntar do tamanho da tranquilidade que o pobre usufrui na sociedade islâmica, quando ele sabe que, se adoecer, encontrará esse serviço médico de nível e gratuito, sem precisar suar, procurar mediações ou ainda estender a mão para pedir dinheiro para receber a atenção médica que ele merece.

Como é maravilhosa a recomendação de Abu Bakr Al-Razi aos seus alunos: que a cura dos doentes seja o seu principal objetivo e não o lucro. Ele também aconselhou-os a tratar os pacientes pobres com o mesmo entusiasmo e atenção com que tratam os ricos e os emires. Além disso, eles devem deixar os pacientes acreditarem que eles estão se recuperando, mesmo se não houver provas sólidas, pois o corpo responde ao que a alma sente<sup>475</sup>.

Este elevado nível de cuidados de saúde não existia apenas nas grandes cidades, mas também em todas as regiões da dinastia islâmica, através dos hospitais móveis, sobre os quais assinalamos anteriormente. Eram hospitais que chegavam a todas as aldeias, montanhas e lugares distantes. É importante observar que os povos da administração islâmica eram vistos como iguais no assunto de assistência médica, independentemente de seus ambientes e suas condições econômicas ou sociais.

Na verdade, a visão islâmica compassiva sobre o enfermo atravessou todos os níveis sociais, para abranger os presos que prejudicaram suas sociedades. Eles também receberam assistência médica adequada, porque são seres humanos e pertencem à sociedade depois, e o que eles recebem de prisão e punição destina-se a reformá-los e não a matá-los lentamente como ocorre com os prisioneiros no mundo atual. O ministro Ali ibn Issa ibn Al-Jarrah escreveu a Sinan ibn Thabit, chefe dos médicos de Bagdá: "... eu pensei sobre a situação dos prisioneiros, devem estar expostos a muitas doenças devido ao seu grande número e ao ambiente ruim. Assim, você deve nomear médicos para visitá-los diariamente, carregar-lhes medicamentos e alimentos, e estes médicos devem movimentar-se em todas as prisões e tratar os doentes presos"<sup>476</sup>.

Esta extrema humanidade não poderia continuar ao longo dos tempos da civilização islâmica, se não fosse a generosidade das nações

474 Mustafa Al Siba'i: *Min Raua'i Hadharatina* (Das Maravilhas da Nossa Civilização), p. 110.

475 Abdul Mun'im Safu: *Ta'lim Al Tib indal Arab* (O Ensino da Medicina entre os Árabes), pesquisas da assembleia científica da associação síria de história das ciências, p. 279.

476 Ibn Al Qufi: *Tarikh Al Hukama*, p. 148.

muçulmanas, juntamente com o apoio do próprio país. Este é o sistema de doações de caridade (*al auqaf al khairiah*) e o papel que este sistema desempenhou na assistência aos enfermos. Todos os hospitais de alta categoria dependiam do rendimento de um fundo patrimonial (*uaqf*) doado por um dos muçulmanos, incluindo o próprio governador, para cobrir todas as necessidades do hospital, incluindo pacientes, médicos, móveis, alimentos, ervas medicinais e remédios, e chegando a financiar os estudantes de medicina que estudam naquele hospital. Um dos grandes exemplos disso é o grande hospital Al-Mansuri, que foi fundado no Cairo pelo Rei Al-Mansur Saifuddin Qalawun (em 683 d.H), e foi estabelecido um *uaqf* que cobria as suas despesas anuais (como mencionamos anteriormente).

Ainda com relação às doações de caridade e seu papel na cobertura do lado humanista da medicina entre os muçulmanos, temos que mencionar aqui alguns dos exemplos inovadores e pioneiros de lidar com a psicologia do paciente. O rendimento de algumas doações foi dedicado à nomeação de duas pessoas que se deslocavam ao hospital diariamente, e conversavam em voz baixa ao lado do paciente, de modo que ele os ouvia sem vê-los. Eles conversavam sobre a melhora daquele paciente e o faziam acreditar que ele está ficando melhor. Essa caixa de doação era conhecida como o “*uaqf de enganação do enfermo*”! E tinha como objetivo elevar seu espírito para ser curado mais rápido<sup>477</sup>.

Esta dimensão humanística no trato com os pacientes não foi uma atitude pessoal adotada por alguns médicos, nem era um desejo popular de fazer o bem mostrando compaixão. Foi sim uma atitude generalizada decretada por meio de políticas governamentais e adotada por indivíduos, governantes e cidadãos. O califa ou o emir frequentemente verificava os pacientes pessoalmente e supervisionava o processo de tratamento, certificando-se que foi bem feito. É citado que Al-Mansur Al-Muwahidi (o rei da dinastia almóada no Marrocos) tinha uma visita semanal ao hospital Al-Mansuri em Marrakech após a oração da sexta-feira, na qual ele se certificava pessoalmente sobre as condições dos pacientes<sup>478</sup>.

Outro lado humanista da medicina islâmica no trato com os enfermos é o que a lei islâmica contém de maneiras para resguardar a dignidade do enfermo, proteger a sua vergonha e garantir a progressão das fases de exame e tratamento, sem violar a privacidade. Na lei islâmica, por exemplo, não é permitido descobrir as partes íntimas do paciente, com exceção de extrema necessidade e somente na quantidade necessária no exame ou na

477 Mustafa Al Sibā'i: *Min Rau'ī Hadharatina*, p. 112.

478 *Idem*, p. 116.

cirurgia. Também, o exame do paciente não pode ser testemunhado por quem não está diretamente envolvido no processo médico e, especialmente, as pessoas do sexo oposto. Além disso, um médico não tem permissão de ficar sozinho com uma paciente a menos que um de seus parentes íntimos masculinos (mahram) ou outra pessoa do sexo feminino, como a enfermeira, por exemplo, esteja presente. Os hospitais na civilização islâmica levaram em consideração a separação entre homens e mulheres em seus departamentos internos, respeitando a privacidade de cada gênero.

Também, entre as características da abordagem humanista no tratamento da medicina islâmica com os enfermos, temos a consideração do direito do paciente ao tratamento. É permitido ao médico do sexo masculino tratar uma paciente do sexo feminino e vice-versa, quando não existe uma alternativa competente do mesmo sexo que pode fazer o trabalho perfeitamente. Esta regra visa não privar o paciente – seja homem ou mulher – de tratamento adequado. A fim de preservar a saúde e a vida do paciente, a lei islâmica também permitiu que o paciente muçulmano procure o tratamento com médicos não-muçulmanos, se ele não puder encontrar um médico muçulmano que possa lhe oferecer tratamento.

Selamos este capítulo lembrando que o sistema de saúde na civilização islâmica se baseou num sentimento islâmico puro sem similar na história e desconhecido pelos ocidentais até os dias de hoje. Basta o fato de esta civilização ter tornado a medicina, o tratamento e a alimentação dos enfermos gratuitos, mais ainda, dava aos pacientes pobres o que os sustentava até estarem curados totalmente e capacitados a trabalhar e seguir as suas vidas normalmente. Esta é uma tendência humanitária que alcançou o auge da alteza e universalidade.



## Sexto Capítulo

### As Pousadas e Hotéis

A civilização islâmica conheceu o sistema de hotelaria desde os primórdios do Islam. O Alcorão Sagrado indicou que é permitida a entrada em lugares públicos – dentre eles, os hotéis – como um sinal do realismo e do socialismo do Islam. Allah (exaltado seja) disse: *[não há culpa sobre vós, em entrardes em casas não habitadas, em que há proveito para vós]* (Annur: 29). Al Imam Al Tabari comentou sobre este versículo dizendo: “Vocês não estarão a cometer um erro se entrarem em uma casa que não tem habitante sem permissão. Em seguida, há divergência sobre que casas são as citadas? Alguns disseram: Significa os hotéis e casas construídas no caminho, que não têm habitantes definidos, mas foram construídas para os viajantes para habitarem nestes locais e guardarem suas bagagens”<sup>479</sup>.

É interessante considerar que a criação desses hotéis desde o início desta civilização destaca o alto nível da civilização islâmica e a sua preocupação com as condições dos viajantes e estrangeiros. E sendo que “ibn al sabil” (o viajante) faz parte dos fundos do zakat, o sistema administrativo islâmico procurou proporcionar o necessário ao viajante entre alimentos, bebidas e alojamento. Desta maneira, as pousadas e hotéis foram concebidos pela lei islâmica, e tornaram-se uma magnífica aplicação com a qual a civilização islâmica se destacou em sua longa história.

As pousadas se espalharam ao longo das rotas de comércio entre as cidades islâmicas, e a maioria dos seus frequentadores eram comerciantes e estudantes. Estas casas ofereciam a hospitalidade de comida e bebida de graça aos pobres, necessitados e viajantes. A partir daí, estas pousadas que

479 Al Tabari: Jami' Al Baian fi Ta'u'il Al Qur'an 19/151.

surgiram e ofereciam alimento gratuitamente foram denominadas “dar al dhiafah” (casa da hospitalidade)<sup>480</sup>.

Estas pousadas eram consideradas verdadeiros abrigos preparados pelo Estado ou por filantropos para os viajantes, onde se protegiam do calor do verão e do frio de inverno. Sa’dan ibn Iazid – um dos sábios do terceiro século islâmico – narra que ele recorreu a uma das pousadas em uma noite chuvosa, repleta de trovões e relâmpagos em 262 d.H, e encontrou a pousada totalmente lotada por causa do frio extremo<sup>481</sup>.

Estes lugares eram preparados para que os estudantes estudassem, sem ruídos ou barulho. Ibn Ássakir menciona que “Abu Amr Al-Saghir disse: “Descemos em uma pousada em Damasco, perto do palácio, e rezamos a oração do ássr (oração da tarde). Nós queríamos chegar cedo ao encontro de Ahmad ibn Umair, porém, o recepcionista do hotel veio correndo e perguntou: Onde está Abu Ali, o Hafidh? Eu disse: Aqui. Ele disse: “...O sheikh veio como visitante. Eu sai e vi o sheikh montado em uma mula, ele desceu da montaria, e subiu ao quarto em que estávamos hospedados. Ele cumprimentou Abu Ali, o recepcionou e mostrou alegria com sua chegada, e começou a estudar até perto do anoitecer, e depois disse: Ó Abu Ali, você recolheu os hadith de Abdullah ibn Dinar? Abu Ali disse: Sim. Ele disse: Dei-me. Abu Ali deu-lhe e ele levou-o e colocou-o em sua mão, se levantou e partiu”<sup>482</sup>.

A presença de hotéis como esse era um fator de auxílio para estudantes para viajarem para qualquer cidade. Al-Zhahabi citou que o grande sábio da Andaluzia Baqi ibn Mukhallad – que Deus tenha misericórdia dele – chegou a Bagdá para aprender o hadith com o Imam Ahmad ibn Hanbal – que Allah tenha misericórdia dele – que estava preso. Logo após a sua libertação da prisão (depois da provação sobre a questão da criação do Alcorão), e quando percebeu que iria permanecer por um longo tempo em Bagdá, ele alugou um quarto num hotel. Ele se dirigia até o Imam Ahmad todos os dias fingindo ser um homem pobre, aprendia um ou dois hadith, e retornava ao seu quarto no hotel. Permaneceu assim até que foi permitido a Ahmad ibn Hanbal dar aulas em público!<sup>483</sup>

O assunto hoteleiro se desenvolveu na civilização islâmica, de modo que seus hóspedes não se resumiram apenas aos comerciantes e estudantes. Alguns califas se hospedavam nesses hotéis durante suas viagens. O califa abássida Al Mu’tadid se hospedou no hotel Al Hussain, perto da cidade de

480 Fuad Yahya: *Jard Athari likhanat Dimashq* (Um Inventário Arqueológico dos Hotéis de Damasco), p. 69.

481 Ibn Al Jawzi: *Al Muntadham* 5 / 39.

482 Ibn Ássakir: *A História de Damasco* 5 / 115.

483 Al Zhahabi: *Siar A’alam Al Nubala* 13/293.

Iskenderun (atualmente na Turquia) no ano 287 d.H, durante sua inspeção às condições das fronteiras e das cidades da região da Síria<sup>484</sup>.

Muitos califas trabalharam para a construção destes hotéis, pois eles eram ligados à administração do Estado. Havia gastos destinados aos viajantes, pobres e estudantes. O califa Al-Mustansir (falecido em 640 d.H) ficou conhecido por construir estes hotéis que abrigavam os pobres e os vianjantes<sup>485</sup>.

Outro personagem que ficou conhecido por construir hotéis gratuitos é o emir Nur Al-Din Mahmud. Abu Shama relatou em seu livro “Al-Raudhatain” que Ibn Al-Athir disse que Nur Al-Din Mahmud “construiu as pousadas nas estradas e, assim, as pessoas ganharam segurança, os seus bens foram preservados e ganharam abrigo do frio e da chuva no inverno”<sup>486</sup>.

Entre as mulheres que também se preocuparam com a construção de hotéis e pousadas, almejando ganhar a recompensa de Allah (exaltado seja): Ísmat Al-Din bint Muín Al-Din Anr (falecida em 581 d.H), esposa de Salahuddin, construiu o “hotel Ísmat Al-Din” na cidade de Damasco<sup>487</sup>. E outra mulher – cujo nome, Ibn Ássakir não citou – construiu o “hotel Ibn Al-Ánnazah” em Damasco também<sup>488</sup>.

E os hotéis não estavam centralizados apenas nas capitais das principais regiões, mas foram encontrados em muitas aldeias e regiões distantes. Um pintor francês chamado Simon contou o número de hotéis na cidade de Isfahan – quando a visitou em 1084 d.H – e totalizou 1.600 hotéis<sup>489</sup>.

Algumas destas pousadas tinham uma seção especial para guardar objetos e dinheiro, como um banco no nosso tempo. Os responsáveis por estes depósitos eram homens e mulheres, e só eram autorizados a devolvê-los aos seus respectivos donos. Isto foi mencionado por Ibn al Jawzi – que Deus tenha misericórdia dele – nos incidentes do ano 571 d.H: “Um comerciante vendeu algo que possuía por mil dinares, e enviou o dinheiro a Khan Al-Anbar (em Bagdá). Chegou até sua casa, só havia com ele na casa um servo negro que ele tinha comprado alguns dias antes. O servo levantou de noite e o bateu com uma faca em seu coração, pegou a chave e foi para Khan Al-Anbar. Ao bater na porta, a recepcionista perguntou: Quem é você? Ele respondeu: “Eu sou o garoto de fulano, enviou-me

484 Ibn Kathir: O início e o fim 5 / 635.

485 Idem 13/186.

486 Abu Shama: Al Raudhatain p. 12.

487 Ibn Al Imad Al Hanbali: Shuzhurat Al Zhahab 4 / 319.

488 Ibn Ássakir: A História de Damasco, 2 / 320.

489 Will Durant: História da Civilização 24/498.



para levar algo da pousada para ele”. Ela disse: “Juro por Deus, que eu não abro para ti até que o seu senhor compareça”. Então, ele voltou para pegar o que havia na casa, mas encontrou o guarda da região, que ouviu o grito do homem quando foi golpeado com a faca. Este pegou o garoto, e seu senhor sobreviveu dois dias e recomendou que o garoto fosse morto depois dele<sup>490</sup>.

Algumas dessas pousadas (khan) também eram equipadas com cozinhas, e seus proprietários selecionavam os melhores cozinheiros que eram contratados com salários definidos, a cozinha fornecia a todos os viajantes que se hospedavam três onças de pão (o equivalente a um quilo de pão), 250 gramas de carne cozida e um prato de comida, entre outros alimentos. Há uma referência no documento do uaqf do Khan “Kara Tai” (na era dos seljúcidas): “deve ser fornecido a cada hóspede ou pedinte no khan mencionado, sejam eles muçulmanos ou não muçulmanos, homem ou mulher, livre ou escravo, três uqiyahs (onça) de pão bom, cada uqiyah equivalente a cem dirhams, uma bacia de comida, com uma onça de carne cozida<sup>491</sup>”.

Observamos no texto do documento citado anteriormente, que a civilização islâmica zelava em aplicar a igualdade, tanto nos direitos como nos deveres, sem diferenciar entre muçulmanos e outros, entre livres e escravos, bem como entre homens e mulheres. A cozinha também oferecia doce de mel toda noite de sexta-feira, para todos os passageiros de forma igual. No documento de “Kara Tai” consta: “No khan mencionado haverá em cada noite de sexta-feira doce de mel e deve ser distribuído para os hóspedes e visitantes sem privilégio<sup>492</sup>”.

Algumas cidades da Andaluzia ficaram famosas com seus vários e movimentados hotéis. Al Himiari afirmou em seu livro “sifat jazirat al Andalus” (Descrição da Ilha da Andaluzia) que a cidade de Almeria “tinha novecentos e setenta hotéis<sup>493</sup>”. O alto número de hotéis é uma prova do grande número de visitantes desta antiga cidade.

A difusão destes hotéis na Andaluzia ocorreu de forma ampla desde a época da dinastia omíada, porém alguns deles se desviavam da moral pública, e alguns emires procuraram fechá-los por causa da desordem moral que causavam na sociedade. No ano 206 d.H “Al Hakam ibn Hisham mandou demolir o hotel que se situava em Rabadh, seu recepcionista era

490 Ibn Al Jawzi: Al Muntadham 10/265.

491 Fahim Fathi Ibrahim: As pousadas na civilização árabe islâmica, no link: <http://www.arabicmagazine.com/ArtDetails.aspx?id/56>.

492 Veja o texto do documento do khan de Kara Tai sobre: Turan (Osman), Celâleddin Karatay, Vkıfları ve Vakıfıyeleri, Belleten, Cilt: XII, Sayı: 45, 46, 47, 48, Türk Tarih Kurumu Basimevi, Ankara, 1948, p. 95-96.

493 Al Himiari: Descrição da Ilha da Andaluzia, p. 64.

uma pessoa corrupta e libertinosa, então foi demolido”<sup>494</sup>. Não há dúvida de que tais atos que ocorriam em alguns hotéis antigamente, são exatamente o que vemos ou ouvimos falar em muitos dos nossos hotéis modernos, mas há uma grande diferença entre os dois casos, porque os califas e emires agiam contra esses males com firmeza e força, punindo estes hotéis com punições rígidas e os demolindo. Porém, o caso dos hotéis desta época é totalmente o contrário disso!

Alguns sultões também chegaram a construir muitos hotéis e estabelecê-los como *uaqf* para os pobres, necessitados e viajantes. O sultão da dinastia Marinida no Marrocos, Abu Ya’qub Yussuf Al Marini (falecido em 706 d.H) concordou em reformar o hotel “Al Chamma’in”, na cidade de Fez, depois de ter se deteriorado, e o estabeleceu como moradia exclusiva para os visitantes da Grande Mesquita da cidade<sup>495</sup>.

As pousadas e hotéis também se espalharam de maneira ampla na era dos mamelucos, mas a nova adição feita por este Estado no curso da civilização islâmica foi a criação de hotéis especiais para as pequenas comunidades existentes no Egito e na Síria, que eram comerciantes e viajantes ocidentais. Al Maqrizi citou que os cipriotas que atacaram a cidade de Alexandria em 783 d.H queimaram muitas casas, lojas e hotéis. Ele disse: “Os desgraçados queimaram o hotel de Al kitlaniyn, o hotel al junuiyn, o hotel al mauzah e o hotel de al musiliyn”<sup>496</sup>. Estes hotéis mencionados por Al Maqrizi eram exclusivamente para os comerciantes europeus e italianos, tais como os comerciantes da cidade italiana de Gênova, o que demonstra a preocupação da civilização islâmica com os não-muçulmanos e com os comerciantes europeus na época medieval.

O Estado ainda se preocupou em fazer um hotel exclusivo para os profissionais de uma determinada área. Havia um hotel para os comerciantes sírios de óleo, que era o hotel Tarantai, na cidade do Cairo<sup>497</sup>.

A presença de hotéis e pousadas desde o início da história da civilização islâmica demonstra a importância da dimensão social que é observada por essa civilização em todas as suas aplicações, materiais e morais. Ainda mais, esta civilização acrescentou uma outra dimensão solidária, jamais conhecida por qualquer outra civilização, ao tornar muitos desses hotéis e pousadas disponíveis gratuitamente para todas as classes sociais e humanitárias. A pessoa permanecia nesse hotel quanto Deus quisesse que ela ficasse, sem ser perturbado por ninguém na tranquilidade de sua vida e sem

494 Ibn Adara: Al Baian Al Mughrib 1 / 173.

495 Al Maqarri: Nafh Al Tib 5 / 265.

496 Al Maqarri: Al Suluk (O comportamento) 5 / 114.

497 Idem 3 / 44.

ser incomodado em sua missão, seja ele um comerciante, um estudante ou um viajante... e não há dúvida de que essa imagem incrível da história da civilização islâmica nos confirma, repetidamente, a grandeza da proposta humanitária oferecida por esta civilização eterna!

Após esta coletânea rápida de uma série dos mais grandiosos sistemas islâmicos, sentimos que há um valor que se firmou em nossa consciência através das páginas desta seção, esta é a humanidade desta civilização, que se construiu sobre um pilar do qual jamais irá se desligar, o pilar da ética derivada de uma fonte divina que é inesgotável para sempre. Por isso, encontramos a impressão moral que tem caracterizado a civilização islâmica clara em todas as suas instituições, a ponto desses valores culturais islâmicos se tornarem um farol que ilumina sobre todo o mundo.

## Parte 7

### **Alguns dos Belos Aspectos na Civilização Islâmica**

---

**Um** dos aspectos de grandeza e perfeição da civilização islâmica é que ela não ignorou o fator estético como um valor importante na vida do homem. Ela o tratou partindo do conceito de que sentir a beleza e se inclinar a ela é uma disposição inata enraizada nas profundezas da alma humana saudável. A alma que ama a beleza e se encanta com tudo que é belo, se afasta de tudo que é feio.

Sem dúvida, esta criatividade estética é uma dimensão fundamental na civilização humana. Qualquer civilização sem o elemento de beleza e sem maneiras de expressar a beleza é uma civilização que não responde aos sentimentos humanos naturais e não satisfaz os desejos psicológicos, que se atraem por tudo que é belo.

Nestes artigos, apresentaremos parte dos aspectos da beleza na civilização islâmica – os aspectos que formaram o quadro geral no qual se formou esta civilização, tingindo-a com perfeição e glória, bem como com a natureza humana. Iremos abordar isso através dos seguintes capítulos:

**Primeiro Capítulo:** As Artes Islâmicas

**Segundo Capítulo:** A Beleza das Máquinas e dos Artigos Industrializados

**Terceiro Capítulo:** A Beleza do Meio Ambiente

**Quarto Capítulo:** A Beleza Humana Externa

**Quinto Capítulo:** A Beleza Humana Educacional e de Conduta

**Sexto Capítulo:** A Beleza dos Nomes, Apelidos e Endereços

**Sétimo Capítulo:** Córdoba... Modelo de uma Bela Cidade Islâmica



## Primeiro Capítulo

### As Artes Islâmicas

---

**As** artes em geral são consideradas um aspecto fundamental da cultura dominante na sociedade. E a arte islâmica, em específico, é considerada uma das mais puras e precisas formas de expressão da civilização islâmica, e também, um espelho brilhante da civilização humana, porque a arte islâmica é uma das maiores artes produzidas pelas civilizações do mundo nos tempos antigos e modernos. No entanto, ela não recebeu a pesquisa e o estudo que realmente merece. E muitos dos escritos sobre a arte islâmica não foram efetivamente baseados nos critérios intelectuais e culturais sobre os quais a arte islâmica se constituiu, mas sim, baseados em outros critérios ocidentais.

Várias formas e tipos destas artes se estilizaram com o estilo islâmico e distinguiram a civilização islâmica das outras civilizações. Essas formas podem ser esclarecidas através dos seguintes objetos de pesquisa:

1. A Arte da Construção (Arquitetura Islâmica)
2. A Arte da Decoração
3. A Arte da Escrita Árabe

## 1

# A Arte da Construção [Arquitetura Islâmica]

A arquitetura islâmica tem uma identidade e estilo especiais e destacados, observados pelos olhos imediatamente, seja por causa de sua reprodução geral, dos elementos arquitetônicos destacados ou das ornamentações utilizadas. O engenheiro muçulmano se destacou nos trabalhos arquitetônicos ao definir os desenhos e detalhes minuciosos, bem como os



*Mesquita do Sultão Ahmet, Istambul*

modelos sólidos necessários para a execução, lado a lado com as medições iniciais. Sem dúvida, isto exigiu dele o aprofundamento nas ciências da matemática, engenharia e mecânica, tais ciências em que os muçulmanos se destacaram como já ilustrado em artigos anteriores. E a seguir a apresentação de algumas técnicas da arquitetura islâmica, para conhecermos sobre a sua importância e as contribuições dos muçulmanos em sua inovação e desenvolvimento<sup>498</sup>.

**(1) As Cúpulas (Al Qibab):** Os muçulmanos foram excelentes construtores de cúpulas enormes e tiveram sucesso na realização de seus cálculos complexos, que são baseados nos métodos de análise de conchas. Tais estruturas complexas e sofisticadas, como Qubbat Al Sakhra (Domo da Rocha), em Jerusalém, e as cúpulas das mesquitas de Astana, Cairo e Andaluzia – se baseiam completamente em cálculos matemáticos complexos. Estes domos transformam as mesquitas em peças de beleza. Basta observar a Mesquita do Sultão Ahmet, em Istambul, como exemplo desta beleza, para perceber a grandeza da civilização islâmica.

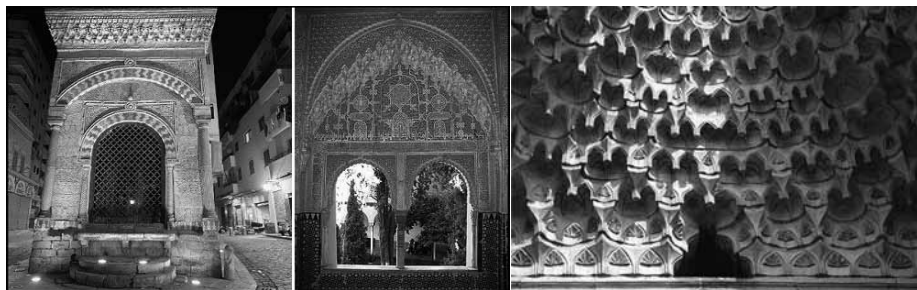
1609 Ahmad Fuad Basha: Al Turath Al-Ilmi Al-Islami, p. 39-47.

As cúpulas, além de outras produções, marcam a evolução da civilização islâmica no domínio da arquitetura. A técnica das cúpulas se desenvolveu muito e, em todo o seu curso de desenvolvimento tomou várias formas geométricas. Por exemplo: a cúpula de Al-Masjid Al-Jami em Qairawan; mesquita Al-Zaitunah, na Tunísia; e Al-Masjid Al-Jami, em Córdoba. As influências dessa evolução foram, posteriormente, visíveis na arquitetura europeia nos séculos 11 e 12 d.C.<sup>499</sup>.

**(2) As Colunas (Al A'midah):** As colunas são parte importante da arte islâmica, com os seus capitéis, arcos e laços de madeira, a ponto de surgir um ramo da arquitetura denominado de ciência dos arcos estruturais. Os arcos em forma de ferradura se tornaram um sinal distintivo da arquitetura islâmica. Mesmo havendo arcos antes disso, porém os muçulmanos mudaram sua forma.



**(3) As Abóbodas (Al Muqarnasat):** Elas são uma das principais características da arquitetura islâmica e são as partes que descem do teto. Existem dois tipos de abóbodas: internas, que são normalmente construídas nos oratórios (mihrab, nichos de oração) e nos tetos. E externas, construídas em minaretes, nas portas e varandas dos palácios.



*Abóboda externa*

*Abóboda interna*

499 Ahmad Fuad Basha: Al Turath Al Ilmi Al Islami, p. 41.





*Janela de sacada fechada*

**(4) As Janelas (Al Mashrabiyyat):** Elas são um dos elementos mais marcantes da arquitetura islâmica. É uma janela de sacada fechada com treliças de madeira talhada localizada no segundo andar de um edifício ou andar superior. Muitas vezes são revestidas com vitrais e podem ser perfuradas ou ornamentadas. Elas são chamadas mashrabiyyat qamariah (lunares) se forem redondas, e mashrabiyyat shamsiah (solares) se não forem de forma arredondada, ou é denominada shish. Elas são feitas de madeira cortada para ser instalada como cortina para as janelas do edifício. Um de seus benefícios é amenizar a nitidez da luz que

vem de fora, a mulher também pode observar quem está do lado de fora sem ser vista. Isso se tornou uma característica básica em casas islâmicas<sup>500</sup>.

**(5) A acústica arquitetônica (Al Sautiyat Al Mi'mariyah):** Acredita-se que os muçulmanos originaram a acústica e firmaram os seus princípios. Os muçulmanos empregaram as aplicações da acústica no desenvolvimento da técnica de engenharia acústica e no uso do que hoje é chamado de “acústica arquitetônica”. Eles perceberam que o som reflete em superfícies côncavas e se reúne em um único foco como a luz, que reflete em superfícies de espelhos côncavos. Os técnicos muçulmanos usaram a técnica da focalização do som em fins de construção civil e, particularmente, nas grandes mesquitas congregacionais. O objetivo era transmitir e fazer a voz do orador mais forte durante os sermões nas sextas-feiras e nos dias de festa (id). Exemplos da acústica arquitetônica islâmica podem ser vistos na: velha Mesquita de Isfahan, Mesquita de Al-Adiliya em Halab (Aleppo), algumas mesquitas antigas em Bagdá. O teto e as paredes da mesquita costumavam ser projetados com superfícies côncavas distribuídas perfeitamente nos cantos da mesquita a fim de assegurar que o som irá atingir todos os cantos dentro da mesquita.

Essas façanhas islâmicas existentes até os dias de hoje são a melhor prova da liderança dos sábios da civilização islâmica na técnica de engenharia e arquitetura acústica, antes mesmo do conhecido cientista Wallace C. Sabine<sup>501</sup> começar a estudar as razões das características ruins do som de uma sala de aula na Universidade de Harvard, e antes de seu estudo do comportamento das características acústicas nas salas e nos estúdios de música<sup>502</sup>.

Para descobrir a importância do desenvolvimento do campo da acústica arquitetônica nas mãos dos muçulmanos, basta mencionar que a focalização do som, cujos benefícios de sua aplicação foram posteriormente destacados, é

500 Abdul Monem Majid: *Tarikh Al Hadarah Al Islamiah Fi Al Usur Al wusta* (A História da Civilização Islâmica na Idade Medieval), p. 268, 269.

501 Wallace Clement Sabine: 1868-1919, físico americano a quem é atribuído ter fundado a ciência da acústica arquitetônica.

502 Forbes S. G. e Dixtroux A. G., *A história da ciência e da tecnologia*, p. 68.

usada na civilização moderna como um elemento básico de engenharia acústica arquitetônica. Teatros e salões de festa são equipados com paredes côncavas no fundo, a fim de repetir o som e torná-lo mais alto e mais claro.



*Mesquita Omíada, em Damasco*

**(6) Os Arcos (Al Úqud):** As referências históricas e estudos no assunto da arquitetura islâmica afirmam que o arco pneumático foi o primeiro padrão de técnicas de engenharia arquitetônica a surgir entre os muçulmanos. Este arco foi usado na Mesquita Omíada (Al-Masjid Al-Umawi) em Damasco, em 87 d.H / 706 d.C. Mais tarde, arcos pneumáticos foram utilizados em uma

escala maior e tornaram-se um elemento distintivo da arquitetura islâmica, em especial nos países do oriente árabe e na Andaluzia. Em seguida, os construtores europeus assimilaram esta técnica e a utilizaram por toda a Europa na construção de suas igrejas e mosteiros.

Os muçulmanos também desenvolveram a técnica de “arcos de aberturas triangulares”, que se desenvolveu a partir de uma ideia de engenharia pura baseada na divisão aritmética. Isto foi descoberto por pesquisadores em função de um desenho em uma parede nos escombros da cidade de Al-Zahra’, na Andaluzia. E o uso deste tipo de arcos se difundiu nas igrejas da Espanha, França e Itália.

Temos também a técnica dos arcos aparados, que são arcos com suas bordas internas cortadas em forma de cadeia de semicírculos ou semelhante a um arco de semi-lobos. Embora este arco talvez tenha sido desenvolvido a partir da forma da borda de uma concha, ele tomou uma forma geométrica pura da arquitetura islâmica e se tornou de suas inovações, aparecendo inicialmente nos monumentos islâmicos no início do segundo século islâmico (século VIII cristão). As características completas dos arcos aparados ficaram claros na estrutura da cúpula da grande Mesquita de Al Qairawan (Al-Masjid Al-Jami) no ano 221 d.H / 836 d.C. E a forma geométrica deste arco foi mantida durante o curso de sua evolução, apesar da variação de seus padrões. Nos séculos posteriores, os arcos aparados se entrelaçaram e aumentaram o número de lobos, ficaram menores e foram introduzidas pequenas flores e rosas, tornando sua forma artística e atraente, e foram utilizadas no enfeite dos minaretes e oratórios.

Além desses tipos de arcos, vários outros modelos de arcos surgiram na arquitetura islâmica: arcos ogivais, arcos sólidos e arcos divergentes. Seu uso se difundiu nos países do oriente e do ocidente igualmente, e existem exemplos desses tipos de arcos na arquitetura europeia. Por exemplo: O arco divergente transferiu-se para a arquitetura inglesa e foi largamente aplicado no século VI, sob o nome de arco Tudor (Tudor Arch). No

entanto, a arquitetura islâmica foi precursora em seu uso cinco séculos antes nas mesquitas de Al-Jiyushi, Al-Aqmar e Al-Azhar, no Cairo<sup>503</sup>.

**(7) As represas e barragens (Al Sudud wa Al Qanatir):** As características de beleza da arquitetura islâmica se estenderam para abranger também as barragens, represas e canais, com técnicas exclusivas de concepção e execução. Essas obras dão uma dimensão adicional de beleza à água que passa através dos canais e rios. E isto significa que a arquitetura islâmica e as suas formas geométricas e estéticas eram reflexos naturais das épocas de crescimento e avanço da civilização islâmica.

**(8) As Paredes (Al Aswar):** O arquiteto muçulmano baseava-se nos aspectos práticos da ciência da mecânica. Isso ficou evidente na estrutura das enormes mesquitas e altos minaretes, bem como nas enormes barragens e represas, como a barragem de Al-Nahrawan, a barragem de Al-Rastan, a barragem do Eufrates, e Majra Al-Uyun no Cairo durante a era de Salahuddin, que transportava água da boca da baía do Golfo, no Nilo, até o castelo construído em cima da montanha de Al-Muqattam. Havia uma roda d'água girada por animais para levantar a água numa altura de 10 metros, para bombá-la no canal acima da barragem e fazê-la fluir com o método de vasos comunicantes até chegar no castelo.

**(9) As Fortalezas (Al Qila’):** As fortalezas árabes foram um dos principais acréscimos arquitetônicos que o Ocidente assimilou da arquitetura muçulmana, de acordo com Sigrid Hunke. O Ocidente conhecia apenas o padrão circular de design de fortaleza, e desde quando os muçulmanos conquistaram a Andaluzia e, posteriormente, a Sicília, e ocorreu o contato com os muçulmanos durante as Cruzadas, desde então, os padrões de construção se alteraram para o estilo árabe, caracterizado em sua maior parte pelo seu design quadrado e equipado com guaritas e torres para fins de defesa nos cantos de suas fortalezas, e às vezes no centro<sup>504</sup>.



*Forte de Qaitbay, Egito*

O esplendor da arquitetura sempre reflete o esplendor da civilização que a originou. Esta é uma regra histórica, como citou Ibn Khaldun: “O Estado e o reino são tão importantes para a construção como a imagem para a matéria, que é a forma de preservar a sua existência. Eles são inseparáveis e esta é uma regra da sabedoria. Um Estado sem construção é inimaginável, e a construção sem Estado é impossível.

E o desequilíbrio de qualquer um deles, significa o desequilíbrio do outro, assim como a inexistência de um deles afeta a inexistência do outro”<sup>505</sup>.

503 Ahmad Fuad Basha: Al Turath Al Ilmi Al Islami, p. 41.

504 Sigrid Hunke: O sol dos árabes resplandece sobre o Ocidente, p. 440 em diante.

505 Ibn Khaldun: Al Muqaddimah, 1 / 376, veja também: Adel Awadh: A cidade árabe islâmica e a cidade europeia, Revista de Ciência e Tecnologia, Instituto de Desenvolvimento Árabe, Edição 27, 1992, p. 32.

# 2

## A Arte da Decoração

O artista muçulmano se dirigiu para novos mundos, distantes do desenho de pessoas e da reprodução da natureza, onde ele mostrou a sua excepcional genialidade e criatividade, usou sua imaginação, seu sentido delicado e gosto autêntico. E o mundo da decoração e ornamentação é um desses mundos.

Se a indústria da estética é a função da arte islâmica, a ornamentação é um dos importantes meios que produzem esta beleza, pois é um ato puro que só objetiva produzir beleza, e aqui a forma da arte se combina com o seu conteúdo para se tornar uma unidade coesa para produzir beleza externa e internamente, o que dificilmente podemos encontrar em qualquer outra arte<sup>506</sup>.

A ornamentação islâmica tinha características distintas, que muito contribuíram para destacar a imagem civilizada do renascimento islâmico. Ela cresceu e prosperou extraordinariamente, tanto na concepção e produção, como nos temas e métodos. Os artistas muçulmanos usaram magníficas linhas decorativas na aparência e na formação e fizeram das formas decorativas modelos com os quais suas imaginações partiram para o infinito, a repetição, a renovação, a alteração e o entrelaçamento. Eles inventaram os quadrados em forma de estrela, as formas de decoração vegetal (Ataurique, do árabe: Al Tauriq) e as formas de decoração árabe que os europeus denominaram como “Arabesque”. Diversos países ainda têm mostrado interesse neste padrão de ornamentação árabe, desde que surgiu inicialmente na ornamentação Fatímida (Al Fatimiyah) e na Mesquita Al-Azhar, no meio do século quatro depois da hijrah (século X d.C). Os artistas muçulmanos da ornamentação arquitetônica também foram hábeis na escultura plana e escultura em madeira, pedra ou mármore, e foram hábeis no uso de cores e produção requintada de inscrições<sup>507</sup>.

E os elementos florais e elementos geométricos são pilares fundamentais desta arte, que às vezes são combinados ou separados. Assim, existem dois tipos de decoração: decoração vegetal e decoração geométrica<sup>508</sup>.

506 Saleh Ahmad Al Shami: Al Fan Al Islami Iltizam wa Ibdaa (A Arte Islâmica, Compromisso e Criatividade), p. 169.

507 Ahmad Fuad Basha: Al Turath Al Ilmi Al Islami (A Ciência do Patrimônio Islâmico), p. 44.

508 Idem, páginas 170-173.

## A ornamentação vegetal:

A ornamentação vegetal (Ataurique) consiste em projetos compostos de várias folhas e flores. Foram produzidos em diversos padrões, produzidos separadamente, em conjunto, de forma convergente e divergente. Em muitos casos, uma unidade decorativa é composta por um grupo de elementos florais em sobreposição, entrelaçamento, simétrica e regularmente repetitivo.

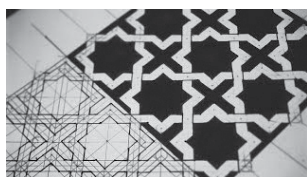


*Ataurique*



*Ornamentação vegetal*

Usando sua imaginação, o artista muçulmano conseguiu manter sua arte distante da imitação da natureza e, por isso, seus desenhos florais foram peças geométricas onde o elemento animado foi eliminado e o princípio da abstração prevaleceu. Tais projetos foram usados na decoração de paredes e abóbodas, várias antiguidades (bronzeados, vítreos e cerâmicos) e na ornamentação e encadernação de livros.



*Ornamentação geométrica*

## A ornamentação geométrica:

É outro tipo de ornamentação islâmica. Os muçulmanos se destacaram no uso de linhas geométricas e na fórmula de formas artísticas requintadas, incluindo polígonos, peças como estrelas e círculos sobrepostos. Elas foram usadas para adornar edifícios e antiguidades em madeira e bronze, na produção de portas e ornamento de tetos, o que demonstra um conhecimento avançado de geometria prática.

Os muçulmanos produziram várias formas geométricas a partir do círculo, incluindo hexágonos, octógonos, decágonos e, em seguida, triângulos, quadrados e pentágonos. Através do entrelaçamento de tais formas, preenchendo algumas áreas e deixando outras vazias, podemos obter uma quantidade infinita de tais decorações maravilhosas, que fazem fixar o olhar para levá-lo pouco a pouco a partir da parte para o todo e de um conjunto parcial para um conjunto maior.

O interesse e preocupação do artista muçulmano era encontrar uma formação inovadora, que nasce do entrelaçamento dos ângulos ou do emparelhamento das formas geométricas para dar mais beleza sóbria. Tais

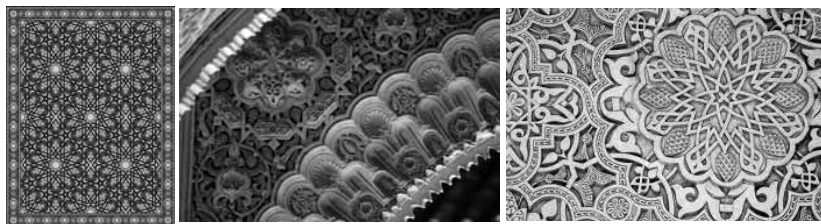
formas geométricas incluem círculos adjacentes e juntos, e linhas curvadas e entrelaçadas.

E dentre os principais desenhos geométricos nas artes islâmicas: As placas em forma de estrela, este tipo de desenhos decorativos foi utilizado na ornamentação de antiguidades em madeira e metal, páginas douradas de cópias do Alcorão e livros, e na ornamentação de tetos.

O crítico francês H. Faucillon de forma precisa e profunda, disse: “Eu não consigo encontrar nada que possa extrair vida de seu traje externo e nos levar ao seu conteúdo interno, como fazem as formações geométricas da decoração islâmica. Essas formas não são mais do que o fruto do pensamento com base em cálculos precisos, que possivelmente se transforma em algum tipo de diagramas de ideias filosóficas e significados espirituais. Contudo, não devemos deixar de perceber que por meio deste quadro abstrato nasce uma vida corrente entre as linhas, que compõem formações que aumentam e se multiplicam, separadamente uma vez, e em conjunto por diversas vezes, como se houvesse um espírito desnordeado que une tais formações e separa entre elas e, em seguida, as reúne novamente. Deste modo, cada formação pode ser diversamente interpretada, dependendo do que se analisa e se contempla. Mas, todas elas, ao mesmo tempo, ocultam e revelam o segredo de seu conteúdo de potenciais e energias sem limitações”<sup>509</sup>.

E dentre os principais processos artísticos de decoração islâmica: incrustação (mosaico), sobreposição, articulação, encravamento, decoração, revestimento e enrolamento. E as principais substâncias utilizadas são: mármore, gesso, madeira, metais, telhas, mosaico e cerâmica.

Sobre a arte decorativa e sua finalidade e características, Roger Garaudy<sup>510</sup> disse: “A arte decorativa árabe almeja ser uma expressão típica de um conceito de decoração que combina, ao mesmo tempo, abstração e conceito. O sentido da natureza musical e o sentido da geometria mental sempre compõem os elementos desta arte”<sup>511</sup>.



509 Tharwat Okasha: *Al Qiam Al Jamaliya Fi Al Emara Al Islamia* (Os Valores Estéticos da Arquitetura Islâmica), p. 39.

510 Roger Garaudy: (1331 d.H... / 1913 d.C...), filósofo contemporâneo francês especializado em pesquisa da civilização, história, literatura e ciências humanas. É um estudioso altamente qualificado que adotou diversas orientações e depois se converteu ao Islam, e colidiu com a política sionista através de seus vários escritos.

511 Roger Garaudy: *O Diálogo das Civilizações*, p. 174.

# B

## A Arte da Escrita Árabe

---

A caligrafia árabe é considerada uma arte puramente islâmica. É uma realização da religião islâmica, e está intimamente associada ao Alcorão Sagrado. A palavra nunca tinha sido uma arte visível em nenhuma nação antes da revelação do Alcorão Sagrado. Apesar de todas as nações terem os seus respectivos idiomas e escritos, estes escritos foram restritos ao seu papel de expressar, considerando-se que estes escritos eram símbolos lógicos de significados para serem expressos. Mas, tais símbolos nunca se elevaram para se tornar uma arte estética, como ocorreu com a palavra árabe depois que o Alcorão Sagrado deu a ela um conceito de santidade<sup>512</sup>.

O Dr. Ismail Faruqi<sup>513</sup> disse: “Não encontramos ninguém entre os que pertencem a todas essas culturas – ou seja, o povo da Mesopotâmia, hebreus, hindus, gregos, romanos e até mesmo os próprios árabes – que tentou descobrir o valor estético da palavra visível. A escrita foi, e ainda é, na maioria dos casos, um processo rudimentar, em torno do qual não se concentra qualquer atenção estética nas culturas do mundo. Na Índia, Bizâncio e no Ocidente cristão, a escrita ficou resumida à sua função expressiva, ou seja, ser apenas símbolos lógicos. Tinha apenas um papel complementar nas artes visíveis no cristianismo e hinduísmo, ou seja, ela foi usada como um simbolismo lógico para expressar o conteúdo de obras de arte... mas o surgimento do Islam abriu novos horizontes para a palavra como uma forma de expressão artística. Na verdade, a genialidade islâmica aqui é inigualável, esta escrita tornou-se um tipo de arabescos e por isso

512 Saleh Ahmad Al Shami: *Al Fan Al Islami Iltizam wa Ibdaa (A Arte Islâmica... Compromisso e Criatividade)* p. 196.

513 Ismail Al Faruqi: (1339-1406 d.H / 1921-1986 d.C), especialista mundial no estudo do Islam, palestino, adquiriu o doutorado em filosofia, estudou nos EUA e Paquistão. Era presidente do Instituto Internacional de Pensamento Islâmico, nos EUA.

podemos considerá-la uma obra de arte independente e puramente islâmica, independentemente do seu conteúdo intelectual”<sup>514</sup>.

Confirmando isso, o Dr. Mustafá Abdel-Rahim disse: “A caligrafia árabe é a única arte que foi criada exclusivamente pelos árabes, por isso não foi influenciada por qualquer coisa... alguns orientalistas dizem: se você quer estudar arte islâmica, então você deve ir diretamente à caligrafia árabe”<sup>515</sup>.

As fontes árabes, como *Al-Íqd Al-Farid* (O adereço singular), *Khu-lasat Al-Athar* (o epítome de relatórios), *Al-Bidaiah wal Nihayah* (O Princípio e o Fim), *Al-Kamil* (O perfeito), *Al-Fihrest* (O índice), *Subh Al-A’cha*, e outras grandes obras, foram unânimes em afirmar que a caligrafia árabe não teve a atenção por parte de nenhuma nação que se contava entre as civilizações, como teve com os muçulmanos, que se dedicaram em seu estudo e arte<sup>516</sup>.

Em um curto período de tempo, o artista muçulmano conseguiu dar à palavra outro trabalho visível, juntamente com a sua função de áudio. Mal a palavra se juntou ao domínio estético, testemunhou passos fervorosos de desenvolvimento, que acompanharam, e até mesmo superaram, os passos da arte de ornamentação, e houve uma estreita cooperação entre ambas as artes<sup>517</sup>.

A pluralidade e abundância dos tipos desta arte se constituem em uma clara evidência do zelo dos muçulmanos por esta arte. Entre estes tipos de caligrafia, temos: *Al Kufi*<sup>518</sup>, *Al Naskhi*, *Al Thuluth*, *Al Andalusi*, *Al Raq’ah*, *Al Diuani*, *Al Ta’liq* (persa) e *Al Ijazah*.

Outros tipos de caligrafia foram derivados de tais escritas, enriquecendo esta arte e permitindo-lhe produzir mais, apresentando o potencial de adaptação, a fim de desempenhar o seu papel em todas as situações e em todas as ocasiões. Por exemplo, da escrita *Kufi* se derivou: *Al Kufi Al Muwarraq* (folhado), *Al Kufi Al Muzahhar* (florado), *Al Kufi Al Monhasir* e *Al Kufi Al Mu’ashaq*, *Al Mudhafar* ou *Al Muwashah*. E da escrita *Al Diuani* nasceu: *Jalii Al Diuani*, e a partir da escrita *Al Thuluth* nasceu *Jalii Al Thuluth*, e assim por diante<sup>519</sup>.

O calígrafo muçulmano, às vezes, usa mais do que um tipo de escrita sobre a mesma pintura, tornando-a encantadora e surpreendente, e

514 Revista “Al Muslim Al Mu’asir” (O Muçulmano Moderno), Edição (25), 1401 d.H.

515 Suplemento “Al Anbaa Al Kuwaitiyah” (Informações do Kuwait), Edição (517), 16 de julho de 1986.

516 Naji Zain Eddin: *Mussawar Al Khat Al Arabi*, p. 315.

517 Saleh Ahmad Al Shami: *Al Fan Al Islami Iltizam wa Ibdaa* (A Arte Islâmica... Compromisso e Criatividade) p. 198.

518 Esta escrita foi usada pelos conquistadores muçulmanos para divulgar a religião e a Lei Islâmica. Todas as cópias manuscritas do Alcorão Sagrado utilizadas antes do século IV d.H eram escritas com este tipo de caligrafia. Este tipo foi uma habilidade dos sábios da cidade de Al Kufa (no Iraque). Veja: Naji Zain Eddin: *Mussawar Al Khat Al Arabi*, p. 339.

519 Veja: Saleh Ahmad Al Shami: *Al Fan Al Islami Iltizam wa Ibdaa* (A Arte Islâmica... Compromisso e Criatividade) p. 198, 199.

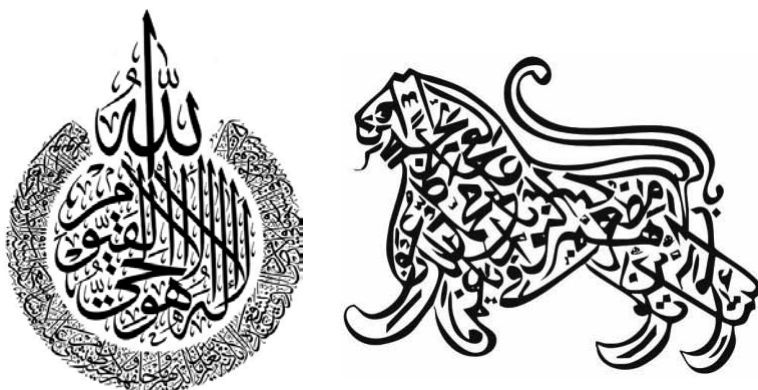


colocando essa arte no caminho do desenvolvimento e criatividade, pois a concorrência nesta arte sempre visou a perfeição e o aprimoramento, na tentativa de alcançar o máximo em beleza<sup>520</sup>.

E o artista muçulmano não parou na arte da letra e seu aperfeiçoamento, mas introduziu mais progressos, tornando a escrita em si um material de decoração. Então, a pintura caligráfica transformou-se em quadros estéticos arabescos. Você se surpreende com a capacidade do artista muçulmano em controlar a imagem ao ver como ele consegue dar para a letra duas funções ao mesmo tempo, a função expressiva e a função ornamental (arabesca), e depois fez a última função cobrir a primeira!

Como se não bastasse ele chegar ao auge na sua criatividade caligráfica, o artista muçulmano ainda levou a letra a novos horizontes, utilizando-a como uma ferramenta de artes plásticas e um material eficaz capaz de produzir. Uma vez que o olho observa a pintura, encontra-se, à primeira vista, ante um desenho em forma de algo (um pássaro, um animal, uma fruta ou uma luminária). E quando se examina, se descobre que o desenho não é mais do que palavras e letras em árabe, incrivelmente produzidas pelo calígrafo, e cujo significado é geralmente associado com a forma aparente, e aí reside a criatividade<sup>521</sup>.

Assim, a herança muçulmana no domínio da caligrafia árabe foi tão surpreendente que se tornou uma arte notável da civilização islâmica em todas as suas épocas e em todo o mundo muçulmano.



520 Veja: Saleh Ahmad Al Shami: *Al Fan Al Islami Iltizam wa Ibdaa* (A Arte Islâmica... Compromisso e Criatividade), p. 199.

521 Idem, páginas 200-207.

## Segundo Capítulo

### **A Beleza das Máquinas e dos Artigos Industrializados**

---

Queremos dizer com “a beleza das máquinas e dos artigos industrializados”, o espírito suntuoso que se destacou nos produtos dos muçulmanos fabricados por meios maquinais, através das ciências mecânicas e técnicas. O fabricante muçulmano não pensou apenas no cumprimento da função daquilo que fabrica, mas zelou em fazê-lo com uma aparência bela que tranquiliza a alma e alegra o coração.

Resumimos esse assunto nos seguintes artigos:

1. Os Encantos das Invenções Científicas... Beleza e Criatividade
2. As Obras-Primas dos Artigos Industrializados... Criatividade e Tecnologia

## 1

## Os Encantos das Invenções Científicas.. Beleza e Criatividade

---

**As** habilidades dos muçulmanos nas ciências tecnológicas não se limitam à construção de mesquitas, minaretes, cúpulas, barragens, açudes, etc, mas suas obras demonstram a criatividade, bem como o senso de beleza, que caracterizou o cientista muçulmano. Os cientistas muçulmanos fizeram uso dessas ciências para trazer conforto e felicidade ao homem.

Os cientistas da civilização islâmica criaram uma série de complicadas invenções mecânicas para executar uma série de funções. Além das ferramentas de eficiência operacional, o fabricante hábil adicionou algo que tem uma função estética, que não era menos significativa do que a função operacional. Tal função e estética podem ser notados em algumas invenções, tais como:

### Os Relógios:

---

Ibn Kathir relatou que um dos portões da Mesquita Omíada era chamado “Portão dos Relógios”, porque havia alguns relógios colocados naquele portão, esses relógios foram inventados pelo relojoeiro e engenheiro Muhammad ibn Ali, filho de Fakhr Al-Din Ridhwan Al-Sa’ati<sup>522</sup>. Os relógios foram usados para mostrar cada hora que passa durante o dia, tinha pardais, uma serpente de cobre e um corvo. Quando o relógio bate uma hora, a serpente sai, os pardais cantam, o corvo grasna e uma bola

<sup>522</sup> Ibn Al Sa’ati: Ridhwan ibn Muhammad ibn Ali ibn Rustom, Fakhr Al Din Al Khurasaini, Ibn Al Sa’ati (morreu em 618 d.H / 1221 d.C). Ele era um médico, filósofo e poeta. Seu pai era um engenheiro que fabricava relógios, por isso, foi chamado Al Sa’ati (O Relojoeiro). Ele nasceu e morreu em Damasco. Veja: Al d.Hahabi “Siyar A’alam Al Nubala. (A Vida das Nobres Figuras) 21/471.

pequena de cobre cai em um copo, então, as pessoas sabem que uma hora do dia passou<sup>523</sup>. Ibn Al-Jazari também fez um relógio semelhante<sup>524</sup>.

Ibn Jubair descreveu este Relógio, dizendo: “Localizado no lado direito de quem sai pela porta de Jairun (na Mesquita Omíada), na parede em frente há um quarto... o relógio tem doze portas de bronze. Acima de cada porta há uma cúpula de cobre, cada cúpula sobe depois de passada uma hora. Nas laterais das portas de cobre dois falcões atiram bolas de cobre em um copo grande de cobre para produzir um som. Um disco semicircular contém doze aberturas circulares que ficam iluminadas quando o relógio gira para mostrar a hora durante a noite<sup>525</sup>.”

No século segundo depois da hijrah (século IX d.C, cerca de 807 d.C), o califa abássida Harun Al-Rashid enviou um presente magnífico para Carlos Magno, rei dos Francos (França). O presente era um enorme relógio, que funciona com energia hidráulica. Quando uma hora passa, algumas bolas de metal, que representam o número de horas que se passaram, caem um após o outro em uma placa de cobre enorme que faz um som musical, que é ouvido em todo o palácio. Ao mesmo tempo, uma das doze portas do relógio se abre, e um cavaleiro sai ao redor do relógio, então, volta para o lugar de onde ele saiu. Quando o relógio bater doze, doze cavaleiros saem das doze portas ao mesmo tempo para fazer uma volta completa ao redor do relógio e, em seguida, atravessar as portas que se fecham atrás deles.

Essa é a descrição existente nas referências árabes e estrangeiras sobre tal relógio que era, naquela época, uma maravilha artística. O relógio espantou Carlos Magno e sua comitiva. No entanto, os monges do palácio creram que havia um diabo dentro do relógio que o movia. Portanto, eles esperaram até a noite cair, trouxeram machados e o destruíram completamente, mas não encontraram nada dentro dele. As referências históricas apontam que “os árabes desenvolveram muito esses tipos de máquinas que medem o tempo. O Califa Al Ma'mun presenteou o rei francês com um relógio mais avançado, que funcionava com energia mecânica por pesos pendurados com correntes de ferro, em vez de energia hidráulica”<sup>526</sup>.

Isso mostra o quão sublime é a mentalidade islâmica em pensamento e criatividade, tal criatividade que não separa o aspecto prático do aspecto estético das inovações e invenções científicas.

523 Ibn Kathir: Al Bidaiah wa Nihayah (O Princípio e o Fim) 9 / 180.

524 Donald Routledge Hill: Ciência e Engenharia na Civilização Islâmica p. 169.

525 Ibn Jubair: Rihlat ibn Jubair (A viagem de Ibn Jubair) p. 240, 241.

526 Sedillot pesquisou este assunto em seu livro “História dos árabes”. Veja: Muhammad Kurd Ali, Al Islam wal Hadara Al Arabiya (O Islam e a Civilização Árabe) 1 / 226.

## O Robô!

---

Se o mundo está prestes a entrar numa nova era chamada “Era Robótica” agora que a tecnologia robótica tem alcançado rápidos progressos ao longo dos últimos anos, fontes islâmicas salientam que o robô foi inicialmente conhecido na era da civilização islâmica.

O robô foi inventado pelo cientista da engenharia mecânica Badi' Al-Zaman Abu Al-Izz ibn Ismail ibn Al-Razzaz Al-Jazari, que viveu no século VI depois da hijrah. Al-Jazari foi o primeiro a fazer um robô móvel para realizar serviços domésticos. O califa pediu para Al-Jazari fazer uma máquina para ajudá-lo, em vez dos empregados, sempre que ele quisesse realizar a ablução para orar. Al-Jazari fez uma máquina em forma de um empregado que carrega um cântaro de água em uma mão e uma toalha na outra. Esse robô tem um pássaro em seu turbante. Quando chega a hora da oração, o pássaro assobia, então o robô se move na direção do califa e derrama água em quantidades determinadas. Quando o califa termina sua ablução, o robô dá-lhe a toalha e, em seguida, volta ao seu lugar e o pássaro canta<sup>527</sup>.

## O Suporte Automático do Alcorão!

---

Em 1975, um manuscrito da mecânica útil intitulado Al-Asrar fi Nata'ij Al-Afkar (Os Segredos dos Resultados das Ideias) foi descoberto na Biblioteca Laurentina, na França. Esse manuscrito data da época árabe espanhola. Tem textos importantes sobre pistões hidráulicos e moinhos e descreve mais de trinta dispositivos mecânicos, além de um relógio solar muito avançado. Juan Vernet, professor de história das ciências árabes da Universidade de Barcelona, disse: “Foi comprovado que o livro foi escrito pelo autor árabe espanhol Ahmad (ou Muhammad) ibn Khalaf Al-Muradi, que viveu no século V d.H (século XI d.C). O livro visa ensinar como fazer brinquedos mecânicos, muitos dos quais poderiam ser utilizados como relógios de água”. Vernet insiste que há ligações entre o livro de Al-Muradi e outro traduzido por Sandra Schmirler em alemão em 1922. Vernet sublinha também que o arquiteto francês Villard de Honnecourt, que viveu na

---

527 Extraído do livro de Al-Jazari: Al Jami Baina Al Ilm wa Al Amal Al Nafi fi Sina'at Al Hiyal (Livro do Conhecimento e Prática Útil no Engenho da Mecânica). Donald Routledge Hill (considerado o historiador da ciência moderna) traduziu esse livro em inglês em 1947. George Sarton descreveu este livro como o mais bem elaborado de sua espécie e pode ser considerado como o ápice dessa linha de conquistas tecnológicas muçulmanas. Veja: Ahmad Fouad Basha, Al Turath Al Ilmi Al Islami (Patrimônio Científico Islâmico) p. 31.

segunda metade do século XII d.C, teve conhecimento da tecnologia de Al-Muradi que fazia movimentos contínuos<sup>528</sup>.

O que nos importa aqui da tecnologia descrita no livro de Al-Muradi é o “suporte automático do Alcorão”, que existe na Mesquita de Córdoba. Este dispositivo facilita para qualquer um ler uma cópia rara do Alcorão sem tocá-la, porque o suporte funciona automaticamente. O conjunto, que é formado pelo suporte e cópia do Alcorão, é transportado por uma plataforma móvel em uma caixa fechada situada na parte superior da mesquita. O suporte funciona quando a chave é girada na caixa, cuja porta logo se abre automaticamente para dentro. A plataforma sobe automaticamente carregando uma cópia do Alcorão. Ao mesmo tempo, o suporte abre e a caixa fecha. Se a chave for girada na direção oposta, os mesmos movimentos acontecem na direção oposta. Tais movimentos ocorrem por meio do uso de cintos e mecanismos que estão escondidos<sup>529</sup>.

Com essas invenções, os muçulmanos ofereceram para o mundo máquinas e dispositivos que refletem o senso estético e bom gosto de sua civilização.

---

528 Ahmad Fouad Basha, *Al Turath Al Ilmi Al Islami* (Patrimônio Científico islâmico) p. 35, 36.

529 Juan Vernet: *As Realizações Mecânicas no Ocidente Islâmico*, *Scientific American Magazine*, tradução árabe, Kuwait, outubro/ novembro, volume 10, 1994. Transferido da referência anterior, p. 35.

## 2

## As Obras-Primas dos Artigos Industrializados... Criatividade e Tecnologia

---

**A**O avaliar um trabalho a partir do ponto de vista estético, o valor da obra em si não é muito importante, como é a dimensão estética da obra que seria o foco de atenção. Pode-se encontrar em alguns produtos simples provas dos detalhes mais sutis da vida popular, indicando as altas habilidades técnicas dos seus fabricantes, bem como as necessidades de seus inventores e de seus proprietários.

Gustave Le Bon menciona que o senso artístico é difundido de forma evidente entre os árabes em toda parte, e as coisas produzidas pelos árabes foram produzidas de maneira maravilhosa, que indica a caracterização das produções mais comuns com o bom gosto artístico<sup>530</sup>.

Os formatos de infinito que constituem a decoração nas artes islâmicas podem ser vistas por toda parte. Isso é evidente não apenas nas páginas do Alcorão decoradas com maravilhosos modelos de escrita “Al Muasha”, mas qualquer coleção de histórias ou poemas dada a um califa ou emir também é ornamentada de forma similar. Essa decoração que reflete alteza não se resume só às mesquitas, mas também se destacam em hotéis, escolas e casas. Os formatos infinitos não estão somente nas capas de cadeiras sobre as quais se apoia uma cópia do Alcorão na mesquita, mas existe até mesmo no prato em que o muçulmano come, na proteção do soldado, na espada, bem como no lenço que cobre a cabeça, tudo isso é decorado de maneira similar. Portanto, a arte islâmica pode ser considerada como abrangente de

---

530 Gustave Le Bon: A civilização dos árabes p. 507.

forma singular, abrangendo todos os tipos de decoração, assim como todas as coisas enfeitadas independentemente do uso a que foram projetadas<sup>531</sup>.

A propagação da decoração em produtos islâmicos, não importa o quão importante eles são, é um dos fatos que são claros e não precisam de apresentação na civilização islâmica. Isso teve início muito cedo. É relatado que a espada que o profeta Muhammad (a paz esteja com ele) deu ao seu companheiro Abu Dujana na Batalha de Uhud tinha uma escrita em um dos seus lados:

*A covardia é uma vergonha, e a iniciativa é uma honra  
E com a covardia, o indivíduo não escapa do destino (da morte)*<sup>532</sup>.

A poesia era certamente a arte que particularmente satisfazia o árabe.

Os produtos islâmicos, então, se desenvolveram juntamente com a propagação civilizada do Governo Islâmico, até que se atingiu esse nível magnífico. Le bon, que aparentemente se surpreendeu ao monitorar a arte islâmica, fala sobre joias, ourives e encraves e diz: “Os árabes chegaram a um alto nível de domínio que dificilmente poderia ser alcançado em nosso tempo”<sup>533</sup>.

Todos os artigos islâmicos se transformaram em objeto de arte, as espadas, escudos, lanças, punhais, capacetes, cilindros de transmissão de mensagem, o mobiliário, incluindo cadeiras, mesas, caixas de joias, caixas para guardar objetos variados, pratos, jarras, copos, bandejas, tinteiros, portas e janelas, roupas, têxteis, tapetes, selas, lâmpadas das mesquitas, púlpitos, castiçais, pratos de balança, chaves, fechaduras, anéis das portas, machados, artigos de papelaria, instrumentos médicos e até os canos de água, além de obras em que a decoração é um elemento essencial, como brincos, colares, anéis, tornozeliras, turbantes, pedras preciosas e muitos outros acessórios.

Will Durant testemunha que os árabes não imitaram a arte de seus antecessores, mas a absorveram e produziram coisas novas e originais. Ele diz: “era uma brilhante combinação de diferentes formas, o que os muçulmanos aprenderam com outras nações eles não a desvaloriza. A arte islâmica, que se espalhou por toda parte, desde Alhambra, na Espanha, até o Taj Mahal, na Índia, ultrapassou todos os limites de tempo e lugar. A arte islâmica zombava da discriminação racial, produziu um estilo único, porém

531 Ismaeil Ragi Al Farouqi e Luse Lamia Al Farouqi: Atlas Al Hadarah Al Islamiya (Atlas da Civilização Islâmica) p. 539.

532 Al Sira Al Halabiya (Biografia de Halab) 2 / 497.

533 Gustave Le Bon: A civilização dos árabes p. 511.



diversificado, e representou o espírito humano de maneira rica e educada, de uma forma que jamais alguém superou até aquele tempo<sup>534</sup>.

Os autores do livro “O Atlas da Civilização Islâmica” creem que o ornamento islâmico, através de seus padrões infinitos, reflete o monoteísmo. E sua difusão em todas as coisas reflete a ideia islâmica, que obriga o muçulmano a adotar a crença islâmica em todas as suas atividades.

Por isso, o artista muçulmano – por exemplo – decorava uma caixa de madeira simples, para guardar seus materiais de escrita, com peças de marfim, conchas e pedaços de madeira colorida de uma forma que o material de madeira original tornou-se irrelevante ou mesmo desconhecido, sem se saber se a madeira é carvalho, teca ou mogno. A mesma coisa se aplica a grandes palácios cujos materiais de construção foram totalmente escondidos sob a superfície da ornamentação. Isto incorpora a ideia de que não importa o valor real dos materiais originais, o que torna a beleza independente do valor material. Esta é a essência do conceito islâmico simples e ascético no valor material, que faz o encanto conferir beleza nas coisas simples e de menor valor. Tudo isso dá à beleza primeiramente o valor mais alto na consciência humana<sup>535</sup>.

Essa visão, que reflete a filosofia artística do Islam, é em si uma contribuição que deve ser cuidadosamente considerada e devem ser estudados os seus efeitos profundos sobre a formação da consciência islâmica, bem como a visão humana do Universo, da vida, da natureza e da divindade.

As imagens seguintes mostram como a beleza era um elemento básico, que se espalhou em todas as obras islâmicas, qualquer que seja sua importância:

---

534 Will Durant: História da Civilização 13/240.

535 Ismail Raji Al Faruqi e Lois Lamy Al Faruqi: O Atlas Cultural do Islam p. 540.



Machados



Chave e Fechadura



Sela



Joias



Bule



Jarra



Lâmpada



Taça



Prato



Porta



Espadas e bainhas



Arcos

## Terceiro Capítulo

### A Beleza do Meio Ambiente

---

**O**s muçulmanos assimilaram a beleza contida nos versículos do Alcorão e nos ditos do profeta (a paz esteja com ele) e, assim, isso os inspirou a produção de belos jardins no mundo.

A descrição do Paraíso citada repetidamente nos versos do Nobre Alcorão e nos ditos do profeta Muhammad (a paz esteja com ele) formou o senso de beleza do ouvinte destes textos. E sendo o Islam uma religião que incita o muçulmano ao trabalho, se espera que o ouvinte irá transformar o gosto pela audição em gosto pelo trabalho.

O Islam deu grande atenção à beleza do ambiente, o que torna as suas instruções nesse domínio uma contribuição significativa para a civilização humana, que não teve o interesse – exceto recentemente – na proteção e beleza do meio ambiente.

Nesses artigos, apresentamos a beleza criada pela civilização islâmica para o ambiente que a rodeia, tal beleza que fez a natureza bela, verde e agradável aos olhos.

1. A Beleza no Alcorão e na Sunnah
2. A Difusão dos Jardins na Civilização Islâmica
3. As Particularidades dos Jardins Islâmicos
4. Os Chafarizes

## 1

## A Beleza no Alcorão e na Sunnah

---

A criação das árvores, plantas e frutos não ocorreu apenas para os seus conhecidos benefícios vitais como alimento para o homem e os animais ou para proporcionar ar puro para o meio ambiente, mas Allah (exaltado seja) indicou, em Seu Livro Sagrado, o Alcorão, outra função cumprida pelas árvores e jardins na vida do homem e seus sentimentos, que é representada pela sensação de prazer, vigor e vitalidade emitida no coração. Allah (exaltado seja) diz: *[Ou, quem criou os céus e a terra, e vos faz descer água do céu e, com ela, fazemos brotar pomares cheios de beleza, cujas árvores não vos é possível fazerdes brotar? Há outro deus junto de Allah? Não. Mas eles são um povo que se desvia da justiça]* (Al Naml: 60).

A beleza que distingue a natureza com os seus diferentes componentes é apenas uma aplicação de uma regra geral estabelecida por Allah (exaltado seja) em todas as características do Universo, assim como Allah (exaltado seja) quer que as pessoas se caracterizem com ela. Esta é a “regra da beleza”! Ibn Mas’ud (que Allah esteja satisfeito com ele) narra que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Allah é belo e Ele ama a beleza”<sup>536</sup>.

Algo que chama a atenção é a menção das árvores, frutas e jardins no Alcorão Sagrado. O termo “árvore” e seus derivados foram citados cerca de 26 vezes; o termo “fruto” e seus derivados, 22 vezes; o termo “planta” e seus derivados, 26 vezes; “os jardins”, 3 vezes; a palavra “jannah” (“Paríso” ou “jardim”), no singular e plural, foi mencionada 138 vezes.

E quando o Sagrado Alcorão apresenta as árvores e frutos como alimento para o homem e os animais, ele fala sobre eles em um contexto que lembra a beleza da paisagem. Por exemplo, Allah (exaltado seja) diz: *[Então, que o homem olhe para seu alimento. Para isso, derramamos*

536 Muslim: o livro de Al Iman, bab Tahrim Al Kibr wa Baianuh (Livro da Crença, capítulo da proibição do orgulho e sua identificação) (91), Ahmad (3789), Ibn Hibban (5466), Al Hakem (68).

*a água em abundância. E abrimos a terra em fragmentos. E nela, fizemos brotar grãos. E videiras e hortaliças. E oliveiras e tamareiras. E pomares entrelaçados. E frutas e pastagens. Para uso e conveniência para vós e vosso rebanho]* (Ábassa: 24-23).

Além de esclarecer a razão estética por trás da criação de jardins com suas árvores e frutos dessa forma maravilhosa, a descrição do Paraíso e o que ele contém de prazeres morais e sensíveis referido pelo Alcorão Sagrado e na Sunnah fortemente incentivou os muçulmanos a imitar essa visão ideal de beleza no relacionamento com o meio ambiente.

Dentre as imagens do Paraíso no Alcorão Sagrado, o dizer de Allah (exaltado seja): *[E para quem teme a preeminência de vosso Senhor, haverá dois jardins. Então, qual das mercês do vosso Senhor vós ambos desmentis? – Ambos de ramos florescentes. Então, qual das mercês do vosso Senhor vós ambos desmentis? – Em ambos, correm duas fontes. Então, qual das mercês do vosso Senhor vós ambos desmentis? – Em ambos, há, de cada fruta, duas espécies. Então, qual das mercês do vosso Senhor vós ambos desmentis? – Reclinados estarão sobre acolchoados, cujos forros são de brocado. E os frutos de ambos os jardins estarão à mão. Então, qual das mercês do vosso Senhor vós ambos desmentis? – Neles, haverá castas de olhares restritos. Não as tocou, antes deles, nem humano nem gênio. Então, qual das mercês do vosso Senhor vós ambos desmentis? – Como se fossem o rubi e o coral. Então, qual das mercês do vosso Senhor vós ambos desmentis? – Há outra recompensa da benevolência senão benevolência? Então, qual das mercês do vosso Senhor vós ambos desmentis? – E, além de ambos, haverá dois outros jardins. Então, qual das mercês do vosso Senhor vós ambos desmentis? – Ambos verde-escuros. Então, qual das mercês do vosso Senhor vós ambos desmentis? – Em ambos, haverá duas fontes jorrando continuamente. Então, qual das mercês do vosso Senhor vós ambos desmentis? – Em ambos, haverá frutas, tamareiras e romãzeiras. Então, qual das mercês do vosso Senhor vós ambos desmentis? – Em ambos haverá companheiras, formosas. Então, qual das mercês do vosso Senhor vós ambos desmentis? – Húris, reclusas nas tendas. Então, qual das mercês do vosso Senhor vós ambos desmentis? – Não as tocou, antes deles, nem humano nem gênio. Então, qual das mercês do vosso Senhor vós ambos desmentis? – Reclinados estarão sobre almofadas verdes e formosos tapetes]* (Ar-Rahman: 46-76). E muitos outros versículos do Alcorão.

O dito (hadith) do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) é a segunda fonte da qual os muçulmanos assimilam a sua visão sobre a beleza do meio ambiente. Abu Hurairah disse: Nós dissemos: Ó mensageiro de Allah, conte-nos sobre o Paraíso, como é a sua construção? Ele disse: “Tijolos de ouro e tijolos de prata; sua argamassa é o almíscar de cheiro encantador, seus seixos são pérolas e rubis, e seu solo é de açafreão. Quem entra nele será feliz e jamais será infeliz, ele vai permanecer nele para sempre e nunca irá morrer. Suas roupas nunca se desgastam e sua juventude nunca terá fim”<sup>537</sup>.

Abu Mussa Al-Ashari narra que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “O crente terá no Paraíso uma tenda de uma única pérola escavada, sua amplitude é de sessenta milhas. Ele terá familiares, os contorna e eles não veem uns aos outros”<sup>538</sup>.

Abu Hurairah disse: O profeta Muhammad (a paz esteja com ele) disse: “Há uma árvore no Paraíso, sob a sombra da qual a pessoa montada viaja cem anos e mesmo assim ele não é capaz de passá-la”<sup>539</sup>.

E Anas narra que o profeta Muhammad (a paz esteja com ele) disse: “Enquanto eu estava caminhando no Paraíso (na noite de Mi’raj), eu vi um rio, nas duas margens do qual havia tendas feitas de pérolas escavadas. Perguntei. “O que é isso, ó Gabriel?” Ele disse: ‘Esse é o Kawthar que Teu Senhor te deu. Eis que seu cheiro ou sua terra é de almíscar de cheiro encantador!’<sup>540</sup>

O Sagrado Alcorão e a Sunnah profética estão repletos das características dessa beleza, e isso concluiu a formação da consciência islâmica em almejar tal felicidade. E assim, os muçulmanos ofereceram para a civilização humana tudo o que as suas mãos puderam produzir imitando esta maravilhosa imagem alcorânica e profética.

537 Ahmad (8030), *Shu’uib Al Arnaut* disse: É autêntico.

538 Al Bukhari: *Kitab Al Tafsir* (Livro da Interpretação, capítulo da interpretação de Surat Al-Rahman) (4598). Muslim: *Kitab Al Jana wa Sifatu Naimiha wa Ahluha* (Livro do Paraíso, a sua descrição, prazer e seus habitantes) (2838).

539 Al Bukhari: *Kitab Bad’ Al Khalq* (O Início da Criação) (3079). Muslim: *Kitab Al Jana wa Sifatu Naimiha wa Ahluha* (Livro do Paraíso, a sua descrição, prazer e seus habitantes) (2827).

540 Al Bukhari, da narração de Anas ibn Malik: *Kitab Al Riqaq* (6210), Ahmad (13012).



## A Difusão dos Jardins na Civilização Islâmica

“**A** Vista dos jardins lança prazer e vitalidade ao coração. Além disso, a contemplação deste prazer e beleza brilhante lançados sobre o coração dão vida aos corações, e a consideração dos efeitos da inovação nos jardins faz glorificar o Criador que aperfeiçoou tal beleza extraordinária. Os maiores artistas são incapazes de pintar e formar uma única flor, assim como a sutileza das cores de uma única flor, o entrelaçamento de suas linhas, a organização das pétalas de uma única rosa, tudo isso parece um milagre de tirar o fôlego até mesmo dos gênios da arte antiga e moderna. Isso, sem contar o milagre da vida que se desenvolve nas árvores, que é o grande segredo que desafia a compreensão humana...”<sup>541</sup>.

As imagens brilhantes com as quais o Sagrado Alcorão e a Sunnah estão repletos tiveram um impacto tangível sobre a civilização islâmica, pois não houve nenhuma capital islâmica, seja no oriente ou no ocidente, que fosse desprovida de fabulosos jardins que caracterizam o sentido arquitetônico islâmico. Os jardins foram encontrados na Andaluzia, Turquia, Síria, Pérsia, Egito, Samarcanda, Marrocos, Tunísia, Iêmen, Omã, Índia e outros países.

### Na Andaluzia<sup>542</sup>:

- **Córdoba:** Abdul Rahman Al-Dakhel criou o jardim de Al Resafa, considerado um dos maiores jardins no Islam. Ele foi feito igual ao modelo de Resafa existente na Síria e fundado por seu avô Hisham ibn Abdul Malik. Al-Dakhel trouxe muitas plantas maravilhosas para o jardim de Córdoba de todas as partes do mundo. “Transferiu mudas raras e as melhores árvores para o jardim de Córdoba de todas as partes, ele enviou seus dois emissários para a Síria para trazerem sementes selecionadas e grãos raros. Com muito trabalho e bons

<sup>541</sup> Sayed Qutb: Fi dhilal Al Qur'an (Sob as sombras do Alcorão) 5 / 390.

<sup>542</sup> Veja sobre os jardins da Andaluzia: Salma Al Khadra'a Al Jaiusi: a civilização árabe islâmica na Andaluzia. Objeto de Pesquisa: Al Hadiqa Al Andaluzia (O Jardim Andalus), Jems Decki 2 / 1411 em diante.



- cuidados, árvores de grande porte cresceram e produziram frutos maravilhosos que logo se espalharam nos territórios da Andaluzia”<sup>543</sup>.
- **Granada**<sup>544</sup>: Havia pomares e jardins ao redor da muralha de Granada que parecia ser outra parede<sup>545</sup>. Isso estava fora da cidade. Quanto aos palácios, os jardins do palácio de Alhambra foram considerados o melhor exemplo de jardins da civilização islâmica. Em Granada, também podemos encontrar Generalife (em árabe: Jannat Al-Arif – Jardim do Arquiteto), que foi criado aos pés de um morro e desenhado por muçulmanos sob a forma de níveis que passavam de mais de treze metros de largura e cujo número não passava de seis níveis. A água desempenha um papel essencial nesse jardim, à medida que desce das nascentes até o jardim em canais que passam no meio das árvores, como uma clara indicação da influência sobre o verso do Alcorão: [*E água sempre fluente*] (Al-Waqi’ah: 31)<sup>546</sup>.



*Generalife, em Granada*

Mesmo quando a época de ouro de Córdoba chegou ao fim e a época das divisões (*Taifas*) começou, Inspiración Sanshez<sup>547</sup> descreve a imagem dos jardins na Andaluzia, dizendo: “Depois da divisão do Califado Abássida de Córdoba e a ascensão dos Taifas, os novos governantes seguiram os passos dos governantes depostos. Eles criaram muitas hortas experimentais em todos os palácios do novo governo... e cada um daqueles jardins eram supervisionados por um engenheiro agrônomo”<sup>548</sup>.

Na Andaluzia, os jardins eram tão numerosos quanto as casas, cada casa, mesmo as mais pequenas, tinha um jardim. Ao falar sobre as pequenas casas em Granada, Gems Deki<sup>549</sup> disse: “Embora a maioria das casas em Granada fosse pequena, todas as casas tinham água corrente, rosas, flores perfumadas, árvores pequenas, bem como instalações de lazer

543 Al Maqarri: Nafh Al Tib 1 / 467.

544 Sobre a descrição dos jardins de Granada, veja: Ibn Al Khatib: Al Ehata fi Akhbar Gharnata (As Notícias de Granada) p. 115 e seguintes.

545 Ibn Al Khatib: Al Ehata fi Akhbar Gharnata (As Notícias de Granada) p. 115 e seguintes.

546 Ver: Yahia Waziri: Al Imara Al Islamiya wa Al Be’a (A arquitetura islâmica e o meio ambiente) p. 223.

547 Inspiración Sanshez: professora de história islâmica na Universidade de Granada e pesquisadora no departamento de língua árabe no Conselho Superior de Investigações Científicas de Madrid.

548 Salma Al Khadra’a Al Jaiusi: a civilização árabe islâmica na Andaluzia, pesquisa de Inspiración Garcia Sanshez: A agricultura na Espanha muçulmana, 2 / 1370.

549 Gems Deki: especialista acadêmico em história da Espanha islâmica e Sharia Islâmica nas Universidades de Manchester, Lancaster e Harford.

completas, que comprovam que esta terra era mais bonita quando estava sob o domínio dos mouros (muçulmanos) do que é agora”<sup>550</sup>.

## Em Istambul <sup>551</sup> (Constantinopla):

Se nos direcionarmos ao Oriente Islâmico Meridional para chegar à capital do Califado Otomano, iremos descobrir que uma vez que o Islam entrou nessas áreas, os jardins se espalharam por todas as partes. Os jardins de Anadolu foram distinguidos por serem projetados, para depois serem construídos edifícios. Por isso, os palácios de Istambul eram denominados “os jardins”, embora eles fossem construídos nos jardins! Os jardins eram utilizados para entretenimento ou para festas oficiais e, muitas vezes, tinham vista para o litoral, como é o caso em Istambul.

As superfícies verdes foram introduzidas na formação arquitetônica das mesquitas na era do Califado Otomano, com o objetivo de protegê-las dos perigos de incêndios, por exemplo a Mesquita Süleymaniye em Istambul. Era conhecido que quando as casas, que costumavam ser construídas de madeira, se incendiavam, o fogo, por vezes, se espalhava para as mesquitas vizinhas, isso fez o arquiteto “Sinan” cercar a mesquita e os seus anexos com uma parede exterior. Entre a parede e a parte interna da mesquita havia uma grande área vazia em que as árvores e vários tipos de flores foram cultivadas para separar a mesquita das casas vizinhas e concebem, ao mesmo tempo, um valor estético maravilhoso.

Durante a era otomana, a plantação de árvores nos quintais das grandes mesquitas era muito difundida, como por exemplo, a Mesquita do Profeta e a Mesquita Bayezid, em Istambul.



*Mesquita Bayezid, em Istambul*

O Palácio Topkapi começou a ser construído durante a era do sultão Mehmed Fatih II. Foi residência oficial dos sultões otomanos durante o período entre o século X e XIII islâmico (XVI e XIX d.C). O palácio, com os seus jardins, foi construído em uma área de 69.000 metros quadrados e cinco quilômetros de circunferência. Os jardins foram projetados nas formas de caminhos descobertos em torno do palácio a partir do norte, oeste e leste.

550 Salma Al Khadra'a Al Jaiusi: a civilização árabe islâmica na Andaluzia, pesquisa de Jacob Deki, sob o título “Ghar-nata... Mithal min Al Madina Al Arabia Al Andalus” (Granada... um exemplo de cidade árabe na Andaluzia) 1 / 176.

551 Istambul: significa “a cidade do Islam”, é o nome dado à Constantinopla pelos otomanos depois que eles a conquistaram, Istambul de hoje.

Ele também continha jardins de frutas e hortaliças, além de uma vasta área destinada para a caça<sup>552</sup>.

## **Egito:**

---

Ibn Said descreveu Birkat Al-Habash (Lagoa dos Abissínios), que faz parte de Al Fustat (velho Cairo, a primeira capital do Egito islâmico), dizendo: “Todas as plantações e jardins de Birkat Al-Habash eram de propriedade de Abu Bakr Muhammad ibn Ali Al-Madra’i, ministro de Al Tulun, exceto os jardins em seu leste, e creio que sejam os jardins atribuídos a Wahb ibn Sadaqah e conhecidos como Al-Habash (Abissínios)... a fronteira oriental da lagoa termina em um espaço vazio que a separa dos jardins de Al-Habash.... e ao sul de Birkat Al-Habash existem os jardins de Qatadah ibn Qais ibn Habash Al-Sadfi, que testemunhou a conquista do Egito, e com o seu nome foram nomeados os jardins e a lagoa<sup>553</sup>.

Al-Maqrizi narra sobre a capital egípcia “Al-Qatta’” durante a época de Khumarawaih ibn Ahmad ibn Tulun (282 d.H/896 d.C) – era da dinastia tulunida – dizendo: “Ele cuidou do palácio do pai e o ampliou, transformou toda a praça que era de seu pai em um jardim, no qual ele plantou diversos tipos de manjericões, árvores e os melhores tipos de palmeiras, transferiu para este jardim todos os tipos de árvores de frutas com sabor maravilhoso e flores. Ele também plantou açafreão e cobriu os troncos das palmeiras com cobre dourado de boa qualidade e fixou bicas de chumbo entre o cobre e o tronco, por onde fez correr a água para fontes construídas, de onde a água corria para irrigar o jardim. Também plantou manjericões sobre escritas feitas no jardim, que eram podados por jardineiros com uma tesoura para criar uma sensação de harmonia. Ele também plantou lírio vermelho, azul e amarelo...”. E assim, Al-Maqrizi continuou a descrever tais maravilhas<sup>554</sup>.

## **Bagdá:**

---

Quando Abu Jaafar Al-Mansur construiu Bagdá (145 – 149 d.H) e transferiu o Califado Abássida a ela, ele denominou seu palácio de “Al-Khuld”. Al-Khatib Al-Baghdadi disse, “O palácio de Al-Mansur foi chamado “Al-Khuld” em analogia com Jannat Al-Khuld (O Paraíso Eterno) e tudo o que ele tem de belas vistas e elevada aspiração”<sup>555</sup>.

552 Ver: Yahia Waziri: *Al Imara Al Islamia wa Al Be’a (A Arquitetura Islâmica e o Meio Ambiente)* p. 224-226.

553 Citando: Adel Ahmad Kamal: *Atlas da História do Cairo* p. 35, citando Ibn Doqmaq: *Al Intisar li Wasitat Aqd Al Amsar*.

554 Al Maqrizi: *Al Khutat wa Al Athar* 1 / 872.

555 Al Khatib Al Baghdadi: *Tarikh Bagdá (A História de Bagdá)* 1 / 75.

Durante o Califado Abássida, Bagdá foi a melhor cidade do mundo. Foi a capital de todo o mundo em termos de cultura, civilização e arquitetura, seguida de outras cidades, como Córdoba, Cairo e Constantinopla, e em seguida, são citadas outras cidades.

Na descrição de Bagdá, Yaqut Al-Hamawi diz: “Bagdá é um paraíso na terra, a cidade da paz, a cúpula do Islam, o ponto de encontro dos dois rios, o orgulho das cidades, a principal cidade do Iraque, a residência dos califas, a fonte das belezas e sutilezas, contém profissionais em todos os domínios e singulares em todos os campos”. Abu Ishaq Al-Zajjaj dizia: “Bagdá é a capital do mundo, e todas as outras cidades além dela são consideradas primitivas em relação a ela”<sup>556</sup>.

Descrevendo o jardim do palácio de Al-Muqtadir, Al-Qazwini disse: “Uma de suas maravilhas é Dar Al-Shajara (a casa da árvore), que foi construída por Al-Muqtadir Billah (282-320 d.H). É uma casa grande com bonitos jardins. Foi chamada por esse nome porque havia uma árvore feita de ouro e prata no meio de um lago na frente de suas portas. Essa árvore tinha dezoito membros, cada membro tinha várias ramificações, que tinham muitos tipos de joias em forma de frutas, além de vários tipos de pássaros de ouro e prata, quando os ventos sopravam, assobios e sons eram ouvidos.

Ao lado da casa, à direita do lago, havia quinze estátuas de cavaleiros e mais quinze no lado esquerdo do lago. Os cavaleiros estavam vestidos com o melhor tipo de seda, carregando espadas. Eram controlados e movidos em uma linha, como se cada um tivesse o seu companheiro como alvo”<sup>557</sup>.

## Índia:



*Taj Mahal*

O maior jardim na Índia foi o mausoléu do Taj Mahal, que foi construído pelo imperador Shah Jahan para sua esposa Taj Mahal. Este jardim foi projetado na forma de pivôs centrais e filiais e é conhecido como jardim “Char Bagh”. Semelhante ao Taj Mahal também é o jardim “T’timad”, em Ajra, onde está situado o túmulo de “T’timad”. O túmulo fica no alto de um terraço no centro do jardim da praça e em cada uma das quatro direções

há uma bacia de água.

O jardim é dividido em quatro partes cultivadas com árvores verdes e áreas planas. O mesmo projeto foi aplicado no túmulo de Humayun em

556 Yaqut Al Hamawi: Mu’jam Al Buldan (Dicionário de Países) 1 / 461.

557 Al Qazwini: Athar Al wa Bilad Akhbar Al Ibad (Traços dos Países e as Notícias dos Servos) 1 / 127

Delhi, o mausoléu foi localizado no centro do jardim que foi dividido por bacias hidrográficas, canais de água em pivôs e quadrados<sup>558</sup>.

## Marrocos:

---

Durante a era dos Muahhidin (moávidas), a capital Marrakech foi a cidade mais rica do Marrocos em jardins, pomares de uvas e todos os tipos de frutas. Alguns de seus melhores pomares foram os pomares de Al-Massara e Al-Salehia, estabelecida por Abdul Mu'min ibn Ali. Um de seus famosos lagos foi criado por Yaqub Al-Mansur, que tem cerca de 380 côvados de comprimento. Em um de seus lados, havia 400 pés de laranja amarga, entre cada duas árvores, havia uma árvore de limão ou manjerição<sup>559</sup>.

Os pomares de Marrakech não foram os únicos no Marrocos, havia outros pomares em Miknas, Fez, Al-Moqarmada, Taza<sup>560</sup>, Sala e Septos<sup>561</sup>.

Descrevendo os jardins de Septa, Al-Amri disse: “Na margem do Adwa, existiam vistas agradáveis que conquistam tanto o coração como os olhos. Havia também belos jardins à beira do mar, atraentes e bem organizados. A água que batia nas rochas fazia um som agradável e as árvores se entrelaçavam<sup>562</sup>.”

Finalmente, este passeio tão agradável pelos jardins na civilização islâmica nos acrescenta a convicção da grandeza desta civilização, e da grandeza do que ela deixou – até hoje – de parâmetros para o desenvolvimento humano e ambiental, a questão que claramente indica uma perfeita harmonia entre a religião islâmica e a natureza humana, que é naturalmente cativada pela cor verde e pela harmonia das árvores e frutas.

---

558 Yahia Waziri: *Al Imara Al Islamia wa Al Be'a* (A arquitetura Islâmica e o Meio Ambiente) p. 227, 228.

559 Muhammad Al Manoni: *Hadarat Al Muahhidin* (A Civilização dos Muahhidin), p. 162.

560 Idem.

561 Hassan Ali Hassan: *Al Hadara Al Islamia fi Al Maghreb wa Al Andalus* (A Civilização Islâmica no Marrocos e Andaluzia) era dos Morabitin e dos Muahhidin, p. 428 e seguintes.

562 Al Amri: *Massalik Al Absar fi Mamalik Al Amsar*, citado por: Hassan Ali Hassan *Al Hadara Al Islamia fi Al Maghreb wa Al Andalus* (A Civilização Islâmica no Marrocos e Andaluzia), p. 429.

## 3

## As Particularidades dos Jardins Islâmicos

James de Kay define que a concepção do jardim islâmico, assim como a arquitetura islâmica, não pode ser, nem mesmo apenas descrito por termos ocidentais, não só porque ele está fora do âmbito do desenvolvimento ocidental histórico, mas porque é consequência de um contexto intelectual diferente. Ele atesta que “a arte islâmica nunca caiu em tais contradições em larga escala, sobre as quais se estabelecem os padrões europeus”<sup>563</sup>.

Dr. Yahia Waziri, em seu livro “Al-Imara Al-Islamia wa Al-Be’a” (A arquitetura islâmica e o meio ambiente)<sup>564</sup>, apresentou algumas das qualidades distintas dos jardins islâmicos, dentre as quais:

### *1 – A inspiração alcorânica e profética da descrição do Paraíso:*

Os jardins islâmicos eram inspirados pela descrição alcorânica e profética do Paraíso, mesmo em tais detalhes minuciosos como árvores, água, assentos e aromas.

Os muçulmanos se inspiraram em versículos do Alcorão para escolher a posição exemplar dos jardins e paraísos terrestres. Um desses versículos é o dizer de Allah (exaltado seja): *[E o exemplo daqueles que gastam suas riquezas, em busca do agrado de Allah e com a firmeza de sua almas, é como o de um jardim em um morro. Uma chuva intensa alcançou-o; então, brotou seus frutos em dobro. E, se chuva não o alcançasse, haveria orvalho. E Allah, do que fazeis, é Onividente]* (Al-Baqarah: 265)

Aqui, os muçulmanos prestaram atenção em uma indicação precisa, o verso esclareceu que o lugar ideal para jardins e pomares são os locais mais altos (os montes). Isso evita que as raízes das árvores se encontrem com a água subterrânea que afeta seu crescimento, e ajuda na qualidade de drenagem e eliminação do excesso de água.

O interesse pelos jardins alcançou a medida em que troncos de árvores foram, por vezes, cobertos por folhas de ouro. Khumarawaih ibn Ahmad ibn Tulun cuidava dos jardins de seu palácio, a ponto de cobrir os troncos de

563 Salma Al Khadraa Jiousi: Hadara Al Islamia Saudita Fi Al Andalus (Em Árabe Civilização Islâmica na Andaluzia), seção de James de Kay, sob o título: “Al Hadiqa Al Andaluzia: Derasa Fi Madlulatiha Al Ramzia “(O Jardim da Andaluzia: Um Estudo em seu Significado Simbólico) 2 / 1435.

564 Yahia Waziri: Al Imara Al Islamia wa Al Be’a (A Arquitetura Islâmica e o Meio Ambiente), p. 214 em diante.

palmeira com cobre dourado, como se os muçulmanos se inspiraram para este método do hadith (dito) do profeta, (a paz esteja com ele), no qual ele diz: “Qualquer árvore no Paraíso tem seu tronco de ouro”<sup>565</sup>.

## 2 – A teoria paradisíaca:

A arquitetura islâmica se distinguiu por aquilo que pode ser chamado de “teoria paradisíaca”, numa tentativa de criar jardins e paraísos terrestres em ambientes que são marcados por circunstâncias climáticas severas, com o objetivo de melhorar e embelezar este ambiente. Com o crescimento e desenvolvimento das artes e da arquitetura islâmica, os jardins foram projetados de forma que a perfeição e excelência concedam tal frescor, com o qual o Alcorão descreveu os jardins no mundo... [*pomares plenos de viço*] (Al-Naml 60).

## 3 – Escritas:

Trechos do Alcorão, do hadith, ou frases islâmicas foram escritas em suas portas ou em suas paredes.

## 4 – Grande quantidade:

Os jardins foram construídos em grande número nas casas e nos quintais internos, a fim de garantir a privacidade e criar uma alternativa de alegria além dos parques, jardins e praças públicas.

## 5 – A privacidade:

A privacidade foi uma das principais características que distinguiu os jardins na era islâmica, por isso, os jardins foram cercados por muros altos e palmeiras, a fim de ocultar visões internas.

É importante concluir com um comentário essencial sobre a visão islâmica e a visão ocidental sobre os jardins, através do qual se esclarece a essência da filosofia islâmica, que dá atenção para a importância da beleza, e a essência da civilização ocidental, que presta atenção apenas no aspecto material e funcional. Esta observação foi feita por James de Kay, e com esta observação se explicou o motivo da “eliminação do patrimônio da horticultura islâmica”. Ele disse: “A expulsão dos mouros iria eliminar o patrimônio da horticultura islâmica na Espanha, mesmo que a queda de Granada não coincida com a mudança de gostos, que foi desencadeada pelo renascimento (na Europa). A era da renascença observou o jardim como um **complemento à arquitetura**, enquanto os muçulmanos se inclinaram para a **consideração do palácio como parte do jardim**. E a união entre essas duas visões totalmente divergentes não era possível”<sup>566</sup>.

565 Al Tirmizhi, narrado por Abu Huraira: o livro “Sefat Jannah ân Rasul Allah (Uma Descrição do Paraíso pelo mensageiro de Allah) (2525), autenticado por Al Albani em Sahih Al Jami’ (5647).

566 Salma Al Khadraa Al Jiousi: Al Hadara Al Islamia Al Arabia Fi Al Andalus (A Civilização Árabe Islâmica na Andaluzia), seção de James de Kay, sob o título: “Al Hadiqa Al Andaluzia: Derasa Fi Madlulatiha Al Ramzia”

# 4

## Os Chafarizes

As fontes nos jardins islâmicos fazem parte das competências dos agricultores, engenheiros e artistas muçulmanos, no uso de água nos jardins. “A água foi utilizada em jardins islâmicos de forma diversificada, em forma de superfícies aquáticas sombreadas por árvores, em forma de fontes que auxiliam no movimento da superfície da água para que ela não atue como superfície reflexiva, sob a forma de tubos superiores a partir dos quais a água flui, causando uma brisa aceitável, ou em forma de mola”<sup>567</sup>.

Depois de ter visto parte de como os jardins islâmicos se difundiram amplamente nas áreas muçulmanas, até mesmo dentro das casas, podemos dizer: nós podemos dobrar esse imaginário, e contar o número de fontes em todos os jardins das cidades islâmicas, porém esse número é incalculável.

Mesmo as casas pobres da sociedade islâmica são descritas por Will Durant, que disse: “As casas dos pobres naquela época, como é o caso agora, eram edifícios retangulares feitos de tijolos não queimados com um teto feito de uma mistura de barro, madeira, árvore de palma, galhos e palha. As casas que eram de alguma forma melhores tinham um espaço interno descoberto com uma fonte e, por vezes, uma árvore e um conjunto de colunas de madeira, bem como um corredor coberto entre o quintal e os quartos”<sup>568</sup>.

Por exemplo, havia mais de 600 chafarizes em Belgrado durante a era do Califado Otomano<sup>569</sup>.

E há alguns anos atrás, as autoridades marroquinas restauraram fontes antigas da cidade de Fez. De acordo com estatísticas divulgadas na época, havia cerca de 70 fontes tradicionais nas ruas de Fez, 400 fontes em casas, mesquitas e escolas antigas. Fontes históricas dizem que estas fontes existem na antiga cidade desde o século XVI d.C. Elas eram utilizadas para beber, dar de beber aos animais e irrigar os pomares. E acredita-se que a existência destas fontes se associou aos padrões da complexa rede de água em Fez cerca de 10 séculos atrás<sup>570</sup>.

(O Jardim da Andaluzia: Um Estudo em seu Significado Simbólico) 2 / 1435.

567 Yahia Waziri: *Al Imara Al Islamia wa Al Be'a* (A arquitetura islâmica e o meio ambiente), p. 217.

568 Will Durant: *História da Civilização* 13/241.

569 *Jornal Asharq Al Awsat*, datado de 25 de novembro de 2008.

570 *Jornal Asharq Al Awsat*, datado de 27 de outubro, 2002.



Assim, as fontes não eram uma espécie de ostentação, mas faziam parte da filosofia da civilização islâmica no uso da água, que era “relacionada a aspectos funcionais e prazer material e espiritual”<sup>571</sup>.

A água que sai das fontes – no jardim Generalife, em Granada – foi dirigida em torno da borda da piscina de uma maneira muito hábil, que poderia fazer a água fluir produzindo ondas semicirculares ao cair na piscina. Este estilo foi uma adição islâmica que não existia antes<sup>572</sup>. Havia, por vezes, peixes ou aves, como patos. E a existência de chafarizes nesses lagos impediu o aparecimento de insetos na superfície da água. Eles também foram usados para liberar a pulverização de água, refrescando e hidratando o clima com a mínima quantidade de água possível<sup>573</sup>.

A utilização bem feita da água foi claramente demonstrada em fontes públicas que combinavam aspectos simbólicos, estéticos e práticos. Os mais belos exemplos destas criatividades estão nos pátios das mesquitas, e o que existia nos países dos Balcãs durante a era do Califado Otomano é um dos mais destacados exemplos, como: as fontes da Mesquita de Muhammad Koski Basha, a Mesquita Hertdos Bey, Mesquita Sinan Bey, em Kaineng, Mesquita do Sultão Ismi, em Baica, Mesquita Mustapha Basha, em Skopje, Mesquita Ghazi Khosrof Beg, em Sarajevo, a Mesquita Alaja, em Foca. Muitas cidades muçulmanas em todo o mundo, especialmente nos Balcãs, são marcadas por fontes cuja água é potável, além de apropriadas para as abluções e banho<sup>574</sup>.

Na Andaluzia, nomeadamente no palácio de Alhambra, a fonte da praça dos leões não era apenas um dos eixos principais da rede de água que abastece



*Fonte da praça dos leões, Granada*

o palácio, mas também era uma obra-prima que mostrou a beleza da escultura na civilização islâmica, a bacia desta fonte tem doze leões com água saindo de suas bocas. Ficamos mais surpresos ao saber que a fonte era um relógio, onde a água sai da boca de apenas um leão à uma hora, e de dois leões, quando são duas horas, e assim por diante, até que a água saia da boca de todos os doze leões às 12 horas. Mas, este sistema entrou em colapso após a queda da Andaluzia, e os espanhóis o estragaram quando tentaram aprender a operá-lo<sup>575</sup>.

Assim, as fontes eram parte elegante dos jardins islâmicos, tinham uma função prática, valor estético e, por vezes, eram invenção científica.

571 Yahia Waziri: *Al Imara Al Islamia wa Al Be'a* (A Arquitetura Islâmica e o Meio Ambiente), p. 217.

572 Salma Al Khadraa Jiousi: *Hadara Al Islamia Saudita Fi Al Andalus* (Em árabe Civilização Islâmica na Andaluzia), seção de James de Kay, sob o título: “Al Hadiqa Al Andaluzia: Derasa Fi Madlulatiha al Ramzia” (O Jardim da Andaluzia: Um Estudo em seu significado simbólico) 2 / 1433.

573 Yahia Waziri: *Al Imara Al Islamia wa Al Be'a* (A arquitetura islâmica e o meio ambiente), páginas 217 e 218.

574 Abdul Baqi Khalifa: *Al Athar Al Tarikhia Fi Al Balqan* (Monumentos Históricas nos Balcãs), pesquisa publicada no jornal *Asharq Al Awsat*, 25 de novembro de 2008.

575 Walid Ahmad Al Sayed: *In'ikassat Falakiah Fi Al Imara Al Arabia Al Islamia* (Reflexões Astronômicas na Arquitetura Árabe Islâmica), jornal saudita *Al Jazeera*, 09 de novembro de 2002.

## Quarto Capítulo

### A Beleza Humana Exterior

**Deus** criou o ser humano belo e com a melhor formação e mais nobre imagem. Ele (exaltado seja) diz: *[Nós criamos o homem na melhor das formas]* (Attin: 4). E também diz: *[Aquele que te criou e te formou e te endireitou. Na forma que Ele quer, Ele te compôs]* (Al Infitar: 7, 8). Allah (exaltado seja) também descreve o adorno e beleza que Ele concedeu ao homem no mundo, dizendo: *[Por certo, fizemos do que há sobre a terra ornamento para ela, a fim de pôr à prova qual deles é melhor em obras]* (Al Kahf: 7).

Deus também ordenou a termos a ornamentação e o embelezamento no Nobre Alcorão, censurando aqueles que rejeitam o desfrutar daquilo que Deus criou na natureza e concedeu aos Seus servos. Ele diz: *[Ó filhos de Adão! Tomai vossos ornamentos em cada mesquita. E comei e bebei, e não vos entregueis a excessos. Por certo, Allah não ama os entregues a excessos (desperdiçadores). Dize: Quem proibiu os ornamentos que Allah criou para Seus servos e as cousas benignas do sustento? Dize: Estas são, nesta vida, para os que creem, e serão a eles consagradas exclusivamente no Dia da Ressurreição. Assim elucidamos os sinais a um povo que sabe]* [Al A'araf: 31, 32).

Quando o Islam aconselha o homem a se embelezar e se ornamentar, isso não significa que quer dizer somente o cuidado com a beleza do corpo e da saúde, tais como a limpeza da veste e do corpo.

Significa, antes de tudo isso, a beleza da ética e a beleza do relacionamento, que é o que se realizou e se integrou na civilização islâmica humanista. Portanto, a beleza humana tem dois tipos: beleza exterior e beleza interior.

Nesta parte apresentaremos a beleza da corpo e aparência através dos seguintes temas:

1. A Beleza do Corpo
2. A Beleza da Roupas
3. A Beleza da Casa, Rua e da Cidade
4. As Sufilezas do Estilo [Exemplos de Etiqueta no Islam]

## 1

## A Beleza do Corpo

Não é nenhum segredo que a limpeza e a purificação – e o cuidado com ambos – são dois dos aspectos mais importantes e mais claros da civilização humana. Eles também, ao mesmo tempo, são o melhor aspecto que reflete a beleza material ou exterior. De fato, o Islam foi milagroso neste aspecto. O Islam trouxe um sistema que garante a saúde do corpo, da alma e da sociedade e de toda a humanidade! A ponto de o Alcorão orientar que *[Allah ama os purificados]* (Al Baqarah: 222), e *[Allah ama os que se purificam]* (Attaubah: 108), “ou seja: aqueles que se distanciam das sujeiras e da moléstia”<sup>576</sup>.

O profeta (a paz esteja com ele) afirma: “A pureza é a metade da fé”<sup>577</sup>. Alguns estudiosos disseram na explicação deste hadith que a “recompensa da pureza é multiplicada para alcançar a metade da recompensa da fé”<sup>578</sup>.

Vale ressaltar que todas essas indicações vieram num momento em que a sujeira era uma característica distintiva dos europeus. O indivíduo só se banhava uma vez ou duas vezes por ano<sup>579</sup>, na medida em que consideravam a sujeira que se prende no corpo e na veste uma bênção e algo que dá força aos corpos.

Nessa época, o sistema islâmico veio para orientar os muçulmanos para a purificação (taharah) e para a obrigatoriedade e recomendação do banho, de maneira que não há pureza para os seus corpos senão com o banho, e a oração sem ablução não é válida, e esta ablução pode chegar a ser realizada cinco vezes por dia.

O banho é obrigatório depois da menstruação e depois do ato sexual (janabah). E é recomendável nos dois dias festivos dos muçulmanos e no ihram (um estado no qual é proibida a prática de determinados atos no hajj ou umrah, e são permitidos em outros momentos). Os estudiosos se dividiram sobre a sua recomendação ou obrigatoriedade às sextas-feiras, e no geral, ele é recomendável, porque Abu Said Al-Khudri narra que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “O banho no dia de sexta-feira é para todos aqueles que atingiram a puberdade, assim como o uso do siwak e se perfumar com o perfume que puder”<sup>580</sup>.

576 Ibn Kathir: Tafsir Al-Qu’ran Al Adhim, 1 / 588.

577 Muslim (223) e Ahmad (22:953).

578 Al Nawawi: Al Minhaj, 3 / 100.

579 Hunke Sigrid: Shams Al Arab, p. 54.

580 Al Bukhari (840) e Muslim (846).

O Islam ainda determinou o período máximo entre dois banhos. O profeta (a paz esteja com ele) disse: “É um dever para todo muçulmano que se banhe uma vez a cada sete dias, lavando a cabeça e o corpo”<sup>581</sup>.

Alguns estudiosos enumeraram os tipos de ghusl (banho) a dezessete, indicando a sua importância. O Islam também ordenou a pureza de vários órgãos do corpo, e mostrou cuidado especial com os órgãos onde a ocorrência de doenças é comum ou estão mais expostos e, por isso, é mais provável a ocorrência de sujeira.

O sistema de limpeza do Islam pode ser organizado em três etapas: A proibição da sujeira, a ordem da limpeza e a recomendação de adorno, que é um nível superior à limpeza.

Os muçulmanos também aprenderam que ignorar a pureza é uma razão para o castigo. O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) uma vez passou por dois túmulos, e informou os seus companheiros sobre as duas pessoas enterradas naqueles túmulos, dizendo: “Eles estão sendo torturados, e não estão a ser torturados por uma grande coisa (de se evitar). Um deles não se absteve de se sujar com a sua urina, enquanto o outro andava entre as pessoas difundindo o rumor (intriga e fofoca)”<sup>582</sup>.

E certa vez, o profeta (a paz esteja com ele) viu um homem com o cabelo despenteado e barba desarrumada. O profeta (a paz esteja com ele) apontou para ele, como se indicando que ele deveria arrumar o cabelo e a barba. O homem foi e fez, depois voltou. O profeta (a paz esteja com ele) disse: “Isto não é melhor do que um de vocês vir com o cabelo despenteado, como se fosse um demônio?”<sup>583</sup>

O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) também recomendou a limpeza das partes do corpo onde é provável a concentração de suor, sujeira e micróbios, e estabeleceu isso como “Sunan Al-Fitrah” (tradições naturais). Ele diz: “Cinco são partes da fitrah (natureza): a circuncisão, raspar os pelos pubianos, aparar as unhas, arrancar os pelos das axilas e aparar o bigode”<sup>584</sup>.

Ele também diz: “Se eu não fosse sobrecarregar a minha nação, iria prescrever que eles usem o siwak (que limpa os dentes) em toda ablução”<sup>585</sup>. E Ibn Abbas disse: “Nós éramos ordenados a usar o siwak, a ponto de pensarmos que ia ser revelado no Alcorão”<sup>586</sup>.

Não é de admirar então que os banhos públicos tenham se espalhado em países da civilização islâmica e se tornaram uma parte que distingue o aspecto arquitetônico nesses países.

581 Al Bukhari (856) e Muslim (849).

582 Al Bukhari: Kitab Al Udhu' (Livro da Ablução) (213) e Muslim: Kitab Al Taharah (Livro da Purificação) (292).

583 Malik: Al Muwataa (1702). Autenticado por Al Albani em Al Silsilah Al Sahihah (493).

584 Al Bukhari, da narração de Abu Hurairah: Kitab Al Libas (Livro das Vestes) e Muslim Kitab Al Taharah (Livro da Purificação) (257).

585 Al Bukhari: Kitab Al Jum'u'a (Livro da Sexta-Feira) (5550) Abu Daud, (47), Al Tirmizhi (22) e Ahmad (7840).

586 Relatado por Ibn Abi Shaybah (1793).

A orientalista alemã Sigrid Hunke realizou uma comparação entre a civilização islâmica naquela época, e entre a Europa, a este respeito. Ela disse que o erudito andaluso Al-Tartushi viu coisas chocantes durante suas viagens nos países ocidentais. Hunke relata que Al-Tartushi, que é um muçulmano que deve se banhar e fazer a ablução cinco vezes por dia para orar, disse: “Você nunca vai ver pessoas mais sujas do que eles. Eles não se limpam e não tomam banho com exceção de uma ou duas vezes por ano e com água fria. Quanto à sua roupa, eles nunca a lavam depois de usar até que se tornem esfarrapadas”. Hunke acrescenta: “Tal coisa – a impureza e sujeira – não pode ser compreendida ou tolerada por um árabe refinado, para ele, a limpeza e pureza do corpo não é apenas uma obrigação religiosa, mas também uma necessidade, dadas as circunstâncias do tempo quente”. Em seguida, ela cita que a cidade de Bagdá no século X era lotada de banhos públicos aquecidos, com esfregadores e esteticistas<sup>587</sup>.

Ela observa: “Nós dizemos que, embora o clima quente leve as pessoas a se limpar, a escassez de rios e recursos hídricos poderia ser aceitável como motivo para não se exigir rigorosamente esta rotina diária e semanal de limpeza. Nem todos os lugares da Europa são frios. Há regiões quentes na Europa, e ao mesmo tempo, ela flutua sobre rios espalhados de norte a sul, de leste a oeste. No entanto, surgiram muitos princípios defendendo a sujeira e fazendo o sujo se sentir orgulhoso”.

Em seguida, o Islam trouxe a pós-limpeza, estabelecendo diversos tipos de adorno.

O profeta (a paz esteja com ele) deixou claro que ele adora o perfume. Ele disse: “É amado para mim de vosso mundo: as mulheres, o aroma agradável, e o colírio dos meus olhos (meu maior prazer) está na oração”<sup>588</sup>. Era seu costume quando lhe era dado perfume, não rejeitá-lo<sup>589</sup>. Ele ainda recomendou: “Aquele a quem é apresentado um perfume não deve rejeitá-lo, pois é leve para carregar e de agradável odor”<sup>590</sup>.

Quando uma túnica preta foi feita para o profeta e vestiu-a. Quando suou, ele percebeu o cheiro de lã e, então, a jogou<sup>591</sup>. E, por isso, o servente do profeta, Anas Ibn Malik, descreveu: “Eu nunca toquei um pano de seda ou seda pura mais suave do que a palma da mão do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele). Nem senti cheiro nenhum, de almíscar ou qualquer outra fragrância, mais agradável do que o odor do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele)”<sup>592</sup>.

Com isso, a limpeza para os muçulmanos foi uma ordem religiosa, com a sua aplicação almejam a recompensa, e acreditam que cumpri-la é seguir o exemplo de seu profeta (a paz esteja com ele).

587 Sigrid Hunke: Idem p. 54.

588 Al Nassái (3940) e Ahmad (14069).

589 Al Nassái (5258) e Ahmad (12197).

590 Al Nassái (5258) e Ahmad (12197).

591 Abu Daud (4074).

592 Muslim (2330).

## 2

## A Beleza da Roup

O Islam também deu atenção à vestimenta, pois a roupa agradável e limpa reflete positivamente sobre a própria pessoa que a veste e sobre aqueles que vivem ao seu redor, e até mesmo sobre aqueles que o veem, apesar de não conhecê-lo.

Quando o Nobre Alcorão falou sobre a bênção das vestes, mencionou que cobre as partes íntimas (al áurah) e que é um adorno.

A natureza do homem foi criada com a índole de ocultar as partes vergonhosas do corpo, ao contrário dos animais e pássaros. Essa natureza, por si mesma, é bela, mesmo sendo uma necessidade. Quando Adão e sua esposa comeram da árvore, suas partes vergonhosas foram expostas a eles. Quando eles viram *[começaram a aglutinar as folhas do Paraíso sobre suas partes íntimas]* (Al A'araf: 22). “Isso revela que o ser humano se envergonha quando suas partes íntimas são expostas. Somente as pessoas de uma natureza corrupta se despem e expõem suas partes vergonhosas”<sup>593</sup>.

Assim, a roupa adequada é uma natureza e uma necessidade implantada na alma. É uma bênção de Allah, porém Ele chamou a nossa atenção para o que ela contém de bênção da beleza, assim como citou a beleza interior. Allah (exaltado seja) diz: *[Ó filhos de Adão! Com efeito, criamos, para vós, vestimenta para cobrir vossas partes pudendas, e adereços. Mas a vestimenta da piedade, esta é a melhor]* (Al A'araf: 26).

Em um dos primeiros versos do Alcorão a ser revelado, lemos: *[E a teus trajés, purifica-os]* (Al Muddathir: 4). Como é belo que o Islam – desde o primeiro dia em que foi revelado para a humanidade – se preocupe com o aspecto exterior assim como toma conta do aspecto interior.

Ele combina o monoteísmo à limpeza do ser humano: **[E a teu Senhor, magnífica-O! E a teus trajes, purifica-os]** (Al Muddathir: 3, 4).

A limpeza da veste aqui é no sentido material da palavra e aplica-se também sobre os pecados e os excessos. Ibn Kathir diz: “Este versículo pode abranger tudo isso junto com a pureza do coração, porque os árabes denominam as vestes com este termo (coração)”<sup>594</sup>.

Allah (exaltado seja) recomendou o enfeite, dizendo: **[Ó Filhos de Adão! Tomai vossos ornamentos em cada mesquita. E comei e bebei, e não vos entregueis a excessos]** (Al A’araf: 31). O versículo também acusou os que não fazem isso: **[Dize: Quem proibiu os ornamentos que Allah criou para Seus servos e as cousas benignas do sustento?]** [Al A’araf: 32].

Alguns estudiosos até mesmo exageraram no entendimento desse verso (**Tomai vossos ornamentos em cada mesquita**). Eles estabelecem como condição para a eliminação da impureza que seja lavada com água de rosas. Al Imam Al-Razi disse em seu tafsir (interpretação do Alcorão): “Eles disseram na explicação desta opinião: Fomos ordenados a orar no dizer de Allah: **[E cumpro a oração]** [Al An’am: 72]. E as orações são súplicas, e um adorador suplica a Deus, o que significa que somos ordenados a fazer outra coisa ao invés de oferecer orações. Isto significa que a validade das orações não depende somente de cobrir as partes íntimas. No entanto, estabelecemos isto como obrigatório conforme o versículo que diz: **[Tomai vossos ornamentos em cada mesquita]**. (Al A’araf: 31). Assim, o uso de roupas lavadas pela água de rosas mostra o nível máximo de limpeza e ornamentação. Então deve ser feito para ser o bastante para a validade da oração”<sup>595</sup>.

Quando o profeta (a paz esteja com ele) viu um homem trajando roupas sujas, disse: “Este não poderia encontrar água para lavar sua roupa?”<sup>596</sup>. E o profeta (a paz esteja com ele) gostava das roupas brancas e as recomendava. Ele dizia: “Vistam as roupas brancas, pois elas são mais puras e mais agradáveis”<sup>597</sup>.

Na biografia do profeta (a paz esteja com ele), temos suas posições que merecem reflexão. A posição de um homem que gosta da beleza e zela por ela a ponto de temer que esta conduta seja a ostentação. E a posição de outro homem que não se importa com a beleza.

594 Ibn Kathir: Tafsir Al Qu’ran Al Adhim, 8 / 263.

595 Al Razi: Al Tafsir Al Kabir, 14/232.

596 Abu Daud: Kital Al Libas (Livro das Vestes) (4062). Autenticado por Al Albani em Al Silsilah Al Sahihah (493).

597 Ahmad (20166, 20213, 20231). Autenticado por Al Albani em Al Jami’ Al Saghir (2115).



Ibn Mas'ud narra que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Ninguém que tenha mesmo o peso de um átomo de orgulho em seu coração entrará no Paraíso”. Um homem lhe perguntou: “O homem gosta que suas roupas sejam boas e que seus sapatos sejam bons” (Quer dizer, isso é contado como orgulho?). O profeta (a paz esteja com ele) disse: “Allah é Belo e ama a beleza. O orgulho significa negar a verdade e menosprezar as pessoas”<sup>598</sup>.

Esta é a equação bem formulada estabelecida pelo Islam, o zelo pela beleza e pelo adorno, desde que isso não afete a alma, ou a empurre à ostentação. “Kibr” significa olhar para as pessoas de cima, que a pessoa se inche às custas dos outros. Não há problema em ser muito bonito, porque Allah (exaltado seja) gosta da beleza. No entanto, cuidado com um grão de vaidade, porque apenas um grão de vaidade pode privá-lo de entrar no Paraíso.

A este respeito, não é correto abandonar a beleza em sua totalidade por causa de piedade ou seguindo o que é melhor. E aqui apresentamos a segunda situação narrada por Abul Ahwas citando seu pai. Ele diz: “Eu fui ver o profeta (a paz esteja com ele) com roupas esfarrapadas”. Ele disse: “Você tem dinheiro?”. Eu disse que sim. Ele disse: “Que tipo de dinheiro?”. Eu disse: “Allah me deu camelos, ovelhas, cavalos e escravos”. Ele disse: “Então, se Deus lhe deu riqueza, que seja observado em ti a marca da graça de Allah e Sua bênção”<sup>599</sup>.

Com isso, percebemos como o Islam traça a moderação entre a negligência e o extremismo, entre a vaidade e a feiura. Allah é Belo e Ele ama a beleza, e também gosta de ver a marca de Sua bênção em Seu servo. No entanto, ele proíbe qualquer pessoa que tenha um grão de orgulho em seu coração de entrar no Paraíso.

O profeta costumava se vestir bem. Conhecemos isso quando Ibn Abbas foi como um mensageiro de Ali ibn Abi Talib falar com os Kharijitas e convencê-los com a verdade. Devemos observar esta história, quando Ibn Abbas escolhe a melhor roupa que tem para cumprir esta missão. Abu Daud cita que Ibn Abbas disse: Quando Al Haruriyah (uma facção dos Kharijitas) fez uma revolta, eu vim até Ali (que Allah esteja satisfeito com ele). Ele disse: Vá até essas pessoas. Eu, então, coloquei a melhor roupa do Iêmen. Abu Zumayl (um dos transmissores) disse: “Ibn Abbas era bonito e tinha imponente semblante”. Ibn Abbas continua: Eu, então, vim a eles e eles disseram: Bem-vindo, Ibn Abbas! O que é essa peça de roupa? Eu

598 Muslim: Kitab Al Iman (Livro da Crença) (91).

599 Al Nassai: Kitab Al Zinah (Livro do Adorno) (5224). Al Albani disse: É correto. Ver: Al Sahih Al Jami' (254).

disse: Por que vocês me contestam? Eu vi sobre o mensageiro de Allah (que a paz esteja com ele) o que de melhor pode existir de roupas<sup>600</sup>.

O cuidado do Islam com a limpeza e pureza da roupa atingiu o nível de o profeta (a paz esteja com ele) detestar que um muçulmano vá para a oração, especialmente a de sexta-feira, de roupa suja. Ele ainda recomenda que aqueles que trabalham em profissões onde as vestes se sujaram a dedicar uma veste limpa para a oração de sexta-feira. O profeta (a paz esteja com ele) diz: “Qual é o problema se algum de vocês tem duas peças para a sua sexta-feira (oração), além das duas peças para o seu cotidiano de trabalho?”<sup>601</sup>.

Na jurisprudência islâmica, a roupa é considerada impura (najis) uma vez que uma substância impura impura a suje, como urina, fezes e sangue. E a oração não é válida com esta roupa até que esta substância seja removida, mesmo que seja pequena. Ahmad ibn Hanbal disse sobre a roupa que é atingida com urina ou fezes: “Deve voltar a fazer a oração, seja esta impureza pouca ou muita”<sup>602</sup>.

Al-Imam Al-Mannawi resumiu esta questão quando disse: “A limpeza da veste e do corpo é necessária com base no raciocínio lógico, na lei islâmica e no costume em geral... Sheikh Al-Islam Al-Burhan ibn Abi Sharif usava roupas de extrema pureza, limpeza e brancura, numa medida que não foi alcançada nem mesmo pelas roupas dos reis do seu tempo, como se tivesse um pedaço de luz junto com sua roupa. A limpeza faz com que se aumente o respeito ao ser visto e se aumente a majestade no coração. Muitas pessoas pobres minimizaram a importância da limpeza numa medida que é detestável racional e tradicionalmente, e pode chegar a ser desaprovado religiosamente. O Satanás ilude a alguns deles e os abstém da limpeza, inspirando-lhes frases como “limpe seu coração antes de limpar a sua roupa”. Com isso, ele não os aconselha, mas os desestimula o cumprimento das ordens de Allah e de Seu mensageiro e o cumprimento do direito das pessoas que sentam com ele e o respeito dos locais de agrupamento, onde é necessária a limpeza. Se eles investigassem bem este assunto, iriam perceber que a limpeza do exterior auxilia na limpeza da parte interior. Neste contexto, foi relatado que o profeta (a paz esteja com ele) nunca sujou uma roupa, porque só transparecia dele o bom aroma”<sup>603</sup>.

600 Abu Daud: Kital Al Libas (Livro das Vestes) (4037).

601 Abu Daud: Kitab Al Salat (Livro da Oração) (1078) e Ibn Majah (1096).

602 Masail Al Imam Ahmad (As Questões Religiosas do Imam Ahmad), p. 41.

603 Al Mannawi: Faidh Al Qadir, 2/285.

# B

## A Beleza da Casa, Rua e da Cidade

A casa, a rua e a cidade representam o espaço no qual o ser humano vive, e este espaço é conhecido pela humanidade atualmente pelo nome de “ambiente”.

É interessante notar que Allah (exaltado seja) fez da beleza deste ambiente um dos objetivos da existência do homem nessa vida. Allah diz no Alcorão, citando o Seu mensageiro Salih: *[É Ele Quem vos fez surgir da terra e vos fez povoá-la]* (Hud: 61). Ibn Kathir diz: “O versículo significa que Allah lhes fez nela para construírem-na e explorarem-na”<sup>604</sup>. Zaid Ibn Aslam também disse: “Vos ordenou construir o que necessitam de casas e plantio de árvores”. Também foi dito que o verso significa: “Ele vos inspirou a construção da terra, incluindo plantio de lavouras, escavação de rios, entre outros”<sup>605</sup>.

E a menor forma de beleza na rua está intimamente ligada à crença no coração dos muçulmanos. O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) fez a retirada do que molesta as pessoas para longe do caminho uma parte da fé, dizendo: “A fé tem setenta e alguns ou sessenta e alguns níveis, a mais excelente é a declaração de que não há nenhum deus além de Allah, e a mais humilde é a remoção do que é prejudicial do caminho”<sup>606</sup>. E remover os obstáculos do caminho do povo significa tirar e distanciar tudo o que molesta, seja uma pedra, um espinho ou qualquer outra coisa.

E o afastamento das coisas prejudiciais equivale à recompensa da sadaqah (caridade). Abu Hurairah narra que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Remover o que é nocivo do caminho também é sadaqah”<sup>607</sup>.

A remoção de coisas prejudiciais do caminho das pessoas também foi um dos atos pelos quais Allah (exaltado seja) perdoou um de Seus servos e

604 Ibn Kathir: Tafsir Al Qur'an Al Ádhim 4 / 331.

605 Abu Haiyan Al Andalusi: Tafsir Al Bahr Al Muhit 5 / 236.

606 Muslim, da narração de Abu Hurairah: Kitab Al Iman (Livro da Crença) (58), Ahmad (8913) e Ibn Hibban (166).

607 Al Bukhari: Kitab Al Jihad wa Al Siar (Livro de Jihad e Biografia) (2828).

o introduziu no Paraíso. Isso foi informado pelo profeta (a paz esteja com ele): “Enquanto um homem estava a andar em um caminho, ele encontrou um ramo de uma árvore espinhosa no caminho e o removeu. Allah reconheceu a sua ação e o perdoou”<sup>608</sup>. Em outra narração de Ibn Majah: “Um ramo de uma árvore espinhosa estava num caminho e molestava as pessoas. Um homem a removeu e, então, foi introduzido no Paraíso”<sup>609</sup>. E a remoção de obstáculos das ruas é considerada uma das melhores obras da nação muçulmana, de acordo com o dito do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele), que diz: “As ações boas e ruins da minha nação foram apresentadas a mim. Encontrei entre os seus bons atos remover os obstáculos do caminho das pessoas”<sup>610</sup>.

E nos surpreendemos quando ouvimos Abu Barza, um nobre companheiro do profeta (a paz esteja com ele), perguntar a ele: “Ó mensageiro de Deus, me ensine alguma coisa que me beneficie”. Ele disse: “Retire a moléstia do caminho dos muçulmanos”<sup>611</sup>.

Podemos até ficar mais admirados quando ouvimos a forte advertência do profeta (a paz esteja com ele) contra quem desobedecer esta ordem: “Aquele que molesta os muçulmanos em seus caminhos merece as suas maldições”<sup>612</sup>.

Viu isso?! Sete textos da Sunnah consideram o assunto da “remoção do que prejudica do caminho”. E isto não é a enumeração de todos os textos. E não conhecemos nenhuma outra filosofia, legislação ou sistemas que chegaram a esse nível de cuidar da beleza da rua. Se supusermos que isso aconteceu, eles dizem que “a remoção de obstáculos do caminho é um motivo para ter seus pecados expiados e entrar no Paraíso”?

Devemos parar um pouco para refletir sobre esta história: Havia uma companheira do profeta (a paz esteja com ele) que limpava a mesquita. O profeta (a paz esteja com ele) sentiu a ausência dela. Então, perguntou sobre ela e, quando soube que ela faleceu, ele culpou os seus companheiros por terem menosprezado o assunto dela e não lhe terem dito sobre a sua morte. Ele disse: “Vocês não deveriam ter me dito? Levem-me para a sua sepultura”. Levaram-no, e ele orou por ela<sup>613</sup>.

608 Al Bukhari: Kitab Al Madhalim (Livro das Reclamações) (2340) e Muslim: Kitab Al Ijarah (Livro do Emirado) (1914).

609 Ibn Majah: Kitab Al Adab (Livro das Boas Maneiras) (3682), e autenticado por Al Albani em suas observações sobre Ibn Majah.

610 Muslim: Kitab Al Massajid wa Mauadhi' Al Salat (Livro das Mesquitas e Locais de Oração) (553).

611 Muslim: Kitab Al Bir wa Al Silah wa Al Adab (Livro da Virtude, Relações e Educação) (2618).

612 Relatado por Al Tabarani em “Al Kabir” (3051), e foi considerado como hassan por Al Albani em Sahih Al Jami' (5923).

613 Al Bukhari: Abuab Al Massajid (As portas das Mesquitas) (446) e Muslim: Kitab Al Janaiz (Livro dos Fétretos) (956).

Esta mulher, que foi mencionada na história do Islam e se tornou memorável no livro das tradições do profeta (a paz esteja com ele), apenas zelou pela limpeza da mesquita. Por isso, ela mereceu – unicamente na história islâmica – ser lembrada para sempre e que o profeta (a paz esteja com ele) culpe os seus companheiros por causa dela e reze para ela.

O profeta também ordenou-nos não urinar ou defecar em locais frequentados por pessoas. Ele disse: “Proteja-se contra as duas maldições (as práticas que convidam as maldições das pessoas)”. Ele foi perguntado: Quais são essas ações? Ele disse: “Fazer necessidades no caminho das pessoas ou em suas sombras”<sup>614</sup>. Isso significa que se um homem urina ou defeca em um lugar por onde passam ou sentam as pessoas, ele estará trazendo maldição sobre si. Al Imam Abu Sulaiman Al-Khattabi<sup>615</sup> disse: As duas maldições aqui, significa duas coisas que trazem maldição para os seus praticantes”<sup>616</sup>. E se o local for mais exclusivo, como a mesquita, a preocupação com ele também se torna maior, a ponto de o profeta (a paz esteja com ele) dizer: “O cuspe na mesquita é um pecado e sua expiação é enterrá-lo”<sup>617</sup>.

E os judeus não limpavam suas casas, então, o profeta (a paz esteja com ele) ordenou a seus companheiros, dizendo: “Limpem vossas casas, pois os judeus não limpam as suas casas”<sup>618</sup>.

Nesta recomendação, encontramos evidências de que a beleza islâmica é original e não foi influenciada pelo clima quente, como alguns pesquisadores ocidentais creram, ou influenciada por sistemas ou leis antigas.

O Islam conclamou os muçulmanos a realizar orações extras em casa. Jabir cita que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Se alguém de vós cumprir a oração na mesquita, que dê para a sua casa uma parte de sua oração, porque Allah irá gerar o bem por causa dessas orações”<sup>619</sup>. Assim, as casas são outras mesquitas pequenas e, por isso, devem estar purificadas para estarem aptas para orações. E essa também foi uma ordem do profeta (a paz esteja com ele) dirigida à sua nação, Samurah ibn Jundub narra que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) nos ordenou a fazer de nossas casas mesquitas e a limpá-las”<sup>620</sup>.

614 Muslim: Kitab Al Taharah (Livro da Purificação) (269)

615 Abu Sulaiman Al Khattabi: (319 – 388 d.H / 931 – 998 d.C) Hamad ibn Muhammad ibn Ibrahim ibn Al Khattab Al Busti, Abu Sulaiman: jurisprudente e estudioso do hadith. Sua origem é de Bust, no Afeganistão, e é descendente de Zaid ibn Al Khattab. Entre os seus livros: Ma’alim Al Sunan. Veja: Al Zirikli: Al A’alam 2 / 273.

616 Al Nauawy: Al Minhaj 3 / 161.

617 Al Bukhari: Abuab Al Massajid (As portas das Mesquitas) (405) e Muslim: Kitab Al Massajid wa Mauadhi’ Al Salat (Livro das Mesquitas e Locais de Oração) (552).

618 Al Tabarani: Al Mu’jam Al Ausat 4 / 231.

619 Muslim: Kitab Al Haj (Livro da Peregrinação) (1298).

620 Abu Daud: Kitab Al Salat (456), Ahmad (20196), Al Tirmizhi (594), Ibn Majah (759) e Ibn Hibban (1634). Shu’aib Al Arnaut disse: Sua corrente é autêntica conforme as condições de Al Bukhari.

O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) também proibiu que o indivíduo urine no local de banho. Ele disse: “Que ninguém de vós urine onde se banha e, depois faça a ablução neste mesmo lugar”<sup>621</sup>.

Estes são alguns dos textos sobre a proibição da sujeira em casa ou na rua.

E o assunto não se resumiu à proibição. O Islam incentivou o plantio e a arborização. Anas ibn Malik cita que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Não há nenhum muçulmano que planta uma semente ou uma árvore, e então um pássaro, ou uma pessoa ou um animal come dela, sem que esta seja considerada como um ato de caridade (sadaqah) para ele”<sup>622</sup>. Na narração de Muslim, lê-se: “e o que for roubado deste plantio será um ato de caridade para ele... e toda vez que diminuir também será um ato de caridade para ele”.

O profeta ainda recomendou o plantio de árvores mesmo que tenha se aproximado o Dia da Ressurreição. Anas narrou que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Se o dia do Juízo Final chegar, e alguém de vós tiver um broto de palmeira nas mãos e puder plantá-la, ele deve plantá-la”<sup>623</sup>.

Não há incentivo mais forte ao plantio de árvores do que este hadith, porque revela a natureza produtiva e beneficente do indivíduo muçulmano. Por natureza, um muçulmano dá a vida como uma fonte que jamais se esgota. Se o Juízo Final está prestes a chegar, ele vai continuar a plantar e semear, embora ele saiba muito bem que ele e os outros não viverão para comer dos seus frutos. O trabalho aqui é feito por causa do trabalho, porque é um ramo da adoração e do dever do homem de cumprir a sua missão na vida até a última pulsação<sup>624</sup>.

A construção sobre um terreno ficou conhecida na Jurisprudência Islâmica como “*ihiá al mauat*” (reavivamento da terra morta). A expressão é extraída do dito do profeta (a paz esteja com ele): “Aquele que revive uma terra morta tem direito à sua propriedade”<sup>625</sup>.

O Islam, por um lado, ordenou seus seguidores a observar a higiene e proibiu várias formas e tipos de sujeira. Por outro lado, incentivou a arborização e plantação. E por isso, as cidades e casas islâmicas nos séculos gloriosos do Islam foram verdadeiras obras-primas.

621 Abu Daud: *Kitab Al Taharah* (Livro da Purificação) (27), *Al Nassai* (36), *Ibn Majah* (304) e *Ahmad* (20588). Foi considerado como sahih (autêntico) por *Al Albani em Sahih Al Jami'* (7597). E foi narrado por *Al Bukhari* e por *Muslim* com o texto: “Que ninguém de vós urine na água parada...”.

622 *Al Bukhari: Kitab Al Muzara'ah* (Livro da Plantação) (2195) e *Muslim: Kitab Al Mussaqah* (Livro da Irrigação) (1552).

623 Relatado por *Al Bukhari em Al Adab Al Mufrad* (479), e autenticado por *Al Albani*.

624 *Al Qardhawi: Ri'ayat Al Bia fi Shari'at Al Islam* (A conservação do meio ambiente na lei islâmica) p. 63.

625 Abu Daud: *Kitab Al Kharaj* (Livro do Imposto) (3073), *Ahmad* (14310). E *Al Bukhari* o narrou como palavra de *Omar* (2335).

## 4

## As Sutilezas do Estilo (Exemplos de Etiqueta no Islam)

---

O estilo (ou etiqueta)<sup>626</sup> é o código de comportamento moral que incita a pessoa a considerar os sentimentos das outras pessoas, suas condições e circunstâncias. É a ética de lidar com pessoas e é a bela arte no relacionamento com os outros.

O estilo se divide em interior e exterior. Aqui nós vamos enumerar alguns de seus aspectos mencionados no Islam e recomendados pelo profeta (a paz esteja com ele), e no qual ele foi exemplo e modelo:

- **Belo estilo na maneira de caminhar e conversar:** Allah (exaltado seja) diz: *[E os servos do Misericordioso são aqueles que andam sobre a Terra em humildade, e quando os ignorantes lhes falam, dizem: Paz!]* (Al Furqan: 63). Ele também diz: *[E não vires, com desdém, teu rosto ao homens, e não andes com jactância, pela Terra. Por certo, Allah não ama a nenhum arrogante e jactancioso. E modera teu andar e baixa tua voz. Por certo, a mais reprovável das vozes é o zurrar dos asnos]* (Luqman: 18, 19).
- **Belo estilo em não perturbar os outros:** Allah (exaltado seja) diz: *[Por certo, aqueles que te chamam, de fora dos aposentos, sua maioria não razão]* (Al Hujurat: 4). Este versículo foi revelado em relação a alguns beduínos que foram descritos por Allah (exaltado seja) como rudes e despreparados de conhecer os limites daquilo que Allah revelou ao Seu mensageiro. Eles vieram ao profeta (a paz esteja com ele), e encontraram-no em sua casa e em seus apartamentos privados. Eles não esperaram com

---

626 Veja: Amr Khalid: Al Saber wa Al Zhauq (A Paciência e Regras de Etiqueta), p. 87.

educação até que ele saia. Em vez disso, eles o chamavam, dizendo: “Ó Muhammad! Ó Muhammad” (ou seja: saia ao nosso encontro). Deus os repreendeu por falta de juízo, por não terem entendido a educação e respeito com o profeta, pois o uso da educação faz parte do juízo e é um de seus sinais<sup>627</sup>.

- **Belo estilo na rua e no caminho:** Abu Saïd Al-Khudri citou que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Cuidado com o sentar nas ruas”. Disseram: “Ó mensageiro de Allah, não temos outra alternativa, é onde nós nos sentamos e conversamos”. Ele disse: “Se vocês insistem em sentar-se ali, então, deem à rua os seus direitos”. Eles disseram: “Quais são os direitos da rua?”. Ele disse: “Abaixar o olhar, se abster de causar moléstia, a troca de cumprimentos, e ordenar o bem e proibir o mal”<sup>628</sup>.
- **Belo estilo na hospitalidade e pedido de permissão:** Allah diz: *[Ó vós que credes! não entreis em casas além das vossas, até que peçais permissão e cumprimenteis seus habitantes. Isso vós é melhor, e Allah assim determinou, para meditardes]* (Annur: 27). O profeta (a paz esteja com ele) também disse: “O pedido de permissão é de três vezes. Se você não tem permissão, volte”<sup>629</sup>.
- **Belo estilo no relacionamento com a esposa:** Saad Ibn Abi Waqas narra que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse: “E todo gasto com o qual você busca a face de Allah, você será recompensado por ele, até mesmo o pedaço de alimento que você coloca na boca de tua mulher”<sup>630</sup>. E Aishah também relatou: “Eu bebia quando estava menstruada e, então eu entregava (o copo) para o profeta (que a paz esteja com ele), e ele colocava a sua boca onde a minha boca tinha tocado e bebia, e eu comia a carne de um osso quando eu estava menstruada, então a entregava ao profeta (que a paz esteja com ele) e ele colocava a sua boca no lugar da minha boca”<sup>631</sup>.
- **Belo estilo ao espirrar:** Abu Hurairah disse: “Sempre que ele (o profeta) espirrava, ele colocava a sua mão ou pano em sua boca e mantinha sua voz baixa”<sup>632</sup>. Sobre como lidar com uma pessoa que espirra, Anas ibn Malik diz: “Dois homens espirraram ante o profeta. O profeta disse a um deles: “Que Deus derrame Sua misericórdia sobre você”, mas ele não disse isso para o outro. Ao

627 Al Sa’di: Taisir Al Rahman Al Karim, p. 799.

628 Al Bukhari (2333) e Muslim (2121).

629 Al Bukhari (5891) e Muslim (34).

630 Al Bukhari (4147) e Muslim (1628).

631 Muslim (300), Al Nassai (282) e Ahmad (25635).

632 Abu Daud (5029) e Al Tirmizhi (2745). Autenticado por Al Albani em Sahih Al Jami’ (4755).



ser perguntado (por que), o profeta disse: “Aquele louvou a Allah (na hora de espirrar), enquanto o outro não louvou a Allah”<sup>633</sup>.

- **Belo estilo no bocejo:** Abu Hurairah cita que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “O bocejo é de Satanás, e se alguém de vocês boceja, ele deve conter o seu bocejo o quanto puder”<sup>634</sup>.
- **Belo estilo no odor:** Jabir ibn Abdullah narra que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Quem comer desta planta (quer dizer: o alho) não deve entrar em nossas mesquitas”<sup>635</sup>. E a versão de Muslim da narração de Ibn Omar revela que tal proibição é por causa do odor: “Quem comer desta planta, não deve se aproximar de nós em nossas mesquitas até que o odor se vá”<sup>636</sup>.
- **Belo estilo no aperto de mãos:** Anas ibn Malik narra que “quando o profeta (a paz esteja com ele) apertava a mão de um homem (ao cumprimentá-lo), ele não soltava a sua mão até que o homem solte a mão do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele)”<sup>637</sup>.
- **Belo estilo ao chegar de viagem:** Um marido não deve entrar em sua casa de surpresa quando chega de viagem de repente, para que ele não veja em sua esposa algo que detesta. Ibn Omar narrou que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Não toquem (a porta de vossas mulheres) durante a noite, e não as surpreendam”<sup>638</sup>.
- **Belo estilo ao sentar:** “O profeta (a paz esteja com ele) proibiu que um homem separe dois homens (sentando entre eles), a menos que eles permitam”<sup>639</sup>.

Estes são alguns dos aspectos da etiqueta islâmica, são aspectos profundos e precisos repletos de detalhes que, às vezes, um filósofo ou um legislador não consegue perceber. Porém, esta é uma diferença entre Allah e os seres humanos, e foi a diferença entre o Islam e as outras filosofias e metodologias e, em seguida, foi a diferença entre a nossa civilização e as outras civilizações.

633 Al Bukhari (5867), Muslim (2991).

634 Al Bukhari (3115) e Muslim (2994).

635 Al Bukhari (816) e Muslim (564).

636 Muslim (561).

637 Al Tirmizhi (2490) e Ibn Majah (3716). Al-Albani disse que está correto, veja: Al Silsilah Al Sahihah (3085).

638 Al Darimi (444), Abu Yaala (1843) e Al Hakim (7798). Al Albani disse: é correto, Al Silsilah Al Sahihah (3085).

639 Abu Daud (4844), Al Tirmizhi (2752), Ahmad (6999). Al Albani disse: é correto, Al Silsilah Al Sahihah (2385).

## Quinto Capítulo

### A Beleza Humana no Comportamento Moral

---

A civilização islâmica introduziu aspectos de beleza comportamental e moral que não tiveram precedentes em qualquer outra legislação, no que diz respeito às boas maneiras, respeito e palavras gentis. A este respeito, sorrir é considerado uma caridade (sadaqah)! O tratamento educado tem uma recompensa de Deus! Conter a ira e perdoar os malfeitores é um grau da beneficência (ihsan) e conquista o amor de Allah.

Esta é a maravilha da beleza da moral humana, que de fato reside na beleza da boa conduta, na beleza do discurso, na beleza da humanidade com os outros e na beleza das relações com os outros.

Nesta parte apresentaremos este aspecto da beleza através dos seguintes temas:

1. O Sorriso, a Alegria da Face e a Boa Palavra
2. A Integridade do Coração e o Amor às Pessoas
3. A Boa Conduta
4. As Sutilezas da “Etiqueta Moral”... Manifestações da Beleza Moral

## 1

## O Sorriso, a Alegria da Face e a Boa Palavra

Sorrir é uma linguagem humana universal, um tipo de beleza sublime, um comportamento que reflete a aceitação, a serenidade, a tranquilidade e a cordialidade humana.

O sorriso, de acordo com os linguistas, é o princípio do riso. É entender a face, aparecer os dentes de alegria. Ele reflete uma alegria abstrata, como Allah (exaltado seja) disse: [*Nesse dia haverá faces radiantes, sorridentes, exultantes*]. (Ábassa: 38-39). Sorrir é exclusivo dos seres humanos, e não existe em outros animais<sup>640</sup>. Portanto, sorrir é uma espécie de beleza moral e do comportamento humano.

O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) costumava sorrir o dia todo e em toda a sua vida. O profeta (a paz esteja com ele) foi o homem mais sorridente, brincava com seus companheiros e os tratava com delicadeza, porém, só falava a verdade. Abdullah ibn Al-Harith (que Allah esteja satisfeito com ele) disse: “Eu nunca me deparei com uma pessoa que sorria tanto como o profeta (a paz esteja com ele)”<sup>641</sup>. Jarir ibn Abdullah (que Allah esteja satisfeito com ele) disse: “O profeta (a paz esteja com ele) nunca me impediu de entrar com ele desde que eu abracei o Islam, e sempre que ele me via, me recebia sorrindo”<sup>642</sup>.

A maior parte da risada do profeta (a paz esteja com ele) era um sorriso, e quando sorria, seus dentes brancos apareciam<sup>643</sup>.

640 Veja: Al Zubaidi: Taj Al Árus min Jauahir Al Qamus, 27 / 249, 250.

641 Al Tirmizhi: Kitab Al Manaqib (Livro das Qualidades) (3641), Ahmad (17740). Shu’aib Al Arnaut disse: Este é um hadith hassan.

642 Al Bukhari: Kitab Al Adab (Livro das boas maneiras) (5739), e Muslim: Kitab Fadhail Al Sahabah (Livro das virtudes dos Sahabah) (2475).

643 Al Tirmizhi: Al Shamail, p. 20.

Al-Imam Ibn Al-Qayim descreveu o riso do profeta (a paz esteja com ele), dizendo: “Quase, ou até mesmo todo o seu riso era sorrir. Seus molares costumavam aparecer ao final de seu riso, e ele ria do que despertava risos, que é o fato cuja ocorrência é estranha e rara”. E após registrar a descrição, ele (Ibn Al-Qayim) revela a orientação ou filosofia do riso do profeta (a paz esteja com ele) dizendo: “O riso tem muitos motivos, e este é um deles. O segundo motivo é o riso de alegria, que é ver o que lhe agrada ou alegra. E o terceiro: o riso por ira e o sentimento de poder sobre o seu adversário e que este está em seu controle, e pode estar rindo quando contém a sua ira, e se desvia de quem o deixou nervoso, mostrando indiferença com ele”<sup>644</sup>.

Isto confirma o que foi narrado por Anas ibn Malik, que disse: “Eu estava andando com o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele), que estava vestindo uma túnica de Najran de barra grossa, um beduíno o alcançou e o puxou fortemente pela sua roupa. Eu olhei para o ombro do profeta (a paz esteja com ele), que foi afetado pela barra do manto por causa da gravidade da puxada. Em seguida, disse: “Ó Muhammad, passe-me da riqueza de Deus que você tem”. Ele virou pra ele e riu, e depois ordenou uma oferta para ele”<sup>645</sup>.

O profeta (a paz esteja com ele) não só foi um exemplo na realização desta beleza humana, mas também convidou a ela e a incentivou. É narrado por Abu Zhar que o mensageiro de Deus (a paz esteja com ele) disse: “Teu sorriso para o teu irmão é uma caridade”<sup>646</sup>.

Isto significa que mostrar a alegria para os outros quando os encontramos tem uma grande recompensa, assim como a caridade tem recompensa<sup>647</sup>.

É um ato simples, fácil, que não custa nada e não extenua, porém tem um marca igual a mágica nas pessoas. E no Islam é considerado um “bem” (ma'ruf), que é tudo o que agrada a Deus e ao Seu mensageiro. Abu Zhar também disse: O profeta disse-me: “Não menospreze nada do bem, mesmo que seja você encontrar o seu irmão com face alegre”<sup>648</sup>. Ou seja: com a face fluente, fácil, estendida e brilhante.

O sorriso e a fluência da face é o primeiro caminho para os corações e para a disseminação do amor, da bondade e da compaixão entre as

644 Ibn Al Qayim: Zad Al Ma'ad, 1 / 182 183.

645 Al Bukhari: Kitab Al Khumus (2980), e Muslim: Kitab Al Zakat (1057).

646 Al Tirmizhi: Kitab Al Bir wa Al Silah (Livros da Virtude e da União dos Laços) (1956), Ibn Hibban (474, 529). Shuaib Al Arnaut disse: hadith autêntico. Al Adab Al Mufrad (891), e Al Albani disse: É autêntico. Veja: Sahih Al Jami' (2908).

647 Al Mubarakfuri: Tuhfatul Ahuzhi bisharh Jami' Al Tirmizhi, 6 / 75, 76.

648 Muslim: Kitab Al Bir wa Al Silah wa Al Adab (Livro da Virtude, da União dos Laços e da Educação) (144), e Ahmad (15997), e Ibn Hibban (468).

peças, porque abrange a sociedade com segurança, fraternidade e harmonia, e uma sociedade como essa é a sociedade desejada pelo Islam, e para isso foram reveladas as Leis de Deus. Estas coisas simples fazem parte da crença, e o crente é próximo das pessoas. O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse: “O crente se familiariza e é familiarizado, não há bem em quem não se familiariza nem é familiarizado, e as melhores pessoas são as mais úteis para as pessoas”<sup>649</sup>.

Este hadith não é um convite para o crente ser apenas familiar, mas também tem o alerta contra o seu oposto, ou seja, o abandono desses assuntos é inaceitável no Islam, e nem são assuntos considerados apêndices não essenciais.

E a boa palavra no Islam deve ser para todas as pessoas e com todas as pessoas. Allah (exaltado seja) disse, no texto que contém ordens para os filhos de Israel: **[E dizei o bem às pessoas]** (Al Baqarah: 83).

E Abu Hurairah narra que o mensageiro de Deus (a paz esteja com ele) disse: “Quem crê em Allah e no Último Dia, então que não moleste o seu vizinho, quem crê em Allah e no Último Dia, então que honre os seus hóspedes, quem crê em Allah e no Último Dia, que fale o bem ou que permaneça em silêncio”<sup>650</sup>.

Al-Hafidh Ibn Hajar disse ao comentar sobre este hadith: “A síntese deste texto é que quem carrega a característica da fé deve se caracterizar com a compaixão para com a criação de Allah, com a boa palavra, o evitar do mal, a prática do que beneficia e o abandono do que prejudica”<sup>651</sup>.

E Al Imam Al-Razi resume a questão da boa palavra em sua interpretação do verso **[E dizei o bem às pessoas]** (Baqarah: 83), ele considera que este versículo abrange toda a educação da vida e da religião, dizendo: “Os estudiosos disseram: os assuntos das pessoas podem ser assuntos religiosos ou assuntos mundanos.

- Se for matéria de religião, pode ser no convite à fé, com os incrédulos, ou no convite à obediência, com os desobedientes.
- O convite à fé deve ser feito com boa palavra, como Allah (exaltado seja) ordenou a Moisés e a Aarão: **[Dizei-lhe dito afável, na esperança de ele meditar ou rezear a Allah]** (Taha: 44). Allah ordenou-lhes serem gentis com Faraó, mesmo com a alta posição que têm, e mesmo que o Faraó fosse incrédulo e rebelde ao extremo contra Deus (exaltado seja). E também disse ao

649 Ahmad (9187) e Al Hakim (59). E Al Albani o considerou hassan em Sahih Al Jami' (6662).

650 Al Bukhari: Kitab Al Adab (Livro da educação) (5672), e Muslim: Kitab Al Iman (Livro da fé) (47).

651 Ibn Hajar: Fath Al Bari 10/446.

profeta Muhammad: *[E se você fosse bruto e de coração duro eles teriam se debatido de seu redor]* (Al-Imran: 159).

- E quanto ao convite dos malfeitores (que já são crentes), a boa palavra também é considerada. Allah (exaltado seja) disse: *[Convoca ao caminho de teu Senhor, com a sabedoria e a bela exortação]* (Al Nahl: 125). Ele também disse: *[Revida o mal com o que é melhor, então, eis aquele entre o qual e ti há inimizade, como íntimo aliado]* (Fussilat: 34).
- E quanto aos assuntos mundanos, é conhecido como necessário que se for possível atingir o objetivo com a gentileza no dizer, não há outra alternativa melhor.

Então, se estabeleceu que todas as educações da religião e dos assuntos mundanos estão inclusos no verso: *[E dizei o bem às pessoas]* (Baqarah: 83)<sup>652</sup>.

E com esses ensinamentos, todo muçulmano deve se tornar belo: sorrir, ter uma face alegre e boa palavra.

## 2

## A Integridade do Coração e o Amor às Pessoas

---

**As** recomendações islâmicas de sorrir, fluência da face e boa palavra destacaram que esses atos devem sair do fundo do coração, sem simulação, representação, dissimulação ou hipocrisia.

Aqui, o Islam e suas recomendações se distinguem de outras recomendações, porque não é uma instituição ou uma empresa com fins lucrativos que se interessa em ter um grande número de “clientes”, mas se preocupa com a propagação do amor, da compaixão e da felicidade entre as pessoas.

O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) informou que a pessoa que tem coração puro é a melhor pessoa. Ele foi perguntado: Quais as melhores pessoas? E respondeu: “A pessoa de bom coração e de língua verdadeira”. Eles disseram: “O de língua verdadeira, já sabemos. E o de bom coração, o que é?”. Ele disse: “É o piedoso e puro, não tem pecado nele nem corrupção, nem rancor, nem inveja”<sup>653</sup>.

E Deus perdoa as pessoas, a menos aquele que tem rancor de seu irmão em seu coração. O profeta (a paz esteja com ele) nos informou isso, dizendo: “As portas do Paraíso se abrem na segunda-feira e na quinta-feira, e todo servo que não associa alguém a Allah é perdoado, exceto um homem que tem uma intriga com seu irmão. É dito: Prorroguem estes dois até que se conciliem! Prorroguem estes dois até que se conciliem!”<sup>654</sup>.

Até mesmo os primeiros a entrarem no Paraíso, é o grupo de pessoas cujos corações se purificaram. Abu Hurairah narrou que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse “O primeiro grupo que entrará no Paraíso

653 Ibn Majah: Kitab Al Zuhd (Livro do Desapego) (4216). Autenticado por Al Albani em Al Silsilah Al Sahihah (948).

654 Muslim: Kitab Al Bir wa Al Silah wa Al Adab (Livro da Virtude, Relações e Educação) (2565).

da minha nação terá a imagem da lua numa noite de lua cheia, os que virão posteriormente como a mais radiante estrela no céu e, posteriormente, serão níveis; não defecarão, não urinarão, não exalarão catarro e não cuspirão, seus pentes serão de ouro, seus incensos serão al úd (perfume), suas transpirações serão o almíscar, sua criação será a de um só homem (todos iguais), com a altura de vosso pai Adão”. E em outra narração: “não há divergência entre eles nem rancor, os seus corações serão um só coração, louvarão a Deus, de manhã e à noite”<sup>655</sup>.

E “a integridade do coração” foi uma das recomendações do profeta (a paz esteja com ele): “Cuidado com as conjecturas, pois a conjectura é a palavra mais mentirosa. Não espionem, não sintam ódio um do outro, e sejam irmãos”<sup>656</sup>.

E faz parte da natureza na qual Deus (exaltado seja) formou Suas criaturas, Ele os ter criado com a beleza. E faz parte dessa beleza a integridade do coração [*a criação de Allah que aperfeiçoou todas as coisas*] (Al Naml: 88). Por isso, se os rancores permanecem no coração, entediam e prejudicam os próprios corações.

Isto impressionou Al Imam Ibn Hazm, que observou e disse: “Eu vi a maioria das pessoas – com exceção daqueles que Allah protegeu, e são poucos – apressando a infelicidade, a preocupação e a fadiga para si neste mundo, e praticam o grande pecado que resulta no fogo na Vida Eterna, com o que não lhes traz qualquer benefício, com más intenções desejam a alta destruidora dos preços para as pessoas, os menores e para quem não tem culpa, e desejam o mais forte flagelo para aqueles que odeiam. E eles sabem convictamente que estas intenções corruptas não apressam para eles nada do que desejam ou obrigam a sua ocorrência. E se eles purificassem as suas intenções e as melhorassem teriam acelerado o conforto para si, teriam chegado com isso nos interesses de seus assuntos, e conquistado com isso a grande recompensa no retorno (para a Vida Eterna), sem que isso atrase ou impeça nada do que querem. Que ilusão é pior que essa para a qual chamamos a atenção? E que felicidade é maior que esta para a qual convidamos?”<sup>657</sup>.

E maior que a integridade do coração... o amor a todas as pessoas. E vemos isso na pessoa do profeta (a paz esteja com ele), além de ter a integridade do coração ele amava todas as pessoas, tal amor que parece claro em suas eloquentes palavras. Ao descrever a si mesmo e a posição

655 Al Bukhari: Kitab Bad’Al Khalq (Livro do Início da Criação) (3073), e Muslim: Kitab Al Jannah wa Uasf Na’imiha wa Ahluha (O Livro do Paraíso e a Descrição de seu Conforto e seus Habitantes) (2834).

656 Al Bukhari: Kitab Al Adab (O livro da Educação) (5717), e Muslim: Kitab Al Bir wa Al Silah wa Al Adab (Livro da Virtude, Relações e Educação) (2563).

657 Ibn Hazm: Rassail Ibn Hazm (Cartas de Ibn Hazm) 1 / 341, 342.



das pessoas quanto à sua mensagem, ele disse: “O meu exemplo e o exemplo das pessoas é o exemplo de um homem que acendeu uma fogueira e, quando ela iluminou ao seu redor, os insetos e os animais começaram a cair naquela fogueira, insistindo em atirar-se a ela. Então, eu as seguro para não caírem no fogo, enquanto estão a se atirar nele”<sup>658</sup>.

É uma imagem influente, é uma batalha na qual o profeta (a paz esteja com ele) tenta impedir que as pessoas caiam no fogo, mas elas insistem e caem.

Portanto, não é apenas uma comunicação, não apenas uma missão, não apenas um conselho. É uma batalha, o profeta (a paz esteja com ele) tenta salvar as pessoas, e algumas pessoas o vencem e caem.

Al Bukhari narra que um garoto judeu servia o profeta (a paz esteja com ele). Certo dia, o garoto adoeceu, então, o profeta (a paz esteja com ele) foi visitá-lo. Ele sentou de frente à sua cabeça e disse-lhe: “Torne-se muçulmano”. Ele olhou para seu pai, que estava com ele, e seu pai lhe disse: “Obedeça a Abul Qassim”. Ele se tornou muçulmano, e o profeta (a paz esteja com ele) saiu dizendo: “Louvado seja Deus que o salvou do fogo”<sup>659</sup>.

Que grandioso é esse profeta! Quando ele foi ferido no dia de Uhud, ele limpava o sangue do rosto e dizia: “Senhor, perdoa meu povo, porque eles não sabem”<sup>660</sup>.

E no dia mais difícil em sua vida ele foi mais afetuoso para com as pessoas que não creem nele do que eles mesmos para si próprios. Aishah (que Allah esteja satisfeito com ela) disse ao profeta: Você teve um dia que foi pior para ti que o dia de Uhud? Ele disse: Eu recebi de teu povo o que recebi (de ataques e maus tratos), e o pior que eu encontrei deles foi no dia de Al Áqabah, quando eu me apresentei ao filho de Abd Ialail ibn Abd Kulal, e ele não me atendeu sobre o que eu queria, então eu parti com tristeza em meu rosto, e não me despertei senão em “Qarn Al Tha'alib”. Eu levantei minha cabeça e vi uma nuvem a fazer sombra sobre mim, eu observei e eis que o anjo Gabriel disse: “Allah ouviu as palavras do teu povo a você e a resposta que te deram, e lhe enviou o anjo das montanhas para que você lhe ordene o que quiser em relação a eles”. O anjo das montanhas me chamou e me cumprimentou e, então disse: “Ó Muhammad! Quando você quiser, se deseja que eu feche as duas montanhas de Al Akhshabain sobre eles (eu o faço)”. O profeta (a paz esteja com ele) disse: “Não. Mas espero

658 Al Bukhari: *Kitab Al Riqaq* (6118), e Muslim: *Kitab Al Fadha'il* (Livro das Virtudes) (2284).

659 Al Bukhari: *Kitab Al Jana'iz* (O Livro dos Funerais) (1290).

660 Al Bukhari: *Kitab Istitabat Al Murtaddin wa Al Mu'anidin wa Qitaluhum* (O Livro da Solicitação do Arrependimento dos Apóstatas e a Luta contra Eles) (6530), e Muslim: *Kitab Al Jihad* (O Livro do Jihad) (1792).

que Allah faça sair de suas descendências quem adore unicamente a Allah, e não associe nada a Ele”<sup>661</sup>.

O profeta (a paz esteja com ele) abrangeu até mesmo os animais com esta emoção, fazendo a boa ação chegar a todo ser vivo (Em todo ser vivo vós tendes recompensa). Foi narrado por Abu Hurairah que o profeta (a paz esteja com ele): “Quando um homem estava num caminho e sentiu forte sede encontrou um poço, desceu nele e bebeu. Em seguida, saiu e encontrou um cão a arquejar e lamber a terra de sede. O homem disse: Este cão chegou a sentir sede igual à que eu senti. Desceu ao poço novamente e encheu sua meia de água, a segurou em sua boca e subiu para dar água ao cão. Allah agradeceu-lhe perdoadando-lhe os seus erros”. Os companheiros do profeta (a paz esteja com ele) disseram: Ó mensageiro de Allah, nós temos recompensa sobre (o bom trato para com) os animais? Ele respondeu: “Em todo ser vivo vós tendes recompensa”<sup>662</sup>.

Com recomendações como estas, o Islam criou “a beleza do interior”, e fez do ser humano um ser fino como uma brisa suave e fresca, não só para os muçulmanos, e não só para as pessoas, mas para todos os seres vivos.

---

661 Al Bukhari: Kitab Bad’Al Khalq (Livro do início da criação) (3059), e Muslim: Kitab Al Jihad (O Livro do Jihad) (1795).

662 Al Bukhari (5663) e Muslim (2244).

# B

## A Boa Conduta

---

A boa maneira é o significado que o ser humano muito procurou e almejou por um longo tempo desde o surgimento dos filósofos de antigamente. Eles imaginaram esse significado prevalecendo, de modo que escreveram, por exemplo, sobre “a cidade perfeita”. Mas quando pareceu um sonho impossível para eles, o mundo agora se abastou em denominar este conceito com o nome de “humanidade”.

O termo “humanidade” no sentido ocidental se aproxima da ‘misericórdia’ ou ‘compaixão’, na terminologia islâmica. Na verdade, ‘misericórdia’ é apenas uma parte da boa conduta no Islam, porque ela é mais abrangente. Faz parte dela a paciência, resistir à moléstia e apoiar a verdade. Al-Harith Al-Muhassibi disse: “São sinais da boa conduta: Suportar a moléstia por causa de Deus, juntamente com a supressão da raiva, o intenso apoio ao povo da verdade, o perdão e desconsiderar os deslizes”<sup>663</sup>. E Al Imam Al Ghazali ainda diz: “A boa conduta não é se abster de ofender os outros, mas sim suportar o mal dos outros”<sup>664</sup>.

Allah (exaltado e glorificado seja) elogiou Seu mensageiro (a paz esteja com ele) por suas boas maneiras ao dizer: [*E, por certo, és de magnífico caráter*] (Al Qalam: 4).

E o profeta (a paz esteja com ele) tornou a boa conduta um critério de variação da fé entre os muçulmanos, sendo que o mais perfeito entre os muçulmanos em matéria de fé é o melhor em boas maneiras. Al-Bazzar relatou que Anas ibn Malik (que Allah esteja satisfeito com ele) ouviu o profeta (a paz esteja com ele) dizer: “O crente mais perfeito em matéria de

---

663 Al Harith Al Muhassibi: Adab Al Nufus, p. 153.

664 Al Ghazali: Ihya ‘Ulum Al Din (O Renascimento das Ciências da Religião), 1 / 263.

fé é o melhor dos crentes em boas maneiras, e a boa conduta atinge o nível do jejum e da oração”<sup>665</sup>.

- Por isso, o mais querido ao profeta (a paz esteja com ele) e mais próximo a ele no Dia da Ressurreição será o indivíduo de melhor conduta. O mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele) disse: “Na verdade, dos mais queridos entre vós para mim, e dos que estarão mais próximos de mim no Dia do Juízo serão os melhores entre vós em conduta”<sup>666</sup>.
- E a boa conduta é a mais pesada das ações na balança no Dia da Ressurreição. O mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele) disse: “Nada vai ser colocado na balança (no Dia da Ressurreição) mais pesado do que uma boa conduta”<sup>667</sup>.
- E a boa conduta é a ação que mais introduzirá as pessoas no Paraíso. O profeta (a paz esteja com ele) foi questionado sobre qual ação será mais importante para admitir um homem para o Paraíso. Ele respondeu: “O temor a Deus e a boa conduta”. Então, ele foi questionado sobre o que mais levará as pessoas ao Fogo (Inferno). Ele respondeu: “A língua e o sexo”<sup>668</sup>.

Ainda mais, o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) resume toda a sua missão no mundo, dizendo: “Eu fui enviado apenas para aperfeiçoar o bom caráter”<sup>669</sup>.

“Isso significa que a mensagem, que elaborou o seu curso na história da vida e cujo mensageiro exerceu um esforço intenso para levar a sua luz em todos os lugares e para reunir os povos ao redor dela, esta mensagem não exige mais do que o fortalecimento de suas virtudes e a iluminação dos horizontes da perfeição perante os seus olhos, para avançarem nela com clarividência”<sup>670</sup>.

As boas maneiras, que colorem a vida com a beleza, o tratamento das pessoas com misericórdia, virtude e bondade, é a meta do Islam e, para atingir este objetivo, o profeta (a paz esteja com ele) encontrou muitos sofrimentos e perigos, e por causa deste objetivo foram estabelecidas as obrigações e ordenadas as tradições por Deus (exaltado e glorificado seja).

665 Abu Daud: Livro de Sunnah, 4682, Al Tirmizhi, 1162 que classificou o hadith Sahih como Hassan, Ahmad, 7396; e Al Albani, 1578 e as segundas classificadas como Sahih (autêntico).

666 Al Tirmizhi: Livro da Virtude e Boas Maneiras (Kitab Al Birr wa Al Silah), 2018; Ibn Hibban, 482; e Al Albani o classificou como autêntico (sahih) em Sahih Al Jmai' (1535).

667 Al Tirmizhi: Idem, 2003; e Al Albani o classificou como autêntico (sahih) em Sahih Al Jmai' (5721).

668 Ahmad, 9085, Al Baihaqi: Shu'ab Al Iman, 4718; e Al Albani, 977 e classificou-o como Hassan (bom).

669 Ahmad, 8939, Al Hakim, 4221; Al Baihaqi, 21301; e Al Albani, 45.

670 Muhammad Al Ghazali: Khuluq Al Muslim (As Boas Maneiras de um Muçulmano), p. 7.

E a seguir, alguns textos categóricos neste assunto:

- *[Por certo, a oração coíbe a obscenidade e o reprovável]* (Al-Ankabut: 45)
- *[Toma de suas riquezas uma doação, com que os purifiques e os dignifiques]* (Al-Taubah:103).
- *[Vos é prescrito o jejum, como foi prescrito aos que foram antes de vós, para serdes piedosos]* (Al-Baqarah:183).
- “Quem não desiste do discurso forjado e de sua prática, Allah não tem necessidade que ele deixe sua comida e sua bebida (isto é, Allah não irá aceitar o seu jejum.)”<sup>671</sup>
- *[Quem se propõe à peregrinação, então, não haverá união carnal nem perversidade, nem disputas na peregrinação]* (Al-Baqarah: 197).
- Um homem disse: “Ó mensageiro de Allah, uma mulher é conhecida por seu grande desempenho na oração, jejum e esmola, mas ela incomoda os vizinhos com a língua!”. Ele disse: “Ela vai estar no fogo do Inferno.” O homem disse: “Uma mulher é conhecida por pouco desempenho na oração, jejum e esmola, ela ainda dá pedaços de queijo de caridade, e não molesta os seus vizinhos com a língua”. Ele disse: “Ela estará no Paraíso”<sup>672</sup>.
- “O jejum não é se abster de comer e beber, mas sim, se abster de agir sem pudor e evitar as obscenidades. Se alguém te insulta ou comete algum mal contra você, diga: Estou de jejum! Estou de jejum”<sup>673</sup>.
- Veja também como o profeta (a paz esteja com ele) jura três vezes em uma questão crucial. Abu Hurairah narrou que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse: “Por Deus, não acredita (perfeitamente)! Por Deus, não acredita (perfeitamente)! Por Deus, não acredita (perfeitamente)!” Ele foi perguntado: “Quem, ó mensageiro de Deus?”. Ele disse: “A pessoa cujo vizinho não se sente seguro do seu mal”<sup>674</sup>.

Aqui, o profeta (a paz esteja com ele) não exclui a pessoa que prejudica o seu vizinho da crença, mas a pessoa cujo vizinho não se sente seguro do seu mal. O texto trata das boas maneiras e não do molestar ao vizinho. Alguém pode se sentir seguro ou não de seu vizinho de acordo

671 Al Bukhari: Kitab Al Saum (Livro do Jejum), 1804; Abu Daud, 2362, e Al Tirmizhi, 707.

672 Ahmad, 9673, Al Hakim, 7304; Ibn Hibban, 5858; e Al Albani, 190 e classificou-o como Sahih.

673 Al Hakim: Livro de Jejum, 1570; Al Baihaqi, 8096; Ibn Khuzaimah, 1996, e Al Albani, 5376.

674 Al Bukhari: Kitab Al Adab (Livro de Boas Maneiras), (5670), e Muslim: Kitab Al Iman (Livro da Fé), 46.

com seus comportamentos e costumes. E o profeta (a paz esteja com ele) não fala sobre alguém que erra e prejudica seu próximo, mas sobre uma pessoa cujo comportamento não tranquiliza o vizinho e o faz sentir seguro de seus males.

Este é um grande gesto sem precedentes na história, nem nas ideias dos seres humanos. Sim... é a religião de Deus e a revelação do céu.

O profeta (a paz esteja com ele) retratou uma imagem de um homem de sua nação, que estava orando, doando e jejuando, mas suas maneiras não eram boas. O profeta (a paz esteja sobre ele) informou que essa pessoa não entrará no Paraíso no Dia da Ressurreição, ao contrário, ele entraria no Fogo. O mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele) perguntou: “Sabem quem é o falido?”. Eles disseram: “O falido entre nós é aquele que não tem nenhum dirham (moeda) nem riqueza alguma”. O profeta disse: “O falido da minha nação é aquele que chegará no Dia da Ressurreição com oração, jejum e zakat, mas ele chegará, sendo que insultou a este, caluniou àquele, consumiu ilegalmente a riqueza deste, derramou o sangue de outro e agrediu àquele. Então, será dado a este de suas virtudes e àquele outro de suas virtudes. E se as suas boas obras são insuficientes para pagar a conta, ele carregará os pecados deles e será jogado no Fogo”<sup>675</sup>.

Esta pessoa esgotou os seus fundos de virtudes por causa de sua má conduta com as pessoas. Esta pessoa falida não atingiu o conceito e a meta. “Uma criança pode ser capaz de imitar os atos de oração e repetir suas palavras, e um ator pode ser capaz de mostrar a piedade e apresentar as adorações mais importantes, mas nem este e nem este outro dispensam a integridade da convicção e a nobreza do objetivo”<sup>676</sup>.

Através de tais diretivas e com esta educação, a civilização islâmica formulou a beleza da vida, tal beleza expressada pelos estudiosos muçulmanos com as seguintes palavras: “Uma pessoa de boa conduta sente o conforto em si mesmo, as pessoas ao seu redor, em relação a ele, estão em segurança, enquanto uma pessoa de má educação, as pessoas, em relação a ele, estão em perigo, e ele está em sofrimento”<sup>677</sup>.

675 Muslim, 2581, Al Tirmizhi, 2418, e Ahmad, 8016.

676 Muhammad Al Ghazali: idem, p. 11.

677 Al Mawardi: Adab Al Dunya wa Al Din, p. 252

## 4

## As Sufilezas da “Etiqueta Moral”... Manifestações da Beleza Moral

---

**N**ós dissemos que a etiqueta é um sentido moral e transparente que convida a pessoa a cuidar dos sentimentos, condições e circunstâncias dos outros. É um código de ética de como lidar com as pessoas. É a arte do relacionamento com os outros.

Em artigos anteriores mencionamos as manifestações de alguns aspectos da etiqueta material e exterior introduzidos pela civilização islâmica. A seguir, contaremos de forma rápida, alguns aspectos considerados da beleza da etiqueta moral na civilização islâmica:

– **A beleza da etiqueta de não ferir os sentimentos dos outros:** O profeta (a paz esteja com ele) fez questão de não censurar ninguém diretamente. Nesse sentido, ele costumava dizer “o que acontece com pessoas que...”<sup>678</sup>. E Abdullah ibn Mas`ud narrou que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Se vós estiverdes em três, dois dentre vós não devem conversar secretamente com a exclusão do outro, até que se juntem às outras pessoas, porque poderão entristecê-lo”<sup>679</sup>.

– **A beleza da etiqueta de respeitar o idoso, mostrar misericórdia para com o menor e tratar as pessoas conforme seus níveis:** Ubadah ibn Al-Samit narrou que o profeta (a paz esteja com ele) disse: “Não pertence a nós (os muçulmanos) aquele que não mostra misericórdia para com nossos menores, e não respeita nossos velhos”<sup>680</sup>.

678 Ver, por exemplo: Al Bukhari: Kitab Al Buyu (Livro das Transações Comerciais) (2060), e Muslim: Kitab Al `Itq (Livro da Libertação dos Escravos), 1504.

679 Al Bukhari: Livro das Boas Maneiras, 5932, e Muslim: Kitab Al Salam (Livro das Saudações), 38.

680 Al Tirmizhi: Kitab Al Bir wa Al Silah (Livro de Boas Maneiras e Participar dos Laços de Relacionamentos), 1919, Abu Daud, 4943; Ahmad, 6733, e Al Hakim, 421.

– **A beleza da etiqueta de agradecer as pessoas:** O profeta (a paz esteja com ele) disse: “Aquele que não agradece às pessoas, não agradece a Allah”<sup>681</sup>.

– **A beleza da etiqueta ao visitar:** Um versículo do Alcorão sobre a visita estabelece duas condições: *[Ó vós que credes! não entreis em casas além das vossas, até que peçais permissão e cumprimenteis seus habitantes]* (Annur: 27). Pedir permissão antes de entrar em uma casa é uma etiqueta islâmica, porém, o versículo enfatiza uma espécie de etiqueta moral, que é “al isti’nas”, cujo significado é mais profundo que “al isti’zhan” (pedir permissão). “Al isti’nas” tem o sentido de investigar e descobrir o desejo dos habitantes da casa em receber ou não a visita, esta é uma etiqueta moral acima da etiqueta de pedir permissão diretamente<sup>682</sup>.

– **Outra etiqueta na solicitação de permissão:** O profeta (a paz esteja com ele) foi convidado para um banquete por um de seus companheiros dos ‘Anssar’. Aconteceu que um homem veio com o profeta (a paz esteja com ele). Quando chegou, o profeta disse: “Este homem nos acompanhou. Se quiser você pode autorizá-lo, e se você quiser ele pode voltar”. Então a pessoa disse: “Não, eu permito a ele”<sup>683</sup>.

– **A beleza da etiqueta de chamar o servo:** O profeta (a paz esteja com ele) disse: “Nenhum de vocês deve dizer: Meu servo e minha serva. Todos vocês são servos de Deus, e todas as suas mulheres são servas de Deus, mas digam: jariyati (minha menina), e fatai (meu jovem) e fatati (minha jovem)”<sup>684</sup>.

– **A beleza da etiqueta de nomear:** Havia um homem chamado Asram. O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) lhe perguntou: “Qual é seu nome?” Ele respondeu: “Asram (que significa ‘desolado’)”. O profeta disse: “Não, você é Zur`ah (que significa ‘plantador’)”<sup>685</sup>. E um homem veio ao mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele), que lhe perguntou: “Qual é seu nome?”. Ele respondeu: “Hazn (que significa ‘áspero’, ‘difícil’)”. Ele disse: “Não, você é Sahl (que significa ‘brando’, ‘fácil’)”<sup>686</sup>.

– **A beleza da etiqueta de lidar com a esposa:** Nós mencionamos este tipo de etiqueta quando abordamos a etiqueta física no capítulo anterior. Mas aqui,

681 Abu Daud: Kitab Al Adab (Livro de Boas Maneiras), 4811, Al Tirmizhi, 1954, Ahmad, 7495; Ibn Hibban, 3407, e Al Albani em Sahih Al Jami’, 3014, classificando o hadith como Hassan (bom).

682 Veja: Abu Hayyan: Tafsir Al Bahr Al Muhit, 6 / 445, 446.

683 Al Bukhari: Livro de Transações, 1975; e Sahih Muslim: Kitab Al Ashribah (Livro de Bebidas), 2036.

684 Al Bukhari sobre a autoridade de Abu Hurairah: Kitab Al `Itq (Livro sobre a Libertação dos Escravos) não. 2414, e Muslim: Kitab Al Alfadh min Al Adab wa Ghairiha (Livro a Respeito do Uso de Palavras Corretas) 2249.

685 Abu Daud: Kitab Al Adab (Livro de Boas Maneiras), 4954, e Al Albani classificou-o como Sahih (autêntico) em seu comentário sobre Sunan Abu Daud.

686 Al Bukhari: Livro de Boas Maneiras (Kitab Al Adab), 5836; Abu Daud, 4956, e Ahmad, 23723.



vamos relatar o episódio do profeta (a paz esteja com ele) com Aishah (que Allah esteja satisfeito com ela) quando ela narrou-lhe um dito conhecido como “hadith Um Zar” (dito de Um Zar), no qual algumas esposas falam de seus maridos. Foi uma longa história, no entanto, o profeta (a paz esteja com ele) a ouvia, sem demonstrar irritação, mesmo sendo o líder da Nação Islâmica e tendo a sua cabeça cheia de questões e problemas empreendidos no governo. Em seguida – e esta é outra etiqueta – ele comentou sobre sua narrativa com o que ela gostava de ouvir. O profeta (a paz esteja sobre ele) disse a Aishah (que Allah esteja satisfeito com ela): “Sou para ti como Abu Zar` foi para sua esposa Um Zar`, exceto que Abu Zar` se desquitou dela, e eu não me desquito de ti”<sup>687</sup>.

**- A beleza da etiqueta na transformação das situações de crise:** O profeta (a paz esteja com ele) levou em consideração a sua mulher Aishah (que Allah esteja satisfeito com ela) quando ela sentiu ciúmes de sua esposa, Um Salamah (que Allah esteja satisfeito com ela), quando esta enviou uma refeição ao profeta. Al-Bukhari relatou que enquanto o profeta estava na casa de uma de suas esposas, uma das mães dos crentes enviou uma refeição em um prato. A mulher em cuja casa o profeta estava bateu na mão do funcionário, fazendo com que o prato caísse e quebrasse. O profeta reuniu os pedaços do prato e, em seguida, começou a recolher a comida que estava no prato e disse: “Vossa mãe (minha esposa) sentiu ciúmes”. Então, ele deteve o funcionário até um novo prato ser trazido da casa onde ele estava. Ele deu o prato para a esposa cujo prato tinha sido quebrado e manteve o partido na casa onde havia sido quebrado”<sup>688</sup>. O profeta (a paz esteja com ele) não a censurou na frente do servo, nem reagiu violentamente ao seu ciúme. Pelo contrário, ele a tratou com delicadeza, dizendo: “Vossa mãe sentiu ciúmes”. Veja como ele a estimou na escolha do termo “vossa mãe” – ou seja, ele não disse ‘a mulher sentiu ciúmes’ ou ‘Aishah sentiu ciúmes’ ou coisa parecida.

Há muitos outros exemplos da etiqueta e ética trazidas pela civilização islâmica, tais etiquetas jamais vistas em uma legislação anterior ou posterior, provando assim o aspecto humanitário e a beleza da grande civilização do Islam.

687 Al Bukhari: Kitab Al Nikah (Livro de Casamento), 4893, Muslim: Kitab Fadha'il Al Sahabah (Livro das Virtudes dos Companheiros) 2448, sem os comentários feitos pelo profeta (a paz esteja com ele), mas esta adição foi classificada como autêntica por Al Albani em seu livro Al Jami' Al Sahih, 141.

688 Al Bukhari: Kitab Al Nikah (Livro de Casamento), 4927; Abu Daud, 3567; Al Nassa'i, 3955, e Ahmad, 12046.

## Sexto Capítulo

### A Beleza dos Nomes, Apelidos e Endereços

---

Quando o espírito da estética islâmica foi absorvido pelos muçulmanos e esse atributo agradável ficou profundamente enraizado em suas almas e sentimentos, eles tiveram trabalhos únicos e adicionais, alguns dos quais levaram a civilização humana a dar amplos saltos. Essas obras únicas se inseriram nos menores detalhes da vida, nos mínimos detalhes e, por conseguinte, a civilização islâmica surgiu para a existência com alguns aspectos que só podem ser interpretados com o fator da “beleza”. Iremos expor isso neste capítulo através dos seguintes temas:

1. A Beleza dos Nomes e Apelidos
2. A Beleza dos Títulos

# 1

## A Beleza dos Nomes e Apelidos

O profeta (a paz esteja com ele) se preocupava com o assunto da beleza até mesmo nos nomes daqueles que entraram no Islam. Muitas narrativas autênticas revelam que o profeta (a paz esteja com ele) alterava os nomes que não lhe agradavam para nomes melhores. Por exemplo, Ibn Omar narrou que o profeta (a paz esteja com ele) trocou o nome “A’siah” (desobediente) e disse-lhe: “Teu nome agora é “Jamilah” (bonita)”<sup>689</sup>. Ele também renomeou “Zahm” (congestionado) ibn Maabad Al-Sadusi e lhe deu o nome de “Bashir” (alvissareiro, carregador de boa nova)<sup>690</sup>. E Ali (que Deus esteja satisfeito com ele), havia dado o nome de “Harb” (guerra) ao seu filho Al-Hassan, mas o profeta (a paz esteja com ele) o renomeou Al-Hassan (a benfeitoria, o bom). Em seguida, deu o nome de “Harb” para Al-Hussain, então, o profeta (a paz esteja com ele) o renomeou Al-Hussain (o bonzinho)<sup>691</sup>.

O profeta (a paz esteja com ele) também mudou Asram para Zur`ah; Abu Al-Hakam para Abu Shareeh; e rebatizou Al-Ás, Áziz, Útlah, Shaitan, Al-Hakam, Ghurab, Habbab e Shihab para Hisham; e renomeou Harb (guerra) em Silm (paz); Al-Muttaje` em Al-Munba’ith; Ardh Áfrah (terrenos pobres) em Khadrah (terra verde); Shea’ab Al-Dhalala em Shea’ab Al-Huda; Banu Al-Zaniyah em Banu Al-Rushdah; e Banu Mughwiah em Banu Rushdah<sup>692</sup>.

Al-Bukhari narrou que Said Ibn Al-Mussaiyab citou a narração de seu pai, dizendo que seu avô Hazn veio até o profeta (a paz esteja com ele), que lhe perguntou: “Qual é seu nome?”. Ele respondeu: “Meu nome é Hazn (‘áspero’, ‘difícil’)”. “Não, você é Sahl (‘brando’, ‘fácil’)”, disse o profeta (a paz esteja com ele). Mas ele respondeu: “Eu não vou mudar o nome que foi escolhido por meu pai”. Ibn Al-Mussaiyab passou a dizer: “E, desde então, a asperidade permaneceu conosco”<sup>693</sup>.

689 Muslim: o livro: “Al Adab” ou (ética), o capítulo da mudança de nomes aconselhável desagradável (2139), Abu Daoud (4952), Al Termithi (2838) e Ahmad (4682).

690 Narrado por Abu Daud (3230), Ahmad (20807), Al Bukhari no livro “Al Adab Al Mufrad”.

691 Narrado por Ahmad (769), Al Bukhari no livro “Al Adab Al Mufrad” (823), Al Baihaqi (11706), Ibn Hibban (6958).

692 Ibn Al Qayim: Zad Al Maad 2 / 334 em diante.

693 Al Bukhari: o livro: Al Adab (Livro da Ética), capítulo da mudança do nome para nomes melhores que ele (5836).

O profeta (a paz esteja com ele) aconselhou seu povo a escolher nomes agradáveis, dizendo: “Os nomes mais queridos para Deus são Abdullah (servo de Allah) e Abdurrahman (servo do Misericordioso), os nomes mais sinceros são Hareth e Hammam, mas os piores são os nomes Harb (guerra) e Murrah (amargura)”<sup>694</sup>.

O profeta (a paz esteja com ele) também renomeou alguns lugares. Por exemplo, quando ele foi para Madinah (seu nome era Iathreb), ele a rebatizou como Taiyba (terra pura, boa)<sup>695</sup>. Ele odiava os lugares que tinham nomes desagradáveis, e detestava passar por estes lugares. Ele passou entre duas montanhas durante uma de suas batalhas, ele perguntou sobre seus nomes. Responderam: Fadhih (vergonhoso) e Mukhzi (desonroso). Então, ele se recusou a mover-se entre elas<sup>696</sup>.

O profeta (a paz esteja com ele) até recomendou que se alguém quisesse enviar-lhe um mensageiro, ele deveria ter um nome agradável. Ele disse: “Se me enviarem um mensageiro, enviem um de rosto agradável e nome agradável”<sup>697</sup>.

Na história islâmica, os títulos dos califas, sultões, ministros e emires combinavam beleza e força. E no período pré-islâmico – os impérios antigos – usavam títulos que refletiam apenas a hegemonia e despotismo, com o objetivo de lançar o terror e intimidação.

O Islam proibiu tais títulos, o mensageiro (a paz esteja com ele) disse: “O pior nome para Allah no Dia da Ressurreição é um rei que se denominou “rei dos reis”<sup>698</sup>.

Por isso, os califas e sultões acrescentaram o nome de Deus em seus títulos. Al-Mua'tasim Billah, o oitavo califa abássida, foi pioneiro neste assunto. Ele foi seguido por Al-Mutawakil 'Alallah, Al-Mustain Billah, Al-Montasser Billah, Al-Muqtader Billah, Al-Mustansir Billah, Al-Musta'sim Billah, Al-Mustadhi' Binur Allah, Al-Nasser Lidin Allah etc...

E surgiram títulos entre os ministros, emires, estudiosos e líderes, como: Najm Eddin (“Eddin” significa religião), Shams Eddin, Diaá Eddin, Shehab Eddin, Badr Eddin, Saif Eddin, Salah Eddin, Qalb Eddin, Hussam Eddin, Sadr Eddin, Fakhr Eddin, Ezz Eddin, Rukn Eddin etc... Assim, os nomes eram uma agradável característica na civilização islâmica, que provou que sua beleza se estendeu para abranger todos os detalhes.

694 Abu Daud: Kitab Al Adab (Livro da Ética) (4950), Ahmad (19054), Al Bukhari, em Al Adab Al Mufrad (814), autenticado por Al Albani em Sahih Al Adab Al Mufrad.

695 Al Bukhari: Kitab Al Tafseer (Livro da Interpretação) (4313), Muslim: Kitab Al Haj (Livro da Peregrinação) (1385).

696 Ibn Al Qaiym: Zad Al Ma'ad 2 / 334 e páginas seguintes.

697 Al Tabarani em Al Awsat (meio) 7 / 367, Ibn Hajar Al Asqalani: Al Matalab Al Aliya 11 / 685 (2658), e Al Albani disse que é autêntico. Veja: Sahih Al Jami' (259).

698 Al Bukhari: Kitab Al Adab (Livro da Ética) (5852), e Muslim: Kitab Al Adab (Livro da Ética) (2143).

## 2

## A Beleza dos Títulos

**As** pessoas mais dignas que são associadas a esta religião são os que têm mais conhecimento, e estes são os sábios.

E encontramos nos estudiosos da civilização islâmica um sentimento singular de estética, que nunca foi obtido por qualquer outra pessoa em todas as outras civilizações. Nós nem sequer chegamos a conhecer durante o curso da humanidade, quem poderia ter escrito livros em fiqh (entendimento da religião), biografia, hadith (ditos do profeta), crença ou tabaqat (classes de pessoas). E então, percebemos que os títulos dos livros eram uma parte da estética.

O aspecto fundamental da estética nos títulos dos escritos dos estudiosos da civilização islâmica é o seu interesse na estética verbal e títulos rimados, que foram divididos em duas partes semelhantes. Dando assim, uma composição agradável<sup>699</sup>. Os exemplos são muitos, dentre os quais:

“Al-Sarem Al-Masloul... ála Shatem Al-Rasul” (a espada desembainhada... sobre o blasfemador do mensageiro) é o título de um livro escrito pelo grande estudioso islâmico Ibn Taimiyah sobre a punição daqueles que blasfemam contra o mensageiro (a paz esteja com ele). O Imam Ibn Al-Qayim escreveu outro livro sobre os tipos de pecados e seus perigos, sob o título: “Al-Jawab Al-Kafi... leman Saal án Al-Dawaa Al-Shafi” (a resposta adequada... para quem perguntou sobre a medicina curativa). Lessan Al-Din ibn Al-Khateeb escreveu um livro sobre a história de Granada, na Andaluzia, sob o título: “Al-Ihata... fi Akhbar Gharnata” (a notificação... sobre as notícias de Granada). E seu contemporâneo, o grande historiador Ibn Khaldun, intitulou seu livro de história: “Diuan Al-Mubtadaa Walkhabar... Fi Tareekh Al-Arab Walbarbar... Waman A’sarahum Min Zhawi Al-Shaan

<sup>699</sup> Essa composição e entonação é particular em idioma árabe e só é completamente entendida por quem domina o idioma. Por isso, é impossível manter a rima e a estética verbal desses títulos na tradução para a língua portuguesa. Apenas citamos a tradução desses títulos em língua portuguesa para entendermos qual o assunto desses livros.

Al-Akbar” (o registro do assunto e predicado... na história dos árabes e não árabes... e os seus dignitários contemporâneos). Al-Maqrizi elaborou sobre a urbanização e os planos do Cairo, sob o título: “Al-Mawa’izh Wal i’tibar... Bizhikr Al-Khutut Wal athaar” (lições e exemplos... mencionando planos e monumentos). Al-Qalqashandi escreveu sobre regulamentos e leis em seu livro: “Maather Al-Inaqa... Fi Ma’alem Al-Khilafa” (os impactos da elegância... nos marcos do califado). No assunto das explicações do hadith, há livros como: “Fath Al-Bari... Sharh Sahih Al-Bukhari” (a cessão de Deus... explicação da narração autêntica de Al-Bukhari), por Al-Hafidh Ibn Hajr, “Al-Minhaj... Sharh Sahih Muslim ibn Al-Hajjaj” (a abordagem... explicação da narração autêntica de Muslim ibn Al-Hajjaj) por Al Imam Al-Nawawi, “Awn Al-Ma’boud... Sharh Sunan Abi Daud” (a ajuda do Adorado... explicação das tradições de Abu Daud) por Shams Al-Haqq Al-Adhim Abadi, e “Tuhfat Al-Ahwazhi... Sharh Sahih Al-Tirmizhi” (explicação das narrações autênticas de Al-Tirmizhi) por Al-Mubarakfuri.

No assunto da doutrina e da história dos debates e discussões, temos o livro de Al-Imam Ibn Hazm “Al-Fasl... Fi Al-Milal wa Al-Ahwaa wa annihal” (a decisão... sobre as religiões, inclinações e credos), o livro do grande estudioso muçulmano Al-Ghazali “Al-Iqtisad... Fi Al-I’tiqad” (o resumo... sobre a crença), o livro de Al-Imam Al-Ash’ari “Al-Ibanah án Ussul Al-Dianah” (o esclarecimento dos fundamentos da religião), o livro de Al Imam Ibn Hajar Al-Haithami sobre os desentendimentos entre os companheiros “Tatheer Al-Jinan Wallisan... án Thalab Muawiah ibn Abi Sufian... Ma’ Al-Madh Al-Jaliy... Wa ithbat Al-Haq li Ali” (a purificação das almas e da língua... da difamação de Muawiah ibn Abi Sufian... com claro elogio... e prova da razão para Ali).

E as diferentes abordagens nos livros de estudiosos muçulmanos durante os séculos seguintes também seguiram o mesmo sistema. E, em seguida, a estética aumentou ainda mais, encontramos nos títulos dos escritos não apenas um som musical, mas também uma bela imagem com ouro, prata, joias, estrelas, sóis, luas, mares, rios, córregos, árvores, ramos e frutos. Todas essas coisas foram títulos de livros com conteúdos científicos e acadêmicos, que foram uma marca do enriquecimento do espírito islâmico para a estética. E essa estética se expandiu para incluir detalhes minuciosos. A seguir, apenas alguns exemplos:

## **Ouro, pérolas e joias:**

---

A maior enciclopédia sobre história e países – depois da História de Al-Tabari – foi o livro de Al-Mas’udi (falecido em 346 d.H) sob o título

de “Muruj Al-Zhahab wa Ma’adin Al-Jauhar” (os campos de ouro e minerais de joias). Houve também a interpretação do Alcorão de Al-Imam Al-Tha’alibi, cujo título é “Al-Jawahir Al-Hissan Fi Tafsir Al-Qur’an” (as belas joias na interpretação do Alcorão). Al Imam Ibn Abdel-Bar escreveu um resumo sobre as batalhas do profeta (a paz esteja com ele) sob o título de “Al-Durar Fi Ikhtisar Al-Maghazi Wassiar” (as pérolas na simplificação das batalhas e biografias). Mihieddin ibn Abu Al-Wafaa escreveu um livro sobre os líderes da escola Hanafi de fiqh, intitulado-o “Al-Jawahir Al-Mudiah Fi Tabaqat Al-Hanafia” (as joias brilhantes nas classes de Al-Hanafia). O historiador da época mameluca Abu Bakr Al-Dawdari compilou um livro com este título: “Kanz Al-Durar Wa Jámi’ Al-Gurar” (o tesouro de joias e colecionador de pessoas eminentes). Al Imam Ibn Hajar escreveu sobre figuras do século oitavo da hijrah, sob o título “Al-Durar Al-Kaminah Fi A’iyan Al-Miáh Al-Thaminah” (as pérolas escondidas nos dignitários dos oitavo século). Quando o Imam Al-Suiuti interpretou o Alcorão, denominou a sua interpretação de “Al-Dur Al-Manthur Fi Al-Tafsir Bilma’thur” (a pérola espalhada em interpretação com dizeres transmitidos). Ibn Al-Imad Al-Hanbali compilou um livro sobre história denominado “Shuzhurat Al-Zhahab Fi Akhbar Man Zhahab” (fragmentos de ouro nas notícias dos antecessores). Há também: “Al-Lala’li’ Al-Masnu’a Fi Al-Ahadith Al-Maudhu’a” (as pérolas feitas sobre os hadith forjados) por Al-Suiuti, “Al-Dur Al-Massun Fi Ílm Al-Kitab Al-Maknun” (as pérolas preservadas na ciência do livro oculto) sobre ciências corânicas por Al-Semin Al-Halabi, “Kanz Al-Úmmal Fi Sunan Al-Aqwal Wal af’al” (o tesouro dos trabalhadores na tradição das palavras e atos) por Alaa Eddin al Mottaqi Al-Hindi, “Kanz Al-Daqa’iq” (o tesouro das precisões) por Abu Al-Barakat al Nasfi, sobre a jurisprudência Hanafi, e “Al-Lu’lu’ Walmarjan... Fima Ittafaqa Alaihi Al-Shaikhan” (as pérolas e os corais... no que foi acordado pelos dois sheikhs [Al Bukhari e Muslim]) por Mohammad Fuad Abdul-Baqi.

## **A luz, o céu e os corpos celestes:**

---

Al-Qalqashandi compilou uma enciclopédia sobre literatura, história, política e poesia e a intitulou “Subh Al-A’cha Fi Sina’at Al-Insha” (a manhã da noite cega na indústria da composição). Ibn Taghri Bardi escreveu um livro de história e denominou-lhe “Al-Nujum Al-Zahera Fi-Muluk Misr Walqahira” (as estrelas brilhantes sobre os reis do Egito e Cairo). “Al-Siraj Al-Munir” (a lâmpada que brilha) é o título da interpretação do Alcorão

compilado por Shams Eddin Al-Shirbini. Abu Hafis Seraj Eddin Al-Nashar escreveu um livro sobre a ciência da recitação do Alcorão e o intitulou “Al-Budur Al-Zahera fi Al-Qiraat Al-Áshr Al-Mutawatira” (as luas cheias brilhantes sobre as dez recitações reiteradas). Al Imam Ibn Al-Mulaqqin se empenhou na explicação do hadith e tradições proféticas citadas no livro de Al Imam Al-Rafi’i sobre a escola Shafi’i de fiqh, intitulado “al-Fath Al-Aziz Fi Al-Sharh Al-Uajiz” (a conquista gloriosa para a explicação do resumo). Sua obra foi intitulada “Al-Badr Al-Munir Fi Takhrij Al-Ahadith Wal athar Al-Waqea Fi Al-Sharh Al-Kabir” (a lua brilhante para a explicação dos ahadith e tradições citadas na grande explicação). Al Imam Shams Eddin Al-Maradini explicou “Al-Waraqat” (os pergaminhos) escrito por Imam Al-Haramain Al-Juaini sobre os fundamentos do fiqh (jurisprudência). Ele escreveu “Al-Anjum Al-Zahirat Ala Hal Alfadh Al-Waraqat” (as estrelas brilhantes para a explicação dos termos dos pergaminhos). E quando Al Imam Ibn Al-Kaiyal identificou os narradores de confiança que foram acusados de mistura (misturar as informações das transmissões e textos), ele escreveu um livro intitulado “Al-Kawakib Al-Naiyrat Fi Ma’arifat Man Rumia Bil ikhtilat min Al-Ruat Al-Thiqat” (as estrelas brilhantes na identificação dos narradores de confiança que foram acusados de mistura). Al Imam Al-Suiuti compilou os fundamentos do fiqh (jurisprudência) em forma de poesia e a denominou “Al-Kawakab Al-Sati’a... Nadhm Jam’ Al-Jauami” (a estrela brilhante... na poesia da compilação). Ele também escreveu “Al-Budur Al-Safira Fi Omur Al-Akhira” (as estrelas claras nas questões da Vida Eterna). Vamos concluir esta parte com este título atraente que foi usado pelo Al-Imam Al-Safarini para seu livro doutrinário “Lawami’ Al-Anwar Al-Bahiya Wasauati’ Al-Asrar Al-Atharia Lisharh Al-Durra Al-Mudhiya Fi Aqd Al-Firqa Al-Mardhiya” (as maravilhas das luzes brilhantes e o esplendor dos segredos narrados para a explicação da pérola radiante sobre a doutrina do grupo correto).

## **Mares, rios e riachos:**

---

Ter muito conhecimento sempre foi comparado como um mar em nossa civilização islâmica. Frases como essas são muito comuns nos livros de biografia: “Fulano... o mar das ciências”, “a ciência jorra de seus lados”, e palavras similares como “fonte das ciências” e “primavera das ciências”. Essas semelhanças foram misturadas com as imagens naturais



para produzir o sentido, e muitas vezes, esses títulos eram utilizados para expressar o conteúdo do livro. Dentre os exemplos:

Al Imam Ibrahim ibn Muhammad Al-Halabi escreveu um livro sobre a escola Hanafi de fiqh, dando-lhe um título agradável “Multaqā Al-Abhur” (a confluência dos mares), em seguida, Sheikhī Zada explicou esta obra sob o título “Majmaa Al-Anhur... Sharh Multaqā Al-Abhur” (a confluência dos rios... a explicação da confluência dos mares). Al Imam Ibn Jamaa’ escreveu um livro sobre a ciência do hadith e nomeou-o “Al-Manhal Al-Rawiy Fi Mukhtasar Ulum Al-Hadith Al-Nabawi” (a fonte irrigante no sumário das ciências do dito profético). Ibn Taghri Bardi compilou um livro sobre as biografias dos estudiosos de sua época, sob o título “Al-Manhal Al-Safi Wal Mustaufa Baad Al-Wafi” (a fonte pura e completa após Al-Wafi “suficiente”). Al Imam Ibn Najim Al-Hanafi explicou o livro “Kanz Al-Daqaiq” (o tesouro das precisões), sob o título: “Al-Bahr Al-Ra’iq... Sharh Kanz Al-Daqaiq” (o mar calmo... explicação do tesouro das precisões). Al Imam Abu Haiān Al-Andalusī interpretou o Alcorão Sagrado, com o título “Al-Bahr Al-Muhit” (o oceano). Sob o mesmo título, Al Imam Al-Zarkashi escreveu um livro sobre os fundamentos do fiqh (jurisprudência). E a interpretação do Alcorão do Sheikh Al-Shanqīti foi publicado com o título “Al-Azhab Al-Namir Min Majalis Al-Shanqīti Fi Al-Tafseer” (a doçura clara das reuniões de Al-Shanqīti sobre interpretação). Al Imam Al-Samarqandi tinha outra interpretação do Alcorão, com o título “Bahr Al-Ulum” (mar das ciências).

## **Jardins, flores e frutas:**

---

Al Imam Ibn Hibban escreveu um livro sobre pregação e raqaiq (palavras e tradições ternas), intitulado: “Raudhat Al-Uqalā Wanuzhat Al-Fudalā” (o jardim de pessoas sábias e o prazer das pessoas virtuosas). Quando Al Imam Al-Suhaili escreveu sobre a biografia e as características do profeta (a paz esteja com ele), nomeou-o “Al-Rawd Al-Anif” (o jardim natural). Al Imam Ibn Al-Jauzi escreveu sobre a pregação com o título “Bustan Al-Wa’izhin Wa riad Al-Sami’in” (o pomar dos pregadores e jardim dos ouvintes). Shehab Eddin Abu Shama escreveu sobre a história dos Estados Nuriya e Salahya sob o título “Al-Raudatain fi Akhbar Al Daulatain” (os dois jardins sobre as notícias dos dois estados). Quando Al Imam Al-Nauawi compilou um livro contendo as virtudes e ética do Islam, ele o denominou “Riadh Al-Salihin Min Kalam Saiyed Al-Murssalin” (os

jardins dos virtuosos das palavras do mestre dos mensageiros). Em seguida, ele escreveu o livro “Raudhu Al-Talibin” (o jardim dos que procuram) sobre fiqh da escola Shafi’i. Al-Himiari denominou seu livro de história: “Al-Raudh Al-Mi’itar Fi Khabar Al-Aqtar” (o jardim perfumado sobre a notícia dos países). Sobre al raqaiq (tradições ternas), Al Imam Ibn Al-Qayim escreveu “Raudhat Al-Muhibbin Wanuzhat Al-Mushtaqin” (o jardim dos amantes e prazer dos anciosos). Al Imam Ibn Al-Jazari escreveu “Al-Zahr Al-Fatih Fiman Tanazzaha án Al-Zhunub Wal Qabahh” (as flores se abrindo sobre quem se purificou dos pecados e corrupções). Sobre Al-Khidr (que Allah esteja satisfeito com ele), Al-Hafidh Ibn Hajar escreveu “Al-Zahr Al-Nadir Fi Akhbar Al-Khidr” (as flores brilhantes sobre as notícias de Al-Khidr). Al-Suiuti compilou um livro intitulado: “Al-Raudh Al-Aniq Fi Fadhl Al-Siddiq” (o jardim elegante sobre a virtude de Abu Bakr Al-Siddiq). Ibn Ghazi escreveu sobre a história da cidade de Miknassa: “Al-Raudh Al-Hatun Fi Akhbar Miknassa Al-Zaitun” (o jardim de frutas ricas sobre as notícias de Miknassa Al-Zaitun). Ibn Ias escreveu um livro de história intitulado: “Badai’ Al-Zuhur Fi Waqai’ Al-Duhur” (as maravilhas das flores sobre os fatos das épocas), e Al-Maqri escreveu sobre a história da Andaluzia o livro intitulado “Nafh Al-Tuib Min Ghusn Al-Andalus Al-Ratib” (a fragrância agradável sobre o ramo fresco da Andaluzia). E no século XII da hijrah, Muhammad ibn Issa ibn Kinan escreveu sobre as leis do califado e sultões, e denominou seu livro: “Hada’iq Al-Iasamin Fi Zhikr Qauanin Al-Khulafa Wal salatin” (os jardins de jasmim sobre a menção das leis do califado e dos sultões). Al-Qannuji escreveu um livro sobre fiqh (jurisprudência) conforme a escola Al-Zaidiyah, sob o título “Al-Raudha Al-Nadiya... Sharh Al-Durar Al-Bahiya” (o jardim orvalhado... explicação das pérolas brilhantes). E Saiyd Qutub escreveu a interpretação do Alcorão Sagrado e intitulou-a “Fi dhilal Al-Qur’an” (Sob as sombras do Alcorão).

E assim por diante, há muitos exemplos desse tipo. Essa multiplicidade conclui um consenso e nos dá a certeza do sentido estético que foi adquirido pelos homens da civilização islâmica, e tal beleza foi assimilada do Alcorão e da Sunnah (tradição profética).



## Sétimo Capítulo

### Córdoba... Modelo de uma Bela Cidade Islâmica

---

“Córdoba, que superava todas as cidades europeias em termos de civilização durante o século X d.C, de fato era ponto de admiração do mundo, como a cidade de Veneza, aos olhos das nações dos Balcãs. Os turistas que vinham do Norte ouviam o que exigia reverência por tal cidade que tinha 70 bibliotecas e 900 banhos públicos. Quando os governantes de Lion, Navarra ou Barcelona precisavam de um cirurgião, engenheiro, arquiteto, costureiro ou músico, só achavam suas necessidades em Córdoba”<sup>700</sup>. Essa foi a descrição dada por uma figura ocidental, John Brand, sobre a cidade andaluzia de Córdoba no século IV islâmico (século X d.C).

Como extensão de uma civilização islâmica humanitária, em termos de conhecimentos, valores e glória, a estrela de Córdoba surgiu como uma prova viva do progresso e poder da civilização dos muçulmanos naquela época da história, na metade do século IV islâmico (século X d.C), quando a Europa estava mergulhada em profunda ignorância.

Córdoba... tal nome que ressoou com especial impacto nas almas de todos os muçulmanos, e até mesmo nas almas dos europeus que acreditavam na civilização e no progresso humano.

Iremos conhecer Córdoba, a bela cidade, através das seguintes abordagens:

1. **Resumo Geográfico e Histórico**
2. **Alguns Aspectos da Civilização em Córdoba**
3. **Córdoba... a Cidade Moderna**
4. **Córdoba na Visão dos Cientistas e Literários**

---

<sup>700</sup> John Brand: Espanha e Portugal, o estudo publicado no livro A Herança do Islam supervisionado por Arnold, p. 27.

# 1

## Resumo Geográfico e Histórico

---

Córdoba está localizada nas margens do rio Guadalquivir (Al Wadi Al Kabir), no sul da Espanha. Córdoba foi mencionada na Enciclopédia Moderna Al-Mawrid, onde lemos: “Córdoba foi provavelmente estabelecida pelos cartagineses e, mais tarde governada pelos romanos e pelos visigodos”<sup>701</sup>.

Córdoba foi conquistada por Tariq ibn Ziad, um famoso comandante muçulmano, em 93 d.H – 711 d.C. Desde então, a cidade de Córdoba tomou um novo rumo para se tornar um marco importante na história da humanidade. Sua estrela começou a surgir como uma cidade mundial civilizacional em 138 d.H – 756 d.C, quando Abdul Rahman Al Dakhel (mais conhecido como o Falcão dos coraixitas) estabeleceu o Estado Omíada da Andaluzia, depois de seu colapso em Damasco nas mãos dos abássidas.

E na época de Abdul Rahman Al Nasser (o primeiro califa omíada da Andaluzia) e depois com seu filho Al-Hakam Al-Mustansir, Córdoba atingiu o auge em progresso, glória e civilização, especialmente quando a cidade se tornou a capital do Estado e a principal sede de Al Mustansir como califa dos muçulmanos no Ocidente. Ele a converteu num centro de ciências, cultura e civilização, e a fez concorrer com Constantinopla, a capital do Império Bizantino, e Bagdá, a capital dos abássidas no Oriente, bem como Al-Qairawan e o Cairo na África. Os europeus chegaram a se referir a Córdoba como a “Joaia do Mundo”.

A atenção prestada pelos omíadas à cidade de Córdoba também abrangeu os diferentes aspectos da vida, incluindo agricultura, indústria, construção de fortalezas, casas de armas, entre outros. Eles cavaram hidrovias, canais, estabeleceram drenagens e trouxeram vários tipos de árvores e frutos que não eram plantados na Andaluzia.

---

701 Al Mawrid Enciclopédia Moderna (1995).

## 2

## Alguns Aspectos da Civilização em Córdoba

Nas linhas abaixo, iremos conhecer alguns aspectos do progresso e da civilização na Andaluzia, em geral, e da cidade de Córdoba, em particular, para descobrirmos a contribuição islâmica para a história humana.

### 1 – Arcada de Córdoba:

Foi um dos marcos mais importantes da cidade de Córdoba, localizada no rio Guadalquivir (Al Wadi Al Kabir), ficou conhecida como “Al-Jisr” (a ponte) e “Qantarat Ad-Dahr” (arcada da era). Tinha 40 metros de comprimento aproximadamente, 40 metros de largura e 30 metros de altura!

Ibn Al-Wardi e Al-Idrisi testemunharam: “É a arcada que superou outras arcadas em sua construção e perfeição”<sup>702</sup>. Ela tinha 17 arcos com 12 metros de distância entre si, cada arco tinha 12 metros de diâmetro e 7 metros de largura, e 15 metros sobre a superfície do rio<sup>703</sup>.

Essas dimensões pertencem a uma arcada construída no início do segundo século Islâmico (101 d.H), ou seja, cerca de 1400 anos atrás, por As-samh ibn Malik Al-Khawlani, o então governador da Andaluzia, nomeado pelo califa muçulmano Omar ibn Abdul-Aziz. Isso significa que ela foi construída numa época em que os cavalos, mulas e burros eram as únicas formas disponíveis de transporte, e os métodos de construção civil não eram tão avançados como hoje. Isso simplesmente faz com que a Arcada de Córdoba seja um dos marcos mais proeminentes e uma das fontes de orgulho da civilização muçulmana.

702 Ibn Al Wardi: Kharidat Al ‘Aja’ib wa Faridat Al Ghara’ib, p. 12, Al Idrissi: Al Idrissi: Nuzhat Al Mushtaq Fi Ikhtiraq Al Afaq 2 / 579.

703 Al Maqri: Nafh Al Tib, 1 / 4820.

## 2 – A Grande Mesquita de Córdoba:

---

Al-Jami Al-Kabir, ou a Grande Mesquita de Córdoba, é uma das marcas mais importantes de Córdoba, e seus monumentos permanecem até hoje. Em espanhol é chamado de “Mezquita” – que é uma transformação da palavra árabe “Masjid”. Foi a mais famosa mesquita da Andaluzia (dado o fato de que ela foi transformada em uma catedral). Também foi uma das maiores mesquitas na Europa! Sua construção foi iniciada por Abdul Rahman Al-Dakhel em (170 d.H – 786 d.C) e, mais tarde, por seu filho Hisham I. E cada novo califa aumentava a área e a ornamentação da mesquita, tornando-a a mais bela mesquita de Córdoba e uma das maiores mesquitas do mundo em sua época.

Descrivendo a mesquita, o autor do livro Al-Raudh Al-Mi'tar disse: Está localizada em Córdoba a famosa mesquita, uma das mesquitas mais belas do mundo em termos de área, perfeita execução, bela e perfeita construção, os califas Marwanis se preocuparam com ela, e sempre executaram ampliações e acabamentos nela, aumentando a sua beleza e perfeição. Ela atingiu um nível de perfeição absoluta que intriga os olhares e é impossível de descrever. Não há entre todas as mesquitas dos muçulmanos mesquita igual em termos de ornamentação, seu comprimento é de 180 côvados<sup>704</sup>, metade da área da mesquita é coberta e a outra metade descoberta. Ela tem 14 arcos em sua parte coberta, e as colunas de seu teto, incluindo as colunas de suas cúpulas, pequenas e grandes, e as grandes colunas da qiblah e suas adjacentes são 1000 colunas. Tem 113 lustres, o maior deles carrega mil lâmpadas e o menor carrega doze lâmpadas. Todos os seus trabalhos em madeira são feitos de pinheiros tartushi<sup>705</sup>. Seu teto tem uma variedade de ornamentações que não se assemelham umas as outras, perfeitamente organizadas e excelentemente coloridas em vermelho, branco, azul, verde e azul escuro, tornando-se um local que atrai os olhos e tranquiliza as almas com a perfeição de seus desenhos e com a variedade de suas cores. Cada um dos azulejos de seu teto mede 33 “shibr”<sup>706</sup>, entre uma coluna e outra há 15 “shibr”, e cada coluna tem um vértice de mármore e uma base de mármore.

A qiblah da mesquita (a direção para a oração) tem uma forma magistral que ninguém pode descrever. Sua perfeição deslumbra as mentes. Tem mosaicos dourados e cristais enviados pelo líder de Constantinopla para Abdul Rahman Al Nassir Lidinillah. Em ambos os lados do nicho de

704 Côvado: em árabe: “ba”, medida retirada da distância entre o cotovelo e as pontas dos dedos, corresponde a 18 polegadas ou 52,4 cm.

705 Um tipo de madeira.

706 Medida que equivale a seis dedos. Chega a aproximadamente 15,45 cm. Ou seja:  $33 \times 15,45 = 509,85$  cm.

oração, existem quatro colunas: duas em verde e duas bicolores de brilho metálico. Elas são de valor inestimável. Na parte superior do nicho de oração há uma grande laje de mármore decorada artisticamente e moldada com ouro e outras cores bonitas. E ao redor do nicho de oração há uma paliçada de madeira, contendo vários ornamentos maravilhosos, e no lado direito do nicho de oração temos o púlpito, que não tem igual na Terra, feito de madeira de ébano, “baqs” e “úd al majmar”. Relata-se que o púlpito levou sete anos para ser fabricado, por 6 homens, fora as pessoas que os serviam!

No lado esquerdo do nicho de oração há uma casa com kits e lavadouros feito de ouro e prata, onde são acesas velas na noite do 27º dia do mês de Ramadan. Há uma cópia do Alcorão Sagrado, que é tão pesada que dois homens são necessários para levantá-la. Essa cópia contém quatro páginas da cópia de Uthman ibn ‘Affan do Alcorão Sagrado, que ele mesmo escreveu, e contém uma gota de sangue dele. Essa cópia do Alcorão Sagrado é retirada a cada manhã por um grupo de pessoas que trabalham na mesquita. Sua tampa é gravada com maravilhosos ornamentos e é colocada numa cadeira especial para o imam recitar meio hizb<sup>707</sup> e, em seguida, é levado de volta ao seu lugar.

No lado direito do nicho de oração e do púlpito há uma porta que conduz ao palácio entre as duas paredes da mesquita, num corredor interligado que tem oito portas, quatro delas são fechadas do lado do palácio e outras quatro portas se fecham do lado da mesquita. A mesquita tem 20 portas revestidas com cobre e cobre metalizado, e em cada portão existem dois magníficos anéis.

No lado norte da mesquita existe o minarete com a sua forma extraordinária e nobre função, cuja altura é de cem braços, dos quais oitenta braços chegam até o ponto onde o muezzin (quem faz o chamamento para a oração) fica. Há duas escadas para o minarete: uma no lado oeste e outra no leste. Se duas pessoas sobem, apenas se encontram no topo do minarete. A face do minarete é coberta com pedra ornamentada desde o chão até o topo, com tipos de enfeites e escrita.

Nas quatro faces arredondadas deste minarete há duas filas de arcos de forma arredondada e uma casa de quatro portas fechadas, onde dois muezzins permanecem durante a noite. No topo do minarete que está em cima da casa há três maçãs de ouro e duas maçãs de prata e folhas

707 Hizb: uma determinada divisão do Alcorão Sagrado. O Alcorão foi dividido em 30 juz' (partes), e cada juz' foi dividido em dois hizb. E assim, é usado como medida, dizendo-se por exemplo: Li um hizb, ou meio hizb, ou um quarto de hizb. Nas cópias do Alcorão impressas atualmente pelo Complexo do Rei Fahd para a impressão do Nobre Alcorão, cada hizb está distribuído em aproximadamente dez páginas, totalizando 604 páginas.



“suasaniyah”, a maior destas maçãs pode conter 60 ratls<sup>708</sup> de óleo. Um total de 60 homens trabalham na mesquita sob um supervisor<sup>709</sup>.

Ibn Al Wardi disse quase o mesmo em seu livro “Kharidat Al-’Aja’ib wa Faridat Al-Ghara’ib” (A pérola das excêntricas e a singular das maravilhas): “A área da mesquita era cheia de laranjeiras e romaneiras para as pessoas com fome e os visitantes da cidade que vinham de várias partes. O que é lamentável e arranca lágrimas dos olhos é que esta magnífica mesquita, após a queda da Andaluzia, foi convertida em uma catedral, e se tornou filiada à Igreja, mas com o mesmo nome. O alto de seu minarete foi convertido em uma torre de sinos da igreja, tendo em vista a ocultação de seu estilo islâmico. As suas imunes paredes ainda trazem gravuras corânicas que refletem o gênio artístico raro e, atualmente, a mesquita é um dos mais famosos pontos históricos do mundo.

### **3 – Universidade de Córdoba:**

---

A adoração não foi a única função na Grande Mesquita de Córdoba. A mesquita foi também uma grande universidade – uma das academias mais prestigiadas do mundo na época e o maior centro acadêmico na Europa. Era a porta através da qual as ciências árabes foram transferidas para países da Europa durante muitos séculos. Todos os tipos de conhecimento foram ensinados nas mãos dos maiores professores. Era a Meca dos estudantes em torno dos quatro cantos do globo, muçulmanos ou não muçulmanos. As seções de ensino e encontros de esclarecimento tomavam mais da metade da mesquita. Sheikhs eram bem remunerados, a fim de incentivá-los a dedicar-se às aulas e à compilação. Também foram dadas recompensas aos estudantes, bem como ajudas a pessoas carentes. Isso ajudou a enriquecer a vida científica e acadêmica naquela época e naquele ambiente. Córdoba formou para os muçulmanos e para o mundo um grande número de estudiosos e cientistas em todas as áreas do conhecimento, entre eles: Al Zahrawi (325-404 d.H-936-1013 d.C), o mais famoso cirurgião, médico e farmacologista; Ibn Baja, Ibn Tufail, Muhammad al Ghafiqi (um dos fundadores da oftalmologia), Ibn Abdel Bar, Ibn Rushd, Al Idrissi, Abu Bakr Yahia ibn Sa’dun ibn Tammam Al Azdi, al Qadhi Al Qurtubi Al Nahawi, Al Hafidh Al Qurtubi, Abu Jaafar Al Qurtubi e muitos outros.

---

708 Uma medida que varia dependendo do país, varia de o equivalente a 382 grs no Iraque, a 1785 gramas na Síria.

709 Al Himiari: Al Raudh Al Mi’tar (O Livro do Jardim Perfumado) 1 / 456, 457.

## B

## Córdoba... a Cidade Moderna

---

Com tais circunstâncias e com a vida que vimos não é de admirar que Córdoba se torne (em meados do século IV islâmico / século X cristão) uma cidade moderna que concorre com cidades modernas do terceiro milênio! Por que alguém pode se espantar com isso? As escolas estavam em toda parte da cidade para o ensino das pessoas, bem como as bibliotecas públicas e privadas, até que Córdoba tornou-se a região com o maior número de livros no mundo, se transformou em um centro cultural e um complexo científico em todos os ramos do conhecimento e em todos os domínios. Os pobres frequentavam as escolas gratuitamente, às custas dos próprios governantes e, por isso, não se admira sabermos que todos os membros da nação sabiam ler e escrever. **Não havia uma só pessoa em Córdoba que não sabia ler e escrever**<sup>710</sup>, enquanto na Europa, naquela época, as pessoas mais nobres eram analfabetas, com exceção de alguns clérigos!

É importante ressaltar que o avanço civilizacional e científico de Córdoba, naquele tempo, também foi acompanhado por um avanço administrativo através de uma série de instituições e sistemas pioneiros, incluindo o emirado e o ministério. Junto com o desenvolvimento das forças policiais, judiciais e funções públicas de *bisbab* (policimento religioso) houve também um grande avanço industrial em andamento. Vários setores da indústria cresceram, e alguns ficaram famosos, como: a indústria do couro, construção naval, máquinas de lavoura, produtos farmacêuticos e outros, além da extração de ouro, prata e cobre!<sup>711</sup>

E se olharmos para a vida urbana e moderna em Córdoba, percebemos que a cidade foi dividida em cinco cidades, que parecem 5 grandes distritos. Al Maqri diz: “E entre cada duas cidades havia um grande muro

710 Muhammad Mahir Hamadah: Al Maktabat fi Al Islam (As Bibliotecas no Islam) p. 99.

711 Al Qalqashandi: Subh Al A'cha 5 / 218

bem fortificado. Cada cidade foi completamente independente, cada uma tinha banhos, mercados e indústrias... suficientes para sua população”<sup>712</sup>.

Córdoba também se destacou, de acordo com Yaqut al Hamawi em seu Dicionário de Países, por seus mercados cheios de todos os tipos de mercadorias, e cada distrito em Córdoba tinha seu próprio mercado<sup>713</sup>.

Podemos citar algumas estatísticas sobre o desenvolvimento urbano em Córdoba, a partir do que foi citado no livro de Al-Maqrri:

- **Mesquitas:** O número de mesquitas em Córdoba até a época de Abdul Rahman Al Dakhel chegou a 490. E aumentou posteriormente para 3837.
- **Casas Comuns:** 213077.
- **Casas de Elite:** 60300.
- **Casas comerciais:** 80455.
- **Banhos públicos:** 900.
- **Delegacias:** 28<sup>714</sup>.

Esses números aumentavam e diminuíaam de acordo com as situações políticas e de acordo com as versões dos historiadores. No entanto, as diferenças foram sempre no nível da grandeza, esplendor e beleza, e não sobre o fato de sua existência.

Durante a era do Governo Islâmico, Córdoba tinha cerca de 500.000 habitantes<sup>715</sup>. É importante ressaltar que Córdoba hoje tem cerca de 310 mil habitantes!<sup>716</sup>

---

712 Al Maqrri: Nafh Al Tib 1 / 558.

713 Yaqut Al Hamawi: Mu'jam Al Buldan (Dicionário de Países) 4 / 324.

714 Al Maqrri: Nafh Al Tib 1 / 540 em diante.

715 Muhammad Abdullah Ánan: Os Monumentos da Andaluzia que ainda existem na Espanha e Portugal, p. 19.

716 Wikipedia: Link: <http://ar.wikipedia.org>.

## 4

## Córdoba na Visão dos Cientistas e Literários

---

**I**bn Hauqal chegou a Córdoba em meados de 350 d.H / 961 d.C. Ele era um comerciante de Mosul, e descreveu Córdoba dizendo: “Córdoba é a maior cidade da Andaluzia, não tem nenhuma cidade semelhante a ela no ocidente em termos de população e área ampla. É relatado que ela é igual a um dos dois lados de Bagdá, e se não é, então ela é muito parecida. Córdoba é fortificada com uma muralha de pedra e tem dois portões instalados no muro em direção a estrada do vale de ar-Rasafa. Ar-Rasafa são casas nas regiões altas do país, ligadas às regiões do sul com suas árvores entrelaçadas. Seus prédios são próximos uns dos outros e cercados de leste, oeste, norte e sul. Em seu vale tem a calçada (Ar-rassif) conhecida por seus mercados e vendas, e as moradias do povo em suas partes arborizadas, cujos habitantes são ricos e especialistas<sup>717</sup>.

As pessoas de Córdoba se distinguiram principalmente por serem as mais nobres personalidades, líderes e estudiosos de alto escalão. Al Idrissi relatou: “Córdoba não viveu nenhum dia sem estudiosos notáveis e figuras nobres, seus comerciantes são pessoas muito ricas, de amplas condições e alta determinação com casas luxuosas e nível superior”<sup>718</sup>.

Al Himiari disse: “Córdoba é a capital da Andaluzia, a mãe das cidades da Andaluzia e a sede do califado dos omíadas na Andaluzia. Os marcos omíadas em Córdoba são evidentes, os méritos de Córdoba e as virtudes de seus califas são tão famosas que dispensam ser mencionadas. Eles são as personalidades mais ilustres, famosos por sua crença verdadeira, ganho

---

717 Yaqut Al Hamawi: Mu'jam Al Buldan (Dicionário de Países), 4 / 324.

718 Al Idrissi: Nuzhat Al Mushtaq Fi Ikhtiraq Al Afaq 2 / 575.

lícito, bela postura, determinação moral elevada e nobre ética. Córdoba também tinha estudiosos de ponta e os mais nobres virtuosos”<sup>719</sup>.

Yaqut Al Hamawi descreve Córdoba, dizendo: “Uma grande cidade da Andaluzia. No centro da Andaluzia, Córdoba era o trono de seu governador. Nela residiam os reis dos omíadas, era fonte de pessoas nobres e grandes personalidades naquela região”<sup>720</sup>.

Abu Al Hassan ibn Bassam disse: “Ela (Córdoba) foi o grau máximo, central do estandarte, a mãe de todas as terras, a sede das pessoas nobres e piedosas, pátria do povo de conhecimento e opinião, o coração da região, fonte de conhecimento, a cúpula do Islam, sede dos imams, morada dos cérebros saudáveis, pomar de pensamento, de seus horizontes se formaram estrelas e figuras de destaque da época e cavaleiros da poesia e da prosa (os melhores escritores). Em Córdoba grandes escritos foram produzidos, e a razão disso – e a razão do destaque do povo dessa cidade antigamente e atualmente – é que o horizonte cordobenho deles só era formado por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento e da literatura. De modo geral, a maioria das pessoas daquela região – quer dizer Córdoba em específico, e Andaluzia em geral – são os nobres árabes do Oriente que a fundaram, e os líderes dos soldados da Grande Síria e Iraque que se estabeleceram nela e, assim, a descendência de nobreza deles permaneceu em toda a região, existindo provavelmente, em cada cidade, hábeis escritores e soberanos poetas”<sup>721</sup>.

Ibn al Wardi descreveu Córdoba, dizendo: “Os habitantes de Córdoba são as personalidades mais ilustres e os principais exemplos de adequação na alimentação, veste, transporte e alta determinação. Córdoba é a casa dos estudiosos notáveis e figuras nobres, dos guerreiros gloriosos e heróis das guerras”. Depois de descrever a mesquita de Córdoba e sua arcada, ele disse: “As qualidades encantadoras desta cidade estão acima de qualquer descrição”<sup>722</sup>.

Esta foi uma das cidades da civilização islâmica, que contribuiu para o progresso da humanidade. Na verdade, Córdoba não é a única nesta matéria, se descrevermos Bagdá, Damasco, Cairo ou Basra e outras cidades, a descrição iria ter o mesmo nível de maravilha e admiração ou maior. Não é de se admirar! Pois esta é a civilização dos muçulmanos, a maior civilização do mundo, e a pérola que elevou a longa história da humanidade.

719 Al Raudh Al Mi'tar Fi Khabar Al Aqtar, p. 456.

720 Yaqut Al Hamawi: Mu'jam Al Buldan (Dicionário de Países), 4 / 324.

721 Abu Al Hassan ibn Bassam: Al Zhakhira Fi Mahasin Ahl Al Jazira 1 / 33.

722 Ibn Al Wardi: Kharidat Al 'Aja'ib wa Faridat Al Ghara'ib, p. 12.

## Parte 8

# A Influência da Civilização Islâmica sobre a Civilização Europeia

---

A eternidade das civilizações é medida pelo montante das contribuições que elas oferecem à história da humanidade deixando eternas marcas em vários aspectos do pensamento, das ciências e da ética. Nós já apresentamos o grande papel desempenhado pela civilização islâmica na história do desenvolvimento humano e, podemos agora, identificar essas marcas e contribuições por meio do que a Europa ou o renascimento europeu alcançou. Isso ocorre porque as conquistas da civilização europeia tiveram a influência da civilização islâmica, que a precedeu. Sem exagero, a história europeia moderna é a extensão natural da história da civilização islâmica quando esta estava em sua época de florescimento. Não havia separação entre elas.

A explicação disso será através dos seguintes capítulos:

**Primeiro Capítulo:** Os Caminhos da Civilização Islâmica para a Europa

**Segundo Capítulo:** As Aparências da Influência da Civilização Islâmica sobre a Civilização Europeia

**Terceiro Capítulo:** O Testemunho dos Ocidentais Justos sobre o Valor da Civilização Islâmica



## Primeiro Capítulo

### Os Caminhos da Civilização Islâmica para a Europa

---

**O**S historiadores são quase unânimes em afirmar que a civilização islâmica entrou em contato com os cristãos da Europa Ocidental durante os tempos medievais, quando a Europa estava passando por escuridão total, através de três vias principais, que variaram em nível de atividade e impacto cultural. Estas vias foram a Andaluzia, a Sicília e as cruzadas:

1. Andaluzia
2. Sicília
3. As Cruzadas



# 1

## Andaluzia

---

**A** Andaluzia é a principal via da civilização muçulmana, a ponte mais importante através da qual a civilização islâmica se transferiu para a Europa e teve um impacto em várias áreas científicas, intelectuais, sociais e econômicas. A Andaluzia, que é parte da Europa, permaneceu por oito séculos (92-897 d.H / 711-1492 d.C) como um farol irradiante da civilização durante o tempo em que os muçulmanos estavam lá, mesmo quando era politicamente fraco, e quando os reinos dos partidos apareceram. Isso ocorreu através de suas universidades, escolas, bibliotecas, fábricas, palácios, jardins, cientistas e homens de letras. A Andaluzia tornou-se ponto de atenção dos europeus, cujos países tinham contatos íntimos e contínuos com a Andaluzia<sup>723</sup>.

Logo após os muçulmanos se estabelecerem na Espanha, eles se dedicaram ao conhecimento e concentraram sua atenção sobre as ciências, a literatura e as artes. Nesse sentido, os muçulmanos superaram o progresso alcançado por seus irmãos no Oriente, fizeram grandes inovações em todas as ciências, o que deu à Europa enormes fontes das quais continuou a assimilar o conhecimento desde o final do século XI até o renascimento italiano, no século XV.

Gustave Le Bon disse: “Tão logo os árabes completaram a conquista da Espanha, eles começaram a cumprir a mensagem da civilização nela. Em menos de um século, eles conseguiram dar vida a uma terra árida, reconstruir as cidades destruídas, instituir magníficos edifícios e fortalecer estreitas relações comerciais com outras nações. Eles então passaram a se dedicar ao estudo das ciências e artes e à tradução dos livros do grego e do latim, e fundaram as universidades que continuaram a ser um lugar para a cultura na Europa por muito tempo”<sup>724</sup>.

---

723 Hani Al Mubarak e Shawqi Abu Khalil: Dawr Al Hadarah Al Islamiyah Al Arabiyah fi Al Nahda Al Uru-biyah (Papel dos árabes, a Civilização Islâmica no Renascimento Europeu), p. 51,52.

724 Gustave Le Bon: A civilização dos árabes p. 273.

A política de tolerância islâmica teve um grande impacto sobre *ahl al ḡhimmah* (não-muçulmanos que vivem sob a proteção do Governo Muçulmano), incluindo judeus e cristãos. Os espanhóis arabizados tiveram interesse em estudar a língua árabe e a usaram em suas vidas cotidianas. Eles até mesmo a preferiram em vez da língua latina. E muitos judeus estudaram nas mãos dos professores árabes.

A tradução do árabe na Andaluzia prosperou muito, principalmente em Toledo, durante os séculos XII e XIII. A tradução costumava ser feita do árabe para o espanhol e, depois, para o latim, ou do árabe para o latim diretamente. A tradução não ficou restrita aos livros escritos por cientistas árabes sobre todos os ramos do conhecimento, mas abrangeu grandes livros gregos que foram traduzidos no Oriente dois séculos antes. Alguns livros de escritores gregos, como Galeno, Hipócrates, Platão, Aristóteles, Euclides e outros foram traduzidos.

Um dos mais famosos tradutores de Toledo foi Gerard de Cremona, que é chamado de “o toledense”. Ele chegou da Itália, em 1150 d.C, e lhe é atribuída a tradução de cerca de cem livros, entre eles: 21 de medicina, incluindo a *Al-Mansuri*, escrito por *Al-Razi* e *Al-Qanun* (A lei) por *Ibn Sina*. Alguns dos livros parecem ter sido traduzidos pelos seus alunos sob sua supervisão e alguns em colaboração com outros, principalmente com “*Galiplus*”, que era arabizado. Durante o século XII, a tradução também foi praticada por espanhóis e outros que vieram para a Espanha. Afonso X, o rei de Castela (1252-1284 d.C) criou várias instituições de ensino superior e incentivou a tradução do árabe para o latim e, às vezes, para a língua castelhana<sup>725</sup>.

Sarton disse: “Os muçulmanos, os gênios do Oriente, realizaram grandes conquistas na Idade Média. Os livros mais valiosos, mais originais e mais ricos em conteúdo, foram escritos em árabe. A partir de meados do século VIII até o final do século XI, o árabe era a língua da ciência que elevava a raça humana, a tal ponto que qualquer pessoa que queria estar familiarizada com a cultura de sua época e com sua forma mais recente tinha que aprender a língua árabe, e muitos estrangeiros aprenderam o árabe. Eu não creio que precisamos ressaltar os progressos científicos dos muçulmanos nas áreas de matemática, física, astronomia, química, botânica, geografia e medicina”<sup>726</sup>.

Falando sobre o status de Córdoba, em especial no movimento da civilização islâmica, John Brande Trand disse: “Córdoba, que superava todas as cidades europeias em termos de vida urbana, no século X d.C, de fato era ponto

725 Veja: Mahmud Al Jalili: *Ta'thir Al Tib Al Arabi fi Al Hadarah Al Urubiyah* (O Impacto da Medicina Árabe na Civilização Europeia). Link: <http://www.islamset.com/arabic/aislam/civil/civil1/algaley.html>.

726 Hassan Shamsi Basha: *Hakaza Kanu Iaua Kunna* (Assim eram Quando Éramos) p. 8. Veja: Ahmad Ali Al Mulla: *Athar Al Ulama Al Muslimin fi Al Hadarah Al Urubiyah* (Impacto dos Estudiosos Islâmicos na Civilização Europeia) p. 110, 111.

de admiração do mundo, como a cidade de Veneza, aos olhos das nações dos Balcãs. Os turistas que vêm do Norte ouviam o que exigia reverência por tal cidade que tinha 70 bibliotecas e 900 banhos públicos. Quando os governantes de Lion, Navarra ou Barcelona precisavam de um cirurgião, engenheiro, arquiteto, costureiro ou músico, só achavam suas necessidades em Córdoba<sup>727</sup>.

O pensador Leopold Weiss<sup>728</sup> sublinhou o papel de Córdoba na preparação do caminho para a era do renascimento, dizendo: “Não estamos exagerando se dizemos: A era da ciência moderna em que vivemos não começou nas cidades europeias, mas nos centros islâmicos, em Damasco, Bagdá, Cairo e Córdoba”<sup>729</sup>.

Falando sobre Andaluzia, em geral, como uma ponte entre a civilização islâmica e o Ocidente, Sigrid Hunke diz: “As montanhas dos Pireneus não foram uma barreira para impedir esses contatos. E assim, a civilização árabe andaluza encontrou o seu caminho para o Ocidente”<sup>730</sup>.

Ela acrescenta: “A tocha da civilização árabe foi carregada através da Andaluzia por milhares de cativos europeus, que retornaram de Córdoba e Saragoça e outros centros da cultura andaluza. Além disso, os comerciantes de Leon, Gênova, Veneza e Nuremberg desempenharam o papel de mediador entre as cidades europeias e as cidades andaluzas. Em seu caminho para Santiago, milhões de peregrinos cristãos europeus entraram em contato com os comerciantes árabes e peregrinos cristãos provenientes do norte da Andaluzia. O fluxo de cavaleiros, comerciantes e clérigos religiosos vindos anualmente a partir da Europa para a Espanha também contribuiu para transferir os alicerces da civilização andaluza aos seus países. E os comerciantes, médicos e aprendizes judeus carregaram a cultura dos árabes para os países ocidentais. Eles também participaram de trabalhos de tradução em Toledo e traduziram do árabe um grande número de histórias, mitos e epopeias”<sup>731</sup>.

A Andaluzia foi, portanto, um importante centro da civilização islâmica e foi uma das rotas mais importantes, através da qual esta civilização se transferiu para a Europa.

---

727 J. B. Trand: Espanha e Portugal, estudo publicado no livro “A Herança do Islam”, supervisionado por Arnold, p. 27.

728 Leopold Weiss: (1900-1996 d.C) Um austríaco de origem judaica, estudou filosofia e artes na Universidade de Viena e, em seguida, virou-se para o jornalismo, onde ele fez um trabalho fantástico e tornou-se um correspondente no Oriente Árabe e islâmico. Ele se converteu ao Islamismo e adotou o nome de “Muhammad Assad”.

729 Muhammad Assad: Al Islam ala muftaraq Al Turuq (O Islam no Cruzamento das Vias) p. 40.

730 Sigrid Hunke: Shams Al Arab, p. 31.

731 Sigrid Hunke: Idem, p. 532.

# 2

## Sicília

A Sicília, juntamente com o sul da Itália, também foi uma das rotas mais importantes da civilização islâmica para a Europa. Os muçulmanos conquistaram Palermo, capital da Sicília, em (216 d.H / 831 d.C) e a governaram até (485 d.H / 1092 d.C), ou seja, cerca de 260 anos, durante os quais a vida na Sicília teve uma impressão árabe islâmica.

Durante esses anos, os muçulmanos estavam interessados no desenvolvimento e construção e estavam ansiosos para introduzir aspectos da civilização, como mesquitas, palácios, banhos, hospitais, mercados e castelos. Grandes indústrias, como a de papel, construção naval e mineração foram introduzidas. As ciências e as artes progrediram na Sicília, e os alunos imigraram da Europa para a Sicília em busca do conhecimento. Em seguida, a cidade se transformou em um importante centro através do qual a herança islâmica transferiu-se para o Ocidente. Também teve início o movimento de tradução do árabe para o latim, semelhante ao realizado na Andaluzia.

Embora o Governo Islâmico da ilha tenha terminado no final do século XI, a civilização islâmica continuou sob os cuidados dos reis normandos, sob cuja proteção viveram muitos estudiosos muçulmanos, como o sábio geógrafo Muhammad Al Idrissi, que desenhou para Rogério II (1130 – 1154 d.C) o mapa do mundo como ele era conhecido no seu tempo em um círculo de prata lisa. Al Idrissi também escreveu o livro “Nuzhat Al-Mushtaq fi ikhtiraq Al-Afaq (A jornada dos aspirantes a penetrar os horizontes), que descreve este mapa. Em seu livro “A história da literatura árabe geográfica”, o orientalista russo Kratchkovski<sup>732</sup> comentou sobre este livro. Falando de Rogério, ele disse: “E seu encargo a um cientista árabe em

732 Ele é um orientalista russo nascido em março de 1883. Ele estudou as línguas clássicas grega e latina. Ele próprio começou a aprender árabe. Ingressou na Faculdade de Línguas Orientais da Universidade de São Petersburgo. Ele estudou história islâmica, ao lado do orientalista Barthold.

particular para fazer uma descrição do mundo como ele era conhecido naquela época é uma prova clara da superioridade da civilização árabe naquela época, e do reconhecimento desta superioridade da parte de todos. O Tribunal dos normandos na Sicília era oriental em sua metade, se não mais<sup>733</sup>.

A nova cultura islâmica atraiu os europeus, e seu impacto continuou durante o governo dos normandos. A vida na corte da Sicília – especialmente durante o reinado de Rogério II e Frederico II – foi próspera e elegante, e tinha como objetivo aproximar-se de Córdoba. Os dois reis adotaram o estilo de vestir e o modo de vida árabe. Os governantes normandos da Sicília tiveram assessores e funcionários árabes e muçulmanos, e estudiosos de Bagdá e da Síria estiveram sob o estandarte deles. Mais ainda, três reis normandos na Sicília receberam títulos árabes, Rogério II carregou o título de “Al-Mu’tazbillah”, William I recebeu o título de “Al-Hadi biamrillah”, e William II “Almusta’iz billah”. E estes títulos apareceram em suas inscrições<sup>734</sup>.

Frederico II (1194 – 1230 d.C) foi coroado imperador do Sacro Império Romano em 1220 d.C, mas ele preferiu viver na Sicília, ele tinha um interesse especial em ciências e encorajou as discussões científicas e filosóficas. Foi ele quem fundou a Universidade de Nápoles em 1224 d.C, que tinha um grande número de manuscritos árabes. As culturas árabe e islâmica se espalharam nas universidades europeias, incluindo a de Paris e Oxford, e vários livros foram traduzidos do árabe para o latim. Entre os tradutores: Stephen de Antioquia (1127 d.C), Adalardo de Bath<sup>735</sup> (cerca de 1133 d.C)<sup>736</sup>, e Michael Scot<sup>737</sup>, que traduziu livros para o rei Frederico II, e os livros de Ibn Rushd estavam entre os livros traduzidos.

O rei de Nápoles, Carlos I se interessou na tradução dos livros árabes de medicina para o latim e criou uma instituição que compreende experientes tradutores, tais como Faraj ibn Salem, Mussa de Salerno, bem como escribas e revisores. Os livros “Al-Hawi” de Al-Razi e “Taqwim Al-Abdan” por Ibn Jizla foram traduzidos nesta instituição.

A Sicília foi preparada para a transferência do pensamento antigo e contemporâneo. Entre os seus habitantes havia quem sabia o idioma árabe e o idioma grego, juntamente com alguns intelectuais que sabiam latim. A Sicília era filiada ao Império Bizantino e teve alguns aspectos culturais gregos. A existência das três línguas ao mesmo tempo facilitou a transferência

733 Citando Mustafa Al Siba’i: *Min Rau’i Hadharatina* (Das Maravilhas da Nossa Civilização), p. 28. E veja sobre a autoria do livro (Nuzhat Al Mushatak) de Al Idrissi: Sigríd Hunke: *Shams Al Arab Tasta’ala Al Gharb*, p. 416, 417.

734 Aziz Ahmad: *Tarikh Saqallyah* (História da Sicília) p. 76.

735 Adelardo de Bath: (1070-1125 d.C) nasceu em Bath. Ele buscou conhecimento em Tour, na Andaluzia e na Sicília. Quando ele retornou à Inglaterra, ele foi nomeado professor do Príncipe Henry, que mais tarde se tornou o rei Henrique II.

736 Najib Al Aqiqi: *Al Mustashriqun* (Os Orientalistas) 1 / 111.

737 Michael Scot (1175-1235 d.C), pesquisador escocês, matemático, médico e astrônomo. Ele traduziu uma série de obras de Aristóteles, do árabe e do hebraico. Ele estudou com os árabes na Andaluzia e trabalhou na Sicília, na corte do imperador Frederico II.

do conhecimento árabe. Antes disso, a escola de Salerno foi o centro para o ensino de medicina por cerca de 300 anos (900-1200 d.C), situa-se no sul da Itália e estava intimamente ligada à Sicília. O mais importante de sua história foi Constantino, o Africano de origem árabe, que nasceu na Tunísia, e tornou-se famoso entre 1065 e 1085 d.C. Ele traduziu um grande número de livros de medicina do árabe para o latim. A ele é creditada a tradução de quarenta livros, incluindo Kamil Al-Sina'ah Al-Tibiyah (o perfeito engenho da medicina) e Al-Kitab Al-Malaki (O livro real) por Ali ibn Abbas (falecido em 1010 d.C), e outros livros de Ibn Al-Jazzar, Ishaq ibn Imran, Ishaq ibn Sulaiman, todos os três de seu país natal, a Tunísia.

Constantino deixou de mencionar os nomes dos autores originais de alguns livros em árabe. Existem diferentes razões para isso, mas isso não diminui sua importância como o primeiro tradutor que introduziu a ciência islâmica na Europa e foi o motivo do florescimento da escola de Salerno. A língua árabe foi uma das línguas ensinadas nesta escola, que foi contemporânea de grandes médicos árabes muçulmanos e autores, como Al-Razi (falecido em 925 d.C), Ibn Al-Jazzar (falecido em 975 d.C) e Ali ibn Abbas (falecido em 1010 d.C)<sup>738</sup>.

O Sr. Cowel Yong disse sobre Sicília: “Sicília foi um campo para o livre encontro entre as línguas dos gregos, dos latinos, dos árabes e berberes e seus conhecimentos. O resultado foi o nascimento de uma cultura mesclada, que – graças ao incentivo de Rogério II e Frederico II – desempenhou um grande papel na transferência do que há de melhor na civilização islâmica para a Europa através da Itália. Palermo se tornou no século XIII igual a Toledo no século XII, um grande centro para a tradução de livros árabes para o latim”<sup>739</sup>.

Os normandos também mantiveram os profissionais muçulmanos porque tinham grande confiança neles<sup>740</sup>. E também mantiveram os mesmos sistemas administrativos e financeiros utilizados pelos muçulmanos, desde a repartição de gestão financeira e a repartição do Tesouro até a repartição de escrituras de venda de imóveis. E os registros desses departamentos eram escritos em árabe<sup>741</sup>. No domínio das artes militares, os normandos zelaram em recrutar muitos muçulmanos, pois esta era uma oportunidade e um terreno fértil para a transferência de habilidades de combate e, até mesmo, de indústrias militares, tais como catapultas e torres de cerco<sup>742</sup>.

E assim, a Sicília e o sul da Itália representaram outra importante rota de transferência da civilização islâmica para a Europa.

738 Veja: Mahmud Al Jalili: Ta'thir Al Tib Al Arabi fi Al Hadarah Al Urubiyah (O Impacto da Medicina Árabe na Civilização Europeia). Link: <http://www.islamset.com/arabic/aislam/civil/civil1/algalely.html>.

739 Citando Mustafa Al Siba'i: Min Rau'í Hadharatina (Das Maravilhas de Nossa Civilização) p. 28.

740 Ibn Jubair: Rihlat Ibn Jubair (Viagem de Ibn Jubair) p. 298.

741 L. Jinwardi: Al Dafatir Al Nurmaniyah (os Livros Normandos) 1/159-164.

742 Aziz Ahmad: Tarikh Saqallyah (História da Sicília) p. 77.

# B

## As Cruzadas

**As** cruzadas são guerras que duraram cerca de dois séculos, a partir do final do século V islâmico / século XI cristão (490 d.H/1097 d.C) até a queda da última fortaleza dos cruzados nas mãos dos mamelucos em (690 d.H / 1291 d.C). Esse período é considerado um dos mais importantes pontos de ligação ou pontos onde a influência, a transferência e a cópia ocorreram. Apesar de os cruzados chegarem ao oriente islâmico objetivando a guerra e não a busca do conhecimento, eles foram influenciados pela civilização islâmica e transferiram tudo o que puderam transferir das realizações dos muçulmanos para a Europa, que estava sofrendo de atraso, degeneração e decadência na época.

Gustave Le Bon diz: “A ligação entre o Ocidente e o Oriente durante dois séculos foi um dos mais fortes fatores para o desenvolvimento da civilização na Europa... se o indivíduo quiser imaginar a influência do Oriente sobre o Ocidente tem que imaginar primeiro o estado da civilização de ambos os povos opostos. Quanto ao Oriente, este tinha uma civilização florescente graças aos árabes, enquanto o Ocidente estava mergulhado na barbárie”<sup>743</sup>.

Neste contexto, Al-Maqrizi<sup>744</sup> diz que, quando o imperador Frederico II deixou Jerusalém em direção a Ákka no caminho de volta a seu país em (626 d.H/1228 d.C), ele enviou ao sultão Al-Kamil Al-Aiyubi questões de engenharia e matemática que o perturbaram por serem de difícil resolução. Al-Kamil adorava ciência e aproximava os cientistas dele, os testava e lhes concedia recompensas. O sultão aiúbida deu estas perguntas a um dos cientistas de seu Estado, Sheikh Alam Al-Din Qaisar, que era um matemático e engenheiro. Al-Kamil, em seguida, enviou as respostas para Frederico. E dentre as questões levantadas pelo imperador:

<sup>743</sup> Gustave Le Bon: A Civilização dos árabes, p. 334.

<sup>744</sup> Al Maqrizi: Al Suluk le Maarifat Duwal Al Muluk (O Comportamento para Conhecer os Estados dos Reis) 354 / 1.

- Por que uma lança não aparece reta quando parte dela é mergulhado na água?
- Por que pessoas que têm visão fraca veem objetos que aparecem como moscas ou mosquitos na frente dos olhos<sup>745</sup>?

Os europeus vieram para os países islâmicos em vezes subsequentes e causaram grande derramamento de sangue, estiveram mergulhados no sangue de pessoas inocentes, sem dó nem piedade, até que foram confrontados pelos exércitos muçulmanos e viram espadas ensinadas, corações educados e almas misericordiosas, que não tem como parte de sua mensagem a escravidão, a opressão e a injustiça. Os cruzados viram, portanto, a justiça, a igualdade e a fraternidade. Então, eles se rebelaram contra o sistema feudal e o sistema da humilhação do homem em seus países e denunciaram o domínio e o poder da Igreja. Os cruzados lutaram contra a transferência de riqueza para alguns príncipes e agentes de reis. Eles copiaram o que encontraram de ciência, artes e civilização. Assim, se transferiram para eles muitas fabricações, plantas, remédios, corantes, a arte da arquitetura, da engenharia e da construção de fortalezas e castelos. Além disso, muitas das tradições islâmicas relacionadas com vestuário e alimentação e com a família, também tiveram sua transferência para a Europa. Os cruzados voltaram deslumbrados, como se tivessem um choque elétrico que os alertou para suas más condições, pensamentos ignorantes e sua sociedade insignificante. Assim, os cruzados arregaçaram as mangas na busca do conhecimento e da ciência, buscando a reforma social e o progresso intelectual, industrial e moral<sup>746</sup>.

Gustave Le Bon citou: “O impacto do Oriente sobre a civilização do Ocidente era muito grande, graças às Cruzadas. Esse impacto foi maior nas artes, industrialização e comércio do que no domínio das ciências e da literatura. Se olharmos para o progresso contínuo das relações comerciais entre o Oriente e o Ocidente e para o desenvolvimento das artes e da indústria, que resultou do contato entre os cruzados e os povos do Oriente, veremos que os orientais tiraram o Ocidente da alienação e prepararam suas almas para o progresso, graças às ciências e literatura dos árabes, com as quais as universidades europeias começaram a contar, fazendo surgir delas a era renascentista”<sup>747</sup>.

745 Veja: Abdullah ibn Abd Al Rahman Al-Rubai'i: Athar Al Sharq Al Islami fi al Fikr Al Urubbi Khilal Al Hurub Al Salibiyyah (A Influência do Oriente Islâmico no Pensamento Europeu Durante as Cruzadas) p. 98.

746 Veja: Tawfiq Yussuf Al Wā'i: Al Hadharah Al Islamiyah Muqaranatan bi Al Hadharah Al Gharibiyyah (A Civilização Islâmica, em Comparação com a Civilização Ocidental), p. 1 / 531, 532.

747 Gustave Le Bon: A Civilização dos árabes, p. 339.





## Segundo Capítulo

### **As Aparências da Influência da Civilização Islâmica sobre a Civilização Europeia**

---

**C**hama a atenção na sequência das civilizações que a posterior se baseia na anterior e constrói sobre ela, e que não há civilização que começa a partir do zero.

Portanto, a civilização islâmica teve grande influência sobre a moderna civilização europeia, que a sucedeu. O impacto da civilização islâmica na Europa abrangeu muitos campos e dominou vários aspectos, a ponto de se espalhar em todas as áreas da vida europeia. Este impacto atingiu a maioria das atividades e sistemas, principalmente a fé, os aspectos científicos, linguísticos, literários, legislativos, sociais, políticos, entre outros.

Nas seguintes pesquisas podemos perceber estas influências:

1. A Influência da Civilização Islâmica no Campo da Crença e da Legislação
2. A Influência da Civilização Islâmica no Ramo Científico
3. A Influência da Civilização Islâmica no Campo da Língua e Literatura
4. A Influência da Civilização Islâmica no Campo da Educação e das Relações
5. A Influência da Civilização Islâmica no Ramo das Artes

## 1

## A Influência da Civilização Islâmica no Campo da Crença e da Legislação

---

O Islam veio com a fé do monoteísmo no meio de uma sociedade e um mundo em que predominavam o politeísmo e a idolatria. O Islam ensina o homem a unificar a Deus com o monoteísmo e a elevá-Lo de qualquer característica física ou deficiência. O Islam libertou o homem de adorar a alguém, além de Deus (exaltado seja), e não estabeleceu qualquer mediador ou sacerdote para atuar entre o homem e Deus... e assim que o mundo, especialmente durante a era do renascimento europeu, conheceu esta fé pura “os seguidores de cada religião começaram a apresentar uma explicação para o politeísmo, ou aspectos do politeísmo e da idolatria, seus costumes e tradições, que existiam em seu sistema religioso. Para isso, eles contorciam a língua e se empenhavam em expressar e explicar de uma forma muito próxima e semelhante ao monoteísmo islâmico”<sup>748</sup>.

Ahmad Amin diz: Surgiram tendências entre os cristãos que mostram o impacto do Islam. Por exemplo, no século VIII gregoriano / século II e III islâmico, surgiu um movimento em Septimania<sup>749</sup>, pedindo o indeferimento da realização de confissão diante de um padre na base de que um padre não tem direito a isso. O movimento disse que o homem deve apenas suplicar a Deus para que perdoe os pecados que cometeu. E o Islam não tem padres, sacerdotes ou bispos. É, portanto, normal que o Islam não tenha a confissão.

Influenciado pelo Islam, outro movimento também apareceu pregando a destruição das imagens e estátuas religiosas. Nos séculos VIII e IX gregoriano, surgiu uma doutrina cristã que rejeita a glorificação de imagens e estátuas. O imperador romano (Leo III) emitiu uma ordem em (108 d.H/730 d.C) proibindo a glorificação de imagens e estátuas e uma outra ordem em (112 d.H/730 d.C) considerando isso um ato de idolatria, e assim fez Constantino

748 Abul Hassan Al Nadawi: Maza Khassira Al Alam bi Inhitat Al Muslimin (O que o mundo perdeu com a decadência dos muçulmanos) p. 105. Septimania é uma antiga província francesa no sudoeste da França com vista para o Mediterrâneo.

749 Septimania é uma antiga província francesa no sudoeste da França com vista para o Mediterrâneo.

V e Leo IV. Houve também uma seita cristã que explica a fé da trindade de uma forma que foi semelhante ao monoteísmo e nega a divindade de Cristo<sup>750</sup>.

Quem lê sobre a história religiosa da Europa e a história da Igreja Cristã pode sentir o impacto racional do Islam sobre as tendências dos reformistas e dos que se revoltaram contra o sistema episcopal dominante. O movimento reformista de Lutero foi, apesar de seus defeitos, a manifestação mais marcante da influência do Islam e algumas de suas crenças, como foi admitido pelos historiadores<sup>751</sup>.

Portanto, a crença islâmica – com sua clareza e pureza – foi de um impacto muito grande nas crenças de muitos não-muçulmanos, e levou à correção de uma série de conceitos que se desvirtuaram com o passar do tempo, em todo o mundo.

Quanto à influência sobre a civilização europeia em matéria de direito e legislação, o contato dos estudantes ocidentais com as escolas islâmicas na Andaluzia e outros locais desempenhou um grande papel na transferência de um conjunto de leis legislativas islâmicas (fiqh e tashri'i) para todos os seus idiomas. Naquela época, a Europa não adotava um sistema primoroso nem leis justas. Durante a época de Napoleão no Egito, os livros mais famosos da escola de jurisprudência (fiqh) Maliki foram traduzidos para o francês. O primeiro deles foi “o livro de Al Khalil”, que foi o núcleo do direito civil francês, que foi muito semelhante às decisões da escola Maliki de fiqh<sup>752</sup>.

O estudioso proeminente Sedillot<sup>753</sup> diz: “A escola Maliki, em particular, é o que atrai a nossa atenção, devido aos contatos que temos com os árabes da África. O governo francês pediu ao Dr. Peyron para traduzir para o francês o livro “Al-Mukhtasar fi Al-fiqh” (O compêndio em fiqh) de autoria de Al-Khalil ibn Ishaq ibn Ya'qub, que morreu em (776 d.H/1374 d.C)<sup>754</sup>.

A civilização Islâmica participou das leis da própria Europa. Escrevendo sobre isso em seu livro “A Estrutura da História”, o historiador britânico Wells<sup>755</sup> diz: “A Europa está em dívida para com o Islam por causa da maior parte de suas leis administrativas e comerciais”<sup>756</sup>.

750 Veja: Ahmad Amin: Dhuha Al Islam (Manhã do Islam), 1/381-382.

751 Veja: Abu Al Hassan Al Nadawi: O Que o Mundo Perdeu com a Decadência dos Muçulmanos p. 106.

752 Mustafa Al Siba'i: Min. Rau 'i Hadharatina (Das maravilhas de nossa civilização) p. 44.

753 Sedillot: (1223-1292 AH/1808-1875) um orientalista francês, nasceu e morreu em Paris. Uma das obras árabes de Sedillot é a sua publicação do livro “Jamie Al Mabadi wal Al Ghayat fi Al Alaat Al Falakiyah” (o conjunto de princípios e objetivos de dispositivos astronômicos) por Ali Al Marrakeshi, com tradução para o idioma francês.

754 Sedillot: História Geral dos árabes, com tradução de Almeida Ze'atar p. 395.

755 Wells: Herbert George Wells (1866-1946 d.C), um homem britânico de letras, pensador, jornalista, sociólogo e historiador, considerado um dos fundadores da literatura de ficção científica.

756 Citando Muhammad Uthman Uthman: Muhammad fi Al Adab Al Alamiyah Al Munsifah (Muhammad na Literatura Internacional Imparcial) p. 76.

# 2

## A Influência da Civilização Islâmica no Ramo Científico

O impacto dos muçulmanos sobre o Ocidente no campo das ciências, incluindo a medicina, farmacologia, matemática, química, óptica, geografia, astronomia e outras matérias, foi uma das melhores manifestações da influência sobre a civilização europeia. Muitos ocidentais imparciais admitiram que os muçulmanos continuaram a ser os professores da Europa nada menos que 600 anos.

Uma das manifestações deste impacto foi a tradução dos livros escritos por cientistas muçulmanos mais de uma vez e a sua adoção como fontes básicas e livros de referência principal por muitos séculos para o ensino nas universidades ocidentais. Por exemplo, quando a medicina atingiu seu auge entre os muçulmanos, a Igreja Europeia proibia o tratamento porque a doença é “um castigo de Deus”! Eles conheceram sobre a medicina e o tratamento posteriormente, através da tradução dos livros escritos por Ibn Sina, Al-Razi e outros. Foram traduzidos, por exemplo, o livro *Al-Qanun fi Al-Tibb* (A lei da medicina), escrito por Ibn Sina, no século XII. O livro foi publicado várias vezes e foi a base dos estudos em universidades francesas e italianas!<sup>757</sup>



Versão traduzida do “Cânone da Medicina”, escrito por Avicena em 14 volumes

O boletim da UNESCO de 1980 mencionou que o livro “*Al-Qanun fi Al-Tibb*”, de Ibn Sina, continuou sendo lecionado na Universidade

757 Gustave Le Bon: A civilização dos árabes, p. 490.

de Bruxelas até 1909. O artigo cita um comentário do escritor Osler<sup>758</sup>, no qual ele disse: “O livro de Al-Qanun continuou a ser uma referência única na medicina, por um período mais longo do que qualquer outro livro. Foi publicado 15 vezes nos últimos 30 anos do século XV. Osler acrescentou: “Ibn Sina propiciou aos cientistas ocidentais o início da revolução científica no campo da medicina, que na verdade começou no século XIII e atingiu o seu palco principal, no século XVII<sup>759</sup>.”

Assim como Al-Qanun, o livro “Al-Hawi” e “Al-Mansuri”, escritos por Al-Razi, foram traduzidos no final do século XIII. Em reconhecimento às suas contribuições, a Universidade de Princeton (nos EUA) denominou a sua maior ala com o nome de Al-Razi. Além disso, o trabalho de investigação feito por Abu Al-Raihan Al-Bairuni sobre o peso qualitativo teve um impacto importante sobre a civilização ocidental. E Al-Khazini foi uma chave científica para Torricelli nas pesquisas sobre o peso e a condensação do ar e a pressão que ela causa. Al-Khazini inventou um barômetro para pesar a matéria no ar e na água, que a Europa continuou a usar até a Idade Média. A Europa também usou a escala exata dos muçulmanos no campo de peso qualitativo, peso do ar, aparelhos de elevação e gravitação.

O livro de Al-Khazini intitulado “Mizan Al-Hikmah” (Escala da Sabedoria) beneficiou os estudiosos ocidentais em grande medida, uma vez que foi traduzido do árabe para várias línguas diferentes. Também foram traduzidos os livros de Jabir ibn Hayyan, Al-Hassan ibn Al-Haitham e Al-Khawarizmi e continuaram a ser uma referência para a Europa durante séculos!

O famoso orientalista Sedillot diz: “Se olharmos para o que os latinos tinham copiado dos árabes no início, vamos descobrir que Gerbert, que mais tarde se tornou o Papa Silvestre II, nos trouxe as ciências matemáticas que ele estudou na Andaluzia entre (359 d.H / 970 d.C) e (369 d.H / 980 d.C). Além disso, o autor britânico O. Hallard percorreu a Andaluzia e o Egito entre (493 d.H / 1100 d.C) e (522 d.H/1128 d.C) e traduziu do árabe “Al-Arkan” de Euclides, que até então era desconhecido para o Ocidente. Platão de Tivoli traduziu do árabe “Al-Ukar”, escrito por Teodósio. Rudolf Brugie traduziu do árabe o livro de Ptolomeu “Geografia da Terra habitada”. Leonardo de Pisa escreveu em cerca de (596 d.H/1200 d.C), um tratado de álgebra, que ele tinha adquirido de seus mestres árabes. Johannes Campanus foi o autor de uma ótima tradução do texto árabe do livro de

758 Sir William Osler, um médico canadense, considerado um dos maiores símbolos da medicina nos tempos modernos. Ele foi descrito como o pai da medicina moderna. Ele especializou-se na ciência da doença e foi um professor especialista em doenças, intelectual e historiador.

759 Boletim UNESCO, edição de outubro de 1980.

Euclides e o explicou no século XIII. Além disso, o polonês Witelo traduziu o livro de Al-Hassan ibn Al Haitham “Al-Basariyat” (A Óptica) nesse século. Gerard de Cremona propagou a verdadeira ciência astronômica naquele século, através de sua tradução do “Almagesto de Ptolomeu” e “Al-Sharh de Jabir” etc... E no ano (648 d.H / 1250 d.C), Afonso X de Castela ordenou a publicação do almanaque astronômico, que tomou o seu nome. Durante esta época, por um lado, Rogério I incentivou o estudo das ciências dos árabes na Sicília, em especial o livro de Al-Idrissi, por outro lado, o Imperador Frederico II, energicamente, incentivou o estudo das ciências árabes e seus modos. Os filhos de Ibn Rushd estavam sempre com este imperador na corte e ensinaram-no a história natural das plantas e dos animais<sup>760</sup>.

É evidente da declaração de Sedillot que os muçulmanos não só transferiram suas ciências para os europeus, mas também fortemente ajudaram os europeus a conhecer a história dos seus antepassados gregos, que viveram completamente isolados deles. E assim, o impacto se manifestou em todos os tipos e áreas das ciências.

No que se refere ao impacto dos engenhos islâmicos na Europa, que estavam relacionados com diversas ciências, havia a fabricação de papel, que se espalhou pelo mundo na época, graças aos muçulmanos. E se não fosse esta industrialização, as ciências não teriam se desenvolvido, o movimento de escrita não teria florescido, e a Europa não teria sido civilizada.

Os muçulmanos transportaram um número de prisioneiros chineses para Samarcanda em meados do século VIII gregoriano. Entre eles, estavam aqueles que eram hábeis na fabricação de papel. Em suas mãos, surgiu a indústria de papel e floresceu em Samarcanda. Em seguida, as melhorias foram sendo introduzidas nela, de maneira que o linho e o algodão se tornaram a matéria-prima desta indústria. Surgiu, então, o papel macio, que é o melhor tipo de papel. Como o papel de papiro era caro, houve uma alta demanda para o novo papel, de modo que o califa abássida Al-Mansur, que era conhecido por sua economia, ordenou os departamentos de seu Estado a não usarem o papel de papiro e utilizar apenas o papel comum por causa de seu preço mais baixo<sup>761</sup>.

As fábricas de papel se instalaram em Bagdá na era de Al-Rashid, depois em Damasco e Trípoli, e depois na Palestina e Egito. E a sua fabricação se transferiu para o Marrocos e de lá para a Sicília e para a Andaluzia, até que o Ocidente conheceu esta indústria, que foi de fato um dos pilares

760 Citando Mustafa Al Siba'i: Min Rau'î Hadharatina (Das maravilhas de nossa civilização) p. 42.

761 Sigrid Hunke: Shams Al Arab, p. 46 e Hany Al Mubarak e Shawqi Abu Khalil: Daur Al Hadhara Al Arabyah Al Islamyah Fi Al Nahdah Al Urubiyah (O Papel da Civilização Árabe Islâmica no Renascimento Europeu), p. 57.

da cultura e da vida espiritual. Com isso, os muçulmanos marcaram o início de uma nova era em que a ciência não é mais monopólio de um determinado grupo de pessoas. Mais ainda, a ciência se tornou – como disse Sigrid Hunke – disponível para todos e um convite para todas as mentes para trabalhar e pensar<sup>762</sup>.

Turistas, visitantes, peregrinos, comerciantes e estudantes vinham de seus países na Europa para Barcelona e Valência, onde era produzido o papel macio, para retornar – como foi mencionado por Al-Idrissi – levando quantidades deste papel, do qual não existia, em absoluto, similar no mundo<sup>763</sup>.

Sigrid Hunke diz: A construção de usinas (fábricas de papel) é uma especialização árabe realizada pelos próprios árabes, que concederam para a Europa todos os tipos de moinhos aquáticos e pneumáticos<sup>764</sup>.

Além da indústria do papel, houve também a agulha magnética (bússola), que para alguns europeus, foi inventado pelo italiano Flavio Gioia. A este respeito, Sigrid responde dizendo que: “este italiano conheceu este aparelho através dos árabes (muçulmanos)”<sup>765</sup>.

“Os pesquisadores têm discordado quanto ao fato de os árabes terem sido os primeiros a usar a bússola ou a copiaram da China... Sedillot nega que os chineses usaram a bússola, embora até 1850 d.C, eles ainda tinham a crença de que o polo sul da Terra era um furioso incêndio. Ele enfatiza que os árabes (muçulmanos) foram os primeiros a utilizá-la, e foi apoiado por Sarton, que tinha a mesma opinião. Todos enfatizam que os árabes a usaram e que a Europa aprendeu sobre a bússola através dos árabes”<sup>766</sup>. E não há dúvida alguma sobre o impacto da bússola sobre a vida dos europeus em geral.

---

762 Idem p. 46.

763 Idem p. 44.

764 Idem p. 45.

765 Idem p. 47.

766 Anwar Al Rifā'i: *Al Insan Al Arabi wal Hadarah* (O Homem Árabe e a Civilização), p. 487.



## 3

## A Influência da Civilização Islâmica no Campo da Língua e Literatura

---

OS ocidentais foram fortemente influenciados pela literatura árabe, especialmente os poetas espanhóis. A literatura de cavalaria, a bravura, a expressão figurativa, as maravilhosas imaginações entraram na literatura ocidental através da literatura árabe na Andaluzia, em particular. O famoso escritor espanhol Ibanez diz: “A Europa não sabia o que é o cavaleirismo, e não adotava os seus modos nem o seu senso entusiástico em sua literatura antes da chegada dos árabes na Andaluzia e da ampla presença de seus cavaleiros e heróis nos países do sul”<sup>767</sup>.

Ibn Hazm Al Andalusi e seu famoso livro “Tawq Al-Hamamah” (o anel da pomba) tiveram um grande impacto sobre os poetas da Espanha e sul da França depois que a comunidade islâmica se misturou com a comunidade cristã. A língua árabe era a língua do país e a língua do povo da classe alta. Em muitas províncias espanholas cristãs, poetas cristãos e muçulmanos se reuniam no pátio do governador. Um exemplo disso é a corte de Sanko, que tinha 13 poetas árabes, 12 poetas cristãos e um poeta judeu. Foi encontrado um manuscrito que remonta à época de Afonso X, o rei de Castela, que contém um retrato que representa o encontro de dois poetas em movimento, um árabe e um europeu, cantando juntos ao alaúde. Ainda mais, os poetas europeus na época eram hábeis em compor poesia árabe. Por esta razão, Henry Maro diz: “O impacto árabe sobre a civilização dos povos romanos não para em artes plásticas somente, mas se estende à música e à poesia também”<sup>768</sup>.

767 Mussata Al Siba'i: Min Rau'i hadharatina (Das Maravilhas de Nossa Civilização) p. 42.

768 Ahmad Darwish: Nazaryat Al Adab Al Moqaran (Teoria da Literatura Comparada e suas Manifestações na Literatura Árabe), p. 194, 195.

Uma citação de Dozy<sup>769</sup> em seu livro sobre o Islam também nos indica a extensão do impacto da língua árabe e sua literatura sobre os literatos ocidentais naquele tempo. Ele cita a mensagem do escritor espanhol Al-Garo, que ficou muito amargurado com o descaso do latim e do grego e com o entusiasmo pela aprendizagem da língua dos muçulmanos. Ele disse: “Nossa classe intelectual tem se encantado com a literatura árabe e, conseqüentemente, negligenciou o latim, e escrevem apenas na língua de seus conquistadores”. Outro contemporâneo mais patriótico tinha mais angústia por isso e escreveu: “Meus irmãos cristãos estão encantados com os árabes, seus poemas e narrativas. Estudam as obras escritas por filósofos e estudiosos muçulmanos. Eles fazem isso, não para rebater e refutar, mas para imitar o estilo do árabe clássico. Quem – além dos teólogos – lê as interpretações da Torá e do Evangelho? Quem, hoje, lê o Evangelho e as escrituras dos profetas? Infelizmente, a nova geração de cristãos inteligentes não domina outra literatura ou língua além da literatura árabe e língua árabe. Eles devoram os livros em árabe e amontoam desses livros em suas bibliotecas a preços elevados. Eles cantam em todos os lugares elogios ao patrimônio árabe, enquanto eles se recusam a ouvir falar das obras cristãs quando elas são mencionadas. Eles alegam que as obras cristãs são inúteis e não merecem ser alvo de atenção. Infelizmente, os cristãos se esqueceram de sua língua. Você raramente encontra um entre mil cristãos que escreve para um amigo em sua linguagem cristã. Quanto ao árabe, são muitos aqueles que podem dar a sua melhor expressão e superar os próprios árabes na composição de poemas”<sup>770</sup>.

Quanto à influência da língua árabe nas línguas europeias, Dieter Meissner<sup>771</sup> diz: O impacto da língua árabe, a língua da classe superior entre línguas faladas na Península Ibérica, ela concedeu aos idiomas castelhano, português e catalão um lugar especial entre as línguas romancistas... e o impacto árabe não se restringe somente à Península Ibérica, mas foi um meio para levá-la para outros idiomas, como o francês<sup>772</sup>.

Não há necessidade de nos lembrar as palavras em árabe que foram introduzidas em várias línguas europeias, em vários aspectos da vida. Têm quase a mesma forma que na língua árabe, como: algodão, damasco, almíscar, xarope, jarra, limão e zero. Há uma lista infinita de tais palavras. Neste sentido, só podemos destacar a afirmação do professor Michael: “A

769 Reinhart Pieter Anne Dozy (1235-1300 d.H / 1820-1883 d.C), um estudioso protestante holandês, de origem francesa. Nasceu e faleceu em Leiden.

770 Mustafa Al Siba'i: Min Raua'i Hadharatina (Das Maravilhas de Nossa Civilização) p. 43.

771 Professor de ciências da linguagem romancista na Universidade de Salzburgo.

772 Dieter Meissner: civilização árabe islâmica na Andaluzia, p. 651.

Europa estava em dívida em sua literatura narrativa aos países árabes e aos povos árabes que viviam na área árabe da Síria. A Europa deve em grande parte a essas forças ativas que fizeram a Idade Média da Europa diferente, em espírito e imaginação, do mundo a que estava sujeito o seu espírito”<sup>773</sup>.

A narrativa europeia foi influenciada em seu nascimento pelas artes da narrativa dos árabes na Idade Média, que são *Al-maqamat* (um gênero da prosa rítmica árabe), a notícia de cavalaria e aventuras de cavaleiros por causa da glória e do amor. Depois que foi traduzida para as línguas europeias no século XII, “*As Mil e Uma Noites*” teve um impacto muito grande nessa área, na medida em que mais de três centenas de edições em todas as línguas europeias têm sido publicadas desde então. Alguns críticos europeus acreditam que “*As Viagens de Gulliver*”, de autoria de Swift, e “*As Aventuras de Robinson Crusoe*”, de autoria de Defoe, estão endividadas com “*As Mil e Uma Noites*” e com “*A mensagem de Hayy ibn Yaqdhan*” ao filósofo árabe Ibn Tufayl<sup>774</sup>.

Em 1349 d.C, Boccaccio escreveu seus contos denominados “*Decameron*” (as dez jornadas), que seguiu o mesmo naipe de “*As Mil e Uma Noites*”, e Shakespeare se inspirou nela para o tema de sua peça “*Tudo está bem quando termina bem*”. Da mesma forma, o alemão Lessing se inspirou para a sua peça “*Nathan, o Sábio*”. Chaucer, o líder da poesia moderna no idioma inglês, foi quem mais se inspirou em Boccaccio, em sua época. Ele o encontrou na Itália e depois, compôs a sua coleção de histórias que são amplamente conhecidas como “*Contos de Canterbury*”<sup>775</sup>.

Muitos críticos ressaltam que Dante, em “*A Divina Comédia*”, onde descreveu uma viagem ao outro mundo, foi influenciado por “*Risalat Al-Ghufran*” (A Mensagem do Perdão), escrita por Al-Ma’ari, e também por “*Uasf Al-Jannah*” (A Descrição do Paraíso) por Ibn Arabi. Isso porque ele viveu na Sicília durante a era do imperador Frederico II, que era apaixonado pela cultura islâmica e seu estudo em suas fontes árabes. Ele e Dante tiveram discussões sobre o pensamento de Aristóteles, alguns dos quais foram obtidos a partir do original árabe. Dante tinha uma quantidade razoável de informações sobre a biografia do profeta. Então, ele leu sobre a história de *Al-Isra Wa Al-M’iraj* (A Viagem Noturna e a Ascensão) e a descrição dos céus<sup>776</sup>.

773 Mustafa Al Siba’i: *Min Raua’i Hadharatina* (Das Maravilhas de Nossa Civilização) p. 44.

774 Jack Risler: *A civilização islâmica*, p. 223.

775 Mustafa Al Siba’i: *Min Raua’i Hadharatina* (Das Maravilhas de Nossa Civilização) p. 44.

776 Mustafa Al Shuk’aa: *Ma’lim Al Hadarah Al Islamiyah* (Características da Civilização Islâmica), p. 263-265.

Sigrid Hunke diz: “A semelhança entre Dante e Ibn Arabi parece grande; Dante copiou suas comparações depois de cerca de 200 anos”<sup>777</sup>.

O poeta Petrarca viveu na era da cultura árabe na Itália e na França. Ele estudou nas universidades de Montpellier e Paris, sendo que ambas foram fundadas sobre os escritos dos árabes e seus alunos em universidades da Andaluzia<sup>778</sup>. Por esta razão, ele disse ao seu povo: “Que incrível! Cícero conseguiu ser um orador após Demostene, e Virgílio conseguiu ser um poeta após Homer. Então, por que nos foi destinado não escrever depois dos árabes? Éramos iguais, e por vezes à frente, dos gregos e de todos os povos, à exceção dos árabes. Que tolice! Que perdição! Que grande é a genialidade italiana sonolenta e dormente”<sup>779</sup>!

Assim era a brilhante civilização árabe islâmica, que iluminava os cantos da humanidade no campo da linguagem e da literatura.

---

777 Sigrid Hunke: Idem, p. 521.

778 Mustafa Al Siba'i: *Mín Raua'i Hadharatina* (Das Maravilhas de Nossa Civilização) p. 44. Sedillot: *A Civilização dos Árabes*, p. 569.

779 Sedillot: *A Civilização dos Árabes*, p. 569.

# 4

## A Influência da Civilização Islâmica no Campo da Educação e Relações

---

A cópia no campo da ciência, das artes e da poesia é algo tangível e claro porque é um efeito puramente material que pode ser detectado com clareza e precisão. Mas o impacto social e humano (educação e relações) pode ser detectado de forma menos clara. Quanto maior o espaço de tempo mais claro o desenvolvimento social. Além disso, as questões sociais são geralmente relacionadas com a cultura, filosofia e religião, que ainda são campos de conflito entre o Islam e o Ocidente até agora. Por esta razão, evitamos, nesta pesquisa, a citação de muitas das comparações. Nós realmente descobrimos que muito do que o Islam aprovou não chegou à civilização ocidental até agora devido às diferenças restantes no parecer, conceitos e filosofias. Portanto, nós pesquisamos aqui apenas as manifestações do impacto da civilização islâmica.

Jollivet Castelot diz em seu livro “Lei de História”: “A Europa tem uma dívida para o ambiente profícuo de que desfrutou durante tais épocas com o pensamento árabe. Quatro séculos se passaram e eles não tinham outra civilização além da civilização árabe. Os estudiosos da civilização islâmica são os portadores da sua bandeira que se agita”<sup>780</sup>. Em um processo muito lógico, qualquer desenvolvimento na civilização ocidental moderna, em comparação com a civilização romana, pode ser atribuído à tal época intermediária, a época da civilização islâmica.

Em artigos anteriores, nós apresentamos exemplos dessas contribuições, que a civilização islâmica tem acrescentado na matéria dos direitos, liberdades, educação e relações. Vamos destacar aqui o impacto dessas contribuições sobre a civilização ocidental.

---

<sup>780</sup> Jollivet Castelot: Lei da História, citando: Muhammad Kurd Ali: Al Islam wa Al Hadarah Al Arabiyah (o Islam e a Civilização Árabe) p. 544.

Em 890 d.C, Afonso, o Grande, queria trazer alguém para a disciplina de seu filho e herdeiro ao trono. Ele trouxe dois muçulmanos de Córdoba por causa de seu interesse em tê-lo bem-comportado. Ele não encontrou entre os cristãos na época uma pessoa competente para esta missão<sup>781</sup>.

Quando os muçulmanos conquistaram a Andaluzia, algumas pessoas preferiram emigrar para a França, para não viver sob o Governo Islâmico. Thomas Arnold<sup>782</sup> escreve sobre a natureza do tratamento aos cristãos que aceitaram viver sob a égide do Governo Islâmico e o compara com o tratamento recebido por aqueles que emigraram. Ele diz: “Aqueles que emigraram para a França para viver sob o domínio cristão não estiveram, na verdade, em melhor situação do que seus irmãos na religião que eles deixaram para trás (referindo-se àqueles que aceitaram viver sob o domínio islâmico). Em 812 d.C, Charlman entrou em cena para proteger os exilados que seguiram com ele quando ele desertou da Espanha sobre a coerção dos funcionários do Império e sua perseguição contra eles. Depois de três anos, Luís, o Piedoso, não encontrou outra maneira, senão a emissão de um novo decreto para melhorar as condições dos exilados que em breve, apesar disso, queixaram-se novamente sobre os nobres que usurpavam as terras que lhes foram atribuídas. Não demorou muito tempo após a tentativa de resolver esses problemas, até que começaram a se queixar novamente. Os decretos reais e as ordens que foram emitidas para melhorar as condições desses exilados não trouxeram resultado nenhum. E encontramos em idades tardias, entre a comunidade espanhola que fugiu do Governo Islâmico, uma classe menosprezada que foi mal tratada e se colocou sob a mercê de seus companheiros cristãos”<sup>783</sup>.

Confirmando o fato de que a relação com os muçulmanos disciplinou as naturezas dos cristãos, Arnold declara que Azidor, um historiador da Andaluzia, “censurou os conquistadores muçulmanos severamente”, mas “ele escreveu a questão do casamento de Abdul-Aziz ibn Mussa ibn Nusayir com a viúva do rei Roderic, sem mencionar uma única palavra rejeitando este ato”<sup>784</sup>.

Arnold acrescenta: “Muitos cristãos tinham nomes árabes e imitaram seus vizinhos muçulmanos na criação de alguns sistemas religiosos.

781 Muhammad Kurd Ali: *Al Islam wa Al Hadarah Al Arabiyah* (o Islam e a Civilização Árabe) p. 548.

782 Thomas Arnold: famoso historiador Inglês (1864-1930), um dos grandes orientalistas britânicos. Era decano da escola de línguas orientais em Londres em 1904. Um dos seus escritos mais famosos é o livro “Convite ao Islam”.

783 Thomas Arnold: *O convite ao Islam*, p. 159.

784 Idem, p. 160.

Assim, muitos deles foram circuncidados. Eles seguiram as mesmas regras (dos muçulmanos) em termos de alimentos e bebidas<sup>785</sup>.

Os cruzados que ocuparam os países da Grande Síria durante as cruzadas foram um exemplo de fanatismo na medida em que Montgomery Watt<sup>786</sup> questionou: “É estranho que os nômades que participaram nas cruzadas acreditem que sua religião é a religião da paz<sup>787</sup>”.

Mas a situação deles depois de se misturarem com os muçulmanos foi narrada por Will Durant, que disse: “Os europeus que se instalaram nesses dois países (Síria e Palestina nas cruzadas) adotaram gradualmente o estilo oriental de se vestir... seu contato com os muçulmanos que viviam naquele reino aumentou. Portanto, a aversão e hostilidade entre os dois lados reduziu, os comerciantes muçulmanos começaram a entrar em áreas cristãs com toda liberdade e vendiam seus produtos para pessoas de lá. Os pacientes cristãos preferiam os médicos muçulmanos e judeus em vez dos médicos cristãos. Os clérigos cristãos permitiram que os muçulmanos fossem às mesquitas para a adoração, e os muçulmanos começaram a ensinar seus filhos o Alcorão nas escolas islâmicas nas cidades cristãs de Antioquia e Trípoli<sup>788</sup>”.

É claro que isso não se originou de tolerância original, pois temos visto como os cruzados na Espanha trataram as doutrinas diferentes, isso sem contar as religiões diferentes, cinco séculos depois dessa época na Espanha.

Porém, o tratamento oferecido por Saladino aos cruzados, depois que ele libertou Jerusalém, tem um especial apreço e reconhecimento no Ocidente:

Maxime Rodinson<sup>789</sup> diz: “O arqui-inimigo Saladino foi muito admirado pelos ocidentais. Ele lançou uma guerra com humanidade e cavalheirismo, embora apenas alguns o retribuíssem com posturas semelhantes, principalmente Ricardo Coração de Leão<sup>790</sup>”.

Thomas Arnold diz: “Parece que os modos de Saladino e sua vida que contou com o heroísmo causaram na mente dos cristãos em sua época uma influência mágica especial na medida em que um grupo de cavaleiros cristãos eram tão atraídos por ele que eles abandonaram a religião cristã e deixaram seus povos e se juntaram aos muçulmanos<sup>791</sup>”.

---

785 Idem, p. 160.

786 Montgomery Watt: (1909-2006 d.C), estudioso inglês especializado em estudos islâmicos e decano do departamento de estudos árabes da Universidade de Edinburgh. Escritor de vários livros sobre filosofia islâmica, comparação das religiões, história islâmica e civilização islâmica.

787 Montgomery Watt: Contribuições do Islam à civilização ocidental, p. 102.

788 Will Durant: História da civilização, 15/34.

789 Maxime Rodinson: Estudioso francês, um dos mais importantes especialistas em história das religiões. Ele escreveu muitos livros sobre o Islam e o mundo árabe, entre eles: “Muhammad”, “O capitalismo e o Islam”, “O Marxismo e o Mundo Islâmico”, “A Grandeza do Islam”.

790 Maxime Rodinson: A Imagem Ocidental e Estudos ocidentais e islâmicos, p. 41.

791 Thomas Arnold: O convite ao Islam, p. 111.

Durant também relata a admiração dos historiadores cristãos com a grandeza de Saladino: “Saladino estava comprometido com sua religião até o último limite. Ele se permitiu ser absolutamente duro com os cavaleiros do templo e do hospital, mas era normalmente amável com os fracos e misericordioso com os derrotados. Ele superou os seus inimigos no cumprimento de suas promessas de uma forma que fez historiadores cristãos se surpreenderem como a religião islâmica – que, na opinião deles, é “errada” – pode levar um homem a tal ponto em grandeza”<sup>792</sup>.

Depois de 13 séculos do slogan do Islam “Vocês são filhos de Adão, e Adão foi feito de pó. Não há preferência de um árabe sobre um estrangeiro, nem de um negro sobre um branco, nem de um branco sobre um negro, exceto por piedade”<sup>793</sup>, Abraham Lincoln libertou os escravos em meados do século XIX em circunstâncias críticas. Ele enfrentou uma forte resistência daqueles que se beneficiaram com a classe dos escravos, de tal forma que ele estava prestes a desistir. No entanto, ele emitiu a legislação. É de notar que ele próprio não acreditava na igualdade entre as raças.

Vale dizer: a discriminação racial no tratamento ainda existe até hoje na Europa, especialmente em países, como França e Alemanha. Le Bon diz: “Os árabes têm o espírito de igualdade absoluta em linha com os seus sistemas políticos. O princípio da igualdade, que foi anunciado na Europa – teoricamente, não na prática –, é completamente firme na natureza da lei (islâmica). Os muçulmanos nunca conheceram essas classes sociais, cuja existência resultou e ainda resulta na mais violenta das revoluções no Ocidente”<sup>794</sup>. Depois de 14 séculos do slogan do Islam sobre o tratamento de prisioneiros: [*Ou fazer-lhes mercê ou aceitar-lhes resgate*] (Muhammad: 4), e da recomendação do profeta (a paz esteja com ele): “Tratem bem as mulheres”<sup>795</sup>. Depois de 14 séculos, a convenção de Genebra sobre o tratamento de prisioneiros em 1949 chegou a discutir os direitos dos presos e não chegou ainda, a se igualar aos direitos dos prisioneiros no Islam.

O mesmo vale para o acordo de Genebra sobre o tratamento de civis durante a guerra, que foi assinado em 12 agosto de 1949, depois de 14 séculos da afirmação do profeta (a paz esteja com ele): “Batalhem, mas não ajam traiçoeiramente, não roubem, não esquartejem e não matem crianças”<sup>796</sup>.

792 Will Durant: História da Civilização, 15/45.

793 Ahmad (23.536), Shu'ayib Al Arna'ut disse: Bem transmissível. Al Tabarani: Al Mu'jam Al Kabir (14.444), Al Baihaqi: Shu'ab Al Iman (4921), Al Albani disse: Autêntico. Veja: Al Silsilah Al Sahihah (2700).

794 Gustave Le Bon: A civilização dos árabes, p. 391.

795 Al Tabarani: Al Mu'jam Al Kabir (977), Al Mu'jam Al Saghir (409), Al Haithami disse: Seu isnad (corrente de transmissão) é bom. Veja: Muja'mah Al Zawa'id (10007).

796 Narrado por Abu Daud, autenticado por Al Albani em Sahih Abu Daud.



Abu Bakr disse: “Não desobedeçam, não roubem, não sejam covardes, não destruam um monastério, não arranquem uma palmeira, não queimem terras cultivadas, não matem um animal, não cortem uma árvore frutífera, não matem uma pessoa de idade nem uma criança. E irão encontrar pessoas que se retiraram (para se dedicar à adoração), os deixem e o ato para o qual se retiraram”<sup>797</sup>.

A mesma coisa se aplica ao divórcio. Quatorze séculos após o Islam declará-lo, as leis civis na Europa passaram a permitir o divórcio (a lei civil foi lançada na Inglaterra em 1969 d.C).

É muito claro que a declaração internacional sobre o fim da discriminação contra as mulheres foi influenciada pela lei islâmica. As declarações sobre o direito das mulheres de possuir e herdar e sua competência legal são quase uma cópia do que está na jurisprudência islâmica. Esta declaração foi emitida em 1967 d.C.

Isso foi depois que o Ocidente testemunhou, nas épocas mais recentes, estranhos incidentes. Um exemplo disso é o episódio no qual a Igreja declarou que era um grande fardo sustentar uma mulher, por isso a vendeu por dois “xelins”<sup>798</sup> em 1790 d.C. Até o início do século XIX (1805 d.C), o marido tinha o direito de vender sua mulher a um preço específico de (seis centavos). Quando um homem inglês vendeu sua esposa em 1931, ele encontrou um advogado para defendê-lo com uma lei que datava de antes de 1805 d.C. O tribunal, então o castigou com dez meses de prisão.

As mulheres só tiveram o direito de possuir um imóvel no final do século XIX (1882 d.C). As mulheres eram consideradas incapazes (inimputáveis) na França, junto com os doentes mentais e as crianças, até 1938 d.C.<sup>799</sup>.

797 Ibn A'sakir: História de Damasco, 2 / 75.

798 Unidade monetária que era usada na Inglaterra e ex colônias britânicas. Um xelim equivalia a 12d (pence antigo) ou 1/20 de libra. Dr. Abd Al Wadud Shalabi: Fi Mahkamat Al Tarikh (No Tribunal da História), p. 60 em diante.

799 Dr. Abd Al Wadud Shalabi: Fi Mahkamat Al Tarikh (No Tribunal da História), p. 60 em diante.

## 5

## A Influência da Civilização Islâmica no Ramo das Artes

---

As maneiras arquitetônicas e artísticas e a maioria das outras formas artísticas se transferiram para os países ocidentais através das rotas de relação da civilização islâmica com o ocidente europeu, as quais citamos anteriormente. O impacto das artes islâmicas tornou-se claro e evidente na civilização ocidental, “um grande número de fatos indica a fonte islâmica na ideia e na forma em muitas das belas artes europeias”<sup>800</sup>.

Lamentavelmente, alguns artistas ocidentais atribuíram as formas da arte islâmica a si mesmos de maneira complementar ou decorativa, sem conhecer o conteúdo dos significados das palavras ao transferir as formas das letras da escrita árabe ou perceber o significado do conceito da decoração para o artista muçulmano. Tudo o que fizeram foi copiar a forma sem o conteúdo, de uma forma que comprova o fascínio externo com as formas decorativas<sup>801</sup>.

Dentro deste contexto, Gustave Le Bon menciona a escrita árabe e diz: “A escrita árabe serviu para decoração de modo que os artistas cristãos na Idade Média e na época do Renascimento muito copiavam tudo o que chegava às suas mãos de pedaços de escritas árabes e enfeitavam as construções cristãs com estas escritas, seguindo o capricho. Mr. Lungibrie, Mr. Lafoa e outros testemunharam muitas destas escritas na Itália. Entre aquilo que foi visto por Mr. Lafoa no local de bagagens da Catedral de Milão, há uma porta construída no modelo de picarena rodeado por um friso de pedra, composto de uma palavra árabe repetida diversas vezes, há

---

800 Dionísio Agios e Richard Hitchkuk: O impacto árabe sobre a Europa na Idade Média, p. 64.

801 Veja: Inas Husni: Athar Al Fan Al Islami ála Al Tassuir Fi Ássr Al Nahdhah (O impacto da arte islâmica sobre a pintura na época da Renascença), p. 120.

também uma escrita árabe ao redor da cabeça de Jesus, que está retratado acima das portas de São Pedro, que foram construídas com a ordem do Papa Eugênio IV, e escritas “kufis” compridas na camisa de São Pedro e de São Paulo”. Ele ainda conclui: “A não tradução destas escritas é uma das razões de meu lamento. Creio que a escrita ao redor da cabeça de Jesus é a declaração de que “não há divindade além de Allah, Muhammad é mensageiro de Allah”<sup>802</sup>!

E se a decoração árabe islâmica influenciou em demasia na abordagem e na visão de muitos artistas europeus, a escrita árabe – que é um dos mais importantes frutos da arte árabe islâmica – com toda a diversidade e rica variedade de suas formas e com a possibilidade de decoração com diversos retratos, também influenciou em demasia a visão e os trabalhos de muitos artistas da Europa. Seu impacto se estendeu desde a época das Cruzadas, quando os europeus se misturaram com os árabes, e ficaram admirados com a escrita que chamou suas atenções por causa da riqueza das formas, então as usaram em seus trabalhos artísticos. Giotto foi um dos primeiros artistas que usaram a escrita árabe em suas pinturas, e o pintor Fleulipe di Florença também usou a escrita árabe como decoração nas roupas das pessoas que ele pintava no século XV. O também florenciano Viríquio também utilizou a escrita árabe na decoração de um quadro de reverência aos reis, que está conservada em Florença<sup>803</sup>.

E assim, a arte islâmica conseguiu, com suas belas e produtivas características, influenciar em muitos dos conceitos europeus, através da influência nos trabalhos de vários artistas europeus. Eles encontraram nos traços da arte islâmica uma fonte infinda para os seus trabalhos artísticos, descobriram novas formas com traços e impactos vitais, paralelos em sua vitalidade à abundância de acentos e impacto existente nas formações arabsas e nas linhas de escrita árabe.

Depois desta rápida viagem, é nosso direito nos orgulhar profundamente com estas contribuições maravilhosas e com estes impactos eternos da nossa civilização, a civilização do Islam, tal civilização que iluminou todas as partes da humanidade em toda a sua caminhada, depois de a humanidade estar mergulhada em profunda escuridão.

---

802 Gustave Le Bon: A civilização dos Árabes, p. 531.

803 Inas Husni: O impacto da arte islâmica sobre o desenho na época da Renascença, p. 129.

## Terceiro Capítulo

### **O Testemunho dos Ocidentais Justos sobre o Valor da Civilização Islâmica**

---

Muitos ocidentais tentam diminuir a importância da civilização islâmica e seu papel no progresso e desenvolvimento da civilização humana. Alguns deles alegam que os muçulmanos foram apenas transmissores dos cientistas antigos. Outros alegam que esta civilização não merece toda essa atenção, atribuindo as virtudes apenas aos gregos e romanos, dizendo que apenas estes são os mestres dos ocidentais. Essas pessoas, portanto, ignoraram o papel dos muçulmanos, afirmando que eles não fizeram nenhuma contribuição. Outras pessoas tentam desvirtuar o impacto da civilização muçulmana, alegando que os muçulmanos se sobressaíram em alguns ramos da ciência que não precisam de pensamento e de uso da mente, como história e geografia, e em outros ramos eles só copiaram de outros, sem muita crítica, correção ou acréscimo!

Na verdade, este é o caso dos rancorosos e ingratos adversários dos muçulmanos, que são ignorantes da posição dos muçulmanos e o seu papel no curso da humanidade. Este fato é reforçado pela reação de outro grupo de pessoas, nomeadamente os pensadores e historiadores que destacaram a grande contribuição dos muçulmanos para a civilização humana. Eles preferiram a palavra da verdade, a reconheceram e deram o crédito para quem tem direito. Estas pessoas escreveram muitos livros e estudos que elogiam a contribuição inegável dos muçulmanos. Um desses estudiosos disse: “Chegou a hora de falar sobre um povo que teve um forte impacto

sobre o curso dos acontecimentos mundiais, a quem o Ocidente e toda a humanidade estão endividados”<sup>804</sup>.

Neste capítulo podemos reunir alguns dos reconhecimentos desses orientalistas imparciais, que ficaram admirados com a originalidade, o destacado papel e a grande virtude da civilização islâmica na história da humanidade e no estabelecimento do alicerce da civilização europeia moderna. É impossível enumerar estes testemunhos, mas podemos classificá-los conforme a maioria das contribuições islâmicas, como segue:

1. Os Testemunhos dos Justos no Campo Científico
2. Os Testemunhos dos Justos no Campo Moral
3. Os Testemunhos dos Justos no Campo do Pensamento

---

804 Veja: Sigrid Hunke: O sol dos árabes resplandece sobre o Ocidente, p. 11.

## 1

## Os Testemunhos dos Justos no Campo Científico

---

O campo da ciência pode ser o campo que teve a maior participação e declaração dos ocidentais imparciais. Isso está relacionado a dois fatores principais: o primeiro é a grandeza da contribuição dos muçulmanos e da civilização islâmica nesta área. O segundo reside na resposta aos fanáticos e populistas que negam qualquer criatividade e inovação da mente muçulmana, algo que se reflete nas ciências experimentais, como a mecânica, astronomia, engenharia e outras ciências.

Segue alguns testemunhos de ocidentais imparciais nesta área:

- O historiador americano Briffault diz: “Não há um só aspecto da civilização europeia, em absoluto, cuja virtude não deva ser creditada aos muçulmanos”<sup>805</sup>.
- Sigrid Hunke disse: “Os árabes desenvolveram com suas experiências e investigações científicas o material que eles receberam dos gregos e depois o reformularam de forma nova. De fato, foram os árabes que criaram o método de investigação científica com base na experiência... Os árabes não apenas salvaram a civilização grega da extinção, a organizaram e a ordenaram e, em seguida, a concederam ao Ocidente, mas também fundaram os métodos experimentais em química, física, aritmética, álgebra, geologia, trigonometria e sociologia, além de inúmeras descobertas e invenções individuais em vários ramos da ciência – a maioria das quais foram plagiadas e atribuídas a outras pessoas. Os árabes apresentaram o dom mais precioso, a forma correta de investigação científica, que pavimentou o caminho à frente do Ocidente para conhecerem os segredos da natureza e dominá-la como ocorre hoje”<sup>806</sup>. Hunke acrescentou: “Na

805 Robert Briffault: A Construção da Humanidade, citando Anwar Al Jundi: Muqaddimat Al Ulum wa Al Manahij (Apresentações de Ciências e Métodos) 4 / 710.

806 Sigrid Hunke: Idem, p. 401, 402.

verdade, Roger Bacon, Baron Verulam,, Leonardo Da Vinci e Galileu não são os fundadores da investigação científica, mas foram os árabes que a fundaram. A realização de Ibn Al-Haitham – conhecido pelos europeus como Alhazen – foi nada mais que a física moderna, graças à reflexão teórica e ao experimento preciso”<sup>807</sup>.

- Hunke também disse: “Ibn Al-Haitham foi um dos mais influentes professores árabes nos países ocidentais... O impacto deste gênio árabe no Ocidente era grande e significativo. Suas teorias da física e da ótica deixaram o seu impacto na ciência europeia até os dias de hoje. Com base no livro de Ibn Al-Haitham “Al Manadhir” foi criado tudo o que é relacionado com a óptica, a partir do inglês Roger Bacon até o alemão Vitello. O italiano Leonardo Da Vinci, o inventor da câmara obscura, a bomba, a máquina de giro e o primeiro avião – como é alegado – foi diretamente influenciado pelos árabes, as realizações de Ibn Al-Haitham o inspiraram com muitas ideias. Quando Johannes Kepler, na Alemanha, pesquisou durante o século XVI as leis nas quais Galileu conseguiu se apoiar ao ver estrelas desconhecidas através de um telescópio grande, as grandes marcas de Ibn-Al-Haitham estavam lá. Até hoje, ainda há o difícil problema matemático e físico, que Ibn Al-Haitham resolveu por uma equação de quarto grau, comprovando sua excelência em álgebra. Este problema, que se baseia sobre o ponto de contato entre a imagem refletida por um espelho convexo e os círculos a uma certa distância, ainda é chamado de Problema de Alhazen”<sup>808</sup>.
- Em seu livro “História da física”, Florian Cajori disse: “Os cientistas árabes e muçulmanos foram os primeiros a lançar e defender fortemente o método experimental. Este método é considerado um dos seus orgulhos, eles foram os primeiros a reconhecer a sua utilidade e sua importância às ciências naturais. Ao topo deles vem Alhazen”<sup>809</sup>.
- Max Vintejoux disse: “Todos os fatos confirmam que a ciência ocidental deve sua existência à civilização árabe islâmica. O método científico moderno baseado na observação, investigação e experimentação, que foi aprovada por cientistas europeus, era apenas um resultado do contato entre os europeus e o mundo islâmico através do Governo Islâmico da Andaluzia”<sup>810</sup>.
- Robert Briffault disse: “Desde 700 d.C, o esplendor da civilização árabe islâmica começou a se estender do leste do Mediterrâneo até a Pérsia a

807 Sigrid Hunke: Idem, p. 148, 149.

808 Idem: p. 150.

809 Ver: Ali Ibn Abdullah Al Difa: Al Ulum Al Bahtah fi Al Hadarah Al Arabiyah Al Islamiya (As Ciências Exatas na Civilização Árabe e Islâmica), p. 303.

810 Max Vintejoux: Em seu discurso na conferência da civilização árabe e islâmica na Universidade de Princeton, em Washington, em 1953. Veja: Shawqi Abu Khalil, Hanj Al Mubarak: Dawr Al Hadarah Al Arabiyah wa Al Islamiyah fi Al Nahdah Al Urubiyah (O Papel da Civilização Árabe e Islâmica no Renascimento Europeu), p. 125.

leste, e até a Espanha a oeste e, assim, uma grande parte da ciência antiga foi redescoberta, e as novas descobertas em matemática, química, física e outras ciências foram registradas... Nesta área, assim como em outras áreas, os árabes foram os professores e mestres para a Europa. Eles contribuíram para o renascimento da ciência nesse continente”<sup>811</sup>.

- O pesquisador alemão Dr. Peter Pormann disse: “As conquistas dos muçulmanos no mundo são evidentes em todos os aspectos da ciência e da cultura. Além disso, suas conquistas no campo da medicina são inegáveis, isto é o que me levou a escrever um livro intitulado: “A Medicina Islâmica na Idade Média”. Ele também disse: “O que me levou a escrever este livro é o fato de eu – como cristão alemão – estar endividado em parte da minha cultura para a cultura islâmica, e é isso que estou tentando esclarecer e confirmar, apesar das tentativas por parte de alguns de ocultar o importante papel desempenhado pelos muçulmanos na Europa e no mundo. Eu e minha colega, a pesquisadora Emilie Savage-Smith<sup>812</sup>, empreendemos uma pesquisa para identificar as conquistas dos muçulmanos no campo da medicina na Idade Média”. Ele acrescentou: “Os hospitais islâmicos eram doações (auqaf) islâmicas e prestavam serviços médicos para todas as pessoas independentemente da religião, judeus, cristãos, sabeus, zoroastristas e outros, os hospitais islâmicos tratavam todas as pessoas. Isso comprova a grande tolerância islâmica com os não muçulmanos...”. Sobre as principais doenças que os muçulmanos contribuíram com novos conhecimentos, ele disse: “Um monte de doenças, mas a mais grave foi a melancolia”<sup>813</sup>.
- Will Durant disse: “A química como ciência foi praticamente criada pelos muçulmanos, isto porque os muçulmanos introduziram a observação precisa, a experiência científica controlada e o cuidado no monitoramento de seus resultados no campo, enquanto os gregos – tanto quanto sabemos – tiveram apenas uma experiência industrial e vagas hipóteses”<sup>814</sup>.
- Donald R. Hill disse: “Al-Razi era realmente considerado um dos principais fundadores da química moderna, graças à sua comparação metodológica e sua insistência na necessidade de um trabalho experimental”<sup>815</sup>.
- Em outra declaração, ele disse: “Os muçulmanos sabiam a tabela de pesos específicos muito antes dos europeus, a devida atenção foi dada ao tema na Europa durante o século XVII, e alcançou seu ápice na obra de Robert Boyle (falecido em 1691), que definiu o peso específico do

811 Robert Briffault: A Construção da humanidade, p. 84.

812 Emilie Savage-Smith: historiadora britânica e especialista do St. Cross College da Universidade de Oxford.

813 Entrevista com o jornal egípcio Al Akhbar em 13/4/2007.

814 Ver: Abu Zaid Shalabi: Tarikh Al Hadarah Al Islamiya wa Al Fikr Al Islami (História da Civilização Islâmica e Pensamento Islâmico), p. 356.

815 Ver: Donald R. Hill: Ciência islâmica e engenharia, traduzido por Ahmad Fouad Basha, p. 102.



mercúrio – por exemplo – de duas formas diferentes, dando os dois montantes de (13,76) e (13,357). Ambos são menos precisos do que o peso registrado por Al-Khazini, cuja maioria dos resultados foram totalmente precisos”<sup>816</sup>.

- Gustave Le Bon disse: “Os livros de Jabir consistem em uma enciclopédia científica que contém o resumo do que os árabes alcançaram em química na sua época. Estes livros incluem a descrição de muitos compostos químicos que não foram mencionados anteriormente, como a água de prata (ácido nitroso), sem o qual não podemos imaginar a química”<sup>817</sup>.
- O famoso historiador da ciência, Florian Cajori, disse: “A mente se surpreende quando observa o trabalho dos árabes e muçulmanos em álgebra. O livro de Al-Khawarizmi sobre álgebra era uma referência para os muçulmanos e para os cientistas europeus, o utilizaram em suas pesquisas e assimilaram dele muitas teorias. Portanto, pode-se dizer que a Al-Khawarizmi é o fundador da álgebra sobre suas bases corretas”<sup>818</sup>.
- Juan Vernet disse: “Se quisermos ser precisos, vamos descobrir que o desenvolvimento científico da matemática para os muçulmanos teve início com o Alcorão, que tem regras complexas sobre a divisão de herança. E Al-Khawarizmi é considerado o primeiro matemático muçulmano, e nós estamos em dívida com ele por sua tentativa de criar um sistema em língua árabe para todos os ramos do conhecimento. Estamos também em dívida com ele pelo termo espanhol “algoritmo” (a numeração, seus níveis e o zero). A álgebra foi o segundo campo em que Al-Khawarizmi trabalhou. É um ramo da matemática, que, até aquela época, não tinha sido estabelecido para qualquer estudo sistemático sério”<sup>819</sup>.
- Draper disse: “É costume dos árabes observar e examinar. Eles consideraram a geometria e a matemática como meios para a medição. É importante salientar que eles não se apoiaram somente na observação naquilo que eles escreveram sobre mecânica e ótica, mas também se basearam no monitoramento e análise, usando as ferramentas disponíveis.. isso proporcionou a eles a criação da química, e os levou a inventar ferramentas de filtragem, de evaporação e levantamento de peso... Assim, eles abriram uma grande porta para o desenvolvimento da geometria e trigonometria”<sup>820</sup>.

816 Idem, p. 98.

817 Gustave Le Bon: A civilização dos árabes, p. 475.

818 Ver: Ali Ibn Abdullah Al Difa: Rau’i Al Hadarah Al Arabiyah Al Islamiya fi Al Ulum (Maravilhas da Civilização Árabe e Islâmica nas Ciências), p. 64.

819 Juan Vernet: A ótica, a matemática e a astronomia. Estudo publicado no livro “Turath Al Islam” (Herança do Islam), p. 168.

820 Muhammad Kurd Ali: Al Islam wa Al Hadarah Al Arabiyah (o Islam e a Civilização Árabe), 1 / 227, 228.

- No segundo volume de seu livro “História da Matemática”, David Eugene Smith disse: “Eles alegam que a lei do pêndulo foi criada por Galileu, no entanto, Ibn Yunus observou esta lei antes dele. Os astrônomos árabes usaram o pêndulo para calcular os períodos de tempo durante o monitoramento”. Em seu livro “Introdução à história da ciência”, George Sarton disse: “Ibn Yunus é, sem dúvida, um dos gigantes do século XI, o maior astrônomo no Egito, e descobridor do pêndulo”<sup>821</sup>.
- Jotie disse: “Os árabes nos ensinaram a fazer livros, a pólvora e a agulha do navio (a bússola). Então, temos que pensar o que seria o nosso renascimento sem essas marcas que nós recebemos da civilização árabe...”<sup>822</sup>.
- Seignobos disse: “Os árabes reuniram todas as invenções e os conhecimentos do mundo antigo no Oriente (como a Grécia, Pérsia, Índia e China), e então eles as transferiram para nós. E muitas palavras entraram em uso na nossa língua, e estas palavras são um testemunho daquilo que nós transferimos deles. Através dos árabes, o mundo ocidental, que era bárbaro, entrou no meio da civilização. Se nossos pensamentos e nossas indústrias têm ligação com a antiguidade, a combinação das invenções que tornam a vida mais fácil e agradável nos foi trazida pelos árabes. Os europeus aprenderam com os árabes como fazer casimira. O povo da cidade italiana de Pisa costumavam ficar na cidade de Bijayah na Argélia, onde eles aprenderam a fabricar cera e, em seguida, a transferiram para suas regiões e para a Europa”<sup>823</sup>.
- Rison disse: “A grandeza da construção dos árabes e a disseminação de seu poder no mundo nos fez conhecer o status da civilização árabe. Esta brilhante civilização na Idade Média era uma mistura das civilizações bizantina e persa. Esta mistura civil aconteceu através de duas coisas: o amor dos árabes pelo comércio e sua paixão pela construção. Graças à sua inteligência e seu profundo desejo de conhecer e compreender todas as coisas, os árabes se destacaram em física e matemática. Eles têm a mercê sobre todas as nações com seus numerais arábicos, e com o invento da arte da álgebra e sua excelência em geometria”<sup>824</sup>.
- A Enciclopédia Britânica diz: “Muitos dos nomes e compostos de medicamentos conhecidos hoje, e a estrutura geral da farmacologia moderna – com exceção das modificações químicas modernas, é claro – foi iniciada pelos árabes”<sup>825</sup>.

821 Ver: Ali Ibn Abdullah Al Difa: Al Ulum Al Bahtah fi Al Hadarah Al Arabiyah Al Islamiya (As Ciências Exatas na Civilização Árabe e Islâmica), p. 302.

822 Muhammad Kurd Ali: Al Islam wa Al Hadarah Al Arabiyah (o Islam e a Civilização Árabe), 1 / 226.

823 Idem: 1 / 233, 234.

824 Idem: p. 231 p. 239.

825 Enciclopédia Britânica 18/46, 11ª edição.

## 2

## Os Testemunhos dos Justos no Campo Moral

---

A ética decorre da religião, e não há ética sem uma motivação religiosa que apoia suas virtudes e se posiciona contra os vícios. Talvez os testemunhos de pessoas imparciais sobre a civilização islâmica na área da moralidade eram principalmente sobre a religião do Islam.

Segue alguns testemunhos de ocidentais imparciais nesta matéria:

- Glyn Leonard disse: “A atitude da Europa em relação ao Islam deve estar além de todas essas considerações de peso, deve ser uma atitude de eterna gratidão, em vez de ingratidão odiada e desprezo humilhante. Até hoje a Europa ainda não reconheceu de forma honesta e sincera a grande dívida que deve à educação islâmica e à civilização árabe. Ela reconheceu, porém de maneira morna e superficial e com indiferença, somente quando, durante a Idade das Trevas, o seu povo estava afundado nos mares da barbárie e da ignorância. A civilização muçulmana entre os árabes chegou a um alto padrão de esplendor social e científico que ressuscitou a sociedade europeia e a protegeu da decadência total. E nós – que agora nos consideramos sobre o pináculo mais alto de disciplina e civilização –, ainda não reconhecemos que se não fosse a disciplina islâmica e a civilização árabe, se não fosse seu conhecimento, seu esplendor nos assuntos sociais e a solidez do sistema de suas escolas, a Europa até hoje estaria afundada nas trevas da ignorância”<sup>826</sup>.

- O historiador inglês Wells disse: “Qualquer religião que não lida com a civilização em todas as suas fases deve ser arredada. E a verdadeira religião que eu encontrei caminha com a civilização o tempo todo, este é o Islam... Qualquer pessoa que precisa de provas, deve ler o Alcorão e o que ele contém de ideias, métodos científicos e leis sociais. É um livro de religião, ciência, sociologia, ética e história. E se me for solicitado definir o significado do Islam, eu o defino com esta frase: “O Islam é a civilização)”<sup>827</sup>.
- Briffault disse: “Bacon foi apenas um dos mensageiros que levaram a ciência e método islâmico para a Europa cristã. Ele nunca parou de anunciar que a língua árabe e as ciências árabes eram a única maneira de saber a verdade<sup>828</sup>... A civilização islâmica surgiu naturalmente a partir do Alcorão e se distinguiu das outras civilizações humanas pela justiça, moralidade e monoteísmo. Ela também foi caracterizada pela tolerância, humanidade e fraternidade universal”<sup>829</sup>.
- Gustave Le Bon disse: “A civilização dos árabes muçulmanos fez as nações bárbaras europeias entrar no mundo da humanidade. Os árabes foram nossos professores... As universidades no Ocidente não conheciam referências científicas, além das obras dos árabes, foram eles que modernizaram a Europa material, mental e moralmente. A história não menciona qualquer nação que produziu o que eles produziram... A Europa deve aos árabes por sua civilização... Os árabes foram os primeiros a ensinar ao mundo como a liberdade de pensamento pode combinar com a integridade da religião... Foram eles que ensinaram os povos cristãos, ou você pode dizer: eles tentaram ensinar-lhes a tolerância, que é a qualidade mais preciosa do ser humano... E a moral dos muçulmanos nos primeiros períodos do Islam foram muito superiores à moral de todas as nações do mundo”<sup>830</sup>.
- Andrew Dickson White<sup>831</sup> disse: “Desde a época do califa Omar e depois dele, o tratamento dado aos loucos no mundo muçulmano era muito mais misericordioso do que o sistema que prevaleceu

827 Abd Al Mun'im Al Nimr: *Al Islam wa Al Mabadi Al Mustawradah* (O Islam e os Princípios Importados), p. 84.

828 Robert Briffault: *A Construção da Humanidade*, citando Anwar Al Jindi: *Muqaddimat Al Ulum wa Al Manahij* (Apresentações de Ciências e Métodos) 4 / 7710.

829 Ver: Abd Al Mu'ti Al Dalati: *Rabihtu Muhammadan wa lam Akhsar Al Masih* (Eu ganhei Muhammad, Mas Não Perde a Jesus), p. 128.

830 Gustave Le Bon: *A civilização dos árabes*, p. 26, 276, 430, 566.

831 Andrew Dickson White: (1832-1918), diplomata americano e escritor, considerado um dos melhores fundadores da Universidade de Cornell.

no mundo cristão ao longo de dezoito séculos, durante os quais os loucos eram considerados possuídos pelos demônios, por isso, sofreram as mais severas torturas e atrocidades”.

Ele também disse: “No século XVIII, o sacerdote John Howard percebeu o que outros monges e viajantes europeus também haviam percebido nessa época e antes dela, que os muçulmanos ofereceram meios misericordiosos de vida aos loucos, algo que não era visto nas terras cristãs da Europa. A verdade é que os muçulmanos foram quem destacou a necessidade de se exercer esforços – que começaram na Europa a partir do século XVIII – para tratar os loucos misericordiosamente”<sup>832</sup>.

- Em seu livro “A Descoberta da Índia”, o primeiro-ministro indiano Jawaharlal Nehru<sup>833</sup> disse: “A entrada de conquistadores que vieram do noroeste da Índia e a entrada do Islam são de grande importância para a história da Índia, que expôs a corrupção que havia se espalhado na comunidade hindu. Ele também mostrou a divisão de classes e o amor pelo isolamento do mundo que a Índia experimentou. A teoria da irmandade islâmica e da igualdade, em que os muçulmanos acreditavam e viviam, tinha profunda influência sobre a mentalidade dos hindus, especialmente os pobres que foram privados pela sociedade indiana da igualdade e direitos humanos”<sup>834</sup>.
- Hawking disse: “A paixão pelo conhecimento e a sede permanente para atingir os seus recursos são qualidades destacadas desses árabes. Estas qualidades alimentam as suas genialidades com o poder criativo. Eles amam a liberdade e sempre olham para os altos ideais, sem intolerância e fanatismo... Quando a praga que afligiu os árabes e os anestesiou desaparecer, veremos que os elementos do patrimônio científico dormente e a coragem intelectual oculta serão desencadeados para retornar rapidamente para ocupar a sua posição na Terra. Prova do que digo é o primeiro renascimento árabe, o patrimônio científico e o impacto eterno que eles deixaram para as próximas gerações”<sup>835</sup>.

832 Ver: A.D. White: Uma História da Guerra da Ciência com a Teologia na Cristandade vol. 11/123.

833 Jawaharlal Nehru: (1889-1964), um dos líderes do movimento de independência da Índia e do primeiro-ministro da Índia após a independência.

834 Citando Abu Al Hassan Al Nadawi: Maza Khasira Al Alam bi Inhitat Al Muslimin (O Que o Mundo Perdeu com a Decadência dos Muçulmanos), p. 107.

835 Os princípios da política internacional, p. 25, citando Muhammad Al Sadiq Afifi: Tatawur Al Fikr Al Ilmi inda Al Muslimin (O Desenvolvimento do Pensamento Científico entre os Muçulmanos), p. 19.

# B

## Os Testemunhos dos Justos no Campo do Pensamento

---

Como mencionado anteriormente, o pensamento é um dos pilares da fé nesta religião. É um dos pilares em que a civilização islâmica foi construída. O Universo inteiro é considerado o livro visível de Deus, enquanto que o Alcorão é o livro legível. Em muitos versos, o livro legível (o Alcorão Sagrado) ordenou as pessoas a observarem este livro visível. É surpreendente que depois disso, algumas pessoas negam a atenção dispensada pelo Islam e pela civilização islâmica ao pensamento e ao uso da mente!

A partir daí, são relatados estes testemunhos dos ocidentais imparciais como resposta a isso:

- Etienne Dinet<sup>836</sup> diz: “A virtude da introdução da liberdade de opinião – que não devemos misturar com o ateísmo – na Europa deve ser creditada para o filósofo muçulmano Ibn Rushd – que viveu na Andaluzia (1120-1198 d.C). Na idade média na Europa, os livres pensadores mostraram entusiasmo por suas explicações de Aristóteles. Essas explicações tinham uma forte natureza islâmica. Nós podemos realmente considerar que a tendência intelectual que resultou desse entusiasmo por Ibn Rushd foi a base do pensamento moderno, além de ser parte dos fundamentos da reforma religiosa”<sup>837</sup>.
- Sigrid Hunke diz: “Um fluxo torrencial fruto do pensamento árabe e das matérias da verdade e da ciência foi refinado pelos árabes, que o organizaram e o apresentaram de uma forma exemplar que varreu a Europa... Nos centros europeus da ciência, todo cientista, sem exceção, estendeu suas mãos sobre estes tesouros árabes, para tomar deles o que Deus permitir, e para beber deles como o sedento bebe

836 Etienne Dinet: (1861-1929), estudioso francês, pintor e escritor conhecido internacionalmente.

837 Etienne Dinet: Muhammad, o mensageiro de Allah, p. 343.

da água fresca... todo livro publicado na Europa na época teve suas páginas absorvendo das fontes árabes e assimilando suas indicações. O impacto foi muito claro não só nas palavras traduzidas em árabe, mas também em seu conteúdo e ideias”<sup>838</sup>.

- Sigrid também diz: “Este salto surpreendente e rápido na escada da civilização – que os filhos do deserto fizeram a partir do zero – merece ser levado em consideração na história do pensamento humano. Suas posteriores conquistas científicas que fizeram deles senhores dos povos civilizados foram singulares, a ponto de serem grandes demais para serem comparadas com outras conquistas. Isto convida-nos a perguntar: como foi que isso aconteceu”<sup>839</sup>?
- M. Sedillot diz: “A sociedade islâmica não testemunhou a estreiteza mental, a paralisia do pensamento, a esterilidade da alma e a luta contra a ciência e os cientistas que a Europa assistiu. A história diz que 32 mil estudiosos foram queimados vivos! Não existe nenhuma dúvida de que a história do Islam jamais conheceu essa perseguição terrível contra a liberdade de pensamento. De fato, os muçulmanos tinham um conhecimento exclusivo da ciência nestes tempos sombrios. Nenhuma religião obteve o controle total da autoridade, e ao mesmo tempo, deu àqueles que possuem crenças diferentes todos os meios de liberdade, como fez o Islam”<sup>840</sup>.
- Carra de Vaux diz: “Os árabes se elevaram com a vida racional e estudo científico ao mais alto nível, no momento em que o mundo cristão estava lutando desesperadamente para se libertar dos estratagemas e das algemas da barbárie. Os árabes chegaram ao seu pico de atividade (que continuou até o século XV) nos séculos IX e X. A partir do século XII em diante, Marraquexe e o Oriente Médio foram o destino de todos os ocidentais que tinham interesse e gosto pela ciência. Nesse período, os europeus começaram a traduzir as obras dos árabes, assim como os árabes haviam traduzido as obras dos gregos”<sup>841</sup>.
- O escritor francês Maurice Bucaille diz em seu livro (A Torá, a Bíblia, o Alcorão e a ciência): “Nós sabemos que o Islam olha para a ciência e para a religião como gêmeos, que o refinamento da ciência foi parte das instruções religiosas desde o início, e que a aplicação desta

838 Sigrid Hunke: *Shams Al Arab Tasta' ala Al Gharb*, p. 305, 306.

839 *Idem*, p. 354.

840 Hassan Shamsi Basha: *Assim eles eram quando nós éramos*, p. 83.

841 Carra de Vaux: *Astronomia e matemática, uma pesquisa publicada no livro “Turath Al Islam” (Patrimônio do Islam)*, livro sob a supervisão de Arnold, p. 564.

- regra levou ao avanço incrível na época da grande civilização islâmica, da qual o Ocidente se beneficiou antes do seu renascimento”<sup>842</sup>.
- Sobre o impacto da crença monoteísta islâmica sobre a mentalidade do povo indiano e suas religiões, o ex-embaixador indiano no Egito, Bani Karr, diz: “É evidente que o impacto do Islam sobre a fé hindu era profundo nesta época (islâmica). A ideia de adorar a Deus entre os hindus é uma dívida com o Islam. Os líderes de pensamento e de religião nesta época, mesmo dando nomes diferentes a seus deuses, chamaram para a adoração a Deus e declararam que Deus é um só, que Ele merece ser adorado, e que d’Ele se roga a sobrevivência e a felicidade. Este impacto apareceu nas religiões e pregações que surgiram na Índia na época islâmica, como a fé “Bhagti” e a missão chamada (Kabir)<sup>843</sup>.
  - Depois de analisar a maioria dos aspectos da civilização islâmica, o grande historiador francês Sedillot conclui: “E assim, se esclareceu o impacto dos árabes em todos os ramos da moderna civilização europeia”<sup>844</sup>.
  - Termina este capítulo com uma palestra proferida pelo príncipe Charles, herdeiro do trono da Grã-Bretanha, no Centro de Estudos Islâmicos, em Oxford, sob o título “O Islam e o Ocidente”, no qual ele disse literalmente: “Se houve um grande mal entendimento no Ocidente sobre a natureza do Islam, há também uma quantidade similar de ignorância do que a nossa cultura e civilização deve ao mundo islâmico... A Espanha na época dos muçulmanos não só recolheu e preservou o conteúdo intelectual da civilização grega e romana, mas explicou esta civilização e se expandiu com ela. E ofereceu contribuições importantes em muitos campos da pesquisa em ciências humanas, astronomia, matemática, álgebra – que é uma palavra árabe-, legislação, história, medicina, farmacologia, óptica, agricultura e arquitetura. No século X, Córdoba era a cidade mais civilizada da Europa. Além disso, muitas das vantagens das quais a Europa moderna se orgulha vieram originalmente da Espanha durante o domínio islâmico. A diplomacia, a liberdade de comércio, a abertura das fronteiras, os métodos de pesquisa acadêmica, as ciências humanas, códigos de comportamento, desenvolvimento da moda, a medicina alternativa e os hospitais, todos vieram daquela

842 Waheed Khan Eddin: *Al Islam Yatahda (O Islam Desafia)*, p. 14.

843 Uma análise da história indiana, p. 132.

844 Sedillot: *História geral dos árabes*, p. 381.



grande cidade. Além disso, o Islam pode nos ensinar uma maneira de entender e viver no mundo, algo que a fé cristã perdeu, fato que causou o seu enfraquecimento. Em sua essência, o Islam mantém uma visão abrangente do Universo. O Islam rejeita a separação entre o homem e a natureza, a religião e a ciência, a mente e o material. Esse sentimento importante do monoteísmo e da tutela sobre a natureza santa e espiritual do mundo que nos rodeia é uma coisa importante que podemos aprender novamente a partir do Islam”<sup>845</sup>.

Aqueles que desejam ler mais sobre a influência da civilização islâmica sobre o Renascimento europeu moderno deve verificar o capítulo seis de *Tarikh Al-Arab Al-'Am* (História geral dos árabes) por Sedillot, que tem o título (Descrição da civilização árabe). E também, a parte cinco, com seus dez capítulos sobre “a civilização dos árabes” (*wasf Al-hadharah Al-árabiyah*) por Gustave Le Bon. Outra referência é o livro de Sigrid Hunke “*Shams Al-Arab tasta' ala Al-Gharb*” (o sol dos árabes resplandece sobre o Ocidente), que é inteiramente sobre o reconhecimento das contribuições da civilização islâmica à civilização ocidental. A lista de fontes e referências recolhidas pelo grande cientista George Sarton para seu livro *Muqadimat fi Tarikh Al-'ulum* (Introdução a História das Ciências) também pode ser verificada.

Talvez isso e muito mais, sem dúvida, mostra a originalidade, progresso e excelência da civilização islâmica, que foi particularmente abrangente e desenvolvida, foi realista e aberta. Isso também pode mostrar a grande contribuição da civilização islâmica feita na jornada da civilização humana e na fundação da moderna civilização ocidental. Talvez seja hora de se lembrar desses fatos, na esperança de que eles serão úteis para uma nova ascensão.

---

845 Palestra: O Islam e o Ocidente. Palestra proferida no Centro de Estudos Islâmicos de Oxford, em 27 de outubro de 1993. A embaixada britânica em Damasco distribuiu o texto traduzido que foi então publicado a expensas do príncipe Charles em um pequeno livreto.

## Conclusão

---

Depois desta rápida excursão nas profundezas da história islâmica e entre os caminhos da nossa maravilhosa civilização, devemos observar e interrogar... o que iremos fazer depois deste conhecimento? Qual o nosso papel como muçulmanos preocupados com a nossa nação e zelosos em seu presente e futuro?

**A primeira etapa deste nosso papel é** entender, de maneira prática, que o progresso desta nação e o seu sucesso residem no seguir do Alcorão e da Sunnah. Estas não são palavras sentimentais desprovidas de argumentos, assim como não são palavras de pessoas isoladas que não sabem nada da realidade. Estas são as palavras da inteligência, da lógica, da prova e do argumento... nós lemos nas páginas deste livro sobre a superioridade da civilização islâmica em todos os aspectos da vida, e esta superioridade não foi limitada ao oratório onde se cumprem as orações ou aos campos de batalha. Nós vemos esta superioridade em todos os assuntos da vida humana, sejam eles de pequeno ou de grande porte. A experiência islâmica teve um sucesso sem precedentes, e nós temos a convicção de que também é sem sucedentes. É um exemplo singular que inovou na crença e pensamento, nas artes e educação, nas ciências e experiências, na moral e valores, nos sistemas e fundações, na paz e nas guerras... e esta experiência distinta se baseou em todas as suas etapas sobre bases claras do Alcorão e da Sunnah.

Então, se desejamos retornar a esta disposição brilhante da vida não temos outra alternativa senão retornarmos à religião de Deus e vivermos conforme o Seu decreto... ***[E não é admissível a crente algum nem a crente alguma – quando Allah e Seu mensageiro decretam uma decisão –, que a escolha seja deles, por sua própria decisão. E quem desobedece a Allah e a Seu mensageiro, com efeito, se descaminhará com evidente descaminho]*** (Al Ahzab: 36). E podemos observar que o evidente descaminho citado no versículo é o oposto da civilização, é a situação de confusão e seu motivo é a desobediência a Allah e ao Seu mensageiro, ou seja, o abandono do Alcorão e da Sunnah. Este entendimento é confirmado pelo dizer do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele): “Deixei

entre vós dois assuntos. Jamais se perderão enquanto estiverem apegados a eles: O Livro de Allah e a minha Sunnah”<sup>846</sup>.

Portanto, o nosso primeiro papel é o retorno sincero à religião em seu conceito integral e abrangente. Este retorno garantirá a orientação depois da perda, a liderança depois da dependência, a civilização depois da barbárie, assim como nos garantirá além da felicidade na vida terrena, a felicidade da Vida Eterna. E meu Senhor declarou a verdade ao dizer: *[A quem faz o bem, seja homem ou mulher, enquanto crente, certamente, fá-lo-emos viver vida benigna. E Nós recompensá-los-emos com prêmio melhor que aquilo que faziam]* (Al Nahl: 97).

**O segundo papel após esta viagem é:** nos empenhar o suficiente para conhecer as nossas origens e nossas raízes... não basta para isso um pequeno livreto, nem páginas contadas, nem mesmo um volume ou um capítulo. Nós, simplesmente, precisamos dedicar nossos tempos – ainda mais, nossa vida – para a leitura desta gloriosa história, para o estudo de suas etapas e de todos os seus aspectos. Nós abrimos páginas muito resumidas neste livro, e precisamos mergulhar depois delas no enorme patrimônio que os sábios sinceros e os grandes pensadores deixaram para nós. Precisamos ler os capítulos sobre a família, os direitos, a política, o pensamento, a economia, a justiça, as artes, a estética, entre outros capítulos e partes... precisamos conhecer nossos sábios singulares, nossos antepassados gloriosos, como eram as suas vidas, como entenderam a religião, como governaram a vida com a religião. A história contém tesouros incalculáveis, riquezas intermináveis, e se esta conclusão é correta na descrição de toda história, então no caso da história do Islam é mais correto, mais preciso e mais profundo.

**Em seguida, a terceira etapa é** transferir esta história com todas as suas riquezas para todos os humanos. O mundo hoje desconhece a nossa história e a nossa civilização, ainda pior, sabem de nós coisas distorcidas e uma história denegrida. Isso, por consequência, resulta em apreensão e medo, resulta em zombaria e escárnio, ainda pode levar a guerra e agressão... o ser humano, naturalmente, é inimigo daquilo que desconhece, então por que atraímos a inimizade do mundo por ignorarem a nossa realidade? Até mesmo, se não encontrarmos a inimizade e o ódio deles, será que

---

846 Relatado por Malik em Al Muattá (1594), Al Baihaqi em Al Sunan Al Kubra (20833), Al Daraqutni (4665), Al Hakim (319). E autenticado por Al Albani. Veja: Sahih Al Jami' (5248).

não somos responsáveis em convidá-los ao Islam e esclarecer o bem que nele existe?

Por isso, ao apresentar as maravilhas desta civilização convidamos todo ser humano, seja qual for a sua crença, a conhecer ainda mais sobre a nossa religião e a fazer parte dessa nobre crença pura e genuína. A eterna mensagem islâmica não foi revelada apenas ao povo da Península Árabe. Desde o seu primeiro dia, ela foi revelada para todo o Universo.. Disse Allah (exaltado seja): **[E não te enviamos senão como misericórdia para a humanidade]** (Al Anbiá: 107). E disse o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele): “E cada profeta era enviado ao seu povo em específico, e fui enviado para os humanos em geral”<sup>847</sup>. Este entendimento requer de nós um movimento inquietante no Universo, para carregar esta religião eterna e esta civilização nobre para os humanos. Também devemos defender a nossa história das suspeitas, abolir os erros atribuídos a ela, destacar para a humanidade o que nós oferecemos para ela, esclarecer aos humanos as contribuições que demos em suas vidas. Aí então, todos saberão que a razão deste progresso é esta nobre religião. Aqui há um convite inigualável e uma mudança dos pensamentos dos habitantes da Terra. Observem o que disse Bodlly<sup>848</sup>, por exemplo, após estudar a civilização islâmica e conhecer a história do Islam... admirado, ele disse: “Eles (os muçulmanos) eram como a água da chuva que irriga o local onde desce. A era da vida na Europa é crédito dos companheiros de Muhammad (a paz esteja com ele), que carregaram a chama da cultura, quando a Europa estava mergulhada nas trevas da Idade Média”<sup>849</sup>.

Este testemunho é grandioso em diversos aspectos: ele elogia o bem com o qual os muçulmanos se caracterizam, também agradece o trabalho, a cultura e a civilização deles e, além disso, qualifica o movimento dos muçulmanos com a benfeitoria a todos os lugares. Isso, depois deles entenderem o papel do qual foram incumbidos, como uma nação que carrega a última mensagem. Em seguida, ele qualifica o vazio das outras civilizações em comparação à civilização dos muçulmanos, e mais profundo que isso tudo, é a atribuição desta virtude ao mensageiro de Allah (a paz esteja com

847 Al Bukhari, da narração de Jabir ibn Abdullah: Kitab Al Taiammum (Livro da Ablução Alternativa) (328). E Muslim: Kitab Al Massajid wa Al Mauadhi' Salat (Livro das Mesquitas e Locais de Oração).

848 Ronald Bodlly: Estudioso britânico, piloto, se juntou ao exército britânico em 1908. Chegou ao posto de coronel. Serviu na unidade do exército britânico no Iraque, em seguida na Jordânia em 1922. Foi conselheiro do sultanato de Misqat em 1924. Foi o primeiro a atravessar o quadrante vazio e descobrir os seus segredos em 1930 – 1931. Quando terminou o serviço militar foi morar com os árabes do deserto e escreveu muito sobre o deserto e sobre o Oriente. Dentre os seus livros mais famosos: “O mensageiro, a vida de Muhammad”. Ele também foi tradutor para o idioma árabe. Outras de suas obras: Wind in the Sahara, The soundless Sahara.

849 Ronald Bodlly: O mensageiro, a vida de Muhammad, p. 147.

ele), que ensinou seus companheiros todas estas bases, valores e ciências, e assim, tudo isso se transferiu para os seus filhos e netos.

É um testemunho valioso e maravilhoso... principalmente porque combina com o que foi citado pelo mensageiro de Allah (a paz esteja com ele), que disse: “O exemplo do meu envio, da parte de Deus, com a orientação e o conhecimento é o exemplo de uma chuva abundante que caiu sobre uma terra, uma parte dela é fértil, aceitou a água e nela brotou muito verde e plantação. E parte dela é plana e reteve a água, então Allah beneficiou com isso as pessoas, beberam, irrigaram e plantaram. E esta chuva também caiu sobre outra parte da terra, que é árida, não retém água, nem faz brotar planta alguma. Este é o exemplo de quem entendeu a religião de Allah e ele se beneficiou com aquilo com o qual Allah me enviou, então ele aprendeu e ensinou...”<sup>850</sup>.

Porém... pergunte a si mesmo... como ele iria dar este testemunho sem estudo nem conhecimento?! E pergunte a si mesmo também: Quantos dos não muçulmanos conheceram o que Bodlly conheceu?!

Não é possível que este testemunho se transforme em testemunhos?!

Não é possível também que testemunhos iguais a este tornem-se chaves para os corações e para as mentes dos não muçulmanos?!

Este entendimento nos confia uma grande responsabilidade, que é se movimentar com esta religião em direção a todos os humanos. Nós somos os seguidores do último dos mensageiros (a paz esteja com todos eles), e fomos encarregados com a responsabilidade da transmissão depois dele: “Pode ser que um transmissor seja mais consciente que um ouvinte”<sup>851</sup>. “Pode ser que um transmissor de um conhecimento o transmita a quem é mais inteligente que ele, e pode ser que um transmissor de um conhecimento não seja conhecedor”<sup>852</sup>.

**O último ponto que desejo indicar na conclusão deste livro é** que devemos agradecer amiúde a Allah por nos ter criado muçulmanos. Nós temos o orgulho e a glória para sempre por Ele nos ter determinado esta religião e nos ter feito seguidores do mestre dos mensageiros e do melhor de todos os humanos (o profeta Muhammad, a paz esteja com ele). Também nos sentimos orgulhosos por termos esta história iluminada e esta civilização pura. Chegou a hora de levantarmos nossas cabeças elevadamente e declararmos a todas as pessoas que – graças a Allah – somos muçulmanos!

850 Al Bukhari, da narração de Abu Mussa: Kitab Al Ilm (Livro do Conhecimento) (79). E Muslim: Kitab Al Fadha'il (Livro das Virtudes) (2282).

851 Al Bukhari: Kitab Al Hajj (Livro do Hajj) (1654).

852 Abu Daud (3660), Al Tirmizhi (2656) e Ahmad (16784).

Eu me desaponto muito quando vejo um jovem muçulmano se escondendo para que não seja reconhecido como muçulmano. Às vezes, tenta imitar os ocidentais ou os orientais, seja em suas vestes, em seus idiomas ou até mesmo em seus entretenimentos e brincadeiras, desejando se arrancar de sua pele e fugir de sua realidade!

Eu me desaponto muito quando vejo esta amarga realidade, e percebo desde o primeiro momento que estes jovens não sabem nada de suas histórias, não leram nenhuma página de sua civilização. Porque se fosse assim, se tivessem conhecido, se tivessem lido, a situação iria se transformar.

Os frustrados não transformam. E os desesperados não reformam...

E não iremos fazer voltar esta civilização de ouro senão com espírito orgulhoso e moral elevada, com poder sem ostentação e com força sem corrupção...

*E dentre aquilo que me acrescentou honra e poder  
E cheguei a quase pisar nas estrelas*

*Eu estar sob o Teu dizer: “Ó Meus servos”  
E Tu ter feito Ahmad para mim um profeta<sup>853</sup>.*

Este é o espírito que pode carregar esta mensagem, e esta é a alma digna desta civilização. Desejamos ser participantes na construção de um mundo melhor e não temos dúvida que o muçulmano, como indivíduo ou grupo, pode e deve realizar isso, assim como não temos dúvida que o retorno dos muçulmanos à liderança do mundo tornar-se-á uma realidade, porém, tudo o que desejamos é ser participantes nessa construção... **[E dizem quando será isso? Dize: Quiçá, seja bem próximo]** (Al Isrá: 51).

E rogamos a Allah que conceda o sucesso aos muçulmanos e a toda a humanidade.

**Dr. Ragueb El Serjani**

## Referências Bibliográficas

- A.D. White: Uma História da Guerra da Ciência com a Teologia na Cristandade.
- Abd Al Aal Ahmad Abdul Aal: Solidariedade Social no Islam.
- Abd Al Aziz Al Duri: Al Nud. Hum Al Islamiyah (Os sistemas islâmicos).
- Abd Al Ghani Mahmud Abd Al Ati: Al Ta'lim fi Misr Zaman Al Ayyubin wa Al Mamalik (A Educação no Egito na época dos Ayyubis e mamelucos).
- Abd Al Hadi Al Tazi: Ahada Ashra Qarnan fi Jami'at Qazwin (Onze séculos na Universidade do Mar Cáspio).
- Abd Al Hadi Muhammad Rida: Nizam Al Mulk.
- Abd Al Maqsud Abd Al Ghani: Fi Al Falsafah Al Islamiyah (sobre a filosofia islâmica).
- Abd Al Mun'im Al Nimr: Al Islam wa Al Mabadi Al Mustawradah (O Islam e os princípios importados).
- Abd al Mun'im Majid: Tarikh Al Hadarah Al Islamiya fi Al usur Al Wusta (a história da civilização islâmica na Idade Média).
- Abd Al Mu'ti Al Dalati: Rabihtu Muhammadan wa lam Akhsar Al Masih (Eu ganhei Muhammad, mas não perdi Jesus).
- Abd Al Qadir Al Nu'aymi: Al Daris fi Tarikh Al Madaris (pesquisador da história das escolas).
- Abd Al Rahman Hassan Habannakah: A Civilização Islâmica.
- Abd Al Rahman Umayrah: Al Istratijyah Al Harbiyah fi Idarat Al Ma'arik fi al Islam (a estratégia militar para a gestão de batalhas no Islam).
- Abd Al Wadud Shalabi: Fi Mahkamat Al-Tarikh (No Tribunal da História).
- Abdallah Ilwan: Maalim Al Hadarah fi Al Islam wa atharuha fi Al Nahdah Al Orobiyah (Marcos da civilização no Islam e seus efeitos sobre o renascimento europeu).
- Abdul-Rahman Al-Misri: Futuh Misr wa Akhbaruha (conquistas e notícias do Egito).
- Abdel Halim Montaser: Tarikh Al Elm wa Dour Al Ulema Al Arab fi Taqadumeh (História da ciência e o papel dos cientistas árabes em seu progresso).
- Abdel Hamid Sabrah: Filhos de Mussa ibn Shakir, conteúdo do livro intitulado “Engenho da civilização árabe, a fonte do Renascimento Europeu”, editado por RB Winder.
- Abdul Hayi Zallum: O Novo Império do Mal.
- Abdul Karim Zaidan: Al Shari'ah Al Islamiyah wal Qanun Al Dauli (A Lei Islâmica e a Lei Internacional).
- Abdul Mun'im Majid: Tarikh Al Hadarah Al Islamiya fi al `usur al wusta (História da Civilização Islâmica na Idade Média).
- Abdul Mun'im Safu: Ta'lim Al Tib indal Arab (o ensino da medicina entre os árabes), pesquisas da assembleia científica da associação síria de história das ciências.
- Abdul Rahman Humaidah: Os geógrafos árabes famosos.
- Abdul Razzaq Al Kailani: Min mauaqif udhamá al muslimin (Dentre as atitudes dos grandes muçulmanos).

Abdul Razzaq: Al Mussannaf (os classificados).

Abdul-Baqi Khalifa: Al Athar Al Tarikhia Fi Al-Balqan (Monumentos Históricos nos Balcãs), pesquisa publicada no jornal Asharq Al-Awsat, 25 de novembro de 2008.

Abdullah Al Mashukhi: Mawqif Al Islam Al wa Kanisah min Al Ilm (a posição do Islão e da igreja sobre o conhecimento).

Abdullah ibn Abd Al Rahman Al Rubai'i: Athar Al Sharq Al Islami fi al Fikr Al Urubbi Khilal Al Hu-rub Al Salibiyah (A Influência do Oriente Islâmico no pensamento europeu durante as Cruzadas).

Abu Abdullah Zarkashi: Al Burhan fi Úlum Al Qur'an (O Argumento nas Ciências do Alcorão).

Abu Al Abbas Al Nassiri: Al Istiqsa fi Akhbar Duwal Al Maghrib Al Aqsa (Relatório das notícias dos países do Extremo Oeste).

Abu Al Alaa Afifi: Al Tasawwuf Al Thawwrah Al Ruhiyah fi Al Islam (o sufismo, a revolução es-piritual no Islam).

Abu Al Hassan Al Nadawi: Al Islam ua Atharuhu fil Hadharah ua Fadhluhu ála Al Inssaniah (O Islam, seu impacto sobre a civilização e sua virtude sobre a humanidade).

Abu Al Hassan Al Nadawi: Maza Khasira Al Alam bi Inhitat Al Muslimin (O que o mundo perdeu com a decadência dos muçulmanos).

Abu Al Hassan ibn Bassam: Al Zhakhira Fi Mahasin Ahl Al Jazira.

Abu Al Munzhir Hisham ibn Muhammad ibn Al Sa'ib Al Kalbi: Kitab Al Asnam (Livro sobre os Ídolos), analisado por Ahmad Zaki Basha.

Abu Al Rabi' Al Andalusi: Al Iktifa 'bima Tadamanahu min Maghazy Rasulullahi wa Al Thalathah Al Khulafa (Batalhas do profeta e dos três califas).

Abu Al Tayib Al Lughawi: Maratib Al-Nahawyin.

Abu Al Wafa Al Taftazani: Dirasat fi Al Falsafah Al Islamiyah (Estudos em Filosofia Islâmica).

Abu Bakr Al Tartushi: Siraj Al Muluk.

Abu Haiyan Al Andalusi: Tafsir Al Bahr Al Muhit.

Abu Hatim Al Razy: Al Jarh wa Al Ta`dil.

Abu Hayyan: Tafsir Al Bahr Al Muhit.

Abu Ishaq Al Qayrawany: Zahar Al Adab wa Thamar Al Albab.

Abu Muhammad Abdullah ibn Musslim ibn Qutaibah Al Dinwary: Al Imamah wa Al Siyasa (O Imamoto e a Política), conhecido como Tarikh Al Khulafa (A História dos califas).

Abu Nu`aim: Hilyat Al Awliya.

Abu Omar Al Kindi: Al Wulat wal qudat

Abu Shamah Al-Maqdisy: Al Rawdatayn fi Akhbar Al Nuriyah wa Al Salahiyah.

Abu Yussuf ibn Ya`qub Sufian Al Faswy: Al Ma`rifah wa Al Tarikh (Conhecimento e História).

Abu Zaid Shalabi: Tarikh Al Hadarah Al Islamiya wa Al Fikr Al Islami (História da Civilização Islâmica e Pensamento Islâmico).

Adam Metz: A Civilização Islâmica no quarto século da Hégira.

Adel Awadh: A cidade árabe islâmica e a cidade europeia, Revista de Ciência e Tecnologia, Instituto de Desenvolvimento Árabe, Edição 27, 1992.

Adnan Al Khatib: Al Mu'jam Al Árabi bain Al Had.Hir wal Mad.Hi.

Afif Tayiarah: O espírito da religião islâmica.

Ahmad Ahmad Ghalush: Al Nizam Al Siyasi fi Al Islam (o sistema político no Islam).

Ahmad Ali Al Mulla: Athar Al Ulama Al Muslimin fi Al hadarah Al urubiyah (Impacto dos estudiosos islâmicos na civilização europeia).



- Ahmad Amin: Fajr Al Islam (A Alvorada do Islam).
- Ahmad Darwish: Nazaryat Al Adab Al Moqaran (Teoria da literatura comparada e suas manifestações na literatura árabe).
- Ahmad Fouad Basha, Al Turath Al Elmi Al Islami (O Patrimônio Científico islâmico).
- Ahmad ibn Abdullah Al Qalqashandi: Ma'athir Al Inafah fi Ma'alim Al Khilafah.
- Ahmad Mukhtar Omar: Al Bahth Al Lughawi Inda Al Arab.
- Ahmad Shalabi: Comparação entre as religiões.
- Ahmad Shalabi: Enciclopédia da civilização islâmica, em dez volumes.
- Ahmad Zaki Badawi: Mujam Al Mostalahat Al Ijtemayah (Dicionário de termos sociais).
- Akram Abdel Wahab: mi'at Alem Ghayaro Wajh Al Alam (Cem cientistas que mudaram o mundo).
- Akram Al Omari: Al Asr Khilafah Al-Rashidah (era do califado ortodoxo).
- Al Aajurry: Akhbar Abi Hafs Omar Ibn Abdul-Aziz (Biografia de Omar ibn Abdul-Aziz).
- Al Abdullah Mashukhi: Mawqif Al Islam wa Al Kanisah min Al Ilm.
- Al Adhim Abadi: Aun Al Ma'bud.
- Al Ajlany: Abqariyyat Al Islam fi Usul Al Hukm (A genialidade do Islam nos princípios de Governo).
- Al Amri: Massalik Al Abssar fi Mamalik Al Amsar, citado por: Hassan Ali Hassan Al Hadara Al Islamia fi Al Maghreb wa Al Andalus (A civilização islâmica no Marrocos e Andaluzia).
- Al Aqqad: Allah.
- Al Asfahani: "Shuzhuarat Al Zhahab".
- Al Babani: Hidayat Al Arifeen (A orientação dos conhecedores).
- Al Baghdadi: Khizanatul Adab.
- Al Baihaqi: Al Sunan Al Kubra.
- Al Baihaqi: Dalail Al Nubuawah (Evidências da Profecia).
- Al Baihaqi: Shu'ab Al Iman (Ramos da Fé).
- Al Balad.Hiry: Ansab Al Ashraf.
- Al Bayoumy Ismail: Al Nuzhum Al Maliyah fi Misr wa Al Sham Zaman Salatin Al Mamalik (O Sistema Financeiro no Egito e na Síria na época dos sultões mamelucos).
- Al Bukhari: Al Adab Al Mufrad.
- Al Fakhr Al Razi: Al Tafsir Al Kabir.
- Al Faswi: Al Ma `rifah wa Al Tarikh (O Conhecimento e a História).
- Al Fasy: d.Hail Al Taqiyid fi Ruwat Al Sunan wa Al Asanid.
- Al Fayruz Abadi: Al Bulgha fi Tarajum Aimat Al Nahw wal Lugh.
- Al Ghazali: Al Munqiz min Al d.Halal (O salvador da desorientação).
- Al Ghazali: Ihya `Ulum Al Din (O Renascimento das Ciências da Religião).
- Al Ghazali: Raka'iz Al Iman bain Al Aql ua Qalb (Pivôs de fé entre a mente e o coração).
- Al Haithami: Majma' Al Zauaid wa Manba'Al Fauaid.
- Al Hakim: Al Mustadrak.
- Al Hamawi: Mu'jam Al Udabá.
- Al Harith Al Muhasibi: Adab Al Nufus.
- Al Hassan Al Sa'ih: Al Hadarah Al Maghribiyah (A Civilização marroquina).
- Al Himiari: Al Rauddh Al Mi'tar (O Livro do Jardim Perfumado).

- Al Himiari: Descrição da Ilha da Andaluzia.
- Al Humaydi: Jazwat Al Muqtabas.
- Al Humayri: Al Rawd Mi'tar (jardim perfumado).
- Al Huqail: Os Direitos Humanos.
- Al Hussaini, Zhail Tazkirat Al Huffaz.
- Al Iafi': Mir'at Al Jinan.
- Al Idrissi: Nuzhat Al Mushtaq Fi Ikhtiraq Al Afaq.
- Al Jazari: Al Jami Baina Al Ilm wa Al Amal Al Nafi fi Sina'at Al Hiyal (Livro do Conhecimento e Prática Útil no Engenho da Mecânica).
- Al Jihshiari: Al Wuzará wal Kuttab (Os Ministros e os Escribas).
- Al Kasani: Bada'i Al Sana'i.
- Al Kattani: Al Taratib Al Idariah.
- Al Khalil ibn Ahmad: Mu'jam Al Ayn, verificada por Abdel Hamid Hindawi.
- Al Khashni: Qudat Qurtubah (os juizes de Córdoba).
- Al Khatib Al Baghdadi: Al Jami li Akhlaq Al Rawi wa Adab Al Sami' (A Conduta do narrador e o Comportamento do Ouvinte).
- Al Khatib Al Baghdadi: Tarikh Bagdá (A história de Bagdá).
- Al Khatib Al Tabrizi: Al Wafi fi Al Urud wal Qawafi.
- Al Khatib Ashirbini: Muhtaj al Mughni.
- Al Kindi: Al Wulah wa Al Qudah (governantes e juizes).
- Al Kittani: Al Taratib Al Idariyyah (Sistemas de Gestão).
- Al Kutby: Fawat Al Wafayat.
- Al Manawi: Fayd Al Qadir (os subsídios abundantes do Onipotente).
- Al Maqarri: Al Suluk (O comportamento).
- Al Maqarri: Nafh Al Tib.
- Al Maqrizi: Al Khutat wa Al Athar.
- Al Maqrizi: Al Mawa'iz wa Al P'tibar.
- Al Maqrizi: Al Suluk le maarifat duwal Al muluk (O Comportamento para conhecer os Estados dos reis).
- Al Maqrizi: Itti'az Al Hunafa.
- Al Marrakeshi: Al Mu`jib fi Talkhis Akhbar Al Maghrib.
- Al Mawardi: Al Ahkam Al Sultaniyyah (As Leis Governamentais).
- Al Mawardi: Adab Al Din wal Dunia (Boas Maneiras da Religião e da vida mundana).
- Al Mawardi: Adab Al Qadi (a conduta do juiz).
- Al Mizzi: Tahzhib Al Kamal.
- Al Mubarakfuri: Tuhfatul Ahuzhi bisharh jami' Al-Tirmizhi.
- Al Muttaqui Al Hindi: Kanzul Úmmal (O Tesouro dos Trabalhadores).
- Al Nabahi: Tarikh Qudat Al Andalus (a história dos juizes da Andaluzia).
- Al Nassiri: Al Istiqsa li Akhbar Al Maghrib Al Aqsa, 5 / 188.
- Al Nawaui: Al Minhaj Fi Sharh Sahih Muslim ibn Al Hajjaj (O Sistema na Interpretação da Coletânea de Muslim ibn Al Hajjaj).
- Al Nu`Aimy: Al Daris fi Tarikh Al Madaris (História da Educação).
- Al Nuwayry: Nihayat Al Arab fi Funun Al Adab.

- Al Qal'î: Tahzib Tartib Al Riyasah wa Al Siyasah.
- Al Qalqashandi: Ma'athir Al Inafah, 1 / 176.
- Al Qalqashandi: Subh Al A`sha fi Sina't Al Insha.
- Al Qanugi: Abjad Al Ulum (Dicionário de Ciências).
- Al Qarafi: Al Zakhirah.
- Al Qazwini: Athar Al wa Bilad Akhbar Al Íbad (traços dos países e as notícias dos servos).
- Al Qurtubi: Al Jami' li Ahkam al Qur'an.
- Al Razi: Al-Hawy fi Al Tibb.
- Al Razi: Al Tafsir Al Kabir.
- Al Sa'di: Taisir Al-Rahman Al-Karim.
- Al Safadi: Al Wafi bil Wafiyat.
- Al Sakhawi: Fath Al Mughith.
- Al Salabi: Al Dawlah Al Umawiyah (A dinastia omíada).
- Al Salabi: Dawlat Al Murabitin (A dinastia dos Almorávidas).
- Al Salihi Al Shami: Subul Al Huda ual Rashad fi Sirat Khayr Al Ibad.
- Al Sam'ani: Adab Al Imlá wal Istimlá.
- Al Samarra'i: Al Mu'assasat Al Idariyah fi Al Dawlah Al Abbasiyah (As instituições administrativas na dinastia abássida).
- Al Sanhuri: Fiqh Al Khilafah (regras de governo).
- Al Sha`kah: Al A`imah Al Arba`ah (Os quatro imams).
- Al Shabushti: Al Diyarat (os mosteiros).
- Al Shafi'i: Al Um.
- Al Shahrستاني: Al mila wa Al nihál (As religiões e seitas).
- Al Shizari: Al Manhaj Al fi Masluk Siyasat Al Muluk (o método adotado na política dos reis).
- Al Subki: Tabaqat Al Shafi'iyah Al Kubra (biografia de personalidades Shafi'i) 4 / 64.
- Al Suhayli: Al Rawd Al Anif.
- Al Suiuti: Bughyat Al Wu`ah fi Tabaqat Al Lughawiyyin wa al Nuhah (O desejo dos conscientes sobre as camadas de linguistas e gramáticos).
- Al Suiuty: Husn Al Muhadarah (A melhor maneira de Docência).
- Al Tabari: Jami' Al Baian fi Ta'wil Al Qur'an (exegese do Alcorão).
- Al Tabari: Tarikh Al Umam wa Al Muluk (História das Nações e Reis).
- Al Tahawy: Sharh Mushkil Al Athar.
- Al Tanukhi: Al Faraj ba`da Al Shiddah (A prosperidade após a adversidade).
- Al Ya`qubi: Tarikh Al Ya`qubi.
- Al Ya'fi: Miraat Al Jinan wa Ibrat Al Yaqzan fi Marifat Hawadith Al Zaman.
- Al Zahrani: Nidham Al waqf (O sistema de waqf).
- Al Zamakhshari: Al Fa'iq fi Gharib Al Hadith wa Al Athar.
- Al Zhahabi: Al Ibar.
- Al Zhahabi: Siar A`lam Al Nubala (Biografias dos nobres sábios).
- Al Zhahabi: Tarikh Al Islam (História do Islam).
- Al Zhahabi: Tazhkirat Al Huffadh.
- Al Zirikli: Al A`alam.

- Al Zubaidi: Taj Al Árus min Jauahir Al Qamus.
- Al-Biruni: Tahqiq Ma lil Hind (Estudando a Índia).
- Alexis Carrel: O ser humano, tal desconhecido.
- Ali Abdullah Al Difa: Al-Ulum Al-Bahtah fi Al Hadarah Al Arabiyah Al Islamiya (As ciências exatas na civilização árabe e islâmica).
- Ali Abdullah Al Difa: Muhtaker Elm Al Jabr (O inventor da Álgebra).
- Ali Abdullah Al Difa: Os pioneiros da medicina na civilização islâmica.
- Ali Abdullah Al Difa: Rawa'i Al Hadarah Al Arabiyah Al Islamiya fi Al Ulum (Maravilhas da civilização árabe e islâmica nas ciências).
- Ali ibn Burhan Al Din Al Halabi: Al Sirah Al Halabiah (A Biografia de Halab).
- Ali ibn Naif Al Shahud, Al Hadarah Al Islamiya Bayna Asalat wa Al Madi Aamal Al Mustaqbal (a civilização islâmica entre a realidade do passado e as esperanças do Futuro).
- Ali Ibrahim Al Qala: Nuzhum Al Hadarah Al Islamiya (Sistemas de Administração da Civilização Islâmica).
- Ali Muhammad Al-Salabi: Al-Dawlah Al-Uthmaniyyah Awamil `al-Nuhud wa Asbab Al-Suqut (O Império Otomano, Fatores de Progresso e Causas da Queda).
- Ali Sami Al Nashar: Nash'at Al Al Fikr Falsafi fi Al Islam (O nascimento do pensamento filosófico no Islam).
- Al-Subki: Tabaqat Al-Shafi'yah.
- Amir Al Naggar: Sobre a História da Medicina durante o reino islâmico.
- Amr Al Asad: Malim Al Qafiyah wal Urud.
- Amr Khalid: Al Saber wa Al Zhauq (A paciência e regras de etiqueta).
- André Carsh: O Problema moral e os filósofos.
- Anuar Al Jundi: Bimazha Intassaral Musslimun (Com o que os muçulmanos venceram?).
- Anwar Al Rifa'i: Al Insan Al Arabi wal Hadarah (O homem árabe e a civilização).
- Arif Abd Al Ghani: Nizam Al Ta'lim ind Al Muslimin (sistema de educação dos muçulmanos).
- Arthur Christensen: O Irã na era dos sassânidas.
- Avicena: A Lei.
- Aziz Ahmad: Tarikh Saqallyah (História da Sicília).
- Dhafer Al Qassimi: Nizham Al Hukm fi Al Shari `ah wa Al Tarikh Al Islamy (O Sistema de Governo no Islam e na História Islâmica).
- Dieter Meissner: civilização árabe islâmica na Andaluzia.
- Dionísio Agios e Richard Hitchkuk: O impacto árabe sobre a Europa na Idade Média.
- Donald R. Hill: Ciência e Engenharia na Civilização Islâmica, traduzido por Ahmad Fouad Basha.
- Donald R. Hill: Ciência e Engenharia na Civilização Islâmica, traduzido por Ahmad Fouad Basha..
- Etienne Dinet: Muhammad, o Mensageiro de Allah.
- Fahim Fathi Ibrahim: As pousadas na civilização árabe islâmica.
- Farouq Majdalawy: Al Idarah Al Isalamiyyah fi Ahd Omar ibn Al Khattab (A administração islâmica na era de Omar ibn Al Khattab).
- Fathia Al Nabarawy: Tarikh Al Nuzhum wa Al Hadarah Al Islamiyah (História dos Sistemas e da civilização islâmica).
- Fathiyah Al Nabarawi: Tarikh Al Nuzhum wa Al Hadarah Al Islamiya (A História dos Sistemas Políticos e da Civilização Islâmica).

- Fawqiyah Mahmud: Maqalat fi asalat Al Mufakir Al Muslim (Artigos sobre a originalidade do pensador muçulmano).
- Fuad Yahya: Jard Athari likhanat Dimashq (um inventário arqueológico dos hotéis de Damasco).
- Garcia Sanshez: A agricultura na Espanha muçulmana.
- George Sarton: A História da Ciência.
- Ghanem Muhammad Saleh: O Pensamento Político Antigo e Médio.
- Gustave Le Bon: Hadarat Al Arab (A Civilização dos Árabes). Traduzido por Adel Zi'tar.
- Gustave Le Bon: O espírito do grupo.
- Hafiz Qadri Tuqan: as ciências entre os árabes e muçulmanos.
- Hagi Khalifa: Kashf Al Zonoun.
- Hamid Tahir: Madkhal li dirasit Al Falsafah Al Islamiyah (Introdução ao estudo da filosofia islâmica).
- Hani Al Mubarak e Shawqi Abu Khalil: Dawr Al Hadarah Al Islamiyah Al Arabiyah fi Al Nahda Al Urubiyah (Papel da civilização islâmica árabe no renascimento europeu).
- Hassan Abd Al Altarbiyah Al Islamiya fi Al Qarn Al Rabi Al hijri (A educação islâmica no 4º século islâmico).
- Hassan Abdul Qader Munir: Mu'asasat Sadr Al Bait Mal fi Al Islam (A Fundação de Bait Al Mal no início do Islam).
- Hassan Al Sa'ati: Ilm Al Ijtemaa Al Khalduni (Sociologia Khaldunista), p. 28-35.
- Hassan Ali Hassan: Al Hadara Al Islamia fi Al Maghreb wa al Andalus (A civilização islâmica no Marrocos e Andaluzia).
- Hassan Husni Abd Al Wahab: Muqadimat Kitab Adab Al Mu'allimin (Introdução do livro: A conduta dos professores).
- Hassan ibn Abdullah: A influência dos primeiros na ordenação dos países.
- Hekmat Abdul Karim Furaihat e Ibrahim Yassin Al Khatib: "Madkhal ila Tareekh Al-Hadara Al-arabiya Al-Islamia (Introdução à história da civilização árabe islâmica).
- Husni Hassan Abd Al Wahab: Muqadimat Kitab Adab Al Mu'allimin li Ibn Sahnun (Introdução ao livro de código de conduta dos professores, autoria de Ibn Sahnun).
- Hussain Hamid Hassan: A Solidariedade Social na Sharia islâmica.
- Hussain Mu'nis: Mawsu'at Tarikh Al Andalus (enciclopédia da história da Andaluzia).
- Hussain Yunes: Atlas da História do Islam.
- Ibn Abd Al Bar: Jami Bayan Al Ilm wa Fadluh (Coletânea da Ciência e sua Virtude).
- Ibn Abd Al Hakam: Sirat Omar ibn Abdul-Aziz (a biografia de Omar ibn Abdul-Aziz)
- Ibn Abdul Bar: Al Istia`b.
- Ibn Abdul-Hakam: Futuh Misr wa Akhbaruha (Conquistas do Egito e Suas Histórias).
- Ibn Abu Al-Wafa Al-Qurashi: Al-Jawahir Al-Madiyah fi Tabaqat Al-Hanafiyah (figuras proeminentes da escola Hanafi).
- Ibn Abu Hatim: Al Jarh wa Al Ta`dil.
- Ibn Abu U'ssaibi'ah: U'iun al Anba fi Tabaqat Al Atibba (Classificação dos Médicos).
- Ibn Adhara: Al Baian Al Mughrib.
- Ibn Al `Ibry: Mukhtasar Tarikh Al Duwal (Breve História das Nações).
- Ibn Al Abar: Al Takmilah li Kitab Al Silah.
- Ibn Al Adim: Bughyat Al-Talab fi Tarikh Halab (A Pesquisa Desejável sobre a História de Aleppo).
- Ibn Al Athir: Al Kamil fi Al Tarikh (O Perfeito em História).

- Ibn Al Athir: Al Nihaiyah fi Gharib Al Hadith wal Athar.
- Ibn Al Athir: Asad Al Ghabah.
- Ibn Al Azraq: Bada'i Al Sulk fi Taba'i Al Mulk “(o método mais esplêndido do Governo).
- Ibn Al d.hia: Tarikh Makkah Al Mukarramah wal Haram Al Sharif.
- Ibn Al Haitham: Al Manadhir, revisão do Dr Abdul Hamid Sabra.
- Ibn Al Hajj Al Abdari: Al Madkhal.
- Ibn Al Ikhwah: Ma'alim Al Qirbah fi Talab Al Hisbah.
- Ibn Al Ikhwah: Nihayat Al Rutbah fi Talab Al Hisbah.
- Ibn Al Jauzi: Al Muntazim.
- Ibn Al Jauzi: Kashf Mushkil Al Hadith min Al Sahihayn.
- Ibn Al Jauzi: Sifat Al Safuah.
- Ibn Al Khatib: Al Ehata fi Akhbar Gharnata (As notícias de Granada).
- Ibn Al Muqaffa: Al Adab Al Saghir.
- Ibn Al Nadim: Al Fihrist (A bibliografia).
- Ibn Al Najjar, Al Baghdadi: Zhail Tarikh Baghdad (suplemento da história de Bagdá).
- Ibn Al Qafti: Tarikh Al Hukama (a história dos médicos).
- Ibn Al Qayim: Al Turuq Al Hukmiyah (Os métodos jurídicos).
- Ibn Al Qayim: Zad Al Ma'ad.
- Ibn Al Qufti: Tarikh Al Hukama.
- Ibn Al Taqtaqa: Al Fakhry fi Al Adab Al Sultaniyah wa Al Duwal Al Islamiya.
- Ibn Al Wardi: Kharidat Al 'Aja'ib wa faridat al Ghara'ib.
- Ibn Al Haitham: Al Manadhir.
- Ibn Al Haj Al Abdari: Al Madkhal (A Introdução).
- Ibn Al Jawzi: Manaqib wa Sirat Omar (A Biografia e os Tributos de Omar).
- Ibn As'id Al Andalusy: Tabaqat Al Umam.
- Ibn Assakir: Tarikh Dimashq (História de Damasco).
- Ibn Azhara: Al Bayan Al Maghrib.
- Ibn Badran: Tahzib Tarikh Dimashq Al Kabir li Ibn Assakir (Edição da grande história de Damasco por Ibn Assakir).
- Ibn Battuta: Viagens de Ibn Battuta.
- Ibn Daqmaq: Al Jauhar Al Thamin.
- Ibn Farhun: Tabsirat Al Hukkam fi Usul Al Aqdiyah wa Manahij Al Ahkam (Iluminador dos Governantes nas Regras de Decisões e Administração).
- Ibn Hajar Al Asqalani, Fath Al Bari.
- Ibn Hajar Al Asqalani: Al Isabah.
- Ibn Hajar Al Asqalani: Al Talkhis Al Habir.
- Ibn Hajar Al Asqalani: Inba Al Ghumr bi Abna Al `Umr fi Al Tarikh.
- Ibn Hajar: Lissan Al Mizan.
- Ibn Hajar: Raf ' Al Isr án Qudat Misr.
- Ibn Hajar: Tahzhib Al Tahzhib.
- Ibn Hajar: Ta'jil Al Manfa'ah (acelerando o benefício).
- Ibn Hamdun: Al Tazhkarah Al Hamduniyah.

- Ibn Hayian Al Qurtubi: *Al Muqtabas min Anba Al Anadalu*.
- Ibn Hazm: *Al Fasl fi Al Melal*.
- Ibn Hazm: *Al Muhalla*.
- Ibn Hazm: *Rassa'il Ibn Hazm* (Cartas de Ibn Hazm).
- Ibn Hisham: *Al Sirah Al Nabawiyah* (Biografia do profeta).
- Ibn Jubair: *Rihlat ibn Jubair* (A viagem de Ibn Jubair).
- Ibn Kathir Al Bidayah wa Al Nihayah (O Princípio e o Fim).
- Ibn Kathir Al Sirah Al Nabawiyah (Biografia do profeta).
- Ibn Kathir: *Tafssir Al Qur'an Al Ádhim* (A Interpretação do Magnífico Alcorão).
- Ibn Khaldun: *Al Tbar wa Diuan Al Muhtada wa Al Khabar*.
- Ibn Khaldun: *Al Muqaddimah*.
- Ibn Khardazabah: *Os Caminhos e os Reinos* (Al Masalik wal Mamalik).
- Ibn Khayat: *Al Tabaqat*.
- Ibn Khillikan, *Wafiyat Al A'ian* (Biografias dos Notáveis).
- Ibn Miskawayh: *Tajarih Al Umam* (As Experiências das Nações).
- Ibn Muffih: *Al Adab Al Shar'iyah* (as educações religiosas).
- Ibn Nabatah Al Masri: *Sarh Al Uyun*.
- Ibn Nahik: *Uthman ibn Nahik*, chefe da guarda de Abu Jafar Al Mansur.
- Ibn Qudama: *Al Mughni*.
- Ibn Qudamah: *Al Sharh Al Kabir*.
- Ibn Qutaibah Al Daynuri: *Al Imamah wa Al Siyasa* (A liderança e a política).
- Ibn Qutaibah: *Uyun Al Akhbar*.
- Ibn Sa'id: *At Tabaqat Al Kubra* (O Livro das principais classes).
- Ibn Sahnun: *Adab Al Mu'allimin* (código de conduta dos professores).
- Ibn Said Al Maghribi: *Al Mughrib fi Hula Al Maghrib*.
- Ibn Sayid Al Nas: *Uyun Al Athar*.
- Ibn Taghry Bardi: *Al Nujum Al Zahirah fi Muluk Misr wa Al Qahirah* (Estrelas brilhantes na história dos reis do Egito e Cairo), 04/01.
- Ibn Taimiyah: *Al Siasah Al Shar'iyah*.
- Ibn Taimiyah: *Minhaj Al Sunnah Al Nabawiyah*.
- Ibrahim Ali Al Qala: *Nuzhum Al Hadarah Al Islamiya* (Sistemas de Administração da Civilização Islâmica).
- Ibrahim Haraqat: *o sistema político e militar na era dos Murabitun*.
- Ibrahim Madkur: *Fi Al Falsafah Al Islamiyah* (sobre a filosofia islâmica).
- Ikhwan Al Safa: *Rasa'el Al Athar Al Olwia* (Tratados das condições meteorológicas). Dar Sader Beirute.
- Íkrimah Said Sabri: *A Enfermagem na História Islâmica*.
- Inas Husni: *Athar Al Fan Al Islami ala Al Tassuir Fi Ássr Al Nahd.Hah* (O impacto da arte islâmica sobre a pintura na época da Renascença).
- Isma'il Kamal Anani: *Dirasat fi Tarikh Al Nuzhum Al Islamiya* (Estudos sobre a História dos Sistemas de Administração Islâmica).
- Ismail Ragi Al Farouqi e Luse Lamia Al Farouqi: *Atlas Al Hadarah Al Islamiya* (Atlas da Civilização Islâmica).
- Jabir ibn Hayian: *Kitab Al Khawass Al Kabir*.

- Jabir ibn Hayian: Kitab Al Sab'in.
- Jafar Abd Al Salam: Nidham Al Dawlah fi Al Islam wa Ilaqatuha bi Al Dwal Al Ukhra (sistema de Estado no Islam e sua relação com outros países).
- Jalal Mazhar: Hadaratul Islam wa Atharuha fil Al Taraqi Al Alami (A civilização do Islam e seu Impacto sobre o Desenvolvimento Mundial).
- Jamal Fawzi: Maalim Al Adarah Al Islamiyah (características da civilização islâmica).
- Jawad Ali: O detalhado sobre a história dos árabes antes do Islam.
- John Brand: Espanha e Portugal, o estudo publicado no livro A Herança do Islam. Supervisionado por Arnold.
- Jolivet Castaoi: lei da história, citando: Muhammad Kurd Ali: Al Islam wa Al Hadarah al Arabiyah (o Islam e a civilização árabe).
- Juan Vernet: A ótica, a matemática e a astronomia. Estudo publicado no livro "Turath Al Islam" (Herança do Islam).
- Juan Vernet: As Realizações Mecânicas no Ocidente Islâmico, Scientific American Magazine, tradução árabe, Kuwait, outubro/ novembro, volume 10, 1994.
- Jumu'a Ali Al Khauli: O Idealismo e o Realismo no Islam (revista da Universidade Islâmica de Madinah, número 44).
- Kamal Anani Ismail: Estudos na História dos Sistemas Islâmicos.
- Kamal Enani Isma'il: Dirasat fi Tarikh Al Nuzhum Al Islamiya (Estudos sobre a História da Administração de sistemas islâmicos).
- Karam Helmi Farhat Ahmad, Al Turath Al Ilmi Lilhadara Al Islamia Fi Al Sham Wal Iraq Khilal Al Qarn Al Rabe Al Hijri (a herança científica da civilização islâmica na Síria e no Iraque no século quarto hijri).
- Karam Helmy Farhat: Patrimônio Científico da Civilização Islâmica na Síria e no Iraque durante o século IV Hijri.
- Khadija Al Nabarawi: Mawsu'at Huquq Al Insan fi Al Islam (Enciclopédia dos direitos humanos no Islam).
- Khalil Abu Shawki: Al Hadarah Al Arabiyah Al Islamiya (Civilização árabe-islâmica).
- Khan de Kara Tai sobre: Turan (Osman), Celâleddin Karatay, Vkiiflari ve Vakfiyeleri, Belleten, Cilt: XII, Sayi: 45, 46, 47, 48, Türk Tarih Kurumu Basimevi, Ankara, 1948.
- Khidr Ahmad Atallah: Bait Al Hikmah fi `Asr Al` Abbasiyyin (A Casa da Sabedoria na dinastia abássida).
- Louis Sedillot: História Geral dos árabes, com tradução de Almeida Ze'atar.
- Mahmud Al Haj Qasim: Al Tib inda Al Arab wa Al Muslimin (A medicina entre os árabes e os muçulmanos).
- Mahmud Al-Tahan: Taissir Mustalah Al-Hadith.
- Mahmud Hamdi Zaquzuq: Realidades islâmicas na resposta às campanhas para lançar dúvidas (sobre o Islam).
- Mahmud Ibrahim Al Sa`dany: Ma'alim Tarikh Ruma Al Qadim (Marcos da História da Roma Antiga).
- Mahmud Muhammad Al Huwairi: Ru'yah fi Suqut Al Ibraturiyah AlRumaniyah (Uma Visão sobre a queda do império romano).
- Mahmud Shaltut: Al Islam, Áqidah ua Shari'ah (O Islam, Crença e Lei).
- Malik ibn Nabii: As condições do renascimento.
- Mani'ibn Hammad Al Juhani: Enciclopédia Fácil sobre Religiões e Seitas e Partidos Contemporâneos.
- Mansur Zuwayd Al Muta'iri: Al Seyaghah Al Islamiyah Lielm Al Ijtemaa, Al Dawai wa Al Makan (A Apresentação Islâmica da Sociologia – razões e local).



Maxime Rodinson: A imagem ocidental e estudos ocidentais e islâmicos.

Mohamad Al Sadiq Afifi: Desenvolvimento do pensamento científico entre os muçulmanos.

Mohamad Al Sadiq Afifi: O desenvolvimento do pensamento científico entre os muçulmanos.

Mohamad Al Sadiq Afifi: Tataour Al Fikr Al Ilmi Ind Al Muslimin (O desenvolvimento do pensamento científico entre os muçulmanos).

Mohamed al Dassuqi: A Fundação religiosa e seu papel no desenvolvimento da comunidade muçulmana, série de questões islâmicas, edição n.º (46), divulgado pelo Conselho Supremo para Assuntos Islâmicos, Primeira Seção.

Montgomery Watt: Contribuições do Islam à civilização ocidental.

Muhammad Abduh: A Perseguição no Cristianismo e no Islam. Artigo publicado na “Revista Al Manar”, quinto volume.

Muhammad Abdullah Ánan: Os Monumentos da Andaluzia que ainda existem na Espanha e Portugal.

Muhammad Abu Zahra: Al Álaqat Al Dauliyah fil Islam (As Relações Internacionais no Islam).

Muhammad Abu Zahrah: Muhadarat fi Al Waqf (palestras sobre doação).

Muhammad Ahmad Ismail Al Muqdim: A mulher entre a nobreza do Islam e a humilhação da jahiliyah.

Muhammad Al Ghazali: Khuluq Al Muslim (As Boas Maneiras de um muçulmano).

Muhammad Al Manoni: Hadarat Al Muahhidin (a civilização dos muahhidin).

Muhammad Al Sadiq Afifi: Al Islam wal Álaqat Al Dauliyah (O Islam e as Relações Internacionais).

Muhammad Al Sadiq Afifi: Tatawur Al Fikr Al Ilmi inda Al Muslimin (O desenvolvimento do pensamento científico entre os muçulmanos).

Muhammad Ali Othman: Muslemon Allamu Al-Alam (Muçulmanos que ensinaram o mundo).

Muhammad Al-Zuhayli: Tarikh Al Qada fi Al Islam (a história do Poder Judiciário no Islam).

Muhammad Assad: Al Islam ala muftaraq Al Turuq (O Islam no cruzamento das vias).

Muhammad Hussain Ali: História dos árabes e muçulmanos.

Muhammad Hussain Mahasneh: Adwa ala “‘Tarikh Al Ulum” `inda Al Muslimin (Luzes sobre a História das Ciências entre os muçulmanos).

Muhammad ibn Abdul Malik Al Hamazhany: Takmilat Tarikh Al Tabari (Conclusão da História de Al Tabari).

Muhammad ibn Ahmad ibn Salih: Direitos humanos no Alcorão e na Sunnah e suas aplicações na Arábia Saudita.

Muhammad ibn Taqi Al Din Al Ayiuby: Midmar Al Haqa’iq wa SIRR Al Khala’iq.

Muhammad ibn Uthman Al Hasha’ishi: Tarikh Al Jami Zaytunah (a história da mesquita de Al Zaytunah).

Muhammad Khair Mahmoud Al Beqa’ai: Al Ta’alif fi Tabaqat Al Malikia fi Al Turath Al Arabi (escrita em classes de Al Malikia no patrimônio árabe).

Muhammad Kurd Ali: Al Islam wal Hadara Al Arabiya (O Islam e a Civilização Árabe).

Muhammad Mahir Hamadah: Al Maktabat fi Al Islam (As Bibliotecas no Islam).

Muhammad Munir Sa’d-Al Din: Pesquisa intitulada “Dawr Al Kuttab wa Al Masajid ind Al Muslimin” (O Papel das Escolas de Alcorão e das Mesquitas para os Muçulmanos).

Muhammad Rashid Rida: Al Khilafah (O Califado).

Mus’ab Al Zubayri: Nasab coraixitas (a genealogia dos coraixitas).

Mustafa Al Barudi: Al Wajiz fi Al Huquq Al Idariyah (O livro abreviado em direitos administrativos).

Mustafa Al Sha`kah: Al A`imah Al-Arba`ah (Os quatro imams).

Mustafa Al Sha`kah: As fundações islâmicas no pensamento de Ibn Khaldun e suas teorias.

- Mustafa Al Shak`ah: Ma`alim Al Hadharah Al Islamiyah (Marcos da Civilização Islâmica).
- Mustafa Al Siba`i: Min rawa'i hadaratina (Das maravilhas de nossa civilização).
- Nadia Husni: Al Ilm wa Manahij Al Bahth (O conhecimento e os sistemas de pesquisa).
- Naji Zain Eddin: Mussawar Al Khat Al Arabi.
- Najib Al Aqiqi: Al Mustashriqun (Os orientalistas).
- Nouman Abdul Razzaq Al-Sammirai: Nós, a civilização e as testemunhas.
- Omar Kahala, Mu`jam Al Mu`lefin (Dicionário de Autores). Kahalah: Glossário de Autores.
- Qadri Toqan: Maqam Al Áql índ Al Árab (O status do raciocínio entre os árabes).
- Qadri Toqan: Olama'a Al Arab Wama Atouh lelhadara (Os cientistas árabes e suas contribuições para a civilização).
- Qadri Toqan: Turath Al Arab Al Ilmi (A herança científica dos árabes).
- Qasim Abduh Qasim: Al Ruwa'ia Al Hadaria littarikh (A Visão civilizada da história).
- Qudamah ibn Jaafar: Al Kharaj wa Sina'at Al Kitabah.
- Qutub Mustafa Sanu: Os sistemas educacionais chegados na África.
- R. Donald Hill: Ciência e Engenharia na Civilização Islâmica, traduzido por Ahmad Fouad Basha.
- Ragheb Al Sergany: Qissat Al Tatar min Al Bidayah ila `Ayn Jalut (A História dos tártaros do começo até `Ayn Jalut).
- Raheem Kazem Muhammad Al Hashimi e Awatef Muhammad Al Arabi: Al Hadara Al Arabiah Al Islamiah.
- Rahim Kad.Hem Muhammad Al Hashemi e Awatef Muhammad Al Arabi: "Al Hadara Al Arabiya Al Islamia (A civilização árabe islâmica).
- Rehab Khidr Akawi: Enciclopédia dos gênios muçulmanos.
- Ribhy Mustafa Alian: Al Maktabat fi Al Hadarah Al Arabiyyah Al Islamiya (As Bibliotecas na Civilização Árabe Islâmica).
- Roger Garaudy: O Diálogo das Civilizações.
- Rosenthal: A Ciência da História entre os muçulmanos.
- Sa `id Ahmad Hassan: anwa` Al Maktabat fi Al A `alamayn Al-Araby wa Al Islamy (Os tipos de bibliotecas no mundo árabe e muçulmano).
- Sa`id Al-Andalusi: Tabaqat Al Umam.
- Saad Zaghloul: Estudos em História da Civilização Islâmica.
- Safyi Al Din Al Mubarakfuri: Al Rahiq Al Makhtum.
- Said Ahmad Hassa: Anua' Al Maktabat fil `alamain Al Árabí wal islami (Os tipos de Bibliotecas no mundo árabe e muçulmano).
- Saleh Ahmad Al-Shami: Al-Fan Al-Islami Iltizam wa Ibdaa (A Arte Islâmica... Compromisso e Criatividade).
- Salih ibn Abdurrahman Al Hussain: Al Álaqat Al Dauliyah baina Manhaj Al Islam wal Manhaj Al Had.Hari Al Mu`assir  
(As Relações Internacionais entre o Sistema do Islam e o Sistema Civilizado Moderno).
- Salma Al Khadraa Al Jioui: Al-Hadara Al-Islamia Al-arabia Fi Al-Andalus (A civilização árabe islâmica na Andaluzia).
- Sarhan Mansur: Al Maktabat fi Al`usur Al Islamiya (As bibliotecas nas eras islâmicas).
- Sartun: Introdução à História da Ciência.
- Sayed Qutb: Fi dhilal Al Qur'an (Sob as sombras do Alcorão).
- Sayed Qutub: Al musstaqbal lihazhad din (O futuro é desta religião).

- Sedillot: A Civilização dos Árabes.
- Shahin Macarios: História do Irã.
- Shams Al Din Al Shahrazuri: Tarikh Al Hukama.
- Shams Al Din ibn Tulun: Qudat Dimashq (os juizes de Damasco).
- Shawqi Abu Khalil, Hani Al Mubarak: Dawr Al Hadarah Al Arabiyah wa Al Islamiyah fi Al Nahdah Al Urubiyah (O papel da civilização árabe e islâmica no renascimento europeu).
- Sigrid Hunke: O Sol dos árabes resplandece sobre o Oriente (Shams Al-Árab Tasta' Ala Al Gharb).
- Subhi Al Salih: Al Nudhum Al Islamiyah, Nash'atuha wa Tatawruha (Os Sistemas Islâmicos, Sua Origem e Seu Desenvolvimento).
- Suhail Hussain Al Qatlaui: A Diplomacia do profeta (a paz esteja com ele), um estudo comparativo com a lei internacional atual.
- Suhilah Zain Al Abidin, Nazaryat Al Dawlah ind Ibn Khaldun (A teoria do Estado para Ibn Khaldun), revista Al Manar, números 75, 76, 77 – ano 1424 H.
- Sulaiman Al Nadawi: A biografia do profeta.
- Sulayman ibn Khalaf Al Baji: Al Ta'dil wa Al Tajrih.
- Taqi Al Din Al Sayrafini: Al Muntakhab (seleção).
- Taufiq Al Ua'i: Al Hadharah Al Islamiyah muqaranatan bi Al Hadharah Al Gharibiyah (A civilização islâmica comparada à civilização ocidental).
- Taufiq Ali Uahbah: Al Mu'ahadat fil Islam (Os tratados no Islam).
- Tharwat Okasha: Al Qiam Al Jamaliya Fi Al Emara Al Islamia (Os valores estéticos da arquitetura islâmica).
- Thomas Arnold: O convite ao Islam.
- Tokan Fawzy: Ciências dos árabes.
- Omar Al Asa'd: Malim Al Qafiyah wal Urud.
- Waheed Khan Eddin: Al Islam Yatahda (O Islam desafia).
- Waki ibn Khalaf: Akhbar Al Qudah (as notícias dos juizes).
- Yahia Waziri: Al Imara Al Islamia wa Al Be'a (A arquitetura islâmica e o meio ambiente).
- Yahiya Huwaydi: Muqadimah fi Al Falsafah (Introdução à Filosofia).
- Yaqut Al Hamawi: Mu'jam Al Buldan (Dicionário de Países).
- Yaqut Al Hamawi: Mu'jam Al Udaba (Dicionário dos Literários).
- Yuhan Huyzinga: Idmihlal Al usur Al Wusta (a decadência da Idade Média).
- Yuhans Fillers: Tesouros da Astronomia.
- Yussuf Al `Ush: Tarikh` Asr Al Khilafah Al Abbasiyyah (História do Califado Abássida).
- Yussuf Al Qaradawi: (Malamih Al Mujtama'Al Muslim Allazhi Nanshuduhu (Marcas da sociedade muçulmana que almejamos).
- Yussuf Al Qaradawi: Al Islam hadarat Al Ghad (O Islam, a civilização do futuro).
- Yussuf Al Qaradawi: Introduução para o conhecimento do Islam.
- Yussuf Al Qaradawi: Ri'aiat Al Bia fi Shari'at Al Islam (A conservação do meio ambiente na lei islâmica).
- Yussuf Al Qaradawi: Tarikhuna Al Muftara Alayh (Nossa História falsamente acusada).

**Entre as obras do autor publicadas em idioma árabe:**

O meio ambiente no Islã... desenvolvimento e proteção  
O Universo é meu amigo  
A convergência humana... uma nova teoria para a aproximação dos povos  
Exemplo para os humanos – Quem é Muhammad (a paz esteja com ele)?  
O que o Islã ofereceu à humanidade  
A Misericórdia na Vida do Mensageiro de Allah (a paz esteja com ele)  
O conhecimento e a construção das civilizações... um estudo sobre a construção do Estado e seu desenvolvimento.  
Entre a história e a realidade (4 volumes)  
Andaluzia... desde o início até a queda  
As estrelas da Terra  
A história das cruzadas  
A história das ciências médicas na civilização Islâmica  
Palestina e os deveres da nação  
Palestina. Como ela não será perdida?  
Como você se torna um cientista?  
A História da Tunísia, do início até a revolução de 2011  
A História dos tártaros, do início até o dia de “Ain Jalut”  
Ponto, na mesma linha  
A história de Erdogan  
Como você memoriza o Alcorão?  
Mensagem para a juventude da nação  
Ramadan e a construção da nação  
O mais belo Ramadan  
O Hajj não é só parar os peregrinos  
A história do sectarismo  
O mais belo diálogo... o diálogo do mensageiro de Allah com seus companheiros  
A leitura é um sistema de vida  
Uma nação que jamais morrerá



*Assembleia Mundial da  
Juventude Islâmica*

A CIVILIZAÇÃO ISLÂMICA é um exemplo singular que inovou na crença e pensamento, nas artes e educação, nas ciências e experiências, na moral e valores, nos sistemas e fundações. Com o intuito de defender a história islâmica das suspeitas, abolir os erros atribuídos a ela, destacar para a humanidade o que os muçulmanos ofereceram e esclarecer ao ser humano o quanto os muçulmanos contribuíram em suas vidas, o Dr. Ragueb El Serjani escreveu esse livro que resume tais contribuições que nasceram a partir da revelação de Deus ao Seu último Mensageiro, Muhammad (a paz de Allah e Suas bênçãos estejam com ele), e continuam na vida de milhões de muçulmanos e influenciam a vida de milhões de pessoas.

[www.islamstory.com](http://www.islamstory.com)

